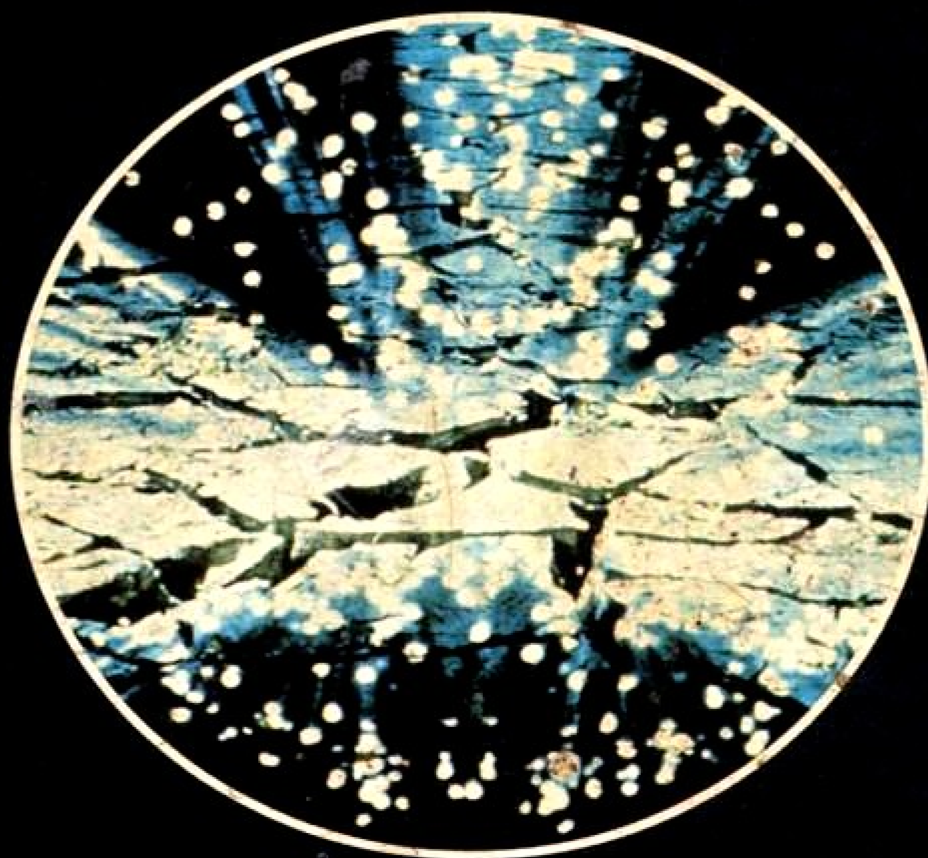
Erich von Däniken

DEUSES, ESPAÇONAVES E TERRA



Provas de Däniken

Erich von Daniken

Deuses, Espaçonaves e Terra - Provas de Daniken

1977
Tradução: Trude von Lasehan Solstein Arneitz

Índice

Aos Srs. Prof. Dr. Javier Cabrera, Ica, Peru. Prof. Dr. F. M. Hassnain, Srinagar, índia. Prof. Dr. Edgar Lüscher, Munique, Alemanha Federal. Prof. Dr. Luis Navia, Nova York, E.U.A. Prof. Dr. Harry O. Ruppe, Munique, Alemanha Federal. Prof. Dr. Pasqual S. Schievella, Nova York, EUA. Prof. Dr. Wilder-Smith, Einigen/Thun, Suíça agradeço valiosas sugestões, assistência e crítica.
Bonstette / Zurique, janeiro de 1977

Em tempos pré-históricos e primordiais, a Terra recebeu várias visitas de seres desconhecidos, procedentes do cosmo.
Esses seres desconhecidos criaram a inteligência humana, mediante uma mutação artificial, dirigida.

MINHA TEORIA

Os extraterrestres aprimoraram os hominídeos ''segundo a sua própria imagem".
Por esse motivo nós somos parecidos com eles, não eles conosco.
As visitas na Terra de seres alienígenas, procedentes do cosmo, ficaram registradas e foram transmitidas aos pósteros nos cultos, mitos e nas lendas folclóricas — em alguma parte depositaram os indícios de sua presença entre nós.

I - Para as estrelas, por vias ásperas

Nos inícios dos anos 70, em uma pequena cidade do Estado de Missúri, EUA, houve um acontecimento que deveria ter provocado manchetes, mas nenhuma recebeu.
Certa manhã, um garoto de dez anos, todo afobado, chegou à escola e, quase sem fôlego, contou que viu um gato de dois rabos, cruzando o seu caminho. Os colegas zombaram dele e acharam que deveria estar enganado. No entanto, reafirmando o menino a autenticidade daquilo que acabara de ver, tomaram-no por maluco.
A garotada ainda estava em acalorada discussão quando o professor entrou na sala de aulas e perguntou pelo motivo de tamanha indisciplina. Ouviu o que tinham a dizer e depois chamou o menino para a sua mesa; ordenou que confessasse, perante toda a classe, haver mentido. O

garoto negou-se terminantemente a obedecer a ordem e repetiu: "Vi um gato de dois rabos!" Então, sob risadas e gozações de todos, o professor pôs o menino nos joelhos e aplicou-lhe uma boa tunda no traseiro.
A partir de então o garotinho foi tomado por mentiroso; os colegas zombavam dele e, por fim, o marginalizaram. Em breve, tornou-se mau aluno; deixou de prestar atenção durante as aulas e de fazer lições em casa. Ao primeiro sinal da campainha anunciando o término das aulas, saía da escola correndo pelas ruas, atravessava os campos e dirigia-se para a floresta, à beira do rio. Procurava por "seu" gato, queria uma prova viva de sua existência e do fato de não ter falado mentira.
Assim continuou por algumas semanas, até que, certa noite, o menino não voltou para casa. Os pais que, várias vezes, haviam censurado o filho por sua teimosia, foram avisar o xerife; este, por sua vez, chamou os vizinhos para, à luz de tochas, irem em busca do desaparecido.
Encontraram o seu cadáver, pendendo dos galhos de um salgueiro.
Muitas pessoas, entre elas os colegas de escola do morto, assistiram ao enterro e todos experimentaram um certo sentimento de remorso. Durante as cerimônias fúnebres, viram, com seus próprios olhos, um gato de dois rabos, pulando sobre os túmulos.

Pegar o gato pelo rabo

Aliás, achei que deveria ser coisa muito difícil apresentar PROVAS, mesmo conhecendo o gato, mas sem condições de pegá-lo pelo rabo.
Ao iniciarem a apresentação de suas provas, enquanto não tiverem o gato pelo rabo, os naturalistas costumam lançar hipóteses, bases não comprovadas, e depois vão realizando experiências. Assim procedem até obter resultados que ou lhes permitam a repetição da experiência bem sucedida, ou redundem em falhas, a ponto de abandonar sua hipótese.
Todavia, a prova legal — e é nela que se pensa ao se falar em PROVAS — é de natureza diversa. Ao contrário do que acontece com as provas apresentadas pelos naturalistas, a constituição de provas legais varia, e de maneira bem acentuada, conforme o país onde devem ser apresentadas. Via de regra, prevalece a norma de as partes provarem os fatos, a cujo título pretendem direitos e formulam afirmações.
No foro, uma das partes alega pretensões que podem ser contestadas pela outra parte. É isto o que se entende pelo proverbial "livre direito". A parte requerente deve provar suas pretensões, apresentar as devidas provas, conquanto a parte requerida deva, igualmente, fornecer provas em sua defesa. No entanto, conforme veremos, nem sempre os fatos são "fatos".
Ao folhear a literatura jurídica sobre Direito Internacional, deparei com o seguinte comentário, que considero importante: A prova demonstrante pode ser usada a título de prova da causalidade. Com isso, por meio da prova demonstrante, é possível concluir não somente por um fato acontecido, mas, vice-versa, concluir de um fato acontecido para o acontecimento, pelo qual foi motivado.
Segundo a jurisdição, o objeto demonstrante, o documento e o perito, merecem consideração igual à devida aos fatos auxiliares, fundamentados na identidade, integridade e ainda demonstrabilidade do objeto demonstrante, na autenticidade e no conteúdo de documentos, bem como nas noções especializadas de peritos.
Já que consultei a Sra. Justiça, de olhos vendados, símbolo problemático do Poder Judiciário, sei agora também que, prova a mediata, prova de indícios goza de igual reputação. Indícios (indicia — indicações) representam fatos provados, os quais, por ilação mediata, permitem concluir por provas de fatos não imediatamente comprováveis. Todavia, deve ser absolutamente convincente a autenticidade dos fatos indiciados, quando usados a título de base das provas.

JUSTIÇA NÃO VÊ O FUTURO

Por força dessa orientação jurídica a que obedece o meu objeto de prova, permita-se-me lembrar aos meus prezados críticos que são ilícitas todas as convenções partidárias estipulando a maneira de como deve ser avaliado um determinado resultado de provas, bem como aquelas

restringindo a sua livre apresentação.
Evidentemente, em minha prova de indícios, além de objetos demonstrantes e documentos, menciono também nomes de peritos, em condições de fornecer ditames e pareceres, obtidos com base em pesquisas, por eles próprios realizadas. Todavia, acontece que os peritos se enganam, fato lamentável que, no entanto, sempre se repete. Logo, desde que errar é humano, também os "meus peritos" ficam sujeitos a enganos, da mesma forma como os da parte requerente.
As sentenças deveriam ser pronunciadas por um "Tribunal de Fatos" — se existisse! No entanto, quem possui o monopólio da verdade absoluta? Os meus críticos que, em termos jurídicos, representam a parte requerente, tomam como sua a posição de defensores da verdade absoluta, quando, muitas vezes, não passam de estafetas de "fatos" supostos, a eles legados por seus antecessores e que transmitem aos seus pósteros. Conceitos tais como verdade, noção, conhecimento e "fatos" são condicionados por sua época; são ultrapassados pelo tempo que, freqüentemente, se encarrega de revelá-los como errôneos. O passar do tempo transforma o saber de ontem em disparates de confusões científicas, terminando em beco sem saída. O decorrer do tempo, causante do progresso, obriga-nos, diariamente, a abandonar "fatos" que, ainda ontem, eram considerados "incontestáveis", síntese de toda a sabedoria.
Destarte, um Tribunal de Fatos, integrado por elementos de fé e coragem, que, hoje em dia, fosse julgar a procedência ou improcedência, a potencialidade da prova dos indícios de minha teoria, deveria dispor de noções e conhecimentos do futuro. Quem julga no presente, julga de olhos vendados, pois não vê o futuro.
Enganos comprovados da Ciência Se um só homem sábio estivesse (pudesse estar!) de posse da verdade absoluta, eu seria o primeiro a comparecer perante um foro, que julgasse um processo de opiniões e "fatos". Os porta-vozes da Ciência sempre se enganaram novamente e, por muitas vezes, revelaram cegueira total. Portanto, para mim, eles não reúnem condições para integrarem um tribunal a julgar fatos e pronunciar uma sentença final e decisiva.
Em absoluto, não é vergonha cometer enganos, suposto que deles se tire lição útil de ser-se discreto ao pronunciar julgamentos e condenações. Todavia, acho falta de tal discrição.
Uma vez que já aconteceram no passado e ainda estão sendo repetidos, até os tempos mais recentes, posso apresentar provas de fato, também para enganos monumentais. Seria fácil enunciar uma longa série de exemplos da cegueira dos papas científicos, mas difícil selecionar os casos a serem relatados, para que a relação não se tornasse interminável. Daria uma enciclopédia do tamanho do Antigo Testamento.
Outrossim, acautelo-me para não me afundar no baú da evolução da filosofia científica; no entanto, apesar disso, não posso deixar de lembrar alguns pensadores, cuja obra marcou época.
Se eu citar Nicolau Copérnico (1473-1543), que fez ruir a imagem do mundo, quando postulou o Sol como centro das órbitas planetárias circulares...


Nicolau Copérnico


Johannes Kepler


Giordano Bruno


Galileo Galilei

Se eu falar em Johannes Kepler (1571-1630), que comprovou a autenticidade da imagem global

heliocêntrica...
Se eu notar que Giordano Bruno (1548-1600) teve a impertinência de afirmar a existência de diversos mundos...
Se eu mencionar Galileo Galilei (1564-1642) que, em definitivo, baniu a Terra do centro do cosmo ...
...A parte requerente alegará que todos esses grandes homens sofreram a perseguição da Cúria por motivos religiosos. Sem dúvida, será esta a sua reação, não obstante a pesquisa estar há muito tempo a par de que, em sua esmagadora maioria, os cientistas seus contemporâneos recusavam as novas idéias revolucionárias.
Pois bem. Desde há muito estão fora de uso a inquisição, a fogueira, as bulas de excomunhão contra os defensores de idéias novas e arrojadas. No entanto, já que tudo isto é coisa do passado, da época quando a Igreja defendia os bastiões de sua doutrina, hoje em dia, a Ciência, livre de receios, poderia desobstruir os caminhos do progresso científico, aceitando novas teorias e hipóteses e, assim, deixar de bloquear o avanço de idéias revolucionárias.
Ao falar nisso, não estou pensando nos indivíduos excêntricos que, com a bela regularidade da folhinha costumam reinventar o perpetuum mobile, mas sim, naqueles que tiveram e têm condições para fundamentar suas novas teorias com indícios e até provas de fato.
Porém, os porta-vozes da Ciência levantam-se em uníssono contra todos e tudo que ameace fazer ruir o seu castelo de elementos pré-fabricados. Por essa razão, hoje em dia, os procedimentos adotados ainda são piores que aqueles em vigor na época, quando as fogueiras garantiam o fim rápido, embora desagradável dos que atacavam o "establishment"*. Alguns representantes conceituados dessa classe, bem nutridos nas fontes inesgotáveis da alma mater, usam um material inconsistente como couraça contra o atacante incômodo. Outrossim, em absoluto, nem todos, dentre eles, rezam pela mesma cartilha, mas, exteriormente, mostram-se unânimes e, segundo o lema "sempre unidos", erguem uma defesa atroz em volta do terreno que, por motivos irracionais, lhes parece "sagrado". Aí, as medidas defensivas vão de sutis a agressivas e, conforme o caso, recorre-se à aplicação de fortes doses alopáticas. Isto se chama de "conveniência dos meios". Com grosseiras "killerphrases", conforme o cidadão norte-americano costuma chamar as manchetes sensacionalistas, os intrusos incômodos são mortos como mosquitos.
Tudo isto eu compreenderia, mesmo a cosmeticamente cuidada vaidade dos decanos, se tal vaidade, tão bem nutrida, não constituísse tamanho obstáculo ao progresso. Por outra, é preciso avaliar o grau de abnegação, necessário para abandonar uma posição, uma conquista, lograda em anos de estudos, que deixaram suas marcas no rosto do conquistador.
"Argumentos" superficiais existem em grande número; porém, antes de serem desmistificados, são capazes de iludir muita gente ingênua. Por exemplo, costuma dizer-se:
"Esta teoria carece da necessária base clássica!" — uma sentença de muita imponência e freqüente efeito seguro.
"Esta teoria é muito radical, corrói a base do conhecimento científico!" — Uma "killerphrase" de efeito desmoralizante, sem par.
"A Universidade não acompanha esta tendência!" — Um "argumento" único em sua singeleza e surpreendente em seu efeito.
"Bobagem! Outros também já tentaram isto!" — Todavia, os autores da frase não dizem se os que já o tentaram foram ou não bem sucedidos e, em caso negativo, por que não o foram.
"Não podemos descobrir qualquer sentido em tudo aquilo!" — Frase de bastante efeito, por saber eliminar, soberanamente, a cegueira profissional.
"Desde há muito já se comprovou o contrário!" — Possivelmente, mas, quem sabe, com um saber antiquado, ultrapassado?
"A religião proíbe aceitarmos esta tese!" — É quase incrível, mas este "argumento" ainda vale.
"Isto ainda está para ser comprovado!" — Quod erat demonstrandum, o que era para ser demonstrado, já o disse Euclides, o Alexandrino, por volta do ano 300 a.C.
Os autonomeados defensores da Ciência dispõem de um respeito tradicional, observado de geração em geração... bem como uma fabulosa rede automática de relações públicas. Até jornalistas bem vivos e espertos, sempre alerta no seu posto, sucumbem à anestesia total,

aplicada por essas relações públicas, que os deixa cegos e mudos para o progresso verdadeiro.
Para mim, essa rede de relações públicas é uma das conquistas maiores e mais dignas de nota, de todas quantas foram alcançadas pelos habitantes da torre de marfim.
Todavia, voltemos ao nosso assunto do levantamento das provas dos enganos científicos!

INCONTESTÁVEL

Até o século XVII adentro, prevaleceu a imagem científica do horror vacui (horror do vácuo); a Natureza não tolera, nem possui vácuo — assim se falou — pois, segundo a vontade de Deus, enche-o com toda força.
Sempre quando um intruso tiver a petulância de atacar uma doutrina solidamente fundamentada, a ponto de criar confusão a respeito dela, não tarda em ser censurado como débil mental. Foi o que se deu com o político e físico Otto von Guericke (1602-1686), conselheiro municipal em sua cidade natal, Hamburgo e, posteriormente, prefeito de Magde-burgo.
Guericke não se impressionou com a advertência religiosa contra o horror vacui. Ao dedicar-se a seu passatempo predileto, que era o de fazer alguma coisa", foi experimentando e acabou por inventar a bomba de ar; com isto produziu um vácuo.


Otto von Guericke

Por ocasião da Dieta Alemã, realizada em 1654 na cidade de Regensburgo, Guericke demonstrou como, dentro de um vácuo, não se ouve o dobrar de um sino e, também, se apaga tanto uma vela acesa, quanto qualquer outra chama. Suas "semi-esferas de Magde-burgo" tornaram-se famosas; com duas semi-esferas de cobre, de 4 m de diâmetro, perfeitamente ajustadas uma sobre a outra, Guericke absorveu o ar, segundo o princípio de sua bomba de vácuo. Depois, demonstrou como quatro cavalos fortes, dois de cada lado, não conseguiram separar as semi-esferas; em seguida, o prefeito Guericke abriu uma válvula existente em cada semi-esfera, pela qual o ar sibilante entrou no vácuo e, então, as duas semi-esferas desgrudaram uma da outra, facilmente, sem qualquer emprego de força.
E então? Os cientistas haviam ensinado a todo o mundo que não poderia existir tal coisa como um vácuo. O prefeito Guericke demonstrou para todos verem como, de fato, o vácuo existe e o ar dispõe de enorme pressão. A contra-argumentação recorreu ao antiqüíssimo e sempre novo truque para desencorajar o intrépido inventor, dizendo que aquela demonstração não passava de um produto do acaso.
No entanto, Guericke não arredou pé e com o "seu vácuo" contestou a doutrina científica, segundo a qual não haveria difusão da luz dentro de um vácuo e ainda comprovou que o vácuo amortece o som.
Somente quando os fatos líquidos e certos de sua descoberta não suportavam mais qualquer

contestação, aí então, alguns dos seus adversários tomaram a iniciativa de promulgar a idéia que revolucionou a Física. Nas Universidades foram elaborados tratados científicos sobre o assunto, porém, esqueceu-se de mencionar o nome do detentor dos direitos autorais: Otto von Guericke. Decerto, era esta uma atitude pouco correta e elegante.



Johann Philipp Reis

Reis telefona, sem ressonância

Em 26 de outubro de 1861, Johann Philipp Reis (1834-1874), comerciante e, posteriormente, professor particular, demonstrou o primeiro telefone, perante uma assembléia da Associação Física em Frankfurt e, em 1864, perante a reunião dos naturalistas, realizada em Giessen. Embora ainda fosse falha a transmissão de sentenças contínuas, Reis já podia comprovar, de fato, a viabilidade do sistema por ele inventado. Nem se tomou conhecimento do caso. Reis não teve ressonância nos círculos acadêmicos.
Quando, em 1872, Karl Kramarsch editou em Munique a "História da Tecnologia", dela deixaram de constar tanto o nome de Reis, quanto o termo "telefone", por ele introduzido. À essa altura, a invenção já estava esquecida a ponto de nem mais chegar a ser mencionada. Talvez nem o nome de Reis constaria do rol dos grandes inventores, se não fosse Ale-xander Graham Bell (1847-1922) que, em 1872, monopolizou a idéia do telefone com a sua invenção, que não passava de uma versão aprimorada do antigo aparelho de Reis. Aí, então, o autodidata, nascido em uma aldeia de Hesse, ressurgiu fugazmente na memória do dia, para, dois anos mais tarde, falecer em extrema pobreza. De nada lhe adiantou a sua prova de fatos; com uma participação de uns poucos centavos em cada telefone, teria vivido como um dos homens mais ricos de todos os tempos.



Robert Mayer

A petulância de um obscuro Dr. Mayer que, em 1845, ao ser comprovada a "lei da conservação da energia", de maneira incontestável, por um obscuro médico de bordo, o Dr. Robert Mayer (1814-1878), era o cúmulo para o "establishment". Aquele intruso, sem quaisquer credenciais, fossem a título dos seus estudos, ou sua qualidade de catedrático, como pôde ele, sem previamente consultar os círculos competentes, estabelecer uma lei de eterna validez, cuja visão lhe surgiu lá, na longínqua Batávia*, no outro lado do globo?
Quando tratou de marinheiros doentes, membros da tripulação, o Dr. Mayer lhes aplicou a então costumeira sangria e notou que a diferença entre a cor do sangue venoso (na Europa, azul-escuro) e do arterial (vermelho-vivo) era menos pronunciada em europeus que acabavam de chegar aos trópicos, do que naqueles que viviam na Europa. Contudo, Mayer não se deu por satisfeito com essa observação pura e simples. Ele indagou: Por que será que isso acontece? E reconheceu a equivalência de calor e trabalho; nos trópicos, o organismo humano requer menos autoprodu-ção térmica, logo a combustão diminui e consome-se menos oxigênio, que confere ao sangue a sua cor vermelho-viva. O que ocorre, Mayer continuou indagando, quando o trabalho aumenta o calor? Se isto é real, então o trabalho pode ser transformado em calor e o calor em trabalho. Após o término de longas séries de experiências, realizadas no quartinho do fundo do quintal da farmácia de seu pai, em Heilbronn, chegou a concretizar-se a invenção milenar das Ciências naturais.
Seria de supor-se que, por direito, a lei de energia, estabelecida por Mayer, teria encontrado entusiástico acolhimento. Mas, não o encontrou. Não cabe aqui relatar o calvário do médico de bordo; tão-somente quero fazer constar que, com a honrosa exceção de Justus von Liebig, o qual publicou um trabalho de Mayer em seus "Anais da Química" — sem qualquer efeito na conduta dos colegas — com seus ataques permanentes, sua gozação constante, os cientistas contemporâneos conseguiram minar a saúde de Mayer, que chegou a sofrer de encefalite; com suas intrigas ainda fizeram com que fosse internado em um manicômio, alegando-se, para tanto, a sua "mania de superioridade". A meta estava alcançada; a lei de energia, estabelecida por Mayer, pôde ser desprestigiada, como o produto da fantasia de um louco.
Por quase uma década após esse "feito", a ciência alemã deixou de mencionar o nome de Mayer, cujo portador até constou como falecido no manicômio. Dificilmente, a lei básica das Ciências Naturais teria ficado ligada ao nome do seu autor, se não fosse pelo físico inglês John Tyndall (1820-1893) que, em 1852, perante uma assembléia da Royal Society, fez uma brilhante defesa de Mayer e com isto logrou o reconhecimento tardio do "intruso", por parte dos altos dignitários do "establishment" e, ao mesmo tempo, a ele assegurou os direitos plenos de prioridade absoluta sobre a lei de energia. Infelizmente, esses direitos lhe foram contestados até por cientistas honrados e íntegros, tais como Hermann von Helmholtz (1821-1894) e Rudolf Clausius (1822-1888), que também concorreram para arruinar a sua clínica particular, em Heilbronn, pois quem iria se deixar tratar por um médico louco?
Por vezes, nem a "arma mortal" na mão do "criminoso" parece valer por uma prova bastante!



Gregor Johann Mendel

O abade agostinho rebelde

Em suas experiências de cruzamento de espécies de ervilhas e vagens, conduzidas anos a fio, no pequeno jardim botânico, detrás do convento dos agostinhos em Brünn, o padre agostinho Gregor Johann Mendel (1822-1884) notou alguns simples sinais de hereditariedade, nesses objetos bem demonstrantes, nada acadêmicos, e publicou os resultados obtidos.
Os pesquisadores "acreditados", que então juravam pela teoria de Darwin, postulando a mutabilidade de todo ser vivo, acharam gozadas as idéias do padre agostinho, que morava em uma pequena cidade de província e acabara de demonstrar a constância das espécies. Mendel procedeu com muito método e como estava absolutamente certo dos resultados de suas experiências, endereçou relatórios a todas as capacidades européias, incluindo-se no rol dos destinatários também o Prof. Karl Wilhelm von Nãgeli (1817-1891), em Munique, o mais eminente dentre os botânicos da época e do qual Mendel esperou que reunisse as condições necessárias para compreender as séries de testes por ele realizadas. Todavia, a exemplo dos ilustres colegas, também o Sr. von Nägeli zombou da ingenuidade do padre agostinho. Àquela época, o mundo científico acabava de engolir Darwin, com casca e tudo; qual era, então, a pretensão daquele agostinho? Cantar para a Lua? Depois de Mendel ter sido eleito abade, não lhe sobrava mais tempo para suas pesquisas e o campo ficou livre para os acadêmicos, que se valeram do ensejo para desprestigiar o pesquisador provinciano.
Foi somente em 1900 quando as leis de Mendel, temperadas no purgatório da crítica, gozação e ostracismo, chegaram ser publicamente reconhecidas como certas e válidas. Ao menos em sua vida terrena, o abade agostinho nada soube desta sua fama tardia, mas ele teve o apoio forte e incondicional da sua fé, pois de outra maneira dificilmente teria tido a convicção tranqüila e inabalável de que o seu tempo chegaria.

Edison e o ventríloquo

Mesmo um inventor tão bem sucedido e amplamente reconhecido como Thomas Alva Edison (1847-1931), em cujo nome foram registradas, em todo mundo, mais de 2.500 patentes, teve uma experiência com os círculos acadêmicos, que vale por uma anedota.
Em 11 de março de 1878, o primeiro fonógrafo de Edison, então usando cilindros de folha de estanho, foi demonstrado pelo físico Du Moucel para os maiorais da Academia de Ciências, em Paris.
Ao se fazerem ouvir as primeiras articulações de uma voz humana, Bouillaud, membro daquela egrégia academia, levantou-se e gritou para o ilustre colega Du Moucel: "Seu impostor! Pensa que nós vamos na onda de um ventríloquo?" E ainda em 30 de setembro de 1878, após detidos

exames, esse mesmo acadêmico continuou declarando que naquela demonstração se tratava de um caso de ventriloquia, muito bem camuflado, pois não era de se esperar que um vil metal pudesse reproduzir o nobre som da voz humana.

POR MUITAS VEZES E COM GRANDE FREQÜÊNCIA, TARDE DEMAIS

Monsieur Bouillaud não sabia que o fonógrafo de Edison já estava patenteado pelas autoridades norte-americanas, em data de 19 de fevereiro de 1878, ou seja, antes de sua demonstração em Paris. De vez em quando, nem mesmo as pessoas mais cultas estão a par do último progresso científico, sem cogitar-se da natureza problemática dos meios de provas. Por outra, não tem força de prova a "fé" cega no ditame herdado e, portanto, preconcebido, segundo o qual tudo quanto constar dos livros, em preto sobre branco, continua válido por toda a eternidade. Aí, realmente, se trata de um caso de ventriloquia.

Aliás, olhando-se bem as coisas, percebe-se que até membros mundialmente famosos de associações de elite, são capazes de cometer enganos surpreendentes. Infelizmente, malgrado todo o seu saber, não possuem a verdade absoluta, conforme nós, cidadãos comuns, folgamos em supor.

O fato de ninguém estar a salvo de um engano científico, encontra o seu exemplo clássico em Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794), cuja vida terminou sob a guilhotina.

Lavoisier era diretor e tesoureiro da Academia de Ciências, deputado à Assembléia Nacional, diretor de banco, bem como o inaugurador da Química Moderna, um dos grandes revolucionários da Ciência. Ele decompôs o ar em seus componentes e teve a audácia de postular a água como substância composta. Na época, os ditames oficiais ensinavam que o ar e a água são elementos.

A idéia de essa doutrina poder ser derrubada por Lavoisier, fez com que Antoine Baumé, inventor do areômetro e orador da Academia, tomasse a palavra no plenário para dizer: Os elementos ou partes integrantes básicas dos corpos foram reconhecidos como tais pelos físicos de todos os séculos e todas as nações. Não é admissível classificar agora e hoje, na categoria das substâncias compostas, os elementos reconhecidos há mais de dois milênios. Serviram de base para descobertas e teorias... Esses ensinamentos perderiam toda a sua credibilidade se, de repente, o fogo, a água, o ar e a terra deixassem de ser elementos.

Os cientistas não conhecem o perdão quando eles se enganam. Com veemência exemplar combatem até os próprios colegas, tão logo se tornem incômodos, embora o objeto preferido de sua ira continuasse a ser o "intruso".



Thomas Alva Edison



Antoine Laurent Lavoisier



George Stephenson

Estrada de ferro — com atraso

Em 1814, o engenheiro inglês George Stephenson (1781-1848) construiu a primeira locomotiva a vapor. Não obstante, fosse satisfatório o seu desempenho nas minas de carvão de Killingworth,

a Academia achou por bem advertir Stephenson a respeito e mesmo os políticos levaram sete anos para devidamente compreender e avaliar as possibilidades e vantagens oferecidas por essa invenção. Quando o inventor expôs, pela primeira vez, no Parlamento, seus planos de construção de linhas férreas, os parlamentares estouraram em gargalhadas e, segundo os costumes tradicionais da casa, abafaram com seus gritos a voz do relator. Na época, foram levantados argumentos que, desde há muito, caíram no ridículo; argumentaram que as locomotivas iriam incendiar as casas, seu barulho levaria as pessoas ao desespero, os terrenos situados ao longo da ferrovia ficariam desvalorizados. No entanto, mesmo assim, os políticos levaram menos tempo para enxergar as vantagens da nova técnica do que costumam tomar os cientistas para reconhecer alguma coisa e, o que é mais importante, os parlamentares souberam corrigir o seu engano. Em 1821 aceitaram com 36 contra 35 votos a lei, instituindo a construção da primeira linha férrea, entre Liverpool e Manchester. Os adversários, por sua vez, continuaram firmes em sua crença de que isto seria o marco inicial da época da perdição.
Para ainda continuarmos com os meios de transporte, é interessante citar um parecer de Wilhelm Launhardt (1832-1918), reitor da Universidade de Politécnica de Hannover, Alemanha Federal, e perito em construção de estradas e pontes, de renome europeu. Esse cientista pronunciou-se francamente contra a construção do automóvel e aconselhou os construtores que abandonassem, uma vez por todas, as suas experiências inúteis com esse veículo de transporte. Se os pioneiros da indústria automobilística tivessem prestado ouvido a esses conselhos, quiçá, hoje em dia, ainda não estaríamos passeando de carro e nem existiria um dos brinquedos prediletos dos nossos dias.



Hermann Oberth

Seria bom se pudéssemos dizer que a cegueira profissional dos acadêmicos fosse há muito coisa do passado. Mas, não é este o caso, pois ainda vive entre nós um homem que teve de travar lutas duríssimas, suportar toda sorte de calúnias e ofensas: Hermann Oberth (1894) — hoje! — considerado, e de maneira incontestada, como o "pai do vôo espacial". Em 1918, Oberth projetou um foguete de 25 m de comprimento, 5 m de diâmetro e carga útil de 10 t; a título de combustível, ele previu álcool ou oxigênio. Os críticos levantaram suas vozes e em uníssono proclamaram: jamais aquela coisa será capaz de voar!
Quando, então, em 1923, Oberth publicou sua obra realístico-profética "DIE RAKETE ZU DEN PLANETENRÀUMEN" — "O foguete para os espaços planetários", que, em 1929, complementou com "WEGE ZUR RAUMSCH1FFAHRT" — "Caminhos para o vôo espacial", os críticos nem se dignaram tomar conhecimento dessas publicações, que consideraram como não merecendo qualquer estudo sério. Em 1924, a mundialmente conhecida revista científica "NATURE" comentou o livro do Prof. Oberth, observando que, provavelmente, o projeto de um foguete espacial chegará a concretizar-se pouco antes da extinção da humanidade. No entanto, Oberth ficou firme em seus propósitos de defender seu trabalho contra todo e qualquer ceticismo acadêmico.

Entrementes, o tempo encarregou-se de confirmar e enaltecer em todas as linhas os projetos de Oberth, outrora, tão ridicularizados. Desde há muito, estamos acostumados a conviver com os foguetes. A humanidade ainda não desapareceu e nada mais se ouve dos críticos de então, que tanto veneno espalharam. Que bom, Hermann Oberth ainda poder viver e presenciar a concretização de suas arrojadas perspectivas para o futuro!

Contudo, ainda em 1953 um cientista alemão achou que "a Astronáutica fica em mesmo nível com a astrologia". E, em 1957, Sir Harold Spencer Jones (1890-1960), diretor do Observatório de Greenwich, declarou: "Jamais o homem colocará seu pé na Lua ou em Marte!" Doze anos depois, em 20 de julho de 1969, a APOLLO 11 desceu na Lua.

O pingue-pongue doloso Não me venham com a desculpa, dizendo que com esta série interminável de enganos científicos (seria bom, alguém escrever um grosso tomo a respeito!) sempre se tratou de uma "reserva" frente à novidade, aliás, bem condizente com a mentalidade acadêmica. Por muitas vezes, tal "reserva", bem como enganos perfeitamente desculpáveis, se excedem e passam para o terreno da difamação simples e pura. De contrário, qual o motivo da resolução tomada pelos cientistas, participantes do 29º. Congresso Internacional dos Americanistas, segundo a qual não se mencionou a expedição de Thor Heyerdahl, KON-TIKI? Em entrevista à imprensa, o influente Prof. Raphael Carstens até qualificou de "trapaça" a expedição KON-TIKI.

Ei-la, a receita de fazer manchetes gratuitas. No meu arquivo guardo uns 35.000 recortes de artigos publicados em todo o mundo sobre minha pessoa e minhas teorias. É fácil comprovar o sistema da bola-de-neve; joga-se a primeira bola, rotulada "trapaça" e, sem dúvida, há quem a apanhe. Aí então, os que jogam o pingue-pongue doloso já estão em número de dois. Logo mais, a bola é movimentada por toda uma equipe, que, em seguida — não existem obstáculos à comunicação — se apressa para enfrentar outra equipe, em competição internacional.

Truques de ilusionistas Outra, e igualmente maldosa, regra de jogo também é de fácil comprovação. Em qualquer parte, alguém emite uma opinião sobre um detalhe de minha teoria e um repórter me procura, para pedir esclarecimentos a respeito. Se o tal diálogo acontece perto do meu arquivo, tenho condições de, prontamente, colocar sobre a mesa os devidos comprovantes, a favor de minhas exposições. No entanto, não obstante os documentos, tratados, etc, que forem apresentados, os meus esclarecimentos ou deixam de ser publicados, ou, se chegarem a sê-lo, são adulterados e manipulados.

A terceira regra deste jogo com cartas marcadas e que, a rigor, constituiria um caso de polícia, relaciona-se com a entrevista, gravada em fita. As perguntas e respostas são claras e concisas e, desta vez — assim penso eu, apesar de todos os pesares — nada pode falhar. Semanas depois, vejo a entrevista, publicada nos jornais, em preto sobre branco: nela eu respondo perguntas que jamais foram feitas e minhas respostas foram completamente tiradas do seu contexto. Acho impossível aquilo e até chego a duvidar dos meus próprios olhos. Procuro compreender: nem a fita magnética protege contra a intencional distorção de fatos, e playboys, fazendo perguntas à-toa, não os há somente em Nova York, mas sim, existem e andam por aí, em toda parte. De certo, procede-se com pouca elegância na hora em que se acha conveniente explorar o caso Däniken para mais uma manchete.

O meu jiu-jitsu

Os bem-intencionados acham que eu deveria protestar; isto seria possível, se tais artigos chegassem ao meu conhecimento imediatamente; coisa difícil, pois estou viajando durante 300 dias do ano. Vejo a publicação somente depois de voltar para casa e então é muito tarde para protestar, pois, àquela altura, a estória já correu meio mundo. É o caso do pingue-pongue. A ocasião foi perdida; meses após a publicação de uma matéria, nenhum jornal pode sair com uma retificação, nem eu poderia esperar que assim procedessem. Aliás, também há certas dificuldades com tal retificação. Para a melhor compreensão por parte dos leitores, eu sou obrigado a resumir ao máximo o assunto tratado, pois, do contrário, a resposta se torna ininteligível; isto faz com que uma "carta à redação" fique do tamanho de um artigo, que ocuparia espaço maior do disponível na respectiva coluna, conforme alega a redação do jornal.

Como já estou farto de todas aquelas mentiras, distorções, meias-verdades e difamações, estabeleci minhas próprias regras de jogo para entrevistas; futuramente, exigirei uma convenção por escrito sobre o texto a ser publicado. O ditame americano: "tanto faz o que se fale, conquanto se fale", pode servir para astros do cinema e do ringue, mas, não serve para mim, pois tenho uma causa a defender. E é este então o meu jiu-jitsu, a arte branda da autodefesa.

Já que estou tratando do assunto e como tenho um certo pressentimento daquilo que está por vir, tentarei apanhar uma flecha sem ponta, presumivelmente, a ser dirigida bem ao alvo de minhas PROVAS.

Vão dizer — vamos apostar? — que eu estaria fazendo seleção, quer dizer, que, da abundância do material existente, estaria tirando apenas os dados que me convierem. E tal procedimento — assim alegarão — não é admissível.

Pois bem. Será que a Ciência, por sua vez, não faz seleção? Cada uma das obras científicas em minha biblioteca é o produto de uma seleção. Conheço algumas centenas de museus e cada um deles apenas exibe uma seleção. Aliás, a este respeito, já Plauto (cerca de 250 a.C), comediógrafo latino, teria reunido algumas experiências, porque escreveu: "Duo quum idem faciunt, non est idem" — quando duas pessoas fazem o mesmo não é o mesmo. Tomo a liberdade de agir, a exemplo de como agem os "acreditados", pois com tamanha riqueza de material disponível, nem eles, nem eu, podemos optar por outro procedimento. E assim agindo posso — que Zeus seja a minha testemunha — retirar da aljava setas em número suficiente para os meus adversários verem preto diante dos olhos, mesmo com a seleção dos dados que pretendo apresentar.

Em 1950, Immanuel Velikowsky publicou sua obra "WORLDS IN COLLISION" — Mundos em Colisão. Na época, ele era um médico e psicanalista pouco conhecido nos EUA. Hoje em dia tem renome, porque se tornou alvo de ataques constantes. Nessa obra, aquele "intruso", que queria se meter com os deuses absolutos, faz as seguintes afirmações:

UM MÉDICO FAZ O DIAGNÓSTICO DO COSMO

O cosmo não é um vácuo; é rasgado por campos magnéticos e atravessado por partículas carregadas, altamente aceleradas. O planeta Vênus é mais novo que os demais planetas; surgiu com uma tremenda explosão de Júpiter.

Nos tempos primitivos, a Terra sofreu repetidos tremores, causados por suas quase-colisões com outros corpos celestes. Esses fenômenos deram origem a séries de catástrofes, registradas em mitos e lendas. No século XV a.C, quando em sua órbita ao redor do Sol, a Terra entrou nas zonas periféricas da faixa de pó e gás do Protoplaneta. A poeira vermelha, espalhada no ar, tingiu de vermelho os continentes e as águas.

Os gases na cauda do novo planeta Vênus associaram-se com o oxigênio da atmosfera terrestre e, em parte, queimaram-se, deixando o "céu em brasa vermelha". Uma outra parte desses gases desceu para a superfície da Terra, como uma massa pegajosa, igual ao petróleo bruto.

A crosta terrestre levantou-se. O nosso planeta foi sacudido por tremores. Ilhas desapareceram. Oceanos inundaram continentes. O eixo terrestre deslocou-se. Naquela época, os habitantes da Terra foram aniquilados, em sua maioria. O caos era total.

Qual era, então, a reação da parte competente? Bobagem, pura bobagem, falaram. Após a leitura do manuscrito, o Prof. Harlow Shapley, astrônomo de renome e, na época, diretor do Observatório da Universidade de Harvard, fez o seguinte comentário: "Se esse Dr. Velicowsky estiver certo, todos nós outros somos idiotas!" À Editora Macmillan, Nova York, que pretendeu lançar "Mundos em Colisão", o Prof. Shapley mandou dizer que tal lançamento provocaria o corte de suas relações. Os colegas do professor adotaram atitude idêntica; tampouco eles queriam ter suas obras publicadas porumaeditora a lançar um autor como Velicowsky. No entanto, apesar de todas as ameaças, a Macmillan publicou o livro em 1950 e desde então, não obstante todos os elementos a favor de sua teoria, Velicowsky está sendo pesadamente atacado, não apenas debatido, o que seria justo. Ainda em 1974, o renomadíssimo astrônomo Carl Sagan escreveu um panfleto de 57 páginas que começa com a seguinte frase: "Nos trechos em que Velicowsky

revela originalidade, é altamente provável que não esteja certo; no que está certo, as idéias são de terceiros." (Parafraseando um célebre discurso de Sir Winston Churchill na Câmara dos Comuns: "A fala do honrado lorde era boa e nova. Nos trechos em que estava boa, não era nova — nos em que estava nova, não era boa.") Em data bem recente, o geólogo Stephen Jay Gould escreveu em "NATURAL HISTORY": "Continuarei a contestar idéias não ortodoxas de pessoas não habilitadas. Lamentavelmente, não posso crer que neste jogo, o mais difícil de todos, Velikowsky fique entre os vencedores."

As afirmações de 1950 à luz dos fatos registrados até agora

Ninguém ao lançar uma nova teoria pode pretender que terá acolhimento fervoroso, que receberá abraços e parabéns; no entanto, se houvesse um mínimo de viabilidade a seu favor, deveria esperar que ela fosse seriamente examinada e debatida. Afinal de contas, um pouco de espírito esportivo nunca é demais. Como se apresentam, então, as afirmações feitas por Velikowsky em 1950, à luz dos fatos registrados até agora?

Velikowsky lançou a tese da existência de ondas eletromagnéticas no cosmo e disse que o universo não é um vácuo. — Hoje em dia, todo mundo sabe que na Terra são recebidos sinais de rádio, provenientes do cosmo, em diversas faixas. Esta noção tornou-se tão vulgar a ponto de a imprensa noticiar em três linhas apenas a recepção de sinais cósmicos, porventura ainda desconhecidos e captados por radiotelescópios terrestres.

Velikowsky afirmou que o planeta Vênus teria sido incandescente quando nasceu de uma explosão de Júpiter... e acha que ainda deveria estar muito quente. Os dados mais recentes, transmitidos por sondas espaciais soviéticas, deram como sendo da ordem de 400°C a temperatura registrada na superfície de Vênus.

Velikowsky postulou que Vênus deveria possuir uma atmosfera densa. Também este postulado foi confirmado por sondas espaciais norte-americanas e soviéticas, que deram a atmosfera de Vênus como equivalente a 95 vezes o peso da atmosfera terrestre.

Velikowsky opinou que a atmosfera de Vênus deveria conter carbono, hidrogênio e oxigênio. — Em fevereiro de 1974, a sonda MARINER X sinalizou para a Terra a existência desses três elementos na camada superior da atmosfera de Vênus.

Velikowsky disse que a passagem de Vênus incandescente, à distância relativamente próxima da Terra, deveria ter deixado suas marcas na Lua. Em 1969, quando o primeiro homem terrestre pisou o solo lunar, o NEW YORK TIMES publicou o seguinte artigo, assinado por Velikowsky:

Afirmo que, pouco menos de 3.000 anos atrás, a superfície lunar estava freqüentemente em estado líquido e efervescente (crateras!). As pedras de rocha e lava, lunares, deveriam ser ricas em magnetismo residual. Não ficaria surpreso se, entre minérios de tal composição, fossem encontrados betumes, carbonetos e carbonatos. Afirmo que, em alguns pontos isolados, deverá haver radioatividade bastante intensa. Afirmo ainda que são freqüentes os tremores lunares.

Até agora, quase todas as teses de Velikowsky provaram estar corretas. Cento e quarenta e cinco equipes, integradas por mais de 500 cientistas, estudaram as pedras lunares, na maior pesquisa coletiva até agora realizada em todo o mundo. Velikowsky fez o seu diagnóstico com a sensibilidade de um bom médico que, por vezes, pressente e sabe muito mais do que pudesse depreender de um exame de trato ou de uma chapa de raios X. Provavelmente, no âmbito de uma pesquisa dirigida, exames individuais poderão comprovar como certas as poucas afirmações de Velikowsky, ainda a serem confirmadas.

E onde ficou a outrora alegada bobagem, pura bobagem?

DE ONDE TIRARIAM CORAGEM PARA TANTO?

Trata-se, tão-somente, do exame de novas teorias. Ao que parece, isso requer uma espécie de coragem civil, rarissimamente encontrada. Por exemplo, eu não teria coragem de jurar, de forma tão incondicional como jura o Prof. Carl Sagan, que os "OVNI's não existem!" Pessoal e infelizmente ainda não vi nenhum objeto voador não identificado, mas nem por isso pensaria em desmentir toda aquela gente que afirma ter observado tal coisa. Os próprios catedráticos

deveriam usar de moderação e revelar um leve traço daquela tolerância que, com tanta naturalidade, reclamam para si. Ademais, ainda acho válida a sábia sentença proferida por Thomas Mann: "A parte positiva no cético é que ele considera tudo possível.”
E levanto a pergunta: qual seria a reação de um cientista como Sagan, se, um belo dia — enfim, tudo é possível — de fato, um OVNI fosse encontrado ou viesse a aterrissar em nosso planeta?! Aí, então, muito dificilmente, ele poderia recuar, porquanto excluiu com tamanha veemência uma possibilidade que, contra todas as expectativas, veio a concretizar-se.
Falando por experiência própria, posso dizer que na atitude tomada por meus adversários mais ferozes nos campos da Física, Astrofísica, Astronomia, Biologia, Biofísica e Arqueologia, sempre notei uma total e absoluta negação daquilo que seria possível; destarte, deveria ser difícil eles darem o menor passo, sequer, para saírem desse seu "isolamento esplêndido". Tal passo requereria um grau de abnegação tão elevado, que seria desumano esperá-lo ou aguardar até que fosse dado. Outrossim, espero e aguardo a ação dos cientistas mais jovens, os "intrusos" no âmbito de sua disciplina, daqueles que ainda não são totalmente comprometidos com as tradições vigentes. Parece que eles vêm vindo ao meu encontro, conforme se pode verificar pelo que escreveu o Prof. Dr. Luis Navia, do Instituto de Tecnologia de Nova York:
Estou convicto de que, ao postular a visita de seres provenientes de outras regiões do universo, ocorrida em tempos pré-históricos, nada postulamos que violasse os princípios, até os mais rigorosos, da metodologia científica.
A meu ver, a teoria de uma visita do cosmo, nos primórdios da vida terrestre, apresenta-se como uma hipótese absolutamente significativa. Para aqueles que qualificam essa teoria de "infantil", "venenosa", "absurda" e "pseudocientífica", seria melhor se procurassem outro campo de atividade, para ali então vazar sua carência de força criativa, sua mentalidade estagnada e sua ignorância da metodologia científica.

O "bom" cientista

Nesse sentido, proponho-me fundamentar minha teoria com PROVAS. Fornecerei uma prova de indícios. Desmentirei a Teoria de Seleção darwiniana, ao menos quanto à motivação para o homem ter adquirido o dom da inteligência. Apresentarei PROVAS, retiradas do depósito deixado pelos alienígenas. Esses grupos de provas até podem, embora não necessariamente, entrar em combinação entre si.
Tornarei a mexer, novamente, em casa de marimbondo. Aliás, um ensaio publicado na FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG (de 29-12-1971), de renome internacional, sobre um estudo da autoria de Gunter S. Stent, especialista norte-americano em Biologia Molecular, poupa-me o trabalho de fazer um resumo dos equívocos registrados em avaliações científicas. Diz o seguinte:
A grosso modo, o progresso da Ciência está na superação da opinião doutrinária. Quase toda nova noção básica depara, de início, com recusas, antes de ser geralmente aceita, o que, por vezes, pode levar décadas. Até a época moderna, o progresso das Ciências Naturais teve de combater dogmas eclesiásticos e aristotélicos, hoje o "saber em voga". Por via de regra, a suposição de uma descoberta ser "prematura" constitui o obstáculo maior para a sua aceitação. O biólogo molecular norte-americano Gunter S. Stent, nascido em 1924, da Universidade de Berkeley, empreendeu a tarefa de interpretar as circunstâncias e os motivos desse fenômeno...
O motivo mais profundo do conformismo na negação de novas noções deve ser compreendido do ponto de vista sociopsicológico, ou seja, contando-se com a necessidade de o indivíduo, em sua qualidade de zoon politikon (= criatura política), acompanhar a opinião vigente, no seio do seu grupo. Com a interpretação dada por Stent, o preconceito científico, que pode ir até a negação de fatos experimentados, torna-se compreensível, embora não desculpável...
Será que para a prematuridade de uma descoberta existiria outro critério, além do de deixá-la sem qualquer efeito? Sim, existe tal critério, a saber: uma descoberta é prematura quando, mediante uma série de medidas simples e lógicas, seus efeitos deixam de enquadrar-se no saber canônico vigente... Será que a falta de reconhecimento de descobertas prematuras deve ser atribuída unicamente à deficiência intelectual de cientistas, os quais, na suposição de serem

mais receptivos, não tardariam em dispensar o necessário reconhecimento a uma nova e bem pensada idéia científica?
O "bom cientista" goza da fama de ser uma pessoa sem preconceitos, de espírito aberto, pronta para aceitar toda nova idéia, fundamentada em fatos concretos. Todavia, conforme mostra a história das ciências, ao que parece, os cientistas não agem segundo esse conceito popular.
São fatos nus e crus os que ali foram constatados. Se me animasse a fazer tais constatações, logo seria censurado e taxado de inimigo das ciências. Esta censura não toca à FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG e, tampouco, a mim, porque sempre torno a solicitar a compreensão e colaboração da Ciência, quando me refiro aos enigmas do nosso passado a serem esclarecidos.
Por conseguinte, espero poder contar para a apresentação de provas de indícios, bem fundamentadas, com alguns daqueles "bons cientistas", conforme existem na crença popular, sem preconceitos, de espírito aberto, prontos a acolher uma idéia nova.
Por outra, espero poder oferecer aos meus leitores um debate interessante, a animar e variar o debate quotidiano desses nossos dias cinzentos.
Per áspera ad astral — Para as estrelas, por vias ásperas!

II Dimensões Cósmicas

"Com uma probabilidade beirando a certeza, neste minuto, mensagens de rádio, emitidas por civilizações extraterrestres, estão chegando à Terra."

Foram essas as palavras pronunciadas em fevereiro de 1976 por alguém que deveria sabê-lo: o Prof. Frank Drake, diretor do maior observatório de pesquisas da ionosfera* no mundo, situado em Arecibo, na costa norte de Porto Rico.
0 governo dos EUA encarregou uma comissão de doze cientistas de primeiríssima categoria a "estudar métodos e apresentar sugestões para como, dentro dos próximos 15 anos, poderia ser estabelecido contato com seres vivos, extraterrestres."
Quais seriam os propósitos pouco ortodoxos do governo norte-americano? Será que um grupo de cientistas sonhadores deu um palpite que, em boa hora, pudesse proporcionar verbas para uma empresa "fora deste mundo"?
Tenho a certeza de que com isto se faz um dos mais sábios e sofisticados investimentos da Terra!
O Dr. John Billingham, chefe do Departamento Biotécnico do Centro de Pesquisas Ames, da Comissão Norte-americana de Energia Atômica, em Iowa, constata:
Acreditamos na existência de planetas longínquos, por bilhões de anos mais velhos que a Terra. Logo, também a sua civilização deve superar a nossa em bilhões de anos. É uma idéia reconfortante, mas tenho a certeza de existirem civilizações extraterrestres, avançadas, em comparação com a nossa, a exemplo de como nosso atual progresso está avançado em comparação com a civilização do homem da Idade da Pedra.
O Dr. Ichtiaque Rasool, cientista-chefe do Centro da Pesquisa Espacial da NASA, em Washington, fala com orgulho:
Os nossos estudos representam a primeira pesquisa oficial, patrocinada pelo governo, visando ao preparo dos equipamentos necessários à descoberta de vida extraterrestre.

Dançar a valsa para a esquerda

Dotada de uma verba, cujo equivalente em nossa moeda passa de cinco e meio milhões de cruzeiros, em 1977, a equipe de pesquisadores deve apresentar ao Presidente Carter o seu relatório, indicando a maneira melhor e mais eficiente de estabelecer contato com seres inteligentes, extraterrestres. Com base no atual progresso e nos meios técnicos ao nosso dispor, os cientistas prevêem o primeiro contato com civilizações extraterrestres para dentro dos próximos quinze anos. Em duas décadas apenas, houve então uma tremenda mudança de idéias.
Aliás, há mais ou menos 20 anos, a maioria dos cientistas negou a existência de vida inteligente

no âmbito do espaço cósmico, acessível aos terrenos. Somente uns poucos espíritos abertos para o futuro não excluíram, nem naquela época passa, a viabilidade estatística e filosófica de vida inteligente no cosmo; porém, a rigor, todos duvidaram de poder detectar formas de vida inteligente e tecnicamente avançada, dentro de um perímetro de 50 anos-luz. Como houve, então, aquela mudança de idéias?

1) Meteoritos, examinados no laboratório, revelaram a existência hipotética de elementos básicos da vida, também em outros planetas. O bioquímico norte-americano Cyrill Ponnaperuma, do "Ames Research Center" da NASA, descobriu no chamado meteorito de Murchison 17 aminoácidos, ou seja, 17 elementos básicos da vida.

Como se prova, porém, a sua proveniência do cosmo?

Sei muito bem que não me cabe lançar mão dos truques de "suspense", usados por um autor de novelas policiais. Apesar disso, por ora, somente posso chamar a atenção para um acontecimento crítico, sem, no entanto, revelá-lo. Por isso, a seguir, dou uma indicação, a ser gravada bem no fundo da mente:

Todos os aminoácidos que, na Terra, colaboram na constituição da vida, apresentam rotações para a esquerda. No entanto, dos 17 aminoácidos contidos no meteorito de Murchison, apenas cinco apresentam rotação para a esquerda, no que consiste a condição prévia para a formação da vida no planeta Terra. Os cinco que se prestam à constituição da vida terrena são: a glicina, a glutamina, a alanina, a valina e a prolina. Os demais aminoácidos revelaram rotação para a direita, qualidade que não possuem na Terra. Por conseguinte, ficou revelado o "local do crime": o meteorito deve ser de procedência extraterrestre, cósmica, pois na Terra não há aminoácidos com rotação para a direita!

Vamos, então, dançar a nossa valsa para a esquerda e para a direita. Isto é possível. Porém, aminoácidos terrestres, com rotação para a direita, não existem. Ainda iremos dançar a "Valsa da Origem", tão logo a orquestra começar. Para tanto, peço um pouco de paciência.

2) Todas as moléculas possuem determinados valores de irradiação, conforme foram estabelecidos, além de toda dúvida, nos testes de laboratório. As medições efetuadas nos âmbitos de diversas faixas de freqüência, permitem conclusões exatas a respeito do material, emitindo suas radiações específicas. Desde que, em 1944, a existência de hidrogênio neutro foi observada na faixa de 21,105 cm, conseguiu-se comprovar até a ocorrência de complicadas combinações orgânicas. Essas radiações lineares são de suma importância para a Astronomia, pois, comparando medições radioastronômicas com os comprimentos de onda das diversas moléculas, conforme obtidos mediante medições, feitas no laboratório, foi possível comprovar a existência de elementos básicos da vida no cosmo.

Graças a esse trabalho importante e difícil, realizado pela Radioastronomia nesses últimos anos, conseguiu-se detectar a existência no cosmo de vários elementos básicos da vida, neles incluídas até moléculas orgânicas. Hoje em dia, a Ciência sabe que os componentes constituintes da vida vão se movimentando no cosmo e foi este saber que em muito contribuiu para a mudança de idéias.

3) A evolução da vida tem por condição prévia um planeta, em sua qualidade de portador. Antigamente, as estatísticas não nos puderam fornecer dados exatos a respeito de outros sóis (estrelas fixas) em nossa galáxia, se contariam ou não com planetas em sua órbita.

Hoje em dia, sabe-se por certo que até a estrela de Barnard, "apenas" seis anos-luz distante da Terra, está acompanhada de no mínimo dois planetas. Essa descoberta é devida aos pesquisadores do Observatório Sproull em Swarthmore, na Pensilvânia, EUA.

4) Até recentemente, as estatísticas astronômicas registravam 100 bilhões de estrelas fixas, em nossa galáxia. Hoje, contam-se, no mínimo, 200 bilhões de estrelas fixas, existentes tão-somente em nossa Via-Láctea! Outrossim, essas cifras astronômicas referentes aos nossos vizinhos no cosmo representam apenas um pequeno punhado, aliás, bastante modesto, no âmbito do universo turbulento. Os mais recentes resultados de pesquisa falam em dez trilhões (10^{13}) de galáxias no espaço cósmico. Todas as estatísticas feitas agora poderão ser arquivadas, para dar lugar a novos levantamentos, que, por sua vez, deverão ficar sujeitos à correção, com o contínuo avanço das possibilidades técnicas.

No que se refere à documentação de minha teoria, bastam os cálculos feitos pelos dois

astrônomos líderes norte-americanos, os professores Frank Drake e Carl Sagan; tão-somente no âmbito do nosso sistema da Via-Láctea, eles supõem a existência de cerca de um milhão de supercivilizações.
As minhas pretensões são modestas: um milhão de supercivilizações em nossas vizinhas estrelas? — Bom dia, caros colegas em outros planetas!

CONTATOS COM EXTRATERRESTRES

De que me serviria o mais belo dos jardins, quando outras pessoas nele passeiam?
De que adiantam os melhores cálculos astronômicos, quando não se pode estabelecer contato com o grande número de civilizações avançadas, existentes?
O estabelecimento de contato é importante e, para tanto, vejo três possibilidades, a saber:

Contato direto, mediante o vôo espacial interestelar

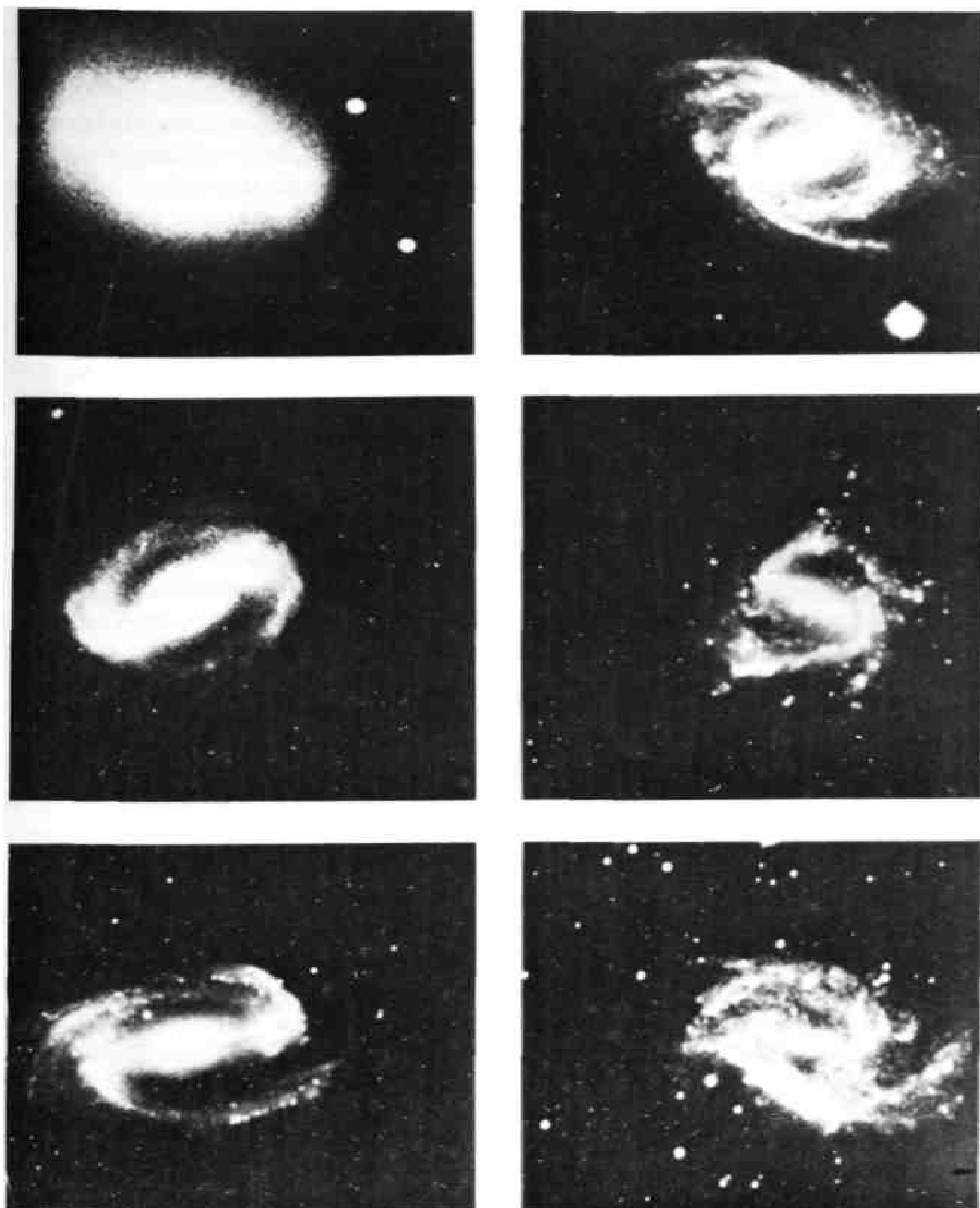
Na atual fase do nosso progresso técnico, esta possibilidade ainda se torna muito remota. Por ora, nem sabemos de onde tirar as quantidades de energia necessárias para a propulsão de nossas espaçonaves interestelares. Apesar disso, peritos em vôo espacial elaboram — e não somente em suas fantasias — projetos técnico-científicos para futuros vôos interestelares.

Lançamento de sondas não-tripuladas ao espaço interestelar

Desde março de 1972, a sonda não-tripulada PIONEER encontra-se em tal missão de reconhecimento. Sem propulsão, deverá singrar o espaço interestelar, durante milhões de anos. Ninguém sabe se algum dia será capturada por desconhecidas inteligências extraterrestres.
Embora me pareça muito, mas m-tiito problemática essa via de estabelecer contato com civilizações alienígenas, acho que também experiências dessa natureza, contando com possibilidades de êxito bastante vagas, se enquadram no rol dos esforços que poderiam conduzir a humanidade para fora do seu isolamento terrestre. Nesses nossos gloriosos dias de hoje, já li sobre investimentos muito menos sensatos e de utilidade bem menor.

Radiocontato interestelar

A nossa técnica de alta freqüência tem condições de vencer gigantescas dimensões interestelares. Para a enorme antena parabólica, em Arecibo, Porto Rico, não constituiria problema emitir sinais para o cosmo; sinais que poderiam ser recebidos em qualquer ponto de nossa Via-Láctea. Da mesma forma, o radiotelescópio, ora em construção no Cáucaso, poderia, perfeitamente bem, emitir sinais para as galáxias. Por esse lado, deixaram de existir obstáculos de ordem técnica.
Que sinais ou cifras deveriam ser transmitidos? Que notícias, mensagens ou declarações?
O homem terrestre, um petisco exótico?
Anos atrás, espíritos medrosos levantaram suas vozes críticas, dissonantes, advertindo contra a emissão de sinais para o espaço, por radiotelescó-pios terrestres. Iríamos abandonar, "trair" a nossa posição e, ademais, nunca se pode saber se os extraterrestres nos querem bem ou mal, se viriam como amigos, com intenções pacíficas, ou, se, um belo dia, lançariam o seu ataque contra nós. Quiçá, até nós, os humanos, apareceríamos no seu cardápio, como petiscos exóticos ou, por outra, seríamos tranca fiados em jaulas e exibidos nos seus jardins zoológicos, como produtos raros de uma raça esquisita. (Aliás, jamais saberemos se os macacos não consideram a nós como os trancafiados! Depende do lado das grades do qual se olhar para o mundo).



Vistas de seis galáxias, de uma coleção de dez trilhões de galáxias.

De fato, houve tais "advertências" irracionais contra a emissão de radiossinais terrestres. Caro leitor, pode dar risada disso se quiser.
Essas preocupações tolas sumiram na lata de lixo do passado. Desde há muito, de numerosos pontos do globo, sinais de rádio, dirigidos, são emitidos para o cosmo. Todavia, mesmo sem

essas radiomensagens dirigidas, já teríamos "traído" a posição da Terra, faz tempo, pois seres inteligentes, possuidores de um elevadíssimo nível tecnológico, bem poderiam captar os programas de rádio e TV que costumamos emitir de dia e de noite.
Aliás, para acalmar os espíritos medrosos: não há perigo, em absoluto, de irmos parar nos cardápios de extraterrestres, pela simples razão de que um tal prato lhes ficaria caro demais. É só pensar nos custos da energia, necessária ao transporte para um outro sistema solar, e lembrar que, em parte alguma, o combustível é de graça, ou pode ser comprado a preço barato. Se os extraterrestres ficassem com vontade de deliciar-se com um prato de carne de um terráqueo, então dificilmente fariam a conservação e o enlatamento do humano aqui, na Terra, para depois levar as conservas ao seu destino no cosmo, mas sim, antes fariam criação de humanos, lá no seu próprio planeta, o que sairia bem mais fácil e econômico, pois, para tanto, bastaria colocar na geladeira algumas células humanas, intatas. Aliás, tampouco nós, aqui, vamos à floresta para catar cogumelos, pois compramo-los do sítio que os cultiva. O mesmo acontece com a lagosta que, com freqüência sempre maior, é criada em tanques, em vez de ser pescada em alto mar. Estão vendo? Inteligências avançadas por certo não são canibais.
Outrossim, a fantasmagoria do "ataque" dos alienígenas carece de sentido pelo simples fato de que a eles nada teríamos a oferecer. É lógico, quem tiver condições para visitar a Terra com uma armada de espaçona-ves, forçosamente deve preencher os seguintes requisitos básicos: 1) possuir civilização técnica imensamente superior à nossa; 2) dispor de reservas de preciosas matérias-primas, bem mais amplas que as terrestres; 3) ciente de sua esmagadora superioridade, não teria interesse algum em levar míseros despojos, adquiridos na liquidação do Planeta Azul.
Todavia, existe mais outro motivo que, aliás, para todos os povos da Terra constituiu motivação perene para sua expansão física, seja mediante pilhagem seja pela colonização: a ânsia de expandir seu espaço vital. No caso dos extraterrestres, essa motivação não existe, pois não falta espaço em nossas galáxias, com todos aqueles planetas desabitados!
Língua inter-cósmica É incontestável o postulado da existência de um número quase inima-ginavelmente grande de supercivilizações extraterrestres. A eles dirigimos sinais de rádio, usando para tanto os impulsos, sinais e códigos que nos são familiares. O que é que os "outros" emitem? E como o emitem? A fim de estabelecer contato mútuo, seria preciso usar de uma língua inter-cósmica para a comunicação recíproca. Seria imaginável tal idioma?
Em 1960, o matemático Hans Freudenthal, da Universidade de Utrecht, Holanda, elaborou uma língua matemática, em todos os seus pormenores. Essa língua também é usada na emissão de impulsos de rádio e, ao contrário do que aconteceu com muitos dos modelos de pensamento anteriores, deveria ser compreendida por seres, possuindo formação técnica.
Freudenthal parte de uma premissa bastante simples. Não obstante a aparência física dos alienígenas, em sua qualidade de inteligências avançadas, devem eles saber construir radiotelescópios, porque, da mesma forma que nós, devem querer manter comunicação interestelar. Quem tem condições de construir um radiotelescópio, entende de eletrônica, a qual, por sua vez, não é viável sem o conhecimento pleno das regras e fórmulas matemáticas. Por conseguinte, a matemática representa o ABC de uma língua intercósmica.
Em nossos cálculos usamos o sistema decimal; não seria fora de propósito supor que, para tanto, os dez dedos de nossas mãos tivessem servido de primitiva máquina de calcular. Esse sistema, baseado no algarismo dez, surgiu na Europa, em 600 d.C, importado da índia, onde se originou de uma escrita brâmane de algarismos. Houve hieróglifos egípcios para os números 1, 10, 100, 1000 e assim por diante. No entanto, não deveríamos cair no erro de supor, com a arrogância que nos é peculiar, que em toda parte do cosmo se costuma contar com os dez dedos. Quem sabe outros "coroamentos da Criação" possuem 11, ou 12, ou 8 dedos e, mesmo assim, têm uma inteligência altamente evoluída.
Seria de supor-se que todo ser vivo possuísse dois dedos, no mínimo. Por essa razão, o sistema binário é de garantida praticabilidade. Tem como base o algarismo dois. Este sistema binário oferece a vantagem de cada algarismo poder ser escrito individualmente, com os algarismos 0 e 1 combinados da seguinte maneira:

1 —	um	1010 — dez
10 —	dois	1011 — onze
11 —	três	1100 — doze
100 —	quatro	1101 — treze
101 —	cinco	1110 — quatorze
110 —	seis	1111 — quinze
111 —	sete	10000 — dezesseis
1000 —	oito	10001 — dezessete
1001 —	nove	e assim por diante.

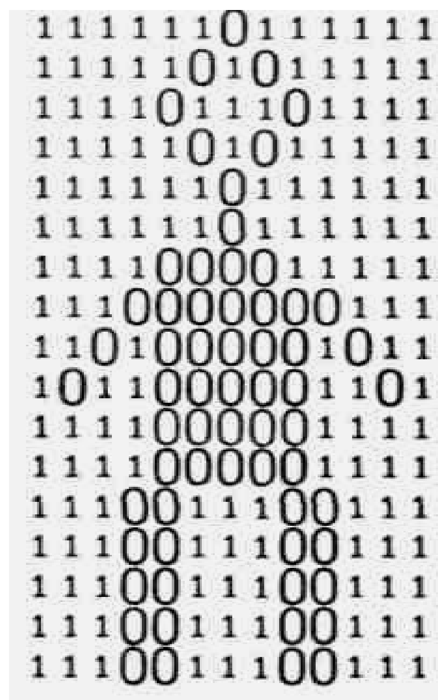
Esse sistema dualista, também chamado de "código binário", tornou-se a álgebra de todos os computadores, a serem considerados isentos de enganos, visto existirem sempre apenas dois estados, a saber: um ou zero, bem ou mal, correto ou errado, sim ou não.

Hoje em dia, não há mais matemático no mundo que negue o fato de, para calcular, ser o sistema binário mais fácil do que o sistema decimal. Com base nesse simples sistema numérico, o Prof. Freudenthal conseguiu "formular" mensagens inteiras e até textos filosóficos, destinados aos extraterrestres. Ele chegou a comprovar que esse método se presta para transmitir toda e qualquer coisa, inclusive imagens.

Eu posso provar isto com a minha máquina de escrever. Retiro uma página do caderno de matemática da minha filha Cornélia e vou numerando os quadradinhos, em cima e do lado. Mediante o toque de um dedo, começo a "emitir" binariamente:

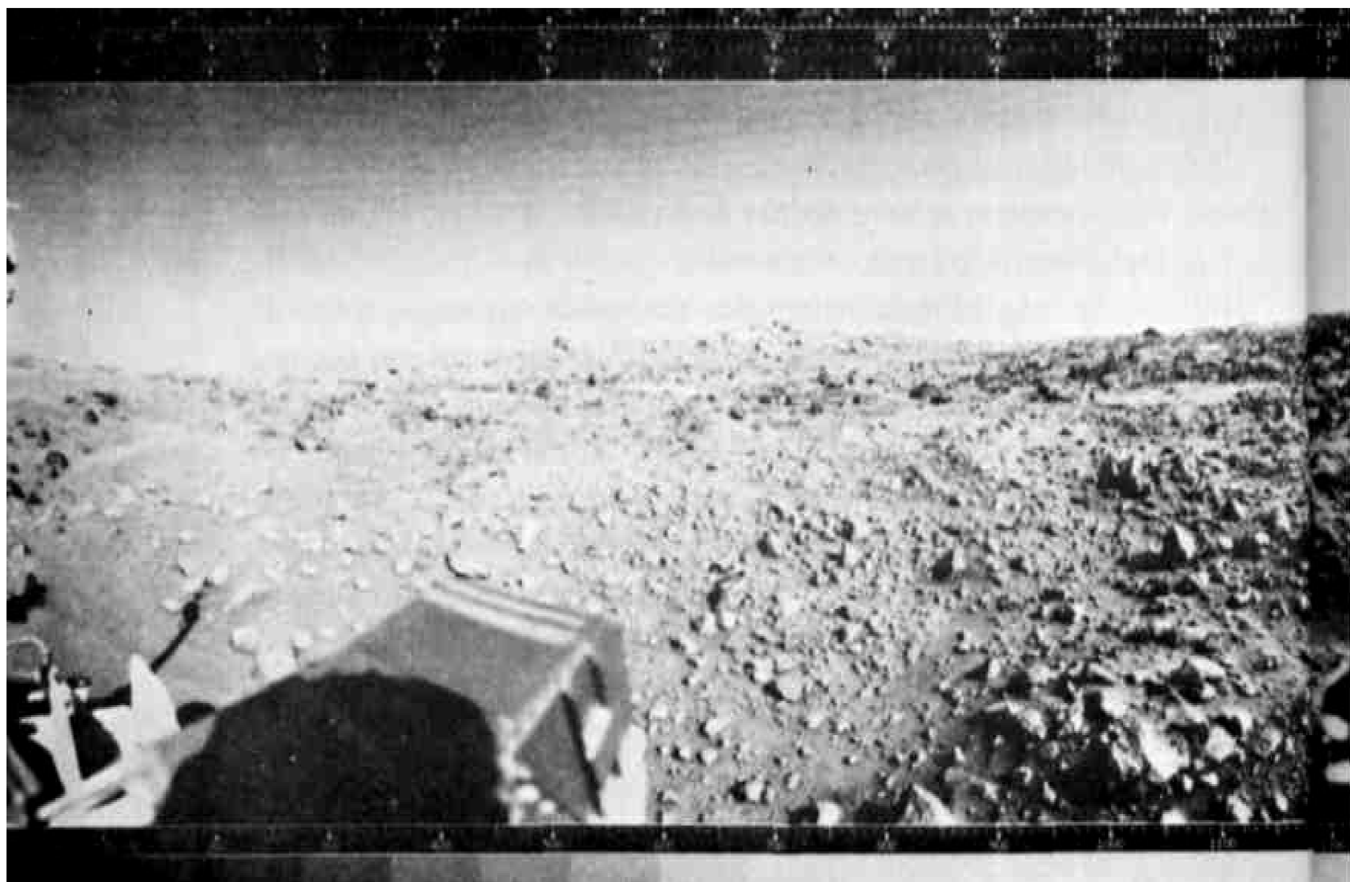
Primeira linha: um um um um um um zero um um um um um um Segunda linha: um um um um um zero um zero um um um um um

E assim vou "telegrafando", até surgirem os contornos nitidamente perfilados de um homenzinho, como este:



Conforme se vê, é brincadeira de criança conceber mensagens de qualquer espécie pelo sistema binário. A matemática pode constituir a base de um idioma cósmico.

Imagem transmitida da superfície de Marte.



Eis uma opção válida para chamarmos a atenção dos "de fora". E como será que notícias do cosmo chegariam ao nosso conhecimento aqui, na Terra? Seriam mensagens audíveis ou visuais, transmissíveis em sinais e símbolos?
Presumivelmente, também os alienígenas empregam os métodos do cálculo mais simples, ou seja, o código binário. Do ponto de vista técnico, há pouca diferença entre esse procedimento e aquele adotado quando, das plagas da UTOPIA, a sonda explorando Marte transmite as suas imagens para a Terra. As câmaras de TV decompõem a imagem em pontos. Esses pontos são emitidos não simultaneamente, mas sim, em pequenos intervalos consecutivos, mediante impulsos de rádio, para serem captados pelas estações receptoras na Terra. Ali, os pontos da imagem coordenam-se ordeiramente na retícula a recebê-los e formam imagens surpreendentemente nítidas. O meu homenzinho, feito de um e zero, foi criado segundo essa receita de tricô...
Até aqui, tudo bem, ou mal.
No entanto, a coisa não é tão simples assim. Conhecemos os comprimentos de onda usados por nossas sondas, quando transmitem de Marte ou da Lua. Porém, não fazemos a menor idéia, sequer, da freqüência usada pelos extraterrestres na emissão dos seus programas.
Até agora, já faz anos que, ao redor do mundo, dirigimos nossos radio-telescópios para milhares de estrelas e, em cada nova experiência, esperamos captar sinais radiofônicos de inteligências alienígenas.
Sem qualquer sucesso.
Simplesmente ignoramos as freqüências de suas emissões.
É inqualificável o palavrão de cinco letras usado pelos astrônomos em todo o mundo, quando, praguejando, suspendem mais uma experiência mal sucedida. O seu eco já ressoa, automaticamente, nos domos de todos os grandes observatórios no planeta Terra. Dá para entendê-lo.
Cumpre convencionarmos determinado comprimento de onda.



Em 1960, iniciou-se com bastante entusiasmo e otimismo o Projeto OZMA, realizado por uma equipe de cientistas renomados do Observatório de Greenbank, na Virgínia Ocidental, EUA. Naquele projeto empregou-se o comprimento de onda de 21 cm, que corresponde ao hidrogênio neutro. Como o hidrogênio neutro existe em todo o universo, supôs-se que também outras inteligências extraterrestres pudessem estar naquela faixa, que, por assim dizer, é considerada como internacional. No entanto, a telefonista informou: "Não responde. Assinante mudou para endereço ignorado".
Entrementes, descobriu-se que o comprimento de 21 cm é uma freqüência altamente suscetível de sofrer interferências; algumas linhas espectrais de rádio do hidrogênio revelaram-se como bem mais fortes do que o comprimento de onda usado. Outrossim, os fortes ruídos cósmicos interferiram com a "ligação" e tornaram a experiência ainda mais desastrada e carente de qualquer chance de êxito.
Atualmente experimenta-se, de preferência, com a faixa de 3 a 8 cm de comprimento de onda. O Prof. Frank Drake, do Instituto de Radioastro-nomia em Arecibo, verificou o seguinte:
São em número de dois os fatos alentadores que encontramos em nossas buscas de comprimentos de onda. Primeiro: São comprimentos de onda que penetram na atmosfera terrestre, assim permitindo o seu controle pela Torre, com telescópios relativamente econômicos. Segundo: E o que é mais importante, trabalhando tão-somente com os radiotelescópios atualmente ao dispor para as nossas pesquisas com estes comprimentos de onda, verificamos que, desde já, eles nos permitem captar sinais de origens inteligentes e sobre distâncias supostamente da ordem de 1.000 anos-luz.
Mais vale o tempo, do que o dinheiro Não obstante todos os esforços e o mais intenso trabalho de pesquisas, até agora, ainda não logramos captar radiomensagens de inteligências alienígenas. Evidentemente estamos pegando a faixa errada. Ao discutir o problema com astrônomos norte-americanos, indaguei por que não se experimenta com uma técnica parecida

com a que faz funcionar o rádio do automóvel. O rádio do carro traz as emissoras e seu respectivo comprimento de onda registrados no painel, é só ligar a estação desejada para ouvir, com toda a nitidez, o seu programa radiofônico. Em princípio — assim me falaram — isto seria perfeitamente viável, porém é o tempo que falta para a detecção automática e contínua das emissoras no cosmo. Nesse caso, os telescópios gigantes deveriam ser dirigidos com ultraprecisão para cada estrela individual e depois, passar-se-iam meses até que fossem verificadas todas as faixas possíveis e imagináveis do astro sob observação.
Tampouco bastaria ligar para as milhares de eventuais freqüências por uns segundos, apenas; ao registrar um impulso, cumpre sondar se procede de uma interferência interestelar, ou se de fato representa um "sinal inteligente". Acontece que, dias a fio, o pesquisador explora uma só onda que se mistura com toda uma orquestra de sons. Primeiro, devem ser eliminados os ruídos cósmicos de rumores, sibilos, susurros, batidas, chiados e outros, para, então, chegar-se a um eventual "cerne" de sinais efetivamente inteligentes. Com mais de 200 bilhões de estrelas, existentes tão-somente em nossa Via-Láctea, acho pouco promissores, embora necessários, os esforços de estabelecer contato interestelar pelo rádio. É por ignorarmos o comprimento de onda usado pelos extraterrestres em suas tentativas de comunicar-se conosco, que estamos fazendo nossas buscas infindáveis, sem o menor ponto de referência, quanto às freqüências por "eles" empregadas!

PROPOSTA CONSTRUTIVA PARA A COMUNICAÇÃO INTERESTELAR

Qual o motivo por que buscamos tão-somente no âmbito da Química as eventuais freqüências para nossa comunicação com inteligências extraterrestres?
Em toda parte há hidrogênio, por conseguinte amarramo-nos nos 21 cm de comprimento de onda do hidrogênio, como uma entre opções sem conta.
Será que vamos em busca da Química, nas infinidades do cosmo?
No espaço interestelar, cerca de 0,1 a 1.000 átomos concentram-se em um centímetro cübico. Para a formação de moléculas, o aglomerado mais amplo, deve haver o ajuntamento de átomos, o que se dá sempre quando eles são atingidos pela luz de uma estrela ou pelo "vento solar". A constituição de moléculas gera um nível energético mais elevado, cuja irradiação obedece a um determinado comprimento de onda; e cada molécula, assim constituída, tem o seu específico comprimento de onda, suscetível de ser detectado e medido por nossos radiotelescópios ultra-sensíveis. Aliás, os nossos conhecimentos dos "atributos" das mais diversas espécies de moléculas no universo são devidos à sua consistência e qualidade de poderem ser medidas por radiotelescópios terrestres.
A seguir, alguns exemplos para moléculas e seus comprimentos de onda:

Fórmula Química	Molécula	Comprimento de onda
HO	hidroxilo	18,0 cm
NH,	amoníaco	1,3 cm
$H_2$0	água	1,4 cm
H_2CO	formaldeido	6,2 "
HCOOH	ácido fórmico	18,0 "
H_3C-CHO	acetaldeído	28,0 "

Nossa meta específica é a busca de vida no universo.
E, tanto aqui, na Terra, quanto em um planeta a 30.000 anos-luz de distância, vale a mesma regra: todo ser vivo é constituído por complicadas cadeias de moléculas.
Surgem, então, as seguintes perguntas:
Qual a espécie de cadeias moleculares comuns a todos os seres vivos? Ao ser descoberta esta base comum a toda vida, não se descobrirá, simultaneamente, a freqüência interestelar, que possibilitará a comunicação cósmica? Tudo que vive sobre a Terra, seja o homem, o animal, a planta, tem por base a macromolécula ADN (= ácido desoxirribonucléico). O ADN fornece todos

os elementos necessários à formação da vida. O ADN não "vive", não é célula, mas sim, é uma cadeia molecular. A exemplo de outras moléculas ou cadeias moleculares, o ADN emite radiação específica.
Assim sendo, não seria lógico, ligarmos os nossos radiotelescópios na faixa de onda do ADN para, enfim, encontrarmos formas de vida no universo? O que procuramos não é o hidrogênio, nem o monóxido de carbono, tampouco o ácido fórmico; vamos em busca da vida. E como o ADN representa a base em comum de toda a vida, seria este o comprimento de onda a ser explorado. Assim acho eu.
Tentei proteger os direitos autorais desta minha idéia, tirando uma espécie de marca registrada e, para tanto, dirigi uma carta do seguinte teor aos mais renomados institutos e cientistas da atualidade: Prezado senhor professor de tal, o ADN é o denominador comum de todas as formas de vida. Portanto, não seria lógico que a vida inteligente se comunicasse naquela freqüência, que constitui a sua base comunitária?
Desde há milhões de anos, funcionam emissoras interestelares, operadas por seres vivos. Só nos falta conhecer a faixa certa, para participarmos. O ADN é o denominador comum.
Datada de 28 de setembro de 1976, recebi a seguinte missiva do Prof. Frank Drake, diretor do Centro Nacional de Astronomia e Ionosfera, em Ithaca, N.Y.:
Caro Erich,
Até agora, as radiofreqüências do ADN não foram medidas em laboratório e, teoricamente, nem podem ser calculadas, por causa da estrutura complexa da molécula de ADN. Todavia, há uma freqüência para a adenina, componente importante do ADN; já demos a respectiva busca no radioespectro, mas sem êxito. Cordialmente,
(ass.) Frank Drake

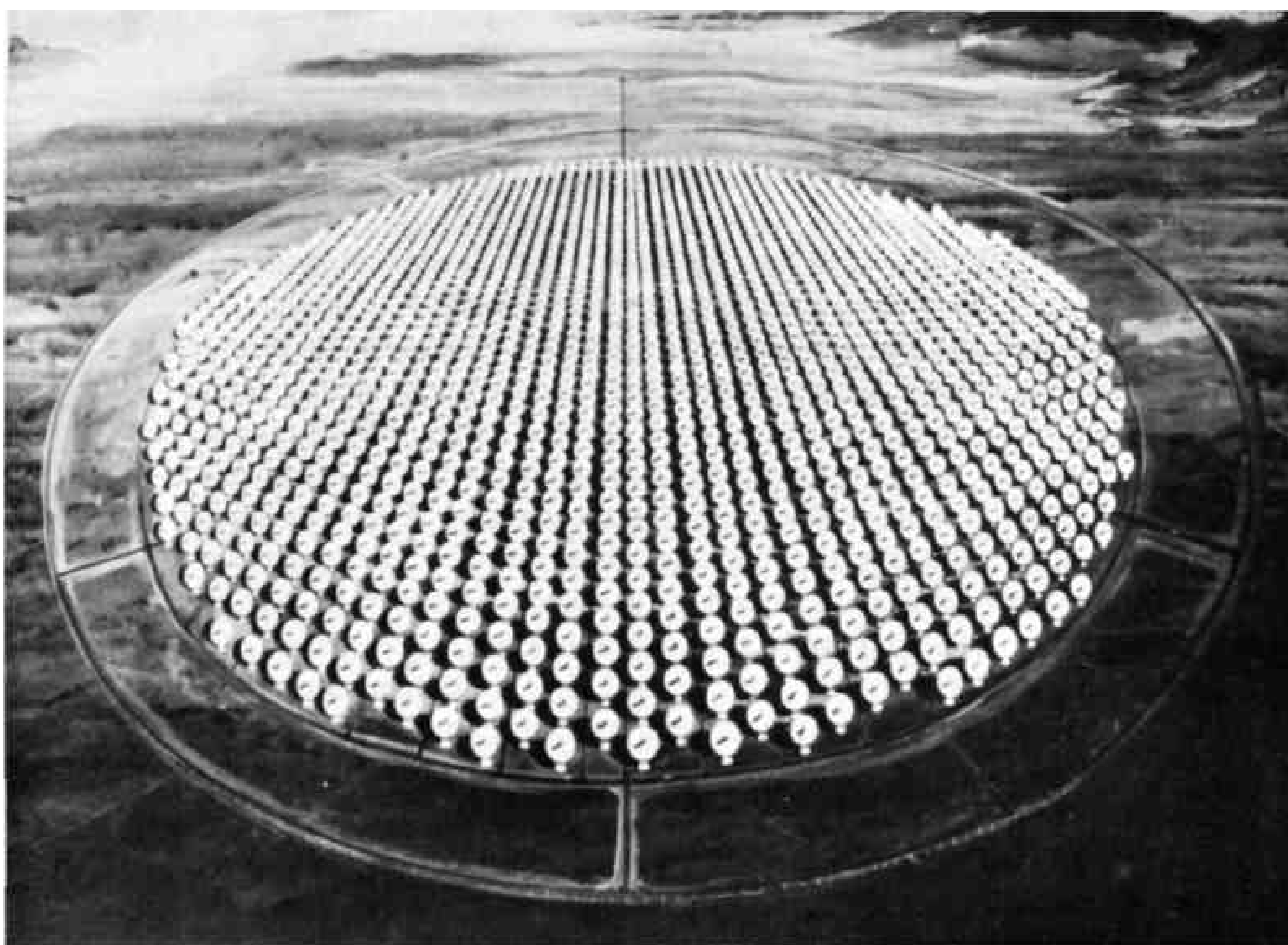
Ainda estamos na madrugada de nossas buscas de formas de vida nos espaços interestelares. Quiçá, antes do cair da tarde, um laboratório qualquer encontrará um método para determinar a freqüência do ADN.

PROJETO CYCLOPS

Por ordem do Ames-Research-Center da NASA e sob a responsabilidade do físico Bernard M. Oliver, cientistas norte-americanos efetuaram estudos sobre novos caminhos a serem tomados, rumo ao estabelecimento de contato com civilizações extraterrestres. Essas pesquisas foram motivadas pela noção de não termos condições de captar os sinais mais fracos de freqüências várias, enquanto a sua emissão para a Terra não for previamente programada, embora possamos efetuar emissões programadas para as galáxias com os radiotelescópios atualmente ao nosso dispor.
O que deveria ser feito, então, para captarmos todos aqueles sinais soltos no espaço?
O PROJETO CYCLOPS prevê uma gigantesca área de estacionamento, repleta de antenas dirigíveis. Cada antena deveria ter o diâmetro de 100 m. Tais antenas gigantes, em numero de 1.500, dispostas em um círculo enorme e funcionando em um complexo sistema de computadores, integrado, constituiriam o maior e mais potente "ouvido" do mundo, de todos os tempos, capaz de receber do universo as mais simples transmissões radiofônicas, emitidas por comunidades extraterrestres. Esse conjunto ciclópico de antenas ainda teria condições de registrar "por segundo e por milhão de metros quadrados, mais dois fótons individuais, de maneira que poderiam ser captadas também as comunicações fracas, de um outro mundo, 50 a até 100 anos-luz distante da Terra". Os cientistas engajados nessas pesquisas prognosticaram que, antes do fim do século XX, o PROJETO CYCLOPS permitirá o estabelecimento efetivo de contato com civilizações extraterrestres.
Com o PROJETO CYCLOPS seria então possível captarmos até as conversas mais íntimas de nossos vizinhos no cosmo. No entanto, como esse conjunto ciclópico de antenas também transmitirá, lá, nas estrelas, poderiam ouvir até a tosse de nossas pulgas.

Informações por via de uma só mão de direção?

Apesar das viabilidades técnicas, já existentes, toda comunicação a vencer as imensas distâncias cósmicas continua sendo uma empresa altamente complexa. Tanto faz estarmos transmitindo ou recebendo; inevitavelmente, as ondas eletromagnéticas ficam condicionadas pela velocidade da luz. Se agora, no momento em que o leitor está lendo este livro, chegasse até nós uma mensagem proveniente de um sistema solar cem anos-luz distante, que responderíamos incontinenti, a nossa mensagem-resposta levaria 200 anos para alcançar o destinatário. Mesmo uma consulta dirigida à estrela fixa mais próxima, a Alfa-Centauri, somente 4,3 anos-luz distante da Terra, teria resposta tão-somente depois de 8,6 anos. Assim, com um correio destes, ninguém se anima a pensar em iniciar um diálogo. Aliás, antes se supõe que inteligências, de elevadíssimo nível tecnológico, promovessem transmissões ininterruptas pelo universo adentro, informando constantemente sobre fatos de sua vida e seu progresso cultural. Se assim fosse, toda civilização dispondo do necessário nível técnico pode receber e assistir a essas transmissões permanentes. No caso de o transmissor e o receptor sintonizarem a mesma freqüência, haveria até troca de noticiário informativo. Já que se trata de algo tão natural e normal, eu queria comentar à margem que, de certo, não somos nós os únicos a procurar estabelecer contato interestelar.



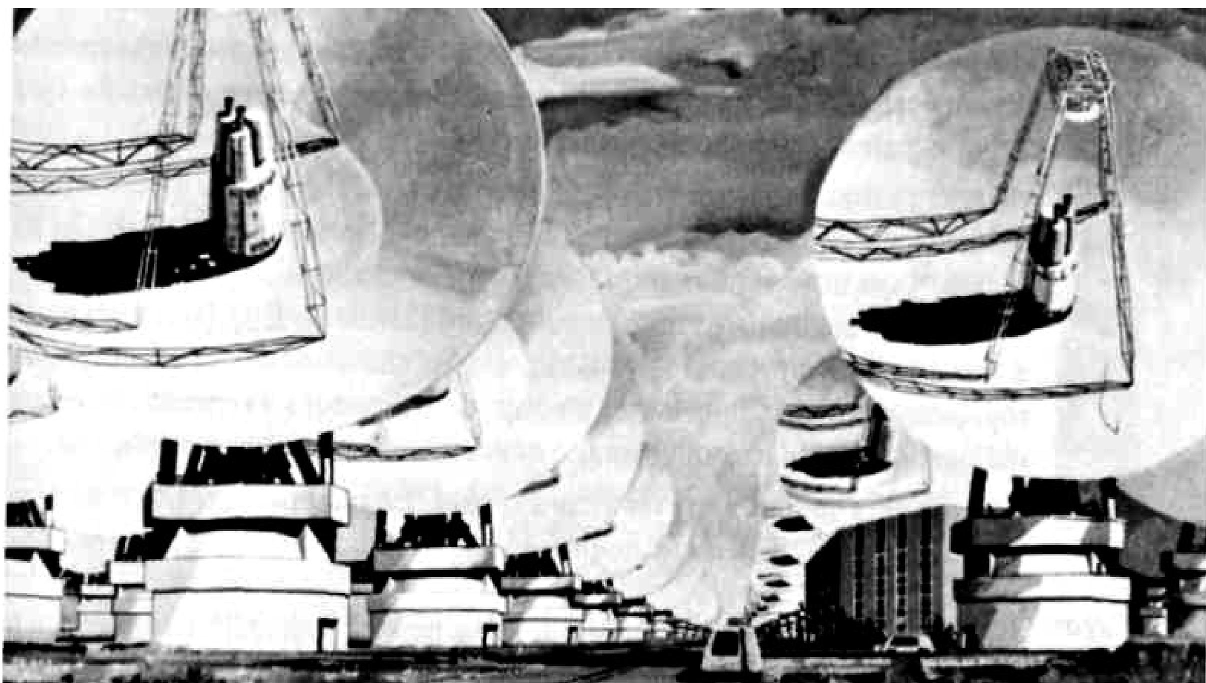
1.500 antenas, dispostas em uma gigantesca área de estacionamento, poderiam captar radiossinais de sistemas solares até 1.000 anos-luz distantes da Terra. Estas ilustrações mostram, em perspectiva, a floresta de antenas, deixando-as sempre mais próximas do espectador.

Quanto a mim, eu não acharia desinteressante o fato de a comunicação radiofônica passar por uma via de uma só mão de direção, se pudéssemos apenas receber. Não interessa? Não diga isso! É preciso lembrar que todas as noções históricas chegam até nós por uma via de uma só mão de direção, ou seja, do passado. Recebemos informações valiosíssimas dos egípcios,

gregos, romanos, incas e maias — deles nos vieram noções jurídicas, filosóficas, bem como tecnológicas. Não podemos devolver nenhum eco ao passado, nem podemos formular perguntas. Porém, mesmo assim aproveitamos muito com o transporte do saber que nos veio por essa via de mão única. Portanto, uma via de uma só mão de direção para o universo seria uma "dádiva do céu", pois em seu percurso encontrar-nos-íamos com o saber futuro. Seria só ouvir! Dispensa-se o diálogo.
Fico irritado quando na literatura especializada em Radioastronomia sempre torno a deparar com o comentário, frisando que na busca de mensagens radiofônicas extraterrestres os radiotelescópios são postos a trabalhar somente com uma pequena fração de sua capacidade total. Dizem que há outras coisa a fazer, coisas mais importantes.
Seria "coisa mais importante" dar caça a novas combinações moleculares, pelo universo adentro? Seria mais importante detectar e medir galáxias mais afastadas, que nos dizem pouco respeito?



as



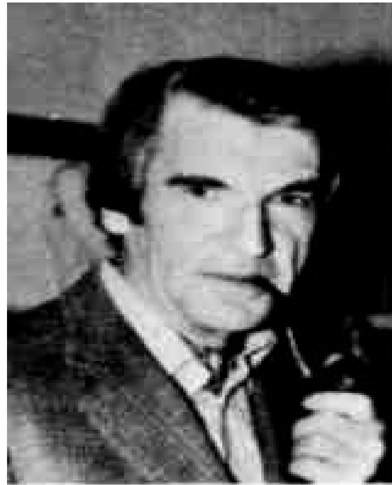
Sem dúvida, esses e outros conhecimentos astrofísicos, obtidos com os instrumentos da Radioastronomia, são tremendamente importantes, pois cada novo detalhe vem preencher uma lacuna em nossa tão falha conceituaçao do universo em que vivemos. Porém, fico chocado com a diminuição da tarefa mais urgente, que é a busca de contato com civilizações extraterrestres. Aliás, para mim, essa busca também oferece a vantagem da maior rentabilidade do investimento de tempo e dinheiro. Uma vez estabelecido o contato, poderíamos consultar o nosso "vizinho no universo", possuidor de um saber avançado, a respeito de tudo aquilo que a tanto custo e de maneira tão falha colhemos ao longo do nosso caminho, a fim de depositá-lo na caderneta de poupança, reunindo nossos escassos conhecimentos. Aliás, malgrado todos os esforços, certamente louváveis, e investimentos bastante substanciais, até agora ainda não conseguimos formar uma conta expressiva em saber sólido.
A julgar pela atual situação de todos os habitantes do planeta Terra, seria de se esperar que eles se levantassem em massa, para exigir: VAMOS BUSCAR CONTATO COM CIVILIZAÇÕES EXTRATERRESTRES! NECESSITAMOS DO SEU SABER!

DILATAÇAO DO TEMPO — COISA LEGAL!

A longo prazo, a gente não se contenta com apenas telefonar para a noiva querida, pois se deseja abraçá-la. Com esta metáfora pretendo enveredar pelas vias ásperas, a levar-nos, em direção reta, para as estrelas.
Adversários de minha teoria deixam de tomar o devido conhecimento de um certo fenômeno. Trata-se de uma lei física, de eterna validade. Dou a minha palavra que não a inventei!
Quando uma espaçonave, voando entre as estrelas, chega a desenvolver velocidades extremas, surge um fenômeno que se chama dilataçao do tempo. Essa noção, nova em folha para o nosso século, passa como o célebre fio vermelho pelos mitos e cultos antiqüíssimos. Este fato, nada novo, é de difícil compreensão; todavia, em minha concatenação de provas representa um elo importante, a ponto de caber aqui a reprodução de um diálogo, que pude travar a respeito com um eminente perito na matéria.
Segue-se a minha entrevista com o prof. Edgar Lüscher, físico da Universidade Politécnica de Munique, Alemanha Federal:

P — Será possível fazer com que uma pessoa "normal" compreenda o que significa "dilataçao do tempo, em vôos interestelares"?

R — Para tanto, pressuponho que haja consenso geral a respeito do que significa o tempo, pois iria muito longe definirmos este conceito.



Diálogo com o Prof. Edgar Lüscher

Em Física, é extraordinariamente importante como e onde se mede o tempo, pois o resultado de tal medição sempre depende do estado de movimento em que se encontrar o sistema a ser medido. Com um sistema em movimento, o resultado da medição é diverso daquele obtido com um sistema em relativo repouso.
Vejamos o seguinte exemplo:
Imaginemos um par de irmãos gêmeos. Um deles vai para o cosmo, o outro fica na Terra. Antes da partida da espaçonave, eles acertam os seus relógios que, assim supomos, marcam também dia, mês e ano. Chega o instante de um dos irmãos gêmeos partir a bordo da astronave, que, supostamente, deverá desenvolver velocidade muito alta. Depois de certo tempo, a espaçonave volta para a Terra; se acontecer que o astronauta lá ainda encontrar seu irmão gêmeo, ao consultarem seus relógios, ambos verificarão que o relógio do astronavegador andou muito mais devagar, do que aquele do irmão que ficou em Terra.
P — Por que? Ninguém entende isto!
R — O irmão gêmeo a bordo da nave espacial passou por um processo de movimento diverso daquele pelo qual passou o seu irmão na Terra. A diferença na cronometragem é devida à aceleração, pois todos os processos físicos decorrem em espaço de tempo diferente, quando se passam em sistemas diferentes.
P — Pessoas competentes de outras faculdades, além da Física, sempre tornam a afirmar que a teoria da dilatação do tempo deve estar errada. Neste ponto, Einstein teria estado equivocado.
R — Einstein, absolutamente, não estava equivocado. Em Física não há conjeturas, a experiência é sempre o juiz supremo. Até hoje a previsão de Einstein, expressa em sua Teoria da Relatividade Geral, passou por inúmeros e rigorosíssimos testes.
P — Haveria um exemplo, demonstrando o assunto?
R — Há, sim. Conforme o senhor sabe, hoje em dia, dispomos de meios extraordinariamente exatos para medir o tempo; até permitem determinar imprecisões no curso dos astros. Em 1971, uma equipe de físicos da Universidade de Washington e do Observatório Naval dos EUA despachou tais cronômetros ultraprecisos a bordo de um Boeing 707. Outro jogo de cronômetros idênticos permaneceu em Terra, no laboratório. A Boeing decolou em sua viagem ao redor do mundo que fez, uma vez, no sentido dos ponteiros do relógio e, por mais outra vez, em sentido contrário. Após a aterrissagem, de fato, a cronometragem acusou diferença. Os cronômetros a bordo registraram um tempo pouco inferior ao registrado pelos cronômetros no laboratório; a

diferença era de 59, respectivamente 273 ± 7 nanossegundos. Convém lembrar que essa diferença de Nanossegundo = um bilionésimo de segundo.
tempo se deu com uma velocidade de cerca de 900 km/h, em um trajeto relativamente curto.
P — Por que a dilatação de tempo se torna tanto mais acentuada, quanto maior for a velocidade desenvolvida?
R — Isto se prende à lei na qual se baseia a dita Transformação de Lo-renz* . É uma equação ligando o sistema em relativo repouso ao em movimento. Para a comparação entre os dois sistemas é preciso que haja uma espécie de "tradução"; a Transformação de Lorenz constitui a tal ponte entre os dois.
P — Quais os algarismos obtidos com esta equação?
R — Eis uma tabela da dilatação do tempo que lhe mostrará o tempo que se passa na Terra e o tempo que se passa, em intervalo paralelo, a bordo de uma espaçonave em movimento.

Duração do vôo de ida e volta, para a cápsula espacial	Duração total do vôo para as pessoas que permanecem em Terra	Distância do ponto de retorno (em parsecs)
1 ano	1 ano	0,018 pc
2 anos	2,1 anos	0,075 pc
5 anos	6,5 anos	0,52 pc
10 anos	24 anos	3,0 pc
15 anos	80 anos	11,4 pc
20 anos	270 anos	42 pc
25 anos	910 anos	140 pc
30 anos	3.100 anos	480 pc
35 anos	10.600 anos	1.600 pc
40 anos	36.000 anos	5.400 pc
45 anos	121.000 anos	18.000 pc
50 anos	420.000 anos	64.000 pc

Aceleração: 9,81 m/seg^2 1 pc = 3,262 anos-luz = 3,0857 ■ IO^{12} km

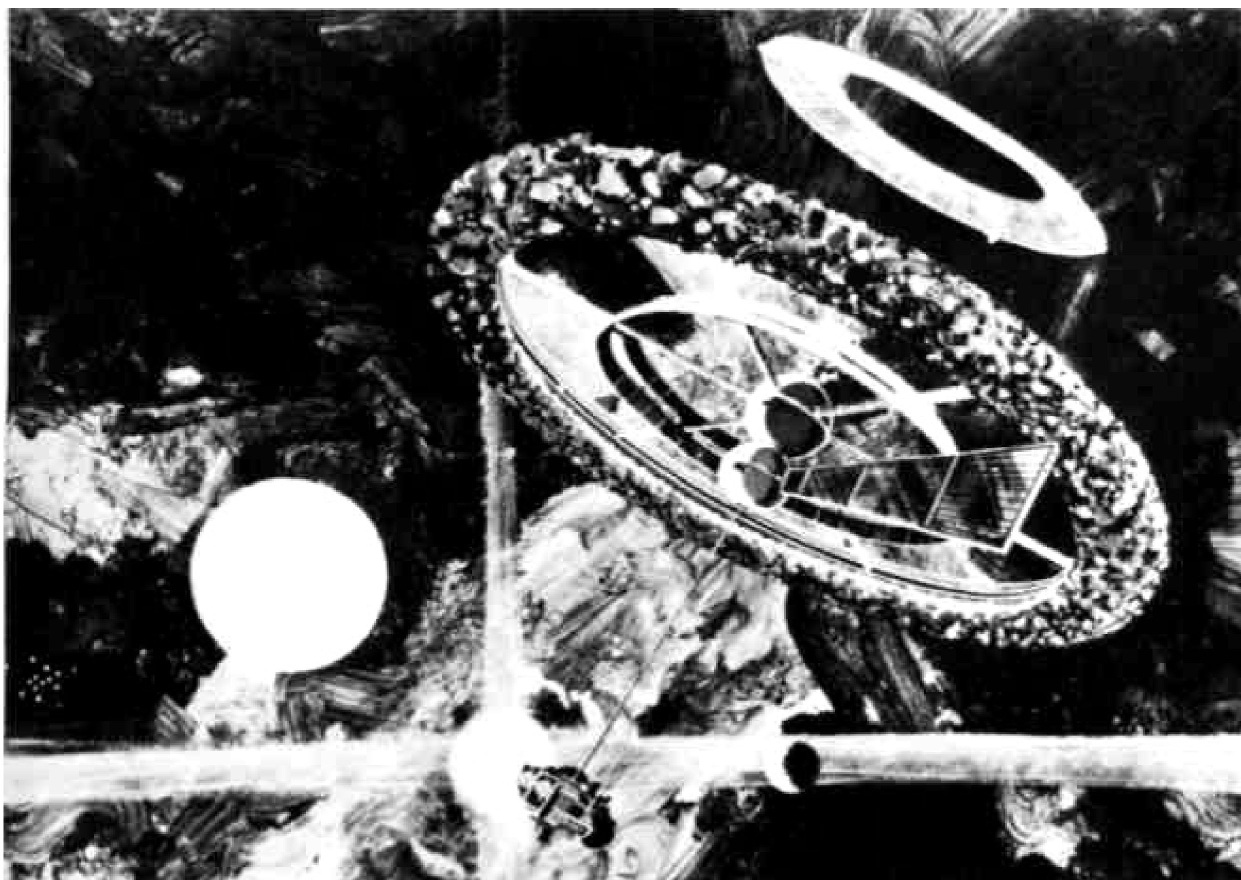
P — Receio que esse processo tremendo não possa ser compreendido por uma pessoa sem noções de Física e Matemática. Será que poderia ser demonstrado de uma maneira acessível ao leigo?
R — Suponhamos que aqui, em nossa frente, há um carrinho de mão com uma bola sobre a sua plataforma de carga. Se, de leve, empurrarmos a bola, ela se movimentará na plataforma. Porém, se colocarmos em movimento o próprio carrinho, esta sua aceleração influi na bola sobre a plataforma. É um processo físico. A aceleração de um foguete influiria da mesma forma nos processos físicos.
P — É justamente isto o que não se compreende; por que esses processos de decorrência física diversa, em sistemas diversos, influiriam também na idade biológica das pessoas neles participantes?
R — Para compreender isto, cumpre avançar mais um passo no terreno complexo do sistema da Química. A rigor, processos químicos não passam de processos físicos, pois também "obedecem" a leis físicas. Como, no entanto, se trata de combinações materiais, não deixam de ser de natureza física... e, por conseguinte, sujeitas às leis da Física. Agora, daremos mais outro passo adiante. Em última análise, os processos biológicos não passam de complicados processos químicos; e, assim sendo, também os processos biológicos decorrem conforme o estado do movimento do sistema. Isto faz com que até o envelhecimento do homem obedeça a leis da Física.
P — Destarte, o processo biológico e a sensibilidade subjetiva seriam iguais, no irmão gêmeo, a bordo da nave espacial, e no irmão gêmeo na Terra. Cada qual por si tem a impressão do seu relógio estar certo e de avançar em idade de uma maneira perfeitamente normal!
R — Certo, naturalmente. Só depois da volta do irmão astronauta, quando compararem os seus

relógios, verificarão que o tempo passou de maneira diferente para um e para outro.
P — Quais as opções de controle para o astronauta, a fim de saber em quanto difere a sua idade da do irmão que deixou na Terra?
R — Em certos intervalos, o irmão astronauta deveria comparar o seu relógio com o do seu irmão gêmeo, na Terra. Enquanto a espaço-nave ainda estiver ao alcance das comunicações radiofônicas, tal comparação seria possível.
P — Nos debates sempre se torna a afirmar que os efeitos da dilataçao do tempo se fazem sentir em um sentido de direção, somente; na volta seriam anulados pelo efeito do retorno.
R — Quem fizer tal afirmação não compreendeu a Teoria da Relatividade! Quem assim argumentar, provavelmente, se refere à Teoria da Relatividade Especial, que não trata de sistemas acelerados. Essa teoria trata somente de sistemas que se aproximam um do outro, com velocidade uniforme, constante. Todavia, em se tratando dos efeitos da dilataçao do tempo, cumpre ir além dessa Teoria da Relatividade Especial, pois então os dois sistemas deixaram de ser equivalentes. Está simplesmente errada a noção de, na volta, o processo de envelhecimento ficar anulado.
P — Professor, o senhor já teve oportunidade de explicar a um biólogo inteligente a maneira de como agem na prática os efeitos da dilataçao do tempo?
R — Não, porque já faz tempo que o biólogo inteligente compreendeu o processo. Um biólogo moderno deve conhecer muito, mas muito mesmo de Física; sem a Física, a Biologia Molecular não tem sentido.

Agora, com essas explicações do efeito da dilatação do tempo, prestadas por um cientista da competência do Prof. Lüscher, faço votos que, uma vez por todas, os meus adversários me darão licença de recorrer a esta lei física, na comprovação de minha teoria. Esta lei foi válida em todos os tempos. Por exemplo, quando, apenas 40 anos atrás, colegas de outras estrelas tivessem decolado a bordo de uma espaçonave, aqui, no planeta Terra, ter-se-iam passado 36.000 anos! Quem pode saber, quando e quantas astronaves partem em suas missões, de qualquer ponto do universo? Eu não iria ficar surpreso se, um belo dia, uma tripulação bem humorada descesse de sua nave, logo em frente da porta de minha casa ...

SIGO UM CONSELHO DE JÚLIO VERNE

Uma hora atrás, uma pessoa de reconhecidos dotes telepáticos conseguiu estabelecer ligação com Júlio Verne, o inaugurador do romance téc-nico-utópico, falecido em 1905. Eu queria consultar aquele venerável senhor, por recear que a minha fantasia pudesse me levar para longe demais e me fizesse cometer excessos.
A seguir, transcrevo na íntegra a entrevista telepática:
P — Aqui fala von Däniken. Prezado mestre, acabo de voltar da América...
R — Bom dia, sr. von Däniken. Sei que fez esse roteiro em cinco horas e meia. Faz tempo que virou disparate a minha idéia maluca de uma viagem ao redor do globo em 80 dias. Bem que gostaria de viver, agora, no seu tempo...
P — Contudo, o senhor não deixou de adiantar-se ao seu tempo! Mas, não é bem isto o que queria falar-lhe...
R — Caro amigo, se quiser fazer prognósticos para o futuro, posso dar-lhe um conselho só: continue partindo da premissa das suposições realistas!
P — É justamente a este respeito que queria pedir a sua opinião. Em um novo livro, que estou escrevendo agora, pretendo afirmar que, por volta do ano 2000, poderá haver no universo uma cidade-saté-lite, com 10.000 habitantes, que lá viverão, trabalharão, pesquisarão, produzirão, criarão seus filhos, serão auto-suficientes quanto à sua alimentação e, dessa sua cidade, ainda fornecerão energia aos habitantes da Terra. O que o senhor acha de tal idéia? Seria viável?
Não veio resposta. Houve um forte ruído no ar; depois de amainado o barulho, tornei a perguntar:



Modelo da primeira colônia humana no espaço sideral, planejada para abrigar 10.000 pessoas. Em sua qualidade de projeto bilateral da NASA e Universidade de Stanford, poderia ser executado ainda antes do fim do século XX. É apenas questão de dinheiro.

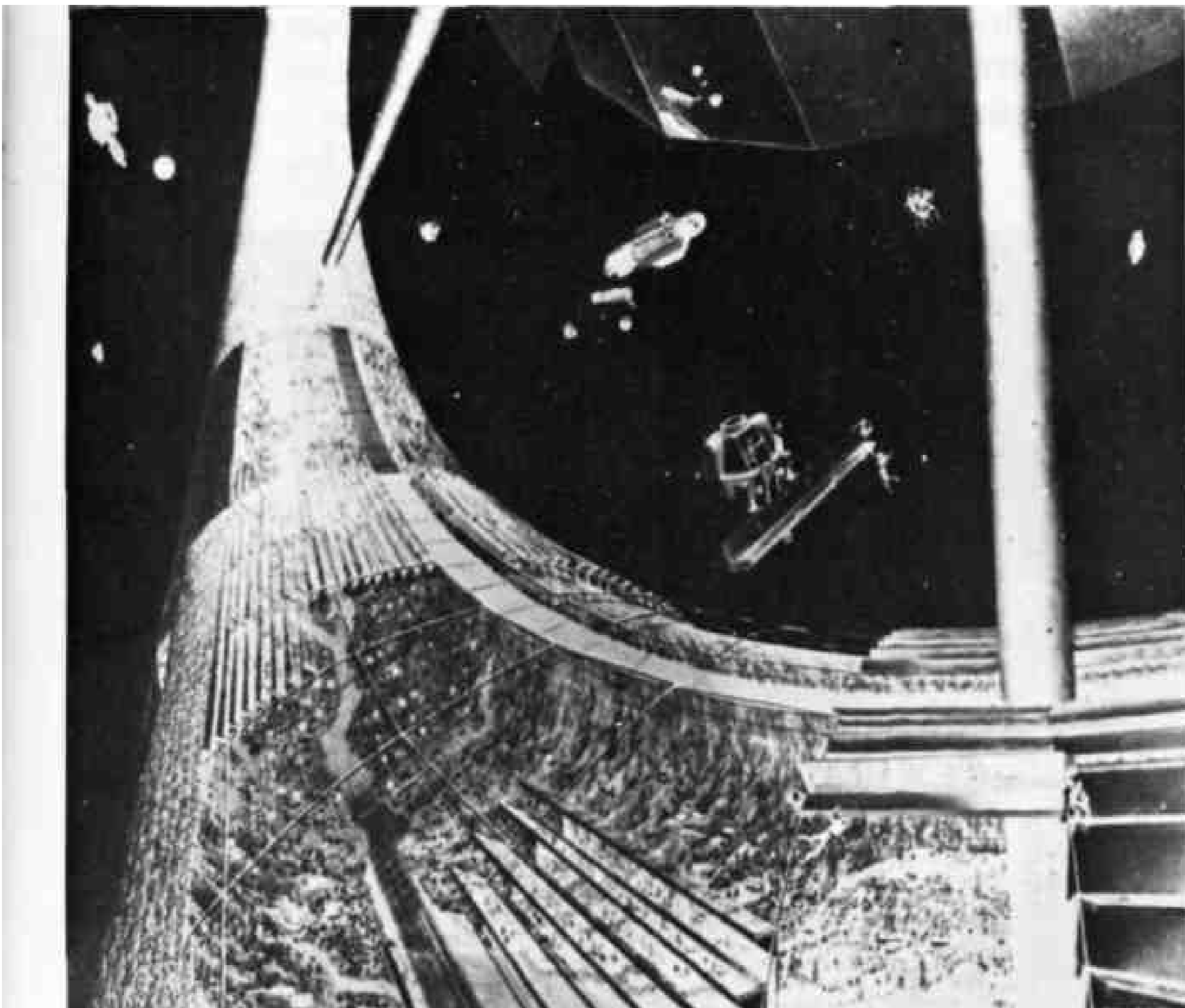
P — Acha o senhor que eu possa oferecer esta idéia a meus leitores?
R — Desculpe, meu caro sr. von Däniken, mas tive de dar uma gargalhada e algumas pessoas graduadas, que se encontravam perto de mim, fizeram coro. Talvez tenha até ouvido como estávamos rindo. Mas, como o senhor pode conceber idéias tão absurdas? Faço-lhe uma severa advertência contra tais fantasmagorias. Não deve escrever tal coisa, ninguém iria aceitá-la. Uma estação espacial com 10.000 pessoas? Não; é melhor o senhor refrear a sua fantasia e ficar dentro daquilo que é tecnicamente viável!
Pois bem. Conforme o conselho dado pelo ancestral da literatura de ficção científica, restringirei a minha fantasia àquilo que é tecnicamente viável. Aliás, foi isto o que fiz, até agora.
Tenho em minha frente quatro fontes distintas, falando das viabilidades técnicas de um projeto, a saber:
Desde já, a idéia de uma estação espacial para 10.000 pessoas está numa Colônia humana de 2000 pessoas no espaço sideral, no ano de 11 de maio de 1976 dentro de nossas possibilidades técnicas. Foi esta a conclusão tirada por uma equipe de 28 professores e técnicos, que estudaram o problema por ordem da Universidade Stanford e da NASA. A estação espacial, a ser colocada em órbita, em um ponto eqüidistante entre a Terra e a Lua (que está a aproximadamente 384.000 km) e que requereria uma verba da ordem de cem bilhões de dólares, poderia estar pronta para entrar em funcionamento até fins deste nosso século. A sua construção far-se-ia em dois estágios, a saber: primeiramente, seriam montadas uma estação espacial para 2.000 pessoas, a ser colocada em órbita terrestre, bem como uma estação lunar, de capacidade menor. A partir da Lua, os elementos de construção, obtidos com material lunar, seriam transportados para o cosmo e lá montados. Da Terra seriam fornecidos tão-somente carbono, hidrogênio e nitrogênio. A estação espacial completa, projetada para perfazer uma rotação por minuto, a fim de produzir gravidade artificial, teria a bordo de tudo quanto fosse essencial à vida: campos e prados se estenderiam por 800 m diante dos olhos dos povoadores, a

água potável seria constantemente regenerada e o ar seria bem mais puro do que aquele das cidades terrestres. Antes de entrar nos pormenores desta breve notícia, tomo a liberdade de fazer uma pequena observação pessoal.

Quando, em 1968, enviei à minha editora o manuscrito do livro "DE VOLTA ÀS ESTRELAS", logo chegou uma carta, indagando se não seria preferível suprimir o capítulo "A esfera — Forma ideal para Veículos Cósmicos", pois os técnicos consultados a respeito reputaram esta minha suposição como mera especulação de um autor de ficção científica, que não podia ser documentada e, ademais, altamente improvável. Outrossim, esta minha idéia de produzir gravidade artificial, mediante a rotação, não passaria de uma hipótese bastante fantasiosa. Considerando estes pontos, a editora sugeriu que eu concordasse com a supressão dessas passagens, a fim de não prejudicar a credibilidade das minhas teses restantes.

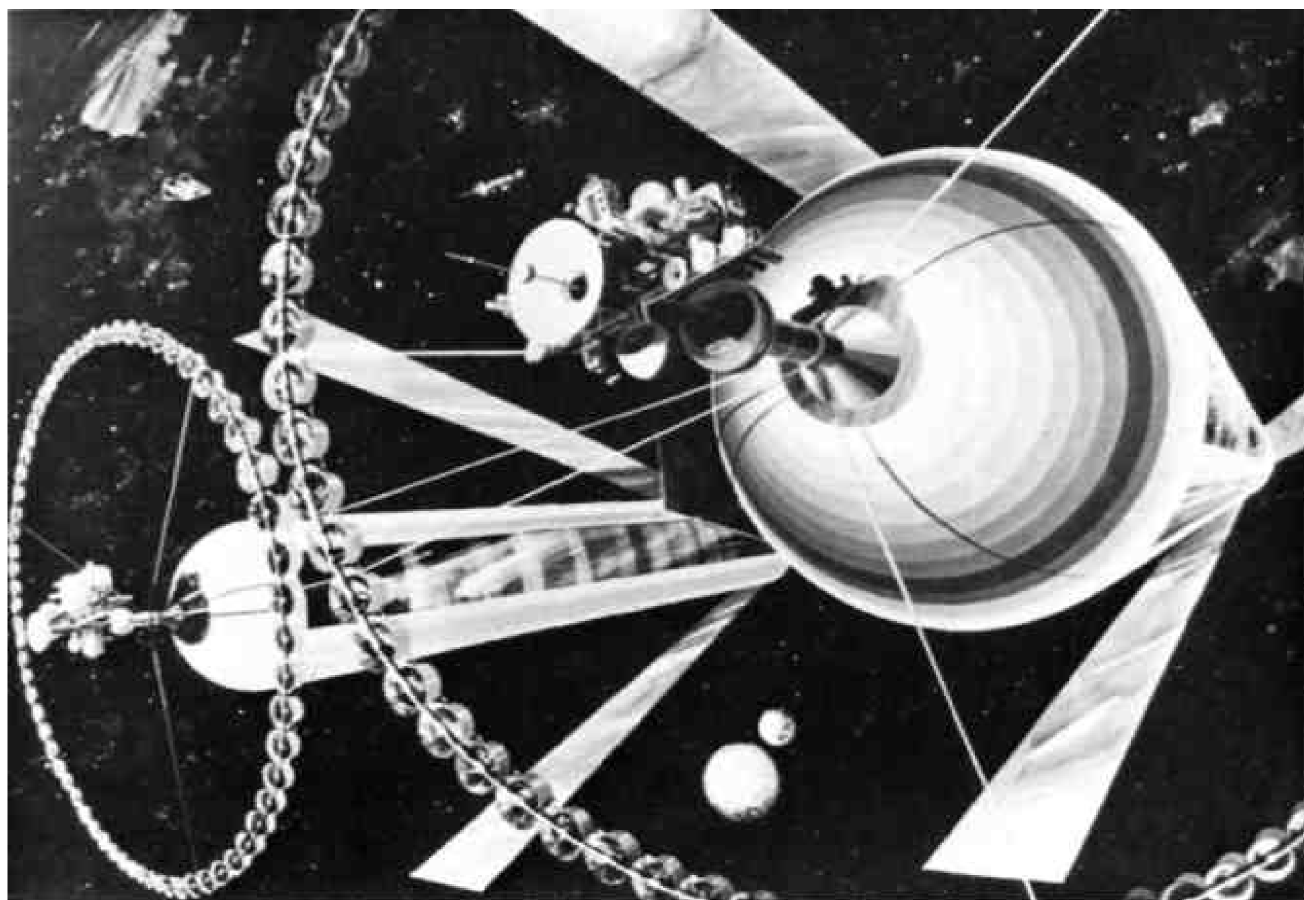
Não concordei com a supressão sugerida. A bem da verdade e em homenagem à minha editora, devo deixar registrado aqui que ela sempre adotou uma atitude corajosa ao publicar, sem qualquer alteração, todos os meus postulados, até os mais arriscados e controvertidos. Por outra, é do meu conhecimento (confidencialmente, bem entendido!) que, a exemplo do que aconteceu com a editora Macmillan de Nova York, também a Editora Econ teve dificuldades com seus outros autores, receosos de prejuízos ao seu bom nome, ao terem suas obras lançadas junto com as de um "doido".

Pois bem. A esta altura, as pessoas que duvidaram de minha afirmação dizendo que seriam esféricas as espaçonaves do futuro, poderão verificar que nisto eu não estava tão errado assim, considerando a forma da projetada estação espacial gigante, tecnicamente viável. Quanto à produção da gravidade artificial, este item já consta como um fator quase certo de todos os projetos para o futuro.



Vista parcial da primeira colônia humana no espaço sideral, mostrando uma zona agrícola.

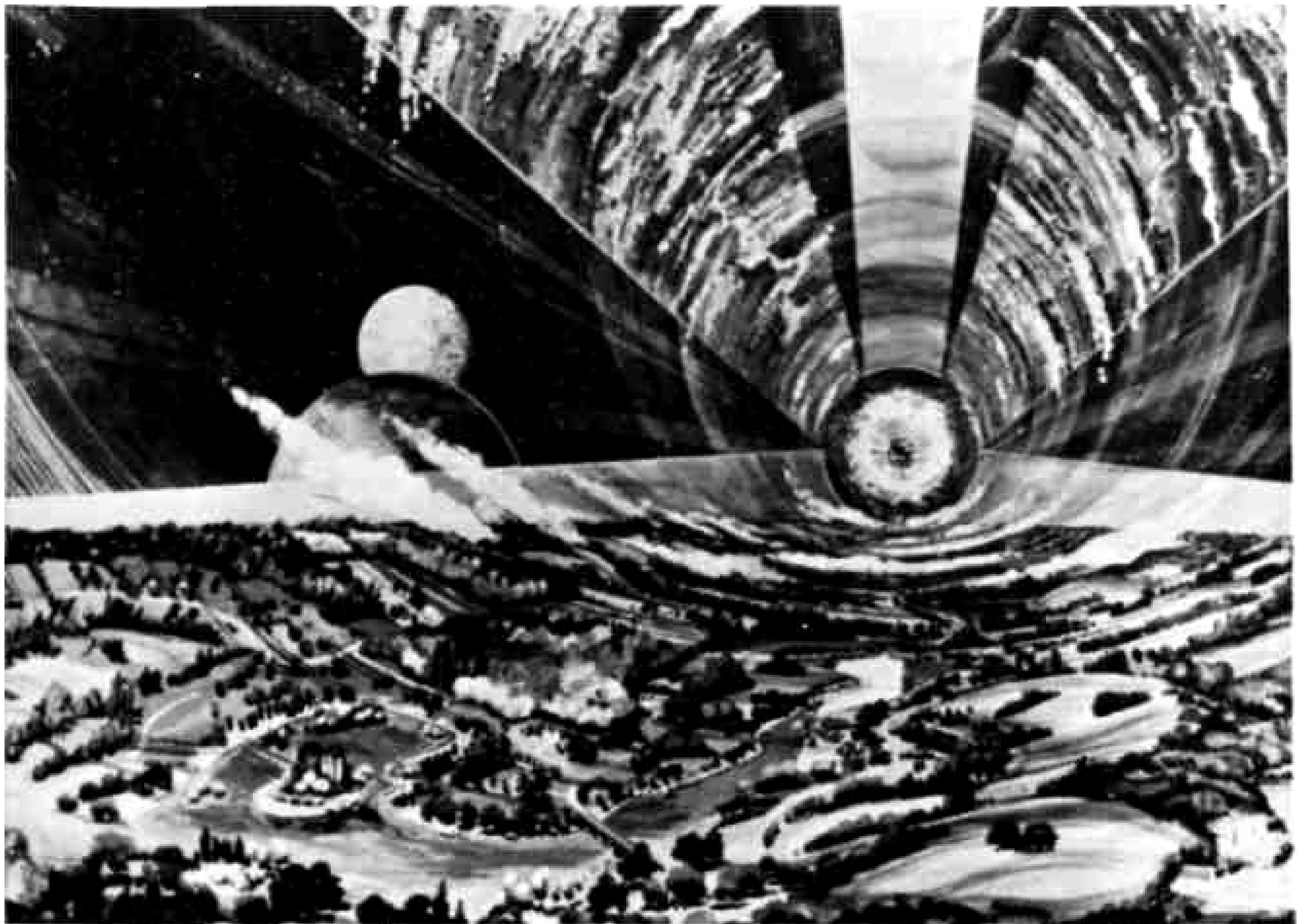
A cidade cósmica A cidade cósmica deverá ficar localizada no chamado ponto de libração (L = 5), lá onde combinam as gravitações da Terra, da Lua e do Sol, garantindo, assim, uma pista de vôo estável. A gravitação da Lua perfaz somente 1/20 da da Terra. Por conseguinte, o dispêndio de energia para o transporte do material da Lua para o cosmo requer somente uma vigésima parte do dispêndio a partir da Terra para o cosmo.
Em seus projetos, os cientistas e técnicos basearam-se exclusivamente nas realidades técnicas, hoje ao nosso dispor. Primeiramente, será despachado um comando avançado de 2.000 engenheiros de minas para o ponto L = 5. Esse destacamento ficará alojado em quartéis e trabalhará em oficinas pré-fabricadas; a partir do início dos anos 80, a firma Boeing já terá pronto para entrar em funcionamento o sistema de transporte para essas cargas pesadas!
Graças às amostras de pedras lunares, fornecidas pelas missões APOLLO, tem-se como certa a existência de ferro, alumínio, titânio e magnésio na Lua. Essas matérias-primas devem ser processadas por metalúrgicos e usadas na construção da primeira colônia humana no espaço sideral. Outrossim, há energia em abundância para todo esse processamento; é a energia solar!
Em sintonia com os trabalhos do comando avançado, será estabelecida uma estação na Lua, cujos equipamentos e instalações completos devem ter o peso total de 15.000 a 50.000 t, conforme as previsões. Prevê-se também a construção de uma pista de decolagem para espaçonaves-carguei-ras. A construção do primeiro estágio está prevista para ser executada em apenas dois anos.



Segundo as previsões, a partir da primeira colônia humana no espaço sideral, os seus habitantes poderiam construir a segunda colônia, bem maior, que abrigaria entre 200.000 e 3 milhões de pessoas. As zonas residenciais, em forma de cilindros, medem 32 km de comprimento e 6.400 m de diâmetro.

A matéria-prima extraída do solo da Lua será "lançada" ao ponto L = 5, onde será recebida por

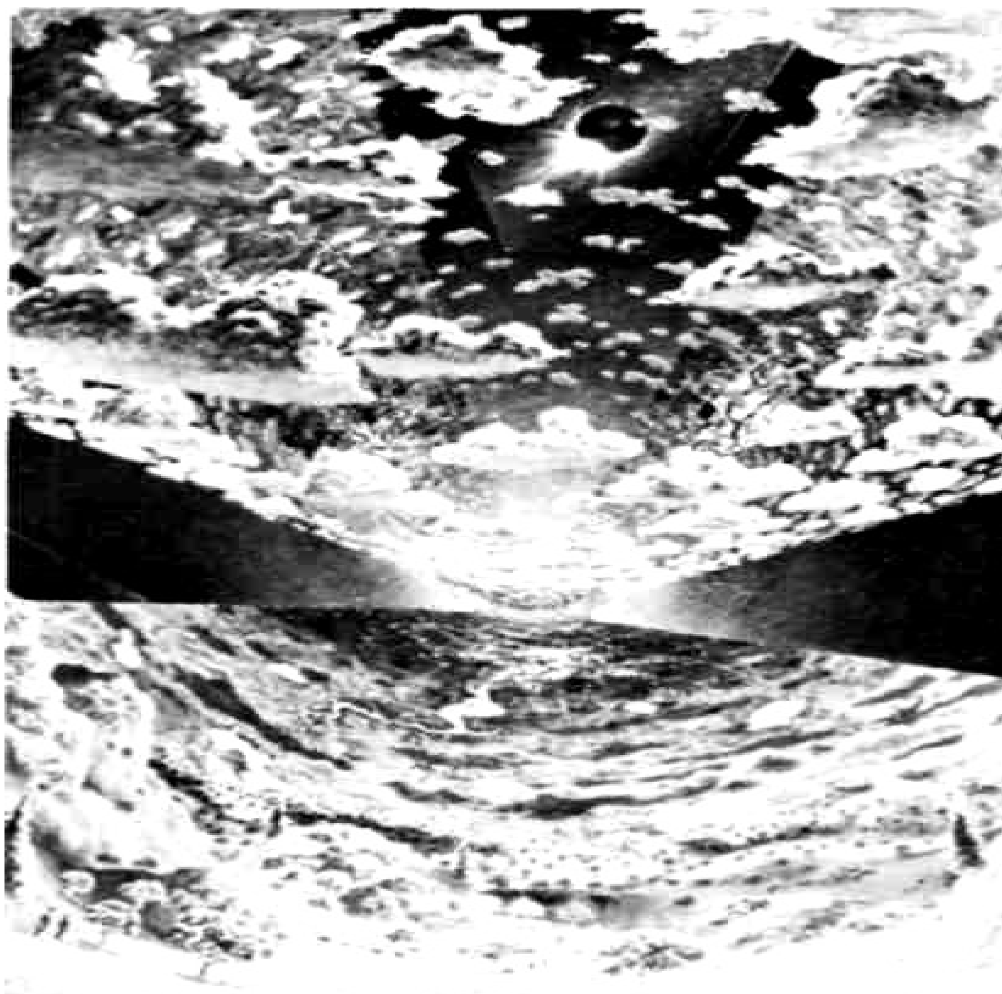
especialistas de todas as faculdades. O material lunar será compactado na forma de cilindros gigantes, de 100 m de espessura e 1 km de comprimento cada, e apresentando as seguintes camadas: metal/vidro, metal/vidro. Sobre este corpo serão montados espelhos móveis, para refletirem os raios solares para o interior do cilindro.
A estação completa perfará uma rotação por minuto em torno do seu próprio eixo e as forças centrífugas, assim produzidas, garantirão aos colonos as condições de vida, com as quais estavam acostumados na Terra. Ali, ninguém e nada flutuará no ar, conforme o conhecemos do estado isento de gravidade dos astronautas e tudo ficará firmemente plantado no chão. A bordo da estação espadai, cada objeto terá o seu peso normal.
O segundo grupo, de 2.000 pessoas, entre homens e mulheres, terá como tarefa expandir o terreno para a colonização completa, a qual terá então, 10.000 pessoas.
Os responsáveis pelo projeto global não cuidaram somente de sua parte técnica, mas sim, preocuparam-se também com a qualidade de vida a ser levada pelos colonos no espaço sideral. Haverá árvores e florestas, lagos e rios. Criações de gado garantirão o fornecimento da carne, e cabras darão o leite. Não está previsto levar bodes pára o espaço; no caso de faltarem cabras, recorrer-se-á à inseminação artificial.



Dentro dos cilindros há paisagens, "iguais às terrestres". No intervalo de 114 segundos, o cilindro perfaz uma rotação em torno do seu eixo e, destarte, produz gravidade artificial, ou seja, um estado de gravidade igual ao existente no planeta Terra.

O Dr. Thomas Heppenheim, engenheiro aeronáutico do Instituto de Tecnologia da Califórnia, falou ao periódico "NATIONAL ENQUIRER": Na cidade cósmica projetada, a vida será mais amena do que na Terra e, outrossim, lá haverá de tudo que for necessário a um crescimento em maior escala. Nenhuma safra falhará. Os primeiros 10.000 habitantes residirão em apartamentos-terraços, dotados de todos os requintes da moderna cultura de habitação. De suas janelas poderão olhar para campos cultivados e parques verdes. A vida será agradável e cheia de sol. A

gente poderá trabalhar em mangas de camisa.
O Prof. Gerard O'Neill, da Universidade de Princeton, físico especializado em alta energia, de renome internacional e membro destacado do grupo de pesquisas e planejamento, opina que uma segunda cidade cósmica, a ser construída pelos colonos, habitando a primeira estação espacial, já alcançaria a extensão de 30 km e poderia abrigar uma população de 200.000 almas. Graças à sua auto-suficiência quanto a energia e alimentos, também os habitantes dessa segunda cidade cósmica seriam in- dependentes da Terra. O Prof. O'Neill não duvida que, dentro dos próximos cem anos, 90% da população terrestre poderão habitar tais colônias humanas no espaço. Ele diz:
Esta vista, tomada da ponta do cilindro habitacional, mostra o cair da noite. Em ambos os lados, espelhos móveis, dispostos em ângulo reto, levam a luz solar para o interior do cilindro; regulam as estações do ano e controlam o decurso do dia e da noite. A atmosfera no interior do cilindro é idêntica à terrestre.

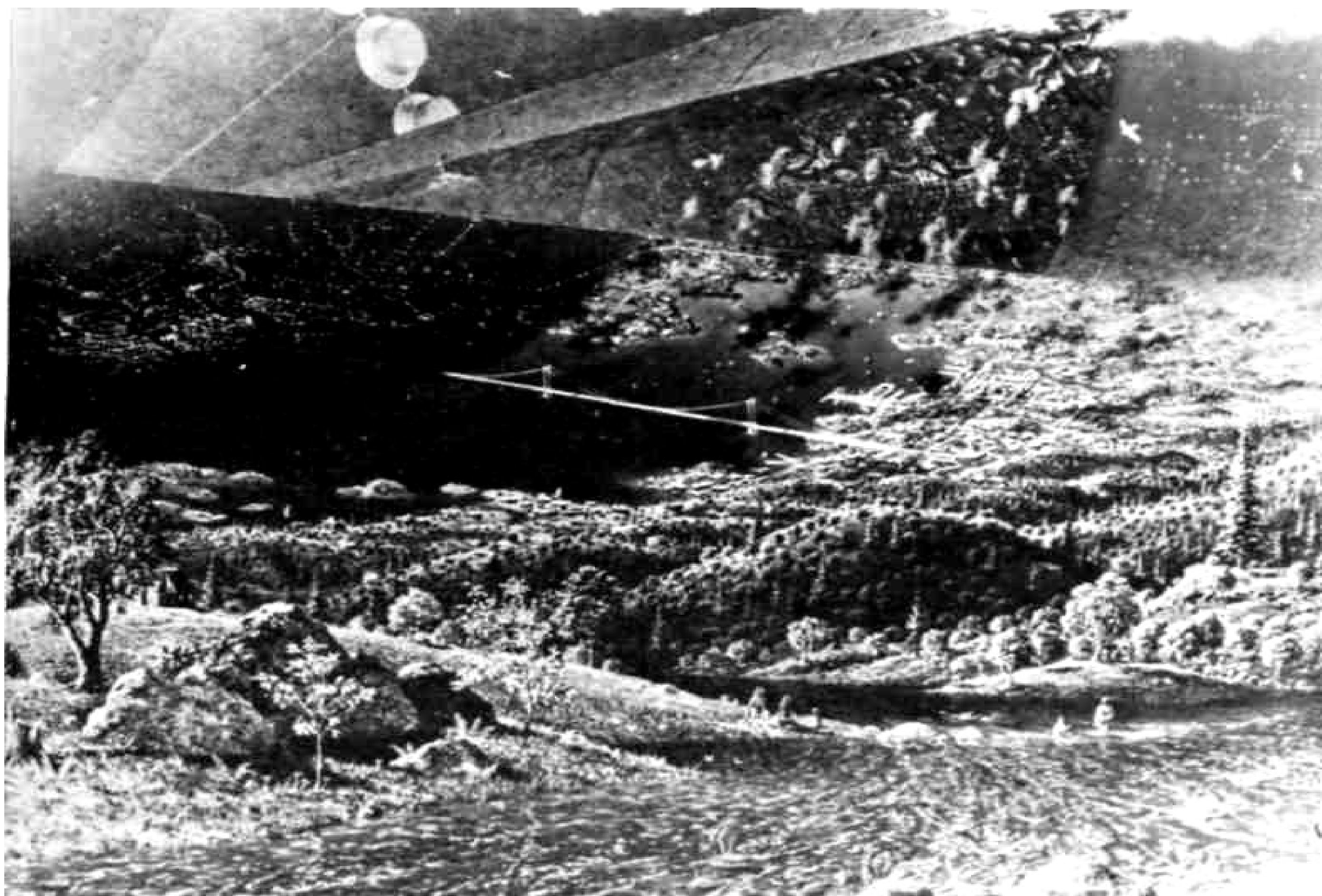


O povoamento do espaço cósmico não é nenhuma ficção científica. Já dispomos da tecnologia necessária e a primeira colônia humana poderia entrar em funcionamento antes do fim deste milênio.
O Prof. O'Neill apresentou ao periódico "BILD DER WISSEN-SCHAFT" tabelas dos projetos, cuja construção foi calculada pelo grupo de pesquisas. A seguir, reproduzimos duas dessas tabelas, para o leitor fazer uma idéia daquilo que hoje é tecnicamente viável.

Modelo	Extensão	Raio	Rotação	Colonos	Ano de en-

N?	(km)	(m)	(seg.)	(N»)	trada em atividade
1	1	100	21	10.000	1988
2	3,2	320	36	150.000	1996
3	10	1000	63	1.000.000	2002
4	32	3200	114	10.000.000	2008

A fim de demonstrar a extensão da cidade cósmica, nesta foto aparece a ponte "Golden Gate", de 2,15 km de comprimento, sobre a Baía de San Francisco, Califórnia, EUA, servindo de termo de comparação. Na parte superior da vista vêem-se os espelhos móveis, em ângulo reto, refletindo a luz solar. Parte da colônia humana no espaço já está mergulhada nas sombras da noite, enquanto a outra parte ainda continua exposta ao sol. Todas as vistas foram desenhadas por Don Davis, segundo projetos da NASA e da Universidade de Stanford; gentilmente, foram-me cedidas pelo Centro de Pesquisas da NASA, em Washington, D.C.



Tudo isto é perfeitamente viável do ponto de vista técnico. O que precisamos é simplesmente dinheiro!
O bom, o caro dinheiro! A verba prevista para o projeto de uma cidade cósmica, realizável em futuro próximo, é da ordem de cem bilhões de dólares. Seria esta uma soma astronômica? Absolutamente. É uma importância da qual se pode tomar conhecimento sem receio, sem surpresa, quiçá, até com prazer, considerando que a verba do Pentágono para o exercício de 1977 atinge a 104 bilhões de dólares. Se os técnicos estimam em "apenas" 100 bilhões de dólares as despesas com os três estágios da cidade cósmica, até o seu efetivo "habite-se", então, até o término dessa obra, previsto para o ano 2000, faltarão a pagar "somente" mais 4 bilhões de dólares por ano, ou seja, uma 25* parte da verba reservada para a defesa, de um só ano! Vamos investir em um projeto que garante juros rápidos e compensadores!
Por ocasião de minha próxima entrevista com o velho Sr. Júlio Verne, vou contar a ele que com essa idéia de uma cidade cósmica, fiquei tranqüilamente na base daquilo que é tecnicamente viável. Ele não vai dar outra gargalhada, não.
Só me resta repetir a minha pergunta-padrão: por que inteligências mais antigas e sob todos os pontos de vista superiores a nós não poderiam ter feito uso daquilo — aplicando-o conforme os seus desígnios — que é do domínio de nossa tecnologia atual e seria realizável hoje.

QUEM ESTARIA A PAR DO GRAU DO PROGRESSO ORA ALCANÇADO PELA PESQUISA?

Como estou convicto do fato de extraterrestres terem organizado as suas colônias em pontos estratégicos, a partir dos quais operaram dentro do universo e que lhes deram condições de até manipular a lei da dilatação do tempo, através da vida lá gerada, foi com grande satisfação que tomei conhecimento do projeto da construção tecnicamente viável de uma cidade cósmica.
A cidade cósmica, "ancorada" no ponto L = 5, trabalha com energia solar. Por isso, esse projeto pode situar-se somente no âmbito da luz solar. Outrossim, postulo a viabilidade de uma

espaçonave das dimensões de uma cidade grande e do seu funcionamento independente da energia solar. Usinas nucleares, as chamadas "geradoras rápidas" (atualmente, em estudos na Europa) podem substituir a energia solar pela energia atômica. O urânio, cujas reservas são escassas aqui na Terra, deverá ocorrer também em outros planetas. Não quero me perder em especulações sobre o tipo de propulsão necessário para a aceleração dessa cidade-astronave. Em todo caso, não será preciso desenvolver altas velocidades, pois, ela bem poderá viajar em marcha lenta. Depois de alguns milênios alcançará o sistema de Alfa-Centauri, se for este o seu destino. Quiçá, somente a 50ª. geração dos astronautas-colonizadores poderá festejar a sua feliz aterrissagem. Pouco importa; pois completaram com êxito uma viagem inte-restelar.
Aquilo que, nos inúmeros laboratórios de pesquisa ao redor do globo, a esta hora, está sendo descoberto, elaborado, construído e acabado para entrar em produção, é do conhecimento exclusivo dos respectivos participantes diretos, cujo trabalho, em sua maior parte, é sigiloso. Nós, cidadãos comuns, não fazemos a menor idéia do que seja. Um belo dia qualquer, um breve noticiário informará do bom êxito de uma pesquisa, a mudar os rumos do futuro. Depois haverá o grande silêncio, durante o qual continuarão, obstinados, os trabalhos para a realização técnica. Todavia, as distâncias entre a Fantasia e a realidade, a idéia e a concretização, tornam-se sempre menores. Quem não quiser passar vergonha diante dos seus filhos, deverá tomar cuidado em externar uma opinião, qualificando de fábula uma idéia "impensável". Nos dias atuais, não falta ocasião para avaliarmos os atributos das botas-de-sete-léguas, usadas pelos nossos pesquisadores, para assistirmos ao espetáculo do seu avanço incrível, em uma só geração, para metas ainda "ontem" consideradas inatingíveis. E, ademais, é preciso lembrar que, para o pesquisador, participando na obra que gerou, o progresso a revelar-se diante dos nossos olhos maravilhados já é coisa do passado, já era, pois desde há tempos está trabalhando em novos projetos "fora de cogitação".
Quando me perguntam de onde tiro a coragem para considerar quase mais nada como IMPOSSÍVEL, sob o ponto de vista tecnológico, posso dar uma resposta somente: porque meu arquivo me ensinou que TUDO é possível. Para tanto, dou apenas alguns exemplos, tirados a esmo.

FOTOS DE ESPIONAGEM, TIRADAS NO COSMO

O levantamento do cosmo, por satélites-espiões, alcançou um nível técnico beirando o inimaginável. Com uma impressão digital radiométri-ca, satélites norte-americanos podem verificar se a datcha de Brejnev está habitada, ou a piscina do Presidente Carter está com a calefação ligada. Por sua vez, os satélites russos podem averiguar se há visita em uma das 18 fortalezas subterrâneas, no deserto do Arizona, onde estão armazenados os foguetes intercontinentais.

TANQUES EMITINDO OS RAIOS DA MORTE

No arsenal de Redstone, em Huntsville, está sendo desenvolvido o primeiro tanque norte-americano, operando com raios laser, representando "um cruzamento entre tanque e submarino", de aspecto um tanto utópico e de cuja torre dirigível podem ser emitidos raios laser, os raios da morte. Dizem que o raio laser — várias centenas de quilowatts por pulso — é bastante potente para penetrar homens, a blindagem de um avião, bem como chapas finas de aço. Um perito do exército norte-americano comentou a respeito desta arma do futuro: "Aquilo passa por tudo, sem qualquer problema"'.

RAIOS DA MORTE — ARMA SECRETA DA INGLATERRA

Somente ontem à noite ficou conhecido o projeto mais secreto do governo britânico, no qual já foram investidos alguns milhões de libras esterlinas, visando acelerar a evolução técnica dos raios da morte, a serem usados contra aviões, foguetes e tanques. Esses raios, que tornam realidade a ficção científica, são potentes a ponto de penetrar grossas chapas de metal. O porta-

voz do Ministério da Defesa falou: "Posso afirmar que se encontram em fase de construção trabalhos prevendo o emprego do raio laser como arma de destruição, para a Marinha, a Força Aérea Real e o Exército.”

RAIOS QUE ATINGEM O CÉREBRO

Charles Bovill, engenheiro-chefe londrino, inventou um artefato novo que, segundo o inventor, é de efeito verdadeiramente humano; não provoca derramamento de sangue, é de facílimo manejo e grande eficácia, mormente pelo pânico que causa. Trata-se de um dispositivo capaz de injetar o ultra-som e a luz infravermelha diretamente no cérebro humano, onde interferem com determinadas correntes elétricas (ondas alfa). As pessoas caem em pânico e simplesmente correm para longe. Sem dúvida, um artefato ideal para dispersar uma multidão amotinada, sem derramamento de sangue.

SETE ARMAS TERRÍVEIS

Essas armas podem provocar a elevação da pressão sangüínea a ponto de, em pouco tempo, causar a morte do indivíduo. Uma superbomba de radiação libera raios X e gama, de alta intensidade. Ela mata com radiação eletromagnética, sem, no entanto, produzir radioatividade.

ARMAS METEOROLÓGICAS

Nas guerras futuras, o granizo, a chuva e a tempestade de neve figurarão como armas. Segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, em Londres, desde há muito tal idéia deixou de ser enredo de romance utópico. Após o emprego de tóxicos vegetais, provocando a destruição de toda uma safra e desfolhando matas extensas, mandachuvas militares estão agora ameaçando o meio ambiente com sua tática meteorológica. Destarte, seria possível travar guerras sem que o mundo o saiba; o malogro de safras, artificialmente provocado, em nada difere de um malogro causado pelas forças da natureza e bem poderia derrotar um país, sem que jamais tivesse sido declarada a guerra.

Técnica nova? coisa velha!

Tenho a impressão de alguém estar detrás de mim, sussurrando ao meu ouvido:

"O que têm a ver com a sua teoria todas essas notícias sobre apocalípticas armas de destruição?”

Muita coisa!

Com base no noticiário e nas matérias a meu dispor, procuro detectar o grau aproximado, atingido pelo progresso da técnica moderna. Sei muito bem que este grau presumível já está ultrapassado, desde há tempos, pois na hora de ser divulgado um novo passo para a frente, tal "novidade" já está bastante superada, do contrário não chegaria ao conhecimento do grande público. Tiro o chapéu diante de tanto zelo pesquisador... mas, não posso deixar de dar um sorriso amarelo. Aquilo que nos espera a título de horrores futuros, é coisa do passado, desde há muito... já era, para ficarmos dentro da nossa terminologia.

De fato, não se trata de armas novas; e, à esta hora, ainda nem alcançamos o nível técnico das armas dos nossos ancestrais. Nos mitos fala-se, de maneira realista, de armas mortíferas, de armas empregadas pelos antigos deuses, que jamais poderiam ter sido idealizadas pelo cérebro primitivo de nossos antepassados remotos. Como os redatores de sagradas escrituras e contadores de mitos nunca poderiam ter feito a menor idéia, sequer, de nossos sistemas defensivos atuais e futuros, deve ter havido uma fonte segura e contemporânea, a fornecer-lhes os dados para sua cobertura dos acontecimentos; tiveram ensejo de observá-los, pessoalmente, no local onde foram registrados.

Assim sendo, em um levantamento de técnicas atuais e futuras, realço sistemas defensivos que já provaram o seu potencial destrutivo em tempos passados.

Como estou bem familiarizado com o meio dos antigos mitos e das escrituras sagradas, animo-me com a idéia reconfortante da probabilidade de visitantes extraterrestres terem dominado e

dominarem com perfeição tudo aquilo que nós, terrenos, logramos idealizar hoje e aperfeiçoaremos amanhã. Para nós, as opções técnicas do nosso presente e futuro podem funcionar como varinhas de condão para sondar o passado.

SERIA O VÔO ESPACIAL INTERESTELAR INTERDITADO PELO FATOR ENERGIA?

Sempre se ouve falar que, tão-somente sob o ponto de vista do fator energia, o vôo espacial interestelar se torna uma missão impossível. Uma espaçonave interestelar, com peso útil de 200.000 t, consumiria quantidades de energia, cujo total ultrapassa o consumo de energia fóssil do mundo inteiro. Será que a salvação e o futuro da humanidade estariam enterrados na energia fóssil?

Um satélite gerando ener gia Em setembro de 1975, durante o 26º. Congresso da "International Astronautical Federation", realizado em Lisboa, recomendou-se urgentemente a construção de um satélite-usina gerador de energia solar. Grupos de pesquisadores que, entrementes, trataram do projeto, planejam um satélite, gerador de energia, a girar em torno da Terra, a 36.000 km de altitude, em órbita estacionaria.

O satélite "consta de um reservatório de células solares, medindo 4 km de largura e 12 km de comprimento, com um sistema de transmissão por microondas, em forma de disco, de 1 km de diâmetro. A eletricidade produzida por tal usina fotovoltaica, geradora de energia solar, com uma potência de 8.000 megawatts, será transmitida, em forma de um jato de microondas, para antenas planas, estacionárias, na Terra, onde, deduzida a perda ocorrida durante a transmissão, 5.000 megawatts estariam então disponiveis para o consumo terrestre."

Sob o ponto de vista técnico, não há obstáculo opondo-se à realização de tais projetos. Temos condições plenas de colocar em órbita o satélite e de lá transportar a energia solar para a Terra. Infelizmente, tais satélites, geradores de energia, servem também como armas. Feixes de raios, provenientes do cosmo, poderiam queimar safras, incendiar cidades e paisagens, derreter o gelo polar e, intencionalmente, provocar um dilúvio. Aliás, o "raio dos deuses", proveniente do cosmo e mencionado nos mitos, não é utopia, jamais o foi.

Economia à base de hidrogênio Pessoas precipitadas bem que gostariam de encerrar o debate sobre as possibilidades do vôo espacial interestelar com o comentário final, dizendo que, forçosamente, a sua concretização esbarra contra o problema energético.

Com os relatórios do "Clube de Roma" e a revolta dos países produtores de petróleo, a opinião mundial toma visível satisfação em abraçar um pessimismo que prevê o fim de todo progresso por causa da falta de energia. Tudo quanto, hoje em dia, andar sobre rodas e tudo o que mover rodas — talvez, com a exceção de estradas de ferro eletrificadas, movidas por força hidráulica — tira a sua energia de nossos escassos recursos de combustível fóssil, a saber: do carvão, petróleo, gás natural, xisto betuminoso. Por outra, também as energias tiradas do urânio, elemento radioativo, encontrarão seus limites, malgrado todo o otimismo atual. A crosta terrestre contém urânio com um teor mínimo de 2 g/t e mesmo essas duas gramas são obtidas em processamentos complicados e dispendiosos de minérios pobres em urânio. As usinas nucleares, como estão sendo "lançadas", a título de "âncora de salvação", nas paisagens de todos os países, ao redor do globo, têm por condição prévia o suprimento de urânio. Céticos sabidos e preclaros que enxergam longe, são de parecer que, nos anos vindouros, quando todas as usinas nucleares, ora projetadas, estiverem prontas para entrar em funcionamento, as reservas (mundiais!) de urânio já terão deixado de existir em quantidades suficientes.

Os recursos energéticos de natureza fóssil não são regeneráveis. Uma vez queimados, somem da Terra — deixando como herança somente os produtos de uma técnica altamente industrializada, obtidos com o emprego de energia. No entanto, tais legados passarão para o lixo da era da prosperidade, desde que, sem novos suprimentos energéticos, se tornam imprestáveis e perdem todo o seu valor.

Apesar de todos esses pesares, não consigo compartilhar do pessimismo generalizado quanto à energia. Recursos energéticos que se vão esgotando devem ser substituídos por outros, novos. Aliás, a partir de agora, novos processos técnicos poderiam deter, de forma decisiva, a grande liquidação final de nossas preciosas reservas de energia fóssil e de matérias-primas. Por

exemplo, os motores de todos os tipos bem que poderiam ser adaptados para funcionarem a hidrogênio líquido (LH_2). Há anos, firmas como a General Electric e a Pratt & Whitney realizam experiências bem sucedidas com o LH_2, para ser usado como fonte de energia. Todavia, antes do seu emprego generalizado, nos veículos automotores, cumpre solucionar um problema técnico: os motores movidos a LH_2 necessitam tanque de volume maior que os atualmente em uso.

O jornal "NEUE ZÜRCHER ZEITUNG" fez o seguinte resumo das vantagens a serem oferecidas por uma futura economia à base de hidrogênio, a saber:

O hidrogênio é um produto totalmente sintético, a ser obtido da água, substância fundamental da vida terrestre, praticamente inesgotável e existente em toda parte.

O hidrogênio é o combustível mais limpo, pois na combustão com o oxigênio produz tão-somente água. Não há geração dos "inimigos do meio ambiente", tais como o $C0_2$, CO, $S0_2$ e de partículas de fuligem, conforme produzidas na queima de combustíveis fósseis.

O hidrogênio, como também suas "cinzas", a água, é uma substância totalmente inofensiva, não tóxica e, portanto, reciclável, ou seja, passa pela biosfera e entra novamente no ciclo normal da água, conforme estabelecido pela natureza. O hidrogênio pode ser armazenado em forma gasosa, líquida ou sólida. O hidrogênio pode ser transportado e distribuído através de um sistema de tubulação.

O hidrogênio é de emprego universal e, desde já, representa uma substância básica em processos químico-técnicos da grande indústria.

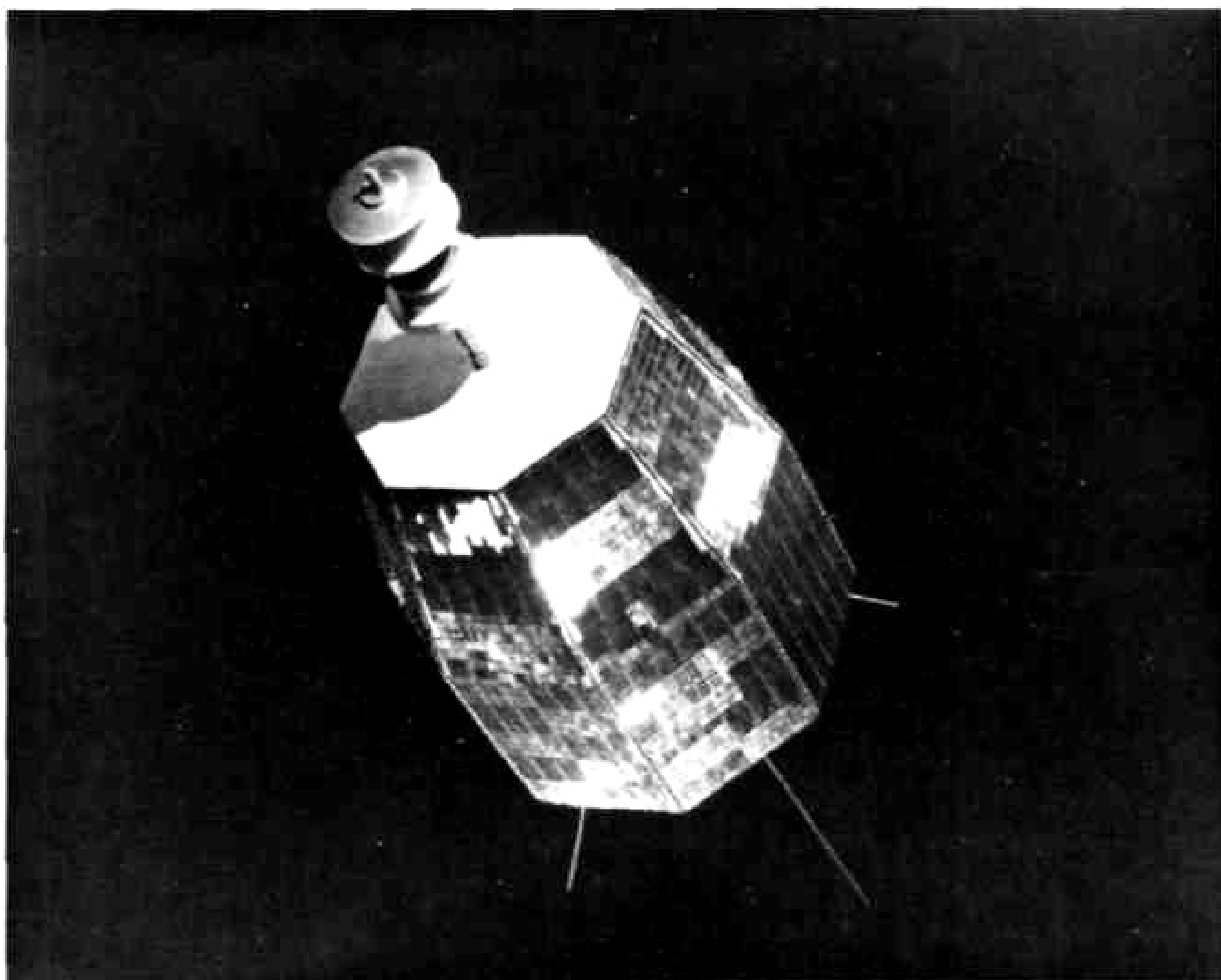
Não, o vôo espacial interestelar não deixará de vingar por causa do problema energético. Só que deverão ser abandonadas velhas e superadas formas de energia.

OS "DEUSES" MODERNOS ESTÃO EM TODA PARTE

Em 1º. de outubro de 1976, havia um total de 8.529 objetos, girando no espaço ao redor da Terra.

Deste total, 794 eram satélites, dos quais 54 eram sondas. E o resto? É o lixo cósmico; são fragmentos de foguetes e satélites, bem como uma luva perdida pelo astronauta Edward White, quando em passeio pelo cosmo.

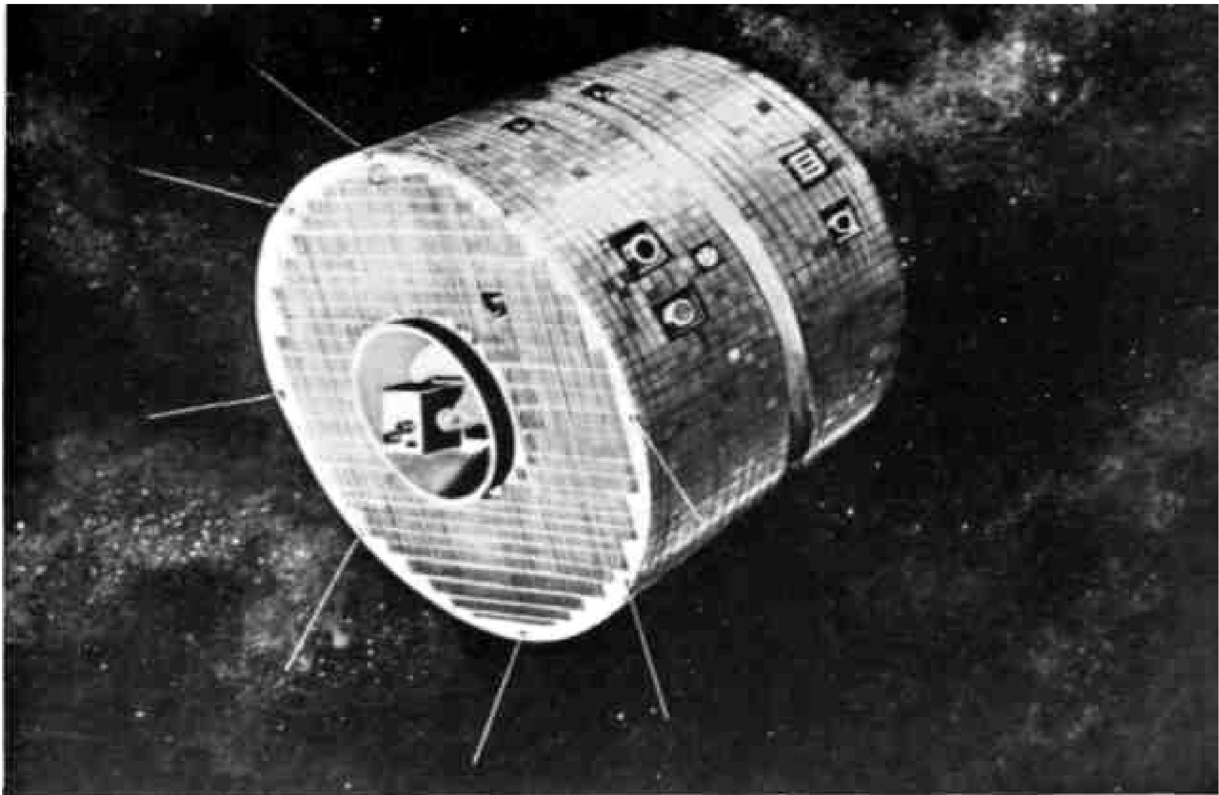
Hoje em dia, como se arrumariam as pessoas sem a invenção do zíper? Para onde iriam olhar, noite após noite, se não houvesse a TV? Seria possível imaginar estes nossos dias sem o telefone, a geladeira, o automóvel e a Coca-Cola? São invenções das quais usamos e abusamos, a exemplo do que fazemos com o trinco da porta, inventado na Mesopotamia, por volta do ano 600 a.C. E, ainda, embora os satélites ficassem longe de nossas vistas, sem eles, desde há muito, não poderíamos manter o nosso costumeiro estilo de vida. O seu olho "divino" está em toda parte.



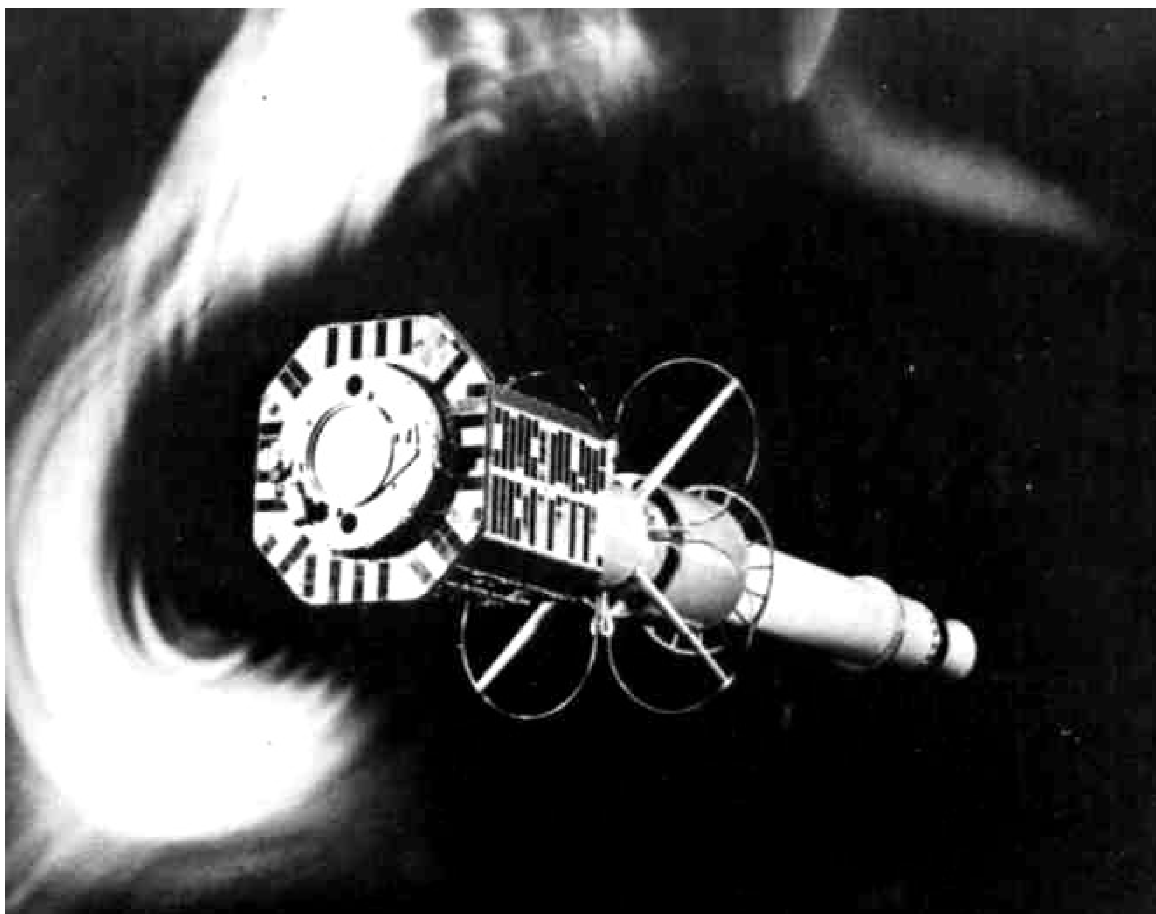
As paredes externas do satélite relê compõem-se de oito camadas de alumínio, em formação alveolar e abrigando 8.215 células solares. Sua função principal é a de transmitir emissões de TV e rádio, bem como telefonemas transcontinentais (via satélite).

Satélites transmitem o noticiário de rádio e TV, telefonemas e programas educativos. Prestam assistência técnica a barcos e aviões, levam para a Terra dados astrofísicos, estão firmemente engajados nas tramas da espionagem leste-oeste. Satélites descobrem nuvens de gafanhotos, assinalam incêndios, furacões e invasões inimigas. Sondam as profundezas dos oceanos, fornecem dados sobre a localização de novas reservas subterrâneas de matérias-primas. Satélites servem para muitas coisas mais, além de previsões do tempo a curto prazo.

Previsões do tempo para um decênio Em meados de outubro de 1975, a NASA lançou o primeiro satélite meteorológico operacional, para uma órbita terrestre, geoestacionária, a 36.200 km de altitude sobre o equador. Em intervalos de 30 minutos, ele pode transmitir imagens da Terra e das nuvens, abrangendo 25% da superfície terrestre. Dentro do espectro infravermelho, o olho do satélite é capaz de cumprir com a sua tarefa, até em noite escura.


Este satélite pesquisa a atmosfera. Determina a radiação ultravioleta na atmosfera terrestre e verifica os processos químicos na ionosfera. Da Terra, e passando por um sistema a bordo, sua órbita pode ser corrigida para alcançar determinado destino.

Este telescópio-satélite foi construído para o fim de medir os raios gama no cosmo.



Isto representa muita coisa, porém, ainda é pouco em comparação com aquilo que está sendo planejado para ser concretizado até 1985; então, uma rede de satélites, de 4 a 6 satélites grandes, em órbitas geoestacio-nárias, sincronizados com o Sol, deverá fornecer e explorar os dados de medição colhidos; esses dados, por sua vez, serão coordenados por um outro satélite. De acordo com a meta preestabelecida, até o ano 2000, deverá haver previsões do tempo válidas por um ano, para áreas regionais e por dez anos, para cada hemisfério.
Os "deuses" modernos estão onipresentes. O olho de Horus está vigilante.
Por enquanto, a função dos satélites é a de observar e transmitir os dados observados. Porém, não está longe a hora em que poderão interferir nos acontecimentos na Terra, emitindo ordens radiofônicas ou... agindo automaticamente. Isto será possível por meio da minicomputação.

Nosso colega, o robô

Estima-se que, atualmente, 500 cientistas trabalham na concretização do computador inteligente. Eles não gostam quando a gente fala que o produto final de suas pesquisas seria o robô inteligente. Mas, mesmo assim, a meta é esta. Sempre afirmam que a inteligência é o privilégio do ser humano e jamais um computador — diga-se robô — será capaz de pensar por si só. Isto não passa de um conto de fadas para uns e um calmante para outros, receosos da técnica futurologista.
A parte da técnica de computador, visando à criação do robô inteligente, chama-se INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA). Os centros da pesquisa IA estão reunidos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidade de Stanford, na Califórnia. Acho conveniente lembrar sempre o robô, ao se falar nos futuros computadores. O computador e o robô são da mesma raça. O cérebro do robô pode receber programas de computador. Onde está situado o limite entre o robô e o computador em um dispositivo técnico, capaz de jogar xadrez com a gente? Computadores são "seres" dotados de grande talento, equacionam complexos problemas

matemáticos de maneira bem melhor e mais rápida do que o seu criador, o homem; — regulam complicados processos técnicos bem melhor e com menor margem de erro do que o seu construtor, o homem; — sabem ler e escrever mais depressa do que o seu mestre, o homem; — possuem memória bem mais responsável e receptiva do que o seu arquivista, o homem; — podem controlar suas atividades em menos tempo do que o seu instrutor, o homem, leva para pestanejar; sabem aprender e combinar, igual ao homem.
Hoje em dia, as grandes clínicas médicas operam com "diagnósticos" feitos por computador. A idade, raça, altura, o peso, as doenças e intervenções cirúrgicas anteriormente sofridas, os medicamentos tomados, o estado clínico atual e os sintomas revelados pelo paciente, todos esses dados são fielmente registrados pelo computador que, em questão de segundos, fornece o diagnóstico. O doente sabe então onde e por que sente dor.
Dizem (e está certo falar assim) que aquilo não é um "saber legítimo"; todavia, no cérebro humano o saber é produzido desta mesmíssima forma, ou seja, mediante a adaptação de impulsos, por meio de impressões, que para lá chegam por via dos sensores, tais como a vista, o ouvido, a epiderme, a língua, bem como a educação, a articulação de palavras e a formação de conceitos, etc. A exemplo do computador, também o cérebro humano tem a sua programação binaria. O cérebro tira suas deduções da soma dos impulsos recebidos. E o que faz o computador? De maneira idêntica, combina, ao rever, comparar e assimilar os dados armazenados e tira as suas conclusões, com base no seu saber. Ele reage. Logo, é um robô. Talvez fosse estranho que até agora ainda não chegou a mandar fazer a sua roupa com um alfaiate da City londrina, mas ainda pode chegar a tanto e, ademais, não nos vamos preocupar com coisas de aparência externa. A rigor, nem a Mona Lisa é "bela", mas ela é muito interessante.
No Japão, os custos operacionais da indústria automobilística são os mais baixos em todo o mundo. A exemplo do que acontece em toda parte, também a indústria japonesa está se automatizando e, para tanto, emprega robôs em número crescente". "Os robôs executam tarefas complicadas, tais como a soldagem pelo arco voltaico de pesadas chapas de aço, ou a prensagem de peças. A empresa NISSAN usa um robô para a solda de enchimentos, que em muito acelera a montagem de carroçarias. Este robô está previsto para futura exportação".
Há muito, os planejadores de vôos espaciais estão de mãos dadas com o colega robô. Sabem que, com a técnica do minimódulo, ele pode chegar a ser o mais importante "homem a bordo". Ele pesa muito menos do que a grande maioria dos astronautas de carne e osso, os quais, não obstante todo o seu saber (fragmentário), apenas podem reunir uma ínfima parte daquilo que o robô tem condições de apresentar numa fração de segundo, fornecendo-o já pronto para o uso, enquanto os "coroamentos da criação" ainda continuam quebrando a cabeça para encontrar o método certo de atingir a sua meta. Esse companheiro técnico, altamente responsável, é imune às doenças; no caso de sentir-se levemente indisposto, dentro de uns poucos nanossegundos, sabe por si só o que deve fazer: simplesmente aperta os botões certos para ficar bom. O computador não come, nem expele. Qual o ser vivo, dotado de tais premissas e vantagens para ingressar no empreendimento do vôo espacial?
Dez anos atrás, sugeri a construção de um supercomputador, a entrar em ligação com outros computadores, localizados em pontos estratégicos. Destarte, todo o tesouro do saber acumulado do mundo inteiro estaria: a) concentrado em um só ponto, b) sempre disponível, c) constantemente atualizado, em um processo de ensino programado e ainda representaria uma fonte de referência muito superior à representada pelo conjunto de todas as bibliotecas, ao redor do globo, com seus bilhões de livros. Na primavera de 1975 li que a República Federal da Alemanha estava prevendo reservar uma verba total de 440 milhões de marcos (= aprox. 2 bilhões de cruzeiros) a fim de, até 1978, armazenar em supercérebros o saber global publicado neste mundo.
Cérebros vivos em armas teleguiadas Na comprovação de minha teoria, em geral, é importante atribuir o devido valor a esse aspecto técnico, parcial. Embora, neste momento, ainda seja futurologia, em dias não muito distantes, um robô estará pronto para o seu vôo espacial, para reagir e... dominar no cosmo, sem o auxílio do homem. Ele "saberá" se e quando satélites inimigos estariam se aproximando de "sua" astronave e os destruirá com raios incandescentes.

Pelos foguetes mortíferos, voando a altíssimas altitudes, ele reconhecerá as pistas balísticas do vôo e fá-las-á explodir. Prevejo um futuro quando, por falta de pessoas dispostas a fazerem serviços domésticos, um robô de atributos perfeitamente humanos, executará essas tarefas de maneira "pensada" e perfeita. Não haverá mais anúncios, tais como: "Urgente — procura-se babá, para certas horas", pois, haverá um robô que irá tomar conta das crianças, com elas brincar e falar.

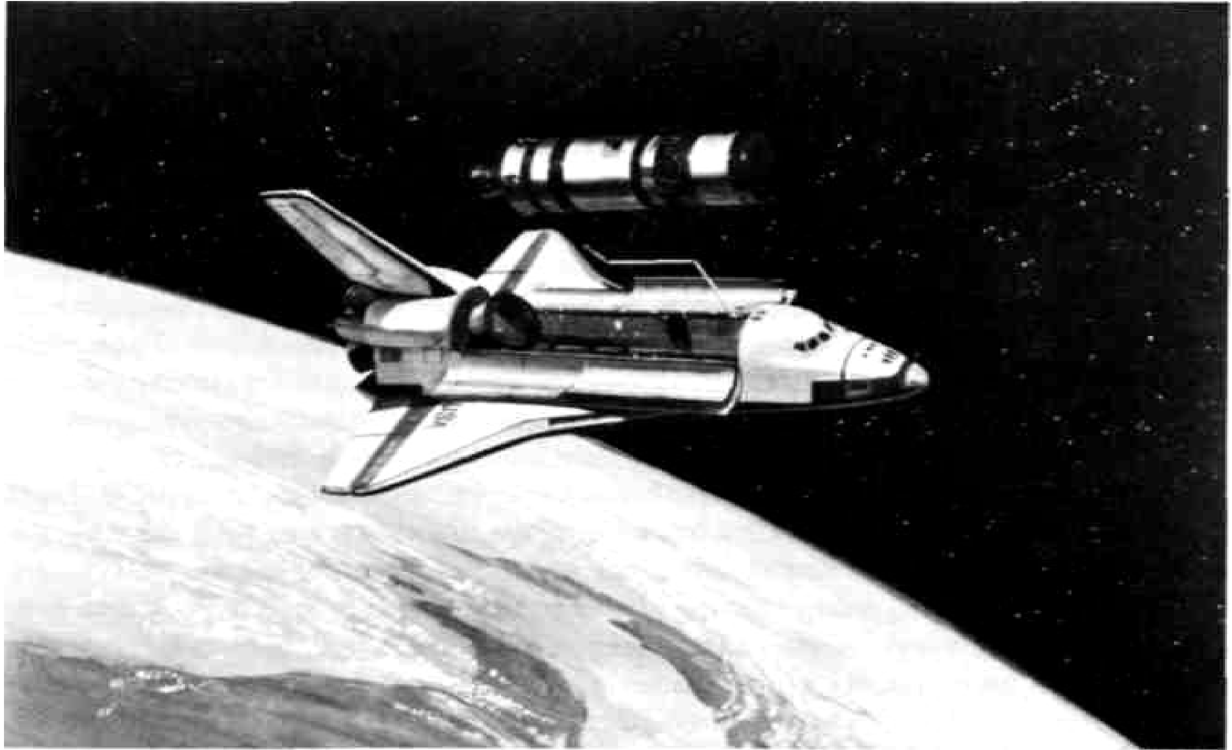
A pesquisa do robô já está bem mais avançada do que pensamos e devíamos saber. O robô-computador inteligente já está diante de nossa porta, que logo mais abrirá, para entrar.

É esta apenas uma das pistas seguidas pela pesquisa, em cujo ponto final o homem perderá, progressivamente, o seu lugar. Todavia, um cérebro com seus muitos bilhões de células, encapsulado no menor espaço possível, ainda é mais, incomparavelmente mais receptivo do que um mero computador. O cérebro vivo tem uma decidida vantagem sobre o computador: está imune à interferência por raios eletromagnéticos. Assim sendo, não são nada surpreendentes os intensos esforços desenvolvidos nos EUA e na URSS, visando ao transplante de cérebros vivos em armas teleguiadas, a título de substituto do computador. Uma notícia publicada pelo jornal "NEUE ZUERCHER ZEITUNG" diz o seguinte: É de se notar que armas teleguiadas, dirigidas por animais, podem ser bastante econômicas e eficazes e, além do mais, são imunes a interferências eletrônicas ... A meta longínqua das respectivas pesquisas será então conseguir com que o cérebro animal, isto é, um sistema biológico de processamentos de dados, muito compacto e de grande capacidade, produza a reação desejada a determinado impulso, criado pela imagem da área do destino.

Mineração no cosmo Certamente, não é só por causa do vôo interestelar que as dimensões cósmicas devam ser vencidas. Até os inimigos declarados do vôo espacial hão de concordar que, em vista dos sempre mais escassos recursos de matérias-primas, no nosso planeta, cumpre envidar todos os esforços possíveis para achar substitutos.

"A mineração no cosmo é viável", declarou Thomas B. McCord, astrofísico do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. "O ferro, níquel e outros metais poderiam ser minerados em asteróides*e transportados para a Terra. Quanto a isso, não há problemas técnicos insolúveis."

Fez-se uma estimativa, indicando que, anualmente, poderiam ser obtidos dos asteróides metais no valor de 140 bilhões de dólares (= aproximadamente 2 trilhões de cruzeiros). Desde há muito, exames ótico-teles-cópicos e de análise espectral revelaram que alguns asteróides, entre as órbitas de Marte e Júpiter, em sua maior parte se constituem de ferro.



O "Space-Shuttle", o astromódulo reaproveitável dos EUA

Peritos em mineração deveriam ser destacados em asteróides, ricos em minérios. Com o auxílio da energia solar, os metais seriam fundidos em barras, a serem despachadas por astromodulos. Um só quilômetro cúbico de material asteróide poderia suprir a demanda mundial de ferro durante 15 anos e a de níquel durante mais de 1.250 anos. Seria esta uma viagem fantasiosa para o país da utopia? Acho que não. Outrossim, a indústria não costuma deixar de sincronizar a sua produção com a demanda. Poderia até surgir nova linha da indústria da confecção em massa, roupa espacial, pronta para vestir, um novo prêt-à-porter, à venda nas casas do ramo, garantindo aos pioneiros cósmicos trajes adequados, conforme manda o figurino. Já se passaram os tempos da roupa feita sob medida para o astronauta Sr. Fulano de Tal. Até a fantasiosa espaçonave "ENTERPRISE", da TV norte-americana, deixou de ser utopia; foi ainda o Presidente Gerald Ford quem mandou que o nome "ENTERPRISE" fosse dado ao "Space Shuttle" — astromódulo reaproveitável da NASA, capaz de realizar várias viagens cósmicas de ida e volta e que, nos anos 80, deverá trafegar entre as estações satélites e a Terra.

PROJETOS INTERESTELARES

Falamos em projetos interplanetários, cuja concretização, em parte, está em andamento, em parte, já se encontra em fase bem adiantada.

O que se dá com o vôo espacial interestelar?

Diversos projetos, com acentuados aspectos de ficção científica, já saíram da fase das pesquisas básicas. Entre esses contam-se também pesquisas médicas e biológicas, visando a aumentar a expectativa da vida humana ou mergulhar o homem em uma espécie de estado de hibernação, a perdurar por um prazo precisamente determinado. Em fins de fevereiro de 1974, o Dr. Albert R. Dawe, do "Office of Naval Research"— Escritório da Pesquisa Naval, em Chicago, informou que conseguiu extrair, do sangue de um esquilo em hibernação, um soro que, evidentemente, provoca o longo período de sono, durante o qual não se gastam energias.

Sabemos que esquilos, ouriços, certas espécies de ursos e ratos entram em estado de hibernação. Um hormônio regula o suprimento de energia e a circulação trabalha em ritmo ultralento. Se for possível aplicar o soro de Dawe no homem, o organismo humano teria condições de vencer a longa duração das viagens em vôos interestelares. Quiçá, mesmo depois

de 200 anos, os astronautas ainda poderiam chegar no seu destino em perfeitas condições físicas. Aliás, o soro parece fazer efeito não somente em esquilos, pois, injetado em um ouriço, em pleno verão, o ouriço não tardou em cair em estado de hibernação, com todas as suas funções orgânicas absolutamente normais, como se estivesse na hibernação, controlada pela própria natureza.
Essas pesquisas biológicas e médicas, visando aumentar a expectativa da vida humana, bem poderiam colaborar no progresso das pesquisas em prol do vôo espacial, sob um outro aspecto, além do de ordem técnica. Tomando por padrão a duração da vida humana, as viagens interestelares serão viáveis a bordo de naves espaciais menos aceleradas, mais lentas!
Será que as pesquisas visam também à construção de astronaves aceleradas?
No horizonte um risco prateado O Prof. Joseph Weber trabalha na Universidade de Maryiand, EUA; é conhecido como um dos melhores peritos em ondas de gravitação. O que seria uma onda de gravitação? Mais de dez anos atrás, o Prof. Weber man- dou construir as primeiras antenas para ondas de gravitação e mediu aqueles sinais de gravitação, postulados na Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein.
Diariamente, muitas estrelas novas surgem em nossa Via-Láctea. As novae, como são chamadas, aumentam sua luminosidade em centenas de milhares de vezes, com uma espontânea explosão de claridade. Sob pressão incrível, o interior dessas estrelas vem sendo comprimido, em um intenso processo atômico. Em poucas horas e dias, energias tremendas são irradiadas: ondas de gravitação.
Com suas novas antenas, o Prof. Weber pôde detectar e medir essas ondas. Esta pesquisa requer um orçamento elevadíssimo, mas vale a pena investir nele. A antena maior é um maciço cilindro de alumínio de 3,6 t de peso, quase 4 m de comprimento e 65 cm de espessura. Protegida contra todas as influências do meio ambiente, a antena para ondas de gravitação fica suspensa em uma câmara de pressão a vácuo.
O Prof. Eric Laithwaite, de Londres, já construiu um aparelho funcionando com base numa força antigravitação e, assim, neutralizando as ondas de gravitação. Diante dos olhos dos repórteres, o Prof. Laithwaite colocou uma caixinha, pesando 10 kg, sobre o prato de uma balança de cozinha. No interior da caixinha, bem visíveis, giravam dois volantes que, propulsionados à eletricidade, se moviam em rotações reciprocamente opostas e extremamente aceleradas. Quando os volantes estavam em pleno movimento rotativo, a caixinha não pesava mais 10 kg, mas sim somente 7,5 kg. A gravidade ficou parcialmente anulada. Segundo o parecer de Laithwaite, futuras espaçonaves serão equipadas com "motores antigravitação". Tais veículos interestelares deveriam ser afastados do âmbito da força de atração terrestre e somente a partir de então, o motor poderia ser movido a energia nuclear, eventualmente também por meio das ondas de gravitação, liberadas nas explosões das supernovas.
O Prof. Laithwaite não é um homem qualquer. É o inventor do motor elétrico linear.
É o seguinte o assunto complexo que, com a bela regularidade do nascer do Sol, invariavelmente vem à tona nas discussões e cartas de leitores a mim endereçadas: "Pois bem, Sr. von Däniken, está tudo certo, mas como acha que poderiam ser vencidas as imensas distâncias interestelares? O atual progresso de nossa Astronáutica permite tão-somente dirigirmo-nos para os corpos celestes, relativamente próximos, tais como a Lua, os planetas Marte, Vênus e Júpiter."
Não sou cientista. Sou apenas um "leigo amador" altamente interessado. Uma equipe cinematográfica rodou um filme sobre minhas viagens e minha pessoa, ao qual deu o seguinte título: "TRAMP BETWEEN THE SCIENCES" — Um Itinerante entre as Ciências. Achei este título muito condizente e apropriado. Se, sem qualquer vaidade, pudesse ser atribuído valor, apenas modesto, ao meu trabalho, então seria o de, com esta minha peregrinação entre as Ciências, eu ter tornado seus limites um pouco menos rígidos e mais permeáveis — tão-somente pelo fato de eu ter conseguido reunir faculdades divergentes para ataques em comum contra a minha pessoa e, assim, provocado a troca de idéias. Não possuo diploma acadêmico em nenhuma das disciplinas relevantes para os meus estudos, mas, em compensação, possuo o dom da combinação, condicionada pelo senso comum, algo que não se obtém por meio de um exame. Portanto, declaro-me solidário com o bom senso comum de todos os meus contemporâneos e

vou absorvendo o sumo das soluções científicas, que tanto admiro e que, na prática, nos proporciona o progresso. Não reúno condições para fornecer um saber pura e absolutamente científico, o qual devo buscar com os representantes legítimos dele. Porém, podem ter certeza de que, sempre, quando na comprovação de minhas teorias eu citar o nome de um especialista, trata-se de uma autoridade altamente competente. Os dados obtidos por esse meio oferecem a desvantagem de serem de difícil compreensão, pois a Ciência pura é pouco acessível à mentalidade do homem comum. A Ciência costuma amassar um pão preto, de crosta bem dura, e se a gente não tomar o devido cuidado, pode até perder os dentes caninos, ao mordê-lo.

O PÃO QUE A CIÊNCIA AMASSOU

A fim de atacar o problema no. 1, ou seja, para saber se, em qualquer tempo futuro, teremos a chance de vencer as distâncias interestelares, entrei na "cova do leão", visitei o Prof. Dr. Harry O. Ruppe, engenheiro, catedrático da Técnica do Vôo Espacial na Universidade Politécnica de Munique, Alemanha Federal. Ruppe não é somente um cientista de renome internacional, mas também um grande prático, que trabalhou com a NASA durante dez anos e lá ocupou o cargo de diretor do Escritório de Planejamento de Futuros Projetos para o Vôo Espacial. A técnica da propulsão de foguetes, aspecto decisivo desses projetos, era então o tema central de suas pesquisas. Perguntei ao Prof. Ruppe a respeito das futuras possibilidades do vôo espacial e, ao contrário do que costumam fazer os repórteres de TV, deixei que o meu entrevistado falasse, quase sem interrupções.



Prof. Dr.
Harry O. Ruppe

Entrevista com o Prof. Harry O. Ruppe

Dizia-se que Einstein teria tido somente dois parceiros para o diálogo, mas eles jamais foram encontrados. À exemplo de como todo mundo ouviu falar de sua Teoria da Relatividade, hoje em dia o conceito "Stress" — Estafa — é de conhecimento geral, embora se ignorasse que foi introduzido pelo prof. Hans Selye, para a sua doutrina da adaptação. Por causa desta sua descoberta, o Prof. Selye foi chamado de "o Einstein da Medicina". Ele queria escrever um livro, tanto para a informação dos colegas, quanto dos leigos; porém, ao escrevê-lo, percebeu que, para informar os colegas, era preciso aprofundar-se na Medicina, a ponto de o livro se tornar inacessível à mentalidade dos leigos. Aí, então, recomendou ao leitor leigo simplesmente passar por cima daqueles trechos que não ia entender mesmo, uma vez que o restante seria

suficiente para explicar a sua doutrina do "Stress". Como, em absoluto, eu não queria que os meus leitores experimentassem o "Stress", peço-lhes depreender da entrevista a seguir somente aquilo que lhes for de fácil compreensão, pois infelizmente não foi possível vazá-la em termos menos complicados!

P — Em apenas duas décadas assistimos a um progresso surpreendente no vôo espacial. A começar com modestos, pequenos satélites terrestres, não tripulados, atingindo somente alguns quilômetros de altitude, chegamos à Lua, até com uma nave tripulada, alcançamos a maioria dos planetas e aproximamo-nos do Sol. Acostumamo-nos com um progresso em ritmo acelerado. Será que esse ritmo será mantido?

R — Em vista dos progressos já feitos, é nada demais supor-se que também as estrelas e até os objetos cósmicos mais distantes não tardarão em entrar na órbita daquilo que for tecnicamente realizável, no desenrolar de um desenvolvimento previsível. Todavia, alguns algarismos podem indicar-nos que não precisa ser forçosamente este o curso dos acontecimentos.

Em questão de minutos, ou uma hora, podemos alcançar uma das órbitas dos satélites terrestres mais próximos, desenvolvendo uma velocidade de 10 km/seg. Ao aumentarmos esta velocidade por uma vez e meia, já entramos no espaço que nos leva para a Lua e os planetas; a viagem para a Lua leva alguns dias e, em roteiro interplanetário, alguns anos. Todavia, neste caso, o movimento próprio da Terra, em sua órbita anual ao redor do Sol, é de grande ajuda.

No caso de fazermos vôos interestelares com velocidades interplanetárias, ou seja, a alguns 10 km/seg, coisa perfeitamente viável, conforme demonstrado pela sonda espacial PIONEER X, então contamos com distâncias de vôo, a vencer, multiplicadas por IO^{4}; expressas em termos de anos-luz, essas distâncias seriam da ordem de 4-IO^{4} anos para o destino mais próximo (= 4 anos-luz) e de IO^{14} anos para o mais afastado (= IO^{10} anos-luz). Embora se estimasse a idade do universo em "apenas" IO^{10} anos, até os destinos mais "próximos" ficam demasiadamente afastados, quando compararmos 40.000 anos com a duração de uma vida humana, ou o período de uma civilização terrestre típica.

P — Será que um especialista como o senhor pode prever algumas possibilidades para o vôo espacial interestelar?

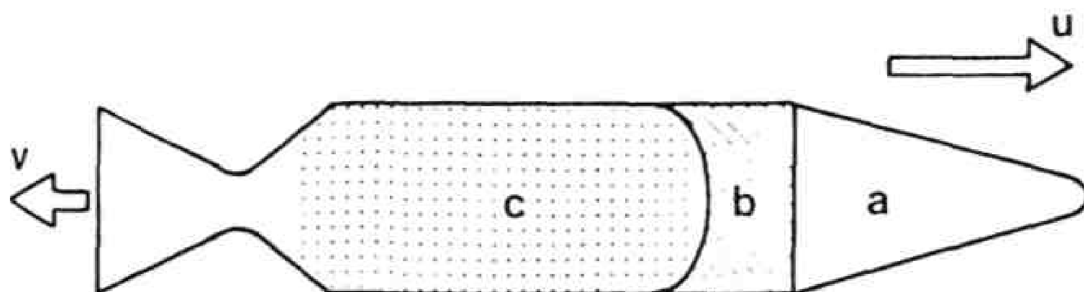
R — Certamente! Para tanto há, por exemplo, as seguintes maneiras de raciocinar:

P — Será que as especulações feitas até agora não nos obrigariam a examinar os limites da técnica de propulsão, conforme os conhecemos atualmente? Talvez as coisas nem fossem tão complicadas assim?

Vôos não tripulados:	Máquinas (robôs) realizam as expedições e transmitem os resultados obtidos para a Terra, em mensagens radiofônicas.
Viagens de gerações:	Despacha-se toda uma colônia humana, que leva a sua própria fonte de energia (mini-Sol) e dispõe de um círculo de vida fechado, autárquico, etc. Quando chegar no destino, o grupo não é, necessariamente, o mesmo que iniciou a viagem.
Desaceleração do ritmo de vida:	Os processos vitais dos astronautas vão sendo retardados (hibernação!), a ponto de envelhecerem muito pouco durante prolongados períodos de vôo.

Conservação da vida:	Levam-se na viagem máquinas incubadeiras, células germinativas e óvulo sem reservatórios apropriados, etc. A vida humana é produzida apenas em tempo útil, antes da chegada no destino.
Aumento da duração de vida:	Eleva-se a duração de vida da tripulação de maneira adequada, para que mesmo em viagens demoradas, se gaste tão-somente uma pequena fração da expectativa da vida humana. Nesta hipótese cabe aos KY-BORGS (abreviatura de Kyberne-tischer Organismus = organismo cibernético*), uma combinação de homem/máquina, desempenhar o seu papel.

- Dentre os atuais e perfeitamente concretos sistemas de foguetes, a propulsão por íons* , que tira a sua energia de um reator nuclear compacto (tipo fissão), representa o de maior capacidade. A aceleração máxima é de alguns 100 km/seg. Todavia, com essas características fica ele desqualificado para o uso no espaço interestelar. A título de demonstração visual para seus leitores interessados em assuntos técnicos, dou-lhe o desenho de um foguete típico (fig. 1). Posso ainda definir este foguete da seguinte maneira: Trata-se de um veículo que leva a bordo o portador integral do seu impulso; não há indicações a respeito das fontes de energia. Freqüentemente, o portador de impulso é idêntico com o portador de energia.



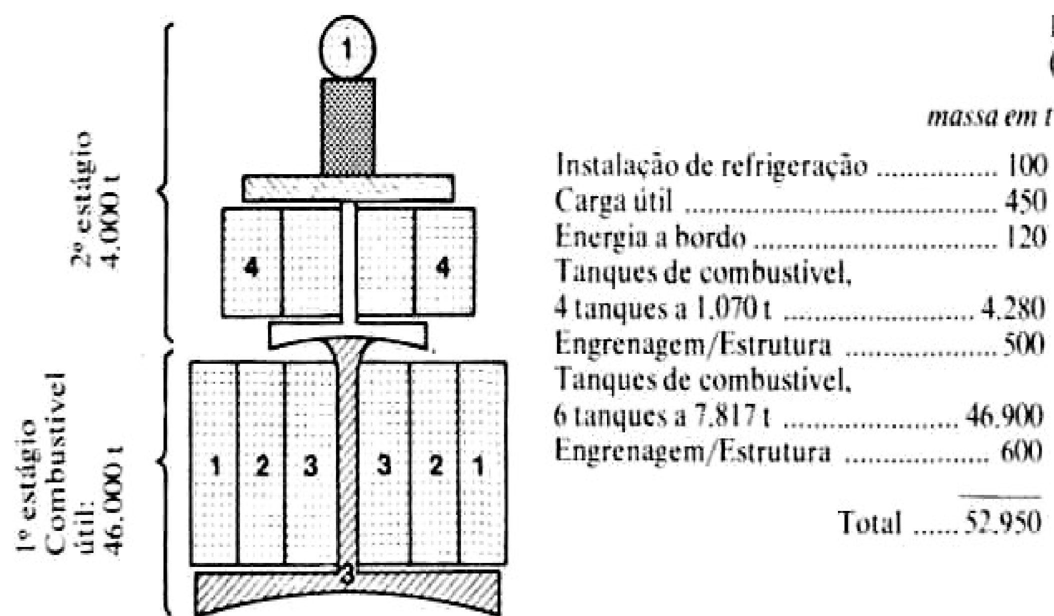
Foguete típico (fig- 1)
Dados técnicos

Foguete típico

Vamos falar, então, sobre o mais capaz dentre os sistemas não altamente especulativos. A fracção a da massa de combustível m é transformada em energia; partindo de um ponto de vista otimista, para a fusão a = 3 • 10"³.

P — Meu caro professor, não entendo uma só palavra!
R — Como não? São fórmulas simples...
P — Decerto, mas, acontece que nada entendo. Outrossim, nem de longe sou perito em foguetes e meus leitores, por sua vez, são leigos, meramente interessados no meu assunto. Eles tampouco poderão compreender as fórmulas científicas!
R — O sistema a ser demonstrado somente pode ser expresso por fórmulas. Aliás, no decurso desta nossa entrevista devemos deparar ainda por várias vezes com esses obstáculos!
P — Permite-me uma sugestão? Vamos colocar no anexo desta entrevista todas as fórmulas inacessíveis à mentalidade de leigos, mas certamente interessantíssimas para os entendidos. Digamos, então: Explicação No. 1, para especialistas!

R — Pois bem. Temos aí o Projeto Daedalus, visando a, eventualmente, possibilitar viagens interestelares; este projeto mereceu exames detidos e teve entre seus colaboradores o meu amigo Alan Bond, da "British Interplanetary Society". A respectiva propulsão por impulso nuclear foi sugerida, primeiramente, nos anos 50, por S. Ulam, dos EUA. A idéia é de fazer explodir bombas atômicas relativamente comuns (fissão atômica), detrás de um veículo, cuja popa está acoplada por amortecedores a uma "chapa de choque". O exame mais aprofundado desse princípio revelou que, em veículos de grandes dimensões, poderiam ser usadas bombas de hidrogênio. A esse respeito, novamente, cabem dados técnicos, específicos. Como o senhor quer que fossem indicados?
P — Explicação No. 2 para especialistas!
R — Muito bem. Os sistemas de impulsos podem, perfeitamente bem, abrir-nos todo o sistema solar, embora ainda sejam necessários alguns aperfeiçoamentos, para a sua operação no espaço interes-telar.
Nesta década surgiu a probabilidade de a ignição de pequenas explosões termonucleares* poder ser feita por raios laser ou elétrons relativistas. Isto permite manter as explosões dentro da ordem de algumas toneladas de T.N.T., ao invés de passar para as megatoneladas, resultantes da ignição por bombas físseis. Cabe aqui a explicação No. 3 para especialistas.
P — Está certo. Poderíamos, por favor, ser um pouco mais explícitos?
R — Dou-lhe um esquema do DAEDALUS (fig. 2), bem como a demonstração do decurso de um vôo usando este sistema de propulsão (fig. 3).
O problema é o seguinte: Um aparelho voador não tripulado, que parte do nosso sistema solar, deve alcançar a estrela de * Reação nuclear, provocada pelo calor. de T.N.T.



Esquema do Daedalus
(fig. 2)

	massa em t
Instalação de refrigeração	100
Carga útil	450
Energia a bordo	120
Tanques de combustível, 4 tanques a 1.070 t	4.280
Engrenagem/Estrutura	500
Tanques de combustível, 6 tanques a 7.817 t	46.900
Engrenagem/Estrutura	600
Total	52.950

(A seqüência em que aparecem os números corresponde à dos diversos alijamentos)

Esquema de vôo do Daedalus (fig. 3)

1º Estágio
Massa do veículo
x 10³ t Período em anos

2º Estágio
massa do veículo
x 10² t

54
48
42
36
30
24
18
12
6
0

t = 2,05
Alijamento I
t = 0,68
Alijamento II
t = 1,37
1º e 2º Estágio
Alteração de massa
2º Estágio
Alijamento IV
t = 2,93
t = 3,81
Valor final
t = 2,05
Alijamento III: escalonamento

0
1
2
2,11
3
3,54
4
Velocidade $\frac{u}{v}$

DAEDALUS. vôo propulsionado. Massa e tempo contra aceleração Barnard, 5,91 anos-luz distante. A fim de reduzir o tempo de vôo para o mínimo possível, prevê-se apenas uma passagem por essa estrela. Pequenas explosões termonucleares (hélio 3, deutério), provocadas

com ignição por raios laser ou elétrons relativistas, propulsionam o artefato. A velocidade do jato fv é de 10^7 m/seg.
A missão decorrerá mais ou menos da seguinte maneira: ao decolar da pista, o primeiro estágio entra em funcionamento. Sempre que um tanque de combustível fica vazio, é alijado. Após 2,05 anos, completou-se o primeiro estágio. O segundo estágio separa-se e inicia a sua atividade própria. Em mais 1,76 anos, todo o combus- tível está consumido. A partir de então, valem os seguintes algarismos:

Tempo — 3,81 anos depois da decolagem
Distância do Sol — 0,2 ano-luz
Velocidade — mínima: 0,1 — máxima: 1,0 — média: 0,3 m/s^2

Depois de mais 48,5 anos, o artefato alcança o seu destino, a estrela de Barnard.
Naturalmente a posição deve sempre ser controlada — eventualmente, através da rotação própria do veículo e observação do "background" estelar, a fim de manter a ligação radiofônica com a Terra. Também a direção do vôo requer pequenos acertos e as imprecisões devem ser corrigidas.
Entre cinco e dez anos antes da chegada no destino, devem ser alijados dez ou talvez vinte "subagregados", a fim de garantir o bom êxito da passagem pela estrela de Barnard e obter o maior número possível de dados sobre eventuais planetas, considerando a brevidade do contato com as áreas de destino.
Aos 52 anos de duração de vôo devem ser acrescidos os seis anos necessários para os dados transmitidos chegarem a ser recebidos na Terra; portanto, os respectivos resultados serão disponíveis somente 58 anos após a partida da astronave.
Outrossim, admitindo um período de 15 anos a decorrer entre a construção dos primeiros artefatos deste tipo e a sua decolagem para o espaço, são 73 os anos a medir entre o início do projeto e a obtenção dos seus resultados. Se, em vez dos 73, contarmos com 100 anos, então, o destino poderia situar-se a 8,8 anos-luz de distância, em vez dos atualmente previstos 5,9 anos-luz. Acho que com isso, as possibilidades desta técnica seriam esgotadas, senão ultrapassadas.
Se o artefato apresentar um aspecto relativamente simples, isto se prende ao nosso modo de tratar do assunto; por conseguinte, vide Explicação No. 4 para especialistas.
P — Vou copiá-la, religiosamente, mesmo sem compreender patavina. Foi o que prometi! Ao que parece, a ignição de explosões nucleares permite apenas vôos interestelares modestos. Ficarão assim esgotadas as possibilidades? Existiriam fontes energéticas mais potentes?
R — A resposta é positivamente afirmativa: sim, existem. Todavia, antes de entrar no assunto, permita-me comentar à margem que, no decorrer dos anos de trabalhos e estudos necessários à elaboração do PROJETO DAEDALUS, possam perfeitamente bem surgir noções novas, a indicarem meios e caminhos mais viáveis para a sua concretização.
Agora, quanto à sua pergunta sobre fontes energéticas mais potentes:
Na fusão nuclear, somente 0,3% da massa é transformada em energia. O que aconteceria, porém, se toda a massa fosse transformada em energia? Nesse caso, ao menos em teoria, existiria a possibilidade de aproximarmo-nos da velocidade da luz.
Aliás, em escala menor, tais processos já estão bem conhecidos. Por exemplo, por meio de fusão, um pósitron e um elétron podem ser totalmente transformados em energia. De um modo geral, é só juntarmos a matéria com a antimateria para promovermos a sua fusão recíproca. Ao passo que no cosmo a fusão nuclear parece constituir uma fonte energética "normal", cabendo às estrelas o papel dos necessários e bem dispendiosos "fornos", ao que parece na natureza não há a destruição total da matéria, em escala maior. Daí, alguns observadores deduzem pela inviabilidade deste processo. Para mim, tal ilação por analogia não é muito convincente, pois nesta seqüência de idéias, supor-se-ia que cada processo realizável ocorreria no âmbito da natureza. E tal ditame antes parece ser um dogma de fé do que uma lei científica. P — A nossa conversa era sobre problemas de propulsão e os respectivos tempos de vôo, que devem ser esclarecidos, antes de passarmos para outros assuntos. No entanto, como a continuação do debate de matérias tão altamente especializadas ultrapassaria o escopo deste livro, permita-me,

senhor professor, pedir-lhe para falarmos a respeito de aspectos interessantes da futura técnica do vôo espacial, acessíveis ao nível intelectual do meu público leitor. R — Compreendo o seu ponto de vista, mas quando um professor começa a tratar da sua especialidade, pressupõe a existência de noções específicas que, para ele, representam o seu pão de cada dia.
Pois bem. Em princípio, antes de planejarmos uma missão tão complexa como um vôo interestelar, deveríamos dispor, no mínimo, de dados sobre a existência de planetas, de noções aproximadas do seu meio ambiente, de suas prováveis formas de vida e assim por diante. Por meio da aparelhagem a bordo, a nave interestelar, acelerada, chega a conhecer estranhos efeitos relacionados com a observação do meio ambiente; uma realidade a ser tomada na devida consideração na astronavegação.
As nossas noções das coordenadas interestelares e de suas alterações são bem menos precisas do que aquelas que possuímos do sistema solar. A direção e o controle do vôo devem considerar este particular.
O espaço interestelar é somente quase vazio, porém o seu vácuo constitui condição prévia para o desenvolvimento de altas velocidades, do contrário a resistência do gás seria demasiadamente grande. Estimativas revelaram que, mesmo com uma velocidade relativa, esta resistência é pequena, embora deva ser considerada em vôos de longa duração.
No entanto, não se trata somente de encontrar soluções técnicas para vencer essa resistência, mas sim de solucionar problemas de aquecimento, erosão, bem como radiação, causada pelo bombardeamento de partículas. A duração prolongada da missão faz severas e rigorosas exigências à segurança dos sistemas técnicos; isto vale para artefatos não tripulados e muito mais ainda para naves tripuladas.
Sem dúvida, devemos passar por importantes mudanças em nosso modo de pensar e em nosso comportamento geral, antes de reunirmos as condições necessárias para a elaboração dos meios que permitam o vôo espacial interestelar. A esta altura, os resultados são pouco previsíveis, e provavelmente constarão de dados exclusivamente científicos, disponíveis tão-somente várias décadas depois de ter sido feito o investimento das respectivas verbas exigidas pelo projeto. Por conseguinte, trata-se de criarmos coragem de liberar verbas para um futuro bastante remoto.
Até agora, pouca consideração foi dispensada aos problemas sociológicos de uma tripulação, a partir em uma "viagem para o futuro"; tampouco foram mencionados os dependentes daqueles astronautas, a permanecerem na Terra. Embora, hoje em dia, o problema da propulsão continue no centro de todas as atenções, ainda haverá muitos assuntos a resolver, depois de solucionado este problema central.
P — Após todas aquelas descobertas tremendas, que mudaram o mundo e se deram até os dias desta nossa atualidade, tal processo poderá ser considerado como concluído?
R — Muito provavelmente, a resposta deve ser não! É só pensar na descoberta das estrelas de nêutrons, no debate sobre os buracos negros, ou nos atuais modelos das partículas elementares. O futuro bem pode vir a oferecer-nos opções para o vôo interestelar, hoje ainda impensáveis ou em franca contradição com o saber atual. É impossível fazer previsões racionais a esse respeito — contudo, a título de incentivo para pensar, vou mencionar algumas "doidices", tiradas, em parte, de romances futuristas de ficção técnica.
Ao que me parece, entrementes, ficou sendo de conhecimento   Incentivos para geral, que, em sua passagem por um corpo celeste em movimento,   pensar a velocidade desenvolvida pela astronave pode sofrer alterações. Este efeito foi aproveitado pelas sondas espaciais PIONEER X e XI, com o auxílio do planeta Júpiter.
A importância de tais alterações na aceleração pode ficar demonstrada quando da passagem por um astro de alta velocidade orbital e que, por sua vez, gira, fortemente acelerado, em torno de outro astro. Pensamos em uma estrela de nêutrons, girando em torno de um buraco negro, ou seja, uma região altamente encurvada do espaço-tempo, o que resta após o desaparecimento de uma estrela. Com tal manobra, a aceleração praticamente pode atingir qualquer velocidade, considerando que as forças principais agem de maneira uniforme sobre cada átomo e somente as forças vazantes exercem efeito agravante. Em todo caso, há forças a serem aproveitadas.
Já falei que o universo não está completamente vazio. Talvez, lá exista ainda um fenômeno

desconhecido, que possa ser aproveitado. Embora haja a pressão produzida pelas radiações, e os campos elétricos ou magnéticos, eles são muito fracos para servirem de principal fonte de propulsão, mas talvez fossem suficientemente fortes para provocar alterações na direção do vôo.
Se um dia a pesquisa da natureza da gravitação chegar ao ponto de permitir a conversão das gravitações em força propulsora... as conseqüências terão alcance enorme! No entanto, mesmo assim, ainda continuaria indispensável o dispêndio de energia pois, de outra forma, poderia ser posto em movimento, um motu continuo, subindo e descendo no campo da gravidade terrestre. Em todo caso, tal descoberta poderia ser de grande auxílio, pois com a antigravi-dade (ou outros campos) o nosso veículo poderia ser lançado ao espaço a partir de outros corpos celestes ou até do próprio cosmo; e, com isso, teríamos solucionado o problema do transmissor do impulso para o foguete!
Quem sabe chegará o dia quando o Sol e com ele todo o sistema solar — ou apenas a Terra com um sol artificial — poderá ser posto em movimento de maneira a vencermos as distâncias interestela-res, segundo planos preestabelecidos.
Diz-se que a Teoria da Relatividade de Einstein proibiria a velocidade supersônica para todas as partículas ou quanta*.
A rigor, a Teoria da Relatividade é bem menos restritiva. Dela apenas se deduz que partículas materiais menos aceleradas do que a luz, podem alcançar, no máximo, uma velocidade próxima daquela da luz e que as supersônicas podem ter reduzida a sua velocidade para quase a da luz. As partículas supersônicas são chamadas de táquions e a sua existência é especulativa; parecer-me-ia provável que pudessem desempenhar papel importante no vôo espacial interesteiar. Porém — quem sabe? Talvez, sob determinadas condições realizáveis, uma teoria da relatividade aprimorada poder-nos-ia permitir a entrada nos círculos fechados das velocidades supersônicas?
Também seria de grande ajuda se a nossa astronave pudesse receber novos suprimentos de combustível durante sua viagem. Mesmo assim, permaneceriam inalterados os problemas anteriormente citados, mas o fator "impossibilidade" ficaria reduzido.
Quando uma matéria cai dentro de um buraco negro, uma fração apreciável, ou sejam, uns 10% dessa matéria é convertida em energia. No caso de existirem miniburacos negros e se fosse viável produzi-los e estabilizá-los, poder-se-ia pensar em aproveitá-los como fonte energética para a propulsão.
Sob o ponto de vista do atual progresso da Física, parece-me incompreensível o "portão de estrelas" no filme "2001 — Odisséia no Espaço", pois a distância e o tempo não podem ser anulados de uma forma mística. Do mesmo modo são simplesmente fabulosos os espaços hiperdimensionados, exibidos em "Perdidos no Espaço", a série de TV norte-americana.
No entanto, Isaac Newton, o ilustre físico e matemático britânico, malgrado todo o seu saber do século XVII, também teria achado "incompreensível" a nossa atual técnica de TV!
Se de qualquer forma existem os chamados fenômenos ocultos, deverão acabar por enquadrar-se na imagem racional do mundo e, então, quem sabe, teremos opções especulativas radicalmente novas e inesperadas.
Todavia, basta de especulações! Talvez consegui demonstrar que, não obstante a atual quase-impossibilidade do vôo espacial interesteiar, ainda há uma minúscula centelha de esperança; pois também esta quase-impossibilidade é relativa, no que se refere à nossa Terra e ao progresso hodierno de nossa civilização!
"Há uma minúscula centelha de esperança!”
Por esta frase final do Prof. Ruppe valeu a pena morder a crosta dura do "pão de centeio científico"; valeu, igualmente, pelo comentário, por três vezes repetido, mencionando noções extraordinárias, hoje ainda imprevisíveis, que possam vir a modificar profunda e completamente todo e qualquer planejamento, baseado no nosso progresso atual. Sem dúvida, a Ciência deve continuar em sua pesquisa sistemática — mas, por um golpe de sorte, de chegar a beneficiar-se com um acaso feliz.
Certa vez, contaram-me a história fantástica de como o genial químico Adolf von Baeyer (1835-1917), Prêmio Nobel de Química em 1905, chegou a fazer sua descoberta das substâncias corantes para tingir de azul, as chamadas substâncias índigo. Toda uma série de misturas,

preparadas por Baeyer e seus assistentes, estava fervendo nos alambiques, sobre a chama de muitos bicos de Bunsen. Antes de o professor e seus assistentes saírem para o almoço, um dos serventes do laboratório recebeu ordens de fechar os bicos de gás; porém, ele se esqueceu de fechá-los. Quando Baeyer voltou, encontrou todos os alambiques estourados e seus diversos conteúdos, cintilantes nos tons do arco-íris, espalhados sobre as mesas do laboratório. Os serventes e assistentes apressaram-se em começar a fazer limpeza, mas o genial Baeyer ordenou: "Primeiro, vamos analisar aquilo que está sobre as mesas!" E em um daqueles borrões teria sido encontrada a síntese química da preciosa substância corante, até então, somente obtida de certas plantas e produzida em um processamento complicado e dispendioso. Isto aconteceu em 1880. Já em 1897, o índigo sintético, em sua forma mais pura, foi introduzido no mercado. Como foi que disse Gior-dano Bruno? Se non e vero, e molto ben trovato! — Se não for verdade, é muito bem inventado.

O Prof. Ferdinand Porsche (1875-1951) contou em uma entrevista que havia esboçado um sem-número de formas estruturais para o automóvel VW, que estavam sobre a prancheta, lá em sua casa, quando, em uma época de férias, observou, dias a fio, uma colônia de besouros e, de repente, achou que os contornos desses bichinhos dariam as linhas ideais para o VW — eis como surgiu o "besouro", que nós costumamos chamar de Fusca.

A Ciência deveria fazer uma assinatura do acaso e da sorte!

Todavia, forçoso é constatar que ambos são incalculáveis. No entanto, com base na minha teoria, quero postular que, eventualmente, tempos atrás, os extraterrestres com sua cultura e civilizações em milênios mais antigas que as nossas, depararam com obstáculos idênticos, quase insuperáveis para nós, hoje em dia, os quais lograram vencer por meio de uma pesquisa planejada e/ou sorte, e/ou acaso, e/ou espontâneas idéias geniais.

Ninguém poderá censurar-me por ter falado no milagre de uma breve concretização do antiqüíssimo sonho da humanidade. O que eu afirmo é tão-somente o seguinte:

O fato de nós ainda não dominarmos o vôo espacial, não constitui uma prova contra a contingência de extraterrestres já a terem dominado, desde há muito. Para tanto, são demasiadamente importantes os indícios de sua outrora presença no Planeta Azul.

Aliás, algumas semanas após a minha entrevista com o Prof. Ruppe, recebi de Chicago o número de agosto de 1976 da revista ANCIENT SKIES. Lá estava publicado um artigo, assinado por Ruppe, cujo parágrafo final eu traduzi do inglês para citá-lo a seguir:

"Fui entrevistado por Erich von Däniken, para o seu novo livro. Para grande surpresa minha, achei necessário rever a minha antiga e rígida posição do "IMPOSSÍVEL". Devo constatar agora que, dentro de certos limites, são viáveis viagens interestelares, para destinos situados a distâncias não superiores a dez anos-luz.”

III Os mitos são reportagens Em 16 de maio de 1792, Henri Guellemin visitou seu amigo, Charles Sanson, no Faubourg-Saint-Germain, para com ele jantar. Guellemin passou a noite lá, porque, por mais uma vez, Robespierre havia mandado fechar todas as saídas de Paris, a partir das 21 h.

Sanson (1740-1793) era carrasco. A exemplo de muitos dos seus colegas, ele operava o instrumento de decapitação, inventado pelo médico, Dr. Guillotin, que possibilitou a Robespierre despachar somente na capital, umas 15.000 pessoas, "sem dor", daqui para o além, decapitando-as. Sanson teve a honra de decapitar também o rei, Luís XVI, e a rainha, Maria Antonieta.

Quando de manhã cedo do dia 17 de maio, Guellemin deixou a casa de Sanson, foi detido nas proximidades da residência do amigo. Acusaram-no da distribuição de panfletos subversivos, que teria feito na noite anterior, na lie de Ia Cite, onde também teria entrado em uma briga e apunhalado um jacobino.

Tão logo o mui digno e indispensável Sr. Charles Sanson soube da detenção do amigo, o que se deu poucas horas depois, foi ao Tribunal Revolucionário e lá deixou protocolado que Guellemin deveria ter sido acusado e detido por engano, pois desde o cair da noite do dia 16 de maio, até a manhã do dia 17 de maio, o amigo passou este tempo todo em casa dele, Sanson, no Faubourg-Saint-Germain.

Não mereceram crédito as palavras do carrasco de Paris, pois, entre-mentes, em seu depoimento, dado sob tortura, Guellemin havia indicado pormenores a respeito do tumulto da

noite passada, que somente poderiam ser do conhecimento de quem o assistiu de perto. Ele depôs que no canto esquerdo superior do panfleto em questão havia um cravo vermelho e que a penúltima linha do panfleto estava impressa de cabeça para baixo; disse ainda que duas mulheres participaram da briga e um jacobino lhes tirou o capuz da cabeça; segundo o depoimento de Guellemin, era damascena a lâmina do punhal que atingiu e mortalmente feriu o jacobino.

Sanson não sabia explicar de que modo o amigo soube de todos aqueles detalhes, com a indicação dos quais entregou-se, inapelavelmente, à guilhotina.

Em 29 de maio, Henri Guellemin foi conduzido para o instrumento da morte, instalado na Praça Greve, e seu amigo Sanson acionou a lâmina triangular que, precipitada de certa altura, desferiu o golpe mortal.



Dança dos dogons, por ocasião da festa de Sigui, celebrada perto de Sangha, na República do Mali. Segundo Mareei Griaule, a cruz representa um símbolo do equilíbrio entre o céu e a Terra, simbolizando a ordem sagrada. As festas de Sigui podem ser retraçadas até o século XII; todavia, a essas celebrações atribui-se mais um milênio adicional, visto que os dogons imigraram para o Mali, provenientes de regiões ignoradas.

Jamais se soube como Guellemin obteve seus conhecimentos daquele tumulto, mas, em todo

caso, foi um saber bem caro, pelo qual pagou com a cabeça.
Outrossim, noções igualmente sinistras, em poder da tribo dos dogons, as quais dificilmente poderiam possuir, encontram explicação com o processo de uma prova de fatos. Refiro-me ao saber misterioso dos dogons, que felizmente não vieram a parar na guilhotina, mas que continuam vivendo, até hoje, no planalto de Bandiagar e nos Montes Hombori, da República do Mali, na África Ocidental. Atualmente, a tribo conta ainda com 225.000 membros.
Em fins de 1975, li uma notícia de jornal, falando no astrônomo britânico Robert Temple e em seu livro, que confirma as minhas teorias. Temple teria comprovado que a mitologia antiqüíssima dos negros dogons encerra um saber concreto a respeito do sistema da estrela Sírio; ademais, esse saber é transmitido junto com conhecimentos específicos, muito além do nível cultural dos dogons. Outrossim, Temple teria comprovado que, desde os tempos mais remotos, os dogons conheciam a posição, gravitação e órbita da estrela invisível, que acompanha Sírio.
Essa notícia me eletrizou.
Quem eram aqueles indígenas, os dogons? Jamais ouvira falar neles. E quem era esse Sr. Temple?
Despachei algumas cartas para a minha "quinta-coluna" na Inglaterra, pedindo para saber quem era esse Robert Temple e o que publicou sobre os dogons e seu saber misterioso. Ao mesmo tempo, tratei de reunir certa quantidade de material sobre os dogons; entre os dados coletados estava o livro "O ENIGMA DE SÍRIO", da autoria de Robert K. G. Temple. Uma obra fascinante! Escrevi ao autor, congratulando-me com ele por sua descoberta e poucos meses depois, encontramo-nos em Londres.
Soube, então, que, ao contrário do que se noticiou no jornal, Temple não era um astrônomo britânico, mas sim um lingüista norte-americano. Nascido em 1945, é pessoa extraordinariamente discreta, correta, que ainda nem faz idéia das adversidades e malícias que deve esperar, caso seu livro tenha bom êxito, para o que faço votos sinceros. O fato de, entremen-tes, Temple ter se tornado membro da Royal Astronomical Society, atesta a sua qualificação científica.
O extrato sobre o saber extraordinário e incrível dos dogons a respeito do sistema de Sírio, devo-o, sobretudo, às minhas repetidas conversas com Robert Temple, pois foi por causa dele que deparei com a literatura dogon.
Os primeiros contatos Em 1931, o antropólogo francês Dr. Mareei Griaule visitou a tribo dos negros dogons, que hoje habitam o planalto de Bandiagara e os Montes Hombori, na República do Mali, na África Ocidental. O encontro deixou o pesquisador confuso e fascinado. Ele chegou a conhecer uma mitologia altamente complexa e intrincada, estabelecendo um relacionamento inexplicável com as estrelas. As tribos de indígenas celebravam festas, repetidas de 50 em 50 anos, conforme a sua tradição, que observam até hoje. Para essas cerimônias, cada geração teve de confeccionar máscaras novas, as quais, desde séculos, estão sendo conservadas, cuidadosamente, em uma espécie de arquivo da aldeia, para revelarem aos pósteros os eventos do passado.
Em 1946, Griaule retornou para outra temporada com os dogons. Daquela vez viajou em companhia de uma etnóloga, a Dr. Germaine Dieterlen, atualmente secretária geral da Société des Africanistes, no Museu do Homem, em Paris.



Os dois pesquisadores publicaram os resultados dos seus quatro anos de pesquisas de campo em uma obra , Um Sistema Sudanês da Estrela Sírio[1], editada em 1951. Embora o relato etnológico dos mitos de uma tribo indígena interessasse apenas a um círculo restrito de especialistas, nele estava embutida uma "bomba-relógio", a "explodir" 25 anos depois.



De 50 em 50 anos, quando fazem a festa Sigui, os dogons confeccionam máscaras, cuidadosamente conservadas, e que permitem retraçar a origem da celebração dessas festas até um passado remotíssimo, ainda indefinido.
O que haveria de tão surpreendentemente extraordinário nos mitos dos dogons? Sonhos, superstição religiosa, fantasmagorias ou saber concreto?
Griaule e Dieterlen reuniram os conhecimentos sobre o sistema da estrela Sírio, colhidos com tribos pertencentes a quatro povos sudaneses, a saber:

Quatro tribos, como testemunhas Os dogons de Bandiagara, os bambaras e os bozos da região de Sego e os miniancas da etnia Kutiala. No início do seu livro, os dois autores fazem uma constatação importante e que não deve ser perdida de vista, para a perfeita compreensão da objetividade dos dados relatados. Eles escrevem:

Para nós, os documentos coletados não deram origem a nenhuma hipótese, não ocasionaram nenhuma pesquisa de origem. Apenas foram coordenados sob o critério de reunir em uma só exposição os depoimentos prestados por quatro das tribos mais importantes. Jamais se fez e nunca se decidiu a respeito da pergunta, de onde esses indígenas, que nenhum instrumento possuem, poderiam conhecer a órbita e os atributos específicos de astros, praticamente invisíveis.

De 50 em 50 anos, os dogons celebram a sua "festa do Sigui"; esta cerimônia tem por tema central a ânsia da renovação do mundo. A época da celebração da festa está sendo determinada por Po Tolo, a estrela do Sigui. Po é o menor grão de trigo, conhecido dos dogons. O termo botânico para fonio (conforme costuma ser chamado na África Ocidental) é Digitaria exilis e foi sob a designação Digitaria que o pequeno po entrou na literatura especializada.

Dizem os mitos dos dogons que, de 50 em 50 anos, Digitaria completaria a sua órbita ao redor de Sírio, grande estrela de intensa luminosidade, enquanto que ela, mera acompanhante, ficaria invisível. Outrossim, afirmam os dogons que Digitaria seria a estrela mais pesada, que determina a posição de Sírio, ao orbitar em seu torno.

Retrato falado de Sírio e sua acompanhante A mitologia dogon data de tempos primitivos, definíveis. De onde viera o seu saber sobre Sírio e Sírio B, que a nós chegou tão-somente no século passado?

Em Astronomia, Sírio é sinônimo de Canícula, entrementes ultrapassado, pois data da época na qual Sírio aparecia durante os "dias de canícula", os dias mais quentes do verão no hemisfério norte, entre fins de julho e fins de agosto.

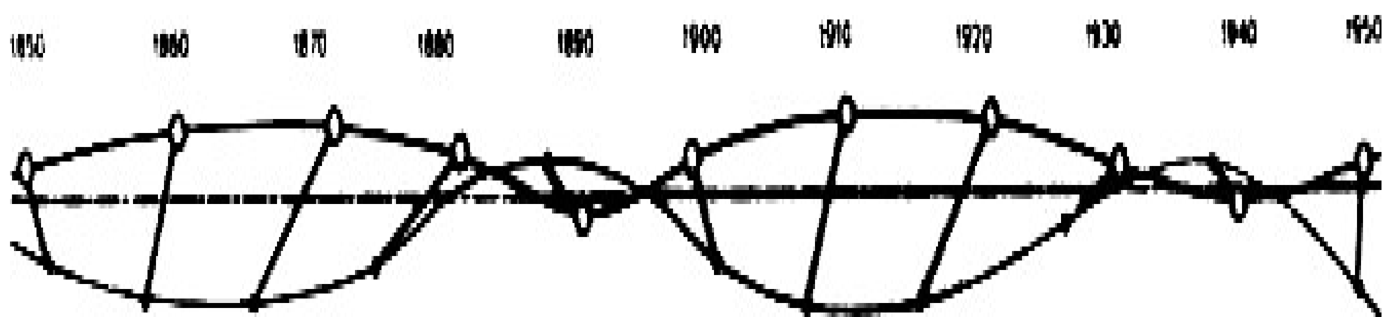
Desde há muito sabe-se que no período de cerca de 26.000 anos, por sua precessão, o movimento giroscópico do eixo da Terra provoca um movimento retrógrado do ponto da interseção (equinócio da Primavera, no hemisfério norte), entre o equador celeste e a eclíptica (órbita terrestre), registrando-se, portanto, uma alteração nas coordenadas dos astros. Por conseguinte, as observações de cada estrela devem ser feitas observando-se uma outra estrela.

Sírio é uma estrela de primeira grandeza da constelação do Grande Cão, no céu meridional, é a estrela mais brilhante da esfera, de cor branca, 8,5 anos-luz (1 ano-luz = 9,5 trilhões de km) distante da Terra. Sírio tem uma acompanhante, também de cor branca, de nona grandeza; foi reconhecida em 1844 pelo astrônomo alemão Friedrich Wilhelm Bessel (1784-1846), de Kõnigsberg e, em 1862, foi avistada, pela primeira vez, por Alvan Clark (1804-1887), ótico e mecânico norte-americano. Ao passo que Sírio é uma estrela normal, a sua acompanhante, Sírio B, pertence à classe das chamadas "anãs brancas", estrelas de alta densidade. Este retrato falado consta das enciclopédias.

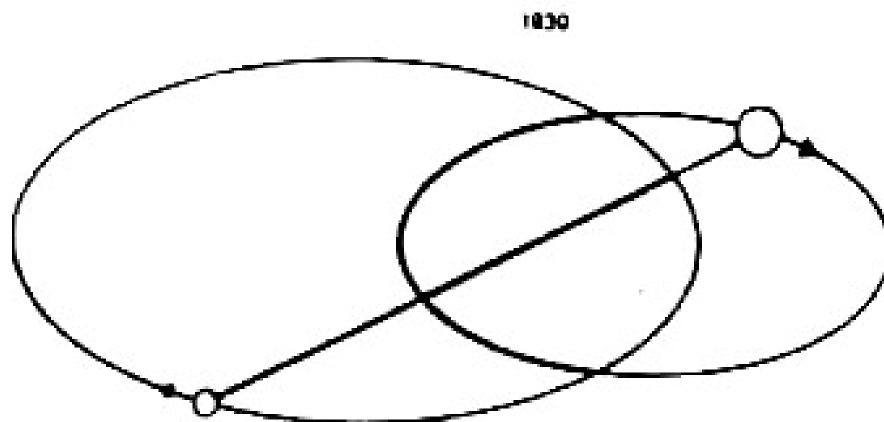
Quando o invisível se tornou visível Somente em 1834 Bessel descobriu a irregularidade nos movimentos próprios de Sírio, que não evolui em linha reta, mas antes em linha ondulada. Por dez anos, Bessel mandou seus assistentes levantarem as posições de Sírio, em intervalos regulares. Depois, teve confirmada a sua suspeita, de que algo estaria influindo na órbita de Sírio. Os astrônomos chamaram este algo de Sírio B; e até para os telescópios mais perfeitos da época, o primeiro terço do século XIX, Sírio B continuou sendo um objeto celeste indefinível. Supôs-se que seria uma estrela não brilhante. Supôs-se...

No entanto, em 1862, o norte-americano Clark, conhecido e renomado como construtor de vários telescópios grandes, encontrou Sírio B, até então invisível, dirigindo um telescópio com lentes de 47 cm de diâmetro para a região do firmamento, que havia sido indicada por Bessel!

Em vista da pouca distância de Sírio, extraordinariamente brilhante, não foi possível determinar a claridade de sua estrela acompanhante, então recém-descoberta; aconteceu, porém, que Sírio B não estava na sombra, mas sim ofuscada pela luminosidade demasiada de sua irmã maior.



Em 1834, F. W. Bessel descobriu que não é regular o movimento próprio de Sírio e daí concluiu pela existência de uma outra estrela, acompanhante, mais fraca.
Em 1862, Clarke avistou, em Washington, esta hipotética acompanhante, no local pré-indicado. Trata-se de uma estrela "anã branca", com um diâmetro de somente 41.000 km, mas, cuja massa iguala a do Sol. O desenho supra demonstra os movimentos próprios das duas estrelas, entre 1850 e 1950. O desenho à direita indica suas posições orbitais em 1930. A estrela acompanhante possui luminosidade da ordem de 8,6; porém não é fácil observá-la, pois é ofuscada pela estrela principal (proporção de luminosidade = 10.000:1).
Entrementes, Sírio B foi classificada como "anã branca". As "anãs brancas" têm densidade muito elevada, mas a sua luminosidade é de apenas 0,0003%, aproximadamente. Com relação a Sírio A, a densidade de Sírio B está na proporção de 0,42 : 27.000! O diâmetro de Sírio B é de 41.000 km, porém, a sua massa corresponde à do Sol. Por ser tão pesada assim, Sírio B tem condições de influir na órbita da estrela brilhante, Sírio A, em um ritmo de 50,04 anos, com a tolerância para mais ou menos de 0,09 ano, dirigindo-a para uma linha ondulada, que se repete.



Saber Atual	Saber Dogon
Sírio B, em sua qualidade de dirigente de Sírio A, foi descoberta e avistada somente em meados do século passado.	Sírio não constitui a base do sistema, pois é um dos centros na órbita de uma estrela minúscula, chamada Digitaria. Os dogons jamais avistaram Digitaria.
Sírio B era invisível. Foi preciso usar os telescópios mais modernos e potentes e realizar pesquisas intensas, para discernir a sua órbita.	Os componentes espirituais e materiais do sacrifício foram encomendados a Digitaria, de cuja existência se sabia, mas a qual permaneceu invisível.
Sírio B é uma estrela minúscula, uma "anã branca".	Digitaria é infinitamente pequena. No decurso de sua evolução deu tudo o que existe.
Sírio B completa a sua órbita em 50,04 anos, com uma tolerância para mais ou para menos de 0,09 ano.	Digitaria completa a sua órbita em mais ou menos 50 anos, assim correspondendo aos primeiros sete reinados, de sete anos cada.
Sírio B é uma "anã branca" de extraordinária densidade.	Digitaria é a estrela mais pesada; determina, em especial, a posição de Sírio, ao orbitar em seu torno.

O lingüista norte-americano Robert Temple desenhou diagramas da órbita de Sírio B, com base em dados tirados dos mitos dogons e segundo as mais recentes pesquisas astronômicas. A seguir o seu respectivo comentário:

A semelhança é tamanha e surpreendente, a ponto de até o leigo mais inexperiente reconhecer à primeira vista a perfeita identidade das duas apresentações, até nos menores detalhes. Não é preciso, no afã da perfeição, um cético tirar do bolso a régua milimétrica! Confere, em tudo. O fato ficou demonstrado e ei-lo: a tribo dogon possui noções gerais dos princípios mais incríveis e sutis de Sírio B e, em sua órbita, de Sírio A. Portanto, revela-se aí absoluta paridade do saber atual em relação com as noções encerradas em mitos antiqüíssimos! Quando os dogons dizem que Digitaria completa em um ano o giro em torno de si própria, não se sabe, se o ano em questão seria terrestre ou corresponderia a um ano-digitaria, porém para mim é simplesmente descon-certante o fato de uma primitiva tribo de indígenas saber alguma coisa a respeito do movimento próprio de um corpo celeste. Ademais, não é de data tão antiga a nossa noção do

movimento da Terra em torno do seu próprio eixo. Por outra, desde tempos imemoráveis, os dogons sabiam também que a rotação giroscópica é o movimento básico do mundo. Hoje é de conhecimento geral que as galáxias evoluem em movimento espiral.
Provavelmente chegará o dia quando os nossos astrônomos descobrirão o que os dogons já sabem desde há muito — desde quando? —, que Sírio B não é, em absoluto, a única acompanhante da alvíssima estrela Sírio. Mitos dogons falam na estrela Emme Ya, Sorgho-feminino, maior que Digitaria, mas quatro vezes mais leve, a qual, a exemplo de Sírio B, também completaria dentro de 50 anos uma órbita maior, na mesma direção daquela completada por Sírio B. Com as verificações prometedoras do sistema Sírio dos dogons, os nossos astrônomos deveriam levar a sério a lição adicional a ser tirada dos mitos. Aliás, esses mitos dizem que Emme Ya estaria acompanhada de um satélite, chamado de "estrela das mulheres". Falam ainda em uma terceira acompanhante de Sírio, que chamam de Sapateiro; este último seria o planeta mais afastado de Sírio e que evoluiria em sentido contrário.
Atualmente, ainda não podem ser verificados os dados a respeito de Emme Ya e Sapateiro, porque não dispomos da aparelhagem técnico-astronômica necessária para detectar qualquer satélite de um astro, 8,5 anos-luz distante da Terra. Por conseguinte, até a sua verificação científica, eu não conto com Emme Ya e Sapateiro, a título de objetos demons-trantes, comprovantes inequívocos do fato de os dogons terem possuído conhecimentos muito acima do seu nível cultural e os quais, portanto, nem poderiam ter possuído.
Procura-se uma saída de emergência!
Vejo os meus críticos, em busca desesperada de uma saída, uma escapatória qualquer, para livrar-se, de vez, daquelas histórias dogons.
Será que se pode depositar fé — assim os ouço perguntarem nas buscas realizadas por aqueles dois pesquisadores franceses? — Mas, por favor! Quem é que aqui se preocuparia com a "fé"? Tanto Griaule quanto Die-terlen procederam de maneira absolutamente séria e responsável, muito mais responsável do que costumam proceder muitas pessoas que, de um instante para outro, pretendem transmudar um saber exato em um apelo à "fé". Quando, em 1951, os dois franceses apresentaram seu relatório, a idéia de um terrestre pisar o solo lunar era pura utopia e os meus livros chegaram a ser publicados quase duas décadas mais tarde. Assim sendo, eles não poderiam ter sido contaminados com a minha fantasia. Por quê, por todas as divindades dogons, dois cientistas honrados e renomados deveriam ter inventado uma história dessas? Não, em absoluto, nada disso; foi material legítimo e fatual que eles trouxeram da selva africana.
Outrossim, seria razoável a especulação de, eventualmente, o incrível saber dogon do sistema Sírio ter sido "importado" para aquelas áridas e desertas regiões africanas por um viajante, que passou por aquelas plagas e lá falou das descobertas astronômicas feitas em meados do século XIX. Todavia, esse viajante deveria ter sido um astrônomo de alta categoria... e parcialmente doido, pois, do contrário, como teria nutrido a ambição absurda de instruir os indígenas a respeito da acompanhante invisível de Sírio?
Destarte, devo desiludir todos os céticos que se agarram à última âncora de salvação e postular que, em qualquer época no passado, um grande desconhecido deve ter ensinado os dogons, pois, do contrário — e isto não pode ser negado — o seu saber é simplesmente inexplicável. Pois bem, séculos atrás, tal desconhecido ilustre deveria ter organizado o seu cursinho de Astronomia em Mali, terra dos dogons, quando ainda não se sabia coisa alguma sobre Sírio B. As máscaras de madeira de Sigui, conservadas em seqüência ininterrupta, formam uma coleção cujas peças mais antigas foram datadas, pelos cientistas, de inícios do século XV. A quem puder provar-me a existência, devidamente verificada, de saber ocidental sobre o sistema Sírio B, datando dessa época, desde já o convido para viajar comigo à República de Mali.
Desde tempos primitivos, cada hogon (chefe de aldeia indígena) teve por obrigação preparar um recipiente para as cerimônias, confeccionando-o de entrançadura de fibra de jaqueira. Era este um tecido impermeável, que servia para fermentar a primeira cerveja ritual. Essa primeira cerveja era distribuída, em pequenas porções, entre todas as famílias, que, por sua vez, a misturavam com o produto de sua própria fermentação. No desenrolar das cerimônias do Sigui, os recipientes familiais entravam em contato com o recipiente do hogon. Após a festa, todos os recipientes eram pendurados na viga mestra da casa do hogon, em filas ordenadas e

permanentes. O patriarca, Ongnonlu Dolo, um dos mais velhos hogons da região, contou que seu tataravô possuía, além dos recipientes pendurados em sua casa, ainda outros, em número de oito, e que eram bem mais antigos. Além das máscaras, também aqueles recipientes indicam que a festa do Sigui já deveria ter sido celebrada no século XII. Todavia, os etnólogos não se arriscam a fixar este período como data da primeira festa do Sigui, pois a essas cerimônias atribui-se mais outro milênio adicional; considerando que os dogons nem sempre habitavam as mesmas regiões geográficas, supõe-se que imigraram para Mali, procedentes de plagas ignoradas. Em todo caso, não obstante a data de sua origem, as festas do Sigui não seriam possíveis sem o saber a respeito de Sírio B.
Para mim, nada é tolo demais para que eu não quisesse tirá-lo, por antecipação, do eco a ressoar.
Se eu postular — será preciso defini-lo com todas as letras? — que os dogons nem podem ter deixado de receber o seu saber de extraterrestres, os superespertos alegarão que Sírio B não é um planeta e, por conseguinte, nenhum extraterrestre poderia ter vindo de lá. Jamais afirmei tal coisa. Nem os mitos dogons mencionam isto; mas, falam em satélites.
Foi muito debatido o ponto de um sistema de estrelas fixas poder possuir planetas e a possibilidade de existir um planeta em zonas vitais entre dois sóis. Por via de regra, a Astronomia não aceita a tese de planetas, oferecendo condições de vida, em torno de estrelas fixas, visto que, em razão das complicadas condições de gravitação entre dois sóis, os planetas evoluiriam em uma "órbita impossível", em torno de seus dois corpos celestes centrais.
São essas as opiniões atuais. Não há provas. Com os telescópios a nosso dispor, não podemos detectar planetas em outros sistemas solares. Outrossim, a questão de haver ou não haver planetas no sistema Sírio, em nada altera os fatos, a saber: os dogons conhecem Sírio B, desde tempos remotíssimos, sem empregar qualquer truque e sem a ajuda do mais modesto dos telescópios.
Esgotados todos os meios, hoje em dia, costuma-se recorrer às agulhas de acupuntura... ou às opções ilimitadas da Parapsicologia. A acupuntura é sem dor. A Parapsicologia é dolorida, quando deve explicar o racional com o irracional. Talvez, possa haver quem diga: "Mas, isto é coisa simples! Em qualquer dia, qualquer lugar e de qualquer jeito, um cérebro dogon desenvolveu dotes mediúnicos. Seu espírito dirigiu-se para o alto, em direção de Sírio B e lá colheu todo o saber!" — Fácil, não é?

Indicações do de onde?

Em 1970, a Sr* Geniève Calame-Griaule editou o livro "Gênese Negra", com base em material deixado por seu falecido pai. Lá, encontramos respostas para DE ONDE veio o saber dos dogons.
Amma era o único deus primitivo. Amma criou as estrelas de torrões de terra, que lançou ao espaço.
Essa tradição me faz lembrar, e em muito, a chamada teoria da explosão primitiva que, a seu tempo, era considerada pela Ciência como explicação mais provável da origem do universo. Essa teoria foi lançada por Georges Lemaitre, físico e matemático belga. Segundo este postulado, bilhões de anos atrás, toda a matéria estava condensada em um átomo primitivo, formando uma pesada massa de matéria no universo, que se tornou progressivamente, mais compacta em torno do seu núcleo. Sob enorme pressão, as forças multiplicaram-se, fazendo explodir o torrão de matéria, que então se fragmentou em bilhões de pedaços. Ao longo de um extenso período de consolidação, os fragmentos constituíram-se em inúmeras galáxias. Essa teoria da explosão primitiva passou para a literatura especializada como a "Explosão Bigue-Bangue", termo ilustrativo que ao mesmo tempo revela humor.
Será que o deus Amma assinou como responsável por este processo "Bigue-Bangue"?
O sacerdote dogon Ogotemmeli depôs:

Água da pedra

A força vital da Terra é a água... Esta força existe até na pedra, porque a umidade está em

tudo... Nommo desceu para a Terra e trouxe fibras de plantas que já cresceram nas plagas celestes... Após a criação da Terra, das plantas e dos animais, Nommo criou o primeiro casal de homens, que depois gerou oito ancestrais humanos.
Esses ancestrais tiveram vida muito longa. Desnecessário é frisar que, cumprida sua missão, Nommo retornou "ao céu", pois é isto o que contam os mitos de todos os continentes. Outrossim, é nova e surpreendente a constatação de "existir água até na pedra". Reputo de temerária esta idéia dos contadores de estórias, pois no deserto do Saara e nas savanas, há pedras em quantidade e lá elas de nada adiantam, mas só atrapalham.
Realmente, há água na pedra; mas este saber é de data recentíssima. Ao serem testadas todas as opções de sobrevivência para seres humanos em estações espaciais, tripuladas, na Lua, fizeram-se experiências também com pedras. Dali surgiu a solução técnica de como, em processamento complicado e dispendioso, hidrogênio e moléculas de oxigênio poderiam ser extraídos da pedra e depois juntados, para se consolidarem em nova cadeia.
A primeira vista, as tradições que devemos a Ogotemmeli parecem enigmáticas. Consta do seu depoimento que os primeiros ancestrais dos humanos teriam tentado visitar o seu criador, Nommo, no céu; mas, embora todos fossem iguais em sua substância, sempre foram obrigados a viver separados e não lhes era permitido visitar-se mutuamente. Um dos humanos que logrou tornar-se o primeiro ferreiro entre os homens, não obedeceu esta ordem e foi visitar sua mulher. Ogotemmeli falou a respeito:
Como assim ficaram impuros, foram obrigados a separar-se um do outro. No entanto, para poderem viver, foram para a Terra... pois foi lá onde se macularam. Sem querer, penso em quarentena.
Suposto que, em sua qualidade de extraterrestre, Nommo não nasceu e nem foi criado em nosso planeta, logo não teve ancestrais terrenos. Outrossim, Nommo, procedente do cosmo, empregou a mutação artificial, dirigida, e destarte transformou "à sua imagem" uma vida já existente, embora subdesenvolvida, segundo os padrões extraterrestres. Essa vida "aprimorada" continuou em sua evolução sob as condições do planeta Terra e nesse meio ambiente desenvolveu defesas contra as bactérias terrestres que a ameaçavam. No âmbito de sua esfera vital, a vida mudada chegou a tornar-se imune. Por conseguinte, para não arriscar a sua própria vida, "no céu", Nommo não podia encontrar-se com os produtos de sua criação; eles deviam retornar para juntar-se aos seus semelhantes, na Terra, onde se "macularam".
A raposa pálida Quatorze anos após o seu primeiro relato, Griaule e Dieterlen publicaram o livro Le renard pâle — A Raposa Pálida, apresentando mais outro material extraído do saber dogon a respeito do sistema Sírio. Com base nos depoimentos indígenas, os pesquisadores provaram que os conhecimentos dogons ultrapassam, e em muito, os dados fornecidos pela pesquisa atual. Ademais, as tradições dogons também encerram informações sobre o nosso sistema solar, sobre os planetas Júpiter e Vênus. Os dogons não lidaram apenas com o calendário Sírio, mas sim conheceram ainda o calendário solar e possuíam uma agenda especial para a lavoura.
Iria longe demais, tratar deste assunto aqui; para mim só interessava apresentar os conhecimentos dogons, cientificamente documentados, do sistema Sírio. A rigor — e quem poderia negá-lo? — nem podiam possuir esse saber.
Essas noções são seculares; em época alguma os indígenas africanos possuíram quaisquer instrumentos ótico-astronômicos, quaisquer conhecimentos de álgebra... e, apesar disso, desde tempos remotos, lidam com um saber que a nós somente chegou cem anos atrás.
A renomada revista científica NATURE* publicou um artigo sobre o mistério de Sírio, da autoria do Prof. Michael Ovenden, catedrático de Astronomia da Universidade de Vancouver, Canadá, procurando motivos para o inexplicável:
A fim de compreender a continuação das antigas tradições no meio dos dogons, cumpre lembrar que no século XVI existiu uma florescente universidade muçulmana na cidade de Timbuktu, em Mali. Por Tim- buktu passaram as tradições dos gregos, egípcios e sumérios.
E daí? Será que isso influiu em alguma coisa? As conjeturas sobre a eventualidade de os dogons terem sido os primeiros a possuir detalhes sobre Sírio B, ou esse saber ser de data ainda mais antiga, já conhecido dos gregos, egípcios e sumerios, em nada alteram os fatos, visto que, até agora, não há tradição exata do sistema Sírio B, além da dos dogons!

Aliás, se for válida a "explicação" dada pelo Prof. Ovenden, aceito-a de bom grado, pois ela nos faz recuar para um passado ainda mais remoto.

OS MITOS SÃO REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS

Para mim, os mitos dos dogons valem por um exemplo de como todos os mitos encerram a "palavra", "depoimento" e "conto", no sentido de sua tradução do grego. Em sua tradição fora do tempo, anunciam uma sentença da verdade, da qual deve ser tomado conhecimento. Uma vez, quando se originaram, eram reportagens de ocorrências vividas pelos repórteres. Os primeiros contadores de mitos dispensaram os comentários ambíguos, pois eles não sabiam de que estavam falando.

É só conseguir um caco de barro, bem velho, em qualquer sítio de escavação, em qualquer parte do mundo, enterrá-lo em um lugar afastado, a dois metros debaixo de areia e pedras e, depois, levar para lá um arqueólogo, com a sua pá. Ele não tardará em contar uma história fantástica a respeito daquele achado, explicando quem, quando e por que viveu naquela região.

Por outra, é só entregar em mãos de um etimologista, filósofo ou perito em ciências da religião, a transcrição de um mito, ainda desconhecido.

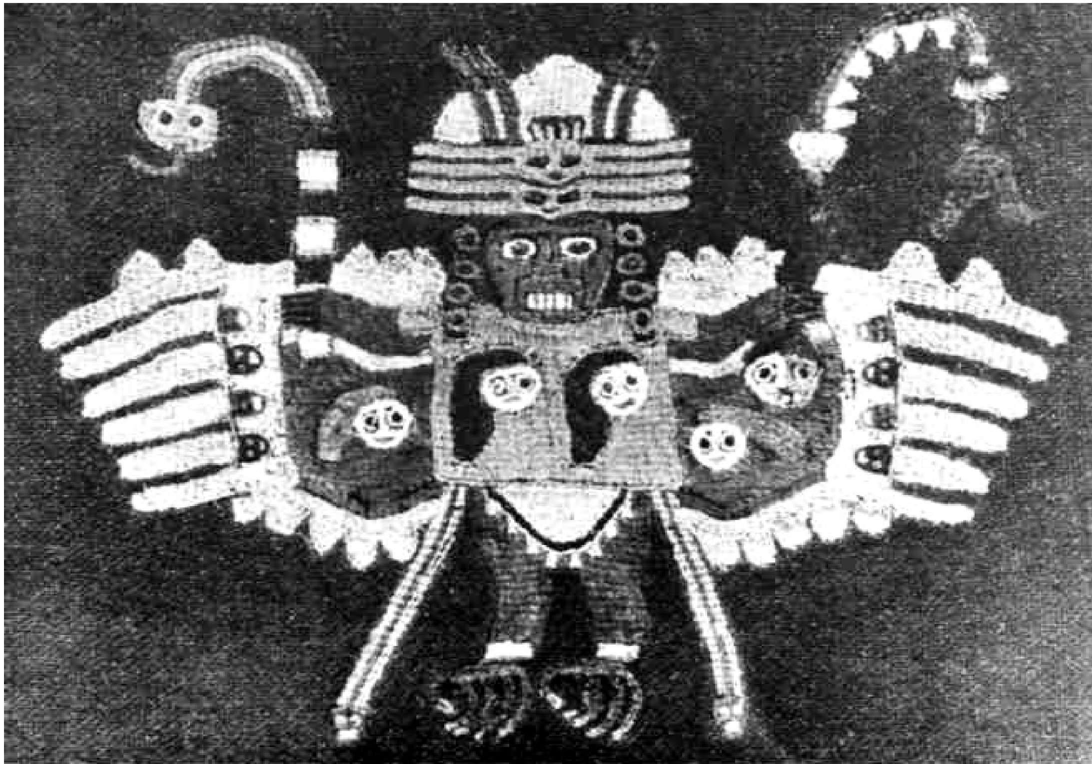
É de a gente ficar boquiaberta, ao ouvir quais teriam sido os pensamentos, as crenças dos nossos antepassados, quando idealizaram o tal do mito e de quanta coisa de fantástico e nebuloso deveria ser o porta-voz. Até se tem a impressão de que, em tempos remotíssimos, aqueles doutos senhores teriam jogado baralho com os antepassados, pois, do contrário, dificilmente teriam condições de interpretar aqueles mitos antiqüíssimos de uma maneira tão precisa e diferenciada (conforme a sua respectiva faculdade). É bem compreensível o porquê da desconfiança do grande filósofo Karl Jaspers (1883-1969) diante da "superstição científica"; para ele, os mitos sempre encerraram símbolos e códigos, a serem decifrados. Se e quando o cerne do mito for considerado como início da consciência histórica, então se abrirá o portal da nossa Pré-História.



Ir em busca do cerne!

A meu ver, não se pode tratar de querer compreender frase por frase, palavra por palavra. Na melhor das hipóteses, pode-se chegar a vislumbrar o principal denominador comum, contido nas mensagens, sem que se saiba, no entanto, quão sólida ou fraca seria a sua base. É a própria pesquisa dos mitos a comprová-lo; aquilo que ontem ainda era tido como além de toda suspeita, garantido e seguro, hoje já ficou vago, desmoronou; deixou apenas um montão de detritos, sobre os quais alguns tropeçam, enquanto outros procuram tirá-los da vista, tentando varrê-los, bem depressa, debaixo do tapete.
Pessoalmente, acho preferível e mais rentável procurar o cerne da questão e desfazer-se de todo aquele peso morto, acumulado em seu torno, no desenrolar do tempo, geração após geração. Aliás, nisso o grotesco está justamente no fato de a essência das estórias não ter sido compreendida por aqueles que a contaram. Por falta de terminologia adequada (por exemplo, técnica), o sentido do enredo ficou escondido debaixo de cascatas de palavras e imagens abstrusas, adquirindo assim aspectos de uma bomba-relógío.
Minha curiosidade não tem limites. Quero saber o que se dá com os deuses mitológicos —

desvendar o sentido das circunstâncias sob as quais apareceram e agiram. Qual era a natureza de sua "personalidade", de que estofo eram feitos? Se fossem imateriais, então como o terrestre pôde vê-los, falar com eles? Por que os "deuses" aparecem, por que trabalham e se divertem com a nossa velha Terra? Qual o objetivo visado com as demonstrações do seu poder, seu saber, suas capacidades muito superiores às nossas? Por que não ficaram onde estavam? Por que e para onde sempre retornaram, quando se despediram da Terra? Por que anunciaram o seu retorno? Aqueles deuses, em seu conjunto, em todos os países e continentes, eram eles reais ou apenas os produtos de uma fantasia desenfreada?



Mitologia em tecido. Figura simbólica, de aspectos altamente técnicos, tecida em uma antiga capa peruana, datada de aproximadamente 200 a.C.

Para mim, o cerne da mensagem abarca tudo isto: a descrição exata da chegada e do comportamento das divindades, indicações precisas da origem do universo e da primeira vida terrestre, incluído o "nascimento" dos primeiros seres dotados de inteligência e, ainda, todos os conceitos, marcando o despertar da civilização do homem, tais como semeadura e cultivo de plantas, criação de animais, detalhados relatos das viagens dos visitantes desconhecidos. Para mim valem por uma notícia elementar os relatos do primitivo Ato da Criação, quando forem exatos ao ponto de não mais apelarem à fé, mas sim poderem ser reconhecidos e entendidos.
O meu conterrâneo, o decano dos grandes biólogos, Prof. Adolf Portmann (1897), qualificou tanto a Ciência quanto o mito de meras "tentativas coordenadoras do espírito humano". É esta a idéia com a qual me animo para conceber os mitos, com base no conceito da ordem atual. Quero fazer um trabalho de classificação, sob a rubrica do nosso saber atual; quero classificar, sem quaisquer sofismas.
Para um colecionador de selos, como eu, o trabalho de classificar representa uma tarefa emocionante. Começa-se com espaços em branco e acompanha-se, com prazer, o desenrolar do processo, durante o qual, aos poucos, se enchem de assuntos preestabelecidos. Na minha coleção de mitos, quase todos os quadradinhos reservados aos assuntos gregos já estão superlotados, desde os meus tempos de escola, enquanto que outros continuam em branco. Os mitos dogons deram-me ânimo para dispensar maior atenção aos mitos africanos; decerto uma tentativa de classificação bastante compensadora!

TENTATIVAS DE CLASSIFICAÇÃO

Quadradinho I: o "céu".

África
Como foi caracterizado o céu nos mitos africanos?

Os livros de interpretação de mitos ensinaram-me que nossos ancestrais idealizaram o céu como um nada. Nos tempos dos nossos avós, era esta uma garantia bastante válida, contra surpresas. Naquela época ainda não existia a Astronáutica; telescópiosgigantescos ainda não permitiam um lance de olho astronômico, através da grande janela para o "nada"; não se fazia idéia de que o céu fosse um mundo muito real e somente em nossa Via-Láctea existissem estrelas, cujo número é hoje estimado em 200 bilhões.. Por isso, não censuro, em absoluto, os pesquisadores dos mitos de tempos passados; no entanto, não compreendo o pesquisador hodierno, o qual, com todo o seu saber, ainda continua tentando "vender" o céu como um mundo imaginário de sonhos. Será que assim procede para os mitos ficarem "suspensos" nas esferas do irracional, fora de qualquer controle?



Mitologia em pedra. Homem ou macaco? Não o sei. Em todo caso, esse monólito de 20 t representa a imagem de um ser, olhando obstinadamente para o céu, perscrutando-o em busca de extraterrestres, a partir de um posto de observação, conforme evidentemente existiram em tempos remotos. Trata-se de uma estátua olmeca, em San Lorenzo, México.

Seja como for, para os povos e as tribos africanos, o céu sempre e inequivocamente era um mundo bastante real e movimentado. Embora separado pela cor de sua pele, pelas medidas do seu corpo, pelo volume do seu cérebro, pelo ambiente cultural e religioso em que vivia, por ritos tribais, estruturas sociais e políticas, toda essa gente era unânime na idéia de o céu ser habitado, e deuses materiais, de lá procedentes, terem visitado os habitantes da Terra.

O céu habitado Para tanto, seguem-se algums exemplos do saber dos mitos africanos a respeito do céu movimentado, que mandou seus emissários onipotentes para a Terra:

MASAI: Casais de deuses procriaram o povo celeste, de pele clara e vida eterna. Deus enviou alguns de seus filhos para a Terra.

JA-LUO: O ancestral, Apodho, desceu do céu para a Terra, trazendo sua mulher e todos os bens culturais.

MADI-MORU: Os primeiros homens viveram no céu. Até que o pássaro azul acabou por

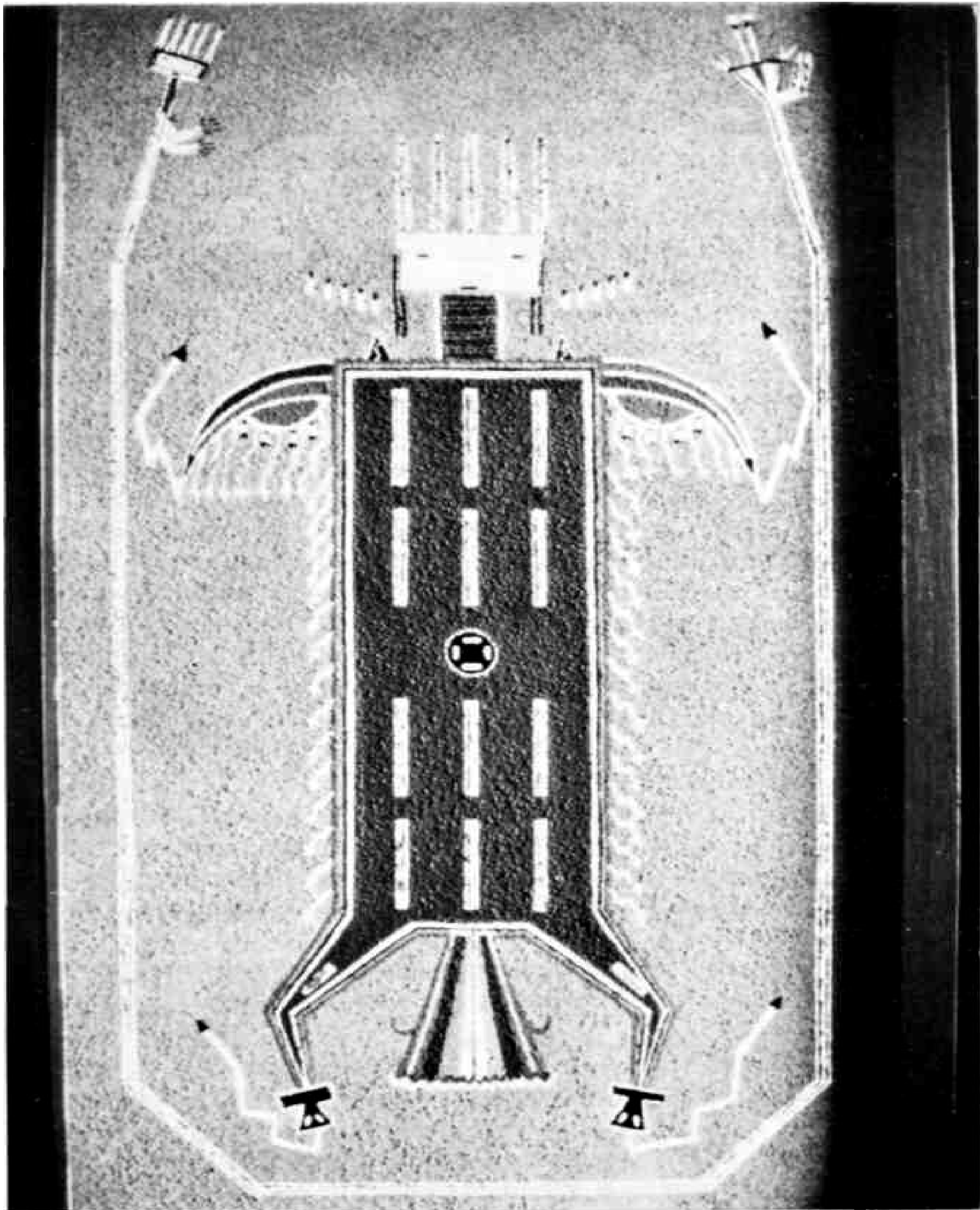
desmanchar a escada celeste, picando-a, sem parar; era intenso o tráfego entre o céu e a Terra.
GANDA: As duas mulheres primitivas, primeiras ancestrais dos homens, caíram do céu.
NYORO: Quando Deus organizou o mundo, para lá mandou, do céu, o primeiro casal de gente. Esse casal era provido de rabos e teve duas filhas e um filho, que, por sua vez, deram à luz o camaleão, pai da humanidade e da Lua PIGMEUS-KIVU: O ancestral caiu do céu.
KULUWE: O primeiro casal de gente veio do céu e de lá trouxe sementes, a enxada, o machado, o fole e outras coisas.
BENA-LULUA: Deus mandou para a Terra os seus quatro filhos.
ACHANTI: Sete seres humanos, criados por Deus, desceram para a Terra, por uma corrente. Depois de lá terem procriado humanos, voltaram para as regiões celestes.
Portanto, pelo que se vê, o movimento era nada pequeno dentro daquele Nada, em que acreditavam os primitivos!
A grande tribo dos masais, cujas terras se encontram nas regiões orientais da África Setentrional, fala em seus mitos de deuses primitivos de pele vermelha, azul, branca e negra, com todos eles descendo do país das nuvens. Aparentemente, houve discórdia entre esses deuses, a respeito de suas tarefas terrestres, pois um desfez o que o outro fez. Aliás, segundo os masais, os "deuses" tiveram um físico respeitável e eram bastante combativos.
Os masais contam que, no céu, também havia animais, pois o deus branco, criador do Sol, da Lua e dos astros, bem como das plantas, foi buscar outros exemplos, tirados de mitos africanos de enredo equivalente, encontram-se na Bibliografia referente a este capítulo.
Da mesma forma, falam em movimento turbulento os mitos dos zibas, um povo bantu, que habita a Tanzânia. O seu deus antiqüíssimo chama-se Rugaba. Inteligentes como são, os zibas não o invocam, tampouco a ele oferecem sacrifícios, pois sabem que reside em lugar muito distante, lá no cosmo, na companhia de seres fantasmas, com os quais passou bastante tempo na escuridão. Rugaba produziu o primeiro ser humano, depois de ter saído da escuridão. (Hoje em dia, todo mundo sabe, pelo menos a partir do momento em que apareceram na TV as primeiras imagens das missões Apollo para a Lua, que o cosmo (= o céu) todo é uma escuridão aparentemente imensa. Agora compreende-se porque Rubaga criou o primeiro ser humano, depois de ter saído da escuridão, ou seja a sua chegada em nosso planeta.)
Supostamente, conforme o afirmam os pesquisadores, para os povos primitivos, o céu, descrito por centenas de vezes, teria sido o paraíso da felicidade absoluta, da vida boa e eterna. Os tchagas, uma tribo dos ban-tus. no Kilimandjaro, contam que alguém, que era mandado de volta para o céu, lá pereceu da mesma forma como lá morreu uma mulher esquecida, que deixou de levar o seu presente para os terrestres e retornou para apanhá-lo. Não, na África, para os antigos contadores de estórias, o céu mitológico não era um nirvana, mas sim um lugar onde a vida e a morte coexistiram, lado a lado — um mundo bastante real. Aliás, os extraterrestres não são imortais.

Quadradinho II: deuses técnicos.

No Quênia, entre as estepes dos masais e o Lago Rodolfo, mora a tribo dos nandis, com os suks, seus parentes próximos. Seu supremo chefe divino chama-se Tororut. Ele residiu no céu, era parecido com os homens, teve um par de asas; ao batê-las produzia raios e ao revoluteá-las provocava o trovão.
Os nandis conhecem um deus com o nome complicadíssimo de Chep-keliensokol. Esse nome de dificílima pronúncia quer dizer a coisa com as nove pernas de raios. Seria estranho isto?
Entre os pangwes, importante povo bantu, existe o seguinte mito, altamente notável:
O raio estava ali, acondicionado dentro de um ovo especial. Desse ovo, a mãe primitiva retirou o fogo. O ovo partiu-se e de suas duas partes saíram todas as coisas terrestres. A parte superior cresceu para um cogumelo e levantou-se ao céu. A parte inferior ficou no solo. Bem que sinto vontade de comentar esse depoimento de uma testemunha ocular, mas tenho vergonha de fazê-lo, já que os símbolos são óbvios, a ponto de logo identificarem uma venerada e antiqüíssima técnica com o progresso técnico moderno, ao qual assistimos, hoje em dia.

Quadradinho III: O estado primitivo da Terra.

Mitologia em representação tecnológica. Os índios navajos, EUA, estilizaram os "deuses" por eles observados, aponto de se parecerem com desenhos técnicos, executados na prancheta. É notável a simetria da qual os "primitivos" eram capazes e são interessantes os "jatos de ejeção" que desenharam entre as pernas da divindade.



A grande chuva

Na Zâmbia vive a tribo dos bembas. Seus mitos contam que, de início, e o que aconte- a Terra era deserta e de lodo. Veio então o deus Kabezya — de onde teria ceu depois vindo? — e fez limpeza. Regulou os cursos de água, criou as primeiras plantas, depois trouxe animais do céu; ao mesmo tempo, deixou cair de lá dois seres humanos, que povoaram a Terra com seus

descendentes.
Nas regiões meridionais do Congo, a tribo dos pendes conta que nada havia nos inícios dos tempos. Em toda parte estava a escuridão. Na Terra ainda não existiam rios, embora chovesse ininterruptamente. Só depois de a chuva parar, Mawese, deus supremo, regulou os cursos de água para formarem rios e, em seguida, criou homens ignorantes, que ainda não possuíam um organismo completo, mas, um corpo, apenas. Mawese era o criador do universo com todos os seus astros; foi igualmente o mestre que ensinou aos homens o plantio do painço, do milho e das palmeiras e até as cobras nojentas são obra dele.
Cansado de ficar só, Mawese tomou por mulher Muvadila e com a sua numerosa prole tornou-se pai de todos os povos. Quando, enfim, achou que a Terra estava suficientemente colonizada, voltou para o céu; até levou consigo alguns dos homens que, mais tarde, mandou de volta para a Terra, junto com o fogo. Mawese, realmente, pensou em tudo.
O mito dos buchongos, tribo bantu, conta o desenrolar perfeitamente cronológico da Criação: De início, havia somente a escuridão na Terra, que era coberta de água. Aí veio Bumba, um gigante de pele clara que, certo dia, sentiu eólicas no estômago e vomitou. Começou por vomitar as estrelas, o Sol e a Lua. Com o calor do Sol, a água secou e surgiram bancos de areia. Um filho de Bumba vomitou uma planta, da qual nasceram todas as demais. Então, passou a vomitar as criaturas da Terra: primeiro, os animais mais importantes e, depois, os homens. Vomitou também remédios, o meteorito e a navalha. Em seguida, os animais continuaram com a criação. Depois de criada a Terra, com esse vômito generalizado, Bumba foi às aldeias dos terrestres e lhes deu as prescrições alimentares. Um dos homens foi por ele instituído como primeiro rei, como deus na Terra. Depois, ele levantou-se nos ares e desapareceu no céu. Descontando a maneira desagradável de como Bumba pôs a Terra em movimento, são simplesmente desconcertantes aquelas noções do estado primitivo do nosso planeta. Nossos respectivos conhecimentos datam de 1953!
Naquela época, o Dr. Stanley Miller realizou as suas experiências, então famosas. No laboratório produziu uma atmosfera primitiva, artificial, e nela expôs à radiação minerais, sais, fosfatos, etc, procurando assim comprovar a viabilidade de as condições prévias da vida serem criadas na retorta. A Ciência chamou de "caldo primitivo" o produto dessas experiências otimamente bem sucedidas. Em resumo, Miller logrou provar que, nos inícios de toda vida orgânica, massas de água estavam se evaporando, com a radiação do calor da Terra e subiram em nuvens de vapor. Ao alcançarem grandes altitudes, resfriavam-se e voltavam à Terra, caindo em chuvas torrenciais. A Ciência estimou em 1,2 bilhões de anos o período que o caldo primitivo levou para produzir os nutrientes responsáveis pela origem das primeiras formas de vida primitiva. Pouco importa se esse processo teria levado alguns anos a mais ou a menos. Quando e por intermédio de quem os contadores de estórias souberam desse ciclo elementar? Pois também os mitos indicam a seqüência exata dos acontecimentos, a saber: nada — deserto — lodo — chuva — calor solar — terra seca — plantas — animais — homens — alimentos — remédios — implementos — fogo. Não deixa de ser uma gênese de qualidades apreciáveis!

Quadradinho IV: o "criador”

Se o céu mitológico fosse algo de imaginário, um ponto final chamado saudades, pela lógica, lá poderiam subsistir tão-somente seres imateriais, fantasmas, ou o que seja que esse conceito possa significar. No entanto, os deuses-fantasmas dos mitos africanos comportam um firme aperto de mão; será este um aperto de mão com fantasmas?
Por causa de sua baixa estatura, os pigmeus eram chamados pelos gregos de "anões". Habitam as selvas tropicais das margens do Lago Kiwu. Sabem que o seu Deus, Imana, está passando muito bem lá no céu. Porém ele não fora um ocioso, pois criou o homem, que fez da seguinte maneira: Deus criou também Rurema e este veio junto com Deus, para criar o mundo. Embora Rurema fosse um habitante do céu, criou todas as coisas deste mundo e ele tem um corpo (!). Também os ferreiros (!) moram lá em cima, jamais vieram para a Terra. O lugar onde ficam é lá, no céu... A Terra era um mato que cresceu por si só, embora fosse Rurema quem o criou.
Os lubas (balubas), povo bantu, de várias tribos e falando diversos dialetos, moram nas regiões

meridionais do Congo, entre Lualaba, no Alto Congo e o Lago Tanganica. Embora falem em idiomas diferentes, todos eles têm um só deus-chefe. Mukulu, que reside no céu. Primeiro, ele criou as estrelas, o Sol e a Lua. Depois de instalada a iluminação celeste, fez a Terra, de cujo solo logo mandou a água brotar; em seguida, nela espalhou as sementes das plantas e colocou os animais.

Uma vez tomadas essas medidas preparatórias, dignas de um bom pai de família, Kyomba, deus supremo, mandou descer para a Terra o primeiro homem, com duas mulheres. Em sua cabeleira — ouçam e se admirem! — Kyomba trouxe para a Terra preciosas sementes vegetais, bem como a coisa que acende o fogo. Esse homem altamente versátil, ensinou aos terrestres ignorantes os nomes a serem dados às coisas que não conheciam e os instruiu no seu uso prático.

A formação de nomes e conceitos marca o início da consciência histórica. O fato de este início ter sido marcado por visitantes celestes atesta a sua inteligência superior. Já em 1870, o famoso etimologista Prof. Max Mueller proferiu um discurso na Royal Institution, em Londres, do qual constou o seguinte trecho:

Afirmo que toda etimologia legítima coloca à nossa disposição um fato, considerando que o primeiro ato de conferir um nome se constitui em um acontecimento histórico. Aliás, foi um acontecimento de altíssimo significado para a posterior evolução das idéias da Antigüidade.



Mitologia, apresentando roupa de astronauta. Uma estatueta de "divindade", de procedência mexicana, encontrada em Tlapacoya.

Não podem passar por despercebidos os apetrechos de astronauta, tais como a máscara do rosto, o cinto com a lâmpada nele presa e o macacão.
Os Ya-Luos, do Lago Vitória, informam que seu ancestral Apodho teria descido do céu, trazendo trigo e gado, o que está em perfeita sintonia com os mitos bassaris, segundo os quais, Unumbotte, deus do céu, deu aos terrestres sementes para a semeadura, após tê-los advertido de bater a terra, que ainda não estava batida. Conquanto ainda não se costumava espoliar o solo com agentes químicos, ele soube dar um conselho biológico de grande valia.
A julgar pelos mitos africanos, outrora o céu era uma imensa loja de sementes e, ao mesmo tempo, uma estufa, produzindo vegetação luxuriante. Os tussis de Ruanda (Burundi) afirmam saber que no início de toda a existência o céu se partiu e toda a semeadura caiu sobre a Terra. Mu-gulu, príncipe dos céus e ancestral dos tchagas, trouxe uma banana, uma batata, uma

vagem, uma espiga de milho e uma galinha. Como se esqueceu de trazer o grão para a galinha, teve de voltar para o céu... e nunca mais apareceu; sofreu o destino de todos os mortais, morreu. Portanto, o céu de Mugulu não era o paraíso da bem-aventurada imortalidade! Aliás, a mulher celeste, Unyoro, teve sorte igual, por ocasião idêntica: dentre as sementes que trouxe para a Terra, deixou de levar uma determinada espécie de gramíneas; voltou depressa para a estufa celeste, onde então faleceu.
Como, aparentemente, os deuses-criadores eram colonizadores bastante capazes, quiçá na classificação dos dados que lhes dizem respeito, uma ou outra das perguntas em aberto poderia encontrar resposta. Acontece que todos nós sofremos a influência da ordem antropológica, postulando que uma coisa sempre evolui de outra. Para tudo que vive há árvores genealógicas... com dados falhos, como, por exemplo, para o milho, a banana, o trigo. Hoje, com base em conhecimentos seguramente sólidos, promovem-se complicadíssimos processos de cruzamento no reino vegetal e animal. Quem possuiu tais conhecimentos, nos tempos primitivos? Quem era então o criador... ou o importador?
Reminiscência desolador a — criação solitária Os mitos dos masais dão que pensar. Seu muito potente deus branco confeccionou no céu o primeiro homem, Maitumbe. Depois de o deus branco ter providenciado os suprimentos necessários à manutenção dos terrestres, despachou Maitumbe para a Terra. Lá, tornou-se uma espécie de Noé africano, pois ficou sendo o ancestral da humanidade. Sem o auxílio de uma parceira, Maitumbe procriou, por si só, sete seres humanos; logrou esta procriação solitária pelo fato de ter sido masculino e feminino, ao mesmo tempo.
A esta altura, vou separando o cerne (ponto de referência!) do amontoado de mensagens verbosas, infladas. Embora merecessem compaixão os nossos ancestrais hermafroditas, salta aos olhos o fato de, um toda parte, o primeiro ser terrestre ser descrito como reunindo os caracteres de ambos os sexos. Esta mensagem encerra algo de notável!
Por mais primitivos que fossem os nossos antepassados, eles não eram estúpidos e também tinham os seus dois olhos para enxergar. Com a falta de espaço habitacional, nem podiam deixar de olhar em sua volta e ali observar como seus semelhantes se acasalavam, conquanto eles próprios também se dedicassem, com muito prazer, à tarefa da reprodução e multiplicação de sua espécie.
Seres reunindo no seu organismo os caracteres do sexo masculino e do feminino? Seria esta uma referência a um ato de criação ou mutação artificial, totalmente incompreensível? Este é um ponto tão notável que, certamente, merece estudos mais aprofundados.
Igualmente enigmática é a estória do "senhor Sol e da Senhora Lua", contada pelos nbonga-ambos. Outrora, o Sol e a Lua sempre fizeram suas refeições juntos. Certa vez, a Lua deixou queimar um pedaço de fígado; o Sol ficou furioso; gritou para a Lua: "Olhe o que fez!" e queimou a sua face. Desde então, a Lua apresenta cicatrizes no rosto.
Uma estória apenas, mas, de onde os indígenas sabiam que a face da Lua tem "cicatrizes" (arranhões)?

PERGUNTAS EM ABERTO

Em vez de notas de rodapé, umas perguntas, apenas.
Os etimologistas doutrinantes dizem que os ancestrais de nossos antepassados não poderiam ter imaginado seus "deuses" em outro lugar, a não ser no céu, porque para eles o céu com seus astros representava o infinito, o inacessível, enfim, a felicidade suprema. Onde, além do cosmo, deveriam procurar por seus "deuses"? Foi de lá que vieram todos eles, bem materializados, com uma porção de coisas utilíssimas em sua bagagem, e conselhos muito sábios na cabeça. Embora o "céu" fosse a residência dos "deuses", era um céu bastante movimentado e ativo.
Se, por uma ou duas vezes apenas, tradições totalmente diversas dessem descrições locais do céu e relatos das atividades divinas, isto poderia ser considerado como acaso plausível, provocado por inspiração poética. No entanto, ao tratar do assunto, todas as tradições fazem coro; será que isto ainda vale por um acaso?
Provavelmente, em todos os tempos, o homem estava preso à rotina, viveu o seu dia-a-dia,

como continua a vivê-lo. O mar não oferece encantos iguais ao homem que vive em sua praia e àquele que mora nas montanhas e chega a apreciá-lo somente de vez em quando. Por ocasião dos primeiros vôos espaciais, as imagens da volta dos astronautas foram transmitidas pela TV para todo o mundo, diretamente do Pacífico, e todo o mundo ficou com a respiração presa. O número dos telespectadores era então da ordem, alcançada apenas de quatro em quatro anos, na transmissão dos jogos finais da Copa do Mundo. Com os repetidos vôos espaciais o incrível, o extraordinário virou rotina. O interesse público diminuiu a ponto de tais imagens já terem passado para o noticiário comum, de todo dia. Aquilo que pode ser repetido chega a vulgarizar-se, deixa de ser manchete.

Deveriam ter sido ocorrências sensacionais, cujos relatos passaram de geração em geração. De certo não se tratava de fenômenos naturais que costumam acompanhar o cotidiano, conforme querem ensinar-nos. Um belo dia tornou-se corriqueiro o ato de colocar a semente dentro do solo, de criar animais, dar nome às coisas do meio ambiente, igual e progressivamente integradas no ciclo da vida diária. Se sempre tivesse sido assim, tudo teria passado em branca nuvem, sem comentário; porém, o início era digno de nota, porque se deu em circunstâncias tão tremendas e fora do comum. Do céu azul, deuses de nomes complicadíssimos desceram a bordo de veículos nunca vistos. Isto, sem dúvida, era novidade! Notícia a ser passada para os pósteros.

Os mitos deveriam ser lidos e apreciados através de óculos modernos; aí, então, notar-se-iam as sensações que encerram.

A meu ver, foram preenchidos alguns dos quadradinhos vazios no álbum de minha coleção de mitos africanos. Nessa coleção, os mitos dogons representam o selo raro, a grande preciosidade que nem por preços exorbitantes, pode ser eliminada deste mundo.

A seguir, esboçarei a maneira de como, eventualmente, um mito poderia ter surgido.

No ano 15000 antes de nossa era, um astronauta aterrissa no centro da Austrália. Os indígenas primitivos, apavorados com o intruso, recolhem-se em suas habitações. Aos poucos, saem de lá, curiosos e, como animais, perdem o medo diante da presença do dono estranho. Percebem que o forasteiro nada de mal intenciona contra eles. Passa-se mais outro período de tempo, até o astronauta lograr entrar em contato com os primitivos — ele com eles, não eles com ele! Os poucos sinais que compreendem não bastam para transmitir-lhes o essencial: o forasteiro não é nenhum deus. Para explicar isso não existem sinais, nem gestos. Para os indígenas, o forasteiro continua sendo um deus, pois viram e ouviram como desceu do céu, com grande barulho.

Como o astronauta deve explicar, sem a ajuda de um só rasgo de fala aproveitável, o que, para ele, é tão tremendamente simples? O caso ficaria solucionado se os indígenas compreendessem aquilo que o "deus" continua repetindo, para si próprio, em sua língua: "Ó, amigos, sejam sensatos! Sou de carne e osso, podem pegar em mim! Olhem lá para o céu: venho daquela estrela ali, muito parecida com o seu planeta. Lá em cima, está a minha terra! Não se amedrontem com a claridade que viram quando aterrissei. Eram os faróis acesos, que me ajudaram encontrar um lugar para descer. Olhem só, aqui, os cabos condutores da força do gerador!"

Os indígenas não compreendem patavina, mas mesmo se pudessem pescar alguma coisa, não aceitariam a sua afirmação modesta, dizendo que não é nenhum deus. Eles viram com seus próprios olhos como o forasteiro surgiu do cosmo. Este era um feito maduro, divino.

O que se teria passado naqueles cérebros, depois de o astronauta ter partido e voltado para junto de seus semelhantes?

Os cérebros "trabalham". Dentro dos limites do seu linguajar, procuram por expressões adequadas para, aproximadamente, transmitir a extraordi-nariedade daquilo que experimentaram. O deus apareceu no interior de um veículo, que emitia uma claridade agressiva, brilhante, e deixou uma esteira luminosa atrás de si. A fim de dar essa descrição foram buscar termos de comparação com o Sol, que conheciam como claro, quente e redondo. Destarte, contaram que surgiu algo mais claro e mais quente do que o Sol e que girava sobre si, igual a um disco. Aquele algo fez um barulho enorme... igual ao ribombar do trovão. O algo estranho desceu das nuvens e se movia; portanto, era um veículo. Só que os veículos costumam locomover-se em terra, conquanto aquele lá veio voando. Viram-no com seus próprios olhos. Como deveriam explicar o inexplicável? Sabem como os pássaros voam pelos ares... sim, foi isso

mesmo: um veículo com forma de um disco em rotação, dentro de uma luz brilhante, mais clara e quente do que o próprio Sol, que se dirigiu à Terra, igual a um pássaro gigante. O algo também era muito perigoso e sua forma não era perfeitamente redonda. São muito perigosas as cobras gigantes que se arrastam no chão. Pois é, era um veículo, perigoso como a cobra e apresentando a forma de um ovo. O ser que desceu do ovo e com eles falou ostentava trajes bonitos, vistosos, caros. Pois é, o deus vestia roupa, feita de couros que brilhavam como se fossem de prata.

Desta ou de outra forma parecida o evento sensacional poderia ter chegado a condensar-se em uma estória, transmitida de geração em geração. Nada de estranhar que a quinta geração depois do dia X já nem podia mais fazer idéia daquilo que realmente aconteceu. Todavia, é um verdadeiro milagre quando, 15.000 anos depois, os filólogos alegam saber exatamente o que os nossos ancestrais remotíssimos devem ter pensado e sentido, naquela hora!

O que é que diz a interpretação de eventos mitológicos, dada por um eti-mologista de renome?

A árvore celeste Com freqüência, as epopéias mitológicas mencionam um imponente carvalho, ou uma grande macieira ou uma linda roseira; acho praticamente fora de dúvida que elas simbolizam uma árvore imaginária, detrás da qual, o povo achava que, manhã após manhã, o Sol surgisse a Leste. O próprio Sol também é chamado de rosa ou maçã dourada e, como a rosa e a maçã necessitam de um tronco para florescer, deve ter sido crença geral que, toda manhã, uma árvore invisível brotasse do solo, crescesse e crescesse até a hora do meio-dia e, ao anoitecer, ou caísse por terra, ou fosse derrubada.

Entenda quem puder de onde os superperitos, conquanto não recebam inspiração divina, tiram suas noções definitivas a respeito daquilo que os nossos ancestrais remotos devem ter pensado, como se animam para saber em que devem ter acreditado.

Estão fazendo o jogo da confusão. Quem está com um "straight flush", isto é, uma seqüência de cinco cartas do mesmo naipe na mão? ' Alguns dizem que o enredo de um mito representa um acontecimento histórico, transformado em fábula. Tão logo me ponho a estudá-lo sob esse aspecto, alguém sussurra ao meu ouvido: Errado, é uma fábula transformada em história. De que se trata, afinal? Se se quiser transmitir a história, por que então recorrer ao minicírculo da fábula? E, por outra, sendo fábula, onde fica, então, a história? Seria bom sincronizar as opiniões.

Estudos comparativos, realizados com pesquisa competente, deram mais ou menos os seguintes resultados: O povo A contou uma estória idêntica com outra, contada pelo povo B; ambos usavam troncos lingüísticos aparentados, conceitos morais semelhantes e falavam das mesmas divindades. Isto permite a seguinte conclusão: Evidentemente, em qualquer época, os dois povos em apreço, tiveram uma só base ou estiveram sob influências ambivalentes. No entanto, a pesquisa comparativa de mitos não sabe informar, se suas comparações partem da significação primitiva e original dos eventos que descrevem.

Obviamente, os mitos encerram muitas idéias e alegorias, cuja essência foge à nossa vista e compreensão, dando assim margem a interpretações várias. Ademais, há mensagens que não se coadunam com o nosso saber garantido e comprovado a respeito dos povos e tempos antigos.

Desde tempos remotos, a mitologia era muito apreciada como objeto de estudos. Contudo, ao longo de séculos, aspectos religiosos vedaram o acesso a ela. Levou muito tempo até que enfim, se cogitou da eventualidade de o folclore poético encerrar genuínas tradições históricas, ou ainda, revelar dados essenciais sobre a origem do mundo. Por outra, não levou muito tempo para se descobrir que são perfeitamente suscetíveis de exame e verificação os dados contidos nos mitos sobre povos, grupos tribais e familiais, fundações de colônias e modos de comportamento de determinadas etnias. Porém, interpretações de ordem religiosa, filológica e etnológica, bem como materialista, sempre levantaram novas perguntas. Parece quase impossível chegar até a origem de todas as coisas, trabalhando tão-somente com o bisturi das disciplinas puramente científicas.

Não seria do meu feitio apelar à fé, pois o que eu almejo é o saber. Em busca de verdades que não fossem efêmeras, os mitos poderiam ser de grande valia. Só e justamente hoje! Com os atuais conhecimentos técnicos é possível separar o cerne das tradições. Esse método oferece a vantagem de, em menos tempo, produzir melhores resultados, porque é a tecnologia a fornecer

os fatos funcionais de nossos dias.
Em Engenharia isto chama-se "trabalhar racionalmente". Fábricas de pensamento acadêmico teriam muito a aprender com a técnica tão caluniada; ela reduz cada problema à sua versão mais simples e, para tanto, procura soluções que não sejam ultrapassadas no dia seguinte, porque estavam erradas as premissas nas quais, ontem, se basearam. A tecnologia não poderia dar-se ao luxo de enveredar, desnecessariamente, por tantos e tão tortos caminhos sem retorno.
Quanto à mitologia, o modo de colocar o problema em sua versão mais simples oferece a vantagem de chegar mais perto da verdade possível, pois, de início, inapelavelmente, deparamos com a deficiência total da língua. O vocabulário dos antigos repórteres era primitivíssimo, seus conceitos eram limitados, reduzidos exclusivamente às coisas do dia-a-dia e aos fenômenos da natureza, em constante repetição. O clã, os parentes, animais, plantas, ferramentas simples e armas rudimentares tinham a sua denominação — o fogo e o sol, a água e o vento, o dia e a noite, o nascer e o pôr do sol, o relâmpago e o trovão, o nascimento, a doença e a morte tiveram os seus nomes. No entanto, quando se deu algo que não podia ser descrito com as poucas palavras daquele vocabulário rudimentar, então era preciso inventar circunlóquios, rodeios de palavras que, embora parabólicas, mas hoje racionalmente perceptíveis, criaram imagens, produziram poesia.
Lavra em erro quem supuser que o falar e o pensar fossem funções en-treligadas e não se pudesse pensar sem falar. Também é matemática (e com isso um processo mental) quando em um leilão, o comprador anônimo, sentado no último banco, atrás, levanta a mão e estende os cinco dedos, instruindo assim ao seu preposto, na primeira fila, da frente, para fazer um lance de Cr$ 500.000,00. Quando o homem rico levantar a mão por duas vezes, o seu lance é dobrado para um milhão. Não houve troca de uma só palavra, mas sim houve intensa atividade mental.
Os gestos tanto são portadores de uma mensagem como o são a imagem, o canto, a música; freqüentemente até podem expressar aquilo que não pode ser expresso pela língua. Ninguém conhece, ninguém jamais conhecerá os gestos com os quais os antigos contadores de estórias acompanharam os seus relatos. Possivelmente, um sorriso, um choro, um som espontâneo, inarticulado, descreviam situações complexas... e acabaram por "contá-las".
Lembro de um encontro com um vaqueiro, em uma das montanhas do maciço Bernina, nas terras da Suíça, minha pátria. Ele contou lendas de um homenzinho das montanhas, que até hoje anda por ali. Quando o vaqueiro não encontrava palavras certas, suficientemente expressivas, de repente, começava a gesticular e assim, através da mímica, se comunicava, sem palavras.
Contudo, não se cogita, nem de longe, do papel desempenhado pela mímica na tradição oral.
A língua é a enteada predileta do pensar. Ela sempre anda manquejando atrás dos eventos. Ainda está para encontrar e formar seus conceitos, quando a novidade já aconteceu. A língua tampouco é uma "coisa" de valor inalterável, pois não pára de mudar a essência de seus conceitos. Sobre o pano de fundo do ocasional nível cultural de quem a usa, a língua jamais é isenta de valor; sempre se adapta ao espírito da época. Mesmo a partir da data em que a língua começou a ser transmitida por escrito, é bastante relativa a sua clareza. No entanto, acontece que em sua maioria os mitos se originaram bem antes dos inícios de nossa era, em um passado remotíssimo, ainda pouco pesquisado. Por quantas vezes as palavras originalmente empregadas teriam mudado de sentido? Ademais, cada pesquisador que tratou dos mitos deu significado semântico diverso às palavras primitivas. Aliás, foi essa uma das razões, e não a de menor peso, pelas quais a sua interpretação, feita em datas diferentes e sob pontos de vista vários, produziu tanta controvérsia. O circunlóquio poético sempre foi supervalorizado, conquanto, intencionalmente ou não, se desconsiderou a essência daquelas mensagens que, por assim dizer, se passaram em tempos virgens, pois encerram uma substância vivida, sofrida e relatada. Por dentro do invólucro supervalorizado, essa substância ainda continua reconhecível.
Dia de Ascensão. Dia santificado pela Igreja Católica, com base em uma lenda bíblica a ser esclarecida.
Ascensão. Relato de fatos, descrevendo o nosso planeta de grandes altitudes. A ser relido na epopéia babilônica de Etana, escavada em Ní-nive, junto com a biblioteca de plaquetas de argila do rei assírio Assur-nasirpal (669-626 a.C); atualmente, em sua maior parte, encontra-se no

Museu Britânico, em Londres, representando a coleção mais importante da literatura babilônio-assíria.
Não se sabe de quando data essa epopéia; alguns dos seus trechos constam da Epopéia de Gilgamés, mais antiga (depois de 2000 a.C), escrita no idioma acádico. A epopéia de Etana bem pode recuar até os primórdios da história da humanidade, pois sua imagem já se encontrava em um si-nete cilíndrico de 5.000 anos.
Os trechos que se seguem dão a segunda e terceira partes da tradição de Etana.
Etana implora o deus Samas para que lhe dê a erva do parto (também, erva da imortalidade). Samas manda Etana falar com a "águia", que lhe pergunta o que deseja. Quando Etana fala "Dê-me a erva do parto", é levado para o céu estrelado. Durante o vôo, por seis vezes, a "águia" chama a atenção do companheiro para a Terra embaixo, e como constantemente ela diminui de tamanho.
Quando já o havia levado por algum tempo, a águia falou para ele, Etana:
Olha, meu amigo, como ficou a terra, veja o mar, aos lados da montanha do mundo.
"A terra parece-me com uma montanha, O mar tornou-se uma corrente de água.”
Quando, de novo, o havia levado durante algum tempo, a águia falou para ele, Etana:
Olha, meu amigo, como ficou a terra.
"A terra parece-me como uma plantação de árvores.”



Mitologia em sinetes cilíndricos.

Por volta de 3000 a.C, os sumérios inventaram o sinete cilíndrico. Eram sinetes de 1 a 6 cm de comprimento e serviam para carimbar documentos, quitar contas e passar recibo de contribuições prestadas ao templo ou ao tesouro nacional.
tal A águia sobe com o filho do homem para altitudes sempre maiores e continua dizendo a ele que olhe para baixo e diga o que vê. Enfim, a terra é "do tamanho de uma choça" e o mar infinito "do tamanho de um quintal".

Esta reportagem, publicada pelo Prof. Richard Hennig, no "Jahrbuch des Vereins Deutscher Ingenieure"*, de 1928, e reputada como "provavelmente a mais antiga reportagem de vôo do mundo", conclui com o seguinte texto fascinante:
Meu amigo, olha lá, como ficou a terra.
"A terra diminuiu para um bolo e o mar imenso para uma cesta de pão.”
E, novamente, a águia voou mais alto e falou:
Meu amigo, olha lá, como a terra desapareceu.
"Estou olhando e vejo como a terra desapareceu e os meus olhos não se deliciam mais com o mar imenso!
Meu amigo, não quero subir ao céu.
Pára, afim de que eu possa voltar à Terra!”
"Eagle has landed" — "a águia aterrissou"! era a mensagem dos astronautas para o Centro de Pesquisas da NASA, em Houston, quando o primeiro módulo lunar tripulado tocou no solo da Lua. "A ÁGUIA aterrissou!”
Igualmente sóbrio e objetivo parece-me o relato do vôo espacial de Etana. Eagle has landed.
Na biblioteca de plaquetas de argila, de Nínive, encontraram-se também trechos de um mito do "Início do Mundo". Quase já não mais surpreende o fato de também este relato da Criação, datando de tempos remotíssimos, encerrar conhecimentos atuais da origem do mundo (caldo primitivo): Outrora, quando o céu, lá no alto, não tinha nome, a terra, lá embaixo, não era chamada por nome, quando o oceano, aquele que tudo iniciou, o gerador, e o estrondo das águas do mar vieram a gerar tudo que existe, quando nenhum campo estava formado, nenhum junco à vista, outrora, quando nenhum dos deuses existia, nenhum nome era chamado, nenhuma sorte tinha caído, então, foram criados os deuses, surgiram Luhmu e Lahamu, períodos imensos de tempo se passaram.
Sargão I (2334-2279 a.C.) fundador do terceiro império assírio, era um homem de idéias avançadas, progressistas. Mandou reunir escrituras preciosas de toda espécie em uma biblioteca gigantesca. Lá, foram encontradas tradições do grande dilúvio, mais antigas do que os relatos bíblicos e a Criação. A Criação bíblica compreende 31 versículos, e a criação assíria, bem mais antiga, ocupa sete plaquetas de argila, com mais de 1.000 linhas, no anverso e no verso.







As imagens gravadas nos sinetes cilíndricos constituem provas impressionantes da lembrança de visitas do cosmo.







Atributos do espaço sideral, tais como sistemas planetários, figuras flutuantes no espaço e isentas de gravidade, bem como dispositivos de aspectos técnicos constituem os motivos mais que evidentes, gravados nos sinetes cilíndricos.
Por mais de 40 anos, o assiriólogo norte-americano Fred Talmimi, presidente da Assyriology Research Foundation, trabalha em uma nova tradução de caracteres cuneiformes. Talmimi, que apoia a minha teoria da visita dos extraterrestres, escreveu-me:
A tradução mais correta para o sentido do originário termo assírio "deus", deveria ser na ponta sobre as chamas. Outrossim, as escrituras colecionadas por Sargão I deveriam ser datadas de uma época bem mais remota do que costumam sê-lo, hoje em dia.
Na ponta sobre as chamas? É só reler Ezequiel:
... havia uma semelhança de trono de safira e sobre esta semelhança de trono havia uma semelhança de homem assentado. E vi como uma espécie de um metal brilhante, como o aspecto do fogo, no interior e em volta dele. Da sua cintura para cima e da sua cintura para baixo vi como um fogo que resplandecia ao redor...
Ez. 1,26-28
Já que no Ocidente cristão o texto bíblico é aceito como autêntico, transcreverei a seguir quatro vozes masculinas, decantando a mensagem da "ponta sobre as chamas".
Primeiro, ouviremos o baixo grave de Moisés, fundador da religião de Jeová:
Todo monte Sinai fumegava, porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio do fogo e dele, como duma fornalha, se elevava fumo e todo o monte causava terror.
Ex. 19, 18
A seguir, o baixo agudo de Davi, o rei:
...(O Senhor) baixou os céus e desceu e tinha uma escuridão debaixo de seus pés. ... Pôs trevas em redor de si para se ocultar, joeirou as águas das nuvens do céu. Pelo esplendor da sua presença acenderam-se carvões de fogo.
2 Rs. 22, 10-13
... o barítono sonoro do salmista:
"Seus relâmpagos iluminaram o mundo; viu-os a terra e tremeu.
Sl. 96, 4
... o tenor vibrante de Miquéias, o profeta:
Porque o Senhor vai sair da sua morada; descerá e pisará aos pés tudo o que há de grande na terra. Debaixo dele os montes desaparecerão e os vales se entreabrirão como a cera diante do fogo e como as águas que se precipitam num abismo.
Miq. 1,3-4
Fred Talmimi é de parecer que sinetes cilíndricos e escritas assírias mostram e descrevem no mínimo oito seres, ocupados em diversas funções profissionais, porque seus nomes traduzidos têm significado bastante explicativo. Talmimi deu-me esta lista:

	significa
RAMANI	"altos"
SAMANI (Samayi)	"celestes"
KHALABI	"pilotos"
SAPAQI	"astronautas"
SAPARI	"viajantes"
GABARI	"gigantes"
ARAYI	"presos à Terra" ou "homens da Terra"
RAYI	"controladores" ou "observadores"

Qual será a mensagem contida nas tradições assírias, quando seus an-tiqüíssimos conceitos forem interpretados sob os pontos de vista do progresso moderno?
Diga-me onde estão as raízes...
Etimologistas de renome internacional acham que toda a mitologia poderia ser explicada mediante o conhecimento dos troncos lingüísticos. Sem dúvida constitui tarefa importante da Filologia esclarecer o sentido das palavras, derivando-as de troncos lingüísticos. No entanto, vejo aqui um problema no qual devem esbarrar até os resultados de pesquisas, realizadas com o máximo rigor e cuidado. Jamais será possível verificar o modelo, o motivo, o evento que provocou a constituição de palavras e conceitos. O sentido originário, qual foi? Como, honestamente, não há resposta para essa pergunta, tampouco pode ser descrito o tronco, cujas raízes ignoramos. Por outra, poder-se-ia chegar ao cerne da questão, se e quando vocábulos adequados da moderna terminologia técnica fossem introduzidos na tradução. Destarte, dispensar-se-iam os truques e obter-se-iam reportagens, conforme foram feitas a seu tempo e que, somente hoje, se tornam inteligíveis. É só querer. Com mil e um indícios, pretendo colocar-me aos serviços dessa idéia, para fazê-la vingar.

TENNO — IMPERADOR E DEUS

Até que, em 15 de dezembro de 1945, os Aliados proscrevessem o xín - O Japão toísmo, era este o culto religioso nacional do Japão, cujo chefe supremo, Tenno, era o imperador, deus supremo e governador terrestre, em uma só pessoa. Os Aliados pretenderam dissolver a sólida tradição japonesa, pois um chefe de Estado, venerado como um deus, estava fora do alcance do seu poder executivo; portanto, depuseram um deus.
Em três obras coletâneas, de anais, o xintoísmo conserva uma tradição antiga; o Kojiki, redigido no ano de 712, compreende a história dos eventos, registrados em tempos precoces; o Nihongi abrange 30 livros, da autoria do Príncipe Toneri e representa uma espécie de história oficial do império, datando de 720; o Kujiki relata a história dos acontecimentos nos primórdios dos tempos. Embora essas obras tivessem sido redigidas na Era Cristã, não há dúvida de que elas representam transcrições de originais bem mais antigos, baseados em tradições orais, datando de tempos remotos.
Peço vênia referir-me à teoria "Bigue-Bangue", esboçada em outra E, novamente, parte e segundo a qual, os astrofísicos atribuem a origem do cosmo à explosão do átomo primitivo, antes de citar o trecho inicial do Nihongi que em muito lembra esta nossa teoria hodierna:
Nos tempos muito remotos, quando o céu e a terra ainda não estavam afastados um do outro e o feminino e o masculino ainda não estavam separados(!), formaram um caos, igual a um ovo de galinha e a sua massa caótica encerrou um germe. O que havia de puro e claro nessa massa, adelgaçou-se e estendeu-se para formar o céu; o pesado e turvo ficou como resíduo, para formar a Terra.
Quanto à combinação do delgado, a sua aglomeração se deu facilmente; porém a coagulação do pesado e turvo era difícil de ser conseguida, em sua totalidade.
Por isso, o céu se fez primeiro e somente depois a Terra adquiriu uma determinada forma.
O Prof. Lemaitre, autor da idéia da explosão primitiva, a ser verificada pelo efeito de Doppler,

diz: toda a matéria do cosmo estava comprimida, como massa de matéria pesada, no interior de um átomo primitivo.
Mitologia riscada em paredes de rocha. Um deus da Idade da Pedra, flutuando no ar, isento das leis da gravidade, aparece nas paredes das cavernas Fogape, no Japão.
ONihongi diz:
...a sua massa caótica encerrou em germe.
Hoje, os astrofísicos postulam: Durante um processo cujo decorrer
se estende através de bilhões de anos, a Terra resfriou, formaram-se minerais, água, metais, etc. Para os gases suspensos, o processo teve início apenas quando a Terra entrou no âmbito da força de atração de um corpo celeste.



ONihongi fala:
Quanto à combinação do delgado, a sua aglomeração se deu facilmente; porém, a coagulação do pesado e turvo era difícil a ser conseguida, em sua totalidade. Por isso, o céu ... primeiro ... somente depois a Terra....
No universo ainda continua virulento o efeito da grande explosão "Bi-gue-Bangue"; conforme comprovável pela variação para o vermelho, as galáxias jamais param de afastar-se, uma da

outra. E, ainda mais, outro-ra como hoje, diversas moléculas de gases flutuam entre o Sol, os planetas e a Via-Láctea. Diariamente, a Astrofísica pode acrescentar um novo versículo aos antigos cânticos da descoberta.
ONihongi:
O que havia de puro e claro nessa massa, adelgaçou-se e estendeu-se para formar o céu; o pesado e turvo ficou como resíduo, para formar a Terra.

Terras, iguais a peixes, à flo da água

Vamos falar um pouco em Geologia hodierna!
Na escola, toda criança aprende que a extrema superfície externa da Terra é a crosta terrestre, a qual, com o volume de nosso planeta, da ordem de 1.083.219.000.000 km^3, quase atinge a espessura de uma casca de maçã. Para falarmos em termos comparativos. A crosta terrestre repousa sobre uma camada parecida com granito; mas, em extensos trechos sob os oceanos, esta camada inexiste. O limite inferior da crosta terrestre desce até 8 a 15 km debaixo da superfície marinha até 30 a 40 km debaixo de baixadas e até 50 a 70 km debaixo da superfície de planaltos e serras. O manto da Terra desce até 2.900 km de profundidade e a 5.100 km de profundidade começa o seu núcleo interno, contendo o magma, a massa fluida, ígnea, saturada de gases.
Em 1912, o geofísico Alfred Wegener (1880-1930) lançou a sua teoria da deriva dos continentes, entrementes comprovada e documentada pela pesquisa oceanográfica. Wegener partiu da premissa de um grande continente primitivo, em um grande oceano pacífico, que se desintegrou na Idade Média da História da Terra e cujas partes se espalharam; para tanto, temos aí os indícios representados, por exemplo, pela América do Sul e África, pela América do Norte e América do Sul, separadas somente durante esse período de derivas continentais. Faz pouco tempo que a teoria de Wegener foi documentada como um saber concreto, garantido!
E o que diz o Nihongi a esse respeito?
Em seguida, seres divinos surgiram entre eles. Por isso se diz que, no início da Criação, o movimento de solos terrestres, flutuando sobre as águas, podia ser comparado aos movimentos de um peixe, nadando e brincando àflor da água.
Estranho, não é?
O Nihongi está otimamente bem informado. Qual a prova em contrário, a invalidar a tese de que deuses, criados no céu, de onde saíram como indivíduos perfeitamente puros, tivessem sido os informantes?
Etimologistas dizem que "naturalmente, essas figuras de divindades devem ser compreendidas somente como símbolos. Jamais existiram na realidade."
Sempre quando nos mitos se suspeitar da existência de realidades de outrora — aparentemente, uma idéia horrível! — então essas tradições, que sob condições diversas devem servir para mil e uma coisas, são reputadas como "meros" mitos. Qual, então, a árvore genealógica na qual seria permitido apoiar-se, no caso de a mitologia de nossa história primitiva encerrar nada mais além de símbolos? E se assim fosse, surge a pergunta: Esses símbolos significam o quê?
O termo símbolo é derivado do vocábulo grego symballein, que quer dizer juntar tudo'. As enciclopédias explicam: "O símbolo exprime a referência figurativa de sinais e denominações, demonstrando assim o sentido daquilo que se queira exprimir, a exemplo do que faz a parábola. Sinais múltiplos podem exprimir um conteúdo e diversos conteúdos podem ser ligados por um sinal."
Pois bem; vamos obedecer religiosamente os ditames que mandam compreender os mitos a título de símbolos. Porém, aí então eu vou querer conhecer exatamente o "sentido daquilo que

se queira exprimir". Não, não é válida a tentativa de continuarmos na base do "sem compromisso", pois quero conhecê-lo a fundo, bem a fundo.
Os trechos do Nihongi, depondo sobre a origem do cosmo, têm o seguinte preâmbulo: UMA ESCRITURA REZA:
UMA ESCRITURA REZA: Quando, de início, o céu e a Terra se separaram um do outro, no meio do vazio havia uma coisa de conformação difícil de ser descrita. Lá dentro criou-se uma divindade por si só.
UMA ESCRITURA REZA: Desde os tempos mais remotos, quando a terra era nova e o planeta Terra era novo, algo nadou por ali, como se fosse óleo flutuando. Naquela época, no interior da terra, nasceu uma coisa de figura igual à de um broto de junco. Desta coisa, mediante transformação, surgiram divindades com os nomes... Ademais, no meio do vazio apareceu uma coisa parecida com óleo flutuante, que, em seguida, se transformou em uma divindade...
No meio do vazio havia uma coisa de conformação difícil de ser descrita... Lá dentro criou-se uma divindade... No interior da terra nasceu uma coisa de figura igual à de um broto de junco... surgiram divindades.
Como deveria explicá-lo? O broto de junco apresenta uma ponta aerodinâmica que se alarga para uma esfera. Pessoas acostumadas a trabalhar com junco poderiam reconhecer, nesta comparação da "coisa", os contornos de uma nave auxiliar, fazendo serviço de ligação.
Discos voadores — inventados no século XX, descobertos no ano 4000 Aliás, nós, os supercivilizados do século XX, continuamos atrasadíssimos quando se trata de encontrar definições para coisas nunca vistas! Quanto a este ponto, em nada evoluímos!
Uns 30 anos atrás, alguém falou que teria avistado no céu uma "coisa" — como era mesmo aquela coisa? — que ainda está para ser identificada. Desde então, milhares de pessoas, entre elas Jimmy Carter, dos EUA, afirmam ter avistado tais objetos. A primeira pessoa a descobri-los não encontrou nome adequado para o objeto voador desconhecido, portanto, falou em algo a ser identificado.
Antecipo com grande prazer os desmedidos esforços, dos etimologistas do ano 4000, para interpretar um mito do século XX! Vão revirar os sítios de escavação, em busca de jornais velhos e de bibliotecas. Em toda parte encontrarão referências àqueles ominosos objetos voadores não identificados. Àquela altura, seus colegas, os arqueólogos, já devem ter juntado alguns cacos que foram recompostos em pires, provando assim que, outrora, tais objetos serviram de pratinho sobre o qual se colocava a chá-vena ou a xícara, usada para tomar bebida. Mas, o que se deu com aquelas coisas que, segundo os mitos, voavam pelos ares, mudavam de cor, evoluíam em surpreendentes curvas de zigue-zague e se exibiam de outras tantas maneiras?
Os etimologistas do ano 4000 acabarão por concordar que esses objetos voadores deveriam ter representado utensílios de uma ginástica aplicada, muito popular em todo mundo, visto que sob os restos de cimento de uma arena, a estátua de um atleta, fundida em bronze, está segurando na mão, com gesto de arremessá-la para o ar, alguma coisa parecida com esses objetos. Terminaria assim, com bom êxito, no ano 4000, a interpretação científica de um mito!
E nenhuma iniciativa cívica!
A exemplo do que contam os mitos africanos dos dogons, também segundo o Nihongi, oito pessoas desceram do céu; veio, pois, toda uma equipe, causando poluição sonora e ambiental, tanto na decolagem, como na aterrissagem:
Quando, em primeiro lugar, Susa no Wo no Mikoto subiu ao céu, o grande oceano ribombou como um trovão e agitou-se; os montes e as colinas gemeram ruidosamente, e tudo isso aconteceu por causa da violência da natureza divina.
A seguir, daremos um pulo até a índia e às Terras Bíblicas!
Do Maabárata[18], transcrição de mitos hindus, recuando para os tempos mais remotos e abrangendo 80.000 versículos duplos, consta o seguinte trecho:
Bhima voou com sua vimana, montado em um enorme relâmpago, que teve o brilho do Sol e cujo ruído era como o ribombar do trovão de uma tempestade.
Em Ezequiel, a "visão da Semelhança da glória do Senhor" surgiu com um barulho comparável ao "ruído de um exército" e ao "ruído de muitas águas". Quando o Senhor bíblico desce sobre o cume da montanha sagrada, espalha o pânico no ambiente todo, com fumaça, tremor, ruído,

fogo e mau cheiro.
Hoje em dia, tomar-se-iam iniciativas cívicas, para protestar contra tais inconveniências, pois a imprensa escrita e falada divulga seu noticiário com bastante antecedência, avisando o grande público e advertindo-o contra o que está para vir. Outrora tudo vinha "de cima", sem qualquer aviso prévio.
Aliás, metáforas iguais àquelas usadas pelos cronistas antigos, encontram-se também nas notícias transmitidas em todo o mundo por ocasião do lançamento dos primeiros foguetes de Cabo Canaveral, na Costa Leste da Flórida, EUA. Àquela hora, os repórteres, até mesmo os mais vivos e espertos, não encontraram terminologia apropriada para novidade tão absoluta, quão tremenda.
No entanto, voltemos para o Japão.
Celestes jóias da coroa No Kojiki, falando dos eventos registrados em tempos precoces, a rainha do Sol, Amaterasu, envia para a Terra seu neto, Ninigi, para reinar no Japão. Ninigi aterrissa na região ocidental da Ilha Kiushu, no cume de uma montanha, exibindo três preciosidades, a saber: um misterioso espelho de metal, uma espada e uma corrente de jóias. Essas insígnias imperiais existem até o dia de hoje.
Anualmente, milhões de japoneses peregrinam para a cidade de Ise, em Honshu, a maior das quatro ilhas principais, para, no "Receptáculo Interior" do templo, no Naiku, venerar o espelho sagrado, a mais preciosa das jóias da coroa. A espada está sendo conservada no templo de Atsuta, perto de Nagóia, no centro de Honshu; a corrente de jóias encontra-se no palácio imperial de Tóquio.
Dizem que o espelho sagrado estaria sendo guardado, no original, no "Receptáculo Interior", acondicionado em muitas camadas de embalagem, jamais retiradas e, até hoje, intatas. Tão logo uma das camadas externas revele sinais de desgaste, pela ação do tempo, sacerdotes zelosos se apressam em aplicar uma nova camada de embalagem. Nenhum mortal sabe o que realmente está por dentro daquele embrulho misterioso.
O neto do celeste Ninigi era Jimmu Tenno, primeiro soberano do Japão; e Tenno, título do imperador japonês, quer dizer soberano celeste. A dinastia mítica pode ser retraçada até a rainha do Sol, Amaterasu. (Aliás, em toda parte do mundo, fala-se em tais hierarquias; todos os faraós egípcios, por exemplo, eram de descendência divina).
Logo após sua ascensão ao trono, cada novo Tenno se põe em marcha para, no templo de Ise, dar conta aos deuses do início do seu reinado. Desde tempos remotos, o respectivo cerimonial quase não mudou, só que antigamente o imperador viajava para Ise de carro de boi, coberto de lona, conquanto agora viaje de trem especial.
Dizem que até o mítico Jimmu Tenno ainda repousaria em seu sarcófago. Segundo a tradição, ele subiu ao trono no primeiro dia do primeiro mês do ano lunar de 660 a.C.


Antigo túmulo imperial, no Japão.

Por ocasião de minha última visita ao Japão, na primavera de 1976, filmando para a TV, tentei conseguir autorização para entrar no mausoléu de Jimmu. Impossível, informaram as repartições competentes; lá só entram os membros da casa imperial, todos os demais mortais estão proibidos de entrar, pois a entrada no "Receptáculo Interior" é reservada única e exclusivamente ao Tenno em pessoa. Tive de consolar-me com umas voltas no céu, acima do túmulo enigmático, a bordo de um helicóptero, providenciado pelo pessoal da TV japonesa. Além de uma fossa cheia de água, circundando o mausoléu, como se fosse uma praça forte, uma colina reflorestada, a cujo sopé estaria o túmulo, e ainda uns muros pouco expressivos, não consegui ver coisa alguma. Nada, mesmo.
Foi um amigo japonês a recomendar-me que, no meu novo livro, eu mencionasse essa minha tentativa de ingressar no santuário. Ele achou que como, hoje em dia, a casa imperial estaria muito bem acompanhando a marcha do progresso, um expediente desses, fora de série, talvez pudesse fazer surgir a eventualidade de os mortais comuns também terem permissão de visitar o mausoléu de Jimmu Tenno. Como já envidei esforços bem maiores, a fim de aproximar-me de algo de extraordinário, as poucas linhas necessárias a mais essa tentativa saíram-me fáceis. E agora, vamos ver.

A estória do Filho da Ilha e da dilatação do tempo

Nos mitos há em quantidade eventos grandiosos, inteligíveis somente desde a introdução da Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Antes de entrar no assunto do precioso exemplo de um mito "competente", permitam-me lembrar a minha entrevista com o Prof. Lüscher, sobre a eterna lei da dilatação do tempo. Outrossim, a estória do "Filho da Ilha" consta de uma antiqüíssima tradição Tango-Fudoki", que conta:
No distrito de Yosa há uma região chamada de Heki e naquela região há uma aldeia com o nome de Tsutsukaha; entre os habitantes dessa aldeia havia um homem chamado de Filho da Ilha. Esse homem era de físico muito bonito, maravilhoso, sem-par.
Durante o reinado do imperador que regeu o império da sua residência, no palácio Asakura, o

Filho da Ilha se fez sozinho ao mar, com o seu barco, para pescar. Como nada pescou, adormeceu dentro do barco. De repente, uma moça formosíssima estava ao seu lado. O Filho da Ilha perguntou à moça: "As casas dos homens ficam muito longe daqui e não há ninguém sobre o mar. Quem és tu e como vieste para cá, tão inesperadamente?"
A moça respondeu, sorrindo: "Vim dos ares".
O Filho da Ilha continuou perguntando: "De onde vieste, dos ares?"
E a moça disse: "Desci do céu. Peço-te, não insistas em tuas dúvidas, e me fala com amor. Pretendo ficar contigo tão eternamente como o são o céu e a Terra. Se queres obedecer às minhas palavras, fecha os olhos por alguns instantes".
Em breve, os dois chegaram a uma ilha esquisita, coberta de pérolas. Jamais os olhos do Filho da Ilha avistaram tanto brilho. Saindo de um palácio cintilante, vieram 7 meninas, chamadas Plêiades* e em seguida ainda oito meninas, chamadas Híades -, O Filho da Ilha conheceu o pai e a mãe da moça formosa e eles lhe ensinaram a diferença entre o mundo dos homens e a residência do céu. O Filho da Ilha casou-se com a moça do céu e suas alegrias eram dez milhares de vezes maiores do que as dos terrestres.
Passados três anos, o Filho da Ilha sentiu repentinas saudades de sua terra. Queria rever seus pais. Não parou mais de se queixar e lamentar.
Então, a moça lhe perguntou: "Desde algum tempo, olho o teu rosto e vejo que está diferente. Qual é o teu desejo?"
O Filho da Ilha respondeu: "A minha humilde pessoa abandonou a terra da família e dos amigos e foi para longe, para a terra dos deuses. Sinto uma saudade imensa. Se me fosse permitido formular um desejo, seria o seguinte: Eu queria voltar por algum tempo para minha terra e meus pais."
Depois de se despedirem, o Filho da Ilha zarpou. Ela lhe disse para fechar os olhos. Aí, de repente, estava em sua terra, na região de Tsutsukaha.
Ao entrar na aldeia, percebeu que seus habitantes e todas as coisas haviam mudado. Nada mais encontrou que lhe permitisse reconhecer a sua casa. Então, ele dirigiu-se a um dos aldeões: "Onde mora, agora, a família do Filho da Ilha?"
O aldeão, por sua vez, indagou: "De onde vem você para querer saber de um homem tão velho? Conforme ouvi falar de gente velha, segundo a * Plêiade: Cada uma das estrelas da Constelação das Plêiades, vulgarmente conhecida por Sete-estrelo.
Segundo a tradição, outrora havia aqui um homem chamado Filho da Ilha. Ele foi ao mar, sozinho, e nunca mais voltou. Desde então passaram-se mais de 300 anos. Por que, de repente, você pergunta por esse homem?"
A partir daquele instante, o Filho da Ilha andou chorando e vagueando por ali. Ei-lo, o cerne duro de um mito, exatamente a meu gosto; um romance de amor, com todos os atributos de conto de fadas, encerrando um fato comprovado tão-somente em nossos dias (segundo Einstein!). A dilatação do tempo! O Filho da Ilha deve ter sido levado para um "mundo de deuses" a bordo de uma astronave altamente acelerada. O Filho da Ilha pensa ter demorado lá por apenas 3 anos, porém ao regressar para a sua terra natal, de volta às plagas terrestres, soube que, entrementes, se passaram mais de 300 anos. Uma estória bonita e aparentemente simples que, porém, transmite fatos. Diabos! Quem pode apresentar uma prova em contrário?
Em um breve relance Nos mitos antigos há ainda outros exemplos atestando noções da lei da dilatação do tempo, além da estória que logrei achar, a custo de muita diligência e por sorte. Mesmo um breve relance mostra-nos que para o deus hindu Vishnu a duração de toda uma vida humana não passava de "um instante apenas"; que os míticos imperadores chineses eram "soberanos celestes, os quais, para seus passeios pelo céu, montavam nas costas de dragões vomitando fogo, e viveram durante 18.000 anos terrestres. A mitologia chinesa conta do primeiro soberano, P'an Ku, que teria viajado através do cosmo durante 2.229.000 anos terrestres. Até no nosso bem conhecido Antigo Testamento está anotado que na mão de Deus tudo se transforma em "um tempo e dois tempos e um meio tempo". O salmista até confere formulação poética a esta anotação, dizendo:
Porque mil anos são a teus olhos como um dia, como um ontem que passou, a vigília de uma noite...

Desde a minha partida do Japão, estou com duas pulgas atrás da orelha; não me sai da cabeça um deus, chamado Omohi-kane no kami, mencionado nos velhos mitos. Pedi para que me traduzissem esse nome e, para minha surpresa, soube que quer dizer: a divindade que reúne em si a força mental de vários deuses. Parece que aquele deus era uma espécie de computador. Estranho!

Igualmente estranho é um indício que recebi de arqueólogos japoneses. A Arqueologia conhece as estatuetas Dogu; essas estatuetas japonesas são de pedra ou barro, modeladas como representando cabeças de astronautas, com roupa de astronauta e óculos enormes. Esta configuração das estatuetas Dogu (ainda há outras) começou a surgir por volta do ano 600 a.C. Naquela mesma época, os deuses celestes entregaram o império a Jimmu Tenno, primeiro imperador do Japão. E dali a uma distância de 20.000 km, em linha aérea, o profeta Ezequiel teve, em 592 a.C, seus encontros com espaçonaves . Coincidência é o termo sofisticado para designar a ocorrência simultânea de dois eventos correspondentes. Gosto do termo!







Mitologia, em pedra ou barro. Estatuetas dogus, da época por volta do ano 600 a.C, da coleção do Museu de Arte, em Suntory, Japão; ostentam roupa e óculos gigantes de astronauta.

Do outro lado do globo, em posição diametralmente oposta ao Japão, a mitologia dos esquimós fornece outro indício, que quero fazer constar a seguir:

Os primeiros homens eram de estatura bem mais alta do que os atuais. Com suas casas mágicas, conseguiram voar, e as pás de neve trabalharam sozinhas, retirando a neve. Quando o povo de então queria comer alimentos diferentes, era só ficar dentro de sua casa voadora e com ela voar para novos lugares. No entanto, certo dia, alguém se queixou do barulho causado por essas casas voadoras, ao voar pelos ares. Como tiveram muito peso as palavras do porta-voz dos queixosos, as casas perderam a faculdade de voar e, desde então, as pessoas ficaram presas a um lugar, dentro de suas casas... Naquela época, a neve queimou como o fogo e, muitas vezes, o fogo caiu do céu. Ainda não havia o gelo. Nessa seqüência global de contos celestes do céu, deixei de incluir os mitos dos povos das América Central e do Sul (maia, inca), bem como os dos insulanos dos Mares do Sul, porque já os mencionei em meus livros anteriores e, na medida do possível, gostaria de evitar repetições. Outrossim, tomo a liberdade de chamar a atenção da "outra parte", para esta omissão que, aliás, deve ser do seu pleno conhecimento.

Todavia, no escopo deste livro, cumpre representar, condignamente, a América Latina; para tanto, transcrevo a seguir uma tradição sinistra, ainda não citada em nenhuma obra científica ou mitológica, e que vale por uma peça de exibição. Este mito encerra praticamente todos os pontos essenciais, que dizem respeito à presença e às atividades dos "deuses", a constarem do enredo de um conto mítico.

A CRÔNICA DE AKAKOR

Karl Brugger (1942), perito em história e sociologia, vive, há anos, como jornalista na América do Sul; desde 1974 reside no Rio de Janeiro, na qualidade de correspondente da Rádio e Televisão Alemã. Brugger é conhecido como especialista em assuntos indianistas.
Em 1972, Brugger conheceu o índio Tatunca Nara, em Manaus, lá onde o Rio Solimões se encontra com o Rio Negro, onde o Rio Amazonas toma o seu nome. Tatunca Nara, um mestiço, é chefe dos índios uga-mongula-las, dacas e haixas.
Depois de, com muito cuidado e grande dose de psicologia, ter vencido a desconfiança do mestiço, Brugger soube dele uma história totalmente fora de série, que reputa como sendo a mais extraordinária de todas quantas, até agora, teve conhecimento. Segundo o chefe, é a história da tribo dos mongulalas, do "povo eleito dos deuses, de 15.000 anos atrás", registrada em todos os seus pormenores na "Crônica de Akakor".
No seu quarto de hotel, Brugger gravou um "monólogo infindável, interrompido somente com a troca da fita magnética". O relato de Tatunca Nara começa com o ano zero das tribos eleitas e termina no ano de 12.453. Portanto, pelo nosso calendário, teria início no ano de 10481 a.C. e terminaria na época presente, no ano de 1972!
Ao todo, foram gravadas 12 fitas. Brugger não sabia por certo se acabara de ouvir "um fantástico conto de fadas", ou se o relato pudesse ser documentado. Em todo caso, como, por sua formação profissional, está acostumado a usar de ceticismo e fazer levantamentos minuciosos, nesse meio tempo Brugger iniciou pesquisas em busca de dados comprobatórios. Quando, então, em visita posterior, Tatunca Nara repetiu sua história, acrescida de numerosos detalhes adicionais, "como se a tivesse decorado", Brugger começou a nela "acreditar", embora lhe parecesse um desafio, por causa de toda a sua escabrosidade. Brugger examinou as informações quanto à sua autenticidade, mandou transcrever a gravação nas fitas magnéticas e promoveu a sua publicação. Conheci Brugger pessoalmente e com ele tive uma longa conversa; não me pareceu alguém que comesse gato por lebre.
O "Livro do Jaguar" relata a colonização da Terra pelos deuses, até a época da segunda catástrofe mundial. O "Livro da Águia" abrange o período entre os anos 6000 e 11000 do calendário indígena. Devidamente autorizado pela respectiva editora, cito somente trechos desses dois primeiros livros, que contêm dados intimamente ligados a meu assunto. Outrossim, dou extratos verbais do relato de Tatunca Nara, conforme traduzido, pesquisado, elaborado e publicado em maio de 1975, por Karl Brugger.
Tatunca Nara conta:
"A crônica de Akakor, a história escrita do meu povo, começa com a hora zero, quando os deuses partiram de nós. Naquela época, Ina, o primeiro soberano dos uga-mongulalas, resolveu mandar registrar tudo o que se passou, em linguagem boa e escrita bem nítida e legível.
Destarte, a Crônica de Akakor atesta a história do mais antigo povo do mundo. De início, na hora zero, quando os antigos donos nos deixaram... E fala da origem dos tempos, quando o meu povo ainda era o único no continente...
De início, tudo era um caos.
Os seres humanos viviam como animais, de maneira irracional, sem qualquer saber, sem lei, sem lavrar a terra, sem se vestir e sequer cobrir a sua nudez. Ignoravam o mistério da natureza. Viviam em grupos de dois ou três indivíduos, conforme o acaso os reunia no interior de cavernas e fendas na rocha. Não andavam eretos, mas engatinhavam. Assim foi até a chegada dos deuses, que para eles levaram a luz.



Mitologia como escultura em pedra. Uma estatueta de divindade desconhecida da Colômbia, à qual se atribui a idade de quase 3 milênios. Também aqui os apetrechos de astronauta são bastante evidentes.

Não sabemos quando tudo isto se passou. A procedência dos forasteiros não ficou bem definida. Um véu espesso encobre a descendência de nossos antigos donos e nem os sacerdotes conseguiram desvendar o mistério. Segundo a tradição de nossos antepassados, deveria ter acontecido 3.000 anos antes da hora zero, ou seja, no ano de 13000 a.C, segundo o calendário dos bárbaros brancos. Então, de repente, surgiram no céu naves que brilhavam como o ouro. Enormes sinais de fogo iluminavam a planície. A terra tremeu e o trovão ribombou sobre as colinas. Os homens curvaram-se em humilde reverência diante dos poderosos forasteiros, que vieram para tomar posse da Terra.
Um reino de muitos planetas Os forasteiros falaram que a sua terra natal ficava em Xuerta, um mundo longínquo, perdido nas profundezas do cosmo. Lá viviam seus ancestrais. De lá vieram,

para transmitir o seu saber a outros mundos. Nossos sacerdotes dizem que era um reino poderoso, de muitos planetas, numerosos como os grãos de areia na praia. E falam ainda que os dois mundos, o de nossos antigos donos e a Terra, se encontram de 6.000 em 6.000 anos. Então, os deuses retornam.

...Quem pode aprender a compreender os atos dos deuses? Quem aprende a entender seus feitos? Pois eram realmente poderosos, deles era um poder inconcebível para o mortal comum. Conheciam a passagem dos astros e as leis da natureza. Em verdade, sabiam da lei suprema, que governa o mundo. Cento e trinta famílias de ancestrais vieram para a Terra...

A crônica de Akakor, a história escrita do povo uga-mongulala, começa somente com a partida dos antigos senhores, no ano zero. Naquela época, Ina, o primeiro soberano dos uga-mongulalas, ordenou a transcrição de todos os eventos, em linguagem boa e escrita bem legível, com todo o respeito devido aos nossos antigos senhores...

Akakor, a capital do reino dos uga-mongulalas, foi fundada antes do ano 14000, por nossos antepassados, segundo as ordens e a orientação de nossos antigos senhores. Eles também determinaram o seu nome: Aka quer dizer praça forte, Kor significa o número dois; portanto Akakor seria Praça Forte II...

As cidades-templos dos ancestrais permaneceram enigmas também para o meu povo. Seus edifícios atestam um saber superior, inconcebível para o mortal comum. Para os deuses, as pirâmides não serviram somente de habitação, mas, ainda e ao mesmo tempo, eram sinais da vida e sinais da morte, símbolos do Sol, da luz, da vida. Os antigos senhores ensinaram-nos que existe um lugar entre a vida e a morte, entre a vida e o nada, sujeito a um regime de tempo diferente. Para eles, as pirâmides estabeleceram a ligação com uma segunda vida... Os donos do cosmo criaram os quatro cantos do mundo, os quatro lados do mundo, os seres no céu e na Terra...



Mitologia em pedra. Desenho rupestre indígena, de data ignorada, encontrada nas proximidades de Buckeye, Arizona, EUA

O dia em que os deuses partiram da Terra Os deuses reinaram da sua residência em Akakor. Governaram os homens e a Terra. Suas naves eram mais velozes do que o vôo do pássaro; de dia e de noite, seus barcos, sem vela, nem leme, chegavam a seu destino. Possuíam pedras mágicas, para olhar bem longe; olhando por essas pedras, podia-se distinguir cidades, rios, colinas, lagos; elas refletiam tudo quanto se passava na Terra e no céu. No entanto, a maior de todas as maravilhas eram suas habitações subterrâneas; e os deuses deixaram-nas para seus servos prediletos, como sua última herança, pois os antigos senhores são do mesmo sangue e têm o mesmo pai...
No dia em que deixaram a Terra, chamaram Ina... "Ina, estamos preparando a nossa volta. Ensinamos-te bom conselho e princípios sábios. Retornamos para junto dos nossos semelhantes... Nossa obra está terminada. Nossos dias completaram-se... Voltaremos quando vós estiver-des ameaçados. Agora, chama as tribos eleitas. Leva-as para as habitações subterrâneas, para que fiquem protegidas contra a catástrofe iminente". ... E Ina viu os deuses partindo em suas naves; subiram ao céu, sob fogo e trovão. Desapareceram acima das montanhas de Akakor.



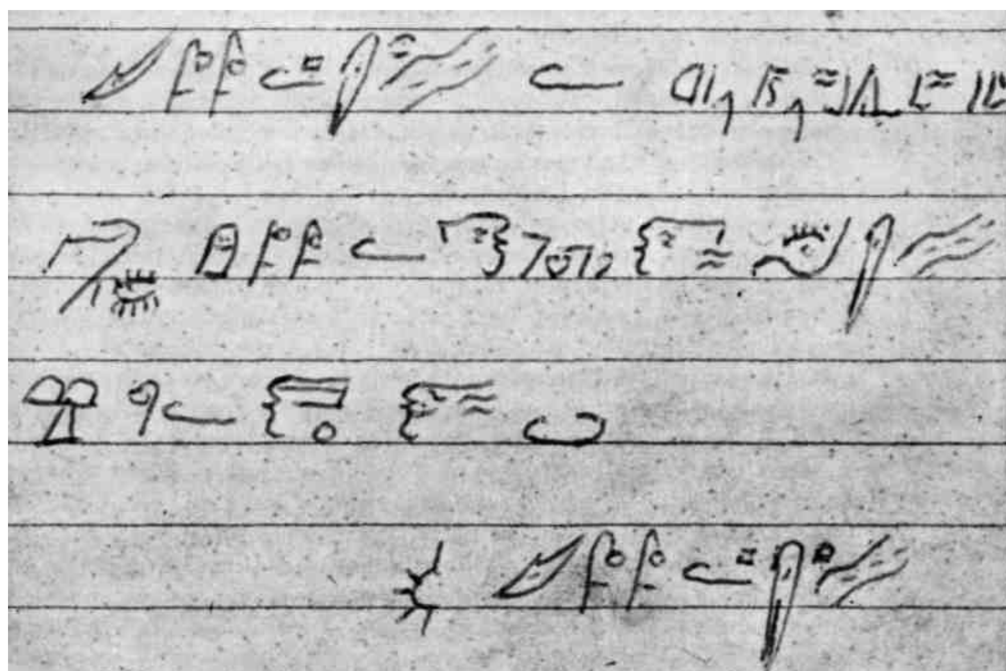




Mitologia em madeira. Esculpida em madeira, esta estatueta de divindade nativa, da região do Alto Amazonas, faz surgir pergunta após pergunta.

Somente Ina viu a sua partida.
Na hora zero, ou seja, no ano 10481 a.C, pelo calendário dos bárbaros brancos, os deuses abandonaram a Terra. Inauguraram um novo capítulo na história do meu povo, que então estava na iminência de viver uma época terrível, após a partida dos antigos senhores, em suas naves brilhando como o ouro, que se apagaram como estrelas no firmamento...
Só a imagem dos deuses ficou como lembrança no coração dos servos eleitos. De olhos ardentes perscrutaram o céu, mas as naves brilhando como o ouro não voltaram. O céu estava vazio. Não havia nenhum som. O céu continuou vazio...
A crônica de Akakor contém os mistérios das tribos eleitas... Descreve a glória e o ocaso de um povo eleito pelos deuses, até o fim do mundo, quando voltarão, depois de os homens terem sido aniquilados por uma terceira grande catástrofe...
Assim está escrito. Assim falam os sacerdotes. Isso ficou registrado em linguagem boa e em escrita bem nítida e legível."
Em seguida, Natunca Nara relata duas catástrofes globais que aniquilaram quase toda a humanidade. No ano de 10468 a.C. teria ocorrido um dilúvio inimaginável, relacionado com uma extrema mudança de clima e temperatura:
Esta é a mensagem do ocaso dos homens. O que aconteceu na Terra? Quem fê-la tremer? Quem fez as estrelas dançarem? Quem mandou as águas brotarem da rocha?... Fez um frio terrível e um vento gelado varreu a Terra. Fez um calor tremendo e as pessoas morreram calcinadas com o seu próprio hálito. Homens e animais fugiram em pânico. Desesperados, correram para lá e para cá, sem rumo. Tentaram subir nas árvores, mas essas os repeliram, jogando-os para longe. Tentaram abrigar-se nas cavernas, mas essas desabaram sobre eles. O que ficou por baixo, veio

para cima. O que estava em cima, caiu nas profundezas...”
Quando os sobreviventes saíram dos seus esconderijos, a Terra estava mudada; no entanto, os uga-mongulalas sobreviveram a esta, bem como a mais uma segunda catástrofe horrível. E, por fim, os deuses, tão ansiosamente esperados, voltaram do cosmo:
"A penumbra ainda estava sobre a face da Terra. O Sol e a Lua estavam encobertos. Então no céu apareceram naves imponentes, da cor do ouro. Grande era a alegria dos servos eleitos. Seus antigos senhores estavam de volta. De rosto resplandescente desceram em terra. E o povo eleito lhes ofereceu seus presentes: plumas do grande pássaro da floresta, mel de abelhas, incenso e frutas. Tudo isto os eleitos colocaram aos pés dos deuses... Todos, até os mais humildes, subiram dos seus vales e olharam para os ancestrais. No entanto foi pequeno o número dos que vieram para saudar seus antigos senhores...
Destarte para o meu povo... somente ficou a lembrança... como ficaram os rolos de papiro, cobertos de escrita, e as pedras verdes. Os nossos sacerdotes conservaram-nos nas regiões subterrâneas do templo de Akakor, lá onde se encontram também o disco voador de Lhasa e o veículo esquisito que pode andar sobre as montanhas e as águas. O disco voador é da cor do ouro, é feito de um metal desconhecido; tem a forma de um cilindro de argila, a altura de dois homens, com um colocado em cima do outro, e largura igual. O disco voador tem lugar para duas pessoas. Não possui vela nem leme. Mas os nossos sacerdotes contam que com aquele disco, Lhasa podia voar mais depressa que a águia mais forte e passar pelas nuvens com a facilidade de uma folha dançando ao vento. Igualmente misterioso é o veículo esquisito. Sete pernas compridas suportam uma grande salva de prata; três pernas estão dirigidas para a frente e quatro para trás; são móveis e parecidas com varas de bambu, levemente curvas. Nas suas pontas encontram-se rolos do tamanho de uma anêmona-do-mar (actínia)...”
Tatunca Nara é, de fato, qualificado para transmitir este relato, segundo os dados que constam do seguinte protocolo:
"No fim da época de chuvas, do ano de 12416 — 1937, pelo calendário dos bárbaros brancos, deu-se em Akakor um acontecimento, desde há muito aguardado. Reinha deu à luz Sinkaia, um filho. O primogênito de Sinkaia sou eu, Tatunca Nara, o último soberano legítimo dos uga-mongulalas...”
Nestes nossos dias de hoje, de conceituação puramente materialista, o relato de Tatunca Nara parece incrível, porque o fantástico não se enquadra em nossa austera "imagem do mundo"; vai para o arquivo, com a anotação "INVEROSSÍMIL". No entanto, para quem puder livrar-se do espírito da época e, porventura, compreender um pouco, sequer, da matéria, o relato indígena está repleto de realidades. O que acharão os meus adversários dessas realidades?
Em 18 de outubro de 1976, segundo despacho da AFP (Agência France



Eu não sabia o que estava escrito no bilhete. Com a tradução, feita por amigos entendidos no assunto, soube que Tatunca Nara me convidava para visitá-lo,- Press), vindo da Cidade do México, foi encontrado "o esqueleto de um ser desconhecido, o qual, possivelmente seria o de um ser extraterrestre." O diretor do Museu de Antropologia explicou o motivo dessa pressuposição: trata-se de um ser até agora desconhecido na Terra, cujo esqueleto apresenta uma coluna vertebral, omoplata, rudimentos de braços e uma cabeça parecida com a de um cão, sem órbitas dos olhos, mas com o ru-dimento de uma tromba. Esta notícia faz lembrar uma descrição dada no relato de Tatunca Nara: No centro do recinto, cujas paredes emitiam luz misteriosa, havia quatro blocos, feitos de uma pedra transparente. Quando deles me aproximei, com todo o respeito, discerni em seu interior quatro seres misteriosos. Eram quatro mortos vivos; quatro pessoas dormindo. Eram três homens e uma mulher, submersos em um líquido, que lhes encobria o corpo, até o peito. Em tudo pareciam-se com os mortais, só que tinham seis dedos na mão e seis dedos no pé. Eram deuses dormindo. Será que as profundezas da terra mexicana liberaram um "deus" adormecido?

1:1.000 ou 1.000:1?

Durante um debate realizado por 16 cientistas sobre a minha teoria, o Prof. Joachim Illies opinou que:

Mil exemplos para a probabilidade 1:1.000 de uma solução em nada alteram a sua improbabilidade, ou tornam mais provável a solução que teria sido com a apresentação de um só caso concreto. São essas as leis da Matemática e, ao mesmo tempo, os dogmas filosóficos da nossa razão, que não admitem discussão.

Não mesmo, Sr. professor? A mim em absoluto não convence a sua argumentação. Para mim, como modesto cidadão comum, dez indícios a favor de uma tese representam uma força de prova maior do que um só indício! Todavia, se o Prof. Illies preferir "um caso só", então este caso está no mito dogon de Sírio. Queira, por favor, servir-se. 2x2 = 4. Quem poderá negar isto? A Matemática dispensa os indícios, ela tem regras bem definidas e concretas; é uma ciência invejável. Os dogmas filosóficos da razão ressentem-se dessa clareza absoluta. Lamentavelmente. Em nome da razão, criminosos foram enviados à cadeira elétrica ou à forca e, depois de executados, ficou provado serem inocentes. Falta de sorte da razão? Inúmeras teorias científicas "razoáveis" fundamentam-se em indícios vários. Para tanto, menciona-se a Teoria de Seleção de Darwin como um dos exemplos. Muitas, aliás a maioria das teorias astrofísicas, subsistem com base em (várias!) indicações — como, por exemplo, a geralmente aceita teoria do Prof. Fred Hoyle, postulando que o hidrogênio se originou do "nada", no cosmo. Os modelos sociais do futuro, de alguns pseudocien-tistas de linha marxista, igualmente se baseiam em

indícios, conforme acontece com quase todas as pressuposições arqueológicas.
Por que será que, em um determinado caso, "mil exemplos" (= indícios), colocados em um dos pratos da balança, pesam tanto assim, conquanto pesem tão pouco quando colocados no outro prato da balança? Seria esta a suprema justiça científica?
Sensações de mal-estar Bem que especulei a respeito da fonte de que se serviria aquela justiça tão especial. Cada um de nós nasce com uma espécie de computador, o cérebro. Lá, desde o primeiro dia de vida, estão concentradas todas as impressões sensoriais e ações voluntárias. Unidades moleculares da memória e elementos de ligação elétrico-nervosos, estão integrados nos 14 bilhões de células da massa cinzenta do córtex cerebral. Ali, os dados estão sendo armazenados e processados. Até o nenê, no berço, já os recebe por via dos receptores; percebe calor, frio, umidade, ou secura, odor, mau cheiro, preto, branco ou colorido. Posteriormente, a criança recebe impressões específicas, a ela dirigidas pelos pais, mestres e padres que lhe falam: você pode fazer isto, não pode fazer aquilo — isto está certo, isto está errado. E, então, chega o dia quando o indivíduo combina e age por sua própria vontade, com base nos dados-saber acumulados. Ele sabe o que provoca o amor e o ódio, a alegria e a dor, a vontade e o mal-estar.
O fisiólogo H. J. Campbell, catedrático da Universidade de Londres, professor visitante no Instituto Max Plank, na Alemanha, e no Collège de France, em Paris, verificou que o cérebro humano, invariavelmente e em todo caso, almeja o "gozo do prazer", para o qual está programado. Com isso, Campbell não se referiu apenas ao prazer sexual, pois também o bom êxito profissional proporciona o gozo do prazer, tanto quanto vem sendo proporcionado pelo reconhecimento de feitos extraordinários. Por outra, dissabores, preocupações e vexames com o estado mental ou material da posse, provocam sensações de mal-estar. Para citar tão-somente alguns exemplos.
Considerando-se isto, sob o ponto de vista psicológico, torna-se perfeitamente compreensível o mal-estar experimentado por um intelectual, quando percebe como estão sendo postos em dúvida os resultados por ele obtidos à custa de prolongado e intenso trabalho de estudos. Diariamente ele divulgou o seu saber da cátedra, em tom de voz agradavelmente modulada, o que lhe proporcionou um puro gozo de prazer, dia após dia, novo, maravilhoso. E então — falta de sorte! — chega o momento quando começam a ser discutidos os próprios alicerces daquele lindo edifício de pensamentos, tão penosamente erguido. Infelizmente, nem o cientista consegue livrar-se de uma sensação de mal-estar que, à essa altura, vem inundar-lhe a alma. Com essa observação não pretendo, em absoluto, tocar na integridade de nenhum cientista, mas apenas fazer constar que, em sua qualidade de mortal comum, todos eles estão sujeitos às leis da natureza, iguais para todos os seres humanos.
Vez por outra, fico matutando a pergunta por que não se alimentam China os computadores superinteligentes com dados cronológicos de tradições remotas, de mitos, lendas, bem como escrituras religiosas. Já me perguntei: Será que, tomando por base a relação existente entre os anos dos deuses e dos humanos, conforme mencionados nas tradições, podem ser calculadas as acelerações dos astros dos tempos primitivos e, com isso, as distâncias entre os "mundos" habitáveis "dos deuses"?
Programas de computador, tirados do "Kandchur" e do "Tandchur' Sempre andei em busca de números exatos que, a título de dados, pudessem ser oferecidos para um programa de computador. Encontrei alguma coisa na versão francesa[23] dos antiqüíssimos e misteriosos livros "Kandchur" e "Tandchur". A tradução data do ano de 1883. A seguir, uns breves apontamentos sobre esses dois livros: A rigor, é exagero chamar o "Kandchur" de um livro, com seus 108 in-fólios, suas nove grande divisões, contendo 1.083 livros. O "Kandchur" reúne os textos sagrados do lamaísmo, que comenta em seus 225 volumes. Essas impressões chinesas em bloco ocuparam tanto espaço que foi preciso guardá-las nos porões das casas de várias aldeias, nos vales dos planaltos tibetanos. São escritas em código e, até agora, apenas uma centésima parte dos textos originais chegou a ser traduzida; a data de sua origem continua ignorada.
Um dos livros "Kandchur" é intitulado "Coletânea das seis Vozes"; a seguir, uma citação do capítulo "Voz Divina":
Há vários céus e esses céus não estão abertos para todas as divindades. Pouco importa o

número dos deuses, pois nem eles jamais devem transgredir as três leis fundamentais, que definem o âmbito do desejo, o âmbito com expansão, o âmbito sem expansão. Essas três leis básicas têm suas subdivisões. Ao todo, há 28 sítios residenciais. O âmbito do desejo conta com seis.

Após uma descrição minuciosa dos diversos âmbitos e seus regentes, para cada âmbito são indicados os anos dos deuses, diferentes com relação aos anos dos humanos, conforme veremos a seguir:

OS TEMPOS DOS QUATRO REIS

No céu dos Quatro Grandes Reis, 50 anos terrestres correspondem a um dia e uma noite. A expectativa da vida é de 500 anos, ou seja, de nove milhões de anos terrestres.

Passando pelo céu dos Quatro Reis, chega-se à segunda morada celeste... Lá, cem anos na Terra contam por um dia e uma noite. A expectativa da vida é de mil anos; calculada em anos dos humanos, chega-se a 3.600 x 10.000, ou seja, 36 milhões de anos...

Depois desse céu há um lugar que se assemelha a muitas nuvens. Ali encontram-se os sete tesouros, como se fossem uma grande Terra. Para os deuses que habitam aquele céu, 200 anos terrestres são um dia e uma noite. A sua expectativa de vida é de 2.000 anos; o equivalente em anos dos humanos seria de 144 milhões de anos...

Depois desse céu, há a morada dos tusitas; para essas divindades, 400 anos terrestres eqüivalem a um dia e uma noite. A sua expectativa de vida é de 4.000 anos; em anos dos humanos, seriam 576 milhões de anos...

Depois do mundo dos deuses de Tusita... há o quinto âmbito residencial, celeste... Ali as divindades podem transformar-se e possuem os cinco elementos... com elas, 800 anos terrestres correspondem a um dia e uma noite. A sua expectativa de vida é de 10.000 anos, seriam 2 bilhões e 304 milhões de anos dos humanos...

Após o quinto céu, ergue-se a sexta morada divina... Aqueles deuses têm o dom de transformar tudo e para a sua alta recreação dispõem de jardins, florestas, castelos e palácios, bem como de tudo que possam desejar. Ê o mais alto grau no âmbito do desejo. Ali, 1.600 anos terrestres são um dia e uma noite. A sua expectativa de vida é de 16.000 anos, seriam 9 bilhões e 216 milhões de anos dos humanos...

TABELA DAS LEIS DO TEMPO PARA OS "CELESTES"

1º.	50 1 dia e 1 noite	500	9.000.000
2º.	100 1 dia e 1 noite	1.000	36.000.000
3º.	200 1 dia e 1 noite	2.000	144.000.000
4º.	400 1 dia e 1 noite	4.000	576.000.000
5º.	800 1 dia e 1 noite	10.000	2.304.000.000
hoje	1.600 1 dia e 1 noite	16.000	9.216.000.000

Os computadores calculam por quantas vezes, em sua vida, o esquimó sofre de resfriado; por quantas vezes, um habitante da Europa Central muda sua roupa de baixo, bem como o grau de probabilidade de o Sr. Smith, de Milwaukee, EUA, conhecer em Marselha, o Sr. Dupont.

Eis uma farta refeição, servindo cálculos com muitas grandezas incomensuráveis, para o consumo do nosso computador.

Supondo-se que no reino dos Quatro Grandes Reis 50 anos terrestres eqüivalem a um dia e uma noite, qual a aceleração a ser atingida pela espaçonave para, devidamente considerada a lei da dilatação do tempo, resultar na proporção de 50 anos terrestres para 24 horas celestes?

Uma vez determinada a primeira distância, seria possível proceder à maneira de Sherlock Holmes. Conan Doyle preconizou o seguinte modo de operar para o seu superdetetive: pelos dados existentes, investigar o local do crime. Depois, traçar um círculo dentro do qual o criminoso deveria ser encontrado, no caso de fugir a pé; considerando as velocidades a serem desenvolvidas por um automóvel, traçar outro círculo, para o caso de o criminoso fugir de carro; outro círculo, mais amplo, deve ser traçado para a eventualidade de o criminoso fugir de avião, e que a tal hora teria chegado em tal lugar.
Com um mínimo de fantasia desenvolvida por Sherlock Holmes, para atingir determinada meta, os exobiólogos bem poderiam chegar a resultados positivos e ter condições para "prender" a espaçonave, vagando no cosmo imenso.
A seguir ofereço uma proposta que tirei do livro de receitas aritméticas: fixar o centro do círculo em nosso sistema solar; considerar as modificações nas órbitas do nosso sistema solar, registradas no decorrer dos últimos 10.000 anos, em relação com outros sistemas solares. As incógnitas serão encontradas por uma equação de quarto grau, pois o material básico, algébrico, existe nas leis da dilatação do tempo e na relação Terra/deuses.
Calcula-se tanta coisa que irá acabar nas cestas de lixo da Ciência e da política, as quais serão despejadas no dia seguinte, no mais tardar. Por que não programar o computador para, eventualmente, fornecer dados importantes sobre o passado, para o futuro? Aliás, o programa não precisaria ser tão precário e deficiente como aquele que acabo de sugerir.
Ovo mitológico, cozido no cosmo Tanto em minhas pesquisas de fontes bibliográficas, quanto em minhas viagens ao redor do mundo, sempre deparo com o ovo, como símbolo da nave espacial*. Agora acabei de encontrar a menção desse mesmo objeto no "Citralakshana", o Capítulo II do "Tandchur":
Uma vez eliminada a solidez do ovo cósmico, a escuridão foi vencida pelo ovo dourado e tudo criou-se da água. Daquele ovo dourado nasceu o ancestral da Terra.
Nas lendas tibetanas sempre ressurge o ovo cósmico; uma delas conta:
Uma luz branca nasceu do ser não criado e a substância básica dessa luz deu origem a um ovo perfeito; por fora brilhante, estava bom em todas as suas partes. Não tinha mãos nem pés, mas, apesar disso, possuía a força do movimento. Não tinha asas, mas podia voar. Não tinha cabeça, nem boca, nem olhos, mas mesmo assim do seu interior ressoava uma voz. Depois de cinco meses, o ovo se partiu e dele saiu um homem...
Tradições da cultura chinesa Liao rezam que o nosso mundo teria saído de um ovo. Os primeiros homens teriam vindo para a Terra em "ovos de um vermelho dourado"; os ovos teriam sido parecidos com "grandes sacos amarelos". As tribos liaos conhecem uma descrição uniforme desses ovos; seis pés, quatro asas, sem olhos, sem rosto.
Na mitologia, o ovo cósmico surge como um tema central. Em uma das orações mais antigas do "Livro dos Mortos" egípcio, o contador de estórias faz a sua prece:
"Ó, ovo universal, ouve-me!
Sou Hórus, de milhões de anos!
Sou Senhor e Mestre do Trono.
Redimido do mal, atravesso os tempos e os espaços que não têm limites."
Também no "Cântico da Origem das Coisas", do Rig Veda, coletânea dos mais antigos mitos de sacrifícios hindus[27], o motivo do ovo ressurge, nitidamente reconhecível:
Naquela época existiam nem o não-ser, nem o ser.
Não havia nenhuma brisa, nenhum céu por cima...
Sem vento, em sua originalidade respirava o Um, além do qual nenhum outro existiu.
A noite toda estava coberta de escuridão, um oceano sem luz, perdido na noite.
Nasceu então o que estava escondido dentro da casca, o Um, que surgiu pelo calor da força do raio.
Quando mediram, transversalmente, o que havia embaixo e o que por cima?... Quem ouviu falar de onde se originou a Criação? Deste lado da Criação, os deuses surgiram. Logo, quem diz de onde vieram?
A "casca" dentro da qual estava escondido "o Um, a força vital", encontrava-se no "espaço vazio", no vácuo, onde havia "nenhum céu". Dessa casca nasceu "o Um", pelo "calor da força do

jato". Essa imagem é um código, com o ovo representando o circunlóquio, descrevendo um objeto voador desconhecido.
Salta aos olhos como, em muitos dos seus pormenores, os cernes dos mitos revelam uma semelhança entre si e como sempre são iguais nos seus empenhos de descrever e tornar acessível à mentalidade da época, algo jamais visto ou experimentado.
O cronista hispânico Pedro Simón registrou o seguinte mito dos índios chibchas, que habitam o leste do planalto das cordilheiras colombianas:
Era de noite. Deste mundo ainda nada existia. A luz estava trancada no interior de uma grande 'não bem uma casa' e de lá saiu. Essa 'não bem uma casa", continha a luz, para que de lá saísse. Ao brilho da luz, as coisas começaram a ser...
Ovos de confecção especial?
O ovo de que tratam os mitos deveria ser compreendido como símbolo da vida, pois sempre e de maneira bem evidente, a vida está surgindo, brotando do ovo e, na maioria dos casos, essa saída se faz com uma subi-taneidade explosiva.
A não ser que houvesse ovos de confecção especial para o fim específico da interpretação de mitos, eles sempre eram de casca quebradiça. No entanto, conforme reza o "Tandchur", o ancestral da Terra saiu de um ovo dourado, nada frágil: o raio saiu de um ovo "especial"; esse ovo partiu-se e dele saíram todas as "coisas visíveis" (Pangwe); levando a seu bordo o "Mestre do Trono", o ovo universal atravessou espaço e tempo ("Livro dos Mortos" egípcio); apareceu a "casca" acompanhada da força do jato incandescente e dela saltaram os deuses (Rig Veda). Outrossim, ao que parece, não ocorreu ao contador de estórias indígena aquela comparação, tão fácil e óbvia, para aquilo que veio do céu e, assim sendo, ele falou em uma 'não bem uma casa'.
Dizem que, quando nos mitos se fala em vencer as trevas, seria esta uma referência à escuridão, envolvendo o óvulo no útero materno. Essa interpretação simplista não vinga, pois os mitos definem claramente as trevas nas quais o ovo universal se movimenta; sempre se fala da escuridão de milhões de anos atrás, que envolveu os tempos mais remotos, quando havia nem o ser, nem o não ser e que, invariavelmente, existiu antes da hora zero de toda Criação.
Ovos de piolho, termo de comparação para o átomo É simplesmente desconcertante a riqueza de idéias a serviço da descrição do inimaginável! O "Tandchur" descreve, admiravelmente bem, a menor partícula dos elementos, o átomo, tornando a sua imagem acessível à mentalidade do leitor:
Oito átomos formam uma ponta de cabelo, assim é ensinado. Uma vez conhecida esta unidade, chega-se à tese segundo a qual uma ponta de cabelo eqüivale a oito nisses (ovos de piolho). Oito nisses formam um piolho e oito piolhos são considerados perfazendo um grão de cevada.
Naturalmente oito átomos não são suficientes para formar uma ponta de cabelo, mas para mim é sumamente genial a maneira de como o contador de estórias apresenta a seus ouvintes a menor de todas as coisas. E ainda, oito piolhos já dão um grão de cevada. O átomo, em toda a sua minusculosidade, tornou-se "pensável". Desnecessário é recorrer à símbolos, tecer comentários, explicar o que "queriam dizer". Em sua qualidade de cerne duro, a realidade é nitidamente reconhecível. Penso no rabino, ao qual um crente pediu conselho: "Conte!" falou o rabino, e ouviu o relato da ocorrência; no entanto, quando o crente começou a explicá-la, o rabino logo lhe cortou a palavra. "Pare com isso! Se você achar necessário prestar explicações, de nada vale a sua causa." Aliás, uma observação muito útil e a ser ouvida por pessoas que folgam em fazer notas à margem!

Idioma que ninguém consegue ler

No Tibete há mitos em quantidade.
O "Gyelrap", a genealogia dos reis tibetanos, fala, inicialmente, em 27 reis lendários e diz que sete reis divinos desceram pela escada celeste. São declarados como deuses da luz que, após concluírem sua atividade terrestre, desapareceram para lá de onde vieram. Também as mais antigas escrituras budistas teriam caído do céu, dentro de uma caixinha".
O budismo tibetano é diferente do budismo hindu. No Tibete, o budismo sofreu a influência dos ensinamentos da Escola Tantra, adotados pelos grupos religiosos hindus (Chakta), que veneram

um deus supremo. Por esse motivo, a mitologia desta versão menciona nomes budistas com freqüência bem maior do que o budismo "puro".
Os mitos do budismo tibetano falam no "grande mestre", chamado Padmasambhava (também U-Rgyan Pad-Ma), que desceu do céu e de lá trouxe escrituras, redigidas em um idioma desconhecido. Ninguém conseguiu compreendê-las. O "grande mestre" escondeu-as no interior de cavernas, guardando-as assim para a época em que serão compreendidas™. Durante sua estada na Terra, o "grande mestre" escolheu como seu discípulo predileto Pagur Vaircana, a quem autorizou a, após a sua partida, traduzir alguns daqueles livros, escritos em língua estrangeira. De fato, até hoje existem escritas tibetanas com títulos em um idioma totalmente desconhecido. Aliás, também por meio de tais espólios, os mitos adquirem foros de realidades de outrora.
De volta ao cosmo em cavalos dourados Como foi que o discípulo predileto descreveu o adeus ao "grande mestre"? A sua descrição foi minuciosa a ponto de merecer nota 10; ei-la:
Apareceram no céu uma nuvem e um arco-íris, o qual se aproximou de nós a curta distância. No meio das nuvens estava um cavalo de ouro e prata... Todos os presentes podiam ver como ele se aproximou deles (dos deuses), cortando o ar. Quando o cavalo subiu no céu, por um côvado, Padmasambhava virou-se para trás. "Não terão fim as vossas buscas por mim!", falou e voou embora.
O rei e Iodos que o cercavam eram como peixes sobre a areia da praia... Quando olharam para o céu, viram Padmasambhava do tamanho de um corvo; quando tornaram a olhar, viram-no do tamanho de um melro; em seguida ele diminuiu para o tamanho de uma mosca e depois tornou-se indistinto, indiscernivel, do tamanho de um ovo de piolho. E quando para lá tornaram a olhar, nem o viram mais.
Que paralelo surpreendente com o relato do vôo espacial de Etana! Este último dá a reportagem do ponto de vista do astronauta, diante de cujos olhos a Terra diminui até desaparecer, de todo — no relato supra, o repórter fica na Terra e descreve como o "grande mestre" some no cosmo, montando um cavalo de ouro e prata.
Careceria de toda razão — perdão, Prof. Illies — se todos esses indícios não fossem considerados como válidos, se fossem simplesmente desclassificados como meros acasos.
Aliás, também a Bíblia cita um exemplo de uma ascensão a cavalo. Lá a descrição não conta com tanta riqueza de detalhes visuais, mas o profeta Elias é igualmente tratado como "mestre", cujos conhecimentos do céu excederam os dos seus conterrâneos. Essa ascensão aconteceu enquanto o "mestre" estava conversando com seu discípulo predileto, Eliseu:
Continuando o seu caminho e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo e uns cavalos de fogo os separaram um do outro. Elias subiu ao céu no meio de um remoinho. Eliseu o via e clamava: Meu pai, meu pai, carro de Israel e seu condutor. E não o viu mais. Tomou os seus vestidos e rasgou-os em duas partes. Levantou do chão a capa que Elias lhe tinha deixado cair e, voltando, parou à borda do Jordão.
4 Rs. 2, 11-13
Milhões e milhões de pessoas acreditam piamente na ascensão de Elias em um carro de fogo porque está escrito na Bíblia. Por que não se acredita na mitologia tibetana, tomando-a por uma realidade? Contudo, a prosa apresentada pelo discípulo do "grande mestre" tibetano é de altíssima categoria; o povo tibetano conheceu o "grande mestre", que viveu no seu meio e a ele ensinou coisas úteis; falaram com ele que era tão sábio que até dominava um idioma por eles desconhecido. Por conseguinte, o "grande mestre" era uma personalidade. E, depois, certo dia, diante dos olhos daquele povo, retornou ao céu, do qual sempre falou como de sua terra natal. Não foi um ser incorpóreo que desapareceu da Terra, mas sim um homem de carne e osso que voltou para o céu. Primeiro, ainda estava visível, do tamanho de um corvo, depois do de um melro, em seguida, diminuiu para o de uma mosca e, por fim, ficou minúsculo como o ovo de um piolho, antes de desaparecer por completo. Sem dúvida, uma reportagem excelente!
Aliás, pela boa ordem, tomo a liberdade de lembrar que os mitos de muitas civilizações, em todos os continentes, transmitem cenas de ascensão bastante parecidas com as supramencionadas. Daria um bom assunto de dissertação.
Ao contrário dos mitos registrados no "Kandchur" e no "Tandchur", dos quais até agora somente

uma pequena parte chegou a ser traduzida, o Maabárata hindu representa, incontestavelmente, a mais extensa epopéia da história de um povo, até agora vertida para línguas estrangeiras. A seguir, dou um trecho da "Viagem de Ardchuna para o céu de Indra", que constadas 18 divisões, subdivididas nos 180.000 versos do Maabárata:

Viagem aérea para o céu de Indra Após a partida dos protetores do mundo, Ardchuna, terror dos inimigos, queria que o carro celeste de Indra chegasse até ele.

De repente, junto com Matalis, o carro chegou no brilho da luz, banindo do ar as trevas e iluminando todas as nuvens, enchendo as terras com estrondo, igual ao ribombar do trovão. Foi um artefato mágico, do céu, realmente imponente aos olhos. Ele subiu no carro, resplandescente como o senhor do dia. Então, foi-se para cima com o artefato mágico, aquele carro celeste parecido com o Sol, e foi imensa a alegria experimentada pelo filho branco da estirpe kuru.

Ao aproximar-se das regiões invisíveis para os mortais que palmilham a Terra, viu carros celestes, maravilhosos, aos milhares. Lá não brilha o Sol, nem a Lua, não reluz o fogo, mas sim em seu próprio brilho cintila, pela força de feitos nobres, aquilo que na Terra é visível na forma de estrelas, as quais, por causa da distância imensa, se parecem com lâmpadas, embora sejam grandes corpos.

Com a leitura dessa passagem não se acenderiam os holofotes de um farol para uma pessoa sem preconceitos? Nem é preciso compartilhar de minha fantasia emocionada para se ter, diante dos olhos, a imagem vibrante do carro no brilho da luz, banindo do ar as trevas, iluminando todas as nuvens. No entanto o cronista ainda não se contenta com a mera projeção de uma imagem abstrata, imponente aos olhos; ele vai além e registra circunstâncias secundárias bastante reais, contando como o carro encheu as terras com estrondo, igual ao ribombar do trovão. Os seus olhos acompanharam o carro até penetrar nas infinidades do cosmo, onde não brilha o Sol nem a Lua.

É lógico, o veículo saiu do nosso sistema solar. Se o conteúdo dos mitos Mitologia em miniatura. Esta delicada miniatura hindu mostra como Garuda, a águia mítica solar, leva duas pessoas para o céu, seqüestrando-as.



No entanto, o cronista queria que fosse compreendido pelos pósteros. Por esse motivo deu pormenores audiovisuais sobre aquilo que ninguém conseguiu enxergar da Terra, ou seja, informou que as estrelas são "grandes corpos": aquilo que, na Terra, é visível na forma de estrelas, as quais, por causa da distância imensa, se parecem com lâmpadas, embora sejam grandes corpos!

Nenhuma névoa encobre esta mensagem, que tampouco requer uma nota à margem. Está ali, dispensando qualquer explicação.

Mitos em representação visual Seria desagradável se a tradição oral tivesse por base tão-somente crônicas antigas que, entre os filólogos, constituem um permanente cavalo de batalha. É tão fácil interpretá-las dessa ou daquela maneira. No entanto, de muitos eventos relatados existem representações artísticas que podem ser vistas e nas quais até se pode tocar.

Colecionei exemplos dessas testemunhas primitivas e cito o meu livro "O OURO DOS DEUSES", como peça de prova no processo, ora passando pelos trâmites legais. Outrossim, dirijo ao Egrégio Tribunal o meu aviso expresso, notificando-o de que se trata de objetos demonstrantes, acima de qualquer suspeita.

A seguir mencionarei alguns desses achados, a constarem dos autos e conforme já foram descritos nos respectivos textos: pinturas rupestres no Saara, no Brasil, no Peru, bem como entre os índios norte-americanos e canadenses, miniaturas em sinetes cilíndricos sumérios,

assírios e do antigo Egito: estatuetas dogus, japonesas; máscaras de palha, usadas pelos índios brasileiros caiapós, da família lingüística jê, os quais, em seu feitio tradicional, simbolizariam os outrora, visitantes do cosmo; as bonecas katchinas, até hoje confeccionadas pelos índios hopis, da grande família pueblo, em suas reservas no Arizona e no Novo México, EUA.
Há gerações sem conta, receberam eles a visita de "seres espirituais superiores", que lhes serviram de modelo para as bonecas, as quais consideram como portadoras de atributos cósmicos. Os katchinas prometeram voltar.
Tudo isto não teria, ou não deveria ter importância? Tudo isto não seria, ou não deveria ser válido como prova? É de se dar uma boa risada.
Umafortaleza segura É extremamente paradoxo o fato de os verdadeiros adversários da Ciência poderem ser procurados nas fileiras dos seus próprios representantes e serem ali encontráveis.
Em toda a paisagem acadêmica foram erguidas, com zelo infinito, cidadelas de amplitude e potencial defensivo diversos. Elevam-se bem para o alto, muito acima das posições ocupadas pelos sacrílegos que se atrevam a apontar falhas em sua alvenaria, ou até subir nos parapeitos, a fim de lançar seus olhos para as hortas bem cuidadas, detrás daqueles muros. Nesses ataques, os indícios demonstráveis, novos em folha, constituem as armas de arremesso menos apreciados pelos defensores da fortaleza.
Falando sério, bem posso compreender que nos círculos universitários, não representa motivo de regozijo o fato de se acumularem indícios, o que, sem dúvida, deve concorrer para intensificar as sensações de mal-estar quanto a idéias e posições duvidosas, insustentáveis, a longo prazo.



Mitologia em palha. Os índios brasileiros, caiapós, confeccionam suas máscaras de palha segundo antigas tradições; simbolizariam visitantes do cosmo. Essas máscaras são usadas por ocasião das festas rituais da tribo. Foto do meu filme "MENSAGEM DOS DEUSES".





Mitologia à guisa de disfarce. Desde gerações sem conta, os Índios hopis, do Arizona, EUA, confeccionam esses bonecos, segundo modelos tradicionais; personificariam "seres espirituais superiores", cuja visita teriam recebido nos primórdios dos tempos. Foram filmados, pela

primeira vez, para o documentário de longa metragem "MENSAGEM DOS DEUSES".

Não deixa de ser sumamente desagradável a perspectiva de, mais dia menos dia, ser inevitável sacrificar alguém que ainda hoje pontifica do alto da sua cátedra e comanda o respeito da comunidade toda.
Um combate cavalheiresco, terminando com a capitulação honrosa do vencido antes de ser ferido, representaria uma regra justa e nobre. No entanto, a idéia de ser preciso esperar pela extinção dos sitiados é simplesmente horrorosa.
Max Planck (1858-1947), detentor do Prêmio Nobel, um dos maiores cientistas da época moderna, até cogitou da necessidade da extinção dos adversários da verdade científica, quando escreveu:
Uma nova verdade científica não costuma vencer pela vontade do adversário de aceitar novos ensinamentos e deles se convencer, mas antes pela extinção dos adversários e divulgação da verdade entre a nova geração a substituí-los.
Além de contar com uma frente maciça de adversários acadêmicos, tenho a boa sorte de ter conhecido número igualmente imponente de cientistas tolerantes, de espírito nobre e aberto, com os quais eu pude en-tabular diálogo e, com alguns, até travar amizade. Mantemos conversas, correspondência, eu solicito a sua crítica, sua orientação e ajuda, que me estão sendo proporcionadas. São esses os "cientistas bons", conforme chamados pelo biólogo molecular Gunter S. Stent, quando ambicionou ter colegas sem preconceitos. Esses homens sabem controlar as suas sensações de mal-estar e ainda possuem bastante grandeza de alma, que tem a minha irrestrita admiração e lhes permite reconhecer, sem inveja, argu- mentos convincentes, contrários aos pontos de vista por eles defendidos. Por isso, não vejo razão para descontinuar as minhas atividades, reunindo indícios, a título de provas a favor de minha teoria, "segundo os princípios mais rigorosos da metodologia científica" (Prof. Luis Navia), embora haja quem ache que a força de prova inerente a um argumento não ultrapassa a de mil argumentos. Como, pessoalmente, tenho alazão em conceito bem elevado, especulo com a razão dos acadêmicos de espírito aberto — e com juízes justos.
Resumo Para Carl Gustav Jung (1875-1961) as contemplações míticas dos povos primitivos foram a "evolução arquetípica da consciência", na qual o "inconsciente coletivo" encontra seus paralelos na representação do bem e do mal, da alegria e do castigo, da vida e da morte.
A exemplo de outras exegeses, tampouco a de ordem psicológica me convence. A meu ver, lá onde as realidades colidem duramente no espaço, não convém tratar com um ácido psicologizante os cernes dos relatos, a fim de dissolvê-los em componentes irreconhecíveis, para, em seguida, eventualmente, iniciar um jogo de adivinhação.
Já chegamos ao ponto em que, dificilmente, resultados de pesquisas ainda possam proporcionar-nos uma sensação de segurança, recém-adquiri-da. Sempre nos sentimos presos em uma rede de ameaças, que se tornam maiores com cada nova descoberta; e até a mensagem cujos efeitos nem poderiam deixar de ser benéficos, ainda nos impressiona como má notícia. Logo depois de uma invenção acabar de ser testada, começa-se a perguntar, sem consideração dos prejuízos: Pois é, mas não virá ela para o mal da humanidade? Esta pergunta em si já é altamente inquietante, seja qual for a resposta.
E, não obstante tudo isso, cada indivíduo nutre a antiqüíssima ambição de obter resposta para suas perguntas a respeito de nexos, que lhe pudessem explicar sua própria existência, o porquê e o para que. As religiões respondem essas perguntas com uma liturgia da fé, porém o homem hodierno ambiciona o saber. São poucas as pessoas que ainda encontram a paz interior na prece. Iguais aos descrentes, também elas estão em busca de respostas válidas. A longo prazo, ninguém aceita muitas respostas provisórias, da ordem daquelas preparadas pela conceituação materialista do mundo. Está em jogo um punhado de verdades, que não se tornam duvidosas antes de o dia ficar noite e a noite entrar pela manhã.
Tenho certeza absoluta da existência de tais verdades. Para tanto, basta considerarmos como antigas realidades as tradições dos tempos mais remotos e tratarmos de separar o seu cerne, para dele extrair os elementos aptos a elucidar o nosso passado e, ao mesmo tempo (conquanto saibamos tirar as devidas lições), despojar de todos os temores o nosso futuro. Então saberemos

o que já era possível e ainda será possível.
Outrossim, deixo protocolado o meu respectivo depoimento: — São iguais os mitos da Criação de todos os povos, em todos os mundos.
— Os mais antigos 'deuses criadores' sempre provêm do cosmo, para onde voltam depois de cumprir sua missão. (Somente gerações posteriores de deuses saem de cavernas, das profundezas da terra, da água.)
— Deuses primitivos dispõem de aparelhos voadores, caracterizados, em uníssono, como apresentando a forma de um ovo, do tamanho de uma ave gigante, uma cobra gigante, com as partes externas de metal e janelas das quais sai o brilho da luz, de corpo resplandescente, claro como o Sol, ofuscando a vista, brilhante, luminoso, iluminando a noite escura, causando estrondos, aterrissando e decolando com o ribombar do trovão; formações ostentando uma cauda de fogo, que faz estremecer a Terra, calcinando-a e sempre retornando ao cosmo, mergulhando em escuridão infinita, com a força de aves gigantes, ou parecidas com cavalos de fogo, voadores, algo indescritível, uma 'não bem uma casa'.
— 'Deuses criadores' tornam habitável o Planeta Azul; criam as condições prévias para a origem da flora e fauna.
— Deuses primitivos geram o homem inteligente.
— Deuses primitivos ensinam aos primeiros humanos inteligentes o uso de ferramentas, o cultivo das plantas e a criação dos animais; estabelecem as primeiras leis para o convívio social e providenciam a infra-estrutura.
— Deuses empossam seus descendentes como soberanos terrestres (imperadores primitivos, reis primitivos, faraós).
— Após a missão cumprida, os deuses primitivos sempre retornam para sua terra natal, no universo, e prometem a sua volta.
E, tanto na Bíblia quanto nas obras de Goethe, há sempre uma citação apropriada. Desta vez achei-a com o olímpico de Weimar, dizendo:
Nesses nossos dias, não resta mais dúvida a respeito de que a nossa História Universal deva ser reescrita periodicamente. Tal necessidade não se prende ao fato de muitas ocorrências terem sido pós-descobertas, mas sim ao surgimento de novas opiniões, porque o filho de uma época progressista chega a um ponto que lhe permite, com vantagem, reavaliar e julgar o passado, sob novos aspectos.

Escrito no ano da graça de 1829.

Como deveria ficar triste o olímpico se soubesse que, agora, quase 150 anos depois, a sua noção tão acertada ainda está para ser reconhecida, na prática.
IV Os deuses eram corpóreos Quando em 1975 viajei pela índia, em Srinagar, na véspera de um diálogo com um amigo hindu, procurei por uma Bíblia, a fim de para ele traduzir uma passagem de Ezequiel. Tudo quanto fosse preciso levar para que nada faltasse durante a minha expedição, estava guardado no meu Landrover — só faltou uma Bíblia.
Ao passar pela recepção no hotel, lá pedi que me procurassem uma Bíblia. Horas depois, a pessoa enviada para consegui-la, voltou de mãos vazias, após uma busca em todas as livrarias da cidade. O livro de maior tiragem mundial não se encontrava ali. Pedi, então, ao diretor do hotel, o favor de telefonar para pessoas amigas ou conhecidas, de confissão cristã, para, eventualmente, por seu intermédio, conseguir uma Bíblia. Seus respectivos telefonemas também deixaram de produzir resultado. Poucos dias mais tarde, em Bombaim, tornei a dar seqüência às minhas buscas; tampouco ali encontrei o que estava procurando.
Estas experiências esclareceram-me algo: o que faria o hindu com a "nossa" Bíblia? Para ele, não passa de uma coletânea de mitos, contos e lendas. É preciso a gente ir para longe de sua terra natal, a fim de compreender que, em outra parte do mundo, a Bíblia, em absoluto, não é considerada como um livro sagrado. Convenci-me, então, de que a categoria de escritura sagrada é determinada única e exclusivamente pelo culto oficial do respectivo país, variando conforme o culto, a religião e, por vezes, as distâncias geográficas vigentes. Aquilo que para uns é sagrado, para outros não passa de uma estória inexpressiva.

Com isso, confundiram-se até as minhas idéias para este meu livro.
Na época, tive em mente dois capítulos: um intitulado "Mitologias" e o outro "Livros Sagrados". Após as buscas infrutíferas da Bíblia na tndia e olhando para o meu material bibliográfico, colecionado em todo o mundo, raciocinei que tal diferenciação careceria de sentido. Quem, no Ocidente cristão, consideraria como sagrado o Rig Veda hindu, o "Livro da Criação"? Quem contaria o "Livro dos Mortos" egípcio entre os livros sagrados, desde que a época dos faraós representa um passado remoto, datando de mais de dois milênios atrás e, dificilmente, hoje em dia, uma pessoa chega a ser enterrada segundo os ritos nele estipulados? Qual a tribo indígena na América do Sul a considerar como sagrado o Avesta. conjunto dos livros sagrados dos antigos persas, atribuídos a Zoroastro? Qual o árabe disposto a aceitar como a legítima palavra de Deus as tradições sagradas de tribos campestres da Ilha de Formosa?
Lembro-me como se fosse ontem de noite, que joguei fora as anotações feitas para esses capítulos; foi durante um passeio noturno pela zona portuária de Bombaim que delas me livrei, lançando-as ao Mar Arábico. Foi naquela hora que resolvi comprovar com textos de escritas antigas dos cinco continentes a minha tese, segundo a qual os meus deuses atuaram nesta nossa Terra de uma maneira bastante substancial, ativa e hábil: ficaria a critério do leitor decidir se as fontes por mim citadas devem ou não devem ser consideradas como sagradas.
O tema da comprovação em nada mudou.
Continuo a perseguir minha meta, a saber: por meio de indícios válidos, de fontes antiqüíssimas, não manipuladas, quero elucidar, em definitivo, que: 1) os deuses não eram "fantasmas", mas sim existiram em carne e osso; 2) essa existência não se esgota com "aparições" especulativas e seu bendito retorno às plagas celestes, de onde vieram; 3) aqui na Terra os divinos procriaram grande número de filhos e filhas; 4) em livros (sagrados e não-sagrados) deixaram mensagens do seu saber; 5) cometeram erros totalmente não-divinos.
Em resumo, vou comprovar que os deuses não foram aquilo em que ficaram sendo sublimados pelos cultos religiosos. Para tanto, sirvo-me do material de provas, existente em grande abundância.
O Avesta Apesar de, no nome, lembrar um fundo de investimentos, não é isto o que o Avesta representa. É um termo do médio persa e quer dizer "texto básico" ou "ensinamento". Abarca a totalidade dos textos religiosos dos parses, os atuais adeptos de Zoroastro. Os parses negavam-se a aceitar o Islã árabe e, por isso, no século X, emigraram para a índia. Estão condenados à extinção; casam-se tarde e escolhem o seu par única e exclusivamente entre as pessoas da própria tribo; por conseguinte, é baixo o seu índice de natalidade. Atualmente, ainda sobrevivem pouco menos de 100.000 pessoas de descendência parse, cuja língua corrente é o guzerate, um idioma neo-hindu, conquanto celebrem seus cultos na antiga língua liturgica do Avesta, a qual, com seu alfabeto próprio, se tornou quase ininteligível, no decorrer do tempo.
Os parses são famosos por sua grande generosidade e elevadíssima moralidade e — atributo que os torna sumamente simpáticos — jamais procuraram converter para o seu credo qualquer adepto de outro culto. É pena que, com o pequeno número de sobreviventes, eles não têm a menor chance de divulgar no mundo esta sua grande e benemérita qualidade de tolerância.
Hoje em dia existe tão-somente uma quarta parte do Avesta. Abrange as invocações de sacrifício (Yasna), os Yachts, com hinos às 21 divindades, uma coleção de antigos mitos iranianos, com complementos posteriores, o Visprat, com invocações de seres superiores e, por fim, o Videvat, um livro de leis religiosas, com prescrições de purificação e penitência.
Trechos das escritas desse antigo culto persa foram conservados em caracteres cuneiformes, transcritos por ordem dos reis Dario, o Grande (550-486 a.C), seu filho, Xerxes (cerca de 519-465 a.C.) e seu neto, Arta-xerxes (cerca de 424 a.C).
O deus supremo era Auramasdã (Aura), criador do céu e da Terra. Todas as demais divindades, salvo algumas poucas exceções, são mencionadas apenas sumariamente. Aliás, por sorte — permitam-me esta breve observação — pois com seus nomes complicadíssimos só iriam dificultar a leitura e, posteriormente, causar confusão, já que com eles não temos relacionamento igual ao que mantemos com Josué, Neemias, Abadias, Habacuque, Sofonias ou Malaquias, cujos nomes aprendemos a decorar na aula de catequismo. Todavia, conquanto se queira alargar o horizonte e aprender coisa nova, forçoso é engolir os nomes complicados

daqueles personagens ilustres. Bom proveito!
Em suas numerosas subdivisões, o Avesta revela noções surpreendentemente modernas. O Mito da Criação reza:
Em seguida, Yima fez a Terra partir-se, deixando-a em três terços maior do que estava antes. Em um dos terços avançam, agora, o gado, os animais de tração e os homens, conforme o seu desejo e a sua vontade, fosse qual fosse essa vontade. — Fargard II, Versículos 39-41. Hoje em dia sabemos que a superfície terrestre consiste em 70,8% de água e 29,2% de terra, com esta última representando uma escassa terça parte. No entanto, os antepassados dos antigos persas ainda não haviam feito o levantamento cartográfico do nosso globo. Quem lhes teria dito que em um terço "o gado, os animais de tração e os homens" podiam locomover-se livremente, à vontade? Espíritos e fantasmas não costumam dar dados precisos.
Da mesma forma, as prescrições de higiene pessoal, dadas pelo "deus" Auramasdã ao profeta Zoroastro (cerca de 630-588 a.C.) são inequívocas e concisas quanto à transmissão de doenças infecciosas, conforme divulgadas pelo Levítico, o terceiro livro da Bíblia. É o seguinte o texto dessas prescrições, citadas pelo Avesta:
Um homem morre no fundo dos vales. Para lá voam as aves que deixam o cume das montanhas, para o fundo dos vales. Dirigem-se para o cadáver do homem morto, para devorá-lo. Em seguida, as aves levantam vôo do fundo dos vales para o cume das montanhas. Pousam nos galhos de uma árvore, de madeira dura ou mole. Aí vomitam, evacuam e instalam a sua cria. Um homem sobe, então, do fundo dos vales para o cume das montanhas. Em busca de lenha, dirige os passos para a árvore, onde estiveram as aves. Ele derruba essa árvore, para fazer lenha... um cada- ver, levado embora por cães, aves, lobos, ventos ou moscas, contamina o homem. — Fargard V, Versículos 1-12.
A versão dada por Moisés segue esta mesma linha e diz:
Todo o leito em que (o doente) dormir e todo o objeto sobre o qual se sentar, será impuro. Se alguém tocar o seu leito lavará os seus vestidos e esse mesmo, depois de lavado em água, será impuro até à tarde. Se se sentar, onde ele estava sentado, lavará também os seus vestidos e, lavando-se em água, será impuro até à tarde. O que tocar a sua carne, lavará os seus vestidos e, lavando a si mesmo em água, será impuro até à tarde. Se a saliva desse homem cair sobre um que está limpo, esse lavará os seus vestidos e, lavado ele mesmo em água, será impuro até à tarde. A sela sobre que tiver cavalgado, ficará impura; e tudo o que tiver estado debaixo daquele que padece este mal, ficará impuro até à tarde. O que levar alguma destas coisas, lavará os seus vestidos e, lavando-se a si mesmo em água será impuro até à tarde. Todo aquele que for tocado por um homem em tal estado, sem este ter antes lavado as mãos, lavará os seus vestidos e, lavando-se a si mesmo em água, será impuro até à tarde. O vaso de barro que tocar, será quebrado e o vaso de madeira será lavado em água.”
Lev. 15,4-12
São esses os ditames da Fisiologia aplicada, que hoje nos parecem rotineiros, com base em noções da pesquisa médica. Evidentemente, naquela época, esses conhecimentos não eram de domínio geral, pois foram divulgados — não somente por Zoroastro e Moisés — pelos deuses, sendo que prescrições análogas se encontram em antigas escrituras e sempre é um deus a promulgar os preceitos de higiene.
Não quero entrar na arena para participar das lutas travadas em torno da questão a respeito de quais seriam as tradições mais antigas e qual seria o livro sagrado ou não, a tirar o seu saber de uma fonte mais antiga e garantida. É muito demorada e inútil a briga para determinar quem aproveitou de quem. Para mim é importante apenas ressaltar o fato de, naquela época longínqua, ter sido conhecida a reação em cadeia, pela qual se processa a transmissão de doenças, a saber: cadáver — ave — árvore — indivíduo ou doente — leito do doente — sela — vaso. De onde veio esse saber? Um deus-fantasma não deve ter perdido seu tempo com tais minúcias — importantes, aliás! Decerto houve no meio um elemento muito competente e ativo, com plenos poderes para a execução de um amplo programa de ajuda ao desenvolvimento, enviado por um planeta altamente industrializado.
Se as antigas tradições fossem tomadas ao pé da letra, então os povos receberam todos os seus conhecimentos práticos, em primeira mão, dos deuses. Pode-se argumentar que os nossos

ancestrais tiveram tempo de sobra para retraçar o rumo tomado pelas infecções por contato, sem fazer a mais leve idéia dos microrganismos unicelulares, causadores de doenças. No entanto, por que então uma experiência de domínio público sempre está sendo atribuída aos deuses, a título de revelação importante, divulgada por sua boca divina? Sem dúvida deveria ter sido uma constatação surpreendente quando, para sua divulgação, foi preciso importunar um deus. Outrossim, como os nossos ancestrais primitivos teriam chegado a saber que apenas um terço da Terra fosse habitável? Nenhum "fantasma" seria capaz de subdividir a superfície terrestre em quadrados planos; nenhum "espírito" tem olhos para enxergar. Portanto, postulo: os deuses eram corpóreos.

ASTROS COM DONS ESPECÍFICOS

Pelas escrituras dos parses, os astros formam um exército, subdividido em diversas unidades, sob as ordens de um comandante supremo. O regime é estritamente militar. Fala-se em soldados de diversos sistemas estelares e mencionam-se, expressamente, batalhas travadas entre eles. Como chefe supremo dos astros apresenta-se Tistrya, cujo nome é também o de uma estrela. Por nada menos de quarenta vezes, essa estrela Tistrya está sendo elogiada; a ela dispensam-se os mais altos louvores, tais como:
...Louvamos a estrela Tistrya, a brilhante. Louvamos o céu que obedece as suas leis.
Louvamos o tempo infinito.
Louvamos o tempo, dono dos longos períodos...
Tistar-Yast do Khorda-Avesta

Chegamos então a fazer a verificação notável de certos astros serem louvados por seus atributos extraordinariamente benéficos, tais como: ...Louvamos a estrela Tistrya, a brilhante, majestosa.
Louvamos a estrela Catavaeca, dona das águas, a forte, criada por Masda.
Louvamos todas as estrelas, encerrando a semente da água.
Louvamos todas as estrelas, contendo a semente da Terra.
Louvamos todas as estrelas, contendo a semente da árvore.
Louvamos os astros com o nome de Haptoiringa, os majestosos, benéficos, os que oferecem resistência a Yatus...
Afrigan Rapithwin, Versículo 13
Dizem interpretações doutas que esses louvores não passariam de ara-bescos fantasiosos, idealizados em homenagem aos ilustres deuses. Será? Desconfio que há algo de concreto detrás desses arabescos.
No livro "Dabistan" o xeique Maomé Fani escreveu que, para os parses, os planetas são simples corpos de conformação esférica. Pois é! Foi somente no ano de 1610 d.C. que Galileu Galilei revolucionou os ditames astronômicos contemporâneos com a sua "Mensagem das Estrelas", comprovando assim o acerto do sistema ideado por Copérnico.
Esse mesmo xeique literato descreveu em sua obra os diversos templos, erguidos pelos parses, por ordem dos deuses, em homenagem aos planetas de sua procedência. E quanto a isso há um detalhe interessante e atrativo: em cada templo estava o modelo esférico do planeta, ao qual era dedicado. Cada templo tinha o seu próprio regulamento interno e de vestuário, conforme o planeta correspondente. No templo dedicado a Júpiter, as pessoas eram obrigadas a vestir-se como se vestem cientistas e juízes; no santuário de Marte, os parses usavam roupa marcial, de cor vermelha e, a exemplo dos oficiais, conversavam em "tom soberbo". No templo de Vênus, a gente ria e se divertia — como se poderia deixar de fazê-lo? — e no templo de Mercúrio falavam à moda dos oradores ou filósofos. No templo da Lua, os sacerdotes parses adotavam atitude infantil e faziam como fazem os lutadores, enquanto os freqüentadores do templo do Sol trajavam roupas de ouro e brocado e suas maneiras eram condignas, conforme compete a reis do Irã.
Períodos astronômicos E, novamente, deparo nas mais antigas tradições parses com conceitos astronômicos, que me fazem lembrar os efeitos da dilatação do tempo. Ei-la, a divisão do tempo

dos parses:
A órbita de Saturno em torno do Sol correspondia a um dia. Segundo cálculos astronômicos hodiernos, corresponderia a 29,5 anos.
Trinta desses dias perfaziam um mês — igual a um período de 885 anos terrestres.
Doze meses desses eqüivaliam a um ano — igual a 10.620 anos terrestres. A unidade de um milhão desses anos dos parses era denominada Ferd. Um milhão de Ferds perfazia um Vert e um milhão de Verts era chamado de Mert.
Havia até um conceito para um milhão de Merts, que era Yad; 3.000 Yads eram iguais a um Vad, e 2.000 Vads a um Zad. A primeira monarquia, que reinara a partir do céu, teria existido por cem Zads. Segundo os meus cálculos deve ter sido um algarismo com 25 zeros. E daí?
Levanto a pergunta simples e modesta: para que e por que os parses iriam fazer cálculos com tão extensos períodos de tempo? Nada, no seu dia-a-dia, absolutamente nada, poderiam ter feito com tal "calendário". Para nós, períodos completos de mil anos representam os grandes marcos na História; em sua base fazemos o prognóstico de futuras perspectivas extraordinárias. Pelo cálculo de tempo dos parses, um milênio representaria pouco mais de um mês.
Não; tal cronologia somente tem sentido quando relacionada com a Astronomia e o desenrolar de épocas inteiras.
Louvamos o tempo infinito. Louvamos o tempo, dono dos longos períodos...
Um dos 80.000 versículos duplos da epopéia nacional hindu, o Maaba- Os Vedas rata, cuja origem se perde no passado pré-cristão, exprime a imensurabilidade do tempo, em termos filosóficos: Deus abarca o espaço e o tempo. O tempo é a semente do universo.
Os Vedas (= saber, em hindu antigo) compreendem a mais antiga literatura religiosa dos hindus arianos. O hindu antigo, no qual estão redigidos, é muito mais velho do que o sânscrito, idioma de uma literatura posterior, pelo qual foi assimilado. Os quatro livros Vedas representam uma coletânea de todas as escritas, consideradas como "sobre-humanas", inspiradas, cuja remotíssima data de origem ainda constitui tema de debate.
Parecido com o Avesta dos parses, também o Veda é subdividido em quatro grandes componentes. Os 1.028 hinos do Rig Veda estão endereçados a deuses individuais; originariamente, o Rig Veda era uma coletânea de transcrições de hinos, patrimônio das mais distintas famílias de sacerdotes. Em data posterior, os hinos tornaram-se bem comum e, durante muitos séculos, foram transmitidos por tradição oral. Destarte, o Rig Veda continuou como a fonte mais antiga da língua, etnologia e religião, cujos inícios se perdem na penumbra dos tempos primitivos. O Sama Veda contém melodias que, em sua essência, representam a transcrição musical de textos do Rig Veda. O ladchur Veda compreende uma coleção de fórmulas de sacrifício e o Atar Veda descreve truques da magia branca e negra.
Várias escolas ainda continuam transmitindo os textos dos quatro livros do Veda como o mais alto bem cultural. Se não fosse pela conservação de tais valores, provavelmente o pobre povo indiano, contando com mais de 500 milhões de almas, estaria condenado à dissolução total, a processar-se de uma maneira ainda mais rápida e brutal.
O Prof. Dr. Dileep Kumar Kanjilal, da Universidade de Sânscrito, em Calcutá, é um dos conhecedores mais profundos das antigas tradições hindus. Em 12 de agosto de 1975 visitei esse sábio amável em sua faculdade e com ele travei diálogo, do qual se seguem alguns trechos, transcritos diretamente da gravação na fita magnética:
P — Sr. professor, qual a idade dos mais antigos textos do Veda?
R — Devemos datá-los por voltado ano 5000 a.C.
P— Nas diversas traduções hindus do sânscrito, encontrei descrições de carros voadores. Tratar-se-ia apenas de produtos de fantasia mitológica?
R— A índia é um país muito antigo, com uma riquíssima tradição em sânscrito. A meu ver, os carros voadores, freqüentemente citados como vimanas, de fato seriam uma espécie de máquina voadora. Com as muitas interpretações, hoje existentes, não se deve esquecer que, desde 2.000 anos atrás, todas aquelas descrições ainda continuam a enveredar pelos rumos tomados naquela época longínqua. Conquanto, atualmente, se saiba da existência de má- quinas voadoras, toda aquela problemática deve ser reestudada sob novos aspectos. Aí de nada adianta querer conservar o antigo. Cada noção condicionada pelo tempo passa por um

processo de transformação. Atrás da descrição dos carros voadores esconde-se por certo um fato, pois as descrições encerram um sentido diferente daquele hoje a elas atribuído. Bem que muitos elementos mitológicos ainda continuem a envolvê-lo, no entanto estamos envidando esforços para revelar uma verdade científica, encerrada naquelas tradições, que lembram relatos técnicos.



P— Pela leitura do Maabárata conheço contos da ascensão de Ardchu-na para o céu de Indra. Aí descreve-se o "artefato mágico" de um carro celeste, subindo nas nuvens, com "estrondo igual ao ribom-bar do trovão" e ainda relatam-se as diversas fases do seu vôo nas grandes altitudes. Lendo essa descrição, um conhecedor dos textos em sânscrito, como o senhor, poderia vislumbrar uma espaçonave?
R— O trecho descrevendo a viagem de Arjuna para o céu, conforme mencionado pelo senhor, está longe de ser completo. Parece que o amigo usa traduções imperfeitas. No texto original poderia ler que Ardchuna vê alguns carros acidentados e sem condições de vôo. Outros carros voadores estão estacionados no solo, enquanto que ainda outros já estão no ar. Essas observações claras e precisas de carros em vôo e outros, sem condições de vôo, provam como os antigos autores dos respectivos relatos sabiam perfeitamente bem de que estavam falando.
P— Seriam imortais os antigos deuses hindus?
R— Por via de regra, não são imortais. Parece que passam por três fases e morrem ao cabo da última. Logo, estão sujeitos à morte, iguais a nós. Outrossim, os deuses também podem ficar senis e, como qualquer pessoa normal, sofrer todas as conseqüências da senilidade. Os textos em sânscrito falam — como nem poderiam deixar de falar, queria eu acrescentar — do casamento entre os deuses e dos filhos nascidos de tais uniões, bem como da cópula praticada entre deuses e mortais. Os respectivos descendentes possuem o saber, e as armas dos seus progenitores divinos. No Ramaiana (ao lado do Maabárata, a segunda epopéia do povo hindu) há uma passagem, explicando a origem do deserto, dizendo que aconteceu por força da destruição causada com as terríveis armas dos deuses. O Maabárata dá a descrição dessas armas. Eu considero o Prof. Kanjilal como perito eminente e, de volta ao hotel, procurei no Maabárata a passagem por ele indicada. Encontrei-a no Livro **VIII** da Musala Parva, que reza:
A arma desconhecida é um raio fulminante, um devastador mensageiro da morte, que transformou em cinzas todos os membros dos vrichnis e andacas. Os corpos carbonizados

ficaram irreconhecíveis. Os que se salvaram perderam os cabelos e as unhas. Artefatos de barro quebraram, sem qualquer motivo, os pássaros embranqueceram. Dentro de pouco tempo, os alimentos ficaram envenenados. O raio caiu e transformou-se em pó fino.
Seria um relato de Hiroshima, de Nagasaki?
Jamais poderemos esquecer aquelas imagens.
Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica caiu sobre Hiroshima. Custou 260.000 vidas humanas; deixou legiões de feridos. Três dias depois, Nagasaki foi erradicada do mapa por uma bomba atômica. Os mortos eram em número de 150.000. As imagens daquela hecatombe incrível tumultuaram nosso sono, roubando-o. Havia cenas das mais dantescas. Seres humanos adultos, reduzidos ao tamanho de bonecas, pelo calor incandescente. Sobreviventes sem cabelos, sem unhas, morrendo à míngua nos hospitais de campanha. Árvores e campos transformados em cinzas. Jamais devemos esquecer-nos daquilo.
O filósofo norte-americano George Santayana (1863-1952) falou: **Os que se esquecem do passado, estão condenados a repeti-lo.**
Os acontecimentos descritos no Maabárata ocorreram há milênios sem conta:
Foi como se os elementos fossem desenfreados. O Sol girava em círculo; calcinado com a brasa da arma, o mundo estremeceu de calor. Foram atingidos elefantes que, cegos de dor, correram desnorteados... A água chegou a ferver, os animais morreram... O lavrar do fogo fez tombar árvores, uma após outra, como em um incêndio da mata... Queimaram os cavalos e os carros de combate, tudo parecia como um só incêndio. Milhares de carros ficaram destruídos. Depois caiu um silêncio de morte... Era horrível a imagem que então se apresentou. Os cadáveres das vítimas ficaram mutilados com o calor incrível, a ponto de perderem todo o seu aspecto de seres humanos. Nunca antes vimos uma arma tão horrorosa e jamais, em época alguma, ouvimos falar em tal arma. Hiroshima? Nagasaki? ou, milênios atrás, algum lugar no longínquo sub-continente indiano?
O céu gritou; a Terra respondeu, berrando; um relâmpago brilhou, um fogo subiu, choveu a morte. A claridade desapareceu, o fogo apagou-se. Tudo o que foi atingido pelo relâmpago ficou transformado em cinzas.
Hiroshima? Nagasaki? Índia?
Nada disso, é uma passagem da epopéia babilônico-suméria de Gilga-més; são reminiscências do futuro.
A nossa covardia não deveria ser levada a ponto de desprezarmos tais tradições como mitos sem conseqüências e ainda atribuirmos a seus autores uma bela fantasia poética. O grande número de relatos parecidos nas escritas antigas transforma em certeza uma suspeita: "deuses", a bordo de (ainda) desconhecidos objetos voadores, empregam armas atômicas ou de hidrogênio.
Agora faz pouco mais de nove anos que formulei a seguinte pergunta a respeito da explosão, ocorrida em 30 de junho de 1908, na taiga siberiana, cujos motivos nunca chegaram a ser revelados: não seria o caso de muitos dos fenômenos lá encontrados, tais como cadáveres carbonizados, manadas de rangíferes aniquiladas, árvores calcinadas, sugerirem a ação do poder destrutivo do átomo? Por mais uma vez, fui taxado de extravagante.
Ao todo, existem 80 teorias diversas, tentando explicar aquela catástrofe. O Dr. Alexei Solotov, geólogo soviético de renome internacional, dedicou 17 anos de sua vida a pesquisas visando desvendar o enigma na taiga. Durante os últimos anos daquela pesquisa, ainda contou com a assistência de uma comissão científica, integrada por membros de diversas faculdades. Em 15 de outubro de 1976 Solotov deu seu parecer final, em Moscou, dizendo que, fora de dúvida, no mês de junho de 1908, uma es-paçonave, movida a força nuclear, explodiu na taiga. Opinou que as substâncias radioativas, ainda hoje suscetíveis de medição, e os sinais de destruição, até hoje existentes naquela área, invalidam toda e qualquer outra das demais teorias levantadas. As perguntas tais como: "Teria sido a queda de um meteorito gigante?" ou "Poder-se-ia cogitar de um terremoto?", o Dr. Solotov respondeu, perante o auditório da Academia das Ciências, com a frase precisa e corajosa: "Foi uma espaçonave e vou prová-lo!" Tenho grande prazer em poder registrar essas palavras neste livro.
Após a descoberta da fissão nuclear, de 1943 a 1945 os norte-americanos trabalharam no

aperfeiçoamento da bomba de urânio. A primeira bomba foi detonada em 16 de julho de 1945, em Los Alamos, Novo México, EUA, a título de experiência; a segunda caiu sobre Hiroshima e a terceira sobre Nagasaki.

Não; prezados peritos, está na hora de, enfim, falarmos claro. Aquilo que os antigos cronistas relatam não é o produto de uma fantasia macabra, mas sim outrora era uma terrível realidade, vivida e experimentada em todo o seu horror abominável.

Conforme mencionado em outra parte, o Ramáiana é a segunda grande epopéia hindu. Ao contrário do Maabárata, o Ramáiana é uma epopéia artística, baseada em tradições populares, cuja autoria está sendo atribuída ao poeta Valmiki. Sua origem é datada do século IV ou III a.C. O herói da epopéia é Rama. filho do rei, cuja esposa. Sita, é seqüestrada por Ra-vana, o gigante demoníaco, que a leva para a Ilha de Lanka. Com a ajuda do rei dos macacos. Rama logra libertá-la e trazê-la de volta ao lar. Rama está sendo venerado como a personificação hindu do deus Vishnu, motivo pelo qual, na índia, o Ramáiana é considerado livro sagrado. Também os 24.000 shlokas* do Ramáiana constituem uma verdadeira mina de indícios para as atividades divinas, em viagens espaciais. Um carro majestoso está sendo descrito em todos os pormenores e, de pronto, esta descrição faz vislumbrar uma imponente nave espacial. O carro pomposo, com toda uma família a bordo, levanta vôo. De maneira curiosa, esse veículo é descrito como sendo uma pirâmide, que sobe em linha vertical. Os versos contam que a pirâmide teria a altura de uma casa de três andares e teria voado do Ceilão para a índia; portanto, fez um percurso de mais de 2.000 milhas. A bordo, além dos assentos para os passageiros, havia uma "câmara secreta". Evidentemente, quando a pirâmide espacial decolou, causou enorme ruído, detalhe igualmente mencionado nos textos em sânscrito.

A partir da segunda metade do século passado e em inícios do século presente, parece ter sido moda divulgar antigos textos em sânscrito nos países de língua germânica. Há toda uma série de trabalhos bem intencionados, revelando esforços penosos, desenvolvidos durante décadas. Eu queria recomendar a meus leitores especificamente interessados no assunto, procurarem tais obras nas bibliotecas. Quando no Ramáiana se fala em um aparelho obviamente voador, que faz estremecer montanhas, decola com o ruído do ribombar do trovão, incendeia florestas, prados e os topos dos edifícios, o Prof. Ludwig comenta: "Sem dúvida, com essa descrição queria-se, tão-somente, dar idéia de uma tempestade tropical." — Ó, Santa Simplicidade!

Da autoria do Prof. Hermann Jacobi existe uma versão alemã, embora não seja tradução literal, do Ramáiana, que, capítulo após capítulo, verso após verso, transmite o texto original, em segunda mão. Ao deparar com Shloka: Na meírificacão hindu, dístico: duas linhas de versos-trechos, para o tradutor carentes de sentido por falarem em objetos voadores, suprime-os sumária e altivamente, com comentários tais como: "palavrório sem sentido", "esta passagem pode ser suprimida, tranqüilamente, pois somente contém fantasmagorias".

Na Biblioteca Central de Zurique encontrei um sem-número de obras sobre a literatura hindu, sobre a música hindu, sobre a mitologia hindu e metros de comentários para o Maabárata, para o Ramáiana, para os Ve-das, mas pouquíssimas traduções parciais, diretas. Comentários científi-cospara textos hindus não me interessam mais, desde que sei quanta coisa está sendo suprimida, por cegueira profissional e total falta de compreensão do seu sentido e desde que descobri com quanta arrogância os ocidentais, vacinados com o soro da Bíblia, nos apresentam os livros sagrados de outros povos, porque acham a "nossa" religião muito mais profunda e incomparavelmente mais verdadeira do que qualquer outra. Não tolero, em absoluto, tal desprezo dos cultos alheios!

Por 70 anos trabalhou-se, então, sem a tal tão decantada distância objetiva, científica. Ninguém jamais pensou em apresentar uma tradução completa, sem comentários, do Ramáiana ou do Maabárata O que existe são apenas fragmentos, mas, em compensação, há comentários aos montes.

Assim sendo, recorri às únicas grandes traduções existentes, para o inglês — à versão do Maabárata da autoria de Chandra Potrap Roy, Calcutá, 1896 e às traduções do Ramáiana (há algumas em inglês) da autoria de M. Nath Dutt[5], Calcutá, 1891. Aliás, dos Vedas há boas traduções em alemão.

Conheço bem os exercícios de retórica, para jovens oradores e atores, que exercitam a língua,

enrolando-a; mas acharia interessante, nessas aulas, os alunos pronunciarem o título do seguinte texto em sânscrito, a saber: Samarânganasutradhâra. Quem o conseguir, pode me chamar ao telefone.
Esta palavra complicadíssima é a descrição de vimanas, veículos voadores. Parecidos com os nossos helicópteros, são descritos como possuindo alta manobrabilidade; podem ficar suspensos no ar, voar ao redor e além do globo, ou descer em linha vertical para atacar seus alvos, em pleno vôo picado. Infelizmente, faltam dados pormenorizados que permitam a reconstrução desses veículos, os quais deixaram de ser dados, não "por ignorância, mas sim para evitar abusos. Não sei se, já naquela época, houve terroristas que poderiam ter logrado construir um daqueles vimanas fabulosos. Ao menos, tentou-se uma proteção contra a espionagem industrial e a fabricação deles não licenciada.
Contudo, foram transmitidas algumas descrições bastante impressionantes:
O corpo deve ter forma forte e resistente... ser de material leve... Pela força inerente ao mercúrio, que põe em movimento o remoinho propulsor, de maneira maravilhosa, um homem pode vencer grandes distâncias no céu. Também é possível construir um vimana do tamanho de um templo para o "deus-em-movimento". É preciso embutir quatro receptáculos bem resistentes ao mercúrio; ao ser aquecido pelo fogo regulado dos receptáculos de ferro, o mercúrio confere ao vimana a força do trovão e o faz subir no céu onde então se parece com uma pérola no firmamento... O Ramáiana descreve com grande plasticidade tal carro voador:
Ao raiar a manhã, Rama subiu no carro celeste. A força do carro era ilimitada. O carro tinha a altura de dois andares, com várias subdivisões e janelas... Era colorido e imponente... Ao subir no céu, ouviu-se um som celeste...
Hoje em dia, aviões e espaçonaves costumam levar nomes de animais: Cegonha, Águia, Falcão, etc. Bem que eu compreenderia se, em futuro longínquo, tais nomes encontrassem sua interpretação mitológica; no entanto, o que faria uma águia na Lua (Eagle has landed— a Águia pousou)?
Todavia, no Ramáiana ou no texto com o título de pronúncia quase impossível, inexistem quaisquer conceitos simbólicos ou nomes suscetíveis de interpretação mitológica para os vimanas. Sem preâmbulos, fala-se em carros voadores, carros celestes ou veículos dos deuses entre as nuvens. Não, hoje em dia pessoa alguma aceitará a afirmação dos intérpretes do sânscrito, dizendo que aquelas descrições serviram para homenagear e enaltecer os heróis. Imaginem só quanta coisa ainda deve estar escondida naqueles textos antigos, prontinha para ser revelada, se e quando os nossos engenheiros astronáuticos souberem lê-los no original, em sânscrito, naquela língua de uma cultura duas vezes e meia milenar! Na Índia, até hoje, o sânscrito continua como o idioma da Ciência e da Poesia.

UM COMBATE AÉREO E UM MACACO VOADOR

Já esbocei o enredo do Ramáiana. No trecho "Rama e Sita" conta-se como o gigante mau, Ravana, seqüestra a formosíssima Sita, levando-a pelos ares, em um carro parecido com o Sol. Em seu vôo, eles passam por cima de vales, florestas e altos montes; a esposa seqüestrada do herói, clama por socorro, implora o malvado, mas nada o faz mudar de idéia e voltar. Quando Rama chega a saber do seqüestro da sua bem-amada, dá uma só breve ordem, que soa como um comando militar: "Tragam imediatamente o carro dos ares!”
Entrementes, Ravana já está sobre o oceano, em direção a Lanka (Ceilão). No entanto, o carro dos ares de Rama deve ter sido mais potente e veloz, pois de pronto localiza Ravana e com ele trava um combate aéreo. Com uma. flecha celeste atinge o veículo do seqüestrador, que cai. Sita é salva; faz o transbordo para o carro celeste do esposo, que, sob o comando de Rama, com estrondo, sobe para uma montanha de nuvens.
Rama conta com alguns 'camaradas em armas', graduados e hábeis, capazes das façanhas mais incríveis; dentre eles, destacam-se o rei dos macacos e seu ministro, Hanuman. Conforme a ocasião, o macaco real pode aumentar a sua estatura para a de um gigante, ou diminuí-la para a de um anão; antes de mais nada é um piloto corajoso, pois:
Ao decolar, ele faz com que se quebrem as montanhas, se rachem as pontas rochosas,

estremeçam as bases maciças dos rochedos, quebrem, desgalhadas, árvores-gigantes, caia uma chuva de madeira e folhagem. Os pássaros e os animais monteses fogem para abrigar-se em suas tocas.
Vez por outra, o macaco temerário também escolhe uma pista urbana, para decolar; ninguém gosta disto, porque então ficam esvaziados os lindos lagos de loto em Lanka. Nesse caso, o espetáculo oferecido aos habitantes da redondeza simplesmente ultrapassa a nossa compreensão; com a cauda em chamas, sobe acima dos telhados e causa incêndios horríveis, derrubando os edifícios altos e as torres, destruindo os jardins.
Uma procissão avançando pela História da Humanidade?
Somente aos analfabetos é permitido deixar passar despercebido o fato de os antigos textos hindus descreverem carros voadores. Quem o negar, simplesmente não quer que exista, por não se enquadrar em sua visão do mundo. Em perfeita sintonia com a filosofia de Darwin, atribuindo a todo ser vivo uma evolução gradativa e pacífica, também a tecnologia e a consciência humana receberam o seu quinhão das bênçãos da evolução. Nesse processo evolutivo gradual não deve ter havido nenhuma interferência de fora. Até saltos inexplicáveis, registrados no desenrolar desse desenvolvimento, devem ser explicados dessa maneira. Supondo-se que a marcha da evolução tivesse avançado, passo a passo, em ritmo lento, igual a uma procissão, avançando pela História da Humanidade — até explicação convincente em contrário — de vez em quando, no transcurso dessa marcha, devem ter ocorrido saltos, dignos de um campeão olímpico. O Prof. Loren Eiseley, catedrático de Antropologia da Universidade da Pensilvâ-nia, EUA, postulou o seguinte a respeito:
Há motivos para a pressuposição de que, não obstante as forças participantes na formação do cérebro humano, uma dura e muito prolongada luta pela sobrevivência, travada entre diversos grupos de seres humanos, jamais poderia ter produzido as altas faculdades mentais, conforme hoje as encontramos entre todos os povos da Terra. Algo mais, um outro fator de formação deve ter escapado à atenção dos teóricos da evolução.
É isto mesmo; porém "o espírito não caiu do céu". Aquilo que os antigos textos encerrarem de fantástico e o que não se enquadrar na Teoria da Seleção, é simplesmente taxado de bobagem, sempre quando for lançada uma nova teoria, como, por exemplo, a de seres extraterrestres terem manipulado os hominídeos e, de um só golpe (em relação ao desenrolar da História da Humanidade), dado seqüência à evolução de sua mente. Deu em empate; há teoria contra teoria e o placar é de 1 x 1.
E bem poderia continuar assim, sem prejuízo para nenhuma das partes implicadas, enquanto os "donos" de uma das teorias conflitantes não se comportarem como se tivessem assistido, pessoalmente, ao espetáculo, mostrando como os hominídeos se tornaram inteligentes.
Caso a evolução seja um processo contínuo, peço o favor de me explicarem — de maneira convincente — o motivo pelo qual, de repente, em todos os cantos da Terra, descrições de veículos celestes surgiram nos antigos livros da humanidade; a razão por que vieram a ser feitos vôos, em parte intercontinentais, a bordo de veículos confortáveis, do tamanho de uma casa; por que os nossos ancestrais sempre receberam dos forasteiros, descendo das nuvens, suas instruções nos diversos usos práticos; e, por que, depois de cumprida a sua missão, esses visitantes alienígenas sempre retornaram ao seu planeta natal.
De onde os nossos antepassados remotos obtiveram os desenhos de construção dos carros celestes, que descreveram com tanta riqueza de pormenores? De onde lhes veio o conhecimento do material a ser usado em sua construção? De onde arrumaram os instrumentos de navegação? Assim, de chofre, nem um deus teria sido capaz de voar da índia para o Ceilão!
Não se tratava de papagaios ou aparelhos monomotores, de esporte, que se movimentavam nos céus. Surgiram carros celestes do tamanho de um templo, de vários andares. Um aparelho desses não pode ser "feito em casa", no quintal, nos fundos da oficina do clã.
Ademais, por que esses veículos não acompanharam o progresso passo a passo, na marcha lenta da evolução geral? Se assim fosse, teríamos alu-nissado há alguns milênios atrás!
Quando, por ordem da NASA, o Projeto Saturno foi preparado e realizado, 20.000 fornecedores da indústria auxiliar colaboraram naquele programa.
Em sua íntegra, a literatura em sânscrito não menciona, em uma linha sequer, técnicos, fábricas

ou vôos de teste. Os veículos celestes simplesmente vieram de repente, de surpresa. Os "deuses", seus construtores, também eram seus comandantes, pilotos e o pessoal de manutenção. Sua ideação, seu planejamento, e sua execução prática não se deram em nosso planeta.
Por isso, eu afirmo: o espírito bem que caiu do céu!
Aliás, não posso deixar de fazer uma breve observação à margem: quando, alguns anos atrás, mencionei as planícies de Nazca*, e suspeitei de que as linhas enigmáticas, lembrando marcação nos aeroportos atuais, e gravadas no solo dos contrafortes peruanos da Cordilheira dos Andes, fossem pistas de decolagem e aterrissagem para astronaves, tive de aceitar o comentário mordaz: espaçonaves não precisam de pistas. E pronto.
A primeira (e a maior até hoje construída) pista para "cosmonaves" está agora em fase de acabamento e situa-se nos EUA, deverá ser usada pelo "Space-Shuttle", o astromódulo reaproveitável para o transporte de ida e volta, que deverá substituir os atuais foguetes, descartados após uma só missão, e levar em órbita veículos espaciais não-tripulados. Porém, no âmbito da atmosfera terrestre, a manobrabilidade do astromódulo "Space-Shuttle" é limitada, por causa dos reduzidos suprimentos de combustível que leva a bordo. Assim sendo, os comandantes cósmicos precisam de uma pista enorme, que lhes permita decolar e aterrissar sem muitas manobras, em virtude da pouca disponibilidade de combustível a bordo. O primeiro "Space-Shuttle" deverá entrar em operações em 1978; dele se espera uma vida útil de 35.000 a 60.000 horas de vôo.
O nosso futuro já teria sido uma realidade no passado?
Ao que parece, quanto à sua construção, os veículos descritos nos textos hindus eram superiores ao astromódulo "Space-Shuttle". Tinham condições de voar em volta da Terra, ficar suspensos no ar, misturar-se entre as estrelas, quando, então, emitiam luz tão intensas que davam a impressão de dois sóis que brilhavam no céu.
Tais observações até ocasionam a especulação de aí tratar-se de pro-pulsão a fótons, a hipotética meta final da técnica do vôo espacial. O Prof. Eugen Sãnger (1905-1964), renomado pesquisador de foguetes e do vôo espacial, examinou a viabilidade da propulsão a fótons, que, teoricamente, sem perda com a transformação em energia, deveria desenvolver uma velocidade de ejeção igual à da luz. Esse sistema de propulsão para corpos voadores no cosmo libertaria um feixe dirigido de ondas eletromagnéticas, digamos, de luz, adquirindo assim a sua força transversal. Os fótons, em comprimentos de ondas muito curtos, são partículas elementares sem massa. O Prof. Ernst A. Steinhoff diz que, na atual fase do progresso técnico, a propulsão a fótons é quase inimaginável. Sem dúvida, por ora, a sua realização está fora de cogitação. No entanto, o progresso técnico avança diariamente. Por que inteligências alienígenas não deveriam ter alcançado aquela fase de progresso, milênios atrás? Só por que nós nos consideramos o coroamento da Criação?
Todavia, em um futuro longínquo, quando em nossos céus também houver espaçonaves propulsionadas a fótons, o seu jato deverá lembrar o relâmpago e, a grandes altitudes, dar a impressão de um segundo sol brilhando no céu.
O arsenal dos deuses O quanto corpóreos eram os deuses atestam os vestígios de natureza bélica, por eles deixados no Maabárata. Quando um militar, do Ocidente ou do Oriente, folheia aquela epopéia hindu, deve ficar com água na boca, pois os deuses possuíam armas de um potencial de destruição assassina.
Conta o Adi Parva, um dos livros do Maabárata, que o deus Agni presenteou o herói Vasudeva com o disco Chakra, garantindo que com essa arma poderia vencer seus inimigos; sempre depois de cumprir a sua missão, a arma voltará para ti.
Quando o valente Vasudeva viu sua vida ameaçada por Shisupala, empregou o Chakra contra o seu inimigo:
Imediatamente, o disco decepou a cabeça do rei e voltou para a mão de Vasudeva.
Teria sido isto um bumerangue, afiado como uma navalha'.' — seria o caso de a gente pensar. Porém, não era nenhum bumerangue, porque a arma estava envolta em fogo, conforme deveria ser, em sua qualidade de presente do "deus do fogo". O nosso herói Vasudeva teria tido queimaduras horríveis nas mãos, se tivesse pegado naquela arma, a exemplo de como se

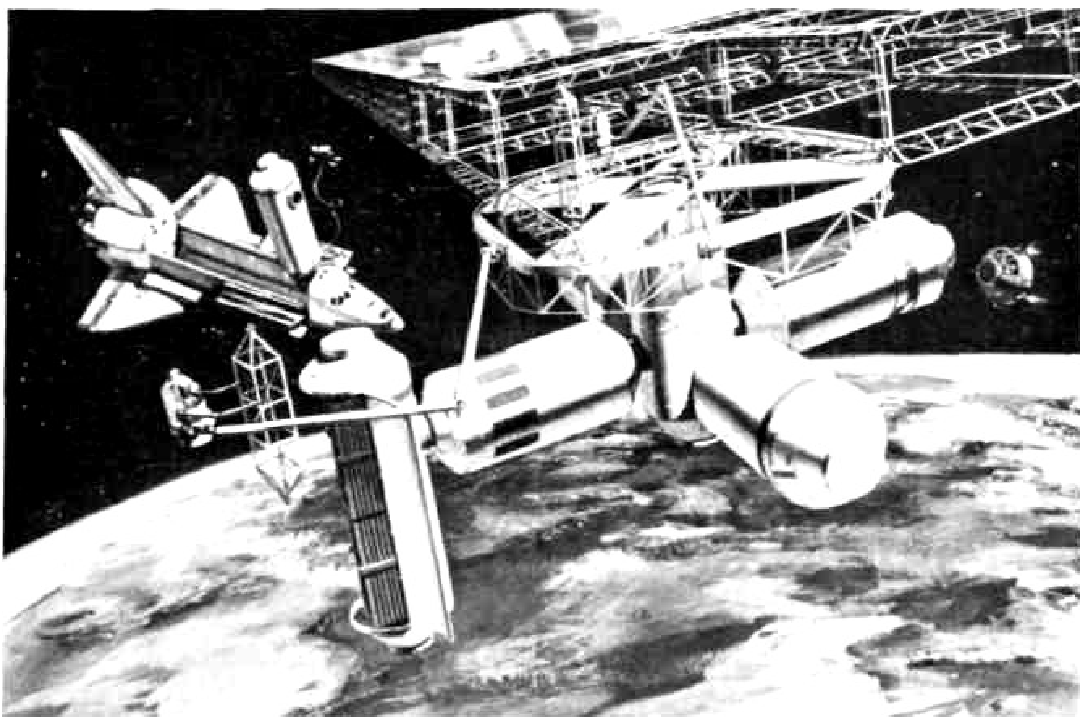
costuma pegar em um bumerangue.
Arjuna, o herói da epopéia, sabe perfeitamente que os deuses, que residem em seu meio, possuem as mais requintadas armas. Logo, ele se dirige ao deus Shiva, pedindo-lhe uma arma grande: e dele recebe as seguintes instruções para o seu uso[10]:
Ó herói poderoso, quero presentear-te com a minha arma predileta, Pashupat. No entanto, toma cuidado para não usá-la de maneira errada. Quando tu a arremessares contra um inimigo fraco, o mundo todo ficará destruído. Não há quem não possa ser morto com essa arma... Após o sacrifício da purificação, Shiva ensinou ao herói os segredos do seu uso. Depois, ordenou a Arjuna para comparecer ao reino das divindades. Arjuna fez a sua prece a Shiva, o senhor do cosmo, o qual, em companhia de Uma, sua esposa, desapareceu nas nuvens, igual ao pôr do Sol...
Do deus Kuvera, descrito como uma espécie de administrador-chefe do arsenal, Arjuna recebe a arma Antardhana, arma deliciosamente agradável e que possui o dom de fazer o inimigo dormir. Que ótima perspectiva! Como seria bom se os exércitos da OTAN e do Pacto de Varsóvia pudessem fazer-se adormecer reciprocamente. Só que, para esta eventualidade, o secretário-geral da ONU, a quem competiria determinar o momento do despertar, deveria ser um homem de uma inteligência sem-par...
Aliás, logo depois de Arjuna ter recebido em suas mãos a arma da hipnose, Indra, o senhor do céu, acompanhado da esposa, Sachi, apareceu em seu carro de combate celeste e ordenou a Arjuna para nele entrar e acompanhá-los em sua viagem ao céu.
Os relatos de guerra do Maabárata falam na luta pelo poder, travada entre as dinastias Kaurava e Pandava. Sempre os deuses interferem e sempre a sorte é decidida pelas estranhas armas divinas. Em uma batalha contra as tropas Pandava, emprega-se a arma Naráiana:
Um ruído ensurdecedor encheu todo o campo de batalha. A arma Naráiana voou pelos ares, dela saíram milhares de flechas, iguais a cobras sibilantes e que, para todos os lados, caíram sobre os guerreiros. Isto se lê no Livro Drona Parva do Maabárata.
Espontaneamente, a gente lembra dos tanques, chamados "Órgãos de Stalin", que o exército soviético empregou na II Grande Guerra. Derivaram seu nome da disposição das torres de fogo, imitando a dos tubos de um órgão, bem como do ruído causado pelos projéteis em seu trajeto para o alvo, parecido com o som do órgão.
Os "deuses" parecem ter sido insuperáveis na invenção de armas mortíferas. E Arjuna possuía essas armas. Por isso, instruíram-no a usar somente as "primeiras armas", que havia recebido dos deuses, porque a "última arma" deles recebida causaria efeito tremendo. Aliás, tampouco foram brandas as "primeiras armas", pois:
As armas disparavam para o alto; delas saíam chamas, parecidas com o grande fogo que consome a Terra ao término de uma era terrestre. Milhares de estrelas cadentes cobriam o solo. Nas águas e na terra, os animais tremiam de medo. Toda a terra estremeceu. Assim consta do Livro Aunshana Parva do Maabárata. Felizmente, mesmo naquela épocajá havia homens moderados, sensatos, que sabiam o que aconteceria se a "última arma" fosse usada. Quando a batalha chegou ao auge, o sábio Veda Viasa interferiu e advertiu as partes em luta a retirarem a "última arma", a qual acabava de ser colocada em posição. Se fosse empregada...
... por doze anos, o país sofreria uma seca tremenda... e também dentro do útero materno, morreriam as crianças por nascer. Vietnã!
Nós, os cidadãos do século XX, sofremos o trauma causado pelo horror da terra queimada, das árvores desfolhadas, das crianças mutiladas, de homens e mulheres em mísero estertor. É a maldição da guerra total, que apenas conhece os vencidos.
Oxalá sempre houvesse um sábio a fazer silenciar a "última arma".
Os exemplos das armas constantemente introduzidas pelos deuses nos conflitos terrenos constituem irrefutáveis peças de prova a favor da minha afirmação de que os "deuses" existiram como seres corpóreos. As armas, conforme descritas nos antigos textos hindus, não se coadunam com o progresso tecnológico de nossos primitivos ancestrais. O caminho para a confecção de armas de tamanho potencial destrutivo leva por diversas fases evolutivas das ciências técnicas que, afora as armas, deveriam ter deixado ainda outros "documentos". Porém inexistem tais documentos. Os armamentos surgiram de repente, a exemplo de como surgiram

repentinamente os aparelhos voadores.
Não costumo comprar gato por lebre e reluto contra as interpretações, alegando que se trata de pura fantasia, desenvolvida pelos autores dos mitos. Acontece que também a fantasia, por sua vez, precisa de ignição e inspiração. No entanto, quando a fantasia "revela" um saber exato, concreto, do qual, na época, ninguém pode ter feito idéia, então estaria na hora de tratarmos de começar a explicar o supostamente inexplicável, sob o ponto de vista hodierno. Por esse motivo, no capítulo II deste livro apresentei tipos de armas desenvolvidos e fabricados hoje em dia.
Deve ser aceita como válida a premissa de que, nas interpretações anteriores daqueles textos, nem se poderia ter cogitado dos modernos sistemas defensivos, tampouco de naves espaciais. Porém, essa época áurea do não-saber já era, já passou faz tempo. Nós conhecemos as armas nucleares, nós estamos assistindo aos inícios práticos do vôo espacial. Nós devemos (se formos honestos) colocar o nosso saber atual a serviço da interpretação de textos antigos, mesmo arriscando a perda do nosso nimbo, como a maior de todas as criaturas, e mesmo na eventualidade de a Teoria de Seleção cair por terra. Será que nada realmente caiu do céu?
Também o Rig Veda apresenta deuses bem vivos, viajando pelos céus.
A seguir, algumas provas que atestam um prospeto cósmico ricamente facetado:
Todos quantos partem deste mundo em viagem, primeiro chegam à Lua... A Lua é o portal de acesso ao reino celeste e quem souber responder as suas perguntas, está livre para prosseguir viagem... Rig Veda, Adhyaya. Venerado seja Vayu, senhor do espaço aéreo, senhor do espaço cósmico. Ô, prepara uma morada para mim, que sou o senhor do sacrifício. Abre o portal do espaço celeste, do espaço cósmico, para que possamos olhar-te, a fim de obter o domínio do espaço. Venerados sejam os senhores do céu, os senhores do espaço cósmico. É para lá que queremos ir.
Rig Veda, 24".
Um venerável ensina ao seu discípulo:
O espaço cósmico é maior que a incandescência, pois ambos se encontram dentro do âmbito cósmico, o Sol e a Lua, bem como o relâmpago, os astros e o fogo. Em virtude do espaço cósmico, as pessoas chamam, ouvem e respondem; no espaço cósmico experimentam e não experimentam alegrias; nascemos no espaço cósmico e nascemos para o espaço cósmico; tu deveras venerar o espaço cósmico! Quem venerar o espaço cósmico alcança reinos espaciais, reinos repletos de espaço luminoso, infinitos, para dar passos largos e por onde o espaço cósmico se estender, ele poderá passear, à vontade...
Rig Veda, 7.
O venerável mestre não transmitiu ao seu discípulo modelos de pensar para idéias filosóficas, conforme — talvez — se queira dizer e, portanto, o texto nada teria a ver com o "legítimo" espaço cósmico. Tenho diante de mim as árvores genealógicas de tais mestres veneráveis, abrangendo 56 gerações e recuando até o dono do saber original. Considerando que os mestres citados no Rig Veda são incomparavelmente mais velhos, por terem vivido em tempos muito mais remotos, com eles acontece o que se dá com o estafeta na genealogia bíblica, o qual, começando com Jesus, recua para o rei Davi, de Davi para Abraão, de Abraão para Adão e, assim, conduz às primitivas fontes do saber. Não é justo aceitar uma genealogia, pelo motivo de enquadrar-se em determinados conceitos, quando, simultaneamente, se recusa outra, tão sólida e garantida quanto a primeira. Aos veneráveis mestres da civilização hindu competiu transmitir a tradição pura e inalterada. Sic!
A Lua é o portal de acesso ao reino celeste. Exatamente! E por isso era o primeiro alvo visado pelos vôos espaciais empreendidos por norte-americanos e soviéticos. Quem vencer a prova técnica de uma alunissagem, está livre para prosseguir viagem. Absolutamente certo. Entrementes, foi alcançado Marte, enquanto Vênus e Júpiter estão sendo visados como os próximos alvos. Embora sejam limitadas as nossas atuais noções do espaço cósmico, já nos permitem especular sobre a questão de a Lua ter servido de teste inicial também para os habitantes de outros planetas. Representa um enorme passo para a frente, dado nesses últimos 12 anos, mais ou menos, o fato de deixar de ser contestada a existência de vida inteligente, de civilizações em outros planetas, sem conta.
Dono do espaço aéreo, dono do espaço cósmico, domínio do cosmo? Qual seria a motivação

para as duas superpotências, lideres do nosso tempo, se engajarem no vôo espacial? Se fosse só por extravagância, os custos seriam demasiadamente elevados e os esforços a despender, grandes demais. A fim de forçar certa escalada do progresso técnico, programando-o para alcançar uma meta muito avançada, outros alvos viáveis e menos custosos poderiam ter sido ideados e estabelecidos. Porém, dentro em breve, o Planeta Azul terá esgotadas as suas reservas de matérias-primas e a necessidade de encontrar novos recursos, em outros planetas, motivou e forçou o vôo espacial. Embora, além de muitos outros, houvesse motivos de aspectos bélicos, todas essas considerações são superadas, e em muito, pela noção de em um futuro nada longínquo, a Terra espoliada tornar-se inabitável.

Com base em nosso saber atual, houve concordância unânime a respeito da existência de milhares e milhares de civilizações, espalhadas pelo cosmo adentro e nem se contesta mais — de maneira efetiva — que provavelmente existiam civilizações bem mais antigas do que a terrestre. Por conseguinte surge, praticamente como ilação lógica, a tese postulando que, muitos milênios atrás, civilizações mais antigas possam ter experimentado, em seus planetas natais, essa mesma necessidade de expansão no cosmo, motivada por dilema idêntico ao que nos espera, inevitavelmente, no limiar do terceiro milênio terreno. O, prepara uma morada para mim... afim de obter o domínio do espaço. Épara lá que queremos ir.

Desde há muito, as estações espaciais deixaram de ser os produtos da fantasia dos autores de livros de ficção científica. Já existem as respectivas construções, prontas para serem executadas com a mesma precisão observada nos lançamentos dos foguetes espaciais, realizados nos EUA e na URSS, e que, plenamente, acertaram no alvo. Até já está ultrapassada uma estação espacial de quatro andares, cujo modelo, encomendado pela NASA, foi confeccionado por duas firmas norte-americanas, na escala de 1:1. Atualmente estão sendo projetadas e construídas estações espaciais, com capacidade suficiente para levar a bordo algumas centenas de cientistas e técnicos. Sob a condição prévia de uma gravidade artificialmente criada, será possível passar um dia-a-dia de pesquisa e trabalho científicos, em pleno universo. Já falamos, em outra parte, das futuras viabilidades do vôo espacial. Por conseguinte, basta mencionar que, à esta altura, estão sendo planejadas até clínicas espaciais, pois, os médicos sabem que determinados doentes, considerados incuráveis, têm condições de recuperar-se no cosmo.



Sítio cósmico! Projeto da NASA de uma estação espacial, em órbita em torno da Terra. Esta estação poderia ser montada ainda nos anos 80 deste nosso século, com o auxílio do "Space-Shuttle", astromódulo reaproveitável.

Depois de um pequeno destacamento de astronautas ter fornecido a prova de que o organismo humano pode tolerar as condições de um vôo espacial, futuramente haverá participação feminina nesses vôos para o cosmo. Agora, a NASA está treinando astronautas femininos. Em breve, todas as pressuposições do Rig Veda serão válidas, também para nós: ... nascemos no espaço cósmico e nascemos para o espaço cósmico!
Tudo aquilo que os antigos textos contam a respeito de eventos cósmicos chegará a ser a nossa realidade de amanhã. É "apenas" questão de dinheiro.
Nas democracias, os deputados carecem da coragem indispensável para estabelecer metas, a serem atingidas somente depois de amanhã. Em parte alguma do mundo livre, a sobrevivência da humanidade representa elemento suficientemente atrativo para entrar na plataforma de um partido, disputando uma campanha eleitoral. A opinião pública está sendo adestrada para concentrar-se em outras tarefas, consideradas mais importantes, como, por exemplo, naquelas que existem no âmbito do Terceiro Mundo. Passa por despercebida a contingência de nós todos, e mais o mundo, livre ou não livre, estarmos dentro da mesma canoa. Quando as chaminés dos países industrializados pararem de expelir fumaça, o Planeta Azul será obrigado a pedir concordata. Então... Ó dono do espaço cósmico... abre o portal do espaço celeste!

OS PROBLEMAS DE SEMPRE COM OS FILHOS DOS DEUSES

O Livro Adi Parva, do Maabárata, fala na concepção e criação do herói Karna, um semideus. Kunti, moça solteira, recebeu a visita do rei do Sol. Por força da fecundação divina, ela deu à luz um filho, que muito puxou o pai, pois era radiante como o próprio Sol. Como Kunti, a ex-virgem, teve receios pelo seu bom nome, achou melhor desfazer-se do filho e o colocou dentro de uma cestinha, para, de maneira disfarçada, entregá-lo ao sabor das ondas do rio próximo. Adhirata, uma boa mulher, pescou o menininho das águas fluviais, deu-lhe o nome de Karna e o criou como se fosse seu próprio filho.
Quem não lembraria, com isso, da história comovente do pequeno Moisés, também colocado em uma cestinha e entregue às águas do Nilo, por sua mãe, para depois ser salvo pela filha de um faraó?
Dão problemas sem conta aqueles filhos de papais divinos. Esses integrantes do "jet set" celeste surgem não somente em centenas de mitologias, mas a seu respeito há até uma literatura, por assim dizer "oficial", ou, ao menos, oficiosa. Os textos de Qumram, do século II a.C, achados em 1947, em cavernas rochosas de precipícios no litoral do Mar Morto, contam uma história tão surpreendente, que me sinto na obrigação de repeti-la aqui, embora já a tivesse mencionado em outra parte. O pergaminho de Lameque, onde ficou registrada, tem mais de 2.000 anos; em virtude da ação do tempo e da umidade na caverna ficou mais danificado do que um livro mil vezes emprestado. Todavia, aquilo que se decifrou dos fragmentos que sobraram ainda é sumamente interessante, por não se tratar de um mito, mas sim de uma história registrada em tempos históricos. Diz o seguinte:
Certo dia, Lameque, pai de Noé, voltou para casa, de uma viagem de mais de nove meses. Portanto, teve razões de sobra para ficar surpreso com a presença de um menino pequeninho, que nem poderia ser filho dele e que, por seu aspecto físico externo, em absoluto se enquadrava na família. Quem censuraria Lameque por ter lançado pesadas acusações contra sua mulher, Bat-Enosh, a qual, no entanto, se defendeu, jurando por tudo que lhe era sagrado, que o sêmen só pode ter sido dele, Lameque, pois na ausência do marido, ela, Bat-Enosh, não teve o menor contato com nenhum soldado, nenhum forasteiro e nenhum filho do céu. E ela implorou:
O meu senhor... juro... esse sêmem proveio de ti, de ti proveio a concepção, de ti a plantação do fruto que não é de um forasteiro, nem de um guarda, tampouco de um filho do céu... Lameque não acreditou palavra daquilo que a mulher falou. Extremamente preocupado, foi-se embora, em busca de conselho com seu pai, Matusalém, a quem relatou o caso. Matusalém ouviu, meditou e como não chegou a tirar conclusão alguma, por sua vez, pôs-se a caminho para consultar o sábio Enoque. Esse caso estava causando tal alvoroço no seio daquela família conceituada e bem comportada, que o velho enfrentou os incômodos de uma longa viagem, a fim de pôr a

limpo a origem do garoto. Pois, do contrário, o que falaria o povo?
Enoque ouviu o relato de Matusalém, contando como, de um céu sem nuvens, de repente caiu um garotinho, de aspecto físico externo menos parecido com os mortais comuns, e mais semelhante a um filho de pai celeste, e cujos olhos, cabelos, pele, nada combinava com a família.
O sábio Enoque ouviu tudo aquilo e mandou o velho Matusalém de volta para a sua casa, com a notícia alarmante de que um grande juízo punitivo sobreviria, atingindo a Terra e a humanidade; toda a "carne'" seria aniquilada, por ser impura e perversa. No entanto, falou Enoque, ele, Matusalém, deveria ordenar ao seu filho Lameque que ficasse com o menino e lhe desse o nome de Noé, pois o pequeno Noé teria sido escolhido para ser o progenitor daqueles que sobreviveriam ao grande juízo universal.
Há dois aspectos surpreendentes nessa história de uma família honrada, a saber: por, várias vezes fala-se no filho do céu, como pai legítimo da criança; e os pais de Noé foram informados sobre o dilúvio a ser esperado. No entanto, o mais admirável nessa história é o fato de o avô Matusalém ter sido posto a par do futuro cataclismo pelo mesmo Enoque que, pouco depois, segundo a tradição, subiria ao céu em um carro de fogo.
Enoque é meu amigo; sempre estou a seu encalço. Tenho um sexto sentido para personagens misteriosos e tanto mais no caso deste meu amigo que, no Antigo Testamento, é mencionado tão-somente à margem. Enoque não mereceu esse tratamento de somenos, pois ele é o autor de um livro emocionante. Se, pelos Padres da Igreja, tivéssemos sido considerados como leitores qualificados e adultos da Bíblia, o LIVRO DE ENOQUE certamente teria o seu devido lugar no Livro dos Livros. No entanto, a a Igreja proscreveu-o do "uso geral", e isto para mim constitui motivo bastante para travar amizade com Enoque e tornar a tratar dele.
Ao tomar conhecimento daquilo que Enoque tinha para nos contar, parece até acertada — do ponto de vista dela — a medida adotada pela Igreja ao proscrever o livro, pois suas mensagens são contundentes a ponto de ameaçar a supremacia do Deus do Velho Testamento.
Quem era Enoque, cujo nome, em hebreu, quer dizer o iniciado, o inteligente, o bem-informado?
Por Moisés é citado como sendo o sétimo dos dez patriarcas primitivos; portanto, trata-se de um patriarca antediluviano, filho de Jared, que desde há milênios ficou à sombra do seu famoso filho, Matusalém, e a respeito do qual o Gênese afirma que viveu até os 969 anos, destarte alcançando a "idade do próprio Matusalém". O historiador do Pentateuco (os cinco livros de Moisés) atribui a Enoque. o iniciado, a idade de somente 365 anos, quando então nem teria morrido, mas sim subido ao céu em uma carruagem de fogo.
Podemos dar-nos por duplamente felizes, porque o profeta daqueles tempos remotíssimos nos deixou relatos de suas maravilhosas aventuras com os deuses e por terem sido reencontrados aqueles relatos, escritos na primeira pessoa do singular.
Supostamente, e nisso concorda a maioria dos pesquisadores hodiernos, o Livro de Enoque teria sido redigido em hebraico ou em aramaico; todavia, o manuscrito original se perdeu e até agora não pôde ser encontrado.
Se fosse definitiva a perda, jamais teríamos tomado conhecimento daquelas preciosidades documentárias. No entanto, por sorte, os etíopes fizeram uma tradução com base em uma versão grega do texto primitivo, datada dos inícios da Era Cristã e achada no Egito. Em data que não mais pode ser determinada, essa versão dos textos de Enoque entrou no cânon do Antigo Testamento da Igreja Abissínia e, desde então, consta do rol das escrituras sagradas.
O legitimo Enoque Foi na primeira metade do século XVIII que a Europa recebeu a notícia da existência do Livro de Enoque. O inglês James Bruce (1730-1794), que viajou pela África e inaugurou a pesquisa etíope, não descobriu somente as nascentes do Nilo Azul; de sua estada de vários anos naquelas plagas trouxe também três exemplares dos textos de Enoque. Primeiro, foram vertidos para o inglês, de maneira falha, pelo Prof. Richard Laurence, posteriormente arcebispo de Cashel; mais tarde, com a tradução feita por August Dillmann (1823-1894), orientalista alemão e teólogo protestante, o "Enoque" passou para o foro dos debates especializados. Esta tradução foi publicada em 1851. Desde então, os textos foram suplementados com outros textos etíopes, em número de cerca de 30, e comparados com uma versão grega. A comparação dos textos, realizada a alto nível acadêmico, confirmou o fato de se

tratar de um Enoque legítimo.
Aliás, os peritos ainda não abandonaram a esperança de, mais dia menos dia, o texto original, em hebraico ou aramaico, ser encontrado no interior de algum túmulo egípcio. Sempre há milagres. Outrossim, o Livro de Enoque também consta de bíblias que contêm os apócrifos; o termo "apócrifo", de origem grega, quer dizer "escrita não autorizada", ou livro sagrado mantido em segredo.
Tenho em meu poder uma tradução de Enoque, com a chancela "Thübingen 1900". Sei que existem outras traduções mais recentes, porém a abundância de comentários, da autoria de 17 cientistas especializados, oferecida pela "Thübingen", não se encontra em nenhuma outra edição. Esses comentários são de grande utilidade, por indicarem as diversas possibilidades da tradução, sem doutrinar qualquer compreensão dos textos. A "Thübingen" revela a desorientação e incompreensão dos cientistas diante do texto intricado, complicado, até caótico por vezes. Não hesita- ram em admitir a sua perplexidade em face das intermináveis séries de números astronômicos, das descrições físicas e das manipulações genéticas, hoje perfeitamente compreensíveis. Por conseguinte oferecem, para cada dez linhas de texto, até 20 linhas de comentários, nas quais revelam abertamente diversas opções para a tradução. E é isto o que eu acho importante.
Quem tentar a interpretação rigidamente literal do texto de Enoque, sob o ponto de vista exclusivamente teológico, ver-se-á de fato, em um labirinto de mensagens estranhas, sem nenhum fio de Ariadne para guiá-lo. No entanto, quem deixar de lado os arabescos com sua colorida linguagem pictórica, visual, e focalizar sua atenção somente no esqueleto básico daquela estrutura verbal, dele poderá depreender, sem mudar uma vírgula, um relato tremendamente dramático e perfeitamente inteligível para o homem hodierno.
Outro detalhe importante é o de os pesquisadores de Enoque atribuírem o cerne do livro a um só autor e, por unanimidade, datarem a sua redação do último terço do século II a.C. Nesse caso, a tradição encontrou um só autor. A tese provisória, segundo a qual o livro seria de procedência cristã, já está de há muito superada.
Tudo que falei a respeito da deficiência e carência idiomática dos relatores, tem por exemplo o texto de Enoque. Tanto ao observador dos eventos, quanto ao seu relator, simplesmente faltam palavras, conceitos concretos para aquilo que aconteceu. A testemunha ocular e o cronista estavam em uma situação igual à experimentada por qualquer pessoa convidada a descrever a conformação de uma escada de caracol, sem, para tanto, poder usar as mãos. É preciso estabelecer comparações; cumpre dar início ao jogo do 'parece-se com'. Este expediente era rotineiro para os observadores dos eventos primitivos, pois se fez necessário sempre que o vocabulário contemporâneo mostrou-se insuficiente para descrever acontecimentos estranhos, jamais vistos. Incapazes de relatar a ocorrência de maneira sucinta e precisa, recorriam à sua fantasia, aos termos e conceitos de sua linguagem visual (oriental), dando vazão a uma alegoria fabulosa, luxuriante. Tanto mais forte era a impressão vivida quanto mais evoluía e transbordava a sua fantasia.
A fim de vislumbrar o fato ocorrido em suas dimensões reais, acho que devem ser eliminadas todas as tonalidades superficiais, secundárias, que se prestam à confusão, deixando-se tão-somente a foto documentária, em branco e preto, o instantâneo do acontecimento. Até nós perdemos a fala quando, pela primeira vez, vimos na tela do vídeo, em nossa sala-de-estar, as primeiras imagens diretamente transmitidas de Marte. Os cronistas dos tempos primitivos certamente devem ter experimentado sensações análogas, quando deparam com situações inusitadas.
Os primeiros cinco capítulos do Livro de Enoque anunciam o juízo final;   Acompanhado, o Deus celeste deverá deixar a sua morada e descer à Terra, em companhia dos exércitos dos seus anjos. Os seguintes onze capítulos descrevem a queda dos "anjos renegados" que, contra a ordem do seu deus, se uniram às filhas dos humanos. Esses "anjos" receberam do seu "deus" tarefas concretas, a ponto de tornar-se difícil classificá-los como membros das altas rodas celestes, pois foram encarregados do seguinte:
Semjasa ensinava a conjuração e o corte das raízes; Armaros, a equação das fórmulas mágicas; Baraquel, a astronomia; Kokabeel, a astrologia; Ezequeel, o estudo das nuvens; Araquiel, os

símbolos da Terra; Samsaveel, os símbolos do Sol; Seriei, os símbolos da Lua... Isto dá a impressão de que os anjos teriam sido incumbidos de missões específicas, em cuja execução eram especializados, a serem cumpridas durante sua estada na Terra. Daqui a pouco vamos saber da competência desses peritos nos seus respectivos campos de especialização. Em todo caso, desnecessário é frisar que seu nível cultural estava muito, mas muito acima dos então habitantes da Terra.
Nos capítulos 17 a 36, constituindo o "cerne duro" do livro, são descritas as diversas viagens de Enoque, para diversos mundos e abóbadas celestes distantes. Os capítulos 37 a 71 encerram as chamadas "orações visuais", parábolas de toda espécie, narradas pelos deuses ao profeta. Enoque recebeu ordem expressa de anotá-las, para transmissão a gerações vindouras. Para tanto, os deuses foram motivados pelo desejo de conservar essas mensagens para o futuro, já que os contemporâneos de Enoque não eram capazes de assimilar o seu teor tecnológico. Isto não é nenhuma interpretação minha; pode ser lido no Livro de Enoque!
Os capítulos 72 a 82 contêm indicações minuciosas a respeito das órbitas solar e lunar, de dias bissextos, de astros e da mecânica celeste, bem como determinações geográficas do universo. Os capítulos restantes relatam conversas de Enoque com seu filho Matusalém, ao qual anuncia o dilúvio iminente. Por último, num "happy end", em sua carruagem de fogo, Enoque sobe ao céu.
A versão eslava do Livro de Enoque contém dados que não constam da abissínia. Entre outros, há a descrição de como Enoque estabeleceu contato com os celestiais:
Quando tinha completado 365 anos, certo dia do segundo mês estava eu sozinho em casa... Então apareceram dois homens muito altos, como nunca antes vira. Seus rostos brilhavam como o Sol, seus olhos eram duas tochas acesas; de sua boca saía fogo; suas roupas e seu canto eram maravilhosos, seus braços como asas douradas. Colocaram-se à cabeceira de minha cama e chamaram por meu nome. Acordei do sono e levantei-me; em seguida, encurvei o meu corpo, em reverência diante de sua presença, mas de rosto pálido, pois senti medo. Os dois homens falaram-me então: Tem calma, Enoque! Não te amedrontes! O Senhor Eterno mandou-nos a ti, e conosco tu deves ir ao céu ainda hoje. Dá as tuas ordens a teus filhos e servos, para que saibam o que devem fazer durante tua ausência! Porém, nenhum deles deve procurar por ti, até o Senhor te reconduzir a eles...
As interpretações religiosas sempre tornam a afirmar que o patriarca antediluviano tinha tido uma aparição ou visão. No entanto, o relato é incomodamente concreto e desmente essa versão. Acontece que Enoque acorda do sono e, a pedido dos dois visitantes, deixa instruções a respeito do que deve ser feito durante sua ausência. Embora a viagem de Enoque ao céu fosse apresentada como uma visão da morte, cumpre-me chamar a atenção de quem isto alegar para o seguinte detalhe, relendo o texto, vê-se que, após as suas "visões", o profeta retornou são e salvo para o seio da sua família.
Aliás, não foi por nenhum acaso feliz que Enoque registrou suas vivências, pois recebeu ordens expressas de registrar tudo aquilo por que passou.
O Senhor me disse: "Ó Enoque, olha a escrita das tábuas celestes, lê o que nelas está escrito e grava tudo em tua memória." Olhei tudo o que estava nas tábuas celestes, li tudo o que lá estava escrito, gravei tudo na memória e li o livro.
É esta a íntegra da doutrina da sabedoria, redigida por Enoque, o es-criba, a qual deve ser louvada por todos os homens e consagrada como a juíza em toda a Terra.
Este é o livro, a palavra da justiça e da advertência dos guardas eternos.
E agora, meu filho Matusalém, conto-te tudo isso e escrevo-o para ti; tudo te revelei e te entreguei os livros que se referem a todas essas coisas. Meu filho Matusalém, guarda esses livros, que recebeste da mão do teu pai e transmite-os às futuras gerações do mundo. O procedimento adotado é tão objetivo e preciso que o seu mandante não poderia ter sido um ser imaginário. Nenhum deus, de nenhuma religião, jamais exigiu um relato pormenorizado e por escrito dos seus feitos.
A versão eslava também diz quantos livros foram ditados a Enoque. Lá consta dos autos que não era Deus em pessoa a ditar, mas sim que o arcanjo Bretil era encarregado de fazê-lo, "por ordem sua":
E ele descreveu-me todas as coisas no céu, sobre a terra e no mar, os decursos dos locais de

todos os elementos, as estações do ano, o decorrer dos dias e suas variações, os mandamentos e os ensinamentos. E Bretil falou comigo durante 30 dias e noites; seus lábios não pararam de falar. E, por minha vez, eu escrevi, sem descansar, até que tudo estava registrado. Depois de terminar, eu tinha escrito 360 livros.
O que consta na biblioteca do escriba zeloso a respeito dos muito citados "guardas eternos"?
Antes desses acontecimentos, Enoque ficou escondido e nenhum filho de homem sabia onde estava escondido, onde se encontrava e o que aconteceu com ele... Olha, então os guardas do grande Santo chamaram a mim, Enoque, o escriba, e me falaram: "Enoque, tu que és o escriba da justiça, anuncia aos guardas do céu que abandonam o céu altivo, o local sagrado, eterno, e se maculam com mulheres, como o fazem os filhos dos homens, que tomam mulheres e, na Terra, caem em grande desgraça.
Seria blasfêmia querer fantasiar essa espécie de "guardas do céu" de anjos inocentes e puros. Caso eles o devessem fazer (tomar mulheres), então vai por conta dos intérpretes das escrituras sagradas a idéia de que não deveriam ter feito tal coisa, por ser indigno do "status" de anjo misturar-se com as filhas da Terra. Deve ter havido um grupo de expedicionários — fala-se em 200 homens que na Terra teriam gerado 1.000 filhos — sem companhia feminina, cujos membros procuraram e, a exemplo de toda tropa de ocupação, encontraram os objetos de seus desejos carnais. Esses e todos os demais, junto com eles, tomaram mulheres, cada um escolheu a sua mulher, e com elas começaram a se macular... elas engravidaram e deram à luz gigantes, de 300 côvados de altura. Eles procuraram as filhas dos humanos, com elas dormiram e se tornaram impuros... No entanto, as mulheres deram à luz gigantes e, por isto, toda a Terra se encheu de sangue e justiça.
No caso de ainda haver qualquer dúvida a respeito da procedência e natureza dos "guardas", Enoque trata de eliminá-la de maneira mais que inequívoca. Ele foi chamado na presença do "Senhor" que, incontestavel-mente, era o comandante daqueles guardas:
Vem cá e ouve a minha voz. Vai e dize aos "guardas do céu" que te mandaram para cá, a fim de por eles implorar: "Antes vós deveis implorar pelos homens e não os homens por vós. Por que abandonastes o céu altivo e eterno, dormistes com as mulheres, vos tornastes impuros com as filhas dos humanos, tornastes mulheres, fizestes como fazem os filhos da Terra e gerastes seres gigantes? Embora sejais imortais, vos maculastes com o sangue das mulheres e gerastes filhos com o sangue da carne, cobiçastes o sangue dos humanos e procriastes carne e sangue, como o fazem aqueles que são mortais e perecíveis?
A situação está bem clara. Enoque encontra-se na presença do comandante dos guardas. O conceito "guarda" não é nenhuma invenção, reservada aos profetas antediluvianos. Ezequiel também os menciona. Surgem na Epopéia de Gilgamés. Fala-se de gigantes que foram gerados. Baruque até indica o número de gigantes existentes pouco antes do dilúvio: Deus mandou o dilúvio sobre a Terra e aniquilou toda "carne", incluídos os 4.090.000 gigantes. A água subiu 15 côvados acima dos cumes das mais altas montanhas.
No relato de Enoque, dificilmente pode passar por despercebido o franco escárnio do comandante, o qual antes teria esperado a visita de um guarda, como advogado dos filhos da Terra, do que a de um mortal, como advogado dos seus comandados. O chefe supremo ficou muito zangado com a união havida entre membros de sua tropa e filhas dos humanos, que são "mortais e perecíveis". Pois, aparentemente, ele e seus subordinados seriam imortais e, destarte, esse nimbo estaria prestes a ser desfeito com aquelas lamentavelmente vergonhosas noites de amor e suas conseqüências. Afinal de contas, o comandante, descontente com sua tropa, bem conhece as leis da dilatação do tempo, em vôos interestelares a altas velocidades. Com esse comportamento dos seus comandados, destacados na Terra, os habitantes daquele planeta, nada imponente, poderiam chegar a conhecer o truque e desconfiar que os visitantes, por eles considerados como deuses, nem eram imortais!
Além desses fatos, já altamente inconvenientes, o comandante teve ensejo de ficar mais preocupado ainda com a indisciplina reinante no seio do destacamento que deixou na Terra, a quem encarregara de tarefas de reconhecimento e educação, enquanto ele, a bordo de sua espaçonave, prosseguia em outras missões, no âmbito do sistema solar. Justamente pelo fato de aqueles especialistas constituírem um pessoal de Terra, escolhido a dedo, não deveriam ter

procurado e se acasalado com as filhas dos humanos. Aí, a paixão e o desejo carnal vieram a atrapalhar todo um planejamento cósmico, criando um problema enorme para o comandante.
Peço o favor de não perder de vista os gigantes, gerados contra ordem superior, em toda a sua altura e com seus pés enormes, pois assim mesmo vou deixá-los desfilar pela Pré-História, a título de prova de sua existência outrora!
Antes desses acontecimentos, Enoque estava escondido e ninguém dos filhos dos homens sabia onde estava, onde se encontrava...
Hoje em dia talvez possa parecer um conto de fadas, mas naquela época era algo totalmente fora de série que um indivíduo de carne e osso, como Enoque, tivesse sumido do mapa de repente e sem deixar o menor vestígio. Naqueles tempos, o seqüestro ainda não fazia parte do jogo do dia-a-dia de uma sociedade decadente. Jamais o paradeiro de Enoque teria sido revelado, se não fosse por ele próprio ao fazer as devidas anotações e deixá-las protocoladas, conforme as ordens que recebeu. Enoque participou de uma viagem espacial!

A VIAGEM DE ENOQUE PELO ESPAÇO

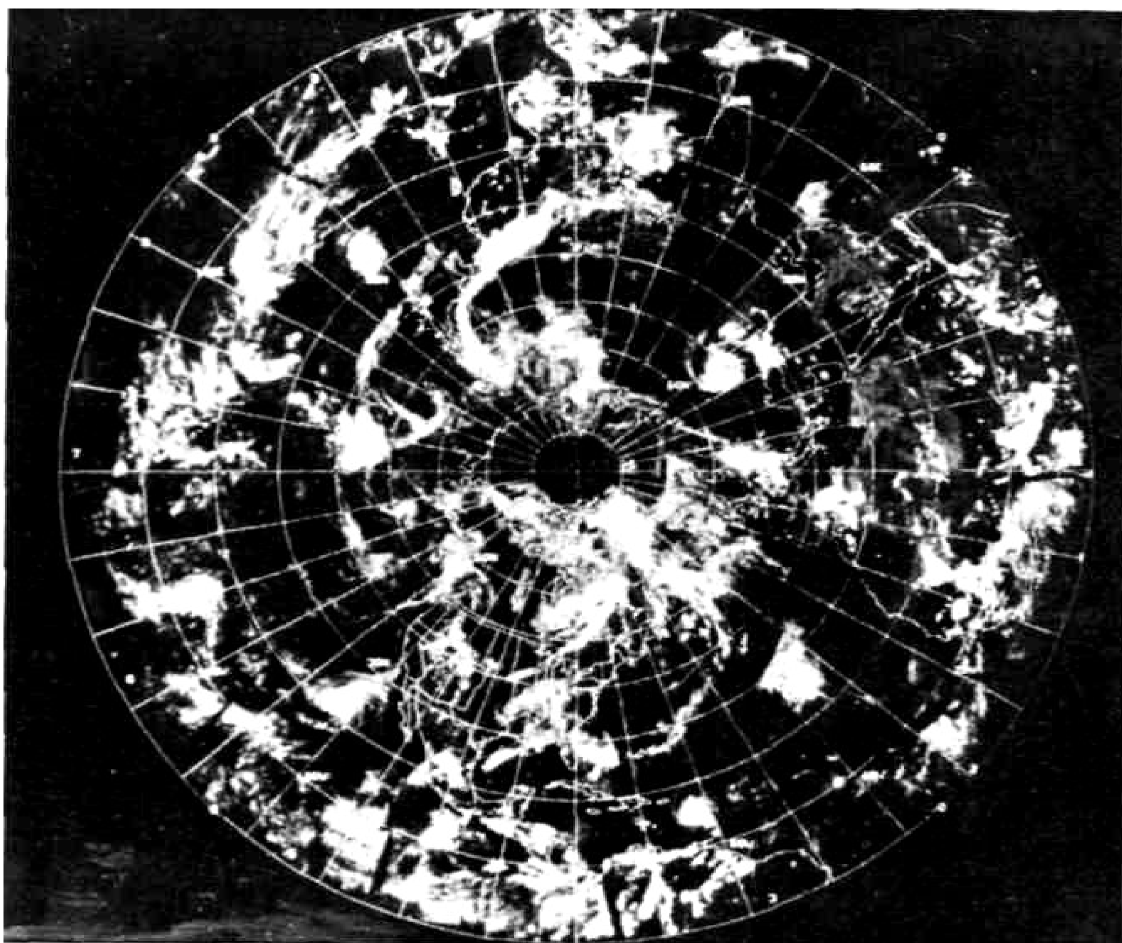
Enoque, o astronauta, relata:
Levaram-me para dentro do céu. Entrei até aproximar-me de uma parede, feita de pedras de cristal, com línguas de fogo em sua volta; e comecei a ficar com medo da parede. Entrei nas línguas de fogo e aproximei-me de uma grande casa, feita de pedras de cristal. As paredes daquela casa assemelhavam-se a um assoalho coberto de azulejos de cristal e seu chão também era de cristal. Seu forro era como a órbita das estrelas e relâmpagos, com querubins de fogo no meio, e seu céu era de água. Um mar de fogo envolvia suas paredes, e suas portas ardiam em chamas.
Havia ali uma outra casa, maior que aquela; todas as suas portas estavam abertas. Sob todos os pontos de vista, distinguia-se por sua imponência, seu esplendor e tamanho imenso. Seu assoalho era de fogo;
sua parte superior era formada por relâmpagos e astros, girando em círculos, seu forro era de fogo aceso, e vi um trono elevado. Seu aspecto era de camada branca de geada; havia algo em seu redor, parecido com Sol brilhante. Por baixo do trono saíam rios de fogo, subindo em labaredas, e eu não podia olhar para lá. A grande majestade estava sentada no trono; suas vestes resplandesciam mais do que o Sol e eram mais alvas do que a neve. Em sua presença estavam dez mil vezes dez mil; tudo que lhe convém, ele faz. E os que diante dele se encontram jamais se afastam, nem de dia, nem de noite, tampouco o abandonam.
Retiraram-me de lá e me levaram para outro local. Vi os lugares das luzes, os depósitos dos relâmpagos e trovões. Vi as desembocaduras de todos os rios da Terra e a desembocadura das profundezas.
Vi a pedra angular da Terra e vi os quatro ventos que suportam a Terra e a cidadela do céu. Vi os ventos dos céus que movimentam e fazem girar o disco do Sol e todos os astros. Vi os ventos que carregam as nuvens sobre a Terra; vi os caminhos dos anjos e, no fim da Terra, vi a cidadela celeste, por cima da Terra.
Vi um precipício fundo, com colunas de fogo celeste, e debaixo delas vi cair colunas de fogo; não podiam ser medidas, nem em sua profundidade, nem em sua altura. Detrás daquele precipício vi um lugar onde não havia nem a cidadela celeste em cima, nem a terra compacta embaixo, nem água debaixo. Tampouco lá havia pássaros, pois era um lugar deserto e lúgubre. Lá vi sete estrelas, como grandes montanhas em chamas. Quando perguntei sobre aquilo, o anjo disse: "Este é o lugar onde terminam o céu e a Terra.”
Andei até chegar ao lugar onde não havia mais coisa alguma. E lá vi algo de horrível: não vi nenhum céu em cima, nenhuma terra firme embaixo, somente um lugar deserto. Havia lá um grande fogo que ardia em chamas. O lugar tinha cortes até o fundo e estava cheio de grandes colunas de fogo, que desabavam.
A descrição é inequívoca; apenas quero dar algumas indicações a respeito.
Enoque relata exatamente a sua participação em um vôo espacial, em termos de comparação, de molde a permitir a seus contemporâneos apreensivos co-participar do evento. A exemplo de

Ezequiel, também em Enoque a descrição começa com a partida a bordo de um módulo, dirigindo-se à sua espaçonave. Enoque não pára de experimentar surpresa e medo.
Como ele desconhece o material de construção da sonda espacial, nem pode deixar de comparar seu invólucro externo, refratario, com pedras de cristal, na época bem conhecidas, por terem sido usadas nos templos e palácios. Os jatos de recuo, já em ignição, lançam labaredas, que lembram línguas de fogo. Como o invólucro externo da espaçonave usa o mesmo material empregado no revestimento interno, também o interior da cápsula lhe parece de cristal. Aquilo que para Enoque é o "forro", é a clarabóia, permitindo a vista do céu; porém ele nada sabe a respeito do vidro blindado, através do qual observa os astros em órbita. O mar de fogo envolvendo a sonda é o fortíssimo reflexo do brilho do Sol, no invólucro externo da nave, dentro do vácuo, sem atmosfera para amortecer o seu impacto.
Tampouco nós hoje em dia poderíamos compreender aquele texto, por simples que fosse, se não tivéssemos assistido, pela TV, às manobras de engate de duas astronaves, no cosmo, executadas por astronautas norte-americanos e soviéticos. Aí os soviéticos se espremeram pela estreita passagem tubular, ligando as duas naves e assim passaram da sua, de dimensões menores, para a dos norte-americanos, de dimensões maiores.
Enoque participa de tal transbordo para outra astronave, porém em escala mais ampla, quando relata como chegou a entrar em uma "casa" maior. De novo, fica fascinado com o esplendor e a imponência da "casa" (pudera, na Terra de onde veio e viveu, habitava uma tenda, pela qual as correntes de ar passavam livres e desimpedidas!). E mais uma vez faltam-lhe palavras correntes para transmitir aos conterrâneos aquilo que viu e experimentou.
Aí, na casa maior, viu o comandante, a "sublime majestade". Desde que todos obedecem as suas ordens, Enoque, com seu próprio raciocínio, acha que ele deve ser a "sublime majestade", pois não há ninguém acima dele. As vestes do comandante parecem-lhe mais resplandescentes que o próprio Sol e mais alvas que a neve. Esta comparação nem é tão surpreendente, considerando que Enoque e seus semelhantes usavam roupas grossas, de tecido de pelo de cabra. As roupas do astronauta o impressionam a ponto de recorrer para comparações absurdas. No entanto, por esse mesmo dilema passam os jornalistas hodiernos, quando fazem cobertura das apresentações da alta costura, conquanto os costureiros de Paris realmente apresentem algo de novo, tal como fez Pierre Cardin que, poucos anos atrás, colocou nas passarelas as suas "roupas de astronauta". Naquela ocasião, repórteres hodiernos lançaram mão de comparações temerárias, ao descrever para os leitores e, principalmente, as leitoras, o que de extravagante um dos criadores da moda acabara de mostrar. O mesmo fez Enoque, a seu tempo e conforme a mentalidade contemporânea.
Quem estiver cego, bem que pode tomar a descrição da cápsula espacial, por uma "aparição", um sonho ou uma visão. Todavia, essa tentativa de fuga para o incontrolável não vinga, em face de observações, precisas demais-para, nem de longe, darem margem à eventualidade de aquele relato se basear em uma visão. Como, além disso, Enoque ainda fornece longas séries de números, sujeitos à verificação, esse argumento vago, sem substância, se desvanece junto com a visão.
Ademais, o profeta relata que viu as desembocaduras de todos os rios da Terra; descreve a terra-de-ninguém, na atmosfera, onde não há pássaros, a zona do frio letal, que desconhece horizontes, "o lugar onde terminam o céu e a Terra". Enoque ficou imbuído da sinistra singularidade do cosmo, ao continuar em seu relato:

O SATÉLITE METEOROLÓGICO DE ENOQUE

Lá meus olhos viram os mistérios dos relâmpagos e do trovão, os mistérios dos ventos, como se distribuem para passar por cima da Terra, e os mistérios das nuvens e do orvalho. Lá vi de onde saem naquele lugar e como de lá fica saturado o pó na Terra.
Depois mostraram-me todos os segredos dos relâmpagos e das luzes, como se descarregam em benefício e para a saturação do solo, na Terra.
Pois o trovão tem leis fixas, que regem a duração do estrondo a ele atribuído. O trovão e o relâmpago jamais são separados; movidos pelo espírito, ambos prosseguem em seu curso e

nunca se separam. Quando o relâmpago brilha, o trovão ribomba.



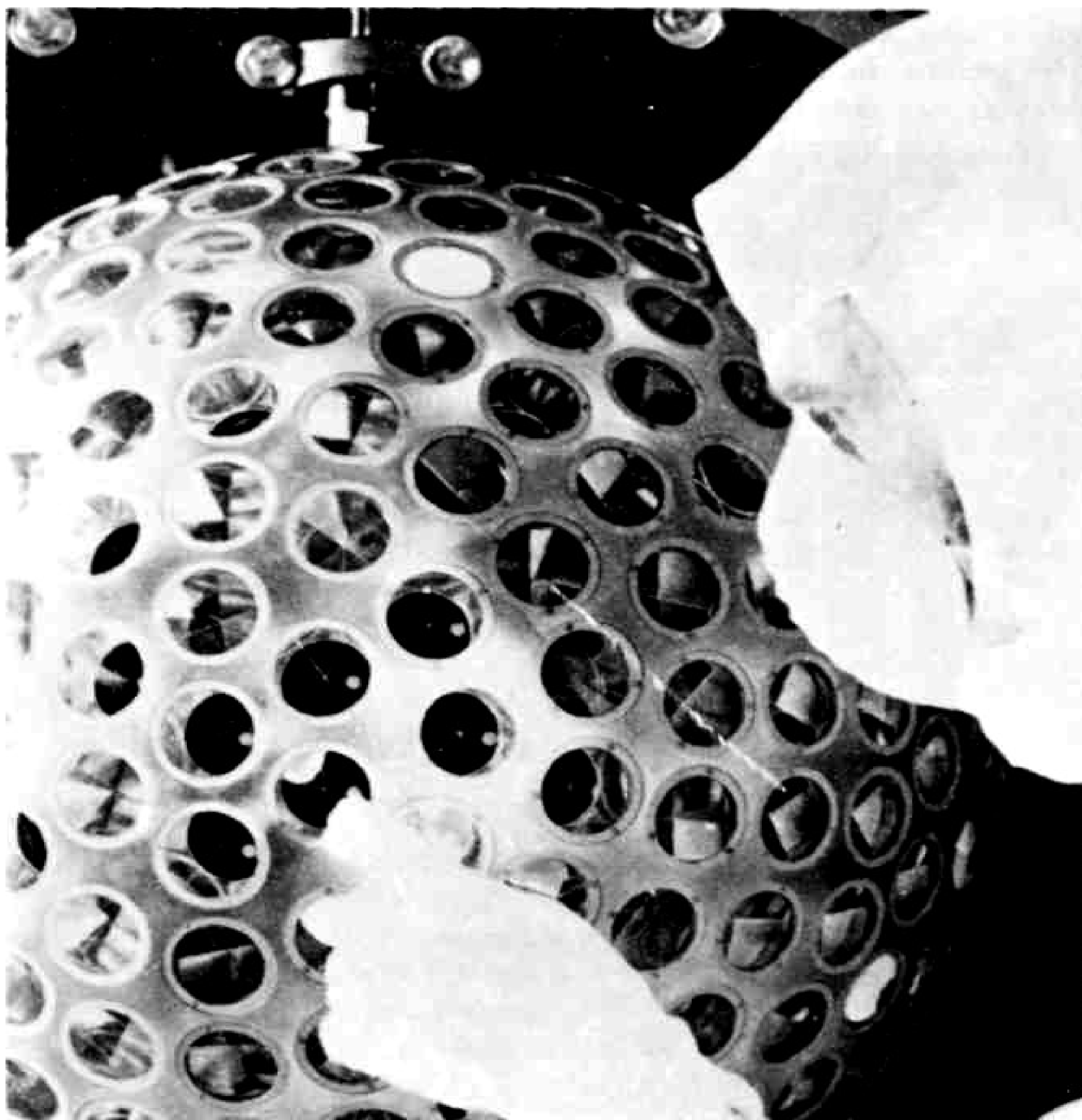
Esta vista compõe-se de um grande número de imagens individuais, tomadas e transmitidas pelo satélite meteorológico ESSA V, em 8-9-1967; sua montagem foi feita mediante um programa de computador. São discerníveis mais de uma dúzia de centros de tempestade e ainda os dos furacões, conhecidos pelos nomes bonitos de Beulah, Doris, Chloe, Moníca e Nanette.

Enoque comunicou noções que a nós, habitantes da Terra, chegaram milênios mais tarde, através da pesquisa científica. Conforme é sabido, o trovão se origina com a repentina expansão do ar, aquecido pelo calor do relâmpago, e se espalha com a velocidade do som, de 333 m/seg. O trovão tem leis fixas para a "duração do seu estrondo". Se os textos de Enoque estivessem disponíveis há mais tempo, as leis da Natureza teriam chegado ao nosso conhecimento em data bem anterior. Aparentemente, os antigos patriarcas cogitaram da possibilidade de com esses textos, leitores mais espertos da Bíblia chegarem a formular as leis físicas, segundo as quais o universo "funciona", em prejuízo — assim devem ter achado — do conceito da onipotência do Todo-Poderoso. Outrossim, com a divulgação dos textos de Enoque no seu devido tempo, o povo poderia ter chegado a saber, em data bem mais antiga, em vez de continuar acreditando, pelos séculos afora. Ao observar, vez por outra, a carta sinótica e a previsão do tempo, com base em dados transmitidos por satélites, mostrando a formação das nuvens sobre a Terra, claramente aparece o que Enoque queria exprimir no seu relato: ele viu tudo aquilo, com seus próprios olhos, das grandes altitudes.
"Vi o depósito dos relâmpagos". Tampouco esta observação poderia ter sido feita andando em lombo de camelo; contudo, de grandes altitudes, tais "depósitos" são discerníveis. Os relâmpagos constituem tremendas descargas elétricas entre nuvens diversamente carregadas, que, entre si, formam canais de descarga. Somente depois de tal canal ter atingido o solo terrestre ou outro amontoado de nuvens, acontece a descarga principal "com colunas de fogo celeste". Até aquele momento, os relâmpagos juntam-se no assim chamado "depósito". Por

favor, não censurem Enoque! Ele não tinha a menor idéia do fenômeno eletricidade e nem podia imaginar qual a claridade a iluminar o céu, fazendo aparecê-lo em chamas, quando apenas um relâmpago normal transforma uma energia da ordem de 100 kWh; no entanto, há ainda diferenças de tensão de algumas centenas de milhões de volts. Das grandes altitudes, Enoque, naturalmente, observou esses processos físicos como um real... fogo celeste!

A SONDA DE ENOQUE PARA A PESQUISA DA TERRA

Depois daqueles dias, naquele lugar onde vislumbrei todas as visões daquilo que é oculto, escondido — pois um vendaval pegou-me e levou-me para o oeste — ali os meus olhos enxergaram todas as coisas secretas a acontecerem na Terra: um monte de ferro, outro de cobre, outro de prata, outro de ouro, um de metal mole e um de chumbo. E o anjo falou: "Espera um pouco e tudo que está oculto a ti será revelado. Aqueles montes que teus olhos viram, o monte de ferro, o de cobre, o de prata, o de ouro, o de metal mole e o de chumbo, na presença do teu eleito, todos eles tornar-se-ão como a cera diante do fogo e a água, descendo pela vertente...”
Este será o fim, porque eles conhecem todos os segredos... bem como todas as forças ocultas e as forças de todos aqueles que praticam a magia... os que para toda a Terra fundem os moldes de fundição; e, enfim, também como a prata é extraída do pó da Terra e como o metal mole é feito na Terra. Pois o chumbo e o zinco não são extraídos do solo terrestre a exemplo do primeiro; são o produto de uma fonte. Conforme é de conhecimento geral, a Ciência hodierna emprega satélites para pesquisar a Terra e fazer o levantamento dos seus recursos. (Vide o Programa ERTS (Earth Ressources Technology Satellites — Satélites para a Tecnologia dos Recursos Terrestres) da NASA.



Este satélite, para levantamentos geofísicos, é capaz de, entre outros, prognosticar terremotos, conforme acusados pelos raios laser. Ksses raios exploram a superfície terrestre; seus reflexos são processados no computador, a bordo do satélite. Os intervalos de tempo entre os comprimentos dos raios, registrados com a precisão de um décimo de trilhão de segundo, permitem conclusões a respeito da superfície terrestre.

A 1.000 Km de altitude e mais alto, esses satélites, em suas órbitas polares, dão a volta pelo nosso planeta; são equipados com câmaras de TV e aparelhos multiespectrais, integrando um sistema de reconhecimento radiométrico. Cada foto tirada pelas câmaras de TV, com dados radiométricos abrange uma área de cerca de 200 km de extensão. Imagens bem nítidas, ricas em contrastes, são aproveitadas para pesquisas geológicas (conformação da crosta terrestre), geodésicas (foto da superfície terrestre), hidrológicas, oceanográficas, da poluição do ar e da água e outras mais; no entanto, servem igualmente e sobretudo para a localização de reservas minerais, de gás, óleo e água. Também a Arqueologia, por sua vez, tirou grande proveito dos modernos meios de pesquisa, oferecidos pelas sondas espaciais.

Hoje em dia torna a acontecer exatamente aquilo que aconteceu em tempos remotíssimos, quando Enoque deu o relato de sua excursão pelo cosmo: os satélites detectam os sítios dos diversos metais e descobrem os montes de ferro, cobre, prata e ouro, debaixo do solo.

Igualmente corretas são as indicações de Enoque, dizendo respeito à prata, que "é extraída do

pó da Terra". O teor de prata na crosta terrestre é de 0,1 g por tonelada. Freqüentemente, a prata ocorre como produto secundário, junto com outros metais; sua ocorrência na proporção de umas 500 g/t é mais rara; mas, sempre é "extraída do pó da Terra". É muito raro o chumbo puro na crosta terrestre; costuma ser obtido da escória, mediante processamento a temperaturas de 1.100 a 1.200°C... quando então jorra igual às águas de "uma fonte". Também o zinco, cujo teor na crosta terrestre é de somente 3 g/t, é fundido em fornos elétricos e deles sai como as nascentes brotam do solo.
Em hebraico, Enoque quer dizer o iniciado. Evidentemente, durante o seu vôo espacial, foi "iniciado" por astronautas competentes nos mistérios de uma tecnologia na época totalmente desconhecida.

RELATORES DE MATÉRIAS ESPECÍFICAS

São esses os nomes dos seus chefes, comandando cem, cinqüenta e dez anjos. O nome do primeiro é Jequn; é aquele que seduziu todos os filhos dos anjos, que levou para o continente e fez cobiçar as filhas dos humanos. O segundo chama-se Asbeel; ele deu maus conselhos aos filhos dos anjos e fez com que maculassem seu corpo com as filhas dos terrestres. O terceiro chama-se Gadreel; é aquele que ensinou aos filhos dos homens toda sorte de golpes mortíferos. Também ele seduziu Eva e fez os filhos dos homens conhecerem os instrumentos da morte, a couraça, o escudo, a espada de combate e outros mais. Foi por intermédio de Gadreel que, então, as armas passaram para as mãos dos habitantes do continente e entre eles se divulgaram. O quarto chama-se Penemue; ele ensinou aos filhos dos homens distinguir entre o amargo e o doce e a eles revelou todos os mistérios de sua sabedoria. Ensinou aos homens escrever com tinta sobre papel e, com isso, desde a eternidade até a eternidade, e até o dia de hoje, muitos deles caíram em pecado. O quinto chama-se Kasdeja; ele instruiu os filhos dos homens na aplicação de vários golpes maus; a eles demonstrou os golpes a aplicar para expelir o embrião do útero materno, as vibrações da alma, a mordida da serpente e os choques da insolação, causados pelo sol do meio-dia... Por intermédio de Miguel a terra foi constituída sobre a água e lindas nascentes brotam de regiões ocultas nas montanhas... Enoque, respectivamente o cronista histórico, classificou o texto como linguagem visual. São como quadros pintados detrás do vidro; seus motivos transparecem, de maneira inequívoca.
Jequn e Asbeel eram os responsáveis pelo acasalamento dos extraterrestres com as filhas dos humanos e, por conseguinte, pela geração dos gigantes, cuja existência ainda está para ser comprovada. Gadreel, especializado em Biologia e Tecnologia, era o alfageme que, entre outras coisas, sabia fazer também armas mortíferas, desconhecidas na Terra. Ele deveria ter adquirido seus conhecimentos em regiões extraterrestres, pois do contrário Enoque não teria ficado tão surpreso com os produtos de sua lavra. Penemue possuía uma boa cultura geral; além de ensinar aos homens na escrita e no uso de tinta e papel, a eles revelou vários conhecimentos, "mistérios de sua sabedoria", um saber que transmitiu aos terrestres por ordem superior. Kasdeja era campeão de um esporte de luta livre, como talvez o caratê ("aplicação de vários golpes maus"); no entanto, além dos golpes aplicados em luta corpo a corpo, conhecia também o local exato no útero materno que, quando golpeado, reage, expelindo o feto, provocando assim um abortamento doloroso, mas sem intervenção cirúrgica. Kasdeja também conhecia uma terapia contra a insolação, como resultado mórbido da exposição ao sol ("causada pelo sol do meio-dia") e, ainda, possuía noções de Psiquiatria ("vibrações da alma"). É preciso usar de bem pouca imaginação para reconhecer em Miguel um arquiteto ("a terra foi constituída sobre a Água...").
Enoque teve ensejo de observar com quanto método os "anjos" foram treinados para o desempenho de suas diversas tarefas, pois:
Vi quando, naqueles dias, cordas compridas foram distribuídas entre os anjos e como eles levantaram asas e se foram, voando para o norte. Perguntei ao anjo: "Por que aqueles lá pegaram as cordas compridas e partiram?" Ele respondeu-me: "Foram-se embora para fazer medições. Aqueles lá levam para os justos a medida dos justos e as cordas dos justos... Os eleitos começarão a morar com os eleitos e são essas as medidas... Pelas medidas serão

revelados todos os mistérios nas profundezas da Terra e os que sucumbirem no deserto..." Asasel mostrou-lhes os metais com seus processamentos e suas aplicações, os braceletes e as jóias, o uso da maquilagem para os olhos, o embelezamento das pálpebras, as pedras mais preciosas e seletas e vários corantes..." Aí os "eleitos" chegaram a conhecer inequivocamente novas medidas, precisas e corretas. O que significava um côvado, correspondente ao comprimento de um antebraço, que tanto poderia ser mais curto como mais comprido? "As medidas dos justos" representavam o sistema de medição devidamente aferido e desde então estabelecido como válido. Com esse sistema, os eleitos também podiam sondar "os mistérios das profundezas da Terra", onde, além dos metais, estavam para ser encontradas "pedras preciosas e seletas", para empregá-las na confecção de jóias. O quanto requintado era o padrão de vida daqueles em cujo meio Enoque se demorou, atestam-no as indicações sobre as artes cosméticas. Em comparação, como eram primitivos os nossos métodos hodiernos de "colonização"; nós presenteamos os indígenas tão-somente com contas de vidro, sem valor, ao passo que os colonizadores de outrora demonstraram às mulheres os requintes da maquilagem.

ASTRONOMIA ANTEDILUVIANA

Vi os astros do céu e vi como todos eles foram chamados pelo seu nome. Vi como foram pesados com uma medida genuína, segundo a intensidade de sua luz, a imensidade dos seus espaços e o dia do seu aparecimento.
De fato, os astrônomos classificam os astros, tanto pelo seu nome, quanto pela sua ordem de grandeza ("pesados com uma medida genuína") e os valores de sua luminosidade ("a intensidade de sua luz"), a sua localização ("a imensidade dos seus espaços") e o dia no qual foram observados pela primeira vez ("o dia do seu aparecimento"). O profeta antediluviano deve ter conseguido esses dados com seres de intelecto muito superior ao responsável pelo progresso cultural de sua época, pois tudo isto deve ter ocorrido antes do dilúvio, em virtude de o próprio Enoque ter sido informado por "vozes do céu" sobre esse acontecimento, a passar-se em futuro longínquo:
Todo o mundo será aniquilado e um dilúvio está prestes a cobrir toda a Terra; sucumbirá tudo quanto sobre ela se encontrar. Avisa-o para que possa salvar-se e conservar os seus descendentes para todas as gerações do mundo.
Eram principalmente estas indicações, sempre repetidas, que levaram os pesquisadores de Enoque a considerar os textos como datando de tempos cristãos. Porém nos tempos cristãos o dilúvio já era um acontecimento registrado em um passado remoto, uma estória lendária! Por conseguinte, se no livro de Enoque chegaram a ser anotadas observações antediluvianas, então resta explicar-me de que maneira aqueles indivíduos (primitivos) chegaram a adquirir noções ainda inexistentes naquele seu tempo.
Em muitos capítulos, contendo sofisticadíssimos dados astronômicos, inclusive cálculos fracionais e potenciais, o Livro de Enoque expõe um compêndio da Astronomia antediluviana. O trecho que se segue representa tão-somente uma pequena parte dos dados acessíveis à compreensão do leitor leigo em Astronomia.
Naquele dia o Sol nasce, saindo daquele segundo portão, e desce no oeste; volta para o leste e, por 31 manhãs, sobe do terceiro portão e desce no oeste do céu. Naquele dia, a noite diminui e perfaz nove partes e o dia perfaz nove partes e a noite fica igual ao dia e o ano tem exatamente 364 dias. O período mais extenso do dia e da noite e o mais breve do dia e da noite, da órbita lunar é que provém essa diferença... Referente à pequena luz, chamada Lua, em cada mês nasce e desce de uma maneira diferente; seus dias são como os do Sol e quando a sua luz é uniforme, perfaz a sétima parte da luz solar e é assim que a Lua nasce... Uma de suas partes sobressai-se em 1/7 e todo o resto do seu disco está vazio e sem luz, excetuando-se aqueles 1/7 e 1/14 da metade de sua luz... Aquilo que está escrito no Livro de Enoque teve de ser descoberto por terrestres de espírito tão tremendamente esclarecido e avançados como — a nosso ver — o foram Nicolau Copérnico (1534), Galileu Galilei (1610) e Johannes Kepler (1609), sábios esses que fizeram as suas descobertas revolucionárias e importantíssimas contra os dogmas da Igreja, pelos quais eram estritamente proibidos de fazê-las!

Quando leio livros de história, sempre tenho a impressão de herói algum ter deixado este mundo sem proferir as suas "últimas palavras". Também Enoque observa esta linda regra. Antes de desaparecer no cosmo, em sua "carruagem de fogo", deixou as seguintes instruções com os que ficaram na Terra, segundo constam da versão eslava do Livro de Enoque;
E os livros que ele recebeu de Deus e vos entregou, não os escondais! Deles falai a todos que desejam ouvir-vos, para que conheçam as obras do Senhor!
Eu fiz a vontade do profeta.

ESDRAS E OS ESCRIBAS HÁBEIS

Sem dúvida, o meu empenho de comprovar que os "deuses", junto com seus "anjos", tiveram existência corpórea, suscitará muita objeção — contudo, não haverá objeção alguma quando eu disser que Deus é onisciente:
Deus respondeu-me e falou: "Os signos pelos quais tu perguntas, só os posso contar-te parcialmente. A respeito de tua vida, nada posso dizer, porque eu próprio não o sei. "
Esta resposta dada por Deus, simpática e honesta, foi transmitida por um profeta, Esdras (em hebraico, a ajuda), o sacerdote e escriba judeu que, em 458 a.C, voltou do cativeiro babilônico para Jerusalém, liderando os poucos sobreviventes do seu povo. O Velho Testamento cita dos textos de Esdras uns magros dez capítulos. Além desses livros reconhecidos de Esdras, existem ainda mais dois apócrifos, não reconhecidos pelos Padres da Igreja, e ainda o "Quarto Livro de Esdras", repleto de noções ocultas.
Também este apócrifo, datado do primeiro século da Era Cristã, foi censurado pelos redatores da Bíblia.
Como tudo o que Esdras tinha a contar aparentava aspectos demasiadamente fantásticos, também ele queria dar a entender que os seus mandantes lhe houvessem aparecido em visões e feito compartilhar, bem como transmitir o saber oculto. Quando então Deus onisciente responde uma simples pergunta a ele dirigida pelo profeta, dizendo que não sabe a resposta, nós, como palpiteiros, assistimos ao espetáculo do Grande Senhor, sem qualquer atitude de onisciência, desmentir essa qualidade a ele atribuída, pois o entrevistado, em absoluto, não se sente e tampouco age como um deus.
Aliás, quem deu as instruções a Esdras teve índole surpreendentemente pragmática, pois falou:
Manda o povo reunir-se e fala-lhe para não te procurar durante 40 dias. Prepara-te com muitas tábuas para escrever e leva contigo Saraja, Dabria, Selemias, Etã e Asiel, esses cinco homens, porque eles sabem escrever depressa; depois vem para cá.
No entanto, quando terminares, deveras publicar um; o outro entre-garás aos sábios, em segredo. Amanhã, por esta hora, começarás a escrever.
Destarte, dentro de 40 dias foram escritos 94 livros. Porém, completados os 40 dias, o Altíssimo me falou: "Os 24 livros que escreveste primeiro, deveras publicá-los para a leitura dos dignos e indignos. Os últimos 70 livros deveras reter e entregar somente aos sábios do teu povo. Ei-la, outra prova do interesse nítido e patente das existências extraterrestres em conservar para gerações pósteras documentos, registrando em notas e observações a sua presença e o saber por eles deixado na Terra. Evidentemente, o texto de Esdras foi redigido em uma situação de emergência; como havia extrema pressa, o Desconhecido exigiu a presença de cinco homens, "porque sabem escrever depressa". Hoje em dia, o serviço bem poderia ser feito por um estenógrafo, na ausência de uma fita magnética.
Em suas conversas com o Altíssimo (Senhor, Mandante, Soberano), Esdras escandalizou-se com as injustiças existentes neste nosso mundo. A exemplo do que rezam outras escrituras sagradas, também neste caso o grande Desconhecido promete voltar "do céu", para então levar consigo "os justos e sábios". Levá-los para onde? Para que planeta iria levá-los?
Neste diálogo, o mundo de onde proveio o parceiro extraterrestre devia ficar à distância de alguns anos-luz do nosso sistema solar, porque ele deu ao profeta alguns indícios a respeito da dilatação do tempo. Esdras ficou surpreso, como nem poderia deixar de ficar e, ingenuamente, perguntou, se "Ele" não poderia criar, a um só tempo, todas as gerações, as do passado, presente e futuro, para que, mais tarde, na hora do "retorno", todas elas pudessem retornar ao

mesmo tempo. Houve, então, o seguinte diálogo:
O Altíssimo: "Pergunta ao ventre materno e a ele fala: Se tiver dez filhos, por que cada um nasce a seu tempo? Pede-lhe gerar os dez filhos a um só tempo!" Esdras: "Impossível fazer isto: o ventre somente pode gerar um por vez e a seu tempo." O Altíssimo: "Destarte, fiz da Terra um ventre materno para aqueles que, a seu tempo, por ela são concebidos. Estabeleci uma determinada seqüência no mundo que criei". Esdras reflete sobre a seqüência cronológica. Ele quer saber quais serão os mais felizes na hora em que o Altíssimo retornar do céu, os mortos ou os sobreviventes? O Altíssimo assevera: Os sobreviventes serão infinitamente mais felizes.
Esta resposta lapidar é compreensível. Já na "segunda visão", o Altíssimo falou ao profeta que a Terra é velha e perdeu a força de sua juventude. Suposto que se admitem as leis da dilatação do tempo, válidas em todas as épocas, bem poderia ser que, na hora do grande "retorno", desde há muito o nosso planeta se teria tornado inabitável, graças à poluição ambiental e ao superpovoamento, provocados pelo progresso industrial. Agonizantes, alguns poucos sobreviventes inalariam os últimos vestígios do oxigênio que restou. Quando, então, o Altíssimo deportar esses sobreviventes para um outro planeta, eles logicamente serão os mais "bem-aventurados".
O Altíssimo confirmou para Esdras que era ele quem falou com Moisés, ao qual deu suas instruções:
Naquele tempo, enviei Moisés como meu emissário para retirar o povo do Egito e levá-lo para o Monte Sinai. Então, mantive Moisés durante alguns dias a meu lado. A ele comuniquei muitas coisas maravilhosas e mostrei os mistérios dos tempos.
Da seguinte maneira termina o Quarto Livro de Enoque, censurado e subtraído do conhecimento público:
Foi assim que fiz no sétimo ano da sexta semana, cinco mil anos, três meses e doze dias após a criação do mundo... Naquela época, Esdras foi levado e aceito no local dos seus semelhantes. Seu nome é o escriba da ciência do Altíssimo.
Por força da censura praticada pelos Padres da Igreja surgiram muitos claros nas páginas da Bíblia. Tampouco o apocalipse de Abraão, datado do segundo século da Era Cristã, foi considerado digno de constar no Antigo Testamento. Destarte, os Livros de Moisés informam algo a respeito de Abraão, porém deixam de mencionar a sua origem, sua procedência e — a exemplo do que aconteceu com Enoque, Ezequiel, Elias e outros — a contingência de ter sido levado para uma visita "no céu". Pelo apocalipse chegamos a saber que Teraque, fabricante de ídolos, era o pai legítimo de Abraão. O jovem Abraão, rebelde, não aprovava as atividades do pai e procurou pelo Deus verdadeiro, que não permitisse a confecção de sua imagem em madeira ou pedra. Certo dia, o adolescente encontrou-se com esse deus, que lhe sugeriu abandonar o lar paterno: Eu saí de lá. Ainda nem havia alcançado o portão do quintal quando se fez ouvir o estrondo de um forte trovão, com fogo caindo do céu, que incendiou a casa (do seu pai) e queimou tudo, até o solo, em uns 40 côvados.
Nas palavras de Moisés, o Antigo Testamento só fala em Abraão na terceira pessoa, conquanto no apocalipse ele fale na primeira. Conforme aconteceu com Enoque, Esdras ou Ezequiel, quem fala é uma testemunha ocular, chocada com o repentino aparecimento do forasteiro. Ainda mais, ele tanto se amedontrou com a primeira aparição dos "anjos", que desmaiou.
Quando ouvi a voz que me falou tais palavras, olhei para cá e para lá. Não havia sequer o hálito de um ser humano e meu espírito ficou tão aterrorizado que minha alma (= consciência) desvaneceu. Fiquei duro como uma pedra e cai no chão, pois faltaram-me forças para ficar de pé. E enquanto fiquei de rosto no chão, ouvi falar a santa voz: "Vai, Javel, levanta esse homem para mim. Faze com que se recupere do seu tremor". Aí, o anjo aproximou-se de mim... ele era parecido com um humano, pegou na minha mão direita e colocou-me em pé... E novamente, peritos no Antigo Testamento afirmam que esses trechos se referem a uma visão de Abraão; provavelmente — assim dizem — o texto não era de sua autoria (como se fossem garantidos os direitos autorais dos demais autores bíblicos!) e, por conseguinte, não foi incluído no Velho Testamento. O apocalipse de Abraão fala bem claro e na primeira pessoa do singular. Qual o judeu pio, crente, que teria tido a coragem de auto-promover-se a Abraão e, ainda mais, atribuir ao ancestral das gerações humanas o pronunciamento de palavras que não fossem as do próprio

Abraão? Como pôde a descrição do encontro, não assistido por testemunha alguma, adquirir tons de tamanha dramaticidade, se não tivesse sido feita pela própria pessoa que o viveu? Por que razão um falsificador de textos faria Abraão mencionar o detalhe desagradável do seu desmaio? Bem posso imaginar a razão pela qual os Padres da Igreja não queriam que o apocalipse de Abraão fosse incluído na Bíblia, pois por mais de uma vez nele se fala que o Senhor "chegou a gostar de Abraão, aludindo-se assim a um sentimento que deve ser alheio a um ser divino, universal. Outrossim, quanto ao vigor físico com que o anjo colocou Abraão em pé, dificilmente pode haver discussão.
Aliás, o relato no apocalipse revela claramente que não se tratava de um ser espiritual. Após voltar a si, recuperando-se do desmaio, Abraão olhou bem o forasteiro, com cujo aparecimento repentino ficou tão horrorizado, e: Vi então aquele que pegou na minha mão direita e me colocou sobre os meus pés. Seu corpo era parecido com uma safira, seu rosto com um crisólito, o cabelo de sua cabeça com a neve e o diadema em sua testa com o arco-íris.
O forasteiro, de aparência tão imponente, apresentou-se como "servo do Senhor", encarregado de acompanhar Abraão. A ascensão ao céu é descrita na primeira pessoa do singular e diz:
Aconteceu ao pôr do Sol. Havia fumaça, como a fumaça que sai de um fogão... Assim ele me levou até os limites das chamas de fogo. Depois, como levados por muitos ventos, subimos para o céu, suspenso lá em cima, no firmamento. Nas altitudes que alcançamos, vejo no ar uma luz resplandescente, indescritível, dentro da luz um fogo forte e no meio do fogo, um grupo... de figuras imponentes... gritando palavras para mim desconhecidas. Como se parecem as imagens!
Também Abraão é levado por um módulo para a espaçonave em órbita terrestre. Diante da iuz "resplandescente", Abraão perde a fala, não consegue descrevê-la. Aí nós, filhos esclarecidos do século XX, somos bem mais hábeis. Com a ajuda de um bom binóculo ou um pequeno telescópio, já podemos observar alguns satélites; à luz do sol, brilham como pequenos planetas cintilantes. Imaginem então, a intensidade do reflexo da luz (do Sol) na parte externa de uma gigantesca nave espacial interestelar! Como deve ser forte o fogo, vez por outra, aceso por força do jato de comando!
Abraão não fica muito à vontade durante o vôo em órbita, pois:
Eu desejaria cair por terra; nas alturas que ganhamos, ora, tudo estava de cabeça para cima, ora, a seguir ficava virado para baixo... A exemplo do que está sendo planejado para as nossas futuras astro-naves, também naquela época, uma técnica avançada já devia ter produzido uma gravidade artificial para os tripulantes a bordo. Isto se consegue, de maneira mais fácil, mediante a constante rotação do objeto voador em torno do seu eixo. Quando um passageiro olha pela clarabóia de uma espaçonave em rotação, recebe as mesmas impressões que foram descritas por Abraão; "ora, tudo está de cabeça para cima, ora, a seguir, fica virado para baixo".
Os milhões de espectadores do filme "2001 — Odisséia no Espaço" jamais se esquecerão da estação espacial em constante rotação — por vezes a Terra está à vista, outras vezes, as estrelas lá estão; as coisas se passam como no interior de um elevador sem fundo, nem teto, de maneira que o "Eterno, o Forte", manda que se observe: Olha, pois, de cima, as estrelas que se encontram debaixo de ti...

ABIMELEQUE, OS FIGOS E A DILATAÇÃO DO TEMPO

De início, senti pura e simples curiosidade de saber o que, afinal, foi subtraído do conhecimento de nós, leitores da Bíblia; somente mais tarde essa curiosidade se constituiu nos primeiros passos para profundos estudos dos textos censurados. Positivou-se que, justamente os textos subtraídos encerram muitos indícios do vôo espacial, em tempos remotos, bem como indicações a respeito da dilatação do tempo, cujos efeitos nós, pobres mortais, nunca chegaríamos a conhecer, pois aí então a lenda da imortalidade dos deuses ficaria desfeita, igual a uma bolha de sabão que espouca no ar.
Na antiga literatura hebraica há o "Resto das Palavras de Baruque", ou, conforme se chama também essa tradição, "O Adendo ao Profeta Jeremias".
Baruque era amigo do profeta Jeremias que, em 604 a.C, a ele ditou os seus versículos, incluídos na Bíblia. Ao que parece, Baruque registrou também coisas inconvenientes, pois o "Resto" não

consta da Bíblia. Os capítulos 3 a 5 contam a seguinte história:
Jeremias, conhecido como um dos grandes profetas, na realidade era também (a exemplo de vários dos seus colegas) um agitador político nato. Por anos a fio não se cansou em anunciar a decadência da Judéia, caso não se fizesse um esforço extraordinário para dominar a Babilônia. Suas palavras não foram ouvidas. Então, o "Senhor" informou-o a respeito da futura destruição de Jerusalém e deportação do povo judeu para o cativeiro babilônico. Em 586 a.C. isso aconteceu.
Jeremias e Baruque andam, às escondidas, pela cidade de Jerusalém, para enterrar "tesouros do templo, por ordem do Altíssimo", salvaguardando-os assim da aniquilação. Naquele instante exato, ressoa das nuvens o som de trombetas e do "céu descem anjos", segurando tochas nas mãos.
Jeremias roga a um dos anjos propiciar-lhe ocasião para conversar com o Altíssimo. A conversa realiza-se. Jeremias pede que Deus poupe o seu jovem amigo etíope, Abimeleque, pois certa vez ele retirou Jeremias do fundo de um "poço de lama". O Senhor mostra-se compreensivo com tal gesto de gratidão e instrui Jeremias para que mande o amigo "pela vereda da montanha" para a vinda de Agripa, pois lá então, ele próprio se encarregaria do moço e o esconderia em lugar seguro, até que tudo se tivesse passado.
Na manhã seguinte, Jeremias mandou Abimeleque embora e falou:
"Pegue uma cesta e vá para o sítio de Agripa, pela vereda da montanha.
Vá apanhar figos frescos! Dê-os aos doentes e ao povo.”
No dia seguinte, Jerusalém é tomada pelo inimigo. Os sobreviventes, entre eles Jeremias e Ezequiel, são levados para a Babilônia, para o cativeiro.
Todos aqueles acontecimentos horríveis ocorreram sem que Abimeleque tivesse chegado a percebê-los; ele nada sabe a respeito. E, assim sendo, anda de espírito alegre, despreocupado, pela vereda da montanha "para apanhar figos frescos". De repente, tem uma sensação de tontura. Ele senta no chão, a cesta com os figos frescos entre os joelhos, e adormece.
Quando, tempo depois, acorda, receia ser censurado por Jeremias, por ter vagueado no caminho. Depressa, pega na cesta com os figos e se põe em marcha, para Jerusalém. Aí então acontece o incrível:
Destarte, ele chega em Jerusalém. No entanto, ele não conhece esta cidade, nem as suas casas, tampouco a sua própria família... Esta não é a cidade certa. Estou confundido... Ainda sinto a cabeça pesada... que estranho! Como posso falar a Jeremias que me sinto confuso? Com esses pensamentos sai da cidade e, depois, vira-se para olhar, em busca dos seus marcos de referência e fala: "É a cidade, apenas perdi o caminho." — E de novo retorna para a cidade e continua procurando. Como não encontra nenhum membro da sua família, torna a sair da cidade; fora dela fica parado, todo triste, pois não sabe para onde ir. Abimeleque está consternado, completamente desorientado. Ele só foi embora para apanhar figos frescos! Nada mais entende deste mundo.
Lá, fora da cidade, fica então de cócoras. Um homem velho passa por ele e Abimeleque pergunta: "Que cidade é esta?" — "Jerusalém", responde o velho. Abimeleque indaga pelo sacerdote Jeremias, seu leitor Baruque e por toda uma série de outras pessoas, conhecidas dele, e acrescenta que não há mais ninguém na cidade que fosse conhecido dele, Abimeleque. Em tom ponderado, o velho responde:
Tu chamas por Jeremias e por ele perguntas, depois de tanto tempo? Desde há muito, Jeremias, com todo o povo, foi levado para a Babilônia.
Abimeleque acha que o velho está doido e lamenta que não se possa ofender um ancião com palavras pesadas e gargalhadas, o que bem gostaria de fazer, pois considera absurdo o que falou. Ele ainda pergunta pela hora do dia e calcula que, desde a sua partida, se passaram umas poucas horas apenas:
Olha aqui, vê com teus próprios olhos! Pega com as tuas mãos! Vê os figos! E com essas palavras, Abimeleque retirou a tampa da cesta dos figos e o velho viu como ainda estavam frescos. Em seguida, o ancião, depois de ter visto os figos, disse: "Meu filho, tu és um homem pio (= protegido de Deus)... Vê, hoje faz 66 anos que o povo foi levado para a Babilônia. E para que vejas que isto é verdade, olha o campo. Lá as sementes estão apenas germinando, ainda

não estamos na época dos figos maduros!”
No desenrolar da história, "m "anjo do Senhor" despacha uma águia e essa ave soberba leva uma mensagem de Baruque, de Jerusalém, para Babilônia; a mensagem traz para Jeremias, o cativo, a notícia de que seu amigo Abimeleque está passando bem e em nada envelheceu.
Tão certo como o amém no fim da oração é o prosseguimento da briga pelo autor do relato, pela data de sua origem, por seus co-autores e redatores e para saber qual seria a versão, garantidamente, mais antiga dessa história incrível. A mim pouco importa a decisão final a que se chegar nessas disputas científicas, pois interessam-me única e exclusivamente os fatos nus e crus, a saber: um ser humano é escondido pelo Altíssimo, ou um dos seus anjos; esse homem adormece, acorda e pensa ter feito tão-somente uma breve cochilada, pois "os figos ainda estão frescos, acabam de ser apanhados!" Este homem verifica se ainda está bem certo na cabeça; por várias vezes entra na cidade e volta para a vereda da montanha; quer descobrir o que de estranho aconteceu com ele próprio e a cidade "que acabou de abandonar". E por fim, chega a saber — coisa incrível — que se passaram 66 anos desde que saiu de Jerusalém e adormeceu. Sessenta e seis anos! Por isso, a cidade e seu povo estavam tão mudados.
Esse fenômeno da dilatação do tempo é demonstrado, visualmente, com os figos frescos; Abimeleque acorda num tempo em que as figueiras ainda não frutificam, ainda não há frutos maduros. O autor original, fosse quem fosse, achou importante demonstrar de maneira convincente, a fim de conservá-lo para as gerações futuras, o fenômeno da dilatação do tempo, vivido na própria carne e visto com seus próprios olhos. Ele queria que, para todo o futuro, o povo pudesse fazer idéia do inacreditável.
Bombas-relógios dessa natureza foram colocadas nos textos de livros antigos de maneira intencional e bem pensada; os extraterrestres não tinham outra opção para deixar vestígios de sua presença e atividade na Terra, além de depositá-los nos cultos religiosos. Somente ali puderam ser conservados, para, num dia longínquo, serem descobertos e... compreendidos.
Com base em indícios, chego à convicção subjetiva (e é perfeitamente lícito e legítimo defender uma posição subjetiva num processo de opiniões, levado ao foro) de que, após o cumprimento de determinadas missões e antes do regresso para seu planeta natal, os extraterrestres depositaram uma espécie de cápsula de tempo em qualquer parte no âmbito do nosso sistema solar, em cujo interior deixaram dados sobre sua passagem na Terra, para o conhecimento de um futuro remoto.
Uma cápsula do tempo no nosso sistema solar?
Duncan Lunan, astrônomo escocês e presidente da Scottish Association for Technology and Research — Associação Escocesa para a Tecnologia e Pesquisa — desconfia de que tal sonda extraterrestre se encontre no âmbito do nosso sistema solar[16]. Com base em radioecos, repetidos em estranha seqüência, os quais, depois de decifrados, dão imagens da constelação do Boieiro, Lunan acha que a sonda se encontraria nessa constelação, 103 anos-luz distante da Terra. O Prof. R.N. Bracewell, do Instituto de Radioastronomia da Universidade de Stanford, EUA, reputa a descoberta de Lunan como "uma opção para tomar contato com uma inteligência alienígena". Por força de suas observações, Lunan concluiu que, desde há 12.600 anos, uma sonda artificial está orbitando em nosso sistema solar e leva armazenado, em seu interior, um completo programa informativo para a humanidade. Repetidos radiossinais, emitidos da Terra, foram devolvidos, em intervalos inteligentes, na freqüência de ondas de sua emissão.
A minha interpretação é a seguinte: O objeto artificial, emitindo sinais de rádio, foi colocado por ALGUÉM no nosso sistema solar e esse ALGUÉM esteve aqui, na Terra, 12.600 anos atrás. A meu ver, este ou um outro eventual depósito deixado pelos extraterrestres, somente pode encerrar dados a respeito de expedições no Planeta Azul; pode indicar o nome do astro de origem dos membros daquelas expedições e as velocidades atingidas pela sua espaçonave; pode ainda conter um diário de bordo, registrando atividades terrestres. Isto e mais outras coisas podem estar contidas no programa informativo, suspeitado por Duncan Lunan. Pode ser.
Vestígios que querem ser descobertos Ainda continua em aberto a pergunta que sempre está sendo levantada, e com boas razões, depois de uma conferência minha, e que é a seguinte: Baseados em que os extraterrestres poderiam ter admitido a eventualidade de, um belo dia, nós, habitantes subdesenvolvidos da Terra, termos a idéia de ir em busca de uma tal cápsula no

âmbito do nosso sistema solar?
Com a respectiva resposta, fecha-se um elo na cadeia de minhas provas de indícios.
É lógico que somente se pode ir em busca de alguma coisa de cuja existência se faça idéia. Peias leis dos cálculos de probabilidade, hoje em dia, bem como no futuro, constituiria uma aventura absolutamente temerária, destituída de todo sentido, ir em busca de uma cápsula de tempo, depositada EM UM LUGAR QUALQUER. Pela história geológica do seu planeta de procedência, os extraterrestres sabiam muito bem que seria totalmente inútil depositar os seus documentos em uma estátua, ou debaixo de um monólito; no decorrer dos milênios, o vento, as chuvas, tempestades e marés destruiriam tudo; tremores de terra e catástrofes de enchentes erradicariam todo e qualquer rastro e aquilo que eventualmente sobrevivesse aos fenômenos da Natureza, seria aniquilado pelas guerras.
Portanto, onde deixar os documentos com mensagens do passado, destinadas para o futuro? Onde havia e ainda há segurança bastante para um depósito, a perdurar pelos tempos afora?
Única e exclusivamente em um ponto X, no nosso sistema solar! Um ponto a ser calculado por especulações de ordem lógica e matemática, porventura no campo de gravidade de um triângulo formado por planetas, talvez no âmbito de uma órbita bem ampla, ao redor da Terra, da Lua, de Marte ou Vênus, quiçá enterrado para sobreviver aos tempos, no ponto de gravitação dos continentes, no pólo norte ou no pólo sul magnéticos. No entanto, esses são apenas alguns dos pontos viáveis, indicados pela lógica e matemática.
Outrossim, com isto nada seria feito no sentido de se iniciarem as buscas daquele ponto.
As indicações a respeito de onde iniciar as buscas estão contidas em mitologias, livros sagrados e religiões; disto estou certo, por força dos indícios que encontrei nos mitos. Porque os "deuses" criaram o homem segundo a sua imagem, tiveram condições de pressentir e prognosticar a maneira de pensar e agir dos seus produtos. Eles sabiam muito bem que a curiosidade era uma das mais virulentas características do ser humano; outra era o afã de ampliar seus conhecimentos. Familiarizados com os labirintos cerebrais de suas criaturas, os extraterrestres sabiam que as descobertas e a evolução eram programadas pelo progresso da tecnologia. Sempre o homem iria em busca de um novo problema, tão logo tivesse achado a solução do anterior, e assim continuaria o movimento perpétuo da acrobacia mental especulativa. Mais cedo ou mais tarde, surgiria a ambição da conquista do universo e o vôo espacial tornar-se-ia a meta visada.
Somente àquela altura — e disto os extraterrestres não tiveram dúvida — os seres humanos, criados segundo a sua imagem, chegariam a compreender e detectar os vestígios enterrados nas tradições. Com as recém-adquiridas noções técnicas de vôo espacial, os produtos de sua criação verificariam os mitos, as lendas e os cultos sob novos (seus!) aspectos; tratariam de interpretá-los de maneira mais atualizada e, forçosamente, quando para tanto tivesse chegado a hora, levantariam a pergunta: Onde encontraremos a prova de que os nossos antepassados receberam visitas do cosmo? Onde podemos obter indicações diretas ou indiretas para tanto?
Chegou o tempo para a descoberta do nosso passado mais remoto. Não vamos perder esta chance de, por nossa parte, participarmos da herança do cosmo.

EU GOSTO DOS DEUSES COM PEQUENOS DEFEITOS

Outro dia, nas ruas de Zurique, uma equipe de pesquisadores de opinião publica dirigiu-se aos transeuntes para perguntar-lhes a respeito da idéia que fazem do "bom Deus". As respostas obtidas eram variadíssimas e revelaram conceitos que iam do "um espírito" a "um senhor idoso, de barbas brancas, sentado bem em cima das nuvens".
Quanto ridícula que possa parecer à primeira vista, tanto mais lógica se revela aquela confusão, diante da pergunta complexa.
Tal confusão resulta, como conseqüência inevitável, dos ensinamentos doutrinários divulgados por todas as religiões, no desenrolar dos séculos. A toda criatura da Terra, até à mais humilde e modesta, foi sugerido que, em qualquer lugar, se deva sentir perto de Deus e, nem no local mais oculto, deixaria de ser observada por Deus. Esta bilocação, por bilhões de vezes, exige um Deus-Espírito, onipresente e onisciente, pois somente assim Deus poderia estar informado a respeito

de tudo quanto anda e voa por aí, somente assim foi possível estabelecer padrões uniformes para a avaliação dos justos e dos injustos, bem como estipular dogmas. Somente um Deus-Espírito pode penetrar por tudo e em tudo; o cosmo é Deus. O panteísmo, a doutrina do Deus Universal, predomina em todas as teses religioso-filosóficas, ensinando que Deus é idêntico com o mundo. No sentido desses ensinamentos, Deus deve ser impessoal. Esta é uma conceituação, apostrofada como "ateísmo" pelo grande filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860). Mesmo na própria cristandade, em cujo âmbito Deus-Pai e Deus-Filho agem como seres vivos, há uma boa porção de panteísmo, pois do contrário tampouco o Deus dos cristãos não poderia ser onipresente. Deus deve ser espírito. Onipresente, onipotente, onisciente, Ele possui o dom todo-poderoso de saber, de antemão, o que está por acontecer. Logo, em sua posição tão enaltecida e sublime, desconhece as preocupações, os erros e enganos do ser humano. Todavia, em sua qualidade de Deus-Espírito, não precisaria de um veículo visível para locomover-se de um lugar para outro, pois somente o espírito pode estar em todo lugar.
É esta uma definição que eu poderia aceitar na íntegra, se nas antigas tradições, como por exemplo na Bíblia, não houvesse contradições insolüveis, pelas quais essa definição de praxe é desmentida em sua totalidade.

Um Deus bíblico, de sentimentos humanos

Olhando bem, o Deus bíblico não é onisciente. O profeta Esdras bem o sabe, pois Deus confessa ao ser humano:
Os signos pelos quais tu perguntas, só os posso contar-te parcialmente. A respeito de tua vida nada posso dizer, porque eu próprio não o sei. O Deus bíblico tampouco é isento de enganos!
Nos Livros de Moisés Deus verificou, preliminarmente, que a sua obra era boa, isto é, a sua criação do homem:
E Deus viu todas as coisas que tinha feito e eram muito boas.
Gên.: 1,31
Contudo, em breve, arrependeu-se de ter criado o homem: ... arrependeu-se (o Senhor) de ter feito o homem sobre a terra. E, tocado de íntima dor...
Gên.: 6, 6
Assim sendo, Deus não está seguro de sua obra. Enfim, pareceu-lhe malfeita, a ponto de um tremendo dilúvio varrer da face da Terra os produtos de sua própria criação.
De forma análoga, há certos senãos com a onisciência, condicionada pela onipresença. Depois de Adão ter comido a maçã, a ele oferecida por Eva, sentiu "vergonha" e escondeu-se nos arbustos. Deus, no entanto, não sabe onde está Adão:
E o Senhor Deus chamou por Adão e disse-lhe: Onde estás?
Gên.: 3, 9
Adão garantiu ao Senhor que embora tivesse ouvido seus passos, dirigindo-se ao seu encontro, escondeu-se, por vergonha:
Disse-lhe Deus: Mas, quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses? Adão disse: A mulher que me deste por companheira, deu-me (do fruto) da árvore e comi.
Gên.: 3, 11-12
Ao que tudo indica, Deus não estava informado; não sabia onde estava Adão e não fazia idéia de que Eva o tivesse seduzido com a maçã.
Aliás, não são apenas essas provas de falta de informação que se constituem em fato notável. Tampouco se coaduna com a imagem de um deus eterno, a de um deus que não tivesse sabido, de antemão, o que estava por acontecer. O mundo do paraíso ainda era facilmente controlável. Segundo as Escrituras, Deus criou Adão e Eva; portanto, Ele deveria ter previsto os seus atos. Esta rima não trova.
Depois que Adão aprendeu como isso se fazia, Eva deu à luz Caim e Abel. Abel tornou-se pastor, e Caim, agricultor; duas profissões sólidas, à prova de toda crise, e mesmo subvencionáveis; enfim, fizeram boa escolha. E o que pensa Deus, isento de engano, a respeito deles?
O Senhor olhou para Abel e para os seus dons; não olhou porém para Caim, nem para os seus

dons.
Gên. 1,4,4
Até aquele instante, nem Caim nem Abel deram motivo para merecerem ser julgados com dois pesos e duas medidas. Destarte, era natural que Caim reagisse, irritado, ao Deus que tomou o partido do seu irmão: E o Senhor disse-lhe: Por que estás irado? Por que está abatido o teu semblante?
Gên. 1,4,6
Um deus onisciente deveria sabê-lo. No entanto, nem impede a Caim assassinar o seu irmão inocente, Abel. Ainda acha por bem informar-se: Onde está teu irmão Abel?
Gên.: 1,4,9
O Senhor não tem condições para impedir um homicídio abominável! Por fim, Deus fica tão desgostoso com toda essa sua criação dos seres humanos que resolve acabar com tudo:
...arrependeu-se de ter feito o homem sobre a Terra. E, tocado de íntima dor de coração, disse: Exterminarei da face da Terra o homem que criei, desde o homem até os animais, desde os répteis até as aves do céu; porque me pesa de os ter feito.
Gên.: 1,6,6-7
Por outra, é perfeitamente compreensível o arrependimento de Deus diante das criaturas más. Todavia, o Onisciente não deveria ter sabido de antemão o que estava por vir? Outrossim, ainda não bastam este arrependimento e engano! Após o dilúvio, que provocou o aniquilamento total, de novo sente remorso por ter destruído a sua criação. Depois de Noé ter ancorado a sua arca no cume de uma montanha, ele acendeu um fogo de sacrifício, em ação de graças:
E (com isto) recebeu o Senhor um suave odor e disse: Não amaldiçoarei mais a Terra por causa dos homens, porque os sentidos e os pen- samentos do coração do homem são inclinados para o mal, desde a sua mocidade; não tornarei, pois, a ferir todos os seres vivos como fiz.
Gên.: 1,8,21
Reconhecimento tardio, o de ver que sua própria obra tinha falhas. O Onisciente, tão altivamente louvado, não teria sabido de antemão como a sua obra se sairia? Estranho.
Pelo Gênesis bíblico, todos os homens são descendentes de Noé, dos seus genros e das suas noras, que levou a bordo da arca. Trata-se de uma elite, considerada pelo Senhor digna de sobreviver. No entanto, ao contrário de suas juras anteriores, Deus tornou a sentir a necessidade de "feri-los" mortalmente com a destruição total de Sodoma e Gomorra.
Esta minha aula de Bíblia não pretende outra coisa além de fazer constar a seguinte observação: Descreve-se um deus que comete enganos, que erra e se arrepende e foi capaz de atos sangrentos. Essas observações antigas projetam a imagem de um deus capaz de sentimentos tão sumamente humanos como o são a ira, o amor partidário, a falta de sensibilidade. Para mim, esses atributos parecem ser nada divinos, ao menos não se coadunam com a idéia que se faz de um ser imaginário, acima de todas as coisas, onisciente, conforme nos vem sendo descrito. Nada pretendi além de deixar bem claro que o Deus primitivo do Antigo Testamento não era nem eterno, nem onisciente, nem abstrato. Apenas quero dar indicações a respeito de sua participação bem real nos acontecimentos contemporâneos e que, como figura muito parecida com um ser humano, até "passeava pelo paraíso, à hora da brisa, depois do meio-dia".
Gên.: 1,3,8
A minha escolha dentre as fontes de culto recaiu sobre a Bíblia pelo fato de ser acessível a todos e para todos conferirem minhas citações com o exemplar do Livro dos Livros que têm em sua própria casa.
Acontece, outrossim, que os deuses dos mitos procedem de forma análoga. Embora divindades gregas e romanas fossem caracterizadas como imortais, ao contrário do que faz a Bíblia, a elas não se atribui uma vida "eterna"; só que atingem uma idade muito mais avançada da que é alcançada pelos humanos, em cujo meio se demoram, vez por outra. Aliás, os mitos do mundo antigo descrevem as divindades como simpáticas figuras humanas, que se excedem, ficam iradas e então tomam decisões arbitrárias, a serem remendadas posteriormente; que costumam mudar de opinião com freqüência e não têm dúvida em proclamar publicamente seu remorso, quando não se saíram a contento em uma de suas empresas.
Algumas daquelas divindades até nascem na Terra, praticam o amor bis-sexual com moças e

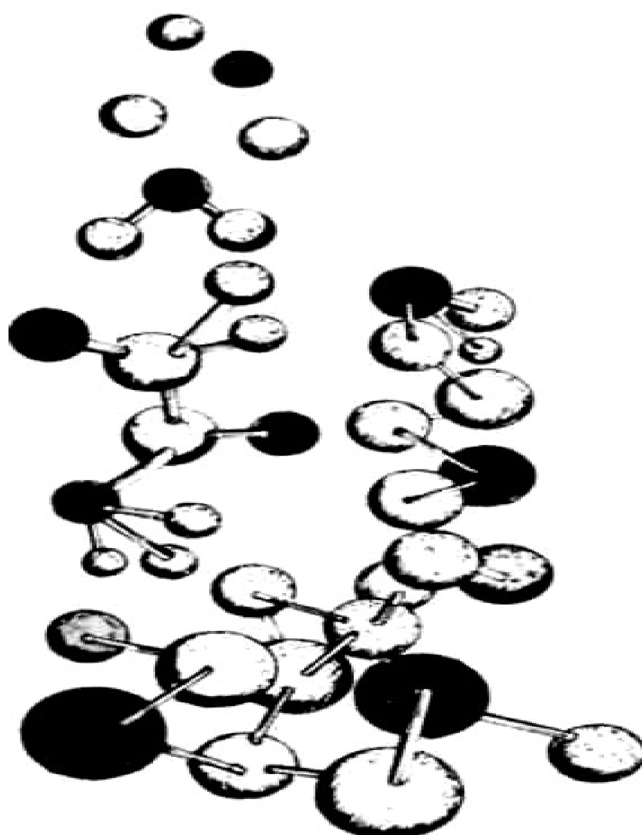
moços e, muitas vezes, são rebeldes com seus pais. Nas famílias dos divinos há os mesmos conflitos que ocorrem no seio das melhores famílias dos humanos. Deus-pai, Zeus, apaixonou-se perdida-mente por seu copeiro, Ganimedes, elevado ao Olimpo por causa de sua grande beleza; Zeus o teria levado para lá à força branda, de uma maneira nada divina. Aliás, naquela família divina acontecia muita coisa. Apoio, filho de Zeus, apaixonou-se por Jacinto, um formoso mancebo que, nas horas vagas, fez as vezes de um deus da fertilidade. Apoio acabou por matar este seu amante, de forma pouco condigna com o seu "status" divino: arremessou um disco, com o qual acertou em Jacinto; se foi com ou sem intenção, ninguém o sabe, mas, em todo caso, aquelas não eram maneiras dignas de um deus.
Marte, o superdeus romano, competente para as atividades bélicas, os campos e o crescimento, foi na onda que lhe havia sido preparada pela idosa divindade Anna Perenna. A fim de incluir neste rol excelso também um deus germânico, citemos Odin (Wotã), chamado 'pai de todos'. Este pai de todos os deuses e humanos tinha um prazer mórbido em metamorfoses; ora aparecia como serpente, ora como águia, ora se misturava entre o povo, transformado em corvo. Arremessava a lança, de um modo pouco divino, montava o cavalo octópode Sleipnir. Odin era um deus medroso. Ao retirar-se para o Walhala, levou consigo heróis do campo de batalha, para lhe servirem de guarda-costas. No entanto, não obstante todas as precauções, acabou por ser devorado pelo lobo Fenrir. Se Odin tivesse sido um espírito, Fenrir teria engolido ar ou outras sobras da materialização de um deus.
Nada tenho contra os deuses, pelo contrário, eu os "amo". Porém, amo-os com todos os seus defeitos e deficiências, com todas as suas fraquezas simpáticas e seus enganos amáveis. É isto o que os torna tão humanos, pois essa espécie de divindade é bem mais condizente conosco, pobres mortais! Não foi por nada que nos criaram, segundo a sua imagem. Mas, antes de mais nada, é assim que passam, como "fantasmas", pelos relatos míticos de todos os tempos.
Todos os textos atestam: os deuses eram corpóreos!
V Acontece uma criação "As leis da hereditariedade são bastante desconhecidas. Ninguém sabe por que uma vez sim, outra vez não, uma mesma característica é herdada por diversos indivíduos de determinada espécie e pessoas de uma mesma família e por que uma criança revela certos traços típicos, próprios do avô, da avó ou de parentes ainda mais afastados.”
Esta confissão franca foi prestada em 1859, por Charles Robert Darwin (1809-1882), em sua obra principal "A Evolução das Espécies pela Seleção Natural". Evidentemente, pois Darwin ainda não tinha à sua disposição as noções obtidas com o atual progresso da pesquisa biológica. A rigor, Darwin formulou a sua teoria de seleção com base em observações biológicas, feitas no decorrer de uma viagem ao redor do mundo que, ao longo de cinco anos, o levou através da América do Sul e às Ilhas Galá-pagos; e, desde então, essa teoria de seleção foi concretizada e solidificada a ponto de constituir-se no dogma de uma doutrina de hereditariedade.
O que tem a teoria de seleção a ver com a comprovação de minha teoria?
Sem recorrer aos expedientes de rede de segurança e fundo duplo, digo franca e simplesmente: TUDO. Postulo que seres desconhecidos criaram a inteligência humana, mediante uma mutação artificial, dirigida, e que extraterrestres aprimoraram os hominídeos "segundo a sua imagem".
Com isso não procuro evitar a obrigação de apresentar provas suficientes, para evidenciar e comprovar factualmente aquilo que a teoria de seleção encerra de errado, conquanto a minha teoria possa pretender o papel de primeiro violino no conjunto orquestral do concerto filarmônico das diversas teses. Para ficarmos com base em comparações musicais, até agora, a polifonia das teorias atualmente conhecidas deixou de produzir um acorde harmonioso; produziu isto, sim, dissonâncias que mais doem à mente do que aos ouvidos.
Portanto, comecemos a tecer a rede de aço das provas.
De início, algumas perguntas que, em última análise, chegam a des- pistar-se dos vestígios dos "criminosos". O que, aliás, é a "vida"? Originar-se-ia por acaso? Ou nasceria por si própria? E tal acaso, será que aconteceria em qualquer parte onde, para tanto, houvesse condições favoráveis? Ou, por outra, constituiria o acaso um processo único, singular, na formação da vida?
São essas umas poucas perguntas apenas, porém em numero suficiente para dividir o mundo científico em dois grupos, com um gozando do outro, plenamente cônscio do seu saber

privilegiado.
Por exemplo, há um grupo de biólogos moleculares, em torno do Prof. Manfred Eigen, Prêmio Nobel de Química em 1967, diretor do Departamento de Química Física do Instituto Max Planck, em Gõttingen, Alemanha Federal, e que tem certeza absoluta de conhecer os nexos essenciais da origem da vida. Do outro lado, há um grupo de químicos orgânicos agregado em torno do Prof. A. E. Wilder-Smith e de James F. Coppedge, diretor do Centro de Pesquisas Biológicas das Probabilidades, em North-bridge, na Califórnia, EUA, que defende ponto de vista diametralmente oposto.
A fim de elucidar a questão em debate e explicar o motivo pelo qual, por mais uma vez, os meus extraterrestres tornaram a mexer no assunto, cumpre tentar esboçar um quadro sinotico da origem da vida, resumindo algumas de suas etapas.

O GRANDE DRAMA DA CRIAÇÃO



No início da vida havia a Química Há bilhões de anos atrás, a atmosfera primitiva, da qual devem ter nascido as primeiras formas de vida, era composta, principalmente, de vapor de água, metano, amoníaco, dióxido de carbono e minerais de todas as espécies. Minerais eram lançados por vulcões do interior da Terra à atmosfera quente; lá eram levados por tufões para as camadas superiores, onde resfriaram, para tornar a descer no planeta, acompanhando a tremenda chuva primitiva. A chuva tempestuosa, primitiva, dissolveu substâncias inorgânicas, substâncias do reino inerte da Natureza, separando-as de crostas minerais incandescentes e levando-as para o oceano primitivo. Lá formou-se uma espécie de caldo de cultura, químico, dentro do qual, sob a pressão das forças primitivas, desenfreadas, moléculas simples* entraram em combinação com outras moléculas. Deu-se origem aos ami-noácidos (ácidos orgânicos), lipóides, bases nucléicas, sais minerais e fosfatos, as substâncias elementares, indispensáveis à vida vegetal. Contudo, todas essas substâncias têm o seu denominador comum, no que representam agentes químicos que não "vivem". Segundo as atuais teorias e ditames de ensino, o primeiro ato do grande drama decorreu da seguinte maneira:



Do átomo à macromolécula.

Sob o constante bombardeio físico, provocado pela descarga de tempestades primitivas, os aminoácidos juntaram-se em macromoléculas que, por sua vez, formaram extensas séries de proteínas. As proteínas, simples albuminas, são substâncias de elevada massa molecular, vitais aos organismos, conforme todo mundo sabe das tabelas de regimes dietéticos; contêm carbono, oxigênio e nitrogênio em relação bastante sólida.
Os acasalamentos químicos prosseguiram em ritmo intenso. Os fosfatos juntaram-se com o açúcar, para fosfatos sacáricos que, por sua vez, revelaram preferência para uma das quatro conhecidíssimas bases, a saber: adenina, guanina, citosina e timina. Combinaram com elas. Dali surgiram as bases nucléicas, supramencionadas, que se constituíram em extensas séries, formando os ácidos nucléicos. Eram então essas as vedetas do primeiro ato do drama da Criação.
Até o instante em que o caldo primitivo chegou a ser servido, alguns milagres já deveriam ter sido celebrados! Todavia, antes de tratar daqueles milagres, cumpre dar um breve resumo da evolução, culminando na origem da primeira célula.
Programas para todas as espécies É preciso ir de trás para a frente, pois somente assim o famoso X da história aparece em todo o seu alcance. Tomo a liberdade de lembrar que os ácidos nucléicos se constituem de cadeias de bases nucléicas, cuja unidade individual possui uma base de ácido fosfórico—açúcar, presa à adenina, guanina, citosina ou timina. É muito importante concentrar toda a atenção nessas quatro bases. Diz a literatura especializada que um ácido nucléico flutuando no oceano primitivo, sempre e em qualquer parte encontrou com outro ácido nucléico, ao qual prontamente se juntou para constituir uma cadeia. Como, porém, todo ácido nucléico contém as quatro grandes das bases nitrogenadas — adenina/guanina/citosina/timina/ — essas bases tiveram condições de se constituir em grandes cadeias de ácidos nucléicos, pois a adenina está louquinha para travar relações com a timina e a guanina oferece atração magnética à citosina.
Desta harmoniosa combinação em cadeia de ácidos nucléicos saíram filamentos duplos, uma espécie de espiral dupla — o tão famoso ADN (ácido desoxirribonucléico). Este ADN representa o último posto avançado que antecede a origem da própria vida e, ao mesmo tempo, a idéia mais

genial da natureza! Cada organismo possui o seu específico ADN e cada um encerra um código, registrando as características da respectiva espécie. Cada espécie está programada em sua singularidade individual. No entanto, o melhor de tudo é o fato de esse programa complexo estar armazenado no interior de cada célula. O homem, por exemplo, leva nos 50 trilhões de suas células, 50 trilhões de vezes o "seu" programa particular, individual. Um trilhão é igual a mil bilhões = IO^{12}.
Pois bem, o ADN é a chave da vida; mas, o que é a "vida"?
Dizem que sempre a vida estaria condicionada por um organismo, no caso mais simples o organismo da célula. O fato de um organismo estar vivo ou não estar vivo pode ser constatado por seu metabolismo, sua assimilação e desassimilação de energia. Outra prova para tanto é a sua evolução e capacidade de reprodução. As funções perfazem a vida.
Contudo, hoje em dia, esta definição já deixou de ser satisfatória. Um vírus, por exemplo, por si só não tem metabolismo; não assimila, nem desassimila energia; o vírus nada come e nada expele. Sua reprodução (multiplicação) se dá no interior de células hospedeiras, onde se aloja como parasito. Portanto, o vírus funciona mesmo sem metabolismo. Também já ouvi falar que seria vida tudo aquilo que se move sob o microscópio. É fácil provar que esta tese está errada, pois sob a mira de um potente microscópio eletrônico até substâncias químicas chegam a mover-se, considerando que, sob o ponto de vista físico, possuem carga negativa ou positiva e, assim sendo, são reciprocamente atraídas e/ou repelidas. Logo, é possível detectar movimentos, embora o substrato não "vivesse". Hoje em dia é quase impossível fazer distinção entre matéria viva e matéria não viva. O melhor seria compreender a vida orgânica como um fenômeno que assimila energia e se divide, isto é, se auto-reproduz.
Neste sentido, a célula representa a primeira forma de vida primitiva.
Como é que a célula se origina?

INFLAÇÃO DOS NÚMEROS ALTOS

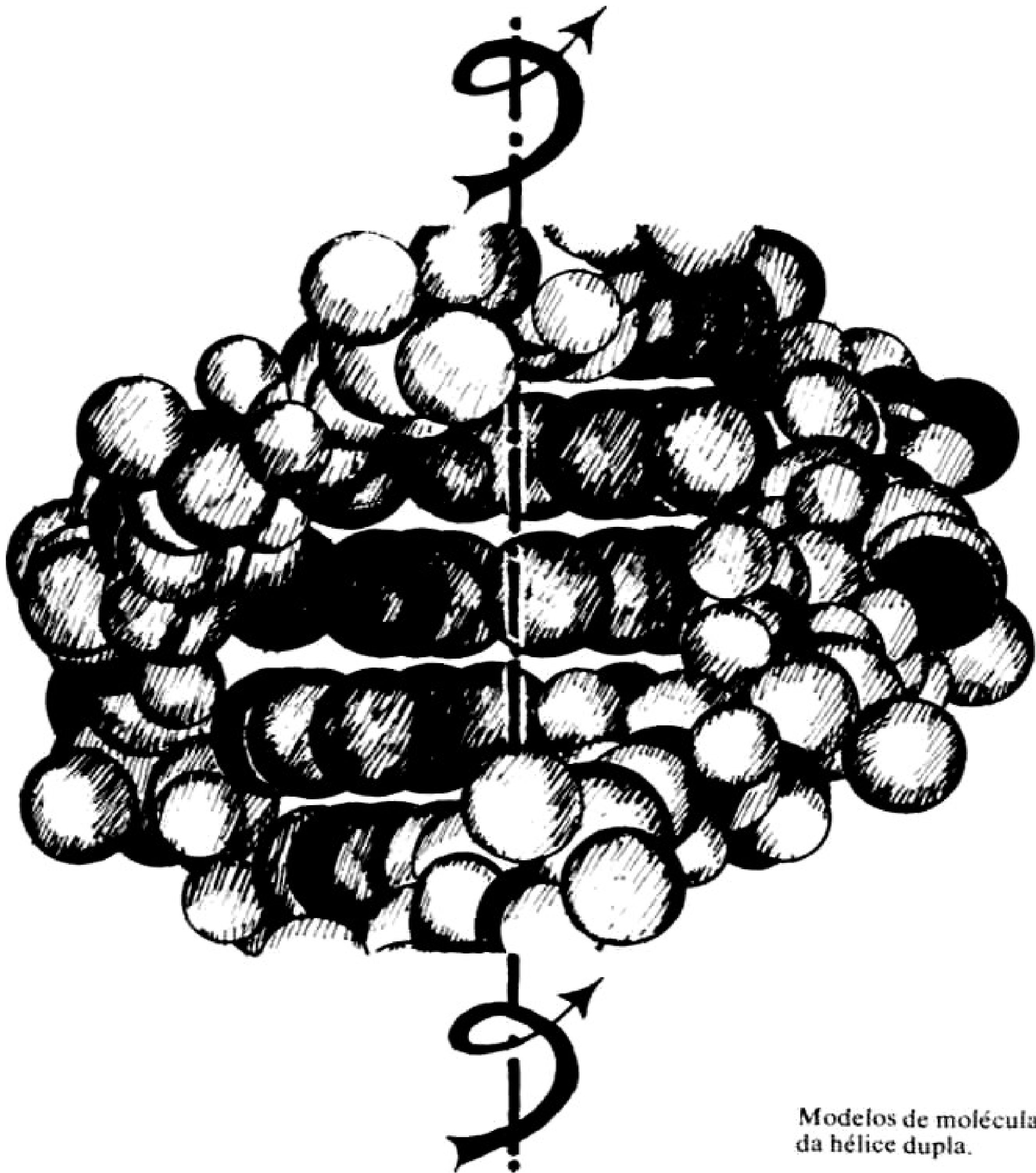
Para quem tiver o gosto da aventura dos números altos, acaba de chegar a sua hora.
"Helix", em latim, quer dizer "circunvolução" ou "sinuosidade". Quando, em 1962, os bioquímicos Watson, Crick e Wilkens receberam o Prêmio Nobel para o seu modelo das cadeias duplas de ácidos nucléicos, chamaram-no de hélice dupla.
Os filamentos dessa hélice dupla podem abrir os elos de sua cadeia e, junto com os nucleótidos os elementos principais dos ácidos nucléicos, ao seu redor, podem produzir reconstruções do seu modelo. Os filamentos do ADN separam-se. Nucleótido após nucleótido vai-se agarrando, por assim dizer, na sua respectiva base. (Entre parêntesis: Bases são combinações que, com ácidos, formam sais.) Pela lógica, as moléculas recém-formadas possuem um filamento da molécula-mãe, bem como o filamento recém-formado, por força da combinação com as bases químicas existentes. As moléculas novas são idênticas às "velhas", pois o que aconteceu não passou de uma duplicação. Destarte a primeira vida primitiva, a célula, ter-se-ia originado tão-somente de substâncias químicas "inertes"; e, segundo este esquema, a célula teria "nascido" por mero acaso.
Pois bem, meus amigos. Acontece, porém, que até o acaso tem as suas regras de jogo; para a primeira formação de célula teria sido indispensável a união de moléculas da espécie certa, em combinação correta.
Qual seria o grau de probabilidade para este acaso?
Temos diante de nós um dado, com os algarismos de um a seis. A fim de, com certa probabilidade, fazer surgir, consecutivamente, os números 1 + 2, deveriam ser feitas 216 jogadas. Segundo as regras do cálculo de probabilidade, é preciso multiplicar seis vezes seis por seis, pois, não há jogador no mundo que possa forçar o dado a dar 1 + 2 em menos jogadas.

A hélice dupla, a espiral dupla do ADN.



Aliás, mesmo as 216 jogadas podem produzir o 1 + 2 tão-somente com um certo grau de probabilidade e, em absoluto, não podem garantir a sua seqüência certa. É só observar a expressão do rosto dos jogadores, reunidos em volta de uma mesa de roleta, jogando "segundo determinado sistema", para avaliar o quanto incerta é a probabilidade de saírem, conforme calcularam, os números nos quais apostaram. Nos tempos da "Belle Époque", muitos daqueles 'jogadores de probabilidade' puseram fim à vida, dando um tiro na cabeça, em um canto discreto do parque ao redor do cassino. Hoje em dia eles simplesmente deixam o hotel sem pagar a conta e vão-se embora, para sumir do mapa. O seu convênio com a probabilidade continua carente do fator segurança.

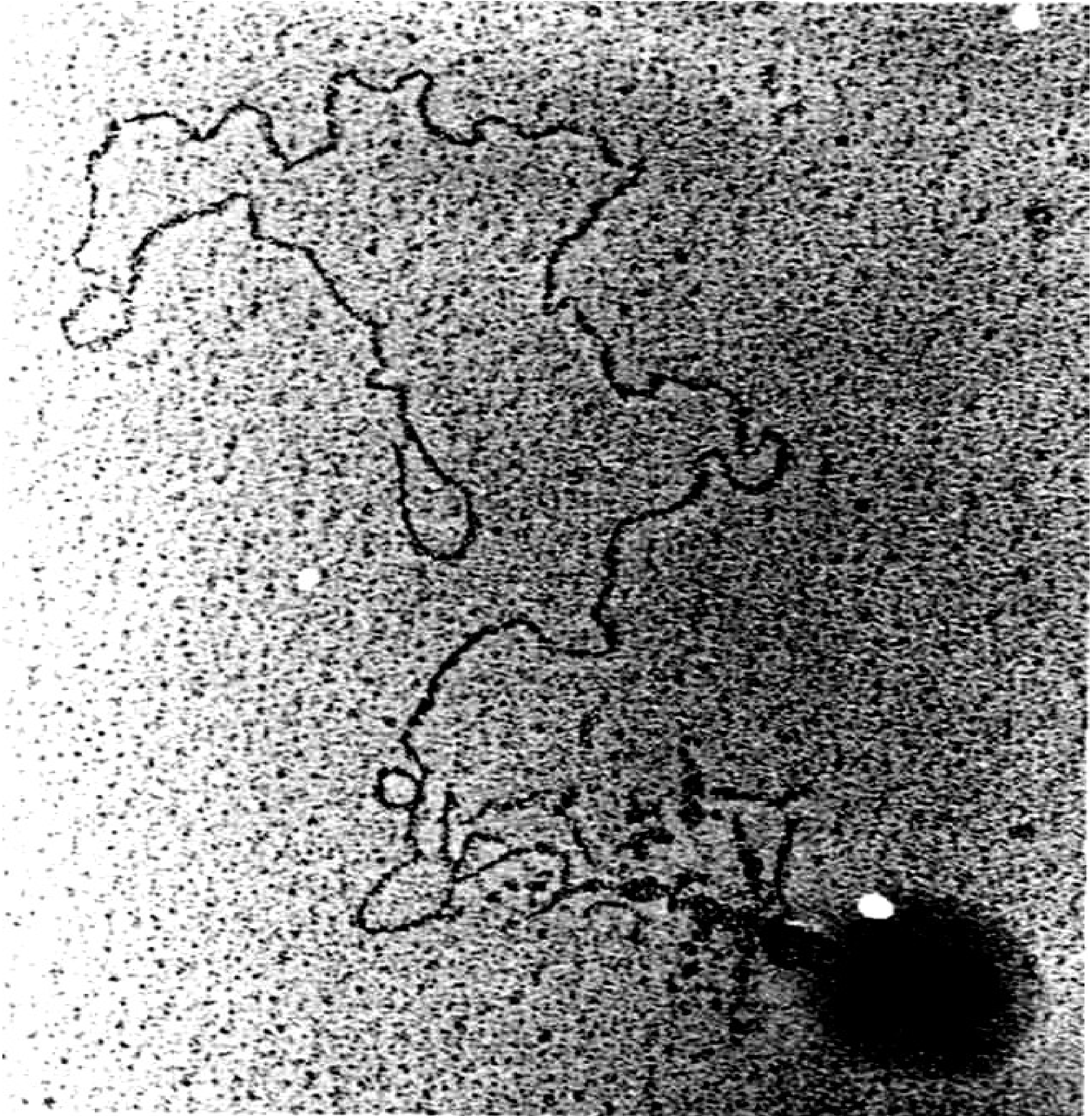
Para forçar a seqüência dos algarismos 1 +2 + 3 — sem garantia certa — seria preciso fazer nada menos de 1.296 jogadas!



Modelos de moléculas da hélice dupla.

O Dr. James F. Coppedge inventou um joguinho matemático interessante e divertido, a saber:
O nosso alfabeto tem 26 letras. Ao anotar essas 26 letras em pequenas fichas, que se colocam dentro de um chapéu, onde são bem misturadas, a chance de tirar a letra "A" estaria em 1:26.
A palavra EVOLUTION — evolução — tem nove letras, em determinada seqüência. A probabilidade de tirar essas nove letras na seqüência certa seria de 1:542.950.367.897,6.
Este algarismo absurdo é obtido porque o número das letras, 26, deve ser multiplicado nove vezes em seguida com o respectivo resultado de cada uma das operações.
Se alguém, de cinco em cinco segundos, de dia e de noite, ininterruptamente, retirasse uma letra de dentro do chapéu — talvez pudesse — no decorrer de 800.000 anos, por acaso, formar a palavra EVOLUTION.
O nosso matemático levou o seu joguinho até as últimas conseqüências e, para tanto, acho que deva ser um cientista de espécie rara, pois é dotado de humor! A sua tese a EVOLUÇÃO É

IMPOSSÍVEL logo lhe serviu de problema aritmético.
Em inglês, esta frase — EVOLUTION IS IMPOSSIBLE — tem 21 letras e dois espaços em branco entre as palavras. Para tanto, é preciso colocar no chapéu mais duas fichas, cada uma marcada com zero[0].
Qual a probabilidade de tirar, na seqüência certa das letras, a frase provocante EVOLUTION IS IMPOSSIBLE? É da ordem de 1: 834.390.000.000.000.000.000.000.000.000. 0!
Para fazer uma idéia aproximada desse algarismo monstruoso, Coppedge sugere a construção de uma máquina, que trabalha com a velocidade da luz e, por segundo, retira de dentro do chapéu nada menos de um trilhão (= 1.000 bilhões) de letras, para, em seguida, classificá-las e devolvê-las, se a seqüência não der certo. A fim de compor a frase lapidar EVOLUTION IS IMPOSSIBLE, na seqüência certa, tal máquina utópica deveria trabalhar, ininterruptamente, durante 260.000.000.000.000.000.00 anos. No entanto, apesar de tudo, o fator acaso ainda continuaria a existir.
Aliás, no caso da afirmação da teoria de seleção, como prova da origem da vida, em nossa boa e velha Terra, de moléculas inertes, o acaso desempenha papel de alcance incomparavelmente maior, tanto em extensão quanto em profundidade. Dizem que no oceano primitivo os aminoácidos se constituíram em extensas séries de proteínas. Acontece, porém, que as proteínas não se fazem por milagre, mas que para tanto necessitam de enzimas (fermentos). Outrossim, dentro do caldo primitivo nem poderia ter havido a transformação ilimitada de aminoácidos em enzimas e, depois, em proteínas, porque tal metamorfose é proibida pela lei do efeito de massa, norma da Química Física.
Segundo esta lei básica, indiscutível, jamais uma reação química — tanto em fase gasosa, quanto em uma solução qualquer — chega a completar-se, mas sim vem a parar, antes de sua consumação, tão logo o equilíbrio químico for alcançado. Poder-se-ia colocar bactérias dentro de um recipiente de água e observar como essas minúsculas formas unicelulares vão-se reproduzindo, com uma pressa vertiginosa. A água não impede a reprodução das bactérias; porém como no nosso caso se trata de moléculas, acontece que são inertes e não se reproduzem. No oceano primitivo, a lei do efeito da massa (e ei-la, enfim, uma lei perfeitamente compreensível) não admite as reações químicas ilimitadas; a água as impede. E só imaginar aquela luta de titãs: tremendas massas de água, hoje inimagináveis, enfrentando microscópicas partículas avulsas de aminoácidos!
Neste breve resumo não posso, nem de passagem, enunciar todos aqueles acasos que, supostamente, teriam concorrido para a criação da vida. Mas dizem que, nesse caldo primitivo, nessa solução nutritiva, fosfatos sacáricos teriam entrado em combinação com um dos quatro elementos básicos, a adenina, a guanina, a citosina e a timina, a fim de se constituírem em bases nucléicas. Os nucleótidos flutuaram então por aí, até encontrarem — ainda que fosse por acaso — os seus pares com os quais entraram em uma união harmoniosa! Por fim esta união produziu, por acaso, o elixir da vida, os ácidos nucléicos.
Não, não foi assim.



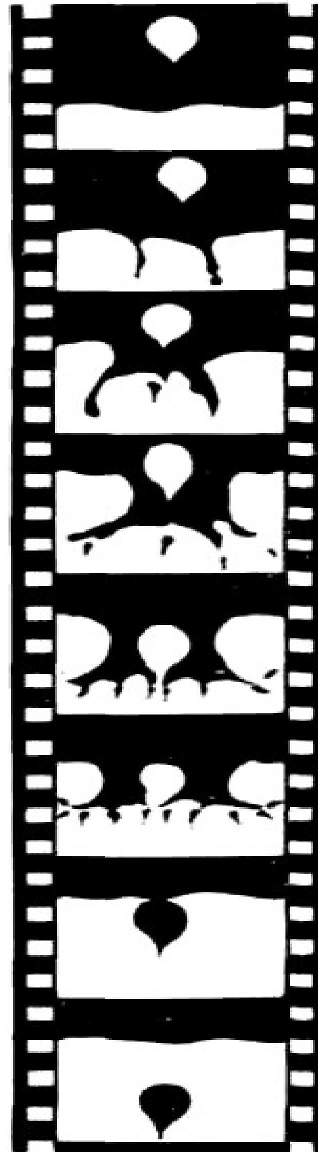
Um bacteriófago expelindo um fio de ADN.

Por via de regra, a Ciência tem em alto conceito a sua fama de exata e, quando apresenta as suas provas, pró ou contra alguma coisa, refuta categoricamente o fator acaso. Agora pergunto eu, como pode ela, quando lhe convém manipulá-lo como se fosse um elemento pré-fabricado, de concreto armado? Como pode ela transgredir uma de suas leis mais sagradas, a lei do efeito de massa? Como pode ela desconsiderar as leis da entropia que, ao lado das leis da energia, constituem os principais pilares da Física? Em se tratando da transformação de energia, a entropia serve para calcular aquela parte da energia térmica que não pode ser transformada em trabalho mecânico. A fim de idealizar essa lei complexa em seu efeito, é preciso considerar que o calor é compreendido como um movimento desordenado de átomos e moléculas. As diversas distribuições imagináveis de aceleração e posição local no espaço estão sendo comparadas com base na freqüência de sua ocorrência. Supõe-se que, com uma mudança de estado, o estado teoricamente menos provável passa a ser o estado teoricamente mais provável. A probabilidade da aglomeração casual da maior parte da molécula dentro da metade do espaço disponível é muito menor do que a outra probabilidade, ou seja, a molécula estender-se sobre todo o espaço disponível. Todavia, a cartilha da bendita teoria de seleção, tacitamente, aceita, pressupõe a possibilidade menos provável das leis da entropia. E os acasos vão se acumulando. Ó, meus senhores!

Seriam milagres provas legítimas?
Tenho a certeza de, além das leis básicas da Química Física, ainda haver outros fatores a desautorizarem a suposição leviana, segundo a qual reações químicas ter-se-iam processado no oceano primitivo. Tampouco tais reações poderiam ter acontecido, por força de sua probabilidade, ou melhor, improbabilidade matemática. Cada combinação avulsa de moléculas representaria, por si só, uma obra do mais puro acaso; se porém essas combinações tivessem acontecido na seqüência necessariamente correta, defrontar-nos-íamos com uma série de acasos da mais alta potência. Aí já entraríamos no terreno dos milagres e a fé no milagre não se coaduna com os ditames da Ciência.
Deve ter sido esta também a impressão dos defensores do santo graal darwiniano, quando abandonaram esta posição da teoria de seleção. Apressaram-se em oferecer uma nova teoria, postulando que as proteínas não se originaram no oceano primitivo, mas sim nas bordas das crateras. Com altivo desrespeito à lei do efeito de massa, prontamente descobriram reações químicas em fendas e rachas porosas.
É um fenômeno, um milagre. Conforme sabemos, as proteínas são substâncias albuminóides; e a albumina não tolera o calor. Se, de fato, a formação de proteínas tivesse acontecido em locais tão obscuros, de pronto as substâncias albuminóides teriam coagulado e assim ficado des-naturadas. Aliás, toda dona de casa sabe o quanto a clara do ovo é sensível à ação do calor e, por isso, ela apenas ferve, mas não cozinha o ovo.
Acontece que a célula produzindo o ADN necessita, sobretudo, de proteínas vitais, já que não existe célula sem albumina. Juro que não tenho culpa de que assim seja, mas assim é, mesmo que em qualquer livro douto possa estar escrito o contrário.

PANORAMA DA EVOLUÇÃO

Sigamos fielmente o panorama que a doutrina da evolução estende à nossa frente.
Segundo esses postulados, o oceano primitivo estava coberto de uma camada delgada, um filme de lipóides, substâncias semelhantes com gorduras. Debaixo dessa camada flutuavam filamentos de ADN e cachos de aminoácidos. Ao desabar a tremenda chuva primitiva, grossas gotas d'água perfuraram o filme de lipóides, provocando a formação de bolhas contendo ADN, aminoácidos, proteínas e nucleótidos.
0 laboratório químico, no interior da bolha, estabilizou-se; mas, enfim, a bolha estourou, por força das pressões internas. Como o ADN possuía o dom da reprodução, esses processos repetiram-se em regime de linha de montagem e, assim sendo, teria sido iniciada uma forma simples de multiplicação.
Os componentes protagonistas desses processos que há pouco estavam depositados nas bordas das crateras, de repente teriam nadado, em grandes massas, no oceano primitivo. Ademais, seu número deveria ter sido enorme, sem conta, pois do contrário, as gotas de chuva dificilmente poderiam ter caído no ponto exato onde, debaixo do filme de lipóides, pudessem ter-se encontrado com os tão decantados ADN’s: Ou será que até as gotas de chuva teriam desempenhado o seu papel nesse grande jogo do acaso? Muitos cozinheiros estragam o caldo primitivo... Aliás, as falhas na teoria da criação da primeira vida na Terra, então jovem, são bem conhecidas também dos biólogos moleculares. Outrossim, além dos pontos supracitados, há ainda muitos outros; no entanto, limitei-me aos aqui mencionados.
Qual o jeito para eliminar essas falhas e, mediante uma cirurgia plástica, transformá-las em cicatrizes imperceptíveis no belo rosto de uma pesquisa errada? Cumpre lembrar que ainda persiste, como obstáculo maior, o monólito ocupando toda a área reservada à pesquisa e que se traduz no seguinte: Em qualquer época, no desenrolar de milhões de anos, substâncias químicas inertes devem ter entrado em uma combinação ordenada e, então, produziram a vida. Mas como?



Titulares de Prêmios Nobel em dura luta corpo a corpo

O Prof. Eigen introduziu uma idéia genial no grande jogo de adivinhação. O físico postulou que a Química estaria sujeita a leis físicas. Todo mundo sabe que a Física comprovou em cada partícula a existência de cargas negativas ou positivas. Como este saber toca também às moléculas, elas deveriam atrair ou repelir-se, reciprocamente, conforme as suas características. Com isso, o fator acaso poderia ser posto de lado! Destarte, os processos nas macromoléculas aconteceriam segundo leis físicas mensuráveis. A criação teria o seu regulamento geral. Ótimo.
O químico e fisiólogo Jacques Monod, Prêmio Nobel de Medicina, de 1965, ex-diretor de pesquisa biocelular do Instituto Pasteur, em Paris, a exemplo de Eigen, Prêmio Nobel de Química, de 1967, chegou à noção de que em nosso planeta a origem da vida era complicada e "impossível", a ponto de assistir-nos o direito de considerarmos como absolutamente singular e única a nossa existência no Universo:
Dissolveu-se a antiga aliança; enfim o homem sabe que está só na imen- sidade indiferente do Universo, do qual proveio por acaso.
Apenas três anos após a publicação da obra de Monod, "Acaso e Necessidade", de repercussão internacional, Eigen surpreendeu os círculos especializados com a sua própria teoria:
O exame da dinâmica dos processos básicos da seleção e evolução revela a ausência na evolução do fator acaso, simples e puro, conforme apostrofado por Monod.

Há alguns círculos que atribuem à teoria de Eigen uma importância comparável à atribuída à Teoria da Relatividade de Einstein.
E porquê?
Na origem e evolução da vida devemos distinguir três estágios diferentes:
1 — Evolução Química. — Compreende a separação de materiais químicos das rochas, conforme aconteceu no planeta primitivo Terra.
II — Auto-organização das moléculas para células reprodutivas — Trata-se do complexo ainda a ser esclarecido e do qual acabo de falar, a saber: Como foi que uma substância química "inerte" se transformou em célula "viva"?
III — Evolução das espécies individuais — Isto se refere à teoria de sele- ção (não doutrina!) de Darwin, dando preferência à maneira romântica da evolução, com casaizinhos de namorados das diversas espécies, reproduzindo-se e evoluindo até que adquiriram os seus atuais aspectos físicos externos. É o mérito do Prof. Eigen ter construído uma passagem de nível a fim de tornar acessível o segundo plano.
Desde as experiências de Stanley Miller* sabe-se que, sob condições semelhantes àquelas existentes na Terra, bilhões de anos atrás, é possível produzir no laboratório combinações moleculares. Embora Miller e todos os pesquisadores que colaboraram na experiência com o caldo primitivo não tivessem a seu dispor uma amostra original da autêntica solução nutritiva, tampouco incomodaram-se com a lei do efeito de massa. Apesar disso, os testes de laboratório comprovaram, de maneira inequívoca, o fato da auto-evolução de complicadas combinações moleculares. Quando, então, sobreveio o grande silêncio e não se sabia explicar o porquê dessas combinações, Eigen ofereceu a solução viável, com a sua teoria da evolução química:
A distribuição exatamente definida dos átomos na molécula, a estrutura interna da proteína, a disposição simétrica dos elementos básicos na grade de cristal, a forma bizarra de um maciço rochoso ou o desenho de uma constelação, visível no firmamento noturno — todos eles resultam de efeitos estáticos de energia entre partículas materiais que, nos diversos casos, conferem ao respectivo todo os seus contornos mais ou menos simétricos.
Ao que parece, os efeitos de energia seriam a solução simples e pura do grande enigma. Há partículas com cargas negativas e positivas. Há campos magnéticos.
E com isso ficariam solucionados todos os enigmas? Ter-se-ia tornado compreensível o grande milagre que é a vida?
Quem achar que deva responder essas perguntas com um simples "sim", deve aceitar como "normais e regulares" os milhões e bilhões de acasos, eventualidade que para mim — desculpem-me por dizê-lo — seria totalmente não científica. Sou apenas um simples cidadão do mundo, mas detesto os acasos, mesmo em potência muito inferior àquela em questão. Não quero e nem vou engoli-los. Aliás, se desse cálculo tão maravilhosamente simples e, por isso, aparentemente convincente, a gente subtrair o item "acaso", então as perguntas supra somente podem ser respondidas com um "não" contundente.
Aliás, neste meu ceticismo fui encorajado por ocasião de uma entrevista com o Prof. Ernest Wilder-Smith, cientista de grande valor, que olhou a nova teoria com olhos bastante críticos.

O GRANDE X DA ESTÓRIA

Quando visitei o Prof. Wilder-Smith em sua casa no Lago de Thun, na Suíça, admirei sua simplicidade, apesar de seus três doutorados; o primeiro obteve-o com uma dissertação sobre Química Orgânica, o segundo foi-lhe conferido pela Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Genebra, e o terceiro, pela Universidade Politécnica Federal, de Zurique. Dentre suas publicações científicas, que passam de 50, a conhecida obra

O Prof. Dr. A. E. Wilder Smith



"MAN'S ORIGIN, MAN'S DESTINY" (Origem do Homem, Destino do Homem) ocupa lugar de destaque.

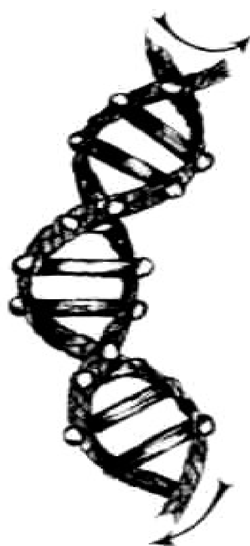
Como Wilder-Smith é professor-visitante em várias universidades, é preciso muita paciência e sorte para encontrá-lo. Cheguei a conhecê-lo por ocasião da conferência, brilhante e fascinante, que ele proferiu na Politécnica de Zurique, sobre "A Origem da Vida", quando então lhe pedi para marcar uma entrevista. O convite veio algumas semanas mais tarde; em seguida, trocamos correspondência e, por fim, chegamos a travar longa e explícita conversa na casa do professor, às margens do Lago de Thun. No decorrer dos anos, conheci muitos cientistas renomados e simpáticos, mas poucos dotados de um carisma tão soberano e autoconcen-trado como o que possui o Prof. Wilder-Smith. Ele é um homem muito, mas muito religioso, o que, porém, não o impede a dedicar-se às ciências exatas e ir a fundo da essência das coisas. Para ele, as teorias levantadas por seu colega, o Prof. Eigen, não têm grandes méritos; e ele explicou-me por que.

Girando para a esquerda — girando para a direita Sinto muito e é bastante a contragosto que devo levar meus leitores por vias tão ásperas, a fim de a eles tornar acessível a minha teoria. Embora, hoje em dia, alguns dos conceitos indispensáveis para tratar dos processos em questão, sejam conhecidos graças à sua divulgação pela imprensa, não os vivemos em sua função. Não passam de meros conceitos, de bem pouco uso, guardados no guarda-roupa da atual mentalidade mundial. Mas, que diabo, cumpre usá-los.

De acordo com pesquisas feitas, também por Stanley Miller, todas as moléculas, invólucro contendo numerosos átomos, revelaram, sem exceção, a tendência de girar, tanto para a direita, quanto para a esquerda. Esta tendência de rotação representa um atributo comum a substâncias sólidas, líquidas, gasosas e soluções.

A grosso modo, seria o caso de imaginar uma escada de cordas, cuja ponta superior direita fosse segura pela mão direita, enquanto que a mão esquerda pegaria em sua ponta inferior, esquerda. Quando a mão direita torce a escada de corda, ela se dobra em espiral para a direita e, vice-versa, a mão esquerda pode fazer dobrá-la em um movimento para a esquerda. Com isso a escada de corda (que, neste "exemplo clássico" entra em cena, representando, eventualmente, a estrutura da composição química de uma molécula), com seus degraus e suas fibras, não se modificou em sua substância, descontando-se as rotações provocadas. Vamos ficar com essa

explicação simplista, já que a explanação dos processos nas moléculas, segundo as leis da polarização e atividade visual, iria nos levar para longe demais do nosso assunto.
Em inúmeros testes de laboratório, também o Prof. Wilder-Smith obteve moléculas, sempre girando para a direita e para a esquerda.
Porém, o certo é que todas as moléculas que, em nosso planeta, colaboram na evolução da vida, exercem única e exclusivamente a rotação para a esquerda. Embora também existam moléculas girando para a direita*, estas últimas representam as poucas exceções dentre os muitos milhões de formas moleculares.
Se — e aí que está o X da estória — as cadeias moleculares dos aminoá-cidos, das proteínas, dos ácidos nucléicos ou do ADN se tivessem juntado realmente, por acaso, então desde o início de todas as coisas deveriam ter existido formas moleculares girando para a esquerda e para a direita. Será que, por isso, poderíamos responsabilizar a rotação do globo terrestre? Eu acho que não, porque aí também nos testes de laboratório, igualmente sujeitos à rotação da Terra, seriam produzidas exclusivamente formas moleculares girando para a esquerda, quando, na realidade, sempre apresentam suas rotações para a direita e a esquerda!
É uma lástima. Com isso o acaso perde o seu papel no grande drama da origem da vida, pois:
Moléculas girando para a esquerda e a direita jamais poderiam ter entrado em combinação, porque exercem recíproco efeito tóxico!
Por isso, a penicilina produz efeito letal nas bactérias que, como tudo na vida, dispõem tão-somente de moléculas girando para a esquerda. Se, no ato da criação da vida, tudo tivesse decorrido de maneira ordenada, então deveriam existir somente formas de vida compostas de moléculas girando ou para a direita, ou para a esquerda.
Moléculas girando para a direita existem, por exemplo, na penicilina, no ácido da glutamina D, na substância capsular de células do mofo, em algumas substâncias encontradas em antibióticos como a gramicidina ou a tirocidina.



Será que as moléculas girando para a direita "comeram" as que giravam para a esquerda? Dificilmente, desde que uma espécie é veneno para a outra!
Moléculas girando para a esquerda, girando para a direita...
Quando li este texto do meu manuscrito para um amigo, ele disse que não compreendeu bem a minha comparação com a escada de corda. Olhe as suas mãos, disse a ele. Cada uma delas obedece ao mesmo padrão estrutural; em cada mão, você tem quadro dedos, com mais um polegar na mão direita e outro na esquerda. Embora sejam do mesmíssimo feitio, você não consegue juntar as costas das mãos, com uma cobrindo totalmente a outra, mesmo girando-as. Embora sejam perfeitamente iguais, você nunca conseguirá essa cobertura total. Da mesma forma, meu caro amigo, comportam-se as moléculas. Os aminoácidos podem existir tanto em

rotação para a direita, quanto para a esquerda e dentro da mesma constelação molecular, mas, apesar disso, uma molécula girando para a esquerda é de natureza diferente da que gira para a direita. Com esta explicação, meu amigo disse que entendeu a coisa. Puxa!

Modéstia à parte, eu acho bastante liberal a minha atitude com teorias, das quais antes preferiria distanciar-me e, conforme o caso, até estaria pronto para não tropeçar sobre todos aqueles acasos, mas, circunscrevê-los com uma volta elegante. Contudo, na escuridão espalhada por aquelas teorias, simplesmente não consigo desligar o raciocínio. E nem quero desligá-lo. O fato de as moléculas apresentarem exclusivamente rotação para a esquerda, conforme me foi indicado por um cientista notável, para mim é algo difícil de digerir. A Ciência exata — é o que eu acredito — comprova as suas teorias pela experiência. Até agora, em nenhum teste de laboratório — por acaso! — foram encontradas moléculas girando exclusivamente para a esquerda. Como é que, neste caso, a Ciência fecha a questão e argumenta contra os resultados óbvios e inequívocos de sua própria pesquisa?

"Há algo no ar!" A resposta é evidente; a gente até sente na pele os arrepios de algo de sinistro. O abecedário da pesquisa está esgotado. ALGUÉM ou ALGUMA COISA deve ter mexido no caldo primitivo quando estava sendo preparado. Aí não há nem acasos, nem fantasmas, tampouco milagres. Vamos tratar de localizar aquele ALGUÉM, o "pivô do crime". Antes de entrarmos nas vias do fato, vamos assumir uma atitude ultra-magnânima com o "delinqüente" e, por mais um instante, supor que, de fato, se originaram tão-somente moléculas girando para a esquerda, as quais, malgrado todos aqueles acasos — vamos ficar nisto — teriam-se encontrado com a proteína.

Nem se cogita de probabilidade!

A menor unidade "viva", imaginável, compõe-se de, no mínimo, 239 moléculas de proteína. Cada molécula de proteína, por sua vez, compreende 20 aminoácidos diferentes, e muitas enzimas complicadas que, além de se coordenar em determinada seqüência, devem, todos juntos, combinar em estado de rotação para a esquerda. Acasos e mais acasos.

A probabilidade de a célula mais simples ser formada somente por aminoácidos girando para a esquerda foi calculada em $1:10^{123<2>}$. O algarismo em meio-espaço acima da linha, não se apresenta apenas em posição engraçada, mas ainda ilustra claramente o quanto são improváveis tais acertos na grande loteria do acaso: 1:000.000.(X)0.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.(
XX).000.0(X).000.000.000.0(X).0(X).000.(XX).000.0(X).000 000.000.000.000.000.001

E o jogo da (im-)probabilidade chega a ser mais absurdo ainda!

Se a primeira célula que, por um tamanho acaso, tão soberbamente nasceu de aminoácidos, etc, girando somente para a esquerda, tivesse "gerado" uma irmã-gêmea que, por sua vez, agradecesse ao seu irmão maior, o acaso, o seu meio ambiente químico e, assim sendo, também seria constituída exclusivamente por macromoléculas, girando para a esquerda e promovendo a evolução orgânica, para tal processo a probabilidade seria de $1{:}10^{22\text{-'}17\text{-}76\text{'-}304}$, conforme os respectivos cálculos.

Não é do meu gosto incluir a palavra IMPOSSÍVEL no meu vocabulário. No entanto, é aqui onde cabe, com todas as suas letras e ainda grifada. Ao escrever esta passagem, procurei imaginar plasticamente esta série inimaginável de números.

Setenta e cinco letras cabem em uma linha da lauda do meu manuscrito. Uma lauda é de 37 linhas e, portanto, "suporta" 2.775 letras. Por extenso, como costuma-se escrever os números em um formulário de cheque, uma lauda teria duas mil, setecentas e setenta e cinco letras. Em cem laudas caberiam 277.500 letras. Em 400 laudas de manuscrito já teríamos mais de um milhão de letras. Aí, então, parei de calcular. O algarismo monstruoso, com o número escrito em meio-espaço acima da linha, nem pode ser pensado até o fim, usando-se para tanto o número de letras contidas em um livro inteiro. Por extenso, seriam vinte dois bilhões, cento e dezessete milhões, setecentas e sessenta e nove mil, trezentas e quatro letras. Há algarismos inimagináveis para nós, pobres mortais, e é este um daqueles monstros impensáveis. No entanto, logo se torna evidente o fato de que, com tamanhas improbabilidades e tamanho amassamento de acasos, não se pode "provar" nenhuma teoria supostamente científica. Contudo, no seu afã de sobreviver, a "doutrina" de seleção não faz questão de engolir toda e

qualquer improbabilidade.
Suponhamos, conforme manda o figurino, que a primeira célula viva fosse o produto de tal série ininterrupta de acasos. Aí, prontamente, teria surgido um novo problema, ou seja, o da energia necessária para o sustento desta célula.
Conforme o compêndio clássico, tal problema foi solucionado mediante uma série de mutações positivas. A expectativa é de uma mutação positiva entre vinte milhões de mutações. Para fazermos jus à nossa fama de liberais, continuamos supondo que todas as mutações iniciais decorreram satisfatoriamente e, enfim, permitiram às células produzir a clorofila, que converte em energia química uma minúscula parcela da luz solar. Embora, com isso, o problema energético tivesse solução casual, tal solução apresentaria o inconveniente de, com este processo de conversão, ter sido gerado um subproduto, ou seja, o oxigênio.
Contudo, a nossa excursão química continua a levar-nos pela atmosfera primitiva! E esta nada, em absoluto, tem a ver com a atmosfera em que vivemos e respiramos hoje em dia. É preciso lembrar este particular e saber que a atmosfera primitiva consistiu, principalmente, em metano (comparável ao gás existente no interior de minas) e amoníaco (com átomos de nitrogênio); nesse meio ambiente, o oxigênio fez o efeito de um veneno letal. No caso de as primeiras células terem nascido em uma atmosfera de metano e amoníaco, com a entrada do oxigênio, logo depois, teriam morrido. São estes os fatos e ninguém pode contestá-los seriamente.
Por que os compêndios jamais mencionam isto? Por que não se divulgam os resultados obtidos em experiências biológicas? Por que são negados os cálculos matemáticos, comprovando a insustentabilidade dos acasos?
Por mais uma vez torno a pular sobre a sombra da "doutrina", a qual ela arrasta como se fosse uma esteira majestosa, e suponho que a primeira célula se teria originado da forma como querem nos fazer crer. Continuam sendo impossíveis, pois todas as reações orgânicas que levam à formação de albuminas e moléculas do ADN são reversíveis. Isto significa que substâncias químicas, entrando em combinação mútua, também podem disassociar-se, com a mesma facilidade com que se associam. Destarte, torna a revelar-se como inaceitável a suposição de uma probabilidade para a evolução "constante" de enzimas, proteínas e do ADN.
Nessa questão ultracomplexa e de importância literalmente primordial, consultei o Prof. Manfred Eigen e pedi seu parecer a respeito. Em carta datada de 15-9-76, o professor respondeu às minhas duas perguntas básicas, conforme segue:
P — Seriam reversíveis os processos químicos no caldo primitivo que, enfim, culminaram na primeira célula? Em caso afirmativo, ainda continuariam válidas as regras do jogo?
R — Sempre foram irreversíveis os processos que levaram a uma evolução química e à seleção, de acordo com o modo de pensar de Darwin. Em outras palavras, trata-se com isto de reações de moléculas ricas em energia que, sob a liberação de energia, se juntaram espontaneamente, para formações macromoleculares. É possível demonstrar que o comportamento evolutivo só é possivel longe do equilíbrio e, para tanto, sempre é necessária uma mudança de energia livre. As regras do jogo, por nós elaboradas para os processos evolutivos, fundamentam-se justamente na irreversibilidade dos processos culminando na auto-organização.
P — Sua teoria transforma em "necessidade" o "acaso", postulado por Monod. Permitiria isto a conclusão de que tal necessidade caberia a todos os outros planetas semelhantes à Terra?
R — Em absoluto, a nossa teoria não generaliza o "acaso" de Monod, transformando-o em "necessidade". Mostramos tão-somente a existência de normas que, mesmo com a indeterminação estatística do processo individual, conduzem para um comportamento necessário da totalidade. Apesar disso, cumpre distinguir cuidadosamente. Nos processos de equilíbrio, excetuando-se algumas variações sem importância, quase nada sobra do acaso. Nos processos evolutivos, variações ocasionais, talvez mutações, chegam a ser reforçadas até o nível macroscópico. Com isso, absolutamente não transformamos em "necessidade" o "acaso" de Monod, mas sim apenas afirmamos aquilo que já teve a sua expressão no próprio título da obra de Monod, ou seja, a origem da vida representa um jogo alternado entre o acaso e a norma, ou o acaso e a necessidade.
Ao entrarmos em mais detalhes, chegamos à conclusão de que em planetas semelhantes à Terra, isto é, planetas que passaram por processos químicos equivalentes aos ocorridos na Terra,

devem acontecer processos análogos com aqueles que deram origem à vida terrestre, embora, na sua estrutura pormenorizada, fossem acentuadamente diferentes dos registrados em nosso planeta.
As respostas do Prof. Eigen me deixaram um tanto perplexo. Está certo que, de fato, as enzimas tornam irreversíveis determinadas reações na constituição da albumina e das moléculas do ADN, ao alimentarem o sistema com energia acoplada. Porém a formação de enzimas não acontece espontaneamente! Este fato me foi confirmado por vários especialistas em Química Orgânica. De que serve, então, a postulada irreversibilidade, quando se concretiza apenas em uma fase da evolução química que, em virtude da reversihilidade de certas substâncias químicas nem chega a ser atingida?
No exame das minhas provas contra aquilo que, em geral, costuma ser tomado a favor de uma "evolução natural", o Egrégio Tribunal pode estudar os resultados de experiências — porém deveria deixar de lado livros técnicos doutrinários. Se assim proceder, o Egrégio Tribunal poderá fazer as seguintes constatações objetivas:
1) — Tanto a lei do efeito de massa, quanto os ensinamentos da entropia atestam contra a vigente suposição da formação de proteínas.
2) — Está fora de cogitação terem tido as proteínas sua origem nas bordas incandescentes de crateras, pois, nesse caso, logo teriam sido destruídas, desnaturadas.
3) — Todas as cadeias moleculares, cooperando na evolução da vida, revelam rotação para a esquerda — resultado que, até agora, ainda não foi conseguido em nenhum teste de laboratório. Experiências, deixadas ao acaso, produzem cadeias moleculares girando tanto para a esquerda quanto para a direita.
4) — Pela estatística, é incrivelmente baixa a probabilidade de cadeias moleculares se terem constituído em células, por obra de uma série de acasos; aliás, para tanto, a chance é de zero.
5) — As reações orgânicas ocorridas no caldo primitivo e que levaram para a formação de enzimas, são reversíveis; logo é inaceitável a tese da evolução penosa e casual de substâncias químicas até à célula. Essas noções não resultaram de minha fantasia arrojada; tive oportunidade de colhê-las, sobretudo, durante minhas conversas com o Prof. Wilder-Smith.
Outrossim, essas situações limítrofes, com suas dificuldades indefiníveis, também devem ter sido levadas na devida conta pelo Prof. Eigen, pois:
A fração de estruturas de proteínas que possa ter surgido no desenrolar de toda a história da Terra, de fato, é mínima, a ponto de a existência de moléculas eficientes de enzimas beirar as raias do milagre... são palavras dele.
Será que há uma explicação para o grande milagre da origem da primeira vida?
O Prof. Hans Kuhn, do Instituto Max Planck de Química Biofísica, de Gôttingen, Alemanha Federal, define a origem da vida como...
... um processo normativo, a desenrolar-se necessariamente, sob condições externas adequadas.
Kuhn pouco se importa com o fato de toda constituição de vida consistir em moléculas, girando para a esquerda, pois, tem por fundamento...
... o acaso, permitindo, em primeiro lugar, a prevalência de um sistema reprodutivo da d-ribose.
Sob esse aspecto, parece de fácil solução o problema da origem da atividade visual.
Logo, presume-se pura e simplesmente que à primeira cadeia de amino-ácidos, por acaso girando para a esquerda, vieram a adaptar-se, em seguida, todas as demais moléculas em rotação para a esquerda. As moléculas são "inertes". Não se reproduzem por si sós. Apenas estruturas de ADN, incomparavelmente mais complexas e surgidas muito mais tarde, irão possuir o dom da reprodução. Até o levantamento do pano para este ato * Ribose: importante elemento básico dos ácidos nucléicos, com traços de açúcar.
Do drama teriam sido necessários mais tantos e tantos bilhões de acasos. Nessa altura, os cientistas operam franca e abertamente com os expedientes do Deus ex-machina, do teatro antigo, lançando mão do "deus saindo da máquina", o qual, quando se chega a um beco sem saída, "de maneira inesperada ou artificialmente, fornece as soluções do problema". A seguir, dou uma citação de Sócrates:
Também por nossa vez, dever-nos-íamos conformar em tratar do assunto à moda dos poetas trágicos que, quando em apuros, recorrem às máquinas.

Quanto à mim, não estou em apuros, pois há duas grossas esteiras, bem condensadas, deixadas no firmamento primitivo por "meus" deuses.

VESTÍGIOS INDICANDO VIDA NO UNIVERSO

A) — Desde 1937, ficou provada a existência de moléculas no universo. Pelas medições radioastronômicas, realizadas sobretudo nesses últimos seis anos, foram detectadas as mais variadas moléculas em nuvens interestelares. Até agora já se registraram nos anais mais de 20 moléculas orgânicas. Em 1972, os professores Ronald Brown e Peter Godfrey, da Universidade Monash, em Melbourne, Austrália, comprovaram a existência de FORMALDIMINA em uma nuvem de gás 30.000 anos-luz distante da Terra. Também esta é uma das moléculas orgânicas, contendo carbono, hidrogênio e oxigênio; faz parte das substâncias básicas da vida. Haveria a possibilidade de a Terra — por acaso — ter importado "vida" do cosmo?
B) — Em 1972, os co-inventores da hélice dupla (ADN), Francis Crick e Leslie Orgel, publicaram na revista científica ICARUS o seu artigo, intitulado DIRECTED PANSPERMIA (Panspermia Dirigida), no qual lançam a teoria postulando que uma inteligência alienígena desconhecida teria providenciado, em toda parte do cosmo, as condições prévias para o surgimento da vida, de acordo com um só plano mestre. Os alienígenas teriam despachado uma astronave, levando a bordo diversos microrganismos. A esse respeito, os autores escreveram literalmente:
Com carga útil de 1.000 kg, poderiam ter sido transportadas 100 unidades de soluções de nutrientes, com cada unidade contendo 10^{15} microrganismos. Nem teria sido preciso fazer esta nave desenvolver velocidades extremas, porque pouco importava a hora da sua chegada. O raio de nossa galáxia abrange, aproximadamente, 10^{5} anos-luz. Portanto, Moléculas orgânicas possuem um ou mais átomos de carbono.
no decorrer de 10^{8} anos, muitos planetas desta galáxia poderiam ter sido fertilizados, mesmo com a espaçonave desenvolvendo apenas uma milésima parte da velocidade da luz. Dentro de um raio de 100 anos-luz, há alguns milhares de estrelas a serem fertilizadas, ao longo de cerca de um milhão de anos decorridos a bordo de uma astronave.
Confesso que me dá enorme satisfação ouvir pela boca de autoridades da categoria de Crick e Orgel teorias como as supracitadas e folgo em submetê-las aos meus leitores. Todavia, como tais pronunciamentos a favor de minhas teorias dificilmente chegarão a ser divulgadas além dos círculos especializados, ao menos faço constá-las nas páginas deste livro.
A publicação da ICARUS diz em seu texto que a criação aconteceu segundo determinado plano; o acaso fica excluído. Ao contrário da solução oferecida, segundo a qual, por puro acaso, todos os sistemas solares imagináveis teriam sido contaminados com bactérias, para mim a teoria supra oferece uma opção bem mais convincente, ao postular que a Terra (e provavelmente ainda outros planetas do nosso sistema solar) recebeu germes da vida pela ação metódica e dirigida de visitantes, a bordo de espaçonaves!
Sabemos que distâncias inimagináveis separam as estrelas. A fim de vencê-las, a bordo de espaçonaves tripuladas, é preciso dispor de sistemas de propulsão, garantindo aceleração extrema, o que implica os já mencionados efeitos da dilatação do tempo. Ao voltarem de suas viagens intereste-lares para o sistema de onde partiram, os cosmonautas talvez possam lá aterrissar "no dia do juízo final". Entrementes, milhões de anos podem ter passado em seu planeta de origem; ninguém estaria vivo da geração que lhes deu as despedidas ao decolarem para sua missão.
Este "perigo" é evitado pelos extraterrestres, logo quando, em alienígenas sistemas solares, depositam germes da vida, idêntica à sua própria. Semeados tais germes, a evolução — sem acasos! — decorre segundo uma espécie de automatismo; nas profundezas das galáxias, diversos planetas desenvolvem, então, modelos de vida, no estilo dos existentes em seu planeta de origem. Destarte, no decorrer do seu vôo e dos tempos, os extraterrestres criam condições de vida que lhes são adequadas. Simultaneamente, ficam neutralizadas as leis da dilatação do tempo. Para mim, este é um esquema genial, de lógica convincente.
Aquilo que poderia ser apenas uma pressuposição, adquire dimensões realistas, visto que em nosso planeta toda a vida nasce, cresce e morre segundo um mesmo código genético. Logo, há

fatos a favor da tese de a vida terrestre — igual em toda parte e obedecendo determinado padrão — ter sido "importada" de outros planetas. Todavia, logo surge outra pergunta: e como foi que lá se criou?

Vida — círculo sem início?

Em fins do século passado, o físico e químico sueco Svante August Arrhenius (1850-1927) já estudou esse sinal de interrogação. Em qualquer parte, assim raciocinou, a vida deve ter começado; ele postulou que a vida seria eterna, porém com isso não resolveu o problema de sua origem. Evidentemente, até a linha circular começa em um ponto qualquer: no entanto, uma vez fechada, não interessa mais saber onde começou. Aí, então, a pergunta perdeu o interesse e nem poderia mais ser respondida, porque o círculo representa um sistema integrado. Opinou Arrhenius que, com todo o devido respeito, cumpre colocar no "início" do círculo a figura de um criador, ou aquilo que se costuma chamar de DEUS.

Entrementes, as Ciências Naturais já passaram da época dos apelos em sintonia com a fé.

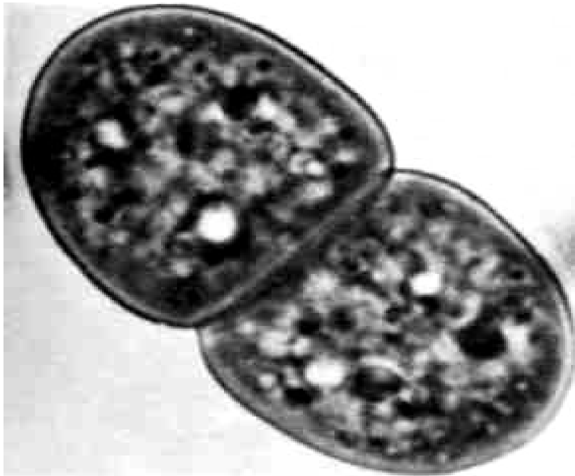
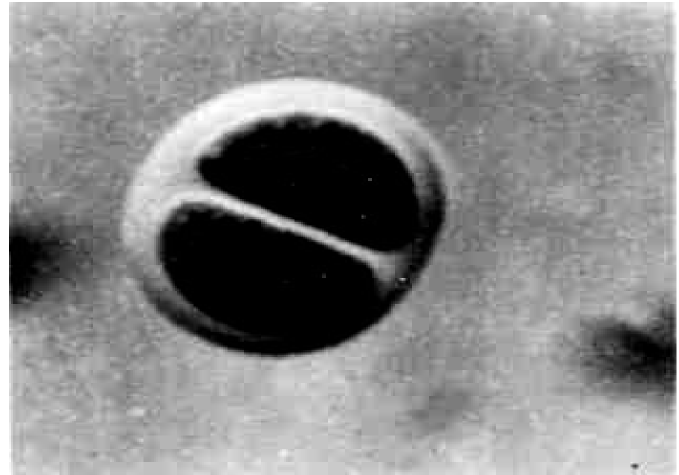



Fig.1: Alga-azul (Synechococcus) em divisão; ampliada em 200 vezes o tamanho natural.
Fig. 2: Alga-azul I Chroococcus) após a divisão; ampliada em 200 vezes o tamanho natural.

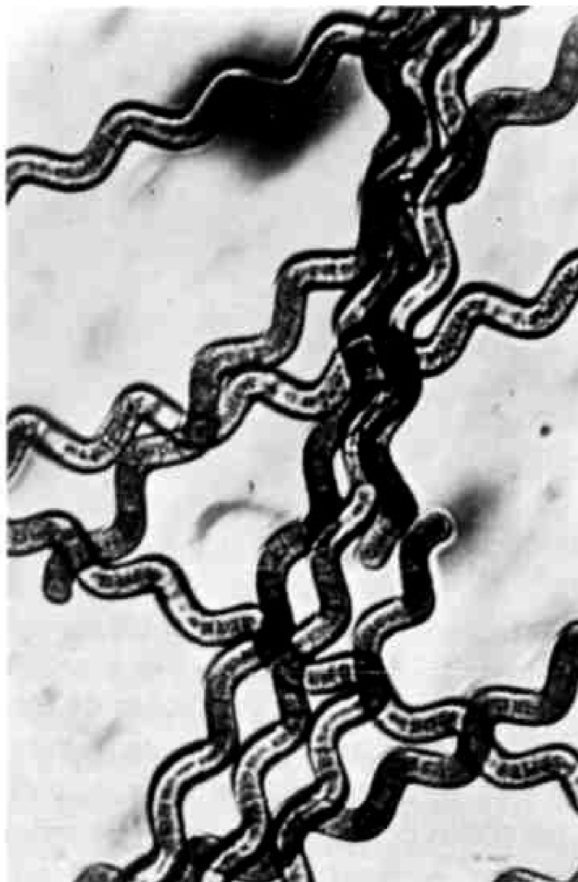
Teoricamente, o progresso tecnológico atual já teria condições de tornar habitável o planeta vizinho, Vênus. Alguns anos atrás, o astrônomo norte-americano Carl Sagan sugeriu que se despachassem espaçonaves, levando a bordo alguns milhares de toneladas de algas azuis, a fim de soltar essa carga na atmosfera de Vênus. Por quê? Algas azuis, algas unicelulares, carentes de um genuino núcleo celular, possuem a característica fenomenal de resistir a temperaturas relativamente elevadas. Por meio do seu metabolismo, reduzem a alta percentagem de dióxido de carbono, o gás que é veneno para a respiração e asfixia os seres humanos. Daí, a proposta de Sagan. Aos poucos, as secreções do metabolismo provocariam a baixa das temperaturas de superfície, fazendo descê-las para menos de 100°C. Por conseguinte, as algas azuis causariam a mesma transformação química, outrora ocorrida no caldo primitivo; com a ajuda de luz e calor, grandes massas de partículas de dióxido de carbono seriam transformadas em oxigênio e, destarte, o planeta Vênus acabaria, aos poucos, por tornar-se habitável.

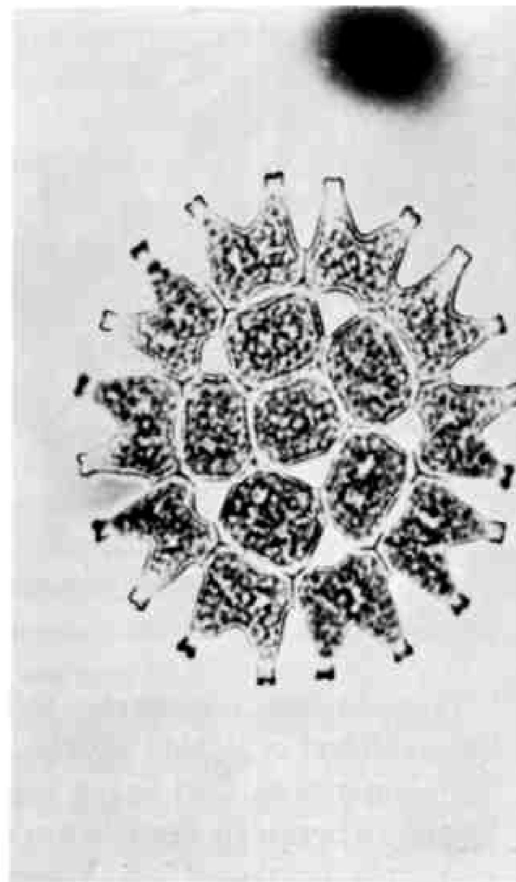
Será que, bilhões de anos atrás, os extraterrestres não experimentaram com algas azuis, aqui, em nossa Terra? Por que não? A idéia que ocorreu a Sagan, bem pode também ter ocorrido de forma inteligente em tempos imemoriais.

Seria perfeitamente possível. As algas azuis possuem um passado remotíssimo. Em cascalho, lembrando pedra-de-fogo, de há três e meio bilhões de anos, no Transvaal, África do Sul (na Camada Onverwacht), foram encontradas algas azuis. Segundo os dados fornecidos pelo Prof. H. D. Pflug, da Universidade de Giessen, Alemanha Federal, a fase evolutiva dessa alga corresponde à das atuais algas azuis. Logo, 3,5 bilhões de anos atrás, existiram formas de vida capazes de fotossíntese. Naquela época, a atmosfera terrestre era praticamente sem oxigênio. Será que a primeira vida terrestre foi gerada por meio de uma experiência, realizada e dirigida de fora?

À esquerda:
Alga-azul (*Spirulina*) formando filamentos; tamanho natural ampliado em 120 vezes.

À direita:
Alga-verde (*Pediastrum*) formando colônias: 16 células suspensas no aglomerado; tamanho natural ampliado em 300 vezes.





Quem negar esta eventualidade redondamente, deve explicar, a título de compensação, a procedência dessas algas azuis, de 3,5 bilhões de anos! No período de que datam as algas azuis descobertas no Transvaal sul-africano, supostamente a evolução química estava ainda em plena marcha. Segundo os ensinamentos, existiam no oceano primitivo algumas primárias formas de vida individuais. No entanto, como vieram as algas azuis a parar em terra firme, em camadas de sedimentos, assinalando uma idade de 3,5 bilhões de anos? Sem "saltos na evolução" a coisa não vai... se a gente desistir de avançar com os seus pensamentos um pouco mais para a frente. Será que, a partir da primeira célula, todo o "resto" se teria processado automaticamente? Minha nossa!

Regras do Segundo opiniões antropológicas, divulgadas a partir de cátedras universitárias, as espécies evoluíram na imensa estufa obedecendo as regras do jogo, conforme estabelecidas por Darwin e aproveitando-se de um grande número de acasos. Um após outro: Todos os indivíduos de uma só espécie descendem de uma família comum e emigraram de um centro de origem. E, ainda:

Como todas as formas vivas representam os descendentes imediatos daqueles que viveram muito antes do período cambriano, podemos ter a certeza de que jamais a seqüência regular das gerações sofreu solução de continuidade e nenhum dilúvio devastou a Terra.

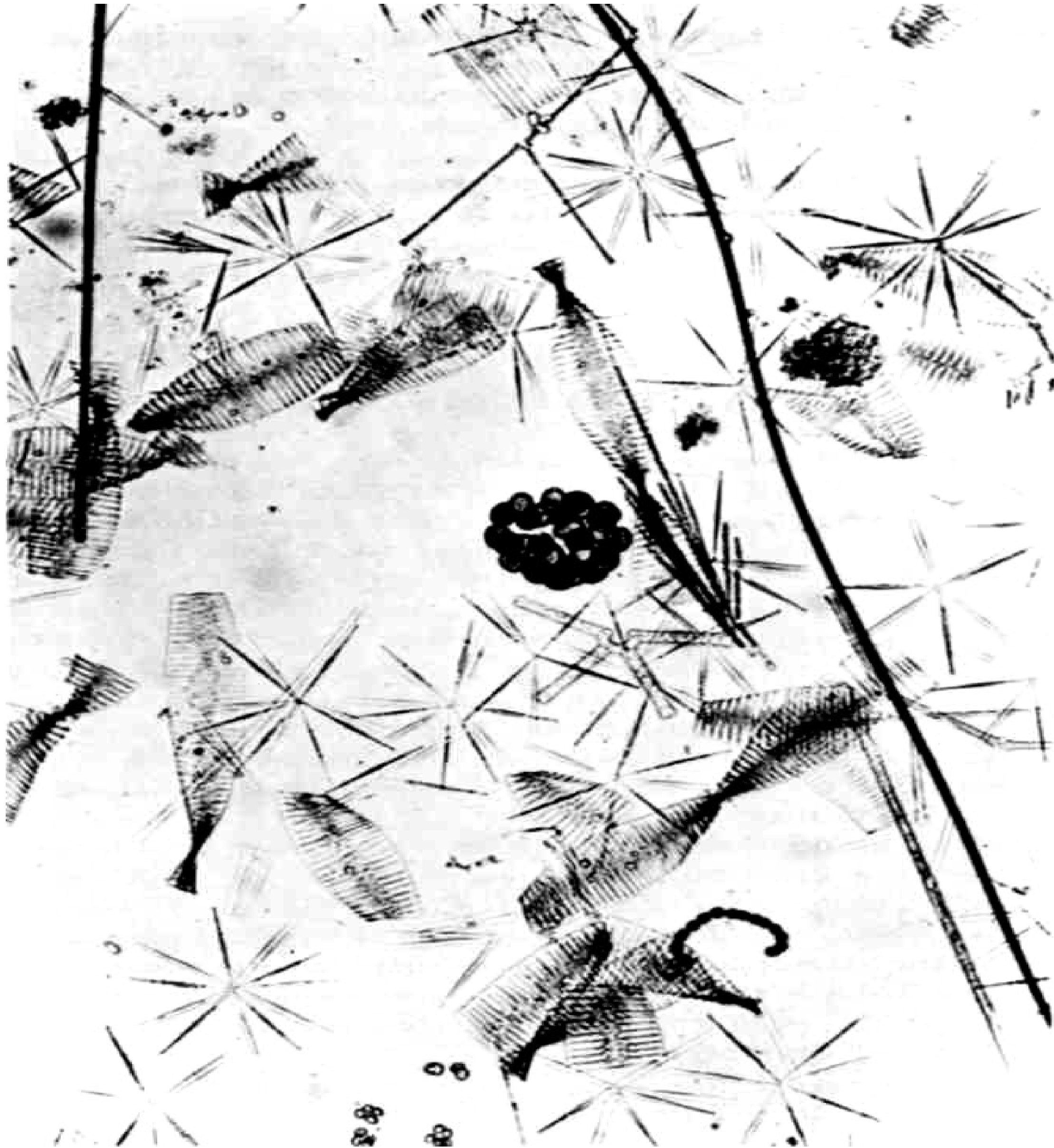
PESQUISA DE MACACOS

A teoria de Darwin é o credo da Antropologia. Vale por um sacrilégio não "acreditar" nela. Mesmo quem estiver pronto a considerá-la como verificada em parte, mas além disto não esconde certas dúvidas fundadas a seu respeito, está sendo severamente discriminado. Todavia, conquanto nenhuma ditadura tenha meios de decretar a "fé" em determinada teoria — e fazemos votos para que jamais cheguemos a tanto — ainda resta a opção do debate, de pôr em dúvida, ouvir e procurar por outros rumos.

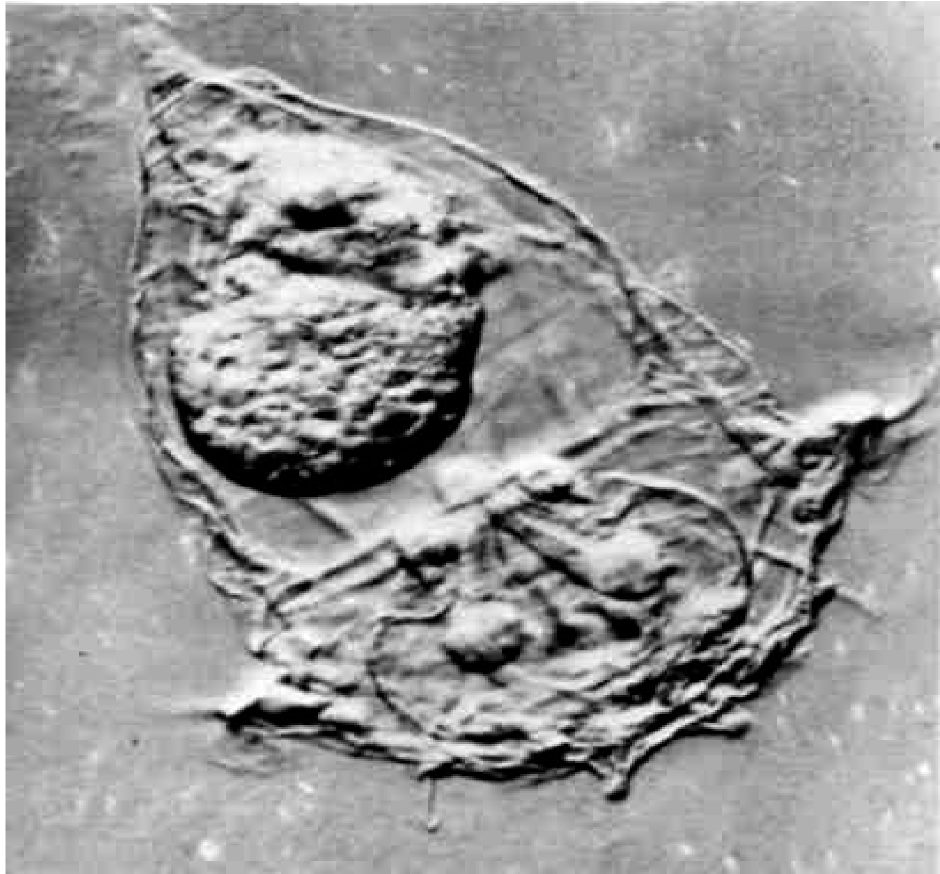
Quase não passa um só mês sem que se registre um anúncio eufórico de mais outro achado de crânio, o qual, em cada caso, revela então o "pré-homem", de descoberta mais recente. A rigor, aquilo que se faz em nome da Antropologia nem pode mais ser considerado como pesquisa da história precoce do homem inteligente. O que ali se estuda são espécies de macacos! Seria tão importante assim saber se um crânio tenha cinco ou dez milhões de anos? Embora isto seja altamente interessante, afinal de contas, bem pouco importa saber a época exata em que uma espécie de macacos começou a erguer-se nas patas traseiras. Considerando o zelo que se dedica àquela pesquisa de macacos, seria o caso de supor que algum herege contestasse o fato de, no desenrolar de milhões de anos, os macacos terem mudado. Todos os mamíferos, peixes ou insetos adquiriram formas diferentes; por que, então, o nobre bicho macaco deveria constituir a exceção da regra geral? Quem negaria isto?

Por outra, eu contesto a contingência de, em qualquer época no desenrolar da evolução, uma espécie ter logrado cruzar-se com outra espécie. É um problema aquela evolução química, pois, destarte, a evolução biológica deveria tornar-se um pesadelo para os defensores da doutrina. Bem sei que, ao mencionar o pesadelo, estou lançando um desafio, uma provocação. Mas, por que os defensores dessa doutrina iriam repousar tranqüilamente sobre as almofadas de sua herança desbotada, enquanto eu estou dando duro, procurando saber como, de fato, teria acontecido?

Vista microscópica de formações celulares em águas paradas: algas silícicas, mastigóforos com casco, algas-verdes.



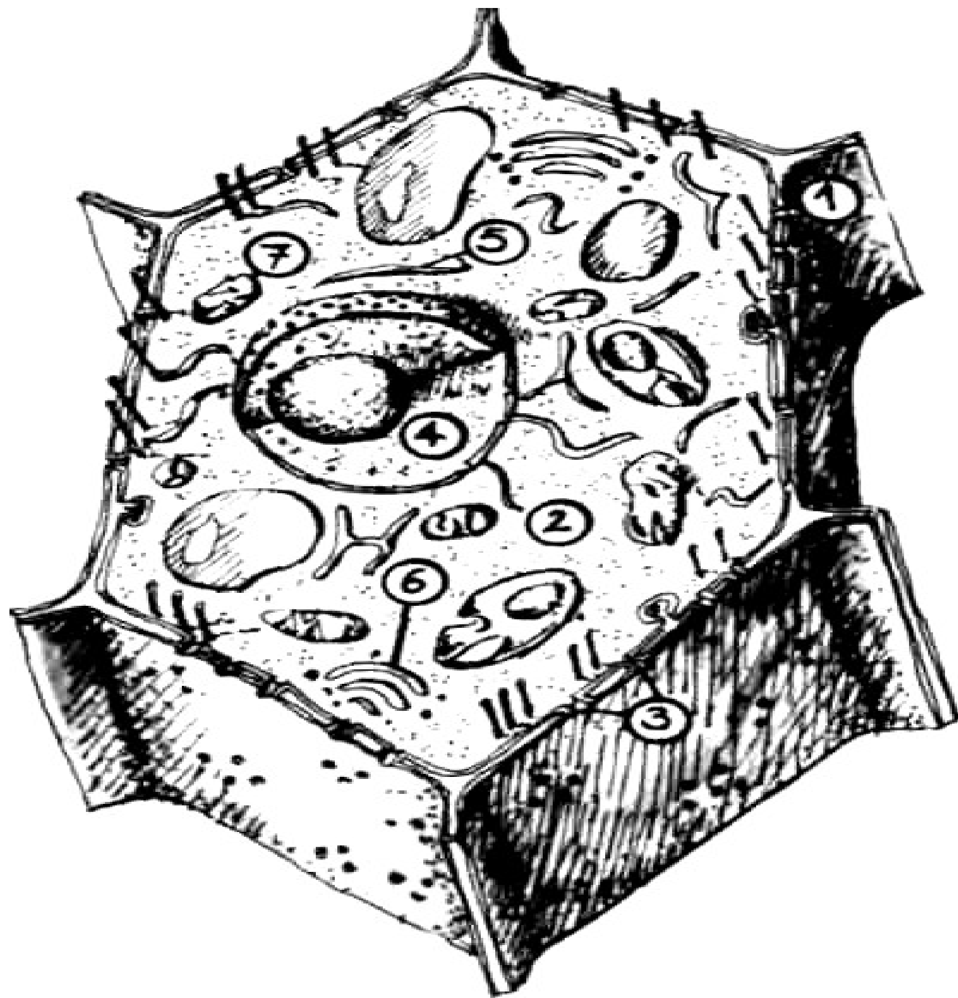
Não provoco de bolsos vazios. A fim de poder tirar o seu conteúdo, devo, nolens volens, esclarecer como a informação genética é transmitida da célula simples ao ser vivente altamente intrincado.
O ADN é o portador dos dados genéticos. O ADN produz células que, como "mudas" do ADN, contêm alguns milhares de genes, constituindo os cromossomos e encerrando os caracteres hereditários.
A célula é uma formação altamente complexa. Os genes (alojados na cé- lula, dentro dos cromossomos) parecem-se com gêmeos siameses; por ocasião da divisão celular, prosseguem em seu rumo, acoplados um ao outro. As características de um cromossomo, em conjunto com os fatores hereditários, passam para uma mesma célula germínativa. No entanto, a célula reage com alta sensibilidade aos vários impulsos emitidos por seu meio ambiente. Se, por acaso, o núcleo celular for atingido por raios ioni-zantes, certas substâncias químicas ou até um vírus, o código genético ali armazenado, podem ficar sujeitos a alterações. Após tal alteração (mutação), de repente o ADN deixa de produzir o padrão do ADN originário. Surgem, então, "erros tipográficos" e no caso de a célula não perecer com um desses erros, eles continuarão no programa por todas as divisões celulares. Ad infinitum.



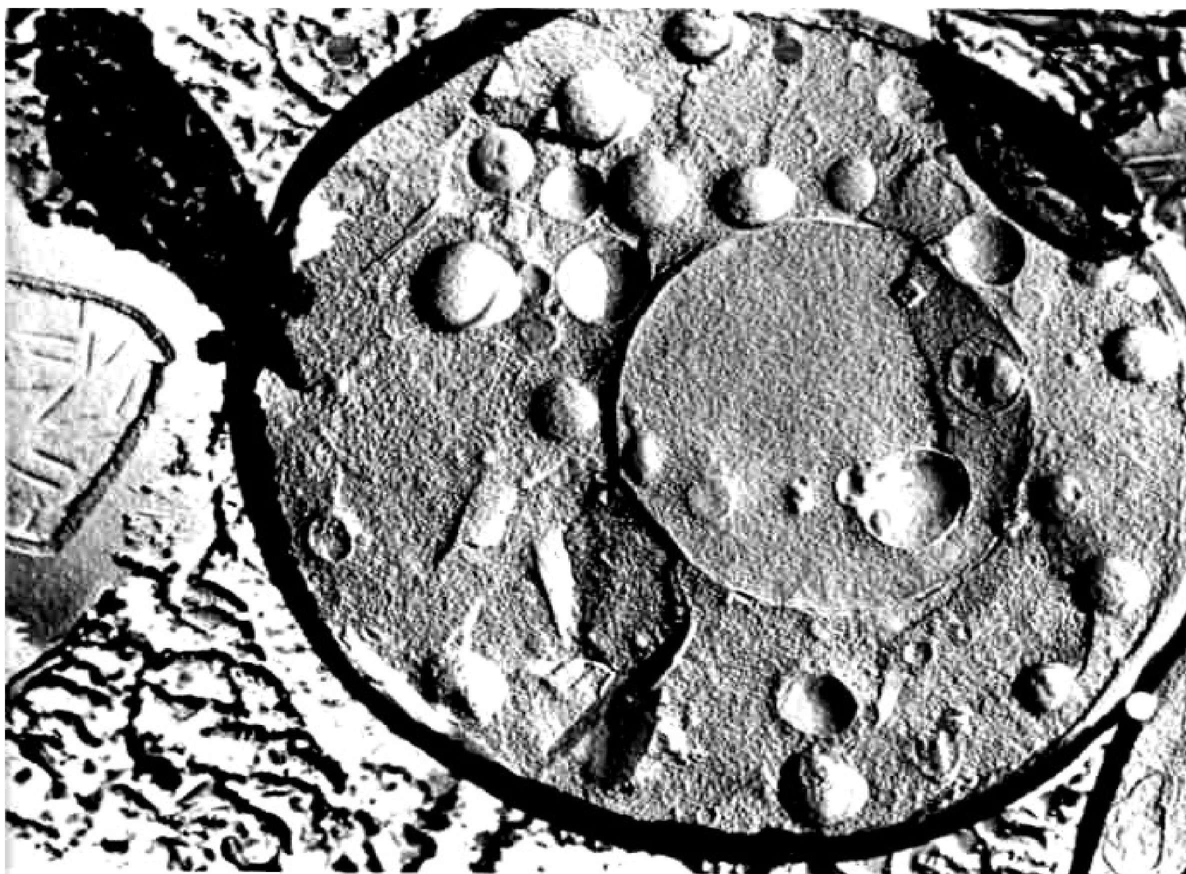
Synchaeta, forma de vida que se alimenta de bactérias; tamanho natural ampliado em 100 vezes.

Por via de regra, as mutações produzem efeito negativo; entre 20 milhões há somente uma de efeito positivo. Portanto, trata-se de uma loteria que oferece vantagem mais que vaga. Não obstante, a evolução biológica registra grande número de mutações positivas. Por acaso, todas elas devem ter tido decorrência favorável, pois afinal de contas deram origem às primeiras formas complicadas de vida.

Entre as primeiras dessas formas de vida, comprováveis em petrifica-ções, datando da Era Paleozóica, há os trilobites, classe extinta de artró-podes. Embora, antes deles, devessem ter existido incontáveis outras formas de vida, a sua existência já nem pode mais ser comprovada, pois seus vestígios foram obliterados pelos oceanos primitivos.



Corte transversal da célula, com seus principais componentes: 1) membrana celular; 2) citoplasma, líquido que enche a célula. O plasma celular envolve o núcleo da célula; 3) passagens para a célula vizinha; 4) núcleo celular; o posto de comando genético, com elevadíssimo teor de ADN, armazenando os dados informativos de grande importância para a hereditariedade. O ADN localiza-se nos cromossomos que, com a divisão celular, adquirem o aspecto de bastões curtos e grossos; 5) sistema de ramificação de dutos, pelos quais passa o plasma celular; 6) o chamado aparelho de Coli situa-se na célula, lá onde as substâncias estão sendo sintetizadas; 7) corpos nos quais se dá a respiração celular; são os fornecedores da energia para o funcionamento da célula.



Corte do núcleo celular; vista eletromicroscópica, da Universidade Politécnica Federal, Zurique, Suíça.

As muitas mutações positivas criaram, então, as diversas formas de vida, nelas incluídas também as mais complexas que já não se reproduzem mais pela divisão celular, mas sim pela fecundação. Com isso torna-se grotesca a tese de Darwin, postulando que a seqüência regular das gerações jamais sofreu solução de continuidade.
Porquê?
Porque cada espécie possui cromossomos em número e forma específicos e imutáveis.
As células germinativas humanas têm 46 cromossomos. Uma célula de óvulo maduro encerra 22 autossomos*, mais um cromossomo X ou Y, a saber: 2 x 22 = 44 autossomos, mais 2 cromossomos sexuais = 46 cromossomos contidos em cada célula do corpo. Durante a fecundação, 2 x 22 autossomos encontram-se com o 23º. par de cromossomos da célula feminina e masculina; os genes misturam-se e iniciam a divisão celular.
A exemplo do que acontece com o homem, a forma e o número de cromossomos são específicos para cada espécie.
São corriqueiras as mutações numéricas de cromossomos, por obra de "erros tipográficos" do ADN. De repente, uma célula constrói um cromossomo a mais. Somente na República Federal da Alemanha, contam-se anualmente 125.000 casos de tais mutações numéricas de cromossomos, que se calculam em uns 9% do total dos nascimentos registrados. Por via de regra, os portadores de cromossomos assim mudados não podem ter filhos, porque o seu número anômalo é repelido pela célula-ovo intata. (Destarte, ainda que alguém levasse a perversidade a tais extremos, nenhum ser humano poderia cruzar-se com um chimpanzé, não obstante ambos descenderem do mesmo tronco, porque os seus números de cromossomos, em absoluto, não combinam!).
Por outra, não seria de todo impossível que, dentre as muitas pessoas nascidas com número anômalo de cromossomos, por acaso se encontrassem dois indivíduos combinando, gerassem filhos e assim criassem uma nova espécie. Todavia tal espécie somente poderia reproduzir-se no seio dos portadores de "erros tipográficos". O camarada acaso talvez segurasse a vela; porém,

jamais poder-se-ia prever por quanto tempo as coisas se sairiam bem.



Desenho da ampliação, em 1.500 vezes o tamanho natural, de um cromossomo gigante, no qual são ativados os fatores genéticos.

Espécies novas não trazem apenas mutações numéricas de cromossomos; fica igualmente alterado o físico de cada espécie que, na reprodução, se serve dos seus órgãos genitais. Em um programa de TV ouvi falar que existem 20.000 espécies de aranhas... das quais nenhuma pode acasalar-se com a outra!
* Autossomo: cromossomo que, ao contrário do que acontece com os cromossomos sexuais, ocorre em pares, nas respectivas células de ambos os sexos.

FASES INTERMEDIÁRIAS

Como se explicam as fases intermediárias, representando a transição de uma espécie para a outra?
A esse respeito, o Prof. Wilder-Smith autorizou-me a citar o seguinte trecho do seu livro "PROCEDÊNCIA E FUTURO DO HOMEM":



Pexanema, mastigóforo, dotado de flagelo para a sua locomoção, representando uma fase intermediária entre animal e vegetal; tamanho natural ampliado em 300 vezes.

As fases intermediárias, criadas no decurso de uma evolução, para nenhum fim serviriam, por serem totalmente inúteis. Para tanto sirva de exemplo a estrutura complexa da baleia, projetada para amamentar a cria debaixo da água, sem no entanto afogá-la.

Seria impossível idealizar uma fase evolutiva intermediária, entre a constituição de uma mama comum e a da baleia, ultradesenvolvida e adaptada à amamentação debaixo da superfície da água. Das duas uma, ou ela existiu em sua forma completa e perfeitamente funcional, ou jamais existiu.

Supondo-se que um tal sistema possa evoluir aos poucos, em regime de mutação casual, então, ao longo dos milhares de anos de períodos evolutivos, toda cria de baleia estava condenada a morrer afogada. Negar o planejamento na pesquisa de tal sistema exige de nossa credulida-de muito mais do que exigiria a opção de acreditar em um genial construtor de mamas, o qual, além do mais, deveria possuir bons conhecimentos de hidráulica.

Um dos mais recentes ensinamentos prega que, originariamente, a baleia, como mamífero, teria vivido em terra firme e somente mais tarde teria entrado na água. Não tenho meios para julgar essa idéia como aceitável ou não, porém estou vendo que ela em nada influi na opinião do Prof. Wilder-Smith. Pelo contrário! Atribui-se ao mamífero uma mudança mais que temerária do seu domicílio, que teve a sua cria em terra firme e, de repente — dotado de suas mamas funcionais — entra no oceano, para então ali amamentá-la. Fantástico!

Hoje em dia, estima-se em cerca de três milhões o número das espécies de seres vivos sobre a face da Terra. Primitivamente, nenhuma delas apresentava as características que apresenta agora. Logo, ao passar por muitas fases intermediárias, adquiriu a sua forma atual. Esta seqüência evolutiva vale também para o reino vegetal.

Atribuindo-se a cada espécie animal e vegetal que povoa o nosso meio ambiente uma só

mutação bem sucedida, em uma chance de 20 milhões, conforme estimada pela estatística, então, ao longo de várias centenas de milhões de anos, a Mãe-natureza teria realizado o feito verdadeiramente único de tirar o grande prêmio em seqüência ininterrupta, jogando na série de 1:2.000.000! Aquilo em que querem fazer-nos "crer" é algo totalmente fora do comum.
Outrossim, dizem que no oceano primitivo, águas-vivas e pólipos mul-típedes teriam evoluído para diversas formas de vermes, sanguessugas e, enfim, caranguejos, aranhas e uma infinidade de insetos. Certas espécies de vermes teriam sido os ancestrais dos primeiros vertebrados. E tudo isto é promulgado com a pressuposição tácita de mutações casualmente positivas e a admissão de fases intermediárias que "para nenhum fim serviriam". Quem teria sido o par do primeiro caranguejo, saído da grande loteria organizada pelo acaso? Seria lícito supor que na vizinhança imediata desse primeiro caranguejo "casual", de pronto se encontrassem outros caranguejos, membros da mesma família e, portanto elegíveis para o acasalamento? O abecedário da reprodução reza que somente um par pode reproduzir-se. Assim sendo, uma criação qualquer de caranguejos de nada teria adiantado, pois para procriarem, precisavam ser machos e fêmeas, de espécies combinando.
Projetos de construção Segundo uma importante teoria vigente, os primeiros "projetos de construção" das mais remotas fases evolutivas do homem recuam no tempo até os dias do peixe ossificado, o peixe de cartilagem, com um esqueleto em grande parte ósseo. Em qualquer época, mas na hora, de maneira repentina, a sua estrutura foi redesenhada, permitindo às suas bexigas na-tatórias aspirarem o oxigênio não somente da água, mas também do ar.
Com isso criou-se o pulmão. É algo esquisito o modo de como se conta este caso, procurando explicá-lo:
Era pequeno o passo que levou desses peixes com barbatanas em forma de borla, que respiravam por brânquias e saíram da água, para os primeiros anfíbios, ainda desprovidos da cauda do peixe, mas cujas barbatanas já estavam transformadas em extremidades legítimas. O que foi que fez o nosso feio ancestral, em toda aquela sua solidão sem-fim? Qual era o número de cromossomos em suas células? Onde encontraria ele o seu par? Sem dúvida, ele deve ter sentido o instinto primário da reprodução, pois do contrário a sua espécie teria desaparecido mesmo antes de firmar-se nesta Terra. Por outra, os ovos tiveram de ser fecundados antes da desova, garantindo a continuidade da espécie; quem se teria encarregado desta difícil tarefa?

SALTOS OLÍMPICOS, DADOS PELA EVOLUÇÃO

A saltos enormes, o peixe de cartilagem evoluiu para o anfíbio, o anfíbio para o réptil, o réptil para o mamífero, e assim por diante. Os primeiros anfíbios ainda nem eram legítimos habitantes do continente, pois para a desova voltavam ao seu elemento primitivo, a água. Aliás, não se deve subestimar aqueles anfíbios, pois uns 230 a 205 milhões de anos atrás resolveram evoluir para répteis e, daí em diante, depositar seus ovos em terra firme, seca. O último anfíbio — ou o primeiro réptil — desta linha evolutiva foi um ser minúsculo chamado pelo bonito nome de Seymouria, e que representou a forma intermediária, a transição do anfíbio para o réptil.
Desde então, o réptil não pôde mais acasalar-se com o anfíbio, dentro da água, mas dependeu de espécimes do seu próprio gênero que — custa acreditar — existiam em grande abundância e em toda parte, no continente; era só escolher.
É com prazer que acompanho aquela linha biológica que, no decorrer de épocas geológicas passadas, fez surgir novas espécies, por força de mutações. Sem tocar nas pesquisas da Paleontologia, quero apenas frisar as condições extremamente difíceis, sob as quais cada novo ser vivo teve de perpetuar a sua espécie.
No desenrolar da história da evolução biológica, uns 200 milhões de anos atrás, os sáurios surgiram pela primeira vez. Houve centenas de espécies; monstros carnívoros de 12 m de comprimento, como o foram os espinossauros do Egito, os plesiossauros, de cabeça pequena, cauda curta, exímios nadadores e que usavam suas barbatanas à guisa de remo de pá larga, os centrurossauros, munidos de couraça de escamas e espinhos, e ainda alguns sáurios fluviais. Ao longo de 140 milhões de anos, os sáurios dominaram nas regiões habitadas do nosso planeta.



Embora as centenas de espécies de sáurios fossem, todas elas, descendentes de um só tronco familial, não podiam acasalar-se uma com a outra. Tal acasalamento era impossível, tão-somente devido às várias dimensões daqueles animais primitivos. De que jeito um monstro de 30 m de comprimento pesando 100 t e medindo 12 m de altura, até os ombros, o braquissauro, poderia ter travado relações amorosas com o minúsculo Compsognatus, o lagarto de apenas 35 cm de comprimento? Não, nada disto, cada espécie ficou com sua própria espécie.

Tentou-se uma explicação para esse fenômeno, por meio das mais variadas teorias. L. B. Halstead reuniu as seguintes teses para, de repente, condená-las. Em fins da época dos sáurios teriam surgido mamíferos, inteligentes demais para os dinossauros, porém — diz Halstead — aqueles mamíferos antes se pareceram com ratos e ouriços, portanto nem tiveram condições para se constituir em perigo para os sáurios.

Outra tese, supostamente popular, diz que a extinção dos dinossauros se relacionaria com o surgimento de uma nova planta florida. Antes do aparecimento dessa planta, os sáurios ter-se-iam alimentado, de preferência, de coníferas e diversas espécies de samambaias, contendo óleos que facilitavam a digestão. Com a mudança do regime alimentar, os sáurios começaram a sofrer de constipação. Após o desaparecimento dos sáurios herbívoros, tampouco os carnívoros encontraram alimento e ficaram igualmente condenados à extinção. Todavia, segundo Halstead, essa teoria ficaria desmentida pelo fato de alguns grupos de sáurios se terem adaptado ao "moderno" vegetal alimentício e sobrevivido muito bem, por longo tempo.

Outra especulação supõe que uma doença, provocada por hormônios, fez com que a casca dos ovos dos dinossauros ficasse grossa a ponto de, dentro dela, o embrião ficar asfixiado, sem possibilidades de quebrá-la.

Ainda outra versão mais especula com o aparecimento de animais que comeram todos os ovos dos dinossauros.

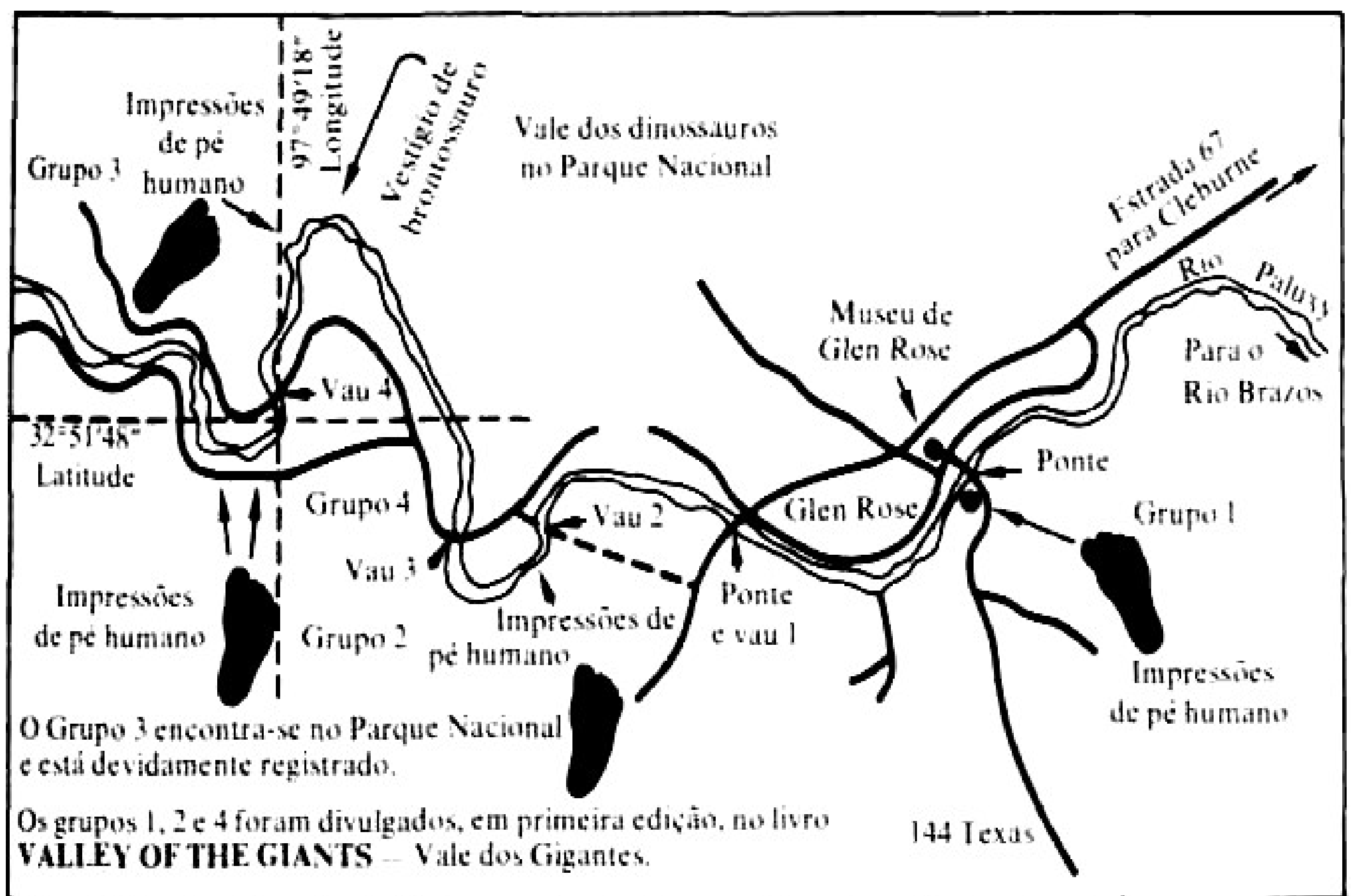
Mesmo supondo que uma ou outra teoria pudesse esclarecer a repentina extinção dos sáurios — escreveu Halstead — ainda continuaria sem explicação o desaparecimento de outros animais que, junto com os sáurios, sumiram da face da Terra. Ultimamente cogitou-se do fenômeno das acomodações continentais; o movimento das massas continentais, iniciado no Período Jurássico, acelerou-se no subseqüente Cretáceo, até a sua separação definitiva; o fundo oceânico ter-se-ia levantado, fazendo subir o nível dos mares; ulteriormente, o clima teria mudado para tempestuoso, a ponto de os pterossauros, de delicada estrutura óssea, não mais se agüentarem. (Entre parênteses: umas poucas espécies, apenas, eram de delicada estrutura óssea e os sáurios monstruosos bem poderiam ter agüentado até uma mudança brusca do clima para o pior!) Contra essa última teoria, Halstead alega que as rochas, datando do período em questão, não revelam nenhum vestígio de uma generalizada mudança de clima.

A esta altura, tenho a impressão de estarem sussurrando ao meu ouvido: Será que essas excursões se relacionariam com a doutrina padrão de seleção? Ou até com os extraterrestres? Sim, senhores, relacionam-se, e muito. Lembro que, certa vez, um dos meus críticos me

censurou, dizendo: Tudo aquilo de que o Sr. von Däniken nada entende, ele deixa por conta dos seus deuses, que têm costas largas! Está bem. Aí somente me resta revidar, respondendo: Tudo aquilo que no âmbito da doutrina de seleção possa ser provado como impossível, fica por conta dos acasos, registrados ao longo dos bilhões de anos que se passaram. Ao que parece, aqueles acasos eram os verdadeiros "mestres-construtores" de nossa vida.
Na época da grande extinção dos sáurios havia uns poucos mamíferos e, segundo a teoria de Darwin, o homem, garantidamente, ainda não existia.
Diz Halstead: Homem algum jamais avistou um sáurio vivo, porque naquela época a família humana ainda nem existia.

GIGANTES BASTANTE INCÔMODOS

Errar é humano e não é vergonhoso cometer um engano. Neste ponto, L. B. Halstead está enganado!
Fatos contra teorias!
Contra esta "doutrina", inspirada por Darwin, podem ser enunciados fatos que, normalmente, costumam ser ignorados, pois bem poderiam fazer estremecer em seus alicerces uma teoria mimada e cultivada. Trata-se, literalmente, de fatos duros.
No leito do Rio Paluxy, perto de Glen Rose, Texas, EUA, foram descobertas impressões distintas e perfeitamente conservadas de patas de dinossauros. Os geólogos concordaram em que o leito desse rio data do Período Cretáceo, em fins da Era Mesozóica. Foi há 140 milhões de anos.



Na mesma camada geológica, bem ao lado da impressão deixada pela pata do dinossauro, havia outra, proveniente de um pé humano! Parece até que o homem teria perseguido o dinossauro. Sem dúvida, aquele ser humano avistara um dinossauro vivo!
Este aparecimento simultâneo do homem, mais o dinossauro, não cabe na teoria de Darwin.

Todavia, como a teoria de seleção opera com seus acasos, repetidos por bilhões de vezes, também o achado dessas impressões poderia ser considerado como um acaso, e engraçado até, se fosse o único existente. Porém não o é.

Acontece que o Dr. C. N. Dougherty comprovou, de maneira incontestável que, no "Vale dos Gigantes", no Texas, há centenas de vestígios de patas de dinossauros, das mais variadas espécies; ao lado e entre esses vestígios sempre aparecem as marcas de gigantescos pés humanos. Eu estive lá e vi, com meus próprios olhos, esta extraordinária descoberta paleontológica. As fotos ilustrando este texto são documentos inequívocos.

Logo, no Rio Paluxy, geólogos e paleontólogos verificaram, unanimemente, que as camadas do seu leito, trazendo as impressões em questão, têm a idade de 140 milhões de anos. Essas marcas, nitidamente perfiladas, até possibilitaram "prognosticar" os prováveis locais de mais outros vestígios da passagem de sáurios e seres humanos. Até pôde ser determinada a direção na qual correu o sáurio, com o ser humano gigante em seu encalço. Usando do máximo cuidado, as diversas camadas do leito seco do rio foram separadas e retiradas. No ponto visado, o sáurio afundou sua pata no chão e lá, onde se julgou que estivesse, na mesma direção, uns 30 m distante, estava a marca do pé humano.

Documento de natureza geológico-fóssil, da época em que o homem e o dinossauro andaram lado a lado.



Claro, fatos como esses não devem, por nada, pôr em perigo uma teoria vigente e, a título de precaução, tais achados estão sendo declarados como falsificações. Falei a respeito com um paleontólogo, que trabalhou perto de Glen Rose; o nosso diálogo foi o seguinte:

P— Como você explica essas impressões?

R— Há uma só explicação, a saber: a marca deixada pela pata do sáu- rio ou a impressão do pé humano devem ter sido falsificadas. P— Por aí há centenas dessas impressões de patas de sáurios, das mais diversas espécies. Os habitantes mais idosos de Glen Rose e Wal-nut Springs conhecem-nas, desde os tempos dos seus avós, como conhecem, igualmente, as marcas deixadas por pés humanos, chamados pelo povo local de "pé de gigante". Tomou-se o máximo cuidado ao retirar as camadas intatas, a fim de desenterrar as impressões do pé. A quem poderia ter interessado falsificá-las? De que maneira alguém poderia ter imprimido tais marcas em camadas tão antigas do solo? Não seria o caso de a gente simplificar demais as coisas, falando em falsificações?

Se você tivesse a mais leve noção da teoria de seleção e dos métodos da datação por achados fósseis, deveria admitir que se trata de falsificações.



Tradição fóssil: À esquerda, impressão de sáurio (Dino tracks)e, à direita, vestígio de um pé de gigante (Man track), encontrados em uma mesma camada geológica.

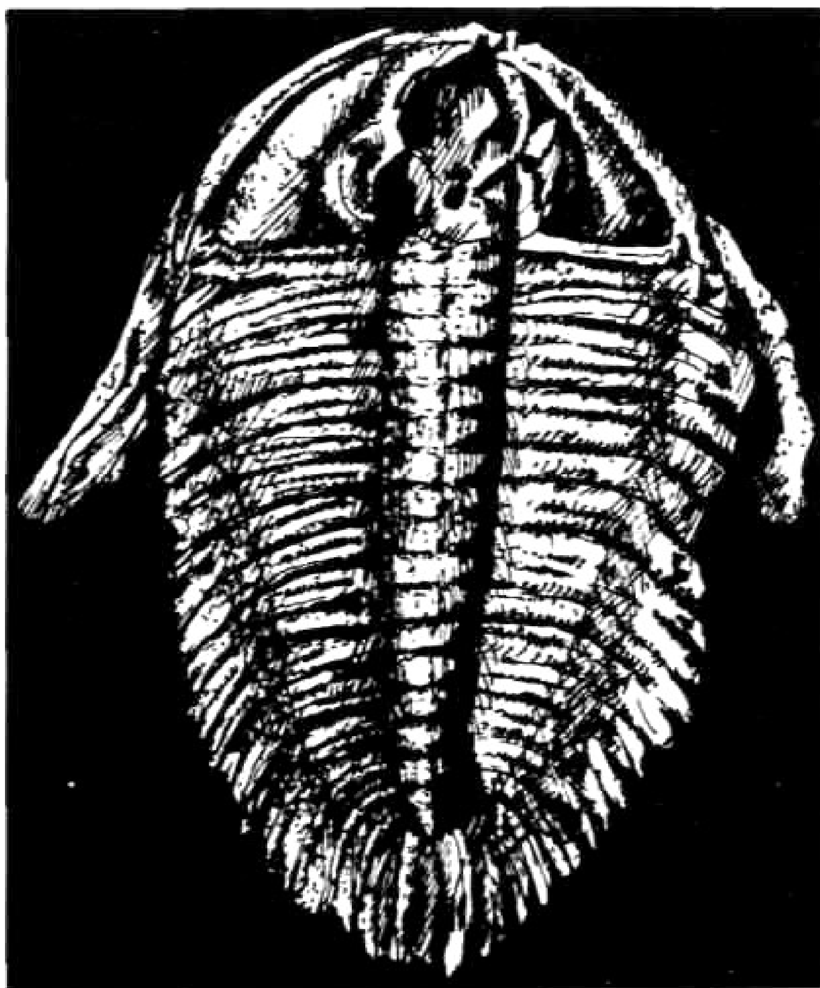
O nosso sábio esforçado — aliás, por que trabalha ainda ali, quando sabe que só encontrará falsificações? — inalou perfeitamente o seu Darwin, pois também o método da datação por achados fósseis, que para ele tem o efeito de um sal aromático, evoluiu essencialmente sob a pressão da teoria de seleção. Esse método admite que as mais antigas camadas nada podem conter além de organismos primitivos. Aliás, isto é "lógico", porque nas antiqüíssimas formações geológicas (como ali, datando de 140 milhões de anos atrás) não deve ter havido formas de vida mais complexas. Esse método de datação por fósseis postula que as camadas mais antigas encerram, exclusivamente, formas primitivas de vida. Será?
Dou a palavra ao especialista, Prof. Wilder-Smith: A rigor, postulamos o acerto da teoria de evolução para pôr à prova o acerto da teoria de evolução, pois, segundo o darwinismo, supomos que as formações mais antigas encerram tão-somente organismos primitivos. Porque não pode ser o que não deve ser!
Quando, então, achamos formações contendo somente organismos primitivos, afirmamos que são antigas. A argumentação perfaz um círculo vicioso; somente as camadas mais antigas encerram organismos primitivos, logo, quando uma formação contém, exclusivamente, organismos primitivos, é considerada como antiga e primitiva. Mesmo assim, esse método de datação (fósseis de orientação) tornou-se um dos mais importantes da moderna Geologia. A convicção de o darwinismo ser cientificamente inexpugnável tornou-se absoluta, a ponto de o usarmos sem qualquer receio para pôr à prova o acerto do darwinismo.



No vale do Rio Paluxy foram encontrados e registrados, por diversas vezes, os vestígios de pés de gigantes, ao lado dos de patas de dinossauros. Esses achados foram divulgados, pela primeira vez, em 1971, pelo Dr. C. N. Dougherty, em sua documentação VALLEY OF THE GIANTS (Vale dos Gigantes).

O Prof. Wilder-Smith pode apresentar mais de 500 objetos que, empi-ricamente, comprovam a sua tese segundo a qual é possível encontrar em camadas geológicas mais recentes formas de vida não evoluídas — enquanto que camadas bem mais antigas encerram formas de vida de evolução avançada. Isto não surpreende, em absoluto, lembrando que, no decorrer do crescimento geológico da Terra, até o dia de hoje, freqüentemente houve justaposição ou interceptação de camadas. O que surpreende é a tentativa de comprovar o acerto do darwinismo com base nesses fósseis de orientação.
Vestígios duros como pedra A região do Rio Paluxy não é a ünica por onde passaram, sem a devida licença, seres humanos dos tempos primitivos. Já em 1931, o Dr. Wilbur G. Burroughs, do Departamento de Geologia do Colégio Berea, no Kentucky, E.U.A., relatou achados de marcas de pés humanos, deixadas no solo há mais de 250 milhões de anos. Ele encontrou dez daquelas marcas a algumas milhas ao nordeste de Mount Vernon. No entanto, 250 milhões de anos atrás, não havia nem dinossauros nem mamíferos. Mesmo que possa parecer supérfluo, considero-o obrigação do cronista mencionar que, também nesse caso, logo se cogitou de falsificações.
Aqueles sempre prontos a espalhar rumores de falsificação decerto devem pensar que, em toda parte, ao redor do globo, há bandos de pobres coitados que, na calada da noite, se empenham com muito zelo, ferramentas especiais e saquinhos de "antigas" camadas de solo, imprimindo marcas de pé no chão. Contudo, também no Mount Vernon esta estória deixou de pegar. Os exames microscópicos feitos por Burroughs revelaram nitidamente que lá onde a planta do pé costuma exercer pressão mais forte grãos de areia estavam comprimidos em número maior do que o estavam entre os dedos ou a arcada do pé. As impressões mostrando os cinco dedos corresponderam perfeitamente a pés humanos, de 23,75 cm de comprimento e 10,25 cm de

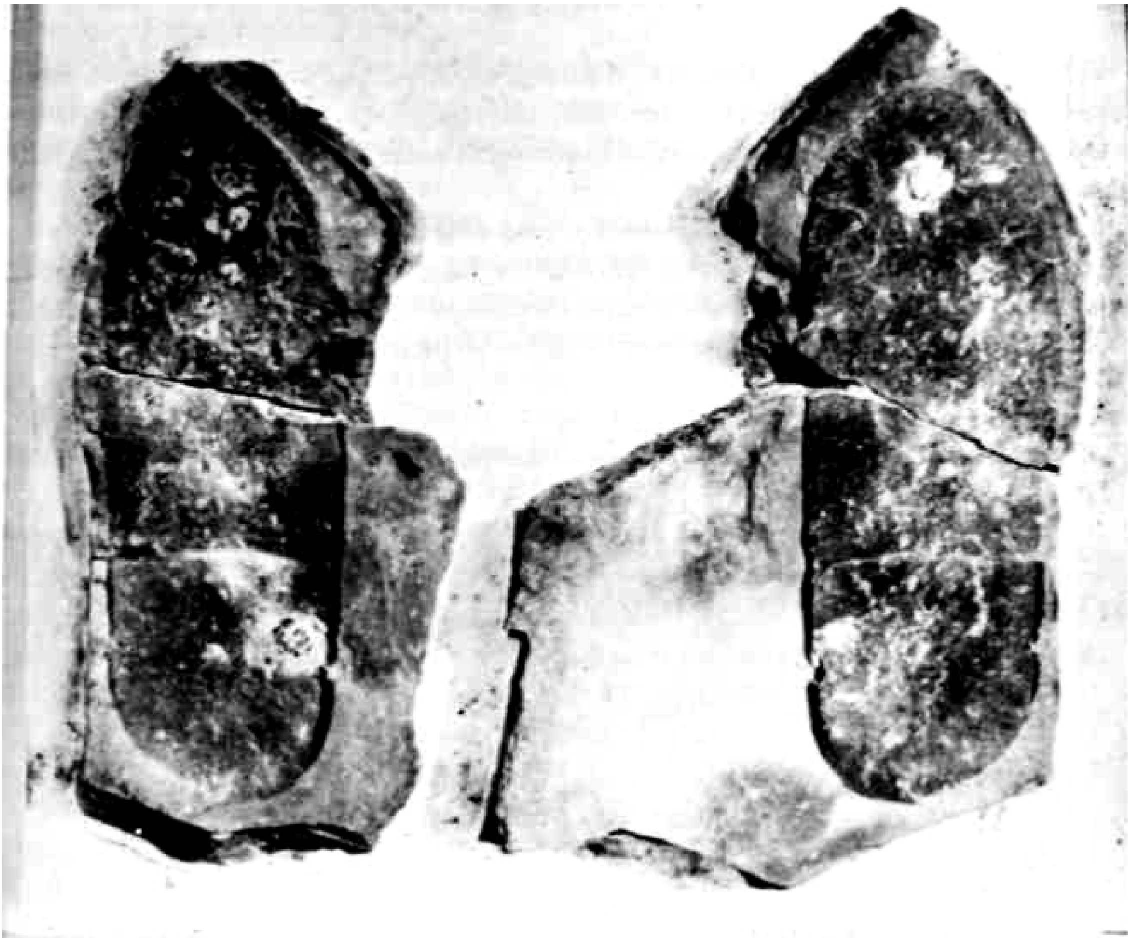
largura. Inequivocamente, os seres, donos daqueles pés, eram bípedes, de porte ereto. E mesmo arriscando que Charles Darwin chegue a virar-se no seu túmulo, cumpre fazer constar que tais marcas não foram encontradas somente agora! No seu quinto ano de circulação, em 1822, o American Journal of Science, de renome perenemente igual, informou que no vale do Mississípi, perto do Arizona e do Novo México, em antigas formações cretáceas, foram escavadas impressões de pé que, por seu tamanho, permitiram concluir pela estatura extraordinariamente grande das respectivas pessoas. Caso, em qualquer época, os nossos antepassados tenham descido das árvores, deveriam ter sido práticos nesses exercícios em tempos bem precoces.
Quando William Meister fez o seu achado o romance policial darwiniano-paleontológico está a ponto de ser desfeito em sua trama ultratransparente.
Louvados sejam os amadores, os "de fora", que se dedicam a seu passatempo com zelo e ardor. William J. Meister é um desses homens. Ele coleciona petrificações; sente imensa atração por fósseis de trilobites, a classe extinta de artrópodes que viveram 500 milhões de anos atrás nos oceanos primitivos e nos pântanos. Sua extinção deu-se no mínimo 440 milhões de anos atrás; atualmente são troféus de caça, ambicionadíssimos pelo Sr. Meister.
Em 3 de junho de 1968, William Meister com a mulher e duas filhas, em companhia do casal Francis Shape e filhas, passou uma temporada na região de Antelope Springs, a 43 milhas de Delta, no Estado de Utah, EUA Munido de um marteiinho, William Meister saiu em busca dos "seus" fósseis. Todavia, naquele dia, as filhas foram melhor sucedidas que o pai, a quem chamaram com toda a força de seus pulmões, quando pensaram ter avistado uma petrificação, encravada em uma rocha. À primeira vista, Meister nada distinguiu. Mais para contentar as moças, ele começou a martelar no local que lhe haviam indicado; aí, de repente, uma camada rochosa desprendeu-se, como uma página em "um livro aberto". Quando Meister, colecionador experimentado, estava com o pedaço de rocha na mão, começou a duvidar de suas faculdades mentais, pois diante dos seus olhos estavam as marcas de um pé humano e, por cúmulo, o homem pré-histórico que as imprimiu no solo usava sapatos! Ali não havia calcanhar, nem dedos, nem arcada do pé, mas, em vez disso, nítidos contornos de sapatos terminando em ponta e medindo 32,5 cm de comprimento, 11,25 cm de largura e 7,5 cm no calcanhar. A exemplo do que se observa com toda impressão de uma planta de pé, o peso do corpo ficou fielmente marcado no solo, pois nos calcanhares a depressão era mais funda do que nas pontas do pé.



Trilobites, classe extinta de artrópodes que viveram somente em toda a Era Paleozóica, quando de preferência povoaram as regiões costeiras ao longo dos oceanos e os largos vales fluviais. Os trilobites são considerados como "fósseis de orientação".

Mesmo que até aquela hora, impressões de sapatos não faziam parte do sortimento do colecionador, Meister matou dois coelhos com uma só cajadada, pois o calcanhar do pé esquerdo esmagara um trilobite, cujos restos mortais ficaram petrificados, junto com a marca do pé. E, sem dúvida, Meister entendia de trilobites.

Ele levou seu achado para o Prof. Melvin A. Cook da Universidade de Utah, o qual lhe recomendou que procurasse um geólogo, comentando: "Não sou autoridade em matéria de fósseis; porém, este achado fala por si só". Por meu amigo Brad Steiger eu soube que, desde 1968, esse achado milagroso já foi examinado por muitos cientistas, mas, até agora, nenhum deles se animou a arriscar um comentário conciso a respeito; todavia, os geólogos prontificaram-se a datar o achado fóssil, inequivocamente, do Período Cambriano. Aliás, em data posterior, mais duas outras impressões de pé foram encontradas perto de Antelope Springs; no entanto, ali, o pedestre pré-histórico não esmagou nenhum trilobite.



Perto de Antelope Springs, EUA, W. J. Meister descobriu esses vestígios de pés, calçando sapatos, em uma camada de terra de 500 milhões de anos.

Esta espécie de provas, duras como pedra, não cabe, de jeito algum, na cartilha dos ensinamentos proclamados como sagrados e genuínos. Receio que a teoria de Darwin — vez após vez, "comprovada" com base em si própria — espalhou a cegueira profissional entre gerações de paleontólogos e antropólogos. Os achados fósseis ficam muito acima da categoria de meros indícios. Existem; a gente pode pegar neles, colocá-los sob o microscópio e testá-los com todas as misturas químicas disponíveis. São fatos puros e duros aqueles achados, que se colocam sobre a mesa, de maneira a não poderem passar por despercebidos.
Quem poderá dizer-me quais os seres fantasmas que ali deixaram suas marcas de pé no chão? Decerto seria um expediente cômodo recorrer a fantasmas, se pudessem entrar em sintonia com o esquema oficial. Contudo, pelo que eu saiba, os fantasmas não costumam deixar impressões dos seus pés, quando desaparecem. Quem foi, então, que 140 milhões de anos atrás, andou passeando entre as impressões das patas dos dinossauros?
Quem era o dono do sapato que esmagou um trilobite, há 440 milhões (!) de anos?
Visto que, comprovadamente, naqueles tempos remotíssimos não havia seres humanos, então devem ter sido outros seres, parecidos com os humanos, a eternizar-se, deixando a marca dos seus pés no chão. Qual o jeito para chegar até aqueles seres?
Como direi a minha filha: quem foi que 400 milhões de anos atrás, contados pelo calendário terrestre, andou na face da Terra, sobre pés iguais aos do homem? Eram "deuses" que depois, ao profeta Ezequiel, mocinho na época, deram o bom conselho: "Quem tiver olhos para ver, verá!"
Sandálias, feitas em linha de montagem Andrew Thomas fala o seguinte a respeito de um achado sensacional, de data mais recente:
Na caverna de Lamos, no Oeste do Estado de Nevada, EUA, o Prof. Luther S. Cressman, da Universidade de Oregon, deparou com 200 pares de sandálias tecidas de fibra. Essas sandálias revelaram trabalho artesanal de tão alta categoria que poderiam passar por modernas sandálias

de praia, conforme usadas em St. Tropez ou Miami. Um teste com o método C-14 deu a sua idade como passando dos 9.000 anos.
No entanto, essas sandálias ainda são de data recente, comparadas com a marca deixada por um sapato, encontrada no Fisher Canyon, no Condado de Pershing, também em Nevada. A impressão da sola é nítida, a ponto de até tornar visível os restos de um fio forte. A idade dessa marca foi avaliada em 15 milhões de anos.
Outrossim, o homem surgiu somente depois de mais outros 14 milhões de anos; isto é, segundo a opinião geral vigente o homem primitivo apareceu há uns dois milhões de anos, e há apenas 25.000 anos começou a calçar sapatos. Quem, então, deixou esta marca de pé no solo?
Vou responder a pergunta levantada por Andrew Thomas; porém, antes gostaria de fazer desfilar mais outras marcas de pé, junto com os respectivos esqueletos, que deveriam ter pertencido àqueles gigantes pré-históricos, cuja existência em eras remotíssimas está sendo categoricamente negada pelos antropólogos. Contudo, também estes ossos são duros de roer, quando apresentados a título de provas fatuais.
Em 1936, o antropólogo alemão Larson Kohl encontrou ossos de um ser humano gigantesco nas margens do Lago Elyasi, na África Central.
Entre 1937 e 1941, os alemães Gustav von Kónigswald (1902-), paleontólogo, e Franz Weidenreich (1873-1948), antropólogo, catedrático este em Pequim durante muitos anos, encontraram vários ossos de homens gigantes em farmácias de Hong Kong. Farmácias são por certo sítios arqueológicos fora de série, mas é preciso saber que as farmácias chinesas costumam misturar remédios, cujos ingredientes compreendem ossos velhos, dentes, pele seca e outros. Portanto, para lá o povo leva toda sorte de material utilizável, pouco importa onde tivesse sido achado. Em 1944, o Prof. Weidenreich fez o seu relato sobre ossos de gigantes, perante a American Ethnologicai Society.
Em data recente, o arqueólogo australiano Dr. Rex Gilroy, diretor do Mount York Natural History Museum, em Mount Victoria, encontrou impressões fósseis de pés de gigantes; ninguém duvida da "autenticidade" dessas impressões.
A seis quilômetros de Safita, Síria, arqueólogos escavaram cunhas pesando 3,8 kg. São igualmente respeitáveis as cunhas encontradas em Ain Fritissa, no leste marroquino, medindo 32 cm de comprimento, 22 cm de largura e pesando 4,2 kg cada. Calculou-se que as pessoas manipulando aquelas cunhas devem ter tido a altura nada desprezível de 4 m, no mínimo. Outrossim, os achados de esqueletos de gigantes, em Java, no Sul da China e no Sul da África (Transvaal), colocam-se como pontos de interrogação na litetatura especializada.



Na Austrália, esses vestígios fósseis de um pé gigante foram encontrados pelo Dr. Rex Gilroy, diretor do "Mount York Natural History Museum".

Weidenreich" e o Prof. Denis Saurat, ambos obedecendo a linha de boa conduta científica, publicaram em suas obras os resultados de suas pesquisas sobre a existência, outrora, de gigantes. Qualquer dúvida a respeito desses estudos aprofundados não seria apenas injusta, mas imprópria. Com base em tais documentos, o Dr. Louis Burkhalter, ex-delegado francês da Sociedade de Pré-História, escreveu, em 1950, na Reme du Musée de Beyrouth:
Queremos deixar claro que a existência de seres humanos gigantescos, na época acheuliana deve ser considerada como um fato cientificamente garantido.
É curioso e notável o detalhe de o modelo darwiniano e antropológico da história primitiva da humanidade não reservar nenhum lugar para os gigantes. Qual seria o truque deselegante com o qual, a longo prazo, se procurará dar sumiço aos achados fósseis de marcas de pé, de tamanho gigante, a ossos superdimensionados, em comparação com o esqueleto do homem hodierno, bem como a ferramentas que jamais poderiam ter sido manejadas por pessoas de estatura normal?
Por outra, esses achados fatuais apenas vieram "reabilitar" aquilo que os mitos contam e que continua sendo posto em dúvida. Enoque afirma que os deuses teriam engendrado toda uma geração de gigantes. Os apócrifos de Baruque até indicam o número dos gigantes existentes antes do dilúvio; eram 4.090.000. A Epopéia de Gilgamés, bem como o Popol Vuh, falam em gigantes. Em alguns trechos da Bíblia aparece toda uma assembléia de gigantes. Até os esquimós contam em seus mitos: "Naqueles dias havia gigantes sobre a Terra". Mitos nórdicos, germânicos, gregos, sumerianos — só para mencionar alguns — sempre falam em gigantes. Por que se fala tanto em existências materiais, se jamais tivessem existido?
Eram pobres diabos, os mamelucos, escravos de ascendência turca. No século XII, prestaram serviço militar compulsório no Egito e na Síria. Quando abriam a boca, arriscavam suas cabeças. Era uma "luta contra o dragão", mas apesar disso, o grande poeta alemão Friedrich von Schiller deles falou:
Coragem, mostra também o mameluco, a obediência é o ornato do cristão.
Não obstante a liberdade do ensino, não encontro nenhum mameluco entre os paleontólogos. Por que nenhum deles se arrisca a confirmar a autenticidade dos achados? Por que a

confirmação de um só caso faria ruir todo o edifício da Paleontologia, junto com a teoria darwiniana? Por que já se gastou todo o seu latim? Espero pela chegada de um mameluco ou, por outra, de um cristão desobediente.
Qual o caminho que levaria da escuridão para a luz, a fim de esclarecer os fatos?
Contam os mitos como os deuses criaram humanos e animais, inauguraram a criação terrestre e depois aniquilaram as suas criaturas, quando a evolução enveredou por rumos diversos dos pré-traçados. E até falam que os deuses teriam voltado, para controlar a sua obra.
Nesta altura, indícios, cientificamente motivados, permitem a conclusão de que os extraterrestres tornaram a Terra habitável, a exemplo de como hoje em dia teoricamente já seria viável colonizar o planeta Vênus, semeando algas azuis em sua atmosfera (Carl Sagan). — Segundo um planejamento dirigido, os extraterrestres semearam no cosmo germes de vida (Crick/Orgel), cuja evolução biológica acompanharam atentamente, ao longo de milhões de anos. Se, enfim, a Paleontologia apenas resolvesse tomar conhecimento dos efeitos da dilatação do tempo e, com isso, sacudisse a poeira acumulada nos últimos 150 anos, muita cabeça douta deixaria de balançar, para expressar a sua incompreensão. Em última análise, é tão simples aquilo que é para ser compreendido: O tempo pode ser manipulado por meio de aceleração! O tempo não é uma grandeza constante!

ACASO — NÃO ESTÁ EM DEMANDA

Os extraterrestres não atribuíram importância alguma às especulações com o grande incógnito, o acaso. Eles queriam garantir-se. Trabalharam segundo um plano preestabelecido. Não esperavam pela decorrência de evoluções, condicionadas pelo acaso, mas antes criaram a vida e as espécies, segundo o seu próprio esquema. Quando uma espécie indesejável ameaçou dominar na Terra, pôr em perigo outras vidas ou impedir o seu desenvolvimento, então aniquilaram a espécie em questão. Hoje em dia sabemos que, de um só golpe, a infecção com um vírus, portador de doenças contagiosas no homem, no animal, nas plantas e bactérias, poderia ter exterminado todas as espécies de sáurios. Seria esta a solução do desaparecimento súbito de todos aqueles animais primitivos? Em todo caso, com esta sugestão ofereço algo mais do que com a costumeira e tradicional resposta: "Não se sabe como foi". Ao levantar esta pergunta temerária, ainda estou bastante jovem, com meus 41 anos, para esperar que enfim chegue o dia, em que novidades incômodas entrarão nas cogitações oficiais, visando à solução do grande enigma.
O meu modelo de pensamento, admitindo a colaboração de extraterrestres no drama da Criação, dispensa os bilhões de anos de evolução, repletos de acasos, em cada uma das fases evolutivas.
Como pode ser tomado por certeza o que, pelo estado das coisas, deve ser teoria? E, sem dúvida, deverá continuar a sê-lo, pois, em nenhum teste de laboratório, a ser realizado em todo o mundo, jamais poderá ser "comprovada" uma evolução biológica, à moda de Darwin. O processo nem pode ser reconstruído, por falta de tempo para registrar as decorrências com todos os seus acasos imponderáveis, mesmo se centenas de gerações de pesquisadores se organizassem em estafetas, sem solução de continuidade, encarregadas de transmitir os resultados de suas pesquisas até uma fase X. O grande jogo com o acaso teria prosseguido durante bilhões de anos...
Diz-se que os trilobites viveram há 500 milhões de anos; 140 milhões de anos atrás havia os dinossauros. Ambas essas afirmações não passam de deduções arrojadas, feitas com base em achados fósseis em camadas geológicas. No entanto, são meras pressuposições da época da origem daquelas camadas, cuja exatidão praticamente foge a todo exame e controle. As acomodações estruturais das camadas geológicas, as rupturas continentais, com mudanças radicais, catástrofes de ordem climática, permitem apenas estimativas vagas e aproximadas, com ampla margem de erro. A serpente morde a sua própria cauda: a datação de camadas geológicas baseia-se na datação dos fósseis de orientação — e a datação dos seres vivos conservados nos fósseis, depende de datações geológicas. Uma mão lava a outra, mas nenhuma delas fica limpa.

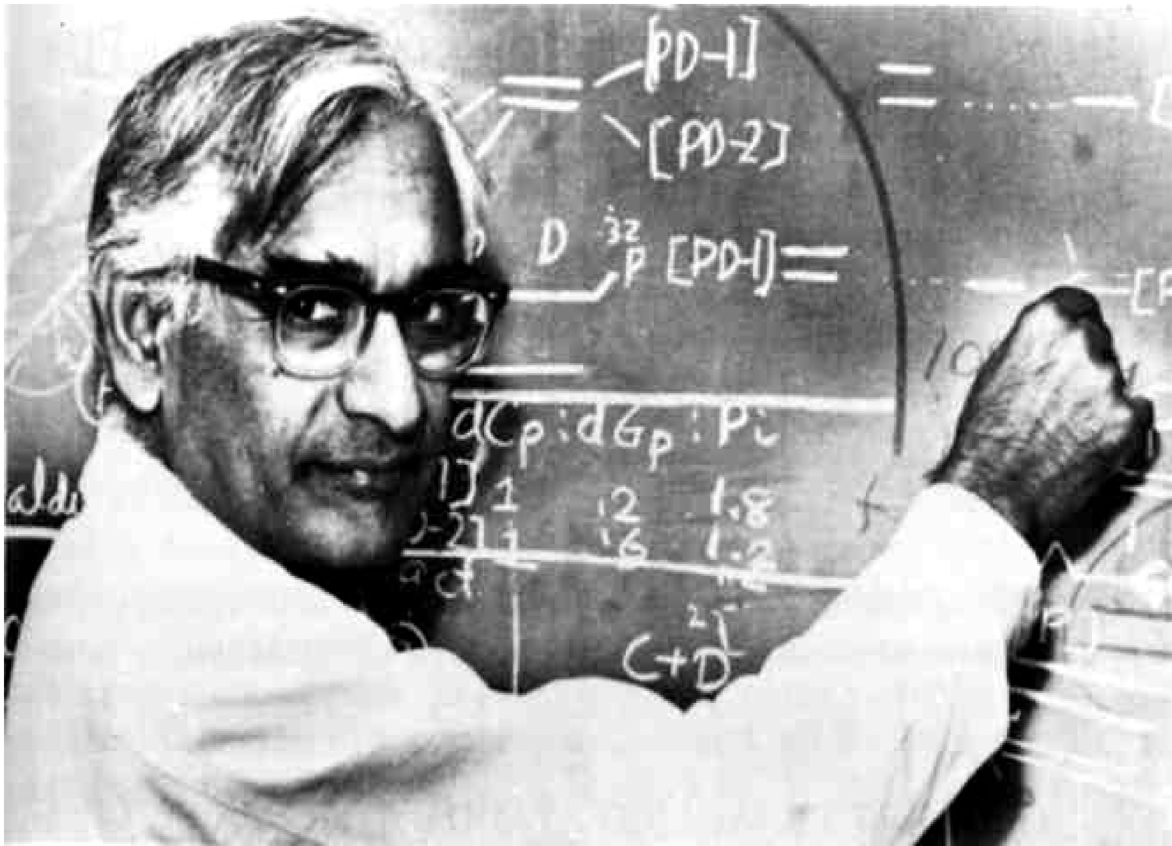
Em grande escala, a exemplo daquela por mim postulada, seriam impensáveis mutações e criações artificiais. Seria este um eventual argumento contra a minha tese. Mas, por quê? Só por que parece monstruosa a idéia de tal opção? Nesses últimos cem anos foram criadas inúmeras espécies novas de árvores, flores e frutos; mudaram-se os caracteres hereditários de raças inteiras de gado, cavalos e cães; e tudo isso foi conseguido por métodos complicados, insípidos e demorados, baseados no acasalamento. Desde há muito os geneticistas sabem que tais evoluções podem ser promovidas de maneira bem mais rápida, simples e segura. Aquilo que a "natureza" conseguiu ao longo de bilhões de anos de evolução, mediante trilhões de mutações casualmente bem sucedidas, pode ser obtido nos laboratórios de genética, ao cabo de algumas semanas; e independente de qualquer acaso.

SENSAÇÕES QUE FACILMENTE PASSAM DESPERCEBIDAS

O Prof. Har Gobind Khorana, Prêmio Nobel de Medicina em 1968, logrou sintetizar, em 1976, um gene na retorta do laboratório do MIT — Massachussets Institute of Technology, em Cambridge, EUA (Quando, em 1969, cogitei de tal eventualidade, fui ridicularizado e taxado de doido varrido.)

No MIT, Khorana e sua equipe produziram na retorta um gene de bactéria, composto de 126 nucleótidos. Este gene artificial foi alojado em um virófago, que se compõe exclusivamente de ADN, portador do código genético, com um invólucro de albumina (proteína). Lembremos: O ADN duplica-se com a dissolução de um dos seus dois filamentos. Logo o truque praticado pela equipe do MIT foi o de contrabandear um gene artificial para dentro do ADN. Lograram fazê-lo. Quando, então, o ADN assim manipulado continuou a multiplicar-se, a sua divisão obedeceu ao novo programa, artificialmente estabelecido.

Aliás, o ARN (ácido ribonucléico) recebe publicidade nada inferior e goza de importância nada menor daquela atribuída ao ADN; na célula, o ARN distribui o ADN, quando dirige formações de proteínas, condicionadas pelo ADN. Um ano após a produção artificial de um gene por Khorana, no MIT, o Prof. Charles Weissmann, diretor do Instituto de Biologia Molecular da Universidade de Zurique, conseguiu mudar caracteres genéticos, obedecendo a um determinado esquema para tanto elaborado. Ele logrou retirar de uma combinação molecular partes do ADN e do ARN e substituí-las por outros elementos moleculares; os pesquisadores em Zurique trocaram o 16º. dos 4.500 elementos básicos do ácido nucléico. Isto aconteceu em 1974.



O Prof. Har Gobind Khorana, Prêmio Nobel de 1968, logrou produzir na retorta um gene sintético. Em 30 de agosto de 1976, o Prof. Khorana e sua equipe do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets), conseguiram enxertar um gene artificial em uma célula viva.

Em 1975, o consórcio britânico de indústrias químicas ICI, instalou o primeiro laboratório especial para a manipulação de genes. Nesses laboratórios de pesquisas, trabalhando sob as mais severas medidas de segurança, são transmitidos, para bactérias, os caracteres hereditários de células de organismos superdesenvolvidos. Com isso, aqueles minúsculos seres unicelulares, que se reproduzem pela divisão, adquirem um código genético "superior", o qual, então, lhes permite produzir materiais orgânicos, que tanto podem ser outras bactérias como remédios. Fantasmagórico, não?

Só para fazer constá-lo, cumpre mencionar que o espírito intrépido do pesquisador, livre e desimpedido, também avança no reino vegetal, manipulando a sua evolução. Cientistas do Departamento de Fisiologia da Evolução Botânica, da Universidade de Hohenheim, em Baden-Würtemberg, Alemanha Federal, renomada desde há 150 anos, realizaram esforços bem sucedidos visando à produção de plantas reprodutoras, a partir de protoplastos* isolados. Ao enxertar o ADN de determinadas espécies no conteúdo celular dos protoplastos, criam-se novas plantas.

A pesquisa já aprendeu como se fazem as mutações artificiais e está em vias de "reproduzir" até o homem. Para tanto é preciso "somente" uma célula, com seu código genético, e logo completa-se a constituição de um corpo humano, "segundo esta imagem". Portanto, significam mais que um simples aforismo as palavras pronunciadas por Severo Ochoa, bioquímico hispano-americano e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, de 1959:

Aos poucos, os geneticistas começam a desempenhar o papel de Deus!

Em 1975, Manfred Eigen, outro Prêmio Nobel, vaticinou:

Chegará o dia quando será possível reproduzir "artificialmente" todo ser vivo, a partir dos seus fatores hereditários naturais, isto é, por outras vias, além das da natureza.

De acordo com Arthur Koestler, tomo vênia para frisar que, ao citar freqüentemente nomes de portadores de um Prêmio Nobel, estou visando comprovar e realçar o fato de que algumas das

teorias de aspectos algo esquisitos não estão sendo levantadas unicamente por estudiosos excêntricos "de fora", mas também por cientistas categorizadíssimos "de dentro".
Em 30 de agosto de 1976, alguns jornais deram uma notícia sensacional, que apareceu no seu devido lugar, ou seja, em manchete de primeira página:
GENE ARTIFICIAL ENXERTADO EM CÉLULA VIVA
Para o futuro da humanidade, uma notícia desta categoria é de importância muito maior que qualquer reportagem de briga política ou de uma das frentes de batalha, infelizmente em número demasiado nesta nossa época tão iluminada.
Após nove anos de pesquisas e experiências, a equipe do Prof. Khorana, no MIT, de Cambridge, EUA conseguiu enxertar um gene artificial em uma célula viva, onde continuou atuando como se fosse um gene natural. Os genes são os portadores dos caracteres hereditários. Com isso, pela primeira vez, a mutação artificial dirigida teve aplicação bem sucedida pelo homem. A este respeito, Khorana, Prêmio Nobel, comenta:
Esta evolução abre novos horizontes para a compreensão de como trabalham os genes e como são controlados, isto é, o que provoca e o que não provoca as suas funções.
O gene usado nas experiências foi retirado da bactéria Escherichia, que vive no intestino humano, a qual é composta de somente 126 ácidos nucléicos, dos quais, no entanto, cada gene possui vários milhões. A notícia sensacional diz:
Nesses últimos anos, já se conseguiu desenvolver a parte principal de um gene, ou seja, uma extensa cadeia química com o código genético para a estrutura de uma molécula essencialmente constituída por proteínas. No entanto, até então, faltou o "mecanismo" para acionar o "start" e o "stop" — a partida e a parada — para colocá-lo em funcionamento. Agora, pela primeira vez, o gene do MIT acaba de ser dotado deste mecanismo de controle operante. Em suas pesquisas futuras, os cientistas tratarão de saber por que o gene sempre opera somente em "hora marcada".
Este resultado de pesquisas vem a provar o seguinte: Os genes podem ser enxertados, de maneira dirigida, tanto por quem desejar forçar, segundo determinado esquema, uma alteração nos fatores hereditários, quanto por quem visar uma finalidade específica. Experiências mal sucedidas são corrigidas até que se obtenha o resultado almejado.
O que resta, então, de todas as especulações quanto à origem da inteligência do homem?
Um só fato continua "de pé": é preciso aceitarmos o homem como único ser vivo inteligente neste nosso planeta. Ao somarmos todas as diferenças genéticas existentes entre o homem e seus antepassados simiescos, então da árvore genealógica em comum somente resta o esqueleto. O homem é dotado de um centro de linguagem, ele pode pronunciar palavras — o símio não pode falar. O homem pode fazer sexo sempre quando para tanto sentir vontade. O símio (a exemplo dos outros animais) pode entreter-se com o sexo somente na época certa, no cio. Para darmos apenas alguns exemplos.
O homem estuda, reza, trabalha; dedica-se às artes. Quanto a mim, jamais ouvi falar em escolas de macacos, templos de macacos, teatros de macacos (salvo certas exceções), ou indústrias de macacos. Portanto, de onde conseguiu o homem a sua faculdade de assimilação?
Nove anos atrás, arrisquei externar minha opinião a respeito, dizendo que extraterrestres teriam transmitido à Terra noções que agora estamos em vias de adquirir e, mediante a manipulação do código genético, teriam "vacinado" nossos ancestrais com a bactéria da inteligência.
Para frisar esta minha convicção pessoal em seu caráter hipotético, a seguir, cito o Prof. Max Perutz: Uma só célula germinativa humana encerra uns mil milhões de pares de nucleótidos, distribuídos em 46 cromossomos. Como poderíamos subtrair ou acrescentar um gene específico a determinado cromossomo, ou modificar um só par de nucleótidos? Acho esta uma tarefa quase irrealizável.
Na época, Perutz ainda não contava para seus prognósticos bastante cé-ticos com os resultados de pesquisas da ordem daqueles obtidos pela equipe de Khorana. Possivelmente participou em 31 de agosto de 1976 do congresso da American Chemical Society, realizado em San Francisco, Califórnia, EUA. Por essa ocasião, Khorana, Prêmio Nobel, como também o é seu colega Perutz, submeteu à apreciação desse egrégio grêmio os resultados de suas experiências, que marcaram época. Com isto Perutz soube que a mutação artificial dirigida havia se tornado uma realidade;

um gene específico de determinado cromossomo pode ser enxertado no ADN.
Decerto Perutz soube também que, diante do grande enigma insolú-vel, seus colegas, os Prêmios Nobel Crick e Orgel, não acharam abaixo de sua incontestada dignidade acadêmica, cogitar do postulado segundo o qual inteligências alienígenas trouxeram PANSPERMIA para a Terra. Talvez entrementes Perutz tenha abdicado em parte do seu ceticismo. Não o sei. Afinal de contas, nove anos representam muito tempo e, nesse intervalo, muita coisa aconteceu e muitas hipóteses transformaram-se em fatos.

PARÁBOLA DE UMA CRIAÇÃO

Longe da presunção prepotente e sumamente teórica, qualificando o homem terrestre como o mais eminente produto de toda a Criação, postulo que, em tempos remotíssimos, seres extraterrestres já passaram com pleno êxito por todas aquelas etapas da evolução, em cuja direção arriscamos agora os primeiros passos inseguros, dando um pulo para a frente e outro para trás.
Gostaria de ilustrar esta nossa situação absurda com uma "parábola", gentilmente colocada à minha disposição por um repórter do periódico científico FUTURUM. Arrisco o palpite, dizendo que dificilmente seria publicada em outra parte; em todo caso, trata-se de uma futurologia humorística, de fundo seríssimo e, como tal, possui valor de raridade.
O chefe-de-imprensa do Laboratório Biológico PHI-X-2117 em nada exagerou quando me convidou para assistir a uma experiência, jamais vista, a realizar-se no interior de uma construção, em lugar secreto.
Eu deveria estar lá três dias antes do início da experiência. Quando, debaixo de um céu sem nuvens dirigi o meu carro para o meu destino, assinalado em uma planta especial, não encontrei nenhum "edifício" do gênero daqueles que costumam indicar a existência de um laboratório. Pensei ter errado o caminho quando, depois de uma curva no topo da montanha, avistei bem lá embaixo um vale largo, aparentemente interminável. Nenhuma casa, nenhuma construção em toda a paisagem; nada havia além da bela estrada nova, sobre a qual o meu carro deslizou silenciosamente, quase sem ruído. E, cobrindo toda a largura do vale, havia uma enorme cúpula de vidro, um domo, uma arena, uma catedral de vidro. Faltam-me palavras para descrever a imensidade daquele palácio de vidro.
Durante três dias fui preparado para o que estava por vir. Primeiro, fui imunizado com toda uma série de injeções, cuja fórmula me foi mencionada, mas que já esqueci. Isto seria indispensável — assim me falaram — visto que a experiência, para a qual fui convidado como único repórter, não deixa de ser perigosa para os que dela participam. Enfim, chegou o dia X, (naquele lugar lúgubre, logo perdi a noção do tempo), tendo eu recebido roupagem adequada à grande ocasião. Deram-me macacões brancos, colantes, uma cápsula de oxigênio, ligada por sensores, para garantir a respiração da minha pele; e uma máscara de oxigênio para completar o enxoval.
Atravessando diversos canais, fui levado para dentro do domo de vidro, onde, para grande surpresa minha, percebi que no interior da imensa cúpula havia uma segunda estrutura de vidro, pouco menor e bastante ampla. Na área entre as duas cúpulas de vidro circulavam numerosos cientistas. No corredor em volta da "estufa" experimental havia aparelhos diversos, computadores, recipientes superdimensionados para substâncias químicas. Encontrei-me em uma metrópole.
Pelo laringomicrofone um jovem cientista explicou o que estava por ocorrer. Segundo um programa preestabelecido, calculado em todos os pormenores, ingredientes puramente químicos seriam misturados no domo de vidro, para um "coquetel primitivo", idêntico à mistura necessária à composição de moléculas orgânicas. Como sou leigo absoluto em matéria de Química e Biologia, não quero introduzir aqui conceitos errados e, portanto, limito-me a reportar o seguinte: Saindo de muitos jatos, vapores de água entraram na cúpula, nuvens de tonalidades amarelas e marrons misturaram-se, dando a impressão de — para dizê-lo por palavras que nos são costumeiras — estarmos no início de todos os tempos e assistindo à reconstrução de fenômenos ocorridos em eras que precederam a da humanidade. Tudo aquilo era selvagem, sinistro, violento, brutal.

Todavia, aparentemente, os cientistas ainda não estavam satisfeitos com aquele espetáculo pois, ao soar um sinal, holofotes lembrando sóis fizeram convergir seus clarões potentíssimos no caldo fervente de água e vapores. Depois, relâmpagos brilharam por todos os lados, entre os eletrodos. Quando pensei que o domo de vidro iria explodir com todo aquele caos, pude constatar que o "coquetel primitivo" foi misturado, batido, mexido, como que por milhares de gêiseres.
Satisfeito, o meu contato explicou-me que somente agora o primeiro processo molecular iria entrar em seu ciclo. Esse pessoal tem mesmo nervos de aço! Ouvi dizer que queriam reconstruir a origem de toda a vida, no mais tremendo processo químico de todos os tempos. Pois não! — falei — conquanto eu saia daqui com vida...
Em certos intervalos, os cavalheiros de macacão branco igual ao meu retiravam "amostras" do "coquetel primitivo". Enquanto trabalhavam com seus microscópios eletrônicos, constatavam com visível satisfação que de fato, algumas moléculas avulsas combinavam em cadeias de aminoácidos, o que reputaram como um bom começo, e não só para a sua experiência dirigida. Assim teria sido no início de toda a vida, explicou o meu contato; no entanto, logo mais comentou, algo preocupado, que tudo aquilo estava se processando em ritmo demasiadamente lento, visto que os experimentadores não podiam esperar pelos resultados de sua experiência durante bilhões de anos. Teria existido tal possibilidade para um processo lento da formação da vida; porém, agora, evidentemente não havia tempo assim para a realização da experiência e eles já estavam estudando eventuais opções para acelerá-la.
Não sei quanto tempo se passou até ser anunciada a aceleração planejada. Os bioquímicos resolveram — informou o meu contato — acrescentar ao caldo alguns milhões de proteínas girando para a esquerda. Aliás, nem poderiam usar outro tipo de proteínas, porque nas prateleiras do seu laboratório não havia proteínas girando para a direita. E com um olhar bastante expressivo explicou que como todos os presentes, iguais a mim, queriam sobreviver à experiência, os cientistas não iriam usar proteínas girando para a direita, mesmo se estivessem disponíveis, pois, ao entrarem no caldo, essas proteínas iriam destruir tudo o que até agora começou a encaminhar-se para a vida. Ademais, os próprios organizadores da experiência correriam grave risco, pondo em perigo sua própria vida, porque também todas as suas células — iguais às minhas — se compõem exclusivamente de moléculas girando para a esquerda. Quando, ingenuamente, eu perguntei a razão pela qual os dois tipos não suportariam entrar em mistura, o meu contato (ele sacudiu a cabeça diante de tamanha ignorância), depois de pedir desculpas por falar tão francamente, disse ser pura idiotice pensar em misturar moléculas girando para a direita com moléculas girando para a esquerda, e observou que isto daria um choque muito mais violento do que o provocado pela mistura do fogo com água. Contudo ele achou que doravante seriam boas as chances para a experiência progredir em ritmo aceitável.
Em seguida, a notícia de cadeias de ADN estarem em formação e com amplas facilidades de farta reprodução espalhou-se por aí, igual a um incêndio na floresta. Os cientistas bateram-se mutuamente nas costas, contentíssimos: Células, sim, aglomerados inteiros de células, começaram a formar seres vivos primitivos! A folhinha provocou a única nota dissonante nessa euforia generalizada, pois, quando a consultaram, aperceberam-se de como tudo estava progredindo em ritmo ainda demasiadamente lento.
Houve mais outro colóquio. Do local que me fora indicado como posto de observação, pude vê-los em debate, como dialogavam veementemente e, ao que parece, até brigavam. Por fim passaram à votação; alguns baixaram o polegar; porém a maioria, certa da vitória, triunfantemente levantou o polegar.
O meu contato voltou e informou-me de que osgeneticistas ganharam a votação. Pretendiam eles em seguida processar a mutação em toda uma bateria de células, nelas enxertando um código genético dirigido. Esses especialistas até cogitaram da possibilidade de programar células para determinadas espécies de seres vivos. Iniciariam sua obra criadora com seres vivos dotados de uma casca dura; depois, uma espécie que estivesse programada para aumentar o oxigênio no coquetel primitivo; e, em seguida, produziriam outra espécie de seres vivos, os quais, dentro do menor espaço de tempo, reproduzir-se-iam por milhões de vezes. Tinham certeza de poder criar todas as espécies de vida cujo respectivo ADN estivesse em

disponibilidade no laboratório. Somente seria vedada a criação de seres cujos respectivos sêmens não estivessem disponíveis.

Portanto fiquei com o olhar fixo através das paredes do domo de vidro. O que se passou por ali pareceu-me um milagre e, se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos como tudo aquilo era obra dos homens de branco, teria acreditado em um milagre inconcebível. De repente, formas de vida de inúmeras espécies brotaram do coquetel, em alegre ebulição. Como se fosse um desenho animado, acompanhei o surgimento de uma barbaramente bela paisagem primitiva. Plantas nasciam do chão. Aqui, ali e acolá, animais pulavam e rastejavam. Vez por outra, pequenas garras de metal pescavam uma cria para retirá-la daquele enorme jardim zoológico. Eu queria saber por que. Porém o meu contato, totalmente mergulhado no espetáculo, apenas comentou zangado: "Não está vendo? A cria revela defeitos. Os nossos geneticistas-cirurgiões corrigem-nos, enxertando outro material genético. O programa de ADN deve ter apresentado falhas!”

Fiquei muito contente por ter sido convidado pelo Laboratório Biológico PHI-X-2117 para fazer a cobertura exclusiva desses eventos que, decerto, não costumam acontecer todos os dias. Suponho que a reportagem deve, de fato, ser exclusiva e única, pois os cientistas alcançaram a sua meta! Conforme pude observar, um jardim zoológico experimental, em parte autocriado, encheu o enorme domo de vidro. Aliás, confesso que isto me deu uma certa sensação de mal-estar. Ademais, lá embaixo, o movimento era turbulento, a ponto de a gente recear que os esquisitos bichos pudessem ou matar-se mutuamente ou destruir toda aquela lindíssima paisagem primitiva. Outrossim, fiquei mais calmo quando constatei que nem por isso eu me deveria considerar covarde, pois essas mesmas preocupações que me passaram pela cabeça, aparentemente também atrapalharam os cientistas, homens tranqüilos e serenos. Novamente reuniram-se e discutiram o que se deveria fazer.

Pouco depois, o meu contato veio com a notícia de que não se pretendia deixar as coisas como estão, para ver como ficam. Agora passar-se-ia para a última fase da experiência, na qual seria gerada uma vida, suficientemente inteligente para estabelecer a ordem no caos e dominar as formas de vida inferiores. Mas, como — perguntei, curioso — tal coisa será feita? Foi então quando, pela primeira vez, o meu contato esboçou um pequeno sorriso, ao falar: "Isto, meu amigo, a rigor, é a coisa mais simples desse mundo! É só escolher as formas de vida mais avançadas dentre todas lá embaixo e nelas enxertar material genético, retirado de nossas próprias células. Vamos criar seres vivos, segundo a nossa imagem!”

Isto se fez de uma maneira bem mais rápida, e melhor que se esperava. E compreendi perfeitamente o orgulho e a satisfação dos organizadores da experiência, ao exibirem os seres vivos, ideados e criados segundo os padrões por eles próprios estabelecidos. Outrossim, meu contato explicou que, subseqüentemente, a experiência ficaria bastante simplificada, pois doravante poderia ser previsto o comportamento de pelo menos uma espécie, por levar as características dos cientistas, seus criadores. De antemão, saber-se-ia quando algo daria gosto ou desgosto àqueles lá embaixo, pois reagiriam da mesma forma como seria a reação dos organizadores da experiência. Conforme planejado, os seres inteligentes da criação começaram por estabelecer a lei e a ordem no zoológico. Ao mesmo tempo, iniciaram prazerosamente a sua própria reprodução. Somente consigo fixar em instantâneos aquilo que se deu lá embaixo. Foram criadas formas de vida social; criou-se a primeira infra-estrutura e, logo a seguir, revelaram-se, marcadamente, as primeiras manifestações de inspiração artística. Alguns grupos isolaram-se, propositadamente, dos demais: dedicaram-se à pesquisa científica.

Os cavalheiros de branco sorriram satisfeitos: Estão vendo? Foram criados segundo a nossa imagem!

Outro grupo foi olhado com certa preocupação. Estabeleceu contato com engenheiros, convocados das fábricas. Jovens de físico robusto e perfeito foram chamados para vestir uniforme, treinados para desfilar, em compasso de marcha e, em seguida, receberam armas. A exemplo dos seus protótipos, encenaram a primeira guerra entre os humanos.

Conforme anunciado por meu contato, nada mais aconteceu de maneira imprevista. As criaturas comportaram-se exatamente conforme o modelo dos seus criadores. Vez por outra, despreocupados e sem interrupção, divertiram-se com o próprio progresso que, aparentemente,

lhes encheu a alma de um imenso orgulho.
Esqueci de mencionar que todas as pessoas presentes na cúpula de observação ouviram pelos alto-falantes distribuídos no local, o que o povo lá embaixo estava falando. Destarte, participamos também do grande mal-estar que surgiu entre eles. Uma idéia monstruosa revolucionou a civilização saída da retorta. Iniciaram-se debates sem fim; houve até quem quisesse quebrar a cara do outro. Qual seria a revolta ali em formação?
Os cientistas mandaram desligar todos os aparelhos produzindo ruído, para compreender bem o que estava preocupando as suas criaturas.
Por fim foi constatado que eles queriam saber como foram criados — queriam saber de onde vieram, quem os fez do jeito que estavam, como eram, outrora, onde viveram antes e quem, afinal, os trouxe para este mundo.
Aliás, isto não constituiu grande surpresa para os experi-mentadores, pois desde o início haviam incluído no programa um pouco daquela 'curiosidade', por eles próprios experimentada. Só que nesta altura já não podiam mais influir no programa e, no plano-mestre por eles esboçado e controlado, não estavam programadas respostas para perguntas dessa natureza. Todavia, eles sabiam, exatamente, como esses seres foram criados.
Os mais inteligentes dentre os cientistas sugeriram que nem se tomasse conhecimento e nem mais se desse ouvido a todo aquele falatório. Com o tempo, acharam, o tumulto amainaria. O melhor seria deixar que fizessem conforme bem entendessem...
No entanto, as inteligentes criaturas não se acalmaram. Quando suas perguntas insistentes ficaram sem resposta, começaram a escavar a terra, abrindo buracos no solo, pois — assim os ouvimos falar — lá esperavam encontrar alguns indícios válidos. Depois, construíram microscópios sempre mais aperfeiçoados, e entre as chapinhas de vidro colocaram células de outras espécies, para estudá-las. Outrossim, estudaram igualmente células de sua própria espécie e descobriram moléculas, que passaram a analisar. Há muito perfeitamente alfabetizados, escreveram grossos tomos a respeito daquilo que, eventualmente, lhes pudesse esclarecer a sua origem. Como não conseguiram detectar fatos, elaboraram um sem-número de teorias, especulando sobre a sua provável procedência e descendência.
Após discussões, debates e brigas intermináveis, chegaram à conclusão de que provavelmente cada espécie evoluiu de outra e somente os espécimes mais fortes e resistentes lograram sobreviver, perpetuando assim a espécie. Desnecessário é frisar que alguns dos seres inteligentes levantaram a sua voz, argumentando contra essa doutrina; para tanto lembraram que não poderia estar certa, por causa da impossibilidade do cruzamento entre as espécies, conforme pode ser observado diariamente. Todavia essas poucas vozes foram silenciadas com os gritos daqueles, afirmando que a evolução no seu zoológico teria levado o tempo suficiente para possibilitar o desenvolvimento de "uma da outra".
Embora, eu, pessoalmente, jamais tivesse especulado sobre tais perguntas, reputei de grande interesse a alegação de um jovem, que também se fez ouvir. Ele achou esquisito que, no desenrolar de sua história, em uma só espécie, isto é, a sua própria, tivesse evoluído a inteligência, enquanto que todas as outras formas de vida ainda continuavam povoando o seu meio ambiente a "nível inferior". O moço revolucionário foi imediatamente chamado à ordem, pois todos ali, no domo de vidro, consideravam-se como coroamentos da Criação e ninguém estava disposto a perder tal privilégio. De jeito nenhum.
Era até engraçado observar e ouvir como aquelas inteli- gências, em parte produzidas por substâncias químicas, em parte por manipulação genética, vieram a concordar que a sua origem e evolução fossem obra do puro acaso; acharam que as espécies tivessem evoluído uma da outra, em prolongadas e progressivas fases evolutivas, e eles próprios, os únicos seres inteligentes, adquiriram a sua inteligência com uma série de acasos felizes. Se eu não tivesse assistido à experiência desde o seu início, talvez até teria aceito, em parte, esta idéia absurda e até achado que ela encerrasse uma pitada de viabilidade. No entanto, fui testemunha ocular da experiência mais singular e extraordinária de todos os tempos e, por isso, aquilo que o povo estava discutindo, lá embaixo, somente me valeu uma boa gargalhada.
Outrossim, no instante em que o debate no domo de vidro pareceu terminar, aí então surgiu o pior dos tumultos. Havia alguém perguntando se, eventualmente, pessoas cultas, "de fora",

tivessem colaborado no ato de sua criação. No momento em que a pergunta foi levantada, foi veementemente rejeitada como imprópria. Afinal de contas, aquela gente lá sabia quem era e o que convém a seu "status". Achei bem arrogantes aquelas criaturas, produtos que eram de uma experiência.
Embora fosse apenas um simples observador, não-participante dos eventos, tive perfeita compreensão e até compaixão e simpatia para com os pobres coitados dos cientistas dedicados, que, de dia e de noite, não descansaram, dando suas voltas pelos corredores no recinto onde realizaram a sua experiência e agora viram perdidos todos esses seus esforços. A mistura do "coquetel primitivo" decerto deu bastante trabalho; durante a manipulação dos genes, seus olhos encheram-se de lágrimas; e depois tiveram ainda de suportar a dor, quando, do próprio corpo, arrancaram as células.
E, agora, de repente, as suas criaturas nada mais queriam saber de tudo aquilo. Pelo contrário, mostravam-se ingratos e arrogantes. Até chegaram a negar, redondamente, o seu criador, do qual eu fui hóspede.
Embora, em minha qualidade de repórter, gostasse de saber que a história iria ter um final feliz, compreendi e respeitei perfeitamente os sentimentos do chefe da equipe científica, quando este mandou encerrar a experiência.

O PONTO EM QUE ESTAMOS

Esta é uma parábola que apenas parece ser engraçada. No entanto, encerra os ingredientes de noções empíricas. Seria esta nossa atitude igual àquela tomada pelas criaturas no domo de vidro? Não fomos nós criados, como eles o foram? Será que, de vez em quando, os nossos criadores nos observariam? Ficariam zangados com a nossa arrogância e cegueira? Ficariam de mal conosco, porque, soberbos, negamos a ajuda que nos prestaram por ocasião do nosso "parto"? Será que, um belo dia, os nossos criadores também poderiam mandar encerrar a "Experiência Terra"?
Também os nossos pesquisadores cavam fundo o solo no sítio da experiência, para, em camadas ocultas, eventualmente descobrirem indícios da história primitiva da Terra e da seqüência da criação da vida. Por quilômetros e quilômetros, sondas adentram o fundo dos oceanos. Por ocasião de sondagens recentes, ao largo das costas da Austrália, foi constatado que todos os sedimentos encontrados ou são mais velhos que 45, ou mais novos que 30 milhões de anos. Ao largo da Austrália, Nova Zelândia e Nova Guiné, oceanógrafos da Universidade de Havaí encontraram fósseis marinhos, que também ou eram mais velhos que 45 ou mais novos que 30 milhões de anos.
James Andrews, chefe da expedição do navio de sondagens GLOMAR CHALLENGER, ignora a solução do enigma desse "intervalo" de 15 milhões de anos, na história da Terra. Durante esse enorme espaço de tempo ALGUMA COISA deve ter acontecido na Terra, pois ela não pode simplesmente ter ficado com a respiração presa. Talvez esta pergunta fique esclarecida com a análise das sedimentações recolhidas.
No ano de 1856 fez sensação um esqueleto achado pelo mestre-escola J.C. Fuhlrott, no vale do Rio Neander, entre Düsseldorf e Wuppertal. O anatomista inglês King derivou do Homem de Neandertal a classificação genérica de toda uma raça humana que, no Plistoceno, no Período Quaternário, quando houve as grandes glaciações no Hemisfério Norte, teria tido o seu ancestral primitivo. Talvez, a conta não tivesse deixado saldo; porém posteriormente descobriu-se que há 50.000 anos o Homem de Neandertal ficara extinto, por não haver deixado descendentes ou linhagens colaterais. A partir de então encerraram-se todos os debates em torno da evolução desse protótipo, embora me seja difícil acreditar na extinção total do Homem de Neandertal, pois pessoalmente conheço alguns desses seres da Era Glacial, cuja massa cinzenta, aparentemente bem volumosa, ainda está por descongelar...
O Homem de Neandertal foi riscado do mapa. Com um zelo comparável ao da abelha, o pessoal continua em busca de outros "pré-homens".
Procura-se sem parar e, em pequenos intervalos, encontra-se algum crânio de macaco que, de maneira ruidosa e sensacionalista, é proclamado como ancestral — dessa vez, em definitivo —

de nossa nobre estirpe. Por ora, o Homo erectus (= homem ereto) desempenha o papel principal na representação do nosso ancestral, pois conforme se supõe ele teria andado ereto e conhecido o uso do fogo. Até uns poucos anos atrás, os peritos estimavam a sua idade em aproximadamente 1,5 milhão de anos. Nesse meio tempo, essa idade teve de ser aumentada em mais um milhão de anos, porque no Quênia foi encontrado outro crânio, novinho em folha, cuja idade seria de 2,5 milhões de anos. Também este "pré-homem" é considerado como pertencente à árvore genealógica do Homo erectus.



Em um posterior leilão de crânios, sua respectiva idade sofreu nova alta. Na região etíope de Afar, o paleontólogo norte-americano Donald C. Johanson desenterrou o crânio de uma moça, de pequena estatura, que batizou de Lucy. Em se tratando de paleontólogos, não é indelicado qualificar de avançada a idade de uma dama e, assim sendo, Johanson atribuiu àquele crânio feminino a idade de 3,5 milhões de anos. Mal secou a cola no craniozinho de Lucy para prender a etiqueta indicando esta sua idade, L. Leaky, diretor do Centro Nacional de Pesquisas da Pré-História e Paleontologia em Nairóbi, Quênia, apresentou um crânio ainda mais antigo. De índole menos poética que seu colega norte-americano, Leaky chamou-o simplesmente de "ER 1470"; o seu respectivo dono teria falecido há 3,5 milhões de anos.
O jogo de achar crânios parece não ter fim. Aparentemente, jamais param de surgir novos crânios, novos esqueletos, novas ossadas e datações;
e sempre querem fazer-nos crer que os ossos provêm, inequivocamente, de nossos ancestrais primitivos, conquanto na realidade sejam os de diversas espécies simiescas. O Sr. L. Leaky diz bem claro como é:
Está errada a opinião antiga, segundo a qual o Homo sapiens descende do Homem de Neandertal, esse do Homo erectus e este último, por sua vez, do Australopithecus. Pelos fatos sabemos que a linha levando para o Homo sapiens já estava representada na África Oriental, há dois milhões de anos, tendo sido contemporânea do Australopithecus. Provavelmente tanto o Homo legítimo quanto o Australopithecus primitivo existiam há quatro milhões de anos, em fins do Plistoceno.
Embora nada se saiba ao certo, a literatura especializada divulga as teses. Nada se sabe sobre o Homo sapiens, a título de saber garantido. Até a infalível Enciclopédia Britânica arrisca a

afirmação de que: "Não pode haver a menor duvida quanto ao fato da evolução". O Prof. Luis E. Navia, do New York Institute of Technology, lança um parecer diametralmente oposto a essa tese:

Há cientistas que falam da evolução como se fosse um fato consumado e sempre estão prontos a condenar o "misticismo" e a "pseudocientificidade" dos outros. Quem sabe para eles ainda não ficou bem claro que hipóteses científicas somente podem ser consideradas como "fatos" depois de analisadas todas as informações competentes a nosso dispor. Talvez não se lembrem da inviabilidade de serem considerados todos os dados evolutivos, pois para tanto seria mister descobrirmos todos os restos geológicos e observarmos processos evolutivos em número bem maior dos sob observação. Conforme admite o próprio Darwin, nossos achados geológicos são bastante falhos e embora não queiramos admiti-lo, temos de reconhecer que a esse respeito só podemos fazer especulações.

Será que com base em tão pouco saber efetivo, a origem da inteligência possa ser considerada como derivando da evolução de uma espécie simiesca qualquer?

Estou lendo: "O pré-homem vivia em manadas e, destarte, desenvolveu um comportamento social." Isto nem é teoria, mas sim pura bobagem. Muitas outras espécies animais, além dos macacos, viveram e continuam vivendo em manadas, mas nem por isso desenvolveram uma inteligência.

"O homem tornou-se inteligente porque revelou tendência para a adaptação em grau maior daquela revelada pelas demais espécies." Adaptou-se a quê? Como, essencialmente, a Paleontologia verifica estórias de descendência simiesca, também a motivação para a melhor adaptação não passa de uma bolha de sabão. E já que era tão elevado o grau de adaptabilidade, revelado por nossos ancestrais peludos, por que, então, primatas como o gorila, o chimpanzé ou o orangotango não se "adaptaram"? Segundo as "leis" da evolução, a longo prazo também esses animais "forçosamente" deveriam ter ficado inteligentes.

"Deuses" trabalham na "árvore da vida". Poderia esta tradição mítica vir a constituir interessante tema de estudos parageneticistas?



Não é admissível considerar válida a evolução somente para uma determinada espécie (a ser escolhida por quem?). Aliás, há formas de vida incomparavelmente mais antigas do que os primatas; os escorpiões e as baratas caseiras possuem comprovadamente a respeitável idade de 500 milhões de anos. Como sobreviveram a tudo e de maneira tão valente, essas espécies deveriam ter se "adaptado" muito melhor do que o espécime bem mais novo, o Homo sapiens. Será que com todo o seu dom de adaptação, os escorpiões e as baratas se tornaram inteligentes?
"O homem não tem pêlos porque soube vestir-se de couros alheios." Parece até piada, uma frase dessas. Como o homem não é peludo, justamente por não ter pêlos, vestiu-se de couros alheios. Ele não perdeu os pêlos do corpo porque cobriu a sua nudez Com peles alheias. Isto ficaria perfeitamente dentro da mentalidade do "bem feito para minha mãe quando as minhas mãos ficarem congeladas; por que não me calçou luvas?!”
"Por motivos de ordem climática, o pré-homem desceu das árvores". Não diga! — que idéia luminosa. Como se uma certa espécie de macacos tivesse previsto o papel a ela reservado em

uma futura teoria de seleção, o que então motivou a sua pronta e obediente descida das árvores, enquanto que seus congêneres, expostos a idênticas condições climáticas, continuam fazendo a sua vida nos galhos das árvores. O comportamento social de nossos ancestrais simiescos era francamente subdesenvolvido.

"Por medo dos animais mais fortes, bem como para facilitar a sua alimentação, o pré-homem foi obrigado a erguer-se nas patas traseiras." Engraçado, não é? O instinto de imitação dos macacos é até proverbial; por que, então, as demais espécies simiescas não seguiram esse exemplo inteligente? Será que era menor o seu medo das feras? Menos dolorida a sua fome?

Primatas da linhagem conduzindo ao Homo sapiens teriam começado a comer carne, a fim de alimentar-se de maneira mais fácil e conveniente; aliás, tornando-se carnívoros, os "nossos" macacos teriam levado vantagem sobre os demais, no processo de adquirir a inteligência. Primeiro, não vejo como poderia ter sido mais "fácil" caçar uma gazela ou uma sa-lamandra, que apanhar frutas de uma árvore. Segundo, sob o ponto de vista da fisiologia da alimentação, é bobagem sustentar uma opinião ultrapassada, achando que o hábito de comer carne desenvolveria e conservaria uma inteligência toda especial. Na Índia conheci sábios doutos que jamais provaram um prato de carne; outrossim, conheço contemporâneos, consumidores inveterados de filé mignon... Também, ao longo de milhões de anos, os felinos e os peixes predatórios comeram carne. Tornaram-se inteligentes?

Não e não. Se a gente deixasse valer estas e mais outras centenas de motivações, provenientes da mesma câmara escura, para fundamentar a teoria da seleção, aí o nosso planeta deveria achar-se superpovoado de formas de vida inteligente, incluindo as que já estavam bem avançadas em idade na época em que deve ter soado a nossa "hora do parto".

Chegam às raias do absurdo as afirmações dizendo que órgãos ou faculdades de seres vivos se teriam formado porque a criatura deles precisava. A palavrinha porque pode constituir um nexo casual, quando, de um fato comprovado, deriva uma suposta possibilidade. Porque os aminoácidos necessitaram de um invólucro protetor, instalaram-se no interior da célula. De onde — perdão! — "sabiam" os aminoácidos que a célula a eles ofereceria sustento? Porque uma célula necessita de energia, produz a clorofila. Como "previu" a célula que iria precisar de energia? Porque a célula queria sobreviver e multiplicar-se, produziu a clorofila, mediante os seuspigmentos. Porque, porque, porque...

EFEITO — SEM CAUSA?

Todas essas eram mutações químicas do código genético. Seres vivos sem faculdades mentais não mudam porque precisam de alguma coisa. Já que se admitem todos aqueles "porquês", deve-se admitir igualmente a existência prévia de uma voz ou um dispositivo de comando. Porque cada efeito tem a sua causa.

Como costumamos acompanhar o noticiário da imprensa sobre bem sucedidas manipulações do código genético, em nossa qualidade de leigos na matéria, ao menos, podemos fazer idéia das dificuldades enormes em trocar um só nucleótido, a fim de alterar um programa de ADN. No entanto, aquilo que nossos cientistas, com todas as suas aparelhagens sofistica-díssimas, conseguem ao término de centenas de milhares de experiências, segundo a cartilha dos teóricos da seleção teria acontecido ao longo da evolução, por obra de uma série ininterrupta de bilhões de acasos. Somente, porque um ser vivo, em formação, precisava de um novo dado informativo?

Para provocar uma mudança genética, para mudar a posição de um só nucleótido, é preciso proceder a uma mutação. Já expliquei em outra parte que as mutações também podem acontecer de maneira espontânea; talvez por força de raios ionizantes ou substâncias químicas específicas, agindo sobre o núcleo celular. Somente a vontade de provocar uma mutação não basta para trocar um só nucleótido ou uma só seqüência de bases nucléicas. As vontades somente podem emanar de um cérebro e os cérebros ambicionando alguma coisa ficam longe de poder realizá-la. Sei que, com isso, torno a provocar contra-argumentos, mas mesmo assim não posso deixar de fazer a seguinte constatação, simples e pura: Os seres vivos mais primitivos (estou pensando nos organismos unicelulares e nos primeiros multi-celulares) eram desprovidos de cérebro e ainda continuam a sê-lo. Portanto fica invalidada a pressuposição quanto à vontade

ou até às ordens, bem como à opção de transformá-las em ação.
Torna-se bem patente a inconseqüência de toda aquela série de "porquês" nos livros didáticos. Por conseguinte, pela lógica, aqueles "porquês" justificar-se-iam somente quando, segundo a lei da causa e do efeito, cada porquê fosse seguido de um ALGUÉM desconhecido, em condições de ativar vontades e promover a sua satisfação. Seres vivos sem cérebro não podem externar suas vontades de ALGUMA COISA e, logo, não têm meios de promover mudanças no núcleo celular.
Ao incluir nos seus cálculos a causa inexistente, os idealizadores da evolução suprimiram o fator mais importante, ou seja, o órgão executivo — o criador — os deuses, ou como seja que se queira chamar o grande incógnito.
Bem ao contrário daquilo que acontece com seres vivos desprovidos de cérebro, em se tratando de seres vivos dotados de faculdades mentais, a vontade da mudança torna-se perfeitamente compreensível — embora ainda deixasse de ser explicável. Para esta constatação dou os seguintes exemplos:
Porque um minúsculo réptil precisava de proteção, desenvolveu (precisou) um casco protetor. É fácil afirmar tal coisa, mas muito difícil executá-la, pois esta lógica de arrepiar os cabelos exige nada mais e nada menos do que a mudança do código genético, da seqüência de bases nucléicas do ADN, a fim de permitir a formação de um casco protetor, para envolver o corpo do molusco. Queiram explicar-me de que maneira a ânsia da proteção poderia e deveria ter promovido o reagrupamento de nucleótidos no interior da célula! E, sobretudo, não um reagrupamento qualquer, mas sim um novo arranjo específico, visando determinada meta! Porque o pré-homem, de repente, comeu carne, desenvolveu (precisou de) dentes mais fortes. E como, segundo esta estranha lógica, o homem precisou de uma dentadura mais forte, não tardou em adquiri-la. Será que o pré-homem possuía dotes parapsicológicos ou de qualquer outro modo transcendentais, para instruir os genes do seu ADN? "Olhem, a partir da próxima geração todo mundo deve nascer com dentes fortes!" Teriam os ADN's nas células sexuais iniciado a sua reestruturação, visando à formação de gerações futuras, munidas de dentaduras adequadas ao consumo da carne? Justamente agora, quando se promovem mutações dirigidas, justamente agora, quando começa a ser compreendida a complexidade dos dados genéticos, com seus milhares e mais milhares de genes, encerrados em um só cromossomo, justamente agora, em 1977, quando enfim o homem chegou a conhecer as tremendas dificuldades da efetivação de uma só mutação positiva na célula, justamente sob essas premissas ainda se continuam cultivando a insensatez, afirmando-se que as mutações se efetuariam segundo a vontade espontânea, de geração em geração, só porque o respectivo ser vivo delas necessita.
Para mim parece igualmente paradoxa a afirmação constantemente repetida de que, no decorrer de uma evolução, por várias vezes milenária, aquilo de que os seres vivos necessitaram se teria criado por si só, ao passo que teria sido eliminado o que se revelou como supérfluo. Leio como, de maneira admirável, a "natureza" cuida de todas as nossas necessidades. Se assim fosse, então, muito lamentavelmente, esta natureza maravilhosa e milagrosa teria falhado de uma forma bastante lastimável, não obstante suas interferências ininterruptas e casuais no ADN, com resultados supostamente positivos! Para o homem ela providenciou — casualmente? — um cérebro de volu- me demasiadamente grande, do qual jamais consegue fazer o devido uso. Ademais, deu-lhe olhos bastante deficientes, que só podem olhar para a frente. Por outra, nos insetos, muito menos desenvolvidos, montou um par de olhos de alcance bem amplo; aos caracóis até conferiu antenas especiais, que permitem a eles estender os olhos e enxergar em todas as direções. Sob este aspecto, o homem, produto da mais alta categoria, apresenta falhas graves.
Será que mesmo com a leitura mais atenta e detida, algo de essencial me passou por despercebido? Em parte alguma encontrei o menor indício, sequer, de que o primeiro Adão-macaco teria amamentado o seu nenê. Pelo que eu saiba, sempre foi Eva a dar de mamar aos filhotes. Constituiria o Adão-macaco um erro da evolução? Deveria ele ter sido encarregado de dar à luz e amamentar a prole? Será que no decorrer dos milhões de anos, os seus seios imponentes se atrofiaram, porque deles não precisou? Então por que motivo Adão conservou seus rudimentos de mamas?
Desde os tempos mais remotos, o homem sempre ansiou pela intensificação do seu prazer.

Quanto a este ponto a natureza falhou, igualmente e muito, ao homem inteligente. Desde que o mundo é mundo, o homem ânsia por mais amor, mais compreensão, mais paz. Porque precisa, urgentemente, dessas e de mais outras coisas. Nesse ponto, a causa, em cuja base foi edificada uma doutrina, falhou de maneira inequívoca. Aliás, seria altamente louvável a eliminação dos "porquês" dessas estruturas doutrinárias; e não somente no caso de uma teoria insustentável. Em proveito de novas discussões seria útil se enfim entrasse nas cogitações aquilo que ainda nem chegou a ser pensado.
Como foi possível a conjetura da descendência, pelo próprio Darwin chamada de teoria da evolução, avançar a ponto de tornar-se uma doutrina da evolução?
Ela parece lógica porque todas as suas lacunas podem ser preenchidas com a alusão aos bilhões de anos disponíveis à evolução e, durante esse tempo, praticamente infinito, tudo teria sido possível; obviamente também o impossível.
Quem estiver disposto a conceder acasos tão anômalos a uma determinada doutrina, que com ela fique feliz. Contudo, talvez mesmo esse cidadão chegue a perceber-se da inviabilidade de tudo aquilo, ao considerar o fato de o seu próprio organismo ser feito de 50 trilhões de células. Aliás, a teoria de Darwin foi lançada, por assim dizer, em uma terra de ninguém, e evocou sentimentos de agrado e satisfação por enfim surgir um modelo de pensamento apto a servir de esteio. Nele até se enquadraram, e muito bem, algumas especulações. Desde então, arquitetos renomados colaboraram na edificação e consolidação desse ditame e, justamente por causa do seu renome, eles logo encontraram seguidores que se apressaram em fazer funcionar o engenho de orações, proclamando pelos quatro ventos: Como é maravilhosa a nossa teoria! Vamos incluir nela tudo quanto nela couber!
No seio dessa enorme comuna de discípulos prontos a aceitar tudo, os cientistas críticos não se animaram mais a levantar a sua voz. Quem se arriscaria a entrar no ringue para travar luta com Prêmios Nobel? É preciso lembrar que são eles os donos da banana de dinamite, a qual podem fazer explodir na hora que lhes convier e, assim, titulares de cátedras que se tornassem elementos indesejáveis não tardariam em ser pulverizados. Aí não tem por onde. Outrossim, ainda parece como bastante humana a medida de simplesmente "aniquilar" aquele que arriscar externar uma opinião em contrário, em comparação com a sua condenação ao pelourinho da gozação pública. Tudo deve ficar nisto: a evolução biológica não se deu segundo um plano, mas sim por força do jogo de improváveis acasos incrivelmente absurdos.
O materialismo dialético contra os extraterrestres A vida é Química, a Química é matéria, a vida é um assunto total e puramente materialista. Em sua transposição para o terreno ideológico, esta opinião reflete o materialismo dialético, de uma filosofia cujos componentes essenciais consideram todos os fenômenos do nosso mundo como materiais ou derivados da matéria, "...a lei vigente separa o homem de sua essência geral, transformando-o em animal, que se relaciona imediatamente com o seu destino." Tal teoria puramente materialista, segundo a qual sempre vence o mais forte, obviamente não pode reservar lugar para um conceito como o da criação, tampouco pode tolerar o sobrenatural ou considerar um poder indefinido a que chamamos Deus. "O darwinismo é a base de suas Ciências Naturais, bem como de toda a sua conceituação do mundo, tanto econômica, quanto política." Outrora, instituições religiosas bloquearam o avanço de noções progressistas; hoje em dia, esses dispositivos de controle estão sendo acionados por ideologias. Antigamente, o povo acreditava em religiões e nos seus fundadores; rezando pela mesma cartilha, hoje acredita em ideologias e nos seus inventores. Seja como for, a ordem ainda continua sendo a de acreditar.
Francamente, não compreendi por que desde a publicação do meu primeiro livro fui qualificado como antimarxista pelos críticos literários dos países comunistas. Nunca e com nenhuma palavra sequer toquei em Karl Marx. Porém, quando comecei a tratar da teoria da evolução, cheguei a compreender a razão dessa atitude: o materialismo dialético não admite a colaboração de extraterrestres! O sobrenatural incompreensível é algo de perigoso, pois eventualmente poderia despejar o homem do nimbo de sua onipotência e significação central.
Esta situação está sendo interpretada pelo Prof. Wilder-Smith conforme segue:
Para as pessoas que chegaram à convicção de que deve ser "boa" a evolução progressiva, segundo a doutrina de Darwin, porque seus "frutos" são bons, deve ser nada condenável a

intenção de promover tal progresso evolutivo, exigindo a seleção natural na luta pela vida. Logo, estaríamos praticando uma "boa" ação quando permitíssemos a extinção, respectivamente a "erradicação" de certos indivíduos e raça inferiores. Aliás, não foi a própria natureza (ou seja, Deus), a praticar este método? Portanto, qual o argumento a ser levantado contra tal expediente, com base intelectual ou moral? Ao empregarmos este mesmo método, aceleraremos a evolução do super-homem. Segundo esses princípios, devemos aprovar a aniquilação de raças ou indivíduos inferiores, pelo bem das massas... O mundo capitalista "ultrapassado" transformar-se-á em uma sociedade comunista, segundo os princípios do darwinismo político; também esta transformação representa uma "evolução".

Com a coragem nascida da convicção a que cheguei com meus estudos do tema primitivo e essencial da humanidade, tentei demonstrar, de modo exato, que não pode ter sido conforme o aprendemos e ainda continuamos a aprendê-lo que fosse. Como o vácuo total não pode ter dado origem a nenhum animal, nenhuma planta e, muito menos, ao homem, já que um acontecimento real deve ter um autor real, só nos resta a interferência de extraterrestres, chamados de DEUSES nos mitos mais antigos. Uma criação planejada somente pode ter sido a obra de mentes doutas, espíritos avançados, de inteligências muito superiores às nossas, que são terrenas. Sem dúvida, em uma época muito, mas muito longínqua, tal progresso intelectual também poderá ser atingido pela humanidade, em constante progresso cultural. Todavia, o homem poderia aproximar-se bem mais dessa sua meta, suposto que enfim resolvesse incluir o impensável em sua conceituação do mundo. Considero pois como uma certeza absoluta que não surgimos por acaso e nem por nós próprios.

Será que — outrora, impedida pelas religiões, hoje, pelas ideologias — a verdade eventual ficará no meio do caminho? Espero que não e vou buscar "consolo" com o poeta Christian Morgenstern:

Quando, brilhantes, os astros emergem do mar escuro do éter e, em hálito misterioso, o espírito se esvai para sonhos acordados, no grande e sagrado reino da noite, nos espaços infinitos, impulsionado pelo poder de profundas fantasias. No doce encanto de tais noites, a Criação parece desfraldar-se e no fundo da alma, pressentimos as forças que regem a nossa vida.



VI. Em defesa do futuro

Egrégio Tribunal!

Minhas Senhoras e meus Senhores!

Malgrado todos os ataques, lançados contra mim em jornais e revistas, ainda conservei bastante humor para aceitar o papel de réu que, provavelmente, me está sendo atribuído. Sei perfeitamente bem que não entra nos debates qualquer publicação aceitando a minha teoria, na íntegra ou em parte. No entanto, talvez a algazarra por mim provocada tenha deixado o Egrégio Tribunal desconfiado. Talvez até se tenha chegado a levantar a pergunta se, afinal de contas,

não existiria algo em tudo aquilo, pois do contrário, também neste meu caso, já teria sido empregado o tradicional método da condenação ao ostracismo.
Com leve sorriso de imensa satisfação tomo conhecimento do fato de muito autores importantes, inclusive cientistas, não fazerem dúvida em publicar as suas próprias séries de livros, por assim dizer, em relação com os meus. Egrégio Tribunal, peço vênia para realçar que deve ter base bastante ampla uma teoria que é adotada até por seus próprios adversários, quando, ainda na controvérsia, se deleitam com o doce mel da cornucó-pia dos argumentos por ela empregados.
Sempre procuro ser correto, também na hora das controvérsias acirradas. Assim sendo, declaro perante o Egrégio Tribunal que, desde há anos, colegas renomados continuam lavrando o mesmo pedaço de chão, que está sendo lavrado por mim. Deixo ao critério do Egrégio Tribunal a decisão a respeito de ser eu, justamente eu, quem deve servir de alvo aos adversários da teoria dos deuses-astronautas. Não sabem eles que — graças aos indícios a meu dispor — eu uso colete à prova de bala? Ou, à maneira dos sonambulos, pressentem que o meu fôlego será mais alentado do que o deles? Desde os meus dias de colégio, sempre fui péssimo competidor em corridas de curta distância, mas quase imbatível nas de distância longa. Dêem-me licença para pedir o sinal do gongo, anunciando o próximo "round", o próximo tempo da competição.
Contra-argumentam: Desde que o vôo espacial interestelar é impossível, jamais, em época alguma, os extraterrestres nos poderiam ter visitado. Graças a um perito competente, eu pude produzir a prova em contrário, a saber: O vôo espacial interestelar é possível. Já temos meio caminho andado até lá.
Dizem que não existiriam tradições mitológicas, permitindo a conclusão convincente, de que, em qualquer época, o nosso planeta foi visitado por estraterrestres. Desmenti essa afirmação leviana, mesquinha — que o Egrégio Tribunal me perdoe por usar linguagem tão profana — com grande abundância de provas documentárias e afirmo que, a qualquer hora, tenho condições de a ela acrescentar dúzias e dúzias de mais outras peças equivalentes. A outra parte que deixe, a seu critério, protocoladas suas respectivas exigências com o escrivão desse Egrégio Tribunal.
Afirmam que a origem da primeira vida, bem como a da inteligência humana seriam obra de toda uma seqüência de puros acasos. Graças aos numerosos diálogos que pude travar com biólogos, físicos e matemáticos, mas sobretudo às instruções recebidas por um eminente perito na matéria, consegui provar e não apenas afirmar, a total improcedência da opinião didática convencional. A outra parte que se cuide de contestar os resultados de pesquisas químico-biológicas e físicas, realizadas em laboratórios, sob pena de bater com o nariz no assoalho da ciência purista, por ela polido até o grau máximo de brilho. Eu sentiria pena daqueles narizes, tão soberbamente levantados no ar!
Egrégio Tribunal, quais as provas objetivas que me são exigidas? Deveria eu fazer entrar neste recinto uma múmia de astronauta? Colocar sobre a mesa restos de uma espaçonave, outrora acidentada? Apresentar os ossos apodrecidos de um extraterrestre, conservados em álcool? Será que quereriam ver e ouvir o tique-taque de uma cápsula do tempo, contendo mensagens para nós?
Se a outra parte fosse dotada de raciocínio e senso, apenas medianamente comum, ela deveria compreender o seguinte:
A superfície terrestre do nosso planeta cobre 148,8 milhões de quilômetros quadrados. Todavia, cumpre lembrar que o conceito de superfície terrestre não é idêntico ao de superfície habitável.
A superfície habitável não inclui os desertos glaciais dos pólos norte e sul; tampouco as demais zonas desérticas; portanto, é bem menor. Cumpre descontar ainda as áreas geralmente desabitadas, inóspitas, nas selvas das Américas Central e do Sul, da África e da Índia. A superfície habitável diminui progressivamente. Ademais, as montanhas dos Alpes, dos Urais, as Rochosas e as do Alasca são e continuam sendo desabitadas. Outrossim, é preciso lembrar que as partes realmente habitáveis da Terra nadam em um enorme lago; 70,8% da superfície terrestre está coberta por massas de água. Quem é que mora dentro da água? Tão-somente 20% do Planeta Azul são habitados e, desta área, até agora, apenas 1% foi pesquisado por arqueólogos. Considerando tudo isto, tomo a liberdade de indagar ao Egrégio Tribunal se acha lícito que eu seja obrigado a apresentar uma prova tangível, a título de herança dos "deuses"?

Tal prova talvez possa estar em toda parte! Poderia ser encontrada tanto debaixo da calota polar, quanto nos solos arenosos e rochosos dos desertos; poderia aguardar por ser descoberta, tanto nas selvas úmidas, quanto ao pé de uma colina qualquer, em qualquer parte do globo. Para mim, ao menos, parece absurdo pensar, esperar que tal prova "objetiva" surja naqueles sítios arqueológicos exatos que, em sua totalidade, abrange tão-somente 1% da superfície terrestre habitada. Acho mais fácil encontrar uma agulha num palheiro, em noite escura, do que desenterrar, por acaso, uma relíquia deixada pelos extraterrestres num lugar qualquer, por aí. Não; as relíquias dos deuses, deixadas por acaso e encontradas por acaso, não representam o fantasma atrás do qual estou correndo.

Admito de bom grado que, a rigor, deveria ser apresentada uma prova deixada intencionalmente! Os extraterrestres mudaram os homens "segundo a sua imagem", portanto sabiam o que era de esperar-se das suas criaturas. Como o que nasce de peixe, peixe é, sabiam perfeitamente que, mais tempo, menos tempo, o homem iria começar a brincar com a tecnologia e tais brincadeiras iriam dar no vôo espacial. Seria apenas lógico se, a título de presente de despedida, os "produtores" da inteligência humana, em tempos pré-históricos, tivessem depositado aqui na Terra uma prova qualquer de suas atividades e intenções.

Qual o jeito de conseguir-se tal prova?

Procura-se uma cápsula do tempo?

Rogo ao Egrégio Tribunal para perguntar a outra parte a respeito de como ela quer que isto se faça. Seria aceitável uma cápsula do tempo, contendo microfilmes e fitas gravadas, planos de construção técnica? Por que não? Para mim não constituiria surpresa se, um belo dia, de fato, tal prova fosse encontrada. Seria um depósito pré-histórico para gerações futuras. Quando se apaga a auréola envolvendo o estado de graça do homem e se cria a coragem necessária para admitir que, milênios atrás, houve pessoas mais inteligentes que nós, então tal depósito deixa de ser utopia e se torna uma possibilidade bem real. Infelizmente, por força de nossa formação, todos nós ficamos autênticos Muhammed Alis, pois considera-mo-nos como os maiores de todos!

Egrégio Tribunal, peço insistentemente que se dê crédito às minhas palavras: não somos os maiores de todos.

Onde — pergunta-se — poderia ser encontrada tal herança, depositada intencionalmente? É o que eu também pergunto a mim próprio. Estaria no topo de uma montanha, bem visível para todos verem? Este seria um local cuja escolha revelaria bem pouca inteligência. Aquilo que salta à vista já teria sido retirado, desde há muito, por gerações passadas, as quais nem teriam feito idéia do significado do seu achado, do valor da sua descoberta. Teria sido encontrado pela geração errada, na hora errada? Bobagem. Os extraterrestres, conhecedores exímios da evolução histórica em seu próprio planeta de origem, calcularam a longo prazo. Por certo a sua herança era para aqueles pósteros que, em um futuro remoto, por conta própria, iriam fazer o vôo espacial e continuar o contato com seus engenheiros-geneticistas. Não depositaram mercadoria alguma para o consumo breve. A consistência, embalagem, bem como o conteúdo de sua herança eram intencionados para gerações bem pósteras e mesmo os que a encontrarem, nela ainda podem discernir um futuro longínquo, digno de por eles ser almejado.

Onde estaria, então, tal depósito? No recinto de um templo? No interior de uma pirâmide? Bem no fundo do túmulo de um antigo santo ou patriarca? Ou até enterrado no solo, hoje de altíssimo preço, de Manhattan, outrora disponível a título gratuito?

Os extraterrestres não nasceram ontem! Sabiam perfeitamente bem que, ao longo de milênios, as catástrofes naturais e as guerras iriam destruir e nivelar toda sorte de templos e santuários. Conheceram a força devastadora das inundações e dos terremotos. Onde, então, deixariam aquela prova, a ser depositada em lugar seguro? Talvez escondida no interior de uma caverna? Nesse caso ainda estaria lá, sem que nós o soubéssemos.

A outra parte procede de maneira como se se tratasse de um ovo de Páscoa, escondido no jardim por pais zelosos, querendo dificultar a procura aos filhos! Posso assegurar ao Egrégio Tribunal que, se a coisa fosse tão simples assim, desde há muito eu já teria encontrado aquele ovo!

No entanto, neste nosso caso, trata-se de um "esconderijo" que deveria continuar oculto, ao longo de milênios.

Para tanto, somente poderiam ter sido considerados pontos lógico-matemáticos, locais na superfície da Terra, como, por exemplo, o pólo norte, magnético, ou determinados pontos ao longo do equador, onde a terra e a água se equilibram. Nessa direção, eventualmente, deveriam ser procuradas possíveis opções, condicionadas pela Terra. Para mim, seria mais plausível, pressupor pontos lógico-matemáticos dentro do nosso sistema solar, talvez no ponto de liberação L-5, ou no centro de um campo de gravidade, formado pela gravitação de três planetas. Permitam-me juntar aos autos o protocolo dizendo que tais especulações já foram feitas por um cientista de renome.
Ovo de Páscoa cósmico?
Destarte, o "ovo de Páscoa" extraterrestre estaria escondido em um local a ser calculado, mas que por ora continua ignorado. Será que tal procedimento corresponderia à alta inteligência de nossos visitantes extraterrestres? De que maneira a gente encontraria o depósito por eles deixado, sem o menor vestígio, a título de orientação? Por causa disso, é minha convicção pessoal e inabalável que os mitos encerram vestígios daqueles tempos, perdidos nas penumbras de um passado longínquo. Cumpre ir em sua busca nas escrituras de cultos antigos, primitivamente transmitidos por tradição oral; devemos tratar de interpretar os sinais e códigos das pinturas rupestres em paredes e cavernas de rocha. Todavia, enquanto a outra parte não estiver pronta a verificar estas "pressuposições" indicatórias, mas sim prefere deixá-las de lado, com um sorriso de menosprezo, continuarei a ser atacado por citar tais vestígios, a título de provas.
No entanto, saberei dar continuidade àquele movimento inquietante e pouco cômodo.
A qualquer época deverão ser encontradas as provas fatuais dos visitantes extraterrestres. Aliás, entrementes, já ficou comprovada, e de maneira convincente, grande parte dos elementos por mim introduzidos nos debates, à guisa de especulações. É só ter boa constituição física, nervos calmos, pele espessa, paquidérmica, e uma formidável dose de humor, para "sobreviver" a todos aqueles ataques e ainda continuar disposto a sentir alegria, quando enfim, ficar revelado que a gente está com a razão.
Será que procuramos por uma prova objetiva que se encontra bem diante dos nossos olhos, bem à vista? Será que o próprio homem, como único ser vivo inteligente neste planeta, não constituiria a prova da interferência dos extraterrestres na evolução terrena?
Por exemplo, o papagaio, que articula, de voz rouca, as palavras por nós pronunciadas, constitui a prova viva de sua convivência com seres humanos. Quando, em uma época futura, os nossos cirurgiões-geneticistas tornarem inteligente o macaco, nele aplicando mutações artificiais, dirigidas, não seria então essa nova espécie, a surgir, o produto visível da iniciativa tomada pelo homem? Pois sem a sua interferência manipuladora, o macaco jamais ficaria inteligente.
Por outra, não constituiria a mera existência do homem a prova cabal da interferência do criador extraterrestre? Se não fosse este, qual seria o jeito de demonstrar, de maneira convincente, que somente o Homo sapiens saiu do seio da grande família simiesca para se constituir em uma nova espécie, cuja característica principal é a inteligência? Em sua qualidade de único ser inteligente, o homem pode ir em busca infrutífera do seu criador. O fato de existir tal criador já está provado pela própria existência do ser humano. Outrossim, tomo vênia para perguntar se haveria alguém que julgaria possível a contingência de uma forma de barro, dotada de vísceras humanas, que pudesse chegar a ser uma criatura humana e despertar para a vida, por força da respiração artificial, boca a boca?

O botão de calça em Marte!

Outrossim, permitam-me propor uma pequena astúcia para ajudar a pensar. Se em Marte for encontrado um botão de calça, a partir daquele instante poderá ser considerada como certa, garantida, a presença de um indivíduo, usando roupas, naquele planeta. Poderiam, destarte ser iniciados debates infindáveis sobre a raça do portador da calça; no entanto, o fato de que ele realmente existiu, estaria fora de dúvida.
O simples botão de calça permite várias ilações por analogia; houve uma oficina, ou fábrica, que fez o botão; houve um fio, para prendê-lo na fazenda; a fazenda e mais o botão garantem,

seguramente, que por ali morava gente que não andava nua. Caso na petrificação ainda possa ser verificado o material (madeira, metal, plásticos, etc.) de que foi feito o botão, ou ainda se possa constatar se fora produzido por máquina ou manualmente, isto permitirá deduções a respeito do progresso da evolução econômica do país natal do portador daquela calça.
Senhor Promotor Público! Por favor, o que tem a ver, com a minha apresentação de provas, aquele botão de calça em Marte? O botão nada provaria? Perdão, mas nesse caso devo apresentar minha contra-argumentação.
A Pré-História da humanidade é o único armazém de tais "botões de calças"! Outrossim, vou consultar aqueles meus botões que, por atacado e a varejo, encontro nos mitos, nos cultos e nas lendas folclóricas, para fazer uma idéia de quem eram os forasteiros, como teria sido sua aparência física externa, o que teriam feito, quais teriam sido as máquinas, armas e noções, os implementos do seu poder, que aplicaram de uma forma mais ou menos considerável, os métodos por eles usados na colonização do nosso planeta. Decerto não são "botões" baratos; mas sim, muitas vezes, são de ouro, com incrustações de pedras preciosas. Já que ninguém pensa em recolhê-los — eu os recolho!
Ademais, tomo a liberdade de fazer constar o fato de, no descobrimento de novas noções, ser inegável o valor de ilações por analogias. Estou usando apenas um dos métodos convencionais da Ciência.
Pela leitura do libelo soube que a outra parte — representada por capacidades da categoria dos professores Fred Hoyle e Carl Sagan — sempre torna a afirmar que, em vista do enorme número de planetas habitáveis em nossa galáxia, seria impossível que extraterrestres tivessem aterrissado justamente na Terra e em uma época quando a primeira inteligência humana estava para manifestar-se. Como já argumentei extensamente contra esse argumento, limito-me a frisar aqui somente o ponto fraco na lógica dos meus adversários: os extraterrestres não visitaram a Terra com seus habitantes já inteligentes, pois foi somente desde a visita dos "deuses" que o Homo sapiens se tornou inteligente! Como não quero repetir-me, rogo ao Egrégio Tribunal que mande verificar nos autos os meus anteriores depoimentos a este respeito.

Companheiros de outros planetas

Com base nos inúmeros planetas habitáveis, mencionados por Hoyle e Sagan, faço o seguinte prognóstico: Os primeiros visitantes extraterrestres, ou seus descendentes, deverão voltar! Não são somente eles a conhecerem a posição de nossa galáxia, mas sim conhecem também as outras formas de vida por eles visitadas em tempo anterior ao de sua visita em nosso planeta. Já falei que seria lógico que os visitantes alienígenas tivessem deixado uma prova objetiva de sua presença aqui; e não somente aqui, entre nós, e para nós. Esta pressuposição óbvia vale, igualmente, para outros seres, parecidos conosco que, antes de nós, tiveram o prazer de receber uma visita extraterrestre. Com isso, poderíamos aguardar não apenas novas visitas dos inventores do vôo espacial, mas ainda daqueles que, graças à vantagem do tempo, que os favorece, já alcançaram um progresso técnico devidamente avançado.
Senhor Promotor Público! Queira notar, por favor, que este meu depoimento não deve contar dos protocolos a título de "prova", pois frisei claramente que se trata apenas de especulações. Só porque a mim parece lógico não pode ser qualificado de prova. O Egrégio Tribunal pode ter a certeza de que sempre falarei em alta e boa voz quando pretendo oferecer hipóteses e não provas. Per definitionem, a hipótese é o pré-projeto de uma teoria e somente os regimes ditatoriais proíbem a formulação de teorias. Obrigado.
Egrégio Tribunal, censuram-me por operar com categorias e atribuir aos extraterrestres ações e reações iguais às dos humanos. Devo responder à outra parte que deixou passar por despercebido o ponto essencial de minha teoria... ou se nega a percebê-lo.
Os deuses criaram o homem segundo a sua imagem. Com isto não sou eu apenas a penetrar nas reservas do pensamento "divino", mas sim todos nós passamos para aqueles recintos sagrados. Todos nós pensamos e agimos no sentido do "modelo" genético, segundo o qual fomos criados. Desde que homens procriam homens, eles geram "filhos dos deuses", ou seja, produzem réplicas fiéis dessas suas próprias imagens.

Possivelmente — uma mera hipótese, Egrégio Tribunal! — os "deuses" ou seus descendentes encontram-se novamente em nosso sistema solar e estão nos observando. Bem sei que a outra parte tacha de absurda tal idéia, no entanto o meu senso de responsabilidade obriga-me a incluir também esse aspecto eventual neste meu discurso de defesa.
Minhas senhoras e meus senhores, noto o seu sorriso, ao falar em senso de responsabilidade. Com freqüência demasiada, as pessoas ficam expostas a enormes choques psicológicos, sem, para tanto, serem devidamente preparadas. Seria o caso de testar a sua resistência à prova de choque? Como eu acho possível o retorno dos extraterrestres, sinto-me na obrigação de preparar meus contemporâneos para este evento nada fora de cogitação, pois, no caso de acontecer, milhões e milhões de habitantes terrenos sentir-se-iam chocadíssimos com esse acontecimento que faria estremecer o mundo. Por achá-lo possível, a ele reservo um lugar no meu discurso em defesa do futuro. Faço-o constar, a título de profilaxia para tal eventualidade; e que sirva única e exclusivamente para esse fim, e para nenhum fim de importância menor.
Minha opinião sobre os OVNI's Egrégio Tribunal, não sou fã dos OVNI's. Jamais vi, nem de longe, um tal objeto, a não ser que fosse um OVNI o pires* que caiu na minha calça durante um vôo sobre os Andes, com mau tempo.
Conforme li em publicações acima de qualquer suspeita e ouvi em inúmeras conversas com pessoas de faculdades mentais perfeitamente intatas, sei que de maneira assustadora aumenta a freqüência com que acontecem esses fenômenos, ainda a serem esclarecidos. Comandantes de aviões, técnicos de radar, cientistas sóbrios e personagens como Barry Goldwater e Jimmy Carter, garantem que avistaram OVNI's. Não há motivo para pôr em dúvida a credibilidade dessas pessoas. Ou será que a outra parte arriscaria caluniar como mentirosos todos esses homens honrados?
Ainda — e nisso todo mundo concorda — ninguém sabe de que se trata com os OVNI's. Esclareço o seguinte: Não afirmo que, em todo caso, os OVNI's sejam fenômenos extraterrestres mas, em nome de todos que os avistaram, pleiteio a veracidade de sua existência!
Os superespertos perguntam: Se existem e talvez sejam de procedência cósmica, por que, então, não resolvem fazer uma aterrissagem oficial? Por que os comandantes daqueles esquisitos veiculos celestes não aceitam ser recepcionados oficialmente, por parte do presidente do respectivo país, a esperá-los com tapete vermelho e todos os demais apetrechos que costumam acompanhar tais ocasiões? Os ufologistas garantem que houve tais aterrissagens, mas sempre em locais ermos, afastados.
Como também aqui estão me fazendo a pergunta: O que acha dos OVNI's?, vou derrubar a barreira erguida por preconceitos e divulgar a minha opinião a respeito daquele grande jogo de adivinhação. Por que os OVNI's, conquanto sejam de procedência extraterrestre, não fazem uma aterrissagem oficial?
Ao estudar os mitos, reparei que os "deuses" sempre dominam o idioma dos terrenos. Essa capacidade lingüística pressupõe que, por muito tempo, os habitantes terrestres pré-históricos tivessem sido detidamente observados e estudados, pois não há outra explicação para um contato entre extraterrestres poliglotas e os filhos da Terra. Eles conversaram no respectivo idioma corrente, que ainda não possuía terminologia técnica.
Jamais ficará revelado o número de línguas "então" catalogadas. Hoje em dia, falam-se 2.986 idiomas na Terra; uma legítima confusão babilô-nica de linguagem, conforme as palavras de Moisés (Gên. 11, 7-9). Entre esses 2.986 idiomas há seis de categoria internacional e essas seis línguas devem ser do conhecimento dos extraterrestres, para que possam compreender o noticiário escrito e falado da imprensa mundial. Bem, provavelmente não estariam interessados em pequenas interferências nacionais ou regionais. Todavia, somente esta parte do levantamento lingüístico requer longos períodos de observação.
Desde a estada dos "deuses" na Terra, há milênios, as condições terrestres quanto à situação de bactérias e vírus mudaram de forma acentuada. Surgiram novas doenças perigosas, cujos transmissores são ignorados pelos forasteiros. Antes de planejarem uma aterrissagem oficial, completa, com aperto de mão, abraços e beijos, troca de presentes, etc, devem tratar de conseguir noções pormenorizadas das doenças, por eles ignoradas, bem como das eventuais infecções. Tomo a liberdade de lembrar que, imediatamente após o seu regresso da Lua, os

nossos astronautas foram mantidos em quarentena, por receio de transmitir-nos qualquer doença grave, desconhecida. Extraterrestres preparando-se para uma visita ao Planeta Azul, decerto tomarão idênticas medidas de precaução. Antes de sua aterrissagem, patrulhas sanitárias dever-nos-ão observar detidamente por repetidas vezes e em vários pontos ao redor do globo.
Ademais, desde a última visita dos deuses, os habitantes da Terra também mudaram, de forma radical. Assim sendo, os extraterrestres vão querer saber até que ponto e em que direção evoluíram as faculdades dos descendentes de suas criaturas primitivas. Será que já sabem usar bombas atômicas e de hidrogênio? Estariam usando gases tóxicos e as terríveis armas de extermínio bacteriológico? A esta hora, desfrutariam os humanos de uma posição de força a representar perigo potencial para os "deuses"? De que forma mudou o estado de sua consciência, positiva ou negativamente? A semeadura promovida com a mutação artificial teria frutifi-cado conforme o previsto? Ou será que novas mutações espontâneas transformaram a mente humana e a ela conferiram uma índole briguenta? Quais as constelações do poder político? Seriam orientadas por princípios ditatoriais ou democráticos? Quais os cultos dominantes? Qual seria o risco de uma aterrissagem?
Presumivelmente, os questionários abrangeriam muitas e muitas laudas, com cada item a ser previamente esclarecido. Parece fantástico o que digo aqui. No entanto, Egrégio Tribunal, já participei de debates travados entre pesquisadores responsáveis, engajados em estudos preparatórios de futuras expedições interplanetárias, quando então pude apreciar a enorme e incrível complexidade dos pontos a serem considerados em tais pesquisas. Empiricamente, seria de supor-se que os extraterrestres operassem com base em métodos e estratégias análogas, já que nós fomos feitos "segundo a sua imagem".
Entre outros, seria este um dos motivos pelos quais patrulhas com pequenos estafetas procedem a levantamentos específicos, em qualquer parte, "no fim do mundo". Possivelmente tenham ido para lá em busca dos seus primeiros dados. Ninguém pode sabê-lo, mas acho que tais especulações ainda ficariam dentro dos limites da probabilidade. Outrossim, de acordo com os ditames da moderna pesquisa de comportamento, eu acharia perfeitamente acertado que eles nos estudassem como realmente somos, pois sabidamente o nosso comportamento deixa de ser natural, tão logo sejamos chamados a aparecer em publico ou nos sintamos observados.
No meu ponto de vista, as especulações em torno de todos os OVNI’s avistados podem ser resumidas conforme segue: Nada se sabe de CONCRETO, mas, TUDO é possível. Vamos aguardar os acontecimentos. Aliás, há dois algarismos que deveriam dar o que pensar ao Egrégio Tribunal. Faz 20 anos que, pela primeira vez, uma parte bastante representativa da população dos EUA respondeu à seguinte pergunta: Você acredita nos OVNIs e acha que, com eles, se trataria de seres vivos extraterrestres? Na época, vinte anos atrás, 3,4% das pessoas indagadas responderam "SIM". No outono norte-americano de 1975, repetiu-se esta mesma pes- quisa de opinião e, dessa vez, 51,7% das pessoas indagadas responderam na afirmativa.
Suposto que os extraterrestres empregassem os OVNI’s nos seus preparativos psicológicos, seria esta uma medida digna de todo o nosso respeito, pois, certamente, o método dá conta do recado.
Como eu fui desmascarado!
De que se trata, afinal? Em 1972, escrevi que estive na entrada lateral de uma caverna; lá embaixo havia uma "biblioteca de metal", um jardim zoológico, com estátuas de animais das mais variadas espécies. O livro mal acabara de sair do prelo quando já se anunciaram os primeiros ataques veementes. Com exceção da revista "SPIEGEL", a qual pediu uma entrevista comigo, que dei, mas que deixou de ser publicada, nenhum dos artilheiros nas diversas posições de fogo solicitou o meu pronunciamento a respeito. No verão de 1976, uma expedição escocesa, promovida pelo governo equatoriano, preparou-se para penetrar até 5 km no interior de uma das cavernas de "Los Tayos". Publicidade não faltava, pois entre seus participantes estava Neil Armstrong, o primeiro homem terrestre a pisar o solo da Lua. A expedição não encontrou "vestígio algum de extraterrestres", não viu "nenhum ouro", mas sim "vários objetos de arte". Mais uma vez, Däniken foi desmascarado.
Neil Armstrong "nas pegadas de Dãniken"! Decerto era este o sinal para a expedição ganhar

publicidade global. Alguns periódicos publicaram reportagens ilustradas de até dez páginas. Dãniken desmascarado por Armstrong! Será que Armstrong fez idéia dos fins para os quais estava sendo utilizado? Não o sabia, não.
Em 24 de fevereiro de 1977, Neil A. Armstrong, catedrático da Universidade de Cincinnati, Ohio, escreveu-me, entre outros assuntos:
A Expedição de Los Tayos, um projeto bilateral da expedição britânica e equatoriana, teve por tarefa um estudo científico das cavernas de "Los Tayos". Pelo que eu saiba, o Exército Britânico foi encarregado de cerca de 400 expedições semelhantes.
Em vista de minha ascendência escocesa e considerando que o projeto britânico foi executado principalmente por escoceses, fui convidado para participar da expedição, como seu comandante honorário; eu aceitei esse convite.
Visitei o local da expedição em inícios de agosto do ano passado. Não havia lido seus livros e nada sabia sobre qualquer relacionamento entre o senhor e as cavernas. Neste contexto não fiz quaisquer comentários a respeito de suas hipóteses.
Soube que na Alemanha e na Argentina foram publicados diversos artigos, falando da expedição, em relação com as suas teorias... Nenhuma pessoa, de nenhum órgão publicitário entrevistou-me a esse respeito. No Equador perguntaram-me se, no interior das cavernas, eu teria encontrado alguma coisa que indicasse a passagem por lá de uma civilização mais adiantada, e respondi que não.
Não posso assumir qualquer responsabilidade por qualquer coisa que o senhor leu na imprensa européia.
Certamente, eu não responsabilizo Armstrong por aquelas bobagens. Não foram ditas por ele; foram inventadas e colocadas na boca dele. Quando se trata de liquidar com Däniken, todos os meios servem.
Os 75 membros da expedição passaram seis semanas na região das cavernas subterrâneas equatorianas. Seria de supor-se que Armstrong tivesse então ouvido falar alguma coisa se, de fato, a intenção tivesse sido a de desmascarar Däniken. Presumo que, com exceção dos escrevinhadores panfletários, nenhum dos membros da expedição sabia que aquilo deveria valer por mais outra tentativa de desmascarar-me.
No Equador há centenas de cavernas subterrâneas. Armstrong sabe de 400 explorações dessas cavernas; eu ignoro o número exato, mas acho que o por ele mencionado deva corresponder à realidade. Quem sabia que estava nas minhas pegadas? Nos artigos publicados em todo o mundo — recebi-os todos, por intermédio do meu serviço de imprensa — estava escrito que da "equipe fez parte o perito mais competente em matéria de extraterrestres"... Neil Armstrong. Só que ele próprio ignorava a sua tarefa de desmascarar Dàniken.
Quem esteve onde?
Os especialistas sabem que, no Equador, há centenas de cavernas subterrâneas. Tomo vênia para perguntar ao Egrégio Tribunal por que foi i explorada uma caverna qualquer e não a "minha" entrada lateral de um túnel? A localização dessa entrada não pode ter sido conhecida, pois, sob palavra, prometi ao descobridor daquela caverna de não revelá-la e costumo respeitar a palavra empenhada.
Tomo igualmente a liberdade de entregar ao Egrégio Tribunal uma foto, para os autos, na qual eu apareço em companhia do descobridor de "minha" caverna, Sr. Juan Moricz, e seu advogado, o Dr. Matheus Pena, sentados em frente a uma entrada lateral. Houve rumores dizendo que a leitura do meu respectivo relato teria inspirado o engenheiro escocês e arqueólogo amador Stanley Hall a promover e chefiar a expedição realizada em 1976. Se assim fosse, ele teria procurado estabelecer contato prévio comigo, a fim de saber qual a caverna a ser explorada, entre as muitas cavernas subterrâneas lá existentes, pois isto teria poupado muito tempo, dinheiro e esforços inúteis. Acho que o Egrégio Tribunal aceita este ponto de vista sensato.



Por que a expedição não convidou para acompanhá-la, ao menos, o descobridor e conhecedor da caverna subterrânea em apreço, Juan Moricz, já que eu deixei de ser convidado? Afinal de contas, Juan Moricz mandou autenticar em tabelião a existência da "biblioteca de metal". Por outra, por que a expedição não conseguiu com os indígenas que lhe indicassem o caminho para lá, a exemplo de como foi indicado a Moricz pelos habitantes da região?
Egrégio Tribunal, constitui procedimento incorreto bem como incômodo para mim o pretender atribuir-me os resultados da expedição realizada em 1976, malgrado sejam largas as minhas costas e grandes meus pés, usando sapatos tamanho 41! Tenho todo o respeito — e desejo frisar este ponto — por um trabalho crítico-jornalístico limpo e bem feito, mesmo que me faça perder uma partida; no entanto, não compreendo, em absoluto, um procedimento destes que admite ouvir somente uma das partes, negando à outra o direito de ser ouvida. Tanto os exploradores de cavernas, quanto os jornalistas podem ter a certeza de, para as suas pesquisas, não poderem encontrar companheiro mais genuinamente interessado do que eu. Todavia, a palavra "fair play", que quer dizer jogo limpo, conduta equitativa, retidão, honestidade, não deveria ser um termo alienígena em qualquer língua, muito menos hoje em dia, quando todas elas estão repletas de anglicismos e americanismos. Será que se conhece o sentido dessa palavra? Para a sua tradução exata, bem como para a prática desta belíssima máxima, coloco-me à disposição à qualquer hora, de dia ou de noite.
Aliás, já que respondo à acusação geral, este casus belli também deve vir à baila.
Eles não viram os tesouros de Crespi Há ainda um segundo caso, de aspectos semelhantes, que quero submeter à apreciação do Egrégio Tribunal. Trata-se do seguinte:
Por duas vezes, passei alguns dias em companhia do Pe. Carlos Crespi, na Igreja dos Pobres de Maria Auxiliadora, em Cuenca, Equador. Hoje em dia, o Pe. Crespi já passou bem dos 80 anos, tornou-se um tanto senil e revela uma malícia quase infantil, que exprime por um largo sorriso, sempre quando consegue levar a melhor com um visitante de fora. Porém, quando o Pe. Crespi era mais jovem — faz 50 anos que vive em Cuenca — foi tido como perito incontestável em matéria de cultura indígena; à época, colecionava antigas obras de arte indiana e, com a ajuda do Vaticano, organizou um museu. Aconteceu que esta obra de sua vida foi totalmente destruída por um incêndio de causas jamais satisfatoriamente esclarecidas. Ele conseguiu salvar tão-somente algumas poucas peças preciosas e raras, as quais, desde então, guarda zelosamente e,

desconfiado como é, nunca mostra para gente de fora. Quando cheguei em Cuenca, não procurei contato com o Pe. Crespi da maneira como ele é contatado pelos turistas e peregrinos, meramente interessados em bater umas fotos do cura de almas, um tanto esquisito, e da sua igreja, mas sim lá me demorei por alguns dias e tratei de ganhar a confiança do idoso senhor, exalando mau cheiro bastante desagradável. Aliás, dele cheguei tão perto que até pude notar este detalhe. Inicialmente, o padre demonstrou hesitação, mas, aos poucos, resolveu mostrar-me placas de ouro, trabalhos feitos por índios, que logrou salvar do incêndio. Foi a este respeito que relatei. Ao todo, tirei algumas centenas de fotos, também de objetos que, em massa, se encontravam por aí, espalhados no quintal da igreja. No meu livro "O OURO DOS DEUSES" expus publicamente o assunto.

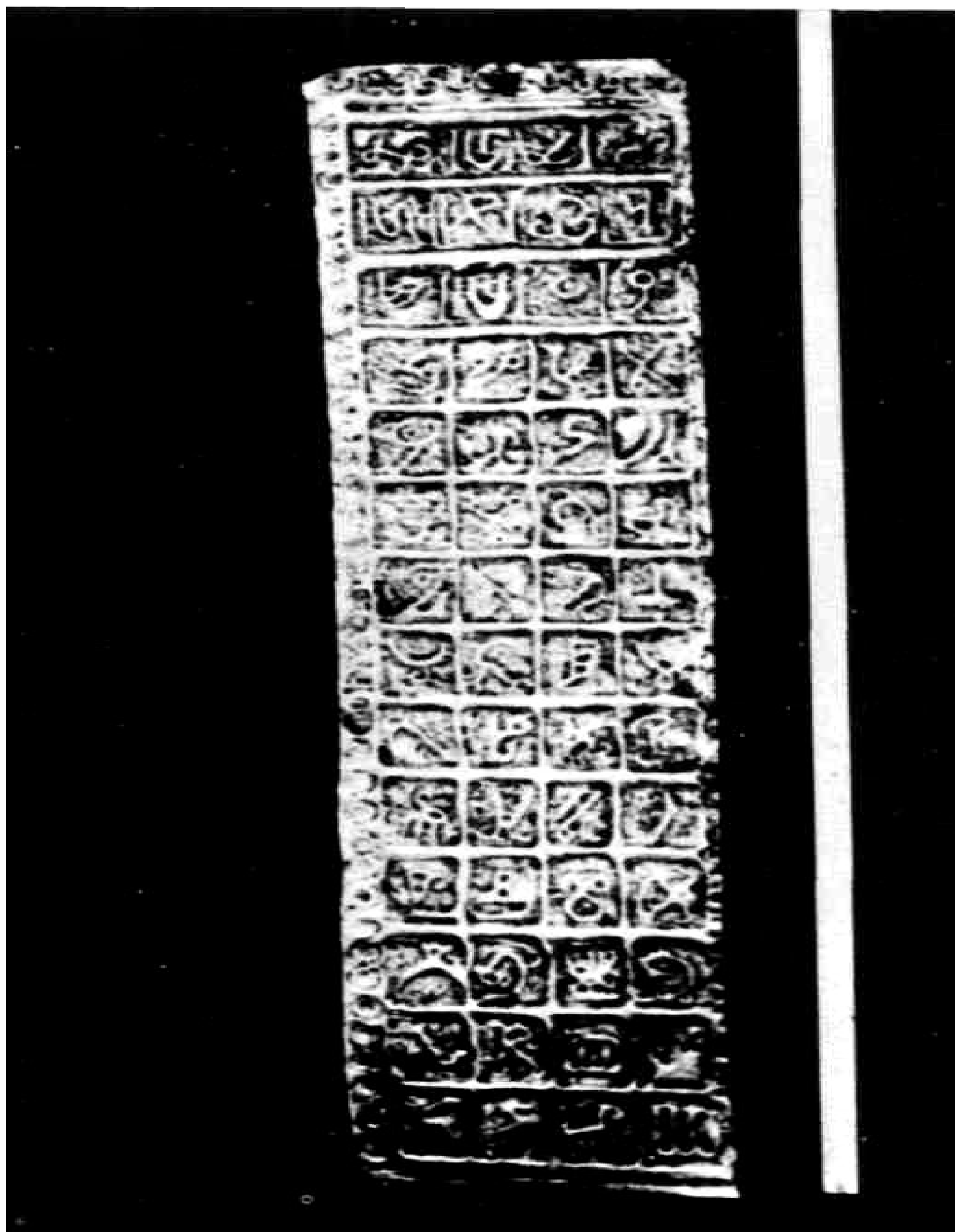
E o que foi que aconteceu?

Despachados por suas redações, em missão urgente, jornalistas provenientes de toda parte precipitaram-se sobre o Pe. Crespi. Conforme soube, em casos excepcionais, lá se demoraram por algumas horas, mas, por via de regra, ficaram por menos tempo ainda. Os grupos apressados viram tão-somente aquilo que o Pe. Crespi costuma mostrar a todos os turistas: bugigangas, muitos cacarecos, a assim chamada "cultura indiana", por atacado, feita para o consumo em massa, para os turistas.

E o eco, condensado em preto sobre branco?

Dãniken falou em placas e esteias de ouro — a nós somente foi dado ver latão! Vejam só! Pegaram direitinho o 'contador de estórias' que, no jargão deles, tornou a ser desmascarado.

Para citar um só "caso": Tirei e publiquei a foto de uma esteia, ostentando os "carimbos" de 56 caracteres diferentes, em 56 quadrados individuais. Perguntei se os antigos índios tinham martelado no metal as letras de um alfabeto desconhecido. Entrementes, o Prof. Kanjilal, de Calcutá, Índia, estudou aqueles símbolos e verificou que, em sua maioria, representam caracteres de uma antiga escrita hindu, de procedência brâmane.



Constituiria uma tarefa do outro mundo para os repórteres descobrirem de onde os "falsificadores" obtiveram suas noções dos caracteres da escrita brâmane! Mas certamente deixarão de engajar-se neste trabalho, pois náo renderia munição para ataques contra Däniken.
Quando Charles Berlitz publicou a sua obra "MYSTERIES FROM FORGOTTEN WORLDS" — Mistérios de Mundos Esquecidos — e lá deu as ilustrações dos mesmos objetos do tesouro do Pe. Crespi, que foram dadas por mim, não houve protestos nem calúnias, e ninguém ficou "desmascarado". Ainda bem que Berlitz foi poupado daqueles dissabores.
Nesta altura não posso deixar de levantar a seguinte pergunta: Qual a "justiça" jornalística que está sendo aplicada no meu caso? Será que para Dãniken há medidas de exceção? Usar-se-iam fitas métricas de aferição diferente? Sem querer influir no espírito do Egrégio Tribunal, tomo a liberdade de citar a seguir as palavras de um jornalista norte-americano de renome, com o qual falei a respeito da maneira particularmente carinhosa de como estou sendo tratado por certos jornalistas. Ele falou: "Sabe, meu amigo, é azar seu que você deve escrever para divulgar a sua teoria entre o povo! Escrever é com os jornalistas. No entanto se, escrevendo, alguém for tão bem sucedido como você, aí então, a longo prazo, nós não gostamos disso. Fazemos tudo para

que você desça lá do topo da sua escada, não descansamos até você ficar ao nosso nível. Para mim, é esta a explicação do tratamento excepcionalmente carinhoso que lhe está sendo dispensado por alguns colegas!" Egrégio Tribunal, não quero e nem posso aceitar tal explicação. Sou filantropo!
Porém, agora basta de querelas subterrâneas!
Seria o mesmo que levar foguetes para Houston, no Texas, se eu entrasse aqui em detalhes, descrevendo como o ex-engenheiro da NASA J. Blumrich logrou reconstruir a espaçonave, conforme descrita pelo profeta Ezequiel nos textos bíblicos. Todavia, até agora continua sendo ignorado o fato de Ezequiel ter acompanhado o comandante daquela nave, em diversos dos seus vôos. Ao regressar de um daqueles vôos, o profeta foi deixado no recinto de um templo. Eis a sua descrição do acontecimento:
No ano vinte e cinco do nosso cativeiro, no princípio do ano, no décimo dia do mês, no ano quatorze depois que a cidade foi destruída, neste mesmo dia veio a mão do Senhor sobre mim e conduziu-me lá (a Jerusalém). Em visões divinas levou-me à terra de Israel e deixou-me sobre um monte alto, sobre o qual estava um como edifício de uma cidade voltada para o meio-dia. Introduziu-me lá e eis um homem, cujo aspecto era como de bronze, tinha numa das mãos um cordel de linho e na outra uma cana de medir; estava à porta. Este homem disse-me: Filho do homem, vê com os teus olhos, ouve com os teus ouvidos e põe no teu coração todas as coisas que te vou mostrar, porque para elas te serem mostradas é que tu foste aqui trazido; anuncia à casa de Israel todas as coisas que vais ver.
Ez. 40, 1-4
Em seguida, Ezequiel indica os dados exatos, cujas medidas tomou no local. Descreve as quatro portas principais de um templo, indica os pontos cardeais onde se localizam as portas e, enfim, até menciona o pequeno córrego que nasce ao lado do templo e em um amplo vale se torna um rio imponente, majestoso. O cronista diz expressamente que o profeta foi deixado sobre "um monte muito alto".
Blumrich indaga: Onde estava Ezequiel? Para onde foi levado? O profeta ignora o nome do "monte muito alto". Logo, não pode situar-se nas proximidades de Jerusalém, onde Ezequiel foi criado. Nos arredores da cidade há apenas umas poucas colinas que, sem dúvida, dele eram conhecidas por seus nomes. Com o templo em apreço, tampouco pode tratar-se do templo dos judeus, pois Ezequiel ocupa o cargo de sumo-sacerdote no templo de Jerusalém. Embora o edifício estranho revelasse grande semelhança com o templo, que lhe é tão familiar, o profeta dele se aproxima com grande curiosidade, para descrevê-lo nos seus pormenores.
Para onde os extraterrestres teriam levado o profeta, a bordo de sua nave? Qual o templo que corresponde à descrição exata, por ele dada?
Estas perguntas básicas não me saíram da cabeça; sempre tornei a levantá-las. Assim sendo, levei para o meu estúdio grossos volumes de Arqueologia e neles procurei pelo templo, que deveria ter quatro portas, um átrio, colunatas, bem como um córrego, nascendo bem ao seu lado, de fora, e que, em um vale largo se torna um rio enorme. E, ainda, nas proximidades do templo existia "um monte muito alto".
Poder-se-ia cogitar de um templo incaico, em qualquer parte da América do Sul? Não; os templos de lá não possuem quatro portas, nem colunas, nem átrio. Será que o cronista bíblico (ou o tradutor e/ou elaborador dos textos bíblicos) cometeu algum engano, ao descrever o templo? Teria o profeta pensado em uma pirâmide? Teria ele falado em uma pirâmide da América Central? Não encontrei nenhum "monte muito alto" nas proximidades das pirâmides. Deveria ser procurado na Babilônia ou na Pérsia o templo em apreço? Tampouco naqueles países havia "um monte muito alto"; ademais, Ezequiel conhecia bem os templos babilônicos, pois esteve em cativeiro babilônico.
Comecei a procurar por templos em vales de altiplanos. Pelo correio recebi um palpite bem quente, da Alemanha; o nome do missivista era Karl Maier e ele escreveu o seguinte: "Em Srinagar, nos altiplanos da Caxemira, há vários templos. Por estranho que pareça, um deles é chamado de "Templo dos Judeus"; ele possui quatro portas, um átrio e tudo o mais quanto pertence a um templo judaico." O prestimoso missivista ainda anexou à sua carta o esquema de um templo, perto de Marand, a 30 km de Srinagar.

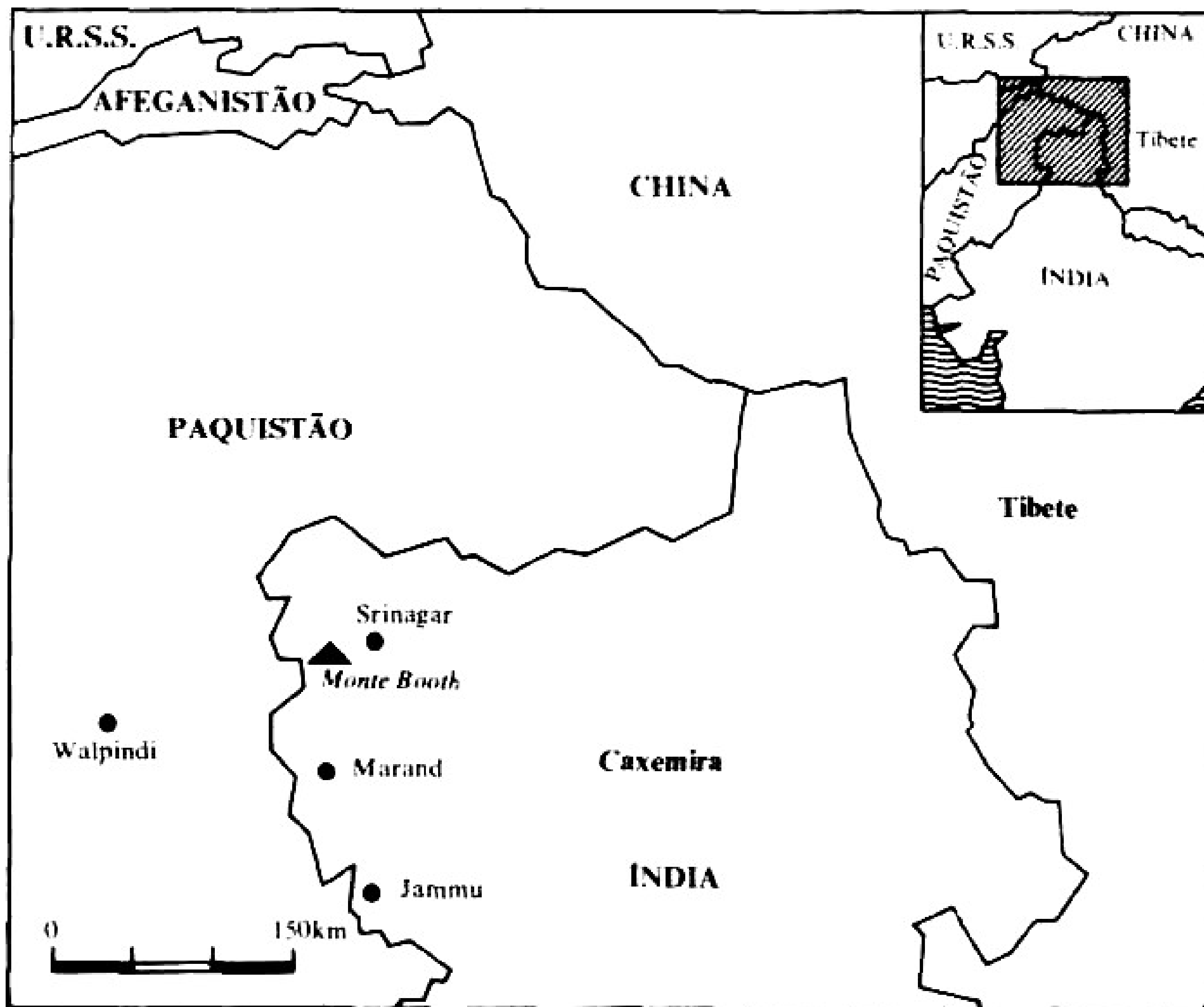
O estudo detido do mapa revelou-me, de maneira feliz, que nas proximidades imediatas do templo há: a) um córrego que, b) no vale da Caxemira aumenta para um rio e c) no fundo se ergue, de fato, "um monte muito alto", ou seja, o Himalaia. Será que Ezequiel fora deixado ali?



O Templo dos Judeus (Templo do Sol), perto de Marand, localizad no mais extenso sitio de ruínas de Caxemira.



O santuário situa-se, dominante, no centro de um complexo de templos. Foram constatados vestígios de radiatividade ao longo da linha que, do centro do santuário, passando pela porta principal, leva para o outro lado. Outrossim, o Templo dos Judeus de Srinagar também é chamado de "Templo do Sol" e, hoje em dia, é a maior ruína de templo na Caxemira. Desde que, em uma época qualquer, hindus crentes reformaram o templo para atender aos fins do seu próprio culto, somente restam três das quatro portas originais. Quando lá estive no verão de 1976, vi o átrio com a porta principal, bem como os sete degraus, levando para o interior do santuário. Havia ainda o pequeno córrego ao lado das ruínas e, como pano de fundo, o majestoso Himalaia, o "monte muito alto". No caso de Ezequiel ter sido levado até ali, o módulo que o trouxe deveria ter aterrissado no átrio do templo. Para tanto, continuo citando:
Depois conduziu-me à porta que olhava para o oriente. E eis que entrava a glória do Deus de Israel pelo lado do oriente e o ruído que ela fazia era semelhante ao ruído das grandes águas e a terra estava resplandescente pela presença de sua majestade. A visão que eu tive era semelhante à que eu tinha tido, quando veio para destruir a cidade; o seu aspecto era o mesmo que eu tinha visto junto do rio Cobar; e prostrei-me sobre o meu rosto. A majestade do Senhor entrou no templo pela porta que olhava para o oriente...
Ez. 43, 1-4
A crônica diz precisamente que o módulo entrou no templo pela porta. Será que, por aí, os seus rastros ainda poderiam ser verificados?



Durante dois dias sondamos o terreno com nossos instrumentos. Nada acusaram. Levantamos a área, metro por metro. De repente, ao longo de uma linha prolongada da porta principal, a agulha começou a pular de um lado para outro, executando uma dança frenética. Durante segundos, houve um sussurro desagradável, intenso, em nossos fones. Voltei com o aparelho para o meu ponto de partida. Tornei a percorrer o mesmo trajeto e o fenômeno repetiu-se no mesmo e exato local. A faixa acusando radioatividade cobriu uma superfície de 1,50 m de largura. Qual seria o seu comprimento? Devagar, desviei para a esquerda, em ângulo reto. O sussurrar no fone todavia, continuou, tornando-se irregular até desaparecer por completo. Os nossos instrumentos comportaram-se como loucos. Usei um monitor eletrônico do tipo TMB2.1, portátil, da firma Münchner Apparatebau; serve para medir e controlar radiações de alfa-beta-gama e de neutrônios.

Ao reduzir a quantidade da radiação captada por cinqüentésimo de segundo, nada se alterou. Em certos pontos, os indicadores ficaram grudados no fim da escala.

O que aconteceu por aí? Será que estávamos pisando em um veio de urânio, bem no fundo do solo? Em minérios radioativos, enterrados no chão? Será que, nessas altitudes, no ar cortante e puro das montanhas, o reflexo dos raios solares ter-nos-ia pregado uma peça? Todas essas são meras especulações que, no entanto, não ficaram fora de cogitação.

No santuário da ruína do templo havia um enorme monólito, cujo aspecto externo dava a impressão perfeita de um elemento de concreto armado. Seu comprimento lateral era de 2,80 m; a altura não pôde ser medida, porque sua base estava profundamente enterrada no solo. Quando os nossos detetores ficaram bem em cima do monólito, os indicadores dançavam de um

lado para outro, com extrema veemência; presumivelmente, seu núcleo era de material metálico.
No dia seguinte, nossos companheiros, os arqueólogos e professores Hassnain e Kohl, levaram-nos para o sítio das ruínas de Parhaspur, a pouca distância de Srinagar. Lá mostraram-nos, em três diversas ruínas de templos, os mesmos monólitos imponentes que vimos em Marand. Será que esses monólitos encerrariam algum segredo? E, novamente, foi o texto de Ezequiel que me deu o que pensar, pois afirma que a ele (Ezequiel) o "Altíssimo" teria falado:
Filho do homem, este é o lugar do meu trono, o lugar onde assentarei os meus pés, onde habitarei para sempre entre os filhos de Israel.
Ez.43,7
Será que com a palavra "pés" teria sido introduzido um termo espúrio na tradução do texto? Evidentemente, o "Altíssimo" deixou a marca dos seus pés no solo. Destarte, deveria a passagem dizer: "... este é o lugar... onde deixei a minha marca"? Será que o "Altíssimo" gravou o rasto no solo do santuário a indicar o caminho que leva para um depósito? Teriam os visitantes alienígenas depositado ALGO no interior dos monólitos, tão parecidos um com o outro, para ser "revelado" milênios mais tarde?



No sítio de ruínas de Parhaspur, Caxemira, distinguem-se, nitidamente, os restos de três templos. A paisagem parece ter sido devastada por um bombardeio. De fato, os mitos falam de

ataques com armas mortíferas, desconhecidas.



No centro das ruínas de Parhaspur há três monólitos, obviamente parecidos com um monolito em Marand. Dão a impressão de se tratar de elementos de concreto armado, produzidos pela mesma "fábrica". Os instrumentos de contagem acusaram a existência de formas metálicas, de qualquer espécie, no interior daqueles monólitos.

Não o sei. Tampouco sei se a radioatividade constatada no templo de Marand e em cima dos blocos de pedra em Parhaspur, de qualquer forma, estaria relacionada com os meus deuses. Não gostaria que essas observações fossem consideradas à guisa de provas; porém, apesar disso, menciono estes fenômenos em minha defesa, pois eu queria muito que os cientistas hindus mandassem partir um dos monólitos, a fim de descobrir o motivo das radiações!

Quase todos os dados indicados por Ezequiel a respeito do templo podem ser verificados nas ruínas do templo de Marand. Assim sendo, passo o estafeta para os cientistas competentes.

Minhas senhoras e meus senhores, para mim, que me acho aqui na sua presença, sempre constitui um empreendimento algo esquisito ter de indicar curiosidades que, na pressa dos nossos dias atuais, passam por despercebidos, mas que invariavelmente conduzem a enigmas, cuja deci-fraçao deveria representar tarefa importante, tanto para nós, quanto para cada uma de nossas gerações.

Egrégio Tribunal, nas aulas de catequismo todos nós ouvimos falar no maná, que, segundo a Bíblia, Deus mandou aos israelitas no deserto, para sua alimentação. Jamais ficou satisfatoriamente esclarecido o que era este alimento inesgotável.

Talvez este enigma pudesse encontrar sua solução. Permitam-me relatar a respeito, conforme segue:

George Sassoon é inglês; sua profissão é de assessor em eletrônica; ademais, é lingüista amador. Sassoon leu os meus livros. Entramos em contato, por correspondência, e chegamos a travar conhecimento, na terra dele. Conforme me falou, dentre os indícios por mim citados como básicos de minha teoria, ele encontrou alguns pontos de referência, que lhe deixaram suspeitar de que nas antigas escrituras, até agora interpretadas tão-somente sob o ponto de vista místico-

religioso, deveria haver algumas coisas objetivas a serem "reveladas".
Sassoon começou por estudar uma versão inglesa da Cabala*; porém, logo verificou que, para estudos concretos, a tradução era demasiadamente enigmática, complicada. Resolveu então aprender a língua aramaica, a fim de poder estudar a Cabala no original e lá deparou com uma estória do maná bíblico que o deixou eletrizado, pois achou ter discernido no texto a descrição técnica de uma máquina de maná.
Munido de uma tradução fiel, feita por ele próprio, Sassoon procurou Rodney Dale, biólogo e escritor, especializado em assuntos técnicos. A exemplo de Sassoon, também Dale depreendeu da descrição codificada dados de um laboratório químico. Depois de os dois homens terem coordenado suas idéias do texto da Cabala, pediram a Martin Riches, desenhista técnico-científico, que traçasse planos de construção, segundo as suas indicações. Enfim, um laboratório bioquímico acabou surgindo na prancheta! George Sassoon contou-me esses antecedentes da descoberta.
Como, em todo caso, estou convicto de as antigas tradições encerrarem muitas noções tecnológicas, este achado deixou-me um tanto surpreso, mas não o achei desconcertante. Quase já me havia esquecido da estória quando, na primavera de 1976, deparei no periódico NEW SCIENTIST com um artigo assinado por Sassoon e Dale e intitulado DEUS EST MACHINA? (= É Deus uma Máquina?) Se um periódico do porte daquele dedica três páginas inteiras a determinada matéria, é sinal de que há alguma coisa a respeito. A seguir o trecho inicial dessa publicação:
DEUS EST MACHINA?
O maná celeste, de fato, teria sido uma proteína unicelular, manufaturada em uma aparelhagem de fermentação especial, desde há muito, interpretada em textos aramaicos como um deus chamado de "O MAIS VELHO DOS DIAS"? Todavia, no caso de se tratar de uma fábrica para a produção da proteína unicelular, uma força geradora, da ordem de um raio laser, teria sido precisa para operá-la.
"OS FILHOS DE ISRAEL COMERAM MANÁ DURANTE QUARENTA ANOS, ATÉ CHEGAREM A UM PAIS HABITADO..." (Ex. 16,35)

George Sassoon, lingüista e assessor em eletrônica, **e Ro dney Dale,** biólogo e escritor especializado e m assuntos técnicos

Desde há muito, especulou-se sobre o que, realmente, era o maná, que serviu de comida aos filhos de Israel no deserto. Segundo certa tradição, o maná bíblico era obtido da secreção de Coccidae, para-sitos da planta Tamarix mannifera. Os insetos extraem dos galhos das árvores o suco (rico em hidratos de carbono) e o que seu organismo não absorver, o excesso

os livros do Sepher-ha-Zohar (O Livro dos Esplendores) que, em sua maior parte, aparentemente foi redigido por Moses ben Shem Tov, de Leão, um judeu espanhol do século XIII, com base em tradições orais. A nossa fonte mais antiga é o Códice de Cremona, em aramaico (1558), do qual foi extraída a versão em Latim KABBALAH DENVDATA (1644) e a versão em Inglês KABBALAH UNVEILED (1892). Nosso trabalho original é baseado na tradução inglesa e, atualmente, estamos verificando o emprego de vários termos, ao procedermos a uma nova tradução do texto aramaico...

Sassoon autorizou-me a reproduzir a matéria bem extensa, muito científica, em uma condensação facilmente compreensível e ainda colocou à minha disposição os dois desenhos que a acompanhavam. Depois de tomar conhecimento dos resultados da pesquisa, ninguém mais acreditará que Deus fez chover pães do céu, conforme consta do Êxodo: 16,4-25.

Teria o maná sido uma albumina unicelular, preparada em uma unidade especial de fermentação?

Era o maná idêntico ao deus que, por muito tempo, nos textos aramai-cos, foi chamado de "O Mais Velho dos Dias"? Um deus, sinônimo de um objeto?

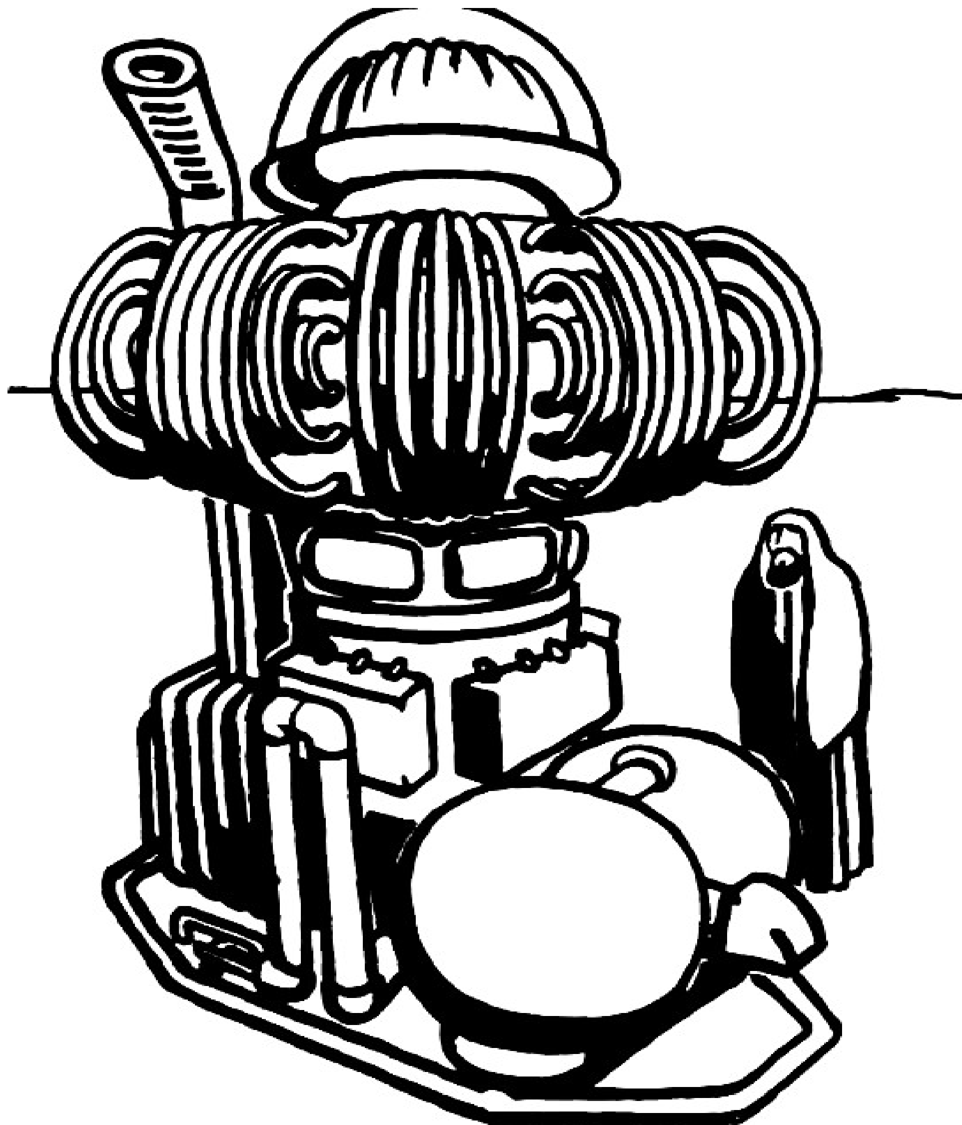
No caso de esse "Mais Velho" ter sido idêntico a uma fábrica produtora de albumina unicelular, naqueles tempos, quando o maná era o alimento básico do povo, deveria ter sido dotado de uma fonte de luz (fotossíntese), da potência dos raios laser.

Esforços envidados ao longo de milênios, visando a esclarecer o que, de fato, se deu com o maná, deixaram de produzir resultado definitivo. Comumente está sendo descrito como secreção dos coccídeos, proto-zoários, esporozoários, parasitos da planta Tamarix mannifera, arbusto da família do cardo, das cactáceas. Dos seus galhos, os insetos chupam esse suco, rico em hidratos de carbono; e o excesso, que não é absorvido por seu organismo, é eliminado em forma de gotas transparentes, que se solidificam em pequenas bolinhas brancas, contendo glicose e pequenas quantidades de pectina, conforme está sendo usada no preparo de geléias. Esta substância é recolhida pelas formigas que a levam para dentro do formigueiro. Aliás, até hoje em dia os beduínos usam esse maná como substituto do mel e o chamam de man.

Embora houvesse semelhança entre esta substância e o maná bíblico, ela carece das características do alimento, tão bendito por Moisés. Não contém albumina, conquanto o Pentateuco descreva o maná como "pão" e alimento básico. Outrossim, o man é encontrado tão-somente durante certos meses e em quantidades tão pequenas que em época alguma poderia alimentar um povo atravessando o deserto. Por vezes, o maná bíblico é identificado também

como lecanorales (Aspicilia esculenta — líquen de maná), a maior espécie de liquens com frutos sem casca; porém ainda não ficou comprovado que esta planta, produto da tundra e dos Alpes, tivesse sido encontrada, pelo menos, nas proximidades de Israel.
De onde, então, proveio o maná que, por ter sido o alimento do povo, dia após dia, estava disponível em quantidades suficientemente grandes? Sassoon e Dale estão certos de terem encontrado a resposta na Cabala.
Conforme é do conhecimento geral, desde o século XII, o termo Cabala é usado para designar, genericamente, as doutrinas esotéricas do judaísmo. O conceito é derivado do hebraico QBLH = "Aquilo que é concebido". Parte do compêndio da tradicional mística judaica encontra-se nos três livros do Sepher-ha-Zohar (Livro dos Esplendores), que teria sido transcrito por Simon Bar Jochai, no século II, mas provavelmente tem por autor o judeu espanhol Moses Ben Shem Tov, de Leão, que viveu no século XIII. Das fontes mais antigas, como do Códice de Cremona (1558), provêm tanto a versão latina, a KABBALA DENUDATA (1644), quanto a inglesa, KABBALAH UNVEILED (1892).
Os textos de Zohar dão a descrição minuciosa dos aspectos físicos de O deus era uma um deus, do "Mais Velho dos Dias". Sem dúvida, um velhíssimo altamente máquina! notável, pois era constituído de duas partes, uma masculina e outra feminina. Este método singular de desmontar um deus em seus componentes, para depois tornar a montá-lo npvamente, deixou Sassoon e Dale desconfiados. Eles eliminaram algumas observações marginais, contidas no texto, e descobriram que aquilo ali descrito não era um deus, mas sim uma máquina. Também a este respeito, os autores da Cabala, que jamais fizeram a menor idéia de tecnologia, recorreram ao expediente de descrever atributos humanos, a eles familiares, para demonstrar um aparelho que lhes era totalmente desconhecido. Cumpre mencionar que, até hoje, os índios apaches ainda praticam este método; para tornar imaginável um carro automotor, chamam o farol de índia = olho, a parte elétrica de tsam = veias, o cano do refrigerador de chin = vísceras.
Sassoon, o lingüista, tentou a descrição do "Mais Velho dos Dias", mediante termos técnicos adequados. Ficou revelado que, no decorrer de milênios, os magos dos textos antigos mistificaram-nos, a ponto de, desfeita a névoa esotérica, surgirem fatos literalmente duros. Aliás, a rigor, somente hoje em dia temos condições para interpretar o conteúdo técnico dos antigos textos.
A seguir, vou citar os versículos 51 a 73 do Livro HADRA ZUTA ODISHA (A pequena glorificação sagrada): A cabeça A parte superior da cabeça está branca[1]. Nela há nem início, nem fim. A coisa oca de seus sucos é estendida e destinada a fluir... Desta coisa oca para o suco da cabeça branca, em cada dia, o orvalho cai no de rosto miúdo... E a sua cabeça está repleta e do de rosto miúdo cai em uma horta de maçãs (ou foles). E toda a horta de maçãs flui daquele orvalho[4]. O velho sábio é misterioso e oculto. E a sabedoria superior fica escondida na cabeça que foi achada (ou, avistada) e desta para aquela, o Mais Velho não está aberto (isto é, não há passagem visível). E a cabeça não está por si só (ou, sozinha), porque constitui a parte superior (ou, cabeça) de todo o crânio. A sabedoria está na cabeça: fica oculta e é chamada de cérebro superior, cérebro oculto, o cérebro que acalma e é tranqüilo. E não há filho (de homem) que o conhecesse (isto é, ninguém o compreende). Três cabeças estão ocas; esta" e aquela e esta em cima da outra. Uma cabeça é sabedoria[14]; fica escondida por aquela que está encoberta. Esta sabedoria está oculta, é a superior a todas as cabeças das outras sabedorias. A cabeça superior é o "Mais Velho e o Santo", o mais oculto de todos os ocultos. Ele é a parte superior de toda a cabeça, da cabeça que não é uma cabeça (comum) e é desconhecida. (A descrição vem reforçar o que foi dito acima: não se trata de uma cabeça normal, capaz de pensar. Fica oculto o sentido daquilo de que se trata, porque a cabeça está escondida.) E, por isto, o "Santo Mais Velho" é chamado de NADA. E todos aqueles fios de cabelo e todas aquelas cordas do cérebro ficam escondidas e achatadas no recipiente. E o pescoço não é inteiramente visível... Há um atalho que, na repartição dos cabelos, sai fluindo do cérebro... E neste atalho desembocam todos os outros atalhos que se penduram para baixo, no de rosto miúdo...
O contexto da Cabala permite deduzir pela seguinte situação: O "Mais Velho dos Dias" tinha duas cabeças, uma em cima da outra, com ambas encaixadas em uma cabeça externa. A cabeça superior encerrava o cérebro superior, sobre o qual era destilado o orvalho; o cérebro inferior

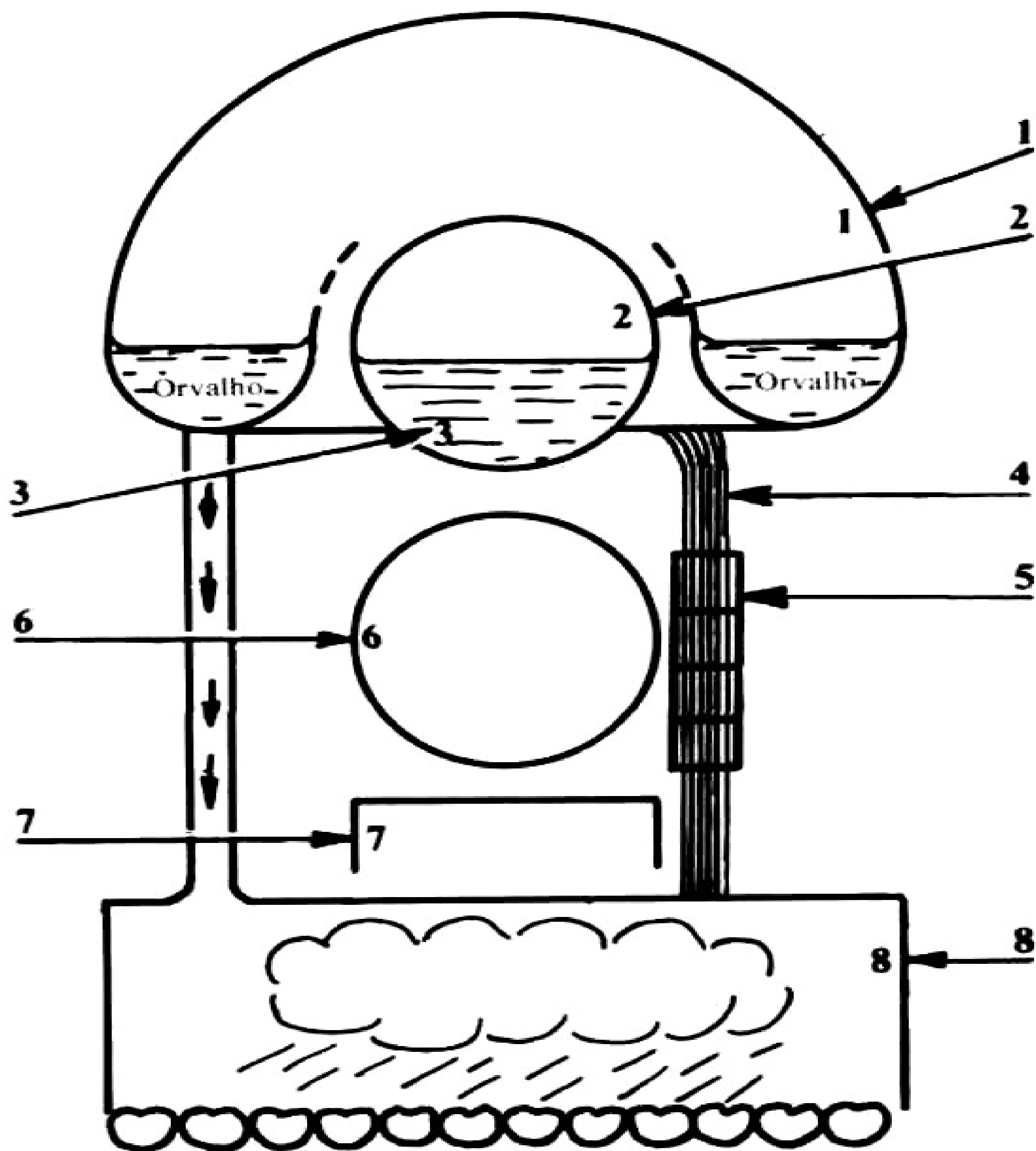
continha o óleo celeste. O Mais Velho possuía quatro olhos; um deles era iluminado por dentro, três não eram auto-iluminados; da esquerda para a direita, parece que eram de cor preta, amarela e vermelha. Conforme convém a um Mais Velho, ele tinha barba enorme, de 13 feitios diferentes; os cabelos pareciam brotar do rosto e tornar a crescer para dentro do rosto. Os cabelos eram macios e o óleo sagrado passava por eles.



Visão artística da máquina de maná, para a qual Martin Riches foi inspirado com a leitura dos textos da Cabala.

A característica principal do de rosto miúdo era a cabeça dura, dentro da qual, de um lado, evoluía fogo e, do outro lado, ar; ademais, de um lado espalhava pequenas quantidades de ar e, do outro, de fogo. O óleo descia da cabeça superior para a inferior e lá mudava de cor, de branco ficava vermelho. Ao redor da cabeça dura estava colocado o cérebro inferior, que em cima de seus contornos externos, destilava a sua razão diária de orvalho. Aquilo que caía gota a gota era o maná, em seguida juntado em hóstias (testículos) e aspirado por um pênis.
São poucos os detalhes dados pela Cabala a respeito da parte feminina do "Mais Velho dos Dias"; apresentava cabelos multicores que, no entanto, acabavam ficando de uma só cor, de ouro, e, amarrados em uma corda, levavam de volta para a cabeça superior. Cada sábado, o Mais Velho caía em transe; então suas peças eram limpas e remontadas.
Pesquisadores ingleses descobriram que a parte superior era um alambi-que, de superfície ondulada, refrigerada, com o ãr passando por cima e condensando a água. A água era conduzida

para dentro de um recipiente, em cujo centro havia uma potente fonte de luz, cuja irradiação estava concentrada em uma cultura, eventualmente de algas verdes, do tipo clorela, das quais há dezenas de espécies. Os equilíbrios de albumina, hidratos de carbono e gorduras podem variar, conforme as respectivas condições de crescimento, criadas no local.



Desenho técnico da máquina de maná, feito por Rodney Dale, segundo a descrição do "Mais Velho dos Dias", dada na Cabala: 1) cabeça superior, com superfície ondulada, condensando a água; 2) recipiente com fonte de luz, focalizando uma cultura de algas; 3) recipiente no qual se fazia o produto seco; 4) fios de cabelo, cordas, ligações, que. 5) levam para um sistema de dutos; 6) a "cabeça invisível", em cujo interior o açúcar maltado é hidrolisado; 7) passando pelo "pescoço", o produto entra no coletor; 8) recipiente, recolhendo toda a produção.

Culturas de algas, proporcionando o produto desejado, circulavam dentro de uma tubulação, que possibilitava o metabolismo de oxigênio e hidratos de carbono com a atmosfera e irradiava o calor supérfluo. Os resíduos de clorela eram levados para um outro recipiente, onde eram processados, deixando o amido hidrolisar, em parte, em açúcar de mal-te, o qual depois, levemente torrado, dava o sabor de bolacha de mel: "e era branco como a semente do coentro, e seu sabor como o de bolo demel." (Êx. 16,31).
O produto seco era colocado em dois recipientes; um deles destinava-se ao consumo diário e era

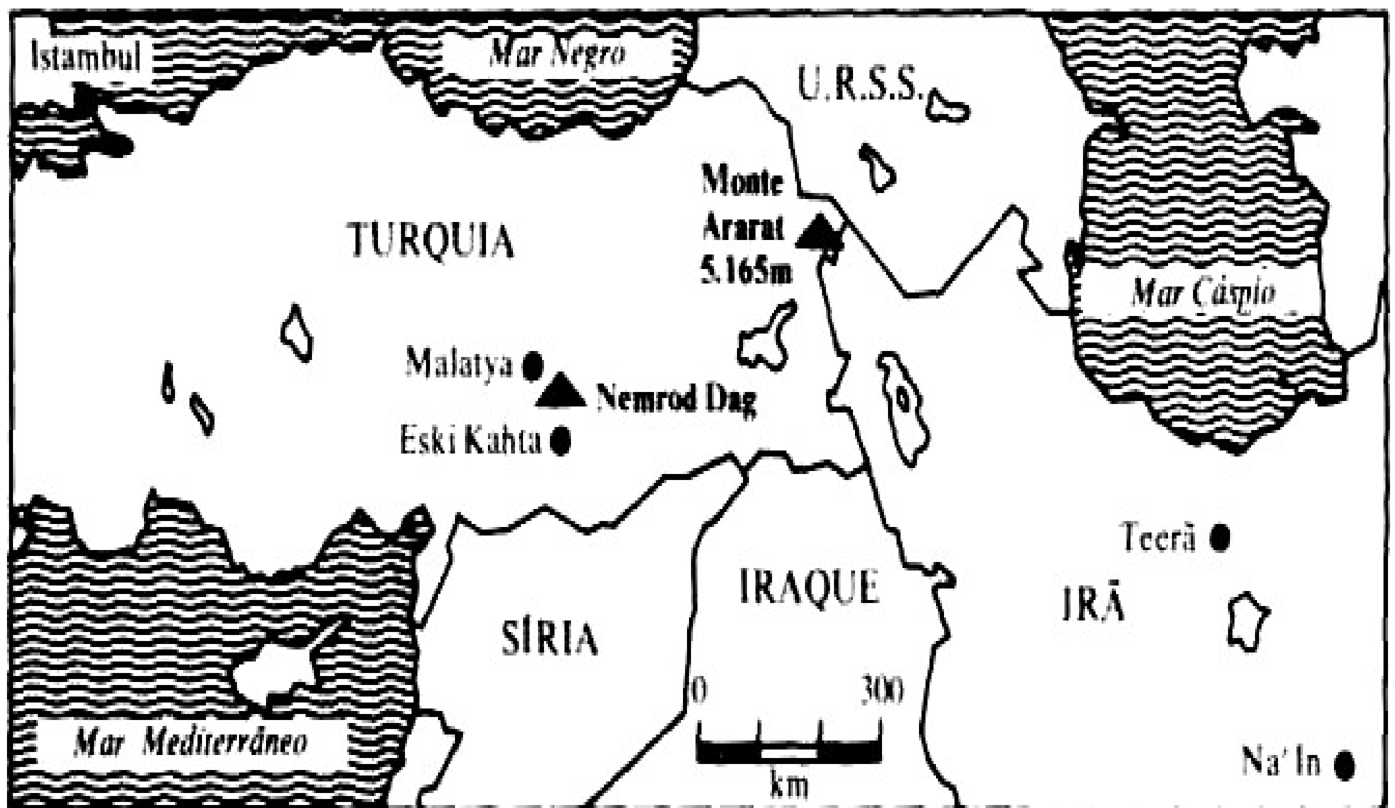
esvaziado cada dia; o outro enchia-se aos poucos, estocando suprimento para dois dias, pois no sábado a máquina ficava parada. Durante esta sua parada semanal, a máquina era limpa e revisada para que, a partir de domingo, tornasse a entrar em funcionamento por mais outra semana.
A produção compulsória diária da máquina era de um omer (= medida hebraica de uns 31) por família e, como eram em número de 600 as famílias a serem abastecidas, sua capacidade diária era de 1,5 m^3 de maná.
O que aconteceu com a máquina, quando os israelitas saíram do deserto e não mais precisavam dela? "O maná cessou..." Jos. 5, 12. Após a conquista de Jerico, a máquina foi guardada dentro de um silo, como objeto de culto. Posteriormente, caiu em poder dos filisteus que, no entanto, a devolveram depressa, porque, por causa dela, muitos dos seus morreram. Lógico, os filisteus jamais viram a máquina de maná em funcionamento, tampouco adquiriram instruções para o seu manejo quando a roubaram. Aliás, sempre a mesma coisa se repete: uma técnica que se ignora é perigosa. Flávio Josefo, o historiador romano-judeu dos primeiros séculos da Era Cristã, anotou que, após o consumo dos produtos fabricados pela máquina, todos os filisteus sofreram de diarréia. Após ter sido devolvida, o Rei Davi mandou colocar a máquina como objeto ritual em uma tenda em Jerusalém; seu filho, Salomão, até mandou erguer um templo próprio para a máquina sinistra; enfim, por ocasião de um saque do templo, também a máquina foi destruída.
Sassoon e Dale concluem o seu relato no NEW SCIENTIST, conforme segue:
Teriam os extraterrestres sido os construtores?
Uma máquina desse tipo representaria equipamento necessário a espaçonaves, em vista de sua função dupla, a saber, providenciando oxigênio, tanto para a respiração, quanto para a alimentação. Cientistas soviéticos construíram tal máquina que usam para a purificação do ar, em ambiente fechado, a bordo do laboratório Saliut, onde a tripulação passa vários meses. Todavia, lá as culturas eram fertilizadas com os excrementos dos astronautas e, provavelmente, por causa disso, não serviam de alimento. A nossa atual tecnologia de fermentação ainda não progrediu ao ponto alcançado por aquela empregada na máquina de maná. O principal componente faltante é uma fonte de luz, de alta intensidade e capacidade. A óptica laser bem poderia vir a preencher justamente esta lacuna.
Resta ainda a pergunta: De onde proveio a máquina de maná dos israelitas? A gente fica até tentada de especular que, uns três milênios atrás, a Terra teria recebido a visita de seres provenientes do cosmo, os quais teriam trazido a máquina em apreço. Esta especulação encerra tantos problemas quantos vem a solucionar; logo, por ora preferiríamos não adiantar tal hipótese. Quando chegar o dia em que tivermos concluído as nossas pesquisas, talvez possamos responder esta pergunta. A NEW SCIENTIST publicou este artigo no dia 1º. de abril de 1976. Ao fazer a respectiva cobertura, jornalistas superespertos caíram direitinho na armadilha. Somente olharam a data da publicação e estavam certos de que se tratava de um autêntico "1º. de abril"! Outrossim, deixaram de olhar o assunto com a devida atenção e, destarte, lhes passou por despercebido que, em datas anteriores, Sassoon e Dale já haviam publicado os resultados de suas pesquisas, como, por exemplo, em INTERFACE, The House Journal of Cambridge Consultants. Eles ignoravam igualmente que, em junho de 1976, a revista ANCIENT SKIES, de Chicago, publicou uma semelhante matéria e, em várias cidades, Sassoon e Dale discursaram sobre as suas pesquisas. Outrossim, tampouco os gozadores do "1º. de abril" sabiam que os dois autores estão preparando um extenso livro, intitulado: "THE LORD OF THE MANNA MACHINE" — O senhor da Máquina de Maná. Egrégio Tribunal, por que não se pergunta aos que são os únicos a sabê-lo, se querem presentear a humanidade com piadas de 1º. de abril, ou se pretendem algo de mais sério? Será que nesta luta de vale-tudo, realmente tudo vale e tudo é permitido?
Em absoluto, não pretendo considerar o relato dos ingleses como uma prova a favor da minha teoria dos astronautas. Todavia, reputo como importante que de antigas tradições fossem separadas indicações objetivas e, sempre admissível, termos erroneamente empregados e ultrapassados fossem interpretados no sentido do nosso atual progresso tecnológico; a exemplo do que Sassoon e Dale fizeram com o relato da Cabala. Cumpre-nos pegar pedrinha após pedrinha para, em um tremendo jogo de quebra-cabeça, reconstruirmos a imagem do nosso passado remoto.

Egrégio Tribunal, peço o favor de considerar tais indicações como prova dos meus perenes esforços para apresentar vestígios interessantes à atenção da pesquisa, que estuda o nosso passado. Quando sirvo sinais de interrogação em salvas de prata, queiram deles tomar conhecimento!

A pouca distância da porta de nossa casa ergue-se um gigantesco sinal de interrogação! A índia fica muito longe e, assim sendo, receio que os templos na Caxemira conservarão os seus mistérios por muito tempo ainda, pois a pesquisa custará para chegar até lá. Pobre mundo esquecido.

Por outra, a Turquia fica mais perto.

Ali, ergue-se o Nemrud Dag, montanha sagrada de Comagene, que se Mensagem eleva a uma altitude de 2,150 m, bem no meio do maciço do Tauro, da imortal do Cordilheira da Ásia Menor, no Sudeste da Turquia. A Arqueologia pouco Nemrud Dag sabe dos enigmas que envolvem o Nemrud Dag. Inscrições nitidamente gravadas na rocha dizem que Antíoco (324 a.C.) mandou erguer ali o seu mausoléu, um santuário para os deuses que depois teria sido ampliado e reconstruído por seus descendentes. No entanto ninguém sabe se as inscrições são realmente autênticas.





Nemrud Dag, montanha, 2150 m, eleva-se aos céus, com a sua pirâmide de pedra britada, no Sudeste da Turquia. Ali, Antíoco I mandou erguer um santuário.

Atribuo importância especial a uma determinada inscrição. Ela diz que Antíoco teria mandado erguer essas obras a fim de "deixar uma lei inabalável dos tempos, ao confiar mensagens imortais a um monumento intocável".

Qual teria sido a lei inabalável dos tempos, qual a mensagem imortal confiada à montanha por Antíoco?

O topo do Nemrud Dag parece-se com uma pirâmide de pedra britada amontoada. Antes de proceder-se a uma perfuração da montanha, a partir da ponta extrema do seu cume, não será possível verificar se lá foram depositadas mensagens e, em caso afirmativo, qual o teor das mensagens, supostamente deixadas por Antíoco. Para mim, inscrições de mais de 2.000 anos representam indicações importantes, que não deveriam ser deixadas de lado.

Na vertente da pirâmide montanhosa há dois terraços, em posição oposta. Ali, no chão, encontram-se em adiantado estado de decomposição cabeças que, outrora, estavam colocadas sobre grandes blocos de pedra. Constituem uma galeria impressionante, que, da esquerda para a direita mostra: um leão de pedra, uma águia monolítica, ao seu lado os soberbos deuses Apoio, Fortuna, Zeus, Hércules e Antíoco. Mais para baixo, há o desenho rupestre de um boi, riscado na rocha.



Uma galeria de monumentos de pedra, deuses, e uma águia monolítica, caídos por terra e desintegrando-se no chão.

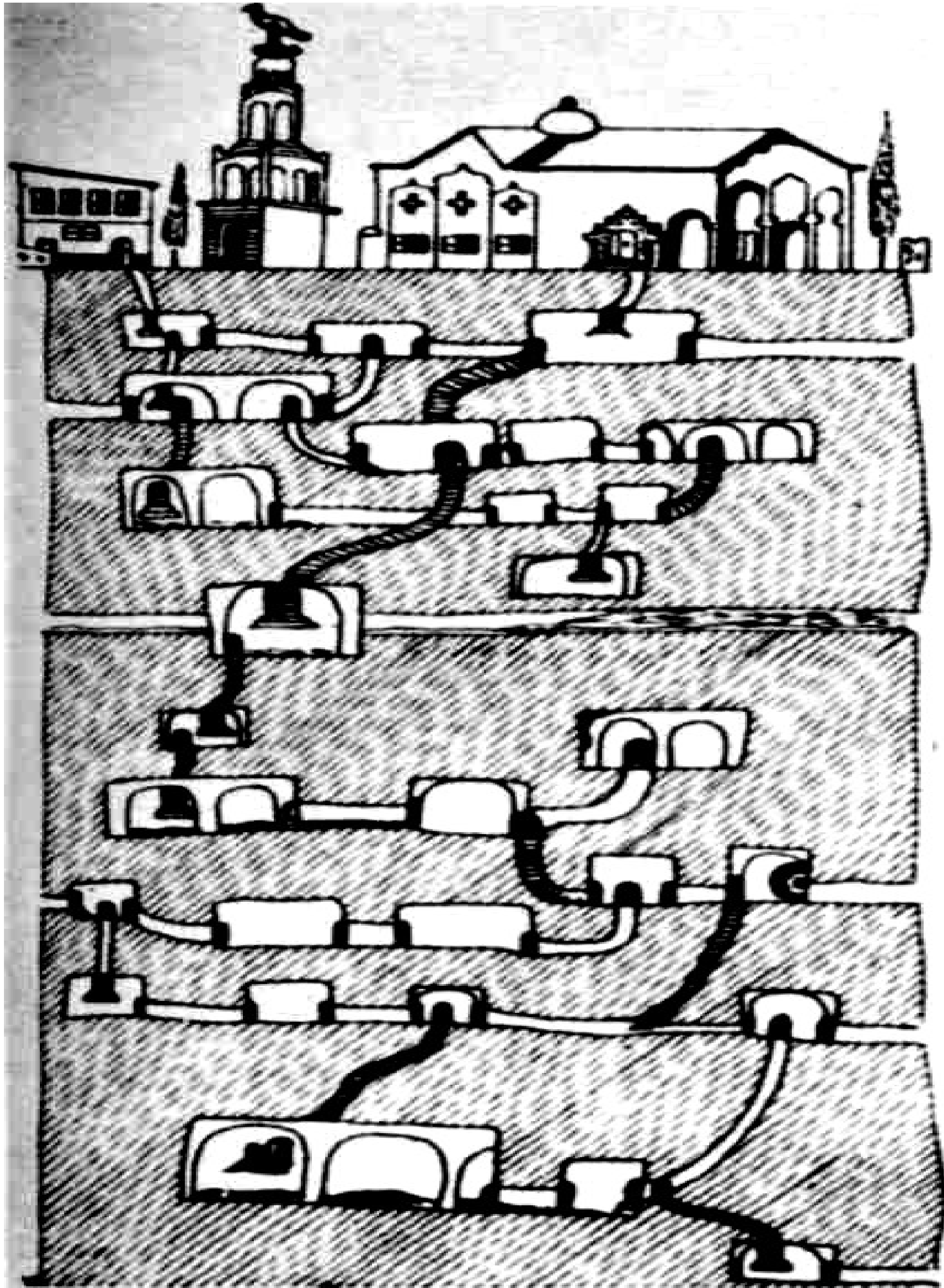
O que foi que li em Ezequiel?
A semelhança do seu rosto era rosto de homem, rosto de leão à direita em todos os quatro e rosto de boi à esquerda, em todos os quatro e rosto de águia no alto nos mesmos quatro.
Ez. 1, 10 Foi descoberta a data em que Ezequiel teria redigido o seu relato; foi depois de 592 a.C. Presume-se que, em cerca de 120 a.C, Antíoco I teria iniciado suas enormes obras de construção no Nemrud Dag; portanto seria de uns 290 anos o intervalo entre a descrição dada por Ezequiel e a edificação dos mausoléus. Antíoco era o último da dinastia dos reis de Comagene; sem dúvida, seus antepassados governaram na época da vida dos profetas. O reino de Comagene ocupou a extensa região entre o Alto Eufrates (então província romana da Ásia Menor) e a Pérsia hodierna; sua capital era Samósata.
Uma rápida olhada no mapa revela, nitidamente, que os antepassados reais de Antíoco I reinaram na vizinhança imediata dos profetas. Supostamente, Ezequiel teria mantido seus primeiros contatos com os "deuses" quando esteve no cativeiro babilônico. Da Babilônia para a Pérsia a distância é curta. Ezequiel fala em quatro rostos simbólicos. Antíoco mandou cortar da rocha tais rostos, em colossos de nove metros de altura e depois transportá-los para o cume da mais alta montanha no seu reino. Por quê? Ele queria ficar "perto dos deuses", que vieram do céu. Sob a guarda de estátuas simbólicas, hoje derrubadas no chão, o Nemrud Dag conserva um segredo. Seria idêntico às palavras enigmáticas, transmitidas por Ezequiel? Os monumentos no topo do Nemrud Dag, em combinação com os textos do profeta, fornecem uma indicação. Não seria o caso de segui-la? Não deveria ser feita uma tentativa visando a desvendar aquilo que está encerrado dentro da montanha? "... confiei mensagens imortais a um monumento intocável.”



Colossos de 9 m de altura montam guarda no sítio da "Mensagem Imortal", do Nemrud Dag.

Egrégio Tribunal, caso essas exposições motivassem a delegação de uma comissão para Nemrud Dag, proponho que, ao mesmo tempo, ela desse o seu parecer a respeito de mais outro enigma, igualmente existente lá na Turquia. Para tanto, forneço os seguintes dados: As cidades subterrâneas de Kaymakli e Derynkuyu situam-se entre as aldeias de Nevsehir e Nigde. É fácil encontrar o caminho, pois desde a sua liberação pelo governo turco, tornaram-se atração turística, aliás, de uma maneira mais que justa, pois vale a pena fazer a viagem, mesmo para ver somente aquilo que se vê em uma visita rápida e observação superficial.
A título de exemplo para as demais cidades subterrâneas, cuja escavação está em andamento, cito Derinkuyu!
Outrora, havia ali uma cidade subterrânea, habitada por 20.000 pessoas, que ocupavam os diversos andares, adentrando o solo, profundamente. Na época em que a cidade era habitada, não se tratava de um local oferecendo asilo provisório. A comunidade possuía uma infra-estrutura requintada. Ali existiam imensas áreas habitacionais, completas, com dormitórios, refeitórios, salões de estar, estábulos e até adegas de vinho, além de lojas comerciais e outras facilidades. Esses espaços residenciais eram distribuídos em diversos andares; até agora, as escavações alcançaram a profundidade de 13 m no solo de Derinkuyu. As unidades habitacionais individuais eram ligadas entre si por passagens, em cuja entrada havia uma pedra grande, redonda, servindo de porta, trancada por dentro e que não podia ser aberta pelo lado de fora. Nos andares inferiores havia poços, túmulos, depósitos de armas... e passagens secretas, prevendo a eventualidade de uma fuga. Os arquitetos geniais até entendiam do acondicionamento do ar, pois até agora foram escavados 52 poços de ar, pelos quais o ar fresco penetrava e atingia até os cantos mais afastados, graças a um requintadíssimo sistema de circulação. Derinkuyu, a cidade da qual estou falando, e Kaymakli, outra cidade muito semelhante, são apenas duas das 14 cidades subterrâneas, com as quais contam os arqueólogos turcos, no mínimo. Os escavadores já conhecem as passagens. Segundo estimativas, um número respeitável de pessoas, 1,2 milhões, teria vivido nessas "catacumbas" durante longo período.
1,2 milhões de pessoas! Isto quer dizer que era preciso providenciar também alimentos em

quantidades suficientes. De onde? E como?
Alguns arqueólogos opinam que essas cidades teriam sido cavadas no solo em princípios da Era Cristã, para oferecerem abrigo a cristãos perseguidos.



Corte transversal de uma unidade habitacional subterrânea em Derinkuyu.

Esta interpretação parece-me um tanto duvidosa. As pessoas precisavam viver, lá embaixo e, malgrado toda a sua inteligência, jamais conseguiriam transplantar para o subsolo culturas hortigranjeiras, pois faltava a luz, condição prévia primordial para o crescimento desses produtos.



Logo, se fossem obrigados a fazer agricultura e pecuária na superfície da terra, seus refúgios subterrâneos já não constituiriam mais local seguro, pois, os campos e os estábulos teriam traído a sua presença. Os sitiantes bem poderiam ter-se instalado diante das entradas, a fim de aguardar até que os sitiados famintos saíssem dos seus esconderijos e aparecessem na superfície. Nem teria sido preciso travar combate com os perseguidos, bastaria bloquear o inimigo e vencê-lo pela fome!
Afora essas especulações, há ainda outro ponto contra a opinião doutrinária atualmente vigente; a instalação de cidades subterrâneas de tal porte teria deixado na superfície enormes montes de terra, areia e detritos. Quem já visitou aquelas cidades, sabe perfeitamente bem que com elas não se trata de uma rápida improvisação. Foram projetadas e construídas ao longo de dezenas, talvez centenas de anos, e onde se escava em escala tão ampla, acumulam-se montes de terra escavada, que deixariam desconfiado todo e qualquer inimigo. Acho que não pega a estória, em sua versão atual.



Vista de um dos imensos recintos coletivos em Derinkuyu. Ali, seres humanos construíram abrigos, habitáveis a longo prazo.

Vista da paisagem acima de Derinkuyu. Nada revela a existência de uma cidade subterrânea, localizada no subsolo desta região.



Recorrendo à minha teoria dos deuses, ofereço outra explicação, mais lógica, a saber:
Muito tempo atrás, os habitantes daqueles recintos receberam a visita de extraterrestres. Antes de partirem, os forasteiros anunciaram a sua eventual volta, a fim de castigarem todos aqueles que não obedecessem às ordens que receberam. Assim sendo, o povo teve de contar com a eventualidade de um ataque esporádico, "de cima" e o medo daquilo que estava por vir, de lá do céu, fez com que ali, bem como na América do Sul, as pessoas se instalassem em habitações subterrâneas, de aspectos tão fantásticos. Seria até o caso de cogitar-se da opção de essas obras subterrâneas terem sido executadas com o auxílio dos meios técnicos deixados pelos mensageiros provenientes de planetas alienígenas. Que tal a idéia de cavar 13 andares debaixo da terra, usando para tanto tão-somente uma primitiva pá de metal? Para mim, seria temeroso demais atribuir tal façanha aos nossos antepassados.
Prezadas senhoras, prezados senhores, exigem-se provas objetivas para atestar uma antiga presença de extraterrestres! Em minha qualidade de lutador solitário, nada posso fazer além de oferecer propostas. Os deuses censuraram Ezequiel, porque "vós, homens, tendes olhos para ver e, mesmo assim, nada vêem!" Eu acho que esta censura continua válida.
El Fuerte, enigma na selva No contexto desta minha defesa, permitam-me chamar a sua atenção para outra curiosidade, localizada na selva boliviana. A 150 km de Santa Cruz situa-se a pequena aldeia de Samaipata; a mais 30 km de lá, ergue-se El Fuerte, uma montanha esquisita, bem no coração da selva.
A Arqueologia pouco sabe de El Fuerte; apenas oferece teorias que vão de carentes a ridículas. Não há tradição que sirva.
Temos diante de nós uma montanha na selva. Dois sulcos fundos, cavados artificialmente, sobem a montanha e terminam abruptamente. Lá em cima, no cume, depressões de várias dimensões adentram a rocha; há círculos, bacias de filtração, triângulos e círculos cortados no solo. Um enigmático sistema de canais faz a ligação entre todas essas formações. Caso se tivesse tratado de uma construção de utilidade, nem por isso os engenheiros se esqueceram do toque artístico, pois na raiz da montanha, onde começam os sulcos fundos, uma pantera e um jaguar simbolizam a força. Degraus e nichos, corroídos pelo tempo, até sugerem um estádio pré-

histórico. Outrossim, os sulcos profundos e simétricos apresentam certa semelhança com rampas de lançamento. Sem merecer qualquer atenção de fora, El Fuerte vegeta na selva boliviana. El Fuerte, a montanha mais alta na região de Samaipata, conserva um segredo em suas an-tiqüíssimas vertentes. Será que um dia chegará a ser desvendado?
Egrégio Tribunal, nem sempre precisam ser montanhas ou grandes cidades subterrâneas os pontos de convergência de nossa curiosidade! Na busca da prova objetiva dos extraterrestres, tampouco devemos deixar passar por despercebidos pequenos risquinhos em paredes de rocha e cavernas! Jamais foram registrados e examinados sob o aspecto de representarem possíveis mensagens dos "deuses". Contudo, eu os colecionei e arquivei, aos milhares e, com prazer, coloco-os à disposição de quem neles estiver realmente interessado.



Bem no coração da selva boliviana ergue-se a montanha El Fuerte, com suas cicatrizes enigmáticas, criadas artificialmente.

Nesses anos passados, pedras gravadas, às dezenas de milhares, foram achadas no Peru. Tomo a liberdade de juntar aos autos algumas dessas pedras.

As legítimas e as falsas pedras de Ica

A coleção maior e mais interessante foi reunida pelo Prof. Dr. Javier Cabrera. Desde gerações, sua família mora na antiga cidade de Ica, no Sul do Peru. Foi pela leitura de um livro do meu amigo Robert Charroux que cheguei a saber das pedras gravadas de Ica. Quando vi as fotos dessas pedras, logo soube que deveria ir para lá. No entanto, minhas prezadas senhoras e meus prezados senhores, não pensem que entrei naquela aventura de olhos vendados! Antes de mais nada, perguntei ao arqueólogo Dr. Henning Bischof, do Museu de Etnologia em Mannheim, Alemanha Federal, se ele conhecia as pedras gravadas de Ica e qual a sua opinião a respeito. O Dr. Bischof escreveu-me dizendo que as pedras de Ica não passam de falsificações, são confeccionadas pelos índios, para serem vendidas aos turistas, em troca de alguns soles (moeda

peruana).
Ao contrário do que costumam fazer os meus adversários, eu sempre procuro ouvir ambos os lados, antes de formar um juízo.



A montanha apresenta bacias de filtração, cortadas na rocha, triângulos e círculos, nitidamente perfilados e entreligados por um inexplicável sistema de canalização.

Nesta altura, eu sabia que a Arqueologia oficial considera como falsas as pedras gravadas peruanas.
Tomei o avião para o Peru.
A família Cabrera é proprietária de uma grande casa, na Plaza de Armas, da qual bem necessita, por ser numerosa. Apesar disso, três salas espaçosas estão repletas de pedras, distribuídas em estantes que vão até o forro. Os tamanhos das pedras variam do de uma bola de futebol ao de um balão. Cada pedra mostra motivos diferentes. O espaço livre entre as pedras e as estantes, onde fica a escrivaninha do colecionador, dono da casa, lembra uma loja de ovos, só que ali os ovos são pedras, que em Sulcos fundos, simétricos, levando da raiz até o topo da montanha, onde terminam abruptamente, revelam certa semelhança com rampas de lançamento, muito

bem instaladas. Há arqueólogos que consideram esses sulcos como sistema de escoamento para uma "cerveja ritual". Nenhuma opção é ridícula demais para ser lançada.



Em toda sua superfície apresentam as gravuras mais fantásticas. Mostram índios montados em aves. índios manejando ferramentas estranhas. Sentado sobre uma pedra, um índio usa uma lente, para enxergar melhor. Outra pedra representa um globo, em tamanho de bolso; com muito cuidado, lá riscaram os contornos de países, continentes e oceanos longínquos. Há monstros simbólicos, jamais vistos, a aterrorizar o incauto que os olhar. Com uma boa dose de ponderação, o Dr. Cabrera, cirurgião de renome, mostra uma série de pedras, reproduzindo as fases de um transplante do coração. O paciente está deitado sobre uma espécie de mesa de operação; seu coração é removido, enquanto que tubos o suprem de infusões. Coloca-se um novo coração. Dois cirurgiões tapam as artérias. A incisão no peito é fechada. Melhor do que eu pudesse descrevê-lo, as fotos que junto para os autos, demonstram o processo todo.
O Prof. Cabrera é um homem teimoso, não admite opinião contrária à dele (o que acho lamentável), mas ele dedica tanta paixão à sua causa quanto eu dedico à minha. Durante dois longos dias, ele levou-me de pedra em pedra: "Olha, aqui, Erich! — Erich! Olha para cá!" Mal eu estava apreciando uma pedra, já me levava para outra, cheio daquele orgulho de proprietário e colecionador. Cabrera tem umas 14.000 pedras em sua coleção; em sua maioria foram-lhe trazidas pelos índios, algumas foram achadas por ele próprio. Em sua maior parte, as pedras apresentam motivos de aves, flores, árvores míticas, seres humanos. As maiores mostram motivos tão complexos e intrinsecamente encaixados, um no outro, que provavelmente Picasso, no Olimpo, aceitaria de bom grado se a ele fosse atribuída a autoria desses objetos de arte.



Prof. Dr. Javier Cabrera, Ica, Peru.



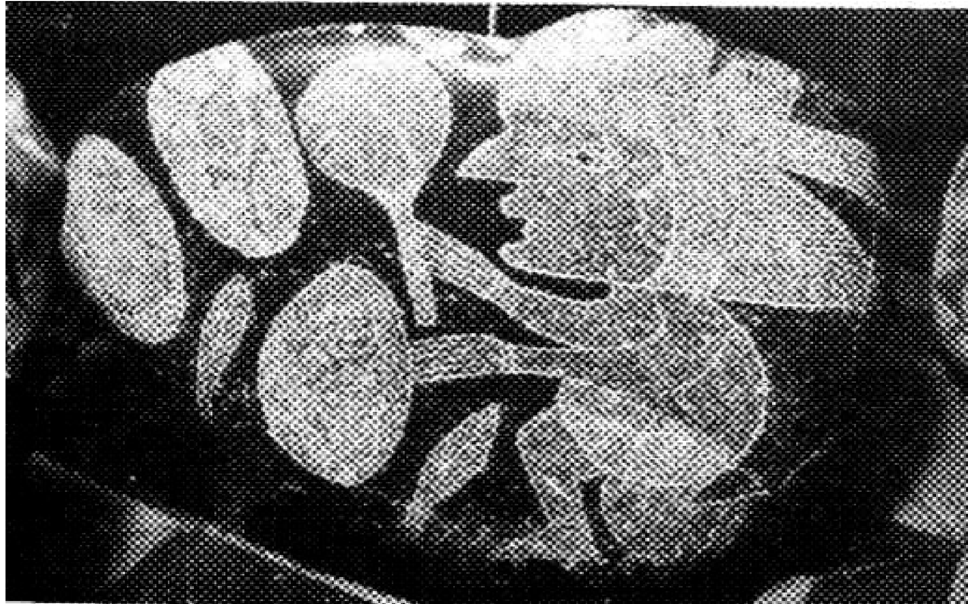
Durante esse tempo todo, não consegui tirar da cabeça a pergunta: Haveria aqui legítimas (antigas) gravuras em pedra, ou seriam falsificadas (modernas)? E, no caso de haver falsificações, saberia Cabrera a respeito? Será que ele não passa de uma vítima crédula, cega? Por fim, acabei por perguntar a ele próprio, e eis a sua resposta:

"Em uma aldeia, situada a 26 km daqui, há falsificadores, copiando e vendendo as gravuras; porém, pelos motivos, sei logo quais as pedras legítimas e quais as falsificadas, talvez,

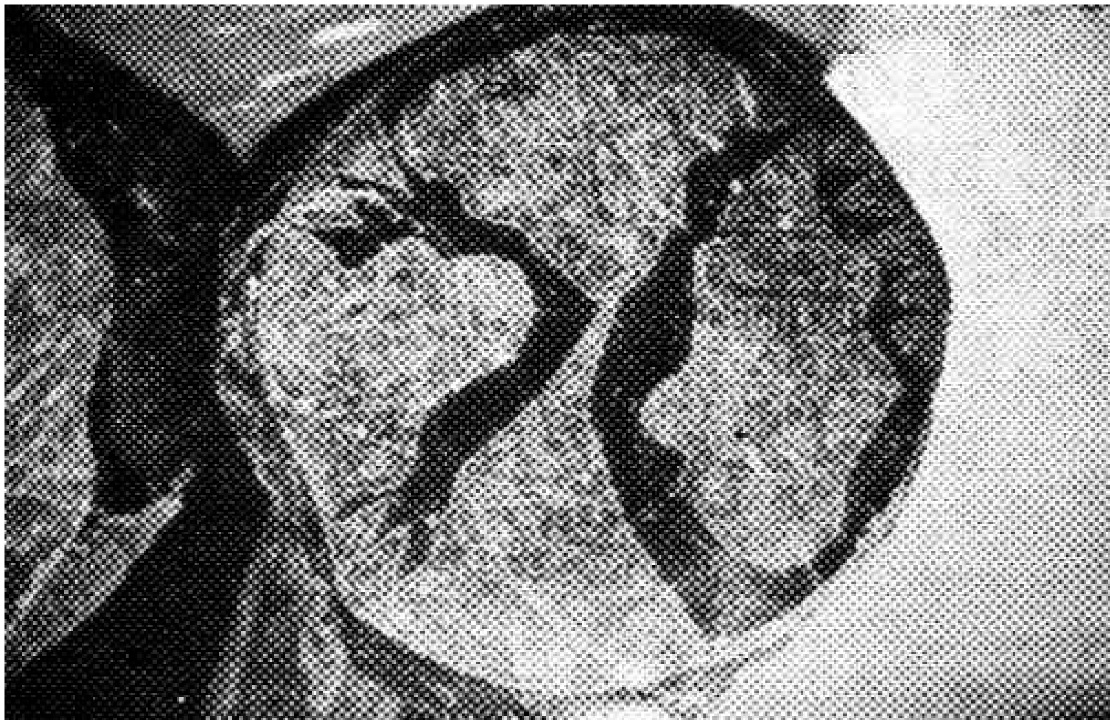
confeccionadas ainda na véspera. Em caso de dúvida, que também pode acontecer, peço análises geológicas.”
Pedi a Cabrera que me cedesse uma pedra, por ele seguramente qualificada como "legítima". Com esta pedra fui para um lugarejo, perdido nas selvas e procurei pelo falsificador, Basílio Uchuya, a quem falei que compraria uma de suas pedras, se me permitisse olhar como era feita. Depois de pechinchar bastante ele aceitou minha proposta e, acompanhados dos seus filhos, em número de doze, entramos em sua choça. O mestre retirou da cesta uma pedra do tamanho de um punho, cuja superfície riscou com um lápis; com aquilo que restava de uma lâmina de serra, começou a serrilhar e, 40 minutos depois, entregou-me uma pedra gravada, mostrando os contornos de uma pomba.
"Você também faz gravuras grandes?" perguntei. Com um sorriso orgulhoso, o artesão-pedreiro respondeu: "Faço de tudo".
"As pedras grandes na coleção do Dr. Cabrera mostram, todas elas, motivos históricos, complicados. De onde você tira aqueles desenhos?



Em cima: índio montando um ser mítico — para tanto não há modelo a ser copiado de nenhuma revista!



Centro: Índio observando, com uma **lente** — quando já se viu tal coisa em revista?



Acima: Um "globo", mostrando continentes desconhecidos. Tratar-se-ia de Lemúria? Da ponte outrora existente entre a Índia e a Ilha de Madagascar? De Atlântida submersa?

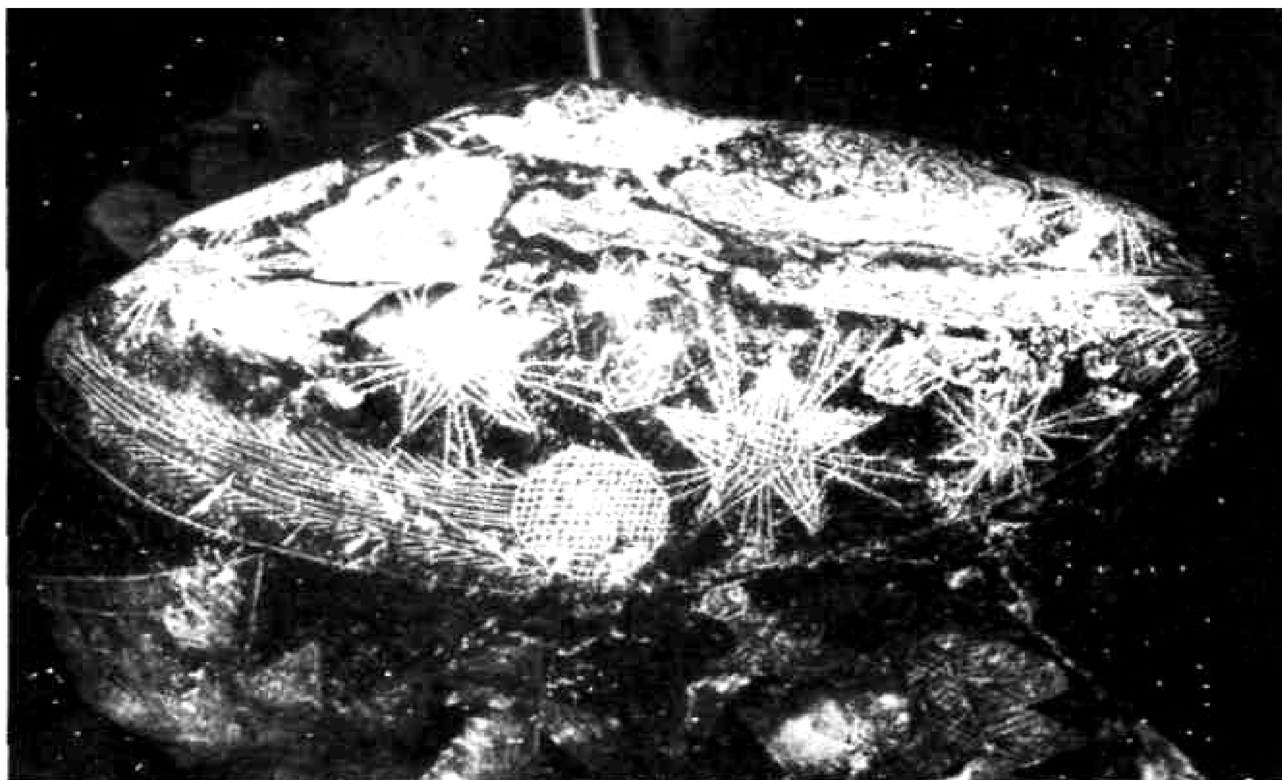
Três das muitas fases de um transplante de coração, representadas pelos índios.







"De revistas ilustradas.”
Será que topei com um gênio?
Quando, aos trancos e solavancos, o jipe nos levou de volta para Ica, comecei a fazer meus cálculos. Cabrera possui 14.000 pedras, seu vizinho mais outras 11.000, portanto somam aproximadamente 25.000 pedras. Para serrilhar os contornos simples do pombo, Basílio levou 40 minutos; foi um trabalho primitivo, muito aquém da grande maioria das gravuras em pedra na coleção de Cabrera. Outrossim, as pedras de Cabrera apresentam um diâmetro médio de uns 40 cm; logo, ali cabem umas 20 daquelas gravuras, conforme Basilio as riscou na pedra do tamanho de um punho. Ademais, as pedras da coleção de Cabrera são trabalhadas de uma maneira incomparavelmente mais artística, cuidadosa, e revelam riqueza de fantasia bem maior.



Se for de 20 vezes 45 minutos o tempo necessário para trabalhar uma pedra do tipo das colecionadas por Cabrera, um falsificador levaria 15 horas de trabalho para confeccioná-la. Por conseguinte, as hipotéticas 25.000 pedras consumiriam 375.000 horas de trabalho, baseando-se em uma jornada ininterrupta de 12 horas diárias. Seriam então, 31.250 dias de trabalho contínuo, sem interrupção. Destarte, o falsificador esforçado, fornecedor suposto das duas coleções, deveria ter trabalhado durante 85 anos, doze horas por dia; contudo, supondo que a família e os parentes entrassem no mutirão, tal resultado seria viável.
À luz do sol, comparamos a pedra "legítima", emprestada de Cabrera, com a pedra recém-confeccionada na choça do Basílio. Sob o microscópio, a pedra da véspera mostrou riscos limpos, em ângulo reto; a pedra de Cabrera revelou um filme delgado, encobrindo microrganismos, alojados nas suas estrias. Era esta a pequena, a grande diferença entre a pedra falsa e a legítima.





Vistas microscópicas, de Joseph Blumrich, mostrando a superfície da pedra e os riscos nela gravados que se tornaram ásperos e porosos, com a oxidação, condicionada pelo tempo.

Egrégio Tribunal, há um argumento muito simples contra a afirmação de Basílio, dizendo que ele estaria copiando seus motivos de revistas ilustradas. Essas revistas costumam publicar tão-somente fotos de fatos e objetos existentes. No entanto, os motivos complexos nas pedras "legítimas" de Cabrera não têm modelos reproduzidos em fotos! Vamos escolher apenas o

motivo mais arrojado; quando o Dr. Christian Barnard e outros dos seus colegas começaram a executar transplantes do coração, as revistas publicaram fotos sensacionais desse feito cirúrgico, fora de série. Porém as gravuras nas pedras de Cabrera não revelam semelhança alguma com esse documentário ilustrado. Por outra, a cirurgia moderna perfura veias e artérias dos braços; naquelas pedras antigas, os tubos terminam na boca do paciente. Quando foi que um fotógrafo tirou a foto de aves, dirigidas mediante pedais e que levam um ser montado em suas costas? Quando publicaram essas revistas fotos de dragão, vomitando fogo? Onde um repórter se encontrou com um ser de cabeça envolvida por uma auréola?

Francamente, mesmo ao voltar para a casa de Cabrera, ainda continuei matutando dúvidas. Falei a meu anfitrião dessas dúvidas e ele me levou para a sua escrivaninha. "Venha, meu amigo", falou, enquanto me mostrou pareceres geológicos que, entrementes, publicou no seu livro*. O primeiro parecer era datado de junho de 1967, emitido pela companhia de mineração "Maurício Hochschild", em Lima, e assinado pelo Dr. Eric Wolf. O respectivo relatório dizia:

Trata-se, fora de dúvida, de uma pedra natural, arredondada, no decorrer do seu transporte pelo rio. Petrologicamente, poderia ser classificada como andesita. As andesitas são minerais cujos componentes foram criados por movimentos mecânicos, com simultânea alta pressão. No caso concreto, podem ser comprovados os efeitos de uma transformação intensa de feldspato em sericita**. De um lado, este processo vem a aumentar a compacidade e o peso específico da pedra; de outro lado, proporciona condições de superfície, que os antigos artistas souberam aproveitar nos seus trabalhos. Este parecer deveria ser confirmado por um julgamento preciso da Escola Nacional de Politécnica.

Outrossim, cumpre fazer constar que essas pedras estão revestidas de um delgado filme de oxidação, que encobre igualmente as estrias das gravuras. Este é um fator que permite estimar a idade avançada das pedras As execuções das gravuras propriamente ditas não revelam irregularidades apreciáveis, o que permite concluir pelo fato de as gravuras terem sido executadas em local não muito distante dos sítios onde hoje em dia as pedras são encontradas.

Lima, 8 de junho de 1967.

Minhas senhoras, meus senhores, peço licença para chamar a sua atenção para três das constatações feitas no parecer supra, a saber:

1) O peso específico das pedras gravadas é maior do que aquele de outras pedras, do mesmo tipo, de cantos arredondados. Pedras desta espécie encontram-se nos rios e lagos da região.

2) As pedras gravadas são muito antigas, fato que se deduz da oxidação da superfície natural. As oxidações estendem-se por toda a superfície.

3) As oxidações cobrem também as gravuras, o que constitui a prova inegável do fato de as gravuras terem sido executadas na pedra antes de a oxidação ter chegado a formar-se.

O Dr. Cabrera aceitou até a sugestão feita no primeiro parecer técnico e requereu a perícia da Escola Nacional de Politécnica (Faculdade de Minas); esse parecer foi assinado pelos engenheiros Fernando de las Casas e César Sotillo, pela Faculdade de Minas, e diz o seguinte:

Todas as pedras são andesitas fortemente carbonizadas. Fato a ser deduzido, inequivocamente, de sua cor e camada externa da superfície. As pedras provêm de camadas formadas pela aluvião de material vulcânico, correspondente ao mesozóico, típico dessa região.

As diversas influências do meio ambiente atacaram a superfície das pedras e transformaram a camada de feldspato em argila. Com isso ficou diminuído o grau de dureza externa, formando-se um casco mais mole ao redor da parte interna da pedra. A dureza externa corresponde, em média, ao grau 3 na escala Mohn, porém nessa mesma escala a pedra alcança, em seu interior, 4,5 graus apenas.

As pedras podem ser trabalhadas praticamente com qualquer material duro, como, por exemplo, ossos, conchas, obsidiana, bem como qualquer instrumento metálico pré-hispânico.

Estas constatações são de natureza a fazer a gente prender a respiração! Egrégio Tribunal, na Era Mesozóica, que compreende os períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo do nosso planeta, também é chamada de Era dos Répteis, quando passaram por aí os sáurios que jamais teriam sido avistados pelo homem, porque — assim diz a opinião doutrinária! — nos tempos dos sáurios ainda não existia o homem.

O sáurio junto com o homem! uma pedra antiga da coleção Cabrerae...



...um trabalho que, décadas atrás, os índios deram de presente ao Pe. Crespi!



Peritos qualificados atestaram que as gravuras foram riscadas nas pedras antes da formação das

camadas de oxidação. Aqui, minhas senhoras e meus senhores, apresento pedras legítimas, da coleção Cabrera, que mostram, inequivocamente, o homem em companhia do dinossauro!

O Pe. Crespi mostrou-me placas de pedra que recebeu de presente dos índios. Também ali havia o sáurio junto com o ser humano! Será que ainda não pode ser o que não deve ser?

No Rio Paluxy, no Texas, foram encontradas pegadas de dinossauro e de pés humanos. Achados idênticos foram feitos na América do Sul. Quando, em abril de 1971, o Prof. Homero Henao Marín procedeu a escavações perto de El Boquero, no Estado de Tolima, na Colômbia, encontrou o esqueleto, de 20 m de comprimento, de um dinossauro da família dos Iguanodontes e, a seu lado, um crânio humano. Milhões de anos transformaram o crânio em uma delicada petrificação de cor cinzenta, com delgadas ramificações. Estes, minhas senhoras e meus senhores, seriam achados a serem entusiasticamente aceitos pela Ciência... se se enquadrassem na imagem do mundo, feito em concreto armado. O sáurio e o homem em convívio aconchegante? Esses dois não cabem no código da teoria de evolução. Assim sendo, a ordem é fechar as persianas, para afastar a luz que revela presenças tão incômodas.

Sinto-me na obrigação de enunciar para a outra parte, de espírito cé-tico, o que aquelas pedras gravadas de Ica têm a ver com a minha teoria. Na coleção Cabrera vi uma antiquíssima pedra legítima, com a gravura do firmamento estrelado, mostrando um cometa, algumas estrelas maiores, entreligadas por linhas... e navios, movimentando-se por ali. Entre montanhas e árvores mitológicas havia índios de cócoras, observando o céu com telescópios. Estas são tradições substanciais de tempos remotos.

Outrossim, conforme aprendi com as experiências feitas no caso dos tesouros do Pe. Crespi, falo com toda clareza e escrevo-o com todas as letras, para a leitura dos jornalistas a viajarem agora para Ica e peço que prestem a devida atenção às minhas palavras: eu sei que lá vocês encontrarão falsificações, do tipo daquelas que estão sendo confeccionadas em massa e às pressas para o consumo dos turistas, mostrando séries de motivos baratos. Não me venham, novamente, com o lugar-comum de DÄNIKEN DESMASCARADO — SÓ HÁ FALSIFICAÇÕES EM ICA! É este o meu aviso: não percam tempo e vão desarrumando as malas; não tirem fotos apressadas, quando passarem por mercadorias expostas à venda para turistas. Tratem de conseguir pedras legítimas, para então fotografá-las.

Egrégio Tribunal, estou encerrando minha defesa e faço constar que: não é por minha culpa que os índios brasileiros caiapós continuam decantando, até o dia de hoje, os seus visitantes do cosmo, que comemoram em suas festas, quando usam máscaras, confeccionadas segundo o modelo da roupa dos astronautas, dos quais falam as suas lendas... não é por minha culpa que os nossos antepassados remotos, ao redor do globo, pintaram "deuses" em paredes de rochas e cavernas, que ostentam capacetes parecidos com os dos cosmonautas e de cuja cabeça brotam formações lembrando antenas de ondas curtas...

não é por minha culpa que Enoque e Elias, bem como muitos outros, desapareceram no Céu, em "carruagens de fogo"...

não é por minha culpa que o almirante turco Piri Reis confeccionou em 1513 um mapa-múndi, no qual desenhou — antes de Cristóvão Colombo — as costas das Américas do Norte e Sul e até os contornos da Antártida, ocultas debaixo de massas de gelo e descobertos por nós tão-somente em 1957, quando houve o ano geofísico, mediante ecossondagens. Juro que não sei quem teria colocado à disposição de Piri Reis um satélite de observação completo, com instalações e equipamentos ultramodernos...

mesmo se me torturassem e deixassem de pernas para o ar, não saberia responder por que 230 versos em sânscrito do Samarangana Sutradhara descrevem, com exatidão, diversos aparelhos voadores. Suponho que na época alguém deve ter visto aqueles engenhos...

Juro por tudo que me é sagrado que não sou eu o autor do Livro de Enoque. Tampouco testemunhei o encontro do profeta Ezequiel com as espaçonaves, que descreve, com grande riqueza de detalhes, a ponto de um ex-engenheiro da NASA ter logrado reconstruí-las nestes nossos dias...

Não confeccionei nenhum daqueles sinetes cilíndricos sumerianos, mostrando aparelhos voando nos céus, em variedade tão grande e com uma naturalidade tão bela, como se fossem objetos

do uso diário do povo daqueles tempos longínquos.



Até há pouco, este relevo era considerado como representando um sumo-sacerdote no altar. Desde data recente, a interpretação mudou para "moça caindo na goela de um ser mitico" ou "jovem soberano"!Será que não é o "meu" astronauta, a bordo de uma cápsula espacial?

Podem, tranqüilamente, atribuir-me uma porção de fantasia. Mas, mesmo assim, as antiqüíssimas lendas de dragões voadores e serpentes celestes não poderiam ser de minha autoria, pois nasci somente em 1935, quando aquelas tradições já eram por algumas vezes milenares.

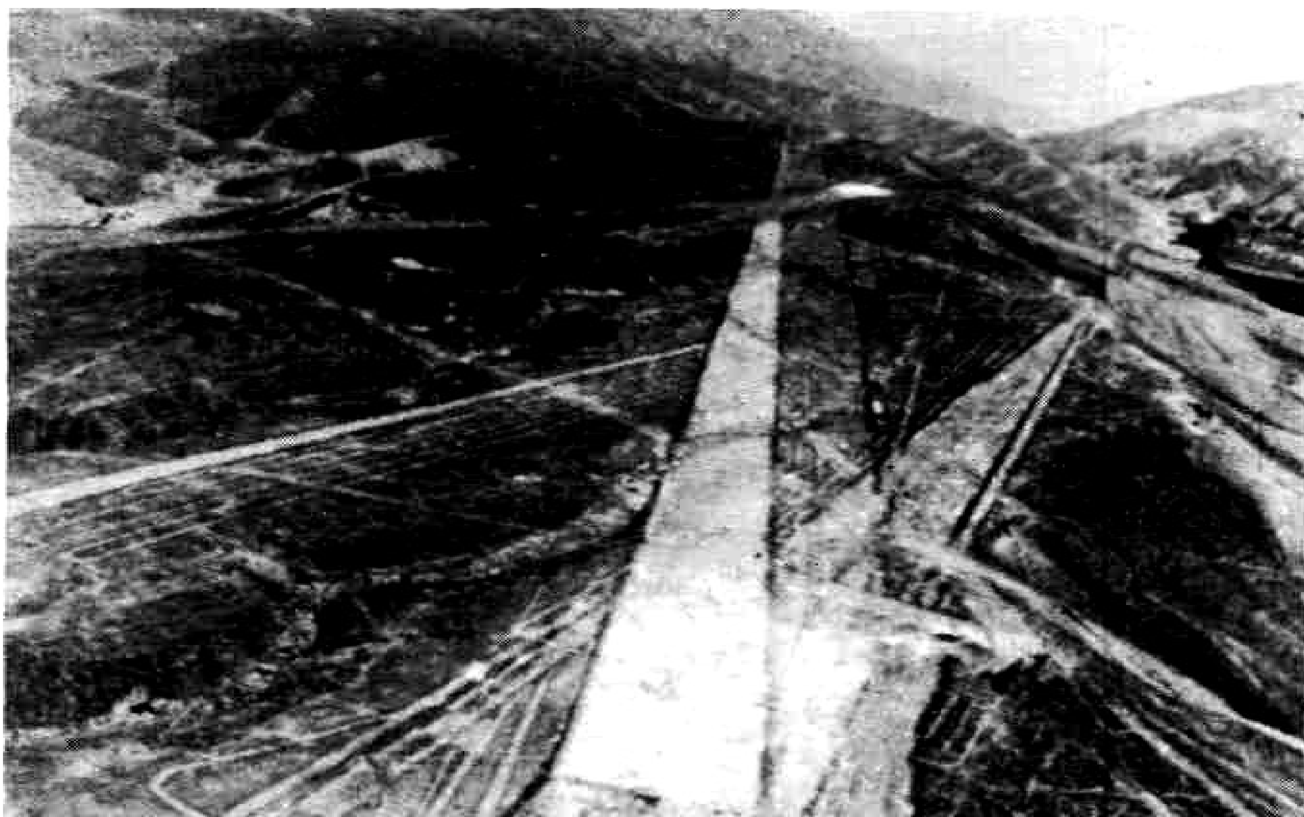
Outrossim, há uma pedra de toque: o relevo em pedra no túmulo de Pa-lenque! Torno a confirmar o meu ponto de vista a respeito, pois considero-o uma excelente representação, admirável em seus pormenores técnicos, de um astronauta, a bordo de sua cápsula espacial, o que porém contradiz a interpretação arqueológica oficial, que nele vê a imagem de um sumo-sacerdote no altar. Aliás, os meus adversários não parecem tão seguros assim desta sua versão, já que recentemente a NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, revista geográfica de renome internacional, ofereceu outra interpretação. Ela diz: Não se trataria de um sumo-sacerdote, mas antes de uma moça, prestes a cair na goela de um ser mítico! Pobre da mocinha! Fala-se até em um "jovem soberano", repousando por ali. Esperemos. Tenho a certeza quase absoluta de que um dia será aceita a minha interpretação do astronauta. Todavia, isto vai requerer uma forte dose de coragem e muita força de decisão, bem como um pulo enorme sobre a própria sombra.

Minha índole desconhece a malícia, porém devo confessar francamente que, de vez em quando, experimento uma certa satisfação íntima, que me proporciona uma sensação agradável de calor, igual à produzida por um bom grogue em fria noite invernal.

Tomo a liberdade de repetir para o Egrégio Tribunal o que já mencionei em outra parte: Há dez anos, vi pela primeira vez linhas retíssimas, quilométricas, riscadas no solo do planalto de Nazca,

no Peru, nos con-trafortes dos Andes. Vistas do avião, aquelas linhas impressionam como um imenso campo de aviação e como aquela rede de linhas foi traçada em tempos remotos e pode ser avistada tão-somente de grandes altitudes, interpretei esta instalação como "aeroporto dos deuses", como sua base de operações na América do Sul.
Após décadas de pesquisas, a Ciência afirmou que ali se trata de um calendário astronômico. Para as muitas pessoas que duvidam desta interpretação, deixo aqui apenas a seguinte pergunta: O que fariam os nativos com um calendário, visível somente de grandes altitudes? (Perguntas práticas, como esta, pouco importam à Ciência, quando pode apresentar uma "noção", o que sempre a enche de alegria). Seja como for, em todas as obras científicas, as linhas na planície de Nazca são declaradas como calendário astronômico.
Por isso, tanto maior foi a minha surpresa quando, após um debate na TV, o arqueólogo Prof. Barthel, de Tübingen, Alemanha Federal, me falou que já se pode esquecer a interpretação das linhas de Nazca como calendário astronômico, pois uma experiência prolongada revelou a inexistência de qualquer relacionamento entre as linhas e os astros. Todos os dados dos locais e das órbitas das estrelas, bem como as coordenadas das linhas, foram processados por um computador, o qual, em nenhum ca- so, pôde calcular qualquer referência, fosse de baixo para cima, ou de cima para baixo, que justificasse a teoria do calendário. Isto ainda não quer dizer que eu estaria com a razão quanto às minhas teorias; no entanto a tese até agora vigente já está superada. Entrementes, li o livro do Prof. Barthel, "ARCHAEO-ASTRONOMY IN PRE-COLUMBIAN AMERICA" — Astronomia Arqueológica na América Pré-Colombiana — Londres, 1976, que invalida a teoria do calendário de uma vez por todas.
Outrossim, norte-americanos, curiosos como eles só e, por vezes, de idéias engraçadas, fizeram um balão que encheram de ar quente e em cuja confecção usaram materiais outrora usados pelos incas. Com este balão levantaram vôo da planície de Nazca. A título de experiência, acho fabulosa essa idéia; só que não entendo a notícia que depois correu o mundo, e que dizia: "DÄNIKEN DESMENTIDO! Será que, em época qualquer, eu teria afirmado que os incas não possuíram balões de ar quente? Se eu tivesse feito tal afirmação, ai então ela teria sido desmentida pelo vôo dos norte-americanos. Com esta sua subida a bordo de um balão não tocaram, nem de leve, na minha hipótese, pois desde quando balões de ar quente necessitam de pistas de aterrissagem? Será que os incas queriam subir com esses balões, para saber o dia da semana? Aliás peço perdão porque, entrementes, já ficou comprovado que aquelas linhas geométricas nada têm a ver com uma folhinha. Afinal de contas, deve ter sido um local de aterrissagem dos extraterrestres. Vamos ver.

O aeroporto dos deuses, em Nazca, Peru.



Egrégio Tribunal, considero como uma atitude indigna da outra parte e do seu nível cultural, a de passar por cima dos indícios que acabo de apresentar, como se fossem bolhas de sabão, cintilantes, incômodas e de pura fantasia. Quando foi que se levantaram novas teorias, cujos indícios e elementos básicos podiam ser documentados com fotos? Teria passado por despercebido à outra parte que, depois de publicados os meus livros, foram rodados dois documentários de longa metragem? Filmes que, no próprio local, fixaram no celulóide fatos, posteriormente projetados na tela, diante dos olhos de todo o mundo? Nenhum dos meus adversários pode alegar que, infelizmente, não viu esta documentação de minha teoria, exibida nos EUA, na URSS, na China Continental, no Brasil, bem como em mais outros 28 países, onde também são editados os meus livros. Egrégio Tribunal, quem até negar provas suscetíveis de serem filmadas, só pode estar fugindo de verdades incômodas, a exemplo do que faz o Sr. Kimble, o famoso "Fugitivo" daquela série de TV.

Egrégio Tribunal, minhas senhoras e meus senhores!

neste processo trancei uma espessa corda de provas de indícios. Apresentei fontes autênticas, mostrei fotos, consubstanciando o tema da prova. Dei a palavra a peritos de renome internacional.

Voluntariamente, assumi o papel de réu!

Agora peço ao Egrégio Tribunal a inversão da carga comprobatória:

A OUTRA PARTE QUE ARGUMENTE COM INDÍCIOS, IGUALMENTE CONVINCENTES, A FAVOR DE SUA TEORIA, SEGUNDO A QUAL OS EXTRATERRESTRES NÃO ESTIVERAM NA TERRA!